

coleção  
*Singularis*

VOLUME IX

NOVA DIREITA,  
BOLSONARISMO E FASCISMO:  
REFLEXÕES SOBRE O BRASIL  
CONTEMPORÂNEO

MAYARA AP<sup>a</sup> MACHADO BALESTRO DOS SANTOS

JOÃO ELTER BORGES DE MIRANDA  
(ORGS.)

*Texto e Contexto*

EDITORA E LIVRARIA

copyright@2020 Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos; João Elter Borges Miranda  
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Texto e Contexto Editora  
Diretora e editora-chefe: Rosenéia Hauer  
Capa: Dyego Marçal  
Projeto gráfico e diagramação: Texto e Contexto Editora

N935 Nova direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil contemporâneo [livro eletrônico]/ Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos; João Elter Borges Miranda (Orgs.). Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. (Coleção Singularis, v.9)

463 p.; e-book PDF Interativo

ISBN coleção: 978-65-990049-4-0

ISBN e-book: 978-65-88461-18-1

1. Política – Brasil. 2. Brasil – história política. 3. Movimentos políticos. I. Santos, Mayara Aparecida Machado Balestro dos (Org.). II. Miranda, João Elter Borges. III. T.

CDD: 320.981

Ficha Catalográfica Elaborada por Maria Luzia F. B. dos Santos CRB 9/986

CONSELHO EDITORIAL:

**Presidente:**

Dra. Larissa de Cássia Antunes Ribeiro (Unicentro)

**Membros:**

Dr. Fábio Augusto Steyer (UEPG)

Dra. Silvana Oliveira (UEPG)

Doutorando Anderson Pedro Laurindo (UTFPR)

Dra. Marly Catarina Soares (UEPG)

Dra. Naira de Almeida Nascimento (UTFPR)

Dr<sup>a</sup> Letícia Fraga (UEPG)

Dra. Anna Stegh Camati (UNIANDRADE)

Dr. Evanir Pavloski (UEPG)

Dra. Eunice de Moraes (UEPG)

Dra. Joice Beatriz da Costa (UFFS)

Dra. Luana Teixeira Porto (URI)

Dr. César Augusto Queirós (UFAM)

Dr. Valdir Prigol (UFFS)

Dr. Luís Augusto Fischer (UFRGS)

Dra. Clarisse Ismério (URCAMP)

Dr. Nei Alberto Salles Filho (UEPG)

Dr<sup>a</sup> Ana Flávia Braun Vieira (UEPG)

\*Todos os direitos reservados aos organizadores.

\*Os textos publicados neste livro são de responsabilidade dos autores.

\*Este ebook será disponibilizado em livre acesso não sendo permitida a venda ou reprodução parcial ou total sem a autorização dos organizadores.

  
**Câmara  
Brasileira**

*Texto e Contexto*  

---

**EDITORA**



Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos

João Elter Borges Miranda

(organizadores)

NOVA DIREITA, BOLSONARISMO E FASCISMO:  
REFLEXÕES SOBRE O BRASIL CONTEMPORÂNEO

*Texto e Contexto*

---

EDITORA

coleção  
*Singularis*

VOLUME IX

## SUMÁRIO

8  
Agradecimentos

10  
Prefácio  
Thiago Granja Belieiro

23  
Breve nota de conjuntura  
Felipe Demier

30  
**PARTE 1**

31  
Capítulo 1  
Existe uma nova direita no Brasil contemporâneo?  
João Elter Borges Miranda

47  
**PARTE 2**

48  
Capítulo 2  
O Instituto Brasil 200  
Elaine de Almeida Bortone

84

Capítulo 3

Fórum da Liberdade:

o grande palco das direitas e do movimento reacionário no Brasil

Flávio Henrique Calheiros Casimiro

105

Capítulo 4

O Movimento Escola Sem Partido (MESP) no Brasil:  
origens, articulações e o projeto esp 2.0.

Gabriel de Abreu Gonçalves de Paiva

131

Capítulo 5

Os entusiastas da nova direita:  
Danilo Gentili e o Desumaniza Redes

Isabel Grassioli

161

Capítulo 6

Brasil Paralelo: um empreendimento de disputa política e  
simbólica da (s) direita (s) recente (s)

Karine Rodrigues Firmino

188

Capítulo 7

A atuação do Movimento Brasil Livre na política recente  
(2013-2016)

Kiane Follmann da Silva

214

Capítulo 8

Instituto Liberal e Instituto de Estudos Empresariais:  
mentores da nova direita neoliberal brasileira

Lidiane Elizabete Friderichs

231

Capítulo 9

Olavo de Carvalho:  
uma biografia

Lucas Patschiki

In memoriam

292

Capítulo 10

Estratégias de constituição de um novo regime de verdade a partir  
das produções audiovisuais do Brasil Paralelo:

Uma análise sobre o negacionismo

Pablo Ornelas Rosa

Vitor Amorim de Ângelo

Pedro Jorge Chaves Mourão

Carolina Ferreira

326

Capítulo 11

Brasil Paralelo: atuação, dinâmica e operação:  
a serviço da extrema-direita (2016-2020)

Mayara Balestro

Eduardo Pereira

355

Capítulo 12

Como se comporta o agronegócio frente à ascensão da nova direita

Pedro Cassiano

389

PARTE 3

390

Capítulo 13

Solidariedade antifascista transnacional:  
o caso do socorro vermelho internacional (MOPR)

Gabriel Simon Machado

Giovanny Simon Machado (UFSC)

413

Capítulo 14

Um Jornal a Serviço Da Democracia:  
uma análise histórica sobre o Folha de São Paulo e suas ações no  
Instagram perante os anseios autoritários de Jair Bolsonaro (2020)

Guilherme Henrique Piaz Paslauski

430

Capítulo 15

Fascismo con lo stile brasiliano

Matheus Barrientos Ferreira

456

“Sobre os Autores”

463

Direito de resposta: empresa de comunicação “Brasil Paralelo”

## AGRADECIMENTOS

Nos últimos anos temos acompanhado um significativo avanço do pensamento guiado pela “defesa da ordem”, baseado na tradição, família, prosperidade, sendo algumas das manifestações desse reacionarismo o discurso de ódio sobre minorias, mulheres, movimentos sociais e sindicatos, a exaltação do mercado como espaço de realização das liberdades, a perseguição de professoras e professores e à liberdade de cátedra.

Diante de tempos difíceis como este, em que, não raro, o adjetivo “histórico” é reivindicado antes de o dia acabar, entendemos que seria importante organizar uma obra que reunisse uma série de professoras e professores que têm se debruçado sobre a questão da chamada “nova direita”, do fascismo e do bolsonarismo. O objetivo com o presente trabalho é se somar aos esforços de pesquisa para que as pessoas interessadas em conhecer os meandros, os dutos e as vias desse “refluxo” reacionário possam encontrar chaves de interpretações.

Para tanto, convidamos pessoas que têm trabalhado com a temática. Infelizmente, por conta do difícil momento atual, agravado pela política genocida do governo federal de Jair Bolsonaro, muitas das pessoas convidadas não puderam participar. De todo modo, agradecemos imensamente a todas e todos que estiveram juntos conosco neste projeto, direta ou indiretamente. Este trabalho não existiria sem o fraterno apoio e a generosa colaboração de inúmeras pessoas, que contribuíram de diversas maneiras para a sua construção.

Queremos agradecer, especialmente, à Rosenéia Do Rocio Prestes Hauer, editora-chefe da Texto e Contexto Editora, por nos convidar para organizar este livro, pela confiança, pela generosidade, pela paciência e apoio durante toda a caminhada. Agradecemos a toda equipe técnica da editora, sem a qual esta obra não teria o belo



formato que possui. Agradecemos, ainda, a todo o conselho editorial, pela orientação e avaliação dos trabalhos.

Queremos agradecer à todas e todos colegas generosos que, mesmo diante de uma pandemia que faz, por conta do governo atual, milhares caírem, dedicaram uma parcela significativa de suas vidas para contribuírem com o presente trabalho: Eduardo Pereira, Elaine de Almeida Bortone, Flávio Henrique Calheiros Casimiro, Gabriel de Abreu Gonçalves de Paiva, Gabriel Simon Machado, Giovanni Simon Machado, Guilherme Henrique Piaz Paulauski, Isabel Grassioli, Karine Rodrigues Firmino, Kiane Follmann da Silva, Lidiane Elizabete Friderichs, Pedro Cassiano, Pedro Jorge Chaves Mourão, Pablo Ornelas Rosa, Vitor Amorim de Ângelo e Carolina Ferreira.

Queremos agradecer, em especial, ao Thiago Granja Belieiro, pela escrita do prefácio e ao Felipe Demier pela nota de conjuntura. Gostaríamos de agradecer também ao portal Esquerda Online, o qual possibilitou a publicação de textos de Demier que deram origem a nota e que haviam sido publicados, originalmente, no portal.

Queremos agradecer, em especial, ao Ramiro Alonso, autor das ilustrações, por concordar que as mesmas fossem incorporadas à obra. Queremos agradecer, também, ao periódico La Diaria, no qual as ilustrações foram publicadas originalmente, com destaque para a editora do jornal, Natalia Uval, por possibilitar que as ilustrações fossem incorporadas.

Gostaríamos de agradecer, especialmente, à Janaína de Paula do Espírito Santo e família, por permitir que publicássemos na presente obra um capítulo com o trabalho de Lucas Patschiki.

Os organizadores

Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos

João Elter Borges Miranda

## PREFÁCIO

Os anos 1980 marcam uma importante inflexão na historiografia brasileira. Se até fins da década de 1970, a História Política e Social ocupava um plano central na produção historiográfica das universidades brasileiras, a década seguinte irá assistir a um sensível decréscimo da História Política e Social. Isto se deve à chegada de novas referências teóricas e metodológicas, especialmente àquelas ligadas à Nova História francesa, à Nova História Cultural, à Micro-História italiana, aos trabalhos do Marxismo Cultural inglês, além do enorme impacto da obra de Foucault nos meios acadêmicos brasileiros, em especial na História.

O cultural turn tupiniquim marca a inserção da historiografia brasileira na historiografia global, uma vez que a aproximação das historiadoras e dos historiadores com os estudos culturais, especialmente através de relações mais aprofundadas da História com as Ciências Sociais, notadamente com a Antropologia, é movimento que pôde ser observado globalmente nas décadas de 1970, 1980 e 1990. No Brasil, os impactos do cultural turn são facilmente observáveis na produção historiográfica das décadas de 1990 e na primeira década do Século XXI, com a História Cultural (é mais comum no campo historiográfico brasileiro a denominação História Cultural que inclui as diferentes vertentes teóricas citadas acima) ocupando posição percentual certamente hegemônica na produção de artigos científicos, dissertações e teses.

Contudo, esse movimento em direção à História Cultural teve como consequência direta o apagamento da História Política, que deixou de mobilizar pesquisas, publicações e mesmo linhas de pesquisa em programas de pós-graduação em História foram descontinuadas. O mesmo pode ser observado com relação à História Social. Curiosamente, a inflexão do político e a super valorização historiográfica do cultural, foi algo que ocorreu num contexto histórico bastante peculiar, qual seja, o período marcada pela transição da Ditadura para a Redemocratização, momento de reorganização do regime democrático brasileiro na década de 1980, e nas décadas seguintes, de consolidação da jovem democracia brasileira. O que chama a atenção é que o apagamento da História Política tenha se dado justamente num período em que a política democrática mostrava sinais de vitalidade, com eleições diretas e de ampla participação social, com uma miríade de partidos políticos de variadas correntes ideológicas, com liberdade sindical e com a explosão dos movimentos sociais.

Como explicar e compreender essa contradição? As historiadoras e os historiadores brasileiros, que durante a Ditadura Militar dedicavam suas penas à História Política, no período da Nova Democracia Brasileira vão preferir os estudos culturais? Não tenho respostas definitivas a essa questão, mas algumas hipóteses podem ser colocadas na mesa para reflexão. A principal delas certamente diz respeito aos aspectos teóricos, pois a aproximação com a Antropologia afastou as historiadoras e os historiadores do político. François Furet mostra que movimento semelhante ocorreu na França nas décadas de 1960 e 1970, em parte devido a crise do socialismo real, em parte devido a percepção de que a França tinha perdido seu lugar na História e as/os intelectuais e as historiadoras e

historiadores franceses buscavam a Antropologia como um refúgio teórico, preferindo Lévi-Straus em detrimento de Marx. No Brasil, a título de hipótese, pode ser que as historiadoras e os historiadores, ao ver consolidada a democracia no país, podem ter visto os estudos culturais como algo mais interessante e menos combativo.

Outra hipótese a ser testada e colocada à mesa, é a de que com a percepção de que a Democracia Brasileira estava consolidada, com eleições diretas, alternância de partidos políticos, consolidação das instituições democráticas, com os notórios avanços econômicos e sociais dos governos do PSDB e do PT, (mais do segundo, mas é preciso reconhecer os méritos do primeiro nesse processo) pode ter havido a percepção de que o jogo estava ganho e com isso, poderiam as historiadoras e os historiadores se voltarem a outros temas e objetos, notadamente aqueles da História Cultural, como mostra a produção historiográfica do período. Ao mesmo tempo e devido a esses avanços políticos, econômicos e sociais, é bom lembrar que os espaços acadêmicos também se consolidaram para as historiadoras e para os historiadores. Altos salários nas universidades públicas, bolsas e financiamentos de pesquisa podem ter elevado essa percepção de que o jogo estava ganho e que bastava esperar a implantação de um Estado de bem-estar social promovido pelos governos petistas, possibilitando que, enquanto isso, as historiadoras e os historiadores mergulhassem de cabeça na História Cultural.

Mas, eis que os sinais de que esse projeto não vingaria começaram a ser dados na década de 2010, pois a reforma gradual e o pacto conservador do lulismo começou a mostrar sinais claros de esgarçamento, em todas as esferas sociais. Os protestos de 2013, com o surgimento de novos movimentos e grupos políticos, nota-

damente à direita do espectro ideológico e, principalmente, o golpe de 2016, mostrou ao país e aos intelectuais que novas forças políticas, conservadoras, reacionárias e até mesmo fascistas poderiam e estavam colocando em risco as conquistas democráticas da jovem democracia brasileira.

Pasmos, acompanhamos o surgimento do bolsonarismo, ideologia política protofascista que revelou a todos, através das redes sociais, que o Brasil guardava inúmeros rancores e ódios sociais, sobretudo contra as minorias tão sofridas desse país. A maciça adesão das classes médias e altas ao bolsonarismo nas eleições de 2018 revelou ao Brasil que o nosso pacto social democrático nunca existiu, uma vez que as mazelas sociais não haviam sido resolvidas, mas o que é pior, o voto em Bolsonaro revelou que não havia e não há por parte da elite e da classe média brasileira nenhuma disposição para acabar com a tragédia de nossa desigualdade social. Pelo contrário, trabalha-se agora para sua ampliação e fortalecimento. O apoio às políticas neoliberais do *chicago boy* Paulo Guedes por parte do Deus mercado e das classes sociais alinhadas ao bolsonarismo deixam claro a adesão de parte significativa dos brasileiros a um projeto de país excludente, racista, machista, homofóbico, anti-indígena, anti-meio ambiente, e anti-Brasil.

É nesse contexto tenebroso que hoje vivemos no Brasil, que observamos o ressurgimento da História Política na historiografia brasileira, agora chamada de Nova História Política. Através de aproximações do político com os estudos culturais, conceitos como cultura política, representações políticas, dentre outros, voltam à cena historiográfica brasileira. Parte desse movimento é agora brilhantemente representado por jovens historiadoras e historiadores,

recém doutores, doutorandos e mestrandos que compõem os autores deste livro que ora apresento: Nova Direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões no Brasil Contemporâneo. Coletânea de textos que deixam claro a pujança da Nova História Política, mas, principalmente, reveladores de uma postura crítica, reflexiva e combativa por parte dessas historiadoras e desses historiadores ao projeto protofascista representado pelos discípulos do obscuro “filósofo” da Virgínia e do capitão líder da família bolsonarista.

O livro organizado por Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos e João Elter Borges de Miranda, ambos mestrandos em História na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, compõe-se de quinze capítulos, escritos por historiadoras e historiadores de diferentes universidades brasileiras – o que, por si só, já demonstra a pujança da Nova História Política, mas também o deliberado objetivo de compreender o bolsonarismo nos seus mais variados espectros e, certamente, contribuir para sua superação, haja vista o aspecto crítico observável em todos os textos. Compreender a gestação do fascismo brasileiro, estudar os aspectos centrais daquilo que caracteriza a Nova Direita no Brasil, entender as facetas ocultas presentes nas redes sociais em torno do bolsonarismo, esmiuçar as tentativas de instituição de novas narrativas históricas e sociológicas por parte da Nova Direita, analisar institutos privados, agentes financeiros e das elites empresariais e do agronegócio no apoio ao bolsonarismo são alguns dos objetivos do livro que deixam claro seu aspecto combativo e crítico. Vale destacar que a maioria dos artigos tem o tempo presente como período de análise, principalmente entre os anos de 2013 a 2020.

Existe uma nova direita no Brasil Contemporâneo? A pergunta título do capítulo que abre a obra, escrito por João Elter Borges Miranda, mestrando da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e um dos organizadores do livro, é uma provocação que leva o leitor à compreensão da velha e da nova direita brasileira a partir da tese de Flávio Casimiro, para quem a nova direita se origina no Brasil ainda na década de 1980. Para o autor, o processo de reorganização das forças políticas na redemocratização, marcadas pela liberdade sindical e dos movimentos sociais, fez com que a classe dominante se reorganizasse em duas frentes principais, a composição e criação de aparelhos privados de hegemonia, e através da promoção de um novo *modus operandi*, através da instrumentalização, objetivação e reprodução de projetos de direita no Estado em sentido ampliado, o que inclui a sociedade civil dentro da leitura gramsciana. Com isso, o foco central do texto é o de mostrar como esse *modus operandi* atua e se radicaliza no Brasil Contemporâneo.

O segundo capítulo, assinado por Elaine de Almeida Bortone da Unirio e intitulado O Instituto Brasil 200, analisa o Instituto Brasil 200, entidade formada por empresários alinhados ao bolsonarismo e que tem por objetivo a defesa de pautas liberais, como a diminuição do Estado e a defesa do lucro e da propriedade privada e que assume tom de confronto direto contra conquistas populares. Utilizando referenciais teóricos de Gramsci, especialmente a noção de Aparelhos Privados de Hegemonia, o texto mostra como a atuação do Instituto ocorre em confluência com o domínio político do bolsonarismo sendo um importante braço de difusão de ideias da classe empresarial alinhadas ao neoliberalismo e à Nova Direita Liberal.

O terceiro capítulo, dessa vez assinado por Flávio Henrique Calheiros Casimiro, do Instituto Federal do Sul de Minas, com o título: Fórum da Liberdade: o grande palco das direitas e do movimento reacionário no Brasil, analisa a atuação política do chamado Fórum da Liberdade, um dos mais importantes eventos de difusão de valores conservadores e neoliberais do Brasil e da América Latina, sendo o principal reduto do conservadorismo liberal do Brasil. O texto tem o mérito de esmiuçar como Fórum tem atuado no apoio direto ao bolsonarismo e aos seus contraditórios valores de apego ao conservadorismo nos costumes de um lado e ao neoliberalismo econômico de outro, alinhado a uma defesa extrema do liberalismo individualista, outra das bandeiras do bolsonarismo no Brasil e da Extrema Direita.

Gabriel de Abreu Gonçalves de Paiva, doutorando em História na Universidade Estadual do Oeste do Paraná assina o capítulo: O movimento Escola Sem Partido no Brasil: origens, articulações e o projeto ESP 2.0. O texto investiga um dos aspectos mais preocupantes e ao mesmo tempo sintomáticos do conservadorismo brasileiro que emergiu nos últimos anos, marcados pelo combate daquilo que eles intitulam como “doutrinação ideológica” e “manipulação psicológica” supostamente realizados por professores em escolas públicas e privadas do país. Mais uma vez, referências teóricas de Gramsci são aqui mobilizadas para mostrar a tentativa de se estabelecer uma hegemonia cultural bolsonarista nas escolas, pois o que se vê é a possibilidade das escolas se tornarem aparelhos privados de hegemonia, notadamente cerceando a liberdade de cátedra em nome do conservadorismo, do cerceamento à liberdade de pensamento e de expressão.



Isabel Grassioli, doutora em História pela Universidade do Oeste do Paraná, assina o capítulo sob título: Os entusiastas da nova direita: Danilo Gentili e o Desumaniza Redes. O texto, a autora analisa as bandeiras ideológicas da nova direita, dentro de aspectos tais como a defesa do Estado mínimo, a redução da maioria penal, pena de morte, porte de armas, impedir o que chamam de “gaysismo”, ideias que segundo os ideólogos da nova direita foram gestadas pelo esquerdismo do Partido dos Trabalhadores, sendo eles os principais promotores do comunismo no Brasil. Com efeito, para o “filósofo” Olavo de Carvalho, qualquer tipo de ideia ou prática progressista deve ser associada ao comunismo e o combate a essas ideias é central na guerra cultural bolsonarista perpetrada pela nova direita.

Karine Rodrigues Firmino, mestranda em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos, assina o texto: Brasil Paralelo: Um empreendimento de disputa política e simbólica da (s) direita(s) recente, investiga a “guerra cultural” promovida pelo Associação Brasil Paralelo, que se dá na ótica do combate ao politicamente correto e através da noção de “contracampo” intelectual cria uma epistemologia e enunciados próprios, criando outras narrativas sobre o passado histórico e o presente no Brasil. Analisando os aspectos empresariais e sociais dessa empresa, composta por representantes do mercado, intelectuais midiáticos, empresários e ciberativistas, a autora mostra como se dá a difusão de conteúdos liberais na economia e conservador nos costumes, sobretudo na ênfase dos preceitos cristãos na educação política e na História do Brasil. Importante alerta as historiadoras e aos historiadores e professoras e professores de História, pois ambos os capítulos mostram força e capacidade de penetração que essas narrativas tem assumido no Brasil contemporâneo.

A atuação do Movimento Brasil Livre na política recente (2013-2016), é o título do capítulo assinado por Kiane Follmann da Silva, mestre em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Fronteira Sul. O texto analisa como o MBL atuou na aglutinação de inúmeras esferas da sociedade contrária aos governos do PT, representativamente setores da classe média, através da defesa de pautas de combate à corrupção, críticas ao sistema político e aos partidos políticos, mostrando como se deu o processo de formação do movimento e como o mesmo deu contribuições significativas para o fortalecimento da Direita do Brasil, especialmente alinhada à defesa dos valores liberais.

Lidiane Elizabeth Friederichs, doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, assina o capítulo intitulado: Instituto Liberal e Institutos de Estudos Empresariais: agentes da Nova Direita, objetiva analisar o papel dos institutos privados de pesquisa, conhecidos como think tanks. Para a autora, tais institutos, imbuídos de divulgar o ideário neoliberal e construir consensos em torno das políticas pró livre mercado. Compostos por empresários e membros da elite econômica e intelectual de direita, tais institutos procuram investigar os problemas econômicos e políticos do Brasil sempre com o objetivo de mostrar o neoliberalismo como solução ideal ao país. A autora mostra ainda que atuação desses institutos na divulgação midiáticas dessas ideias foi determinante na pauta dos debates políticos no Brasil, influenciando não só o debate em torno dessas questões, mas principalmente, influenciado com rumos da democracia brasileira.

O capítulo seguinte aborda a trajetória do senhor Olavo de Carvalho, escrito pelo historiador Lucas Patschiki, doutor em história pela Universidade Federal de Goiás, que infelizmente perdemos em

janeiro de 2017. Intelectual e militante brilhante, Patschiki já em 2011 já se deu conta da importância que Olavo de Carvalho assumiria para a direita brasileira, especialmente, para a extrema-direita. Nesse artigo, o qual se trata de um trecho de sua dissertação de mestrado defendida na Universidade Estadual do Oeste do Paraná em 2012, a respeito desse intelectual da direita, Patschiki busca, através de linhas gerais da vivência de Olavo, se atentar para alguns indícios sociais que possibilite visualizar a trajetória deste, de modo a entender os elementos do processo histórico que foram fundamentais para Olavo se tornar quem se tornou.

Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos e Eduardo Pereira, respectivamente, mestranda em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná e mestrando em História pela Universidade Federal da Bahia, assinam o capítulo: Brasil Paralelo: atuação, dinâmica e operação: a serviço da Extrema Direita (2016-2020). O texto mostra a atuação como a Associação Brasil Paralelo vem atuando como porta-voz dos setores conservadores e da extrema direita no Brasil, através da construção de novas narrativas históricas do passado brasileiro, numa perspectiva claramente revisionista completamente alheia às pesquisas acadêmicas, tanto nos aspectos metodológicos e bibliográficos que amparam a pesquisa histórica. Comprometidos com uma visão de mundo e do passado alinhados ao “pensamento” de Olavo de Carvalho, os autores mostram como o Brasil Paralelo possui apoios de entidades empresariais e institutos alinhados ao bolsonarismo.

O capítulo de autoria de Pablo Ornelas Rosa, Vitor Amorim de Ângelo, Pedro Jorge Chaves Mourão e Carolina Ferreira também aborda o Brasil Paralelo, com o intuito de realizar uma análise de

caráter qualitativo, a partir de uma perspectiva cibercartográfica de tradição pós-estruturalista, a respeito da narrativa acerca da história das origens do Brasil. As fontes utilizadas foram os três primeiros episódios da série de vídeos intitulada *A Última Cruzada – A cruz e a espada, A Vila Rica e A guilhotina da Igualdade*.

Outra face do bolsonarismo é o apoio de setores econômicos alinhados a esse projeto protofascista e neoliberal, especialmente de setores da economia primária, que atualizam a colonialidade do poder e a submissão do Brasil aos interesses internacionais. O capítulo: *Como se comporta o agronegócio frente à ascensão da Nova Direta*, de Pedro Cassiano, professor do Instituto Federal da Paraíba, mostra como o agronegócio tem se comportado durante o governo Bolsonaro, especialmente durante a pandemia. Apoiadores incondicionais do governo desde a eleição de 2018, setores específicos do agronegócio tem visto suas perspectivas de lucro oscilarem nos últimos meses, sobretudo devido à submissão de Bolsonaro em relação ao governo Trump, o que certamente tem feito o apoio do setor ao governo oscilar da mesma forma. Analisando artigos da imprensa e publicações oficiais desses setores, o autor analisa as estratégias de diversos setores da burguesia brasileira durante o governo Bolsonaro.

Gabriel Simon Machado e Giovanni Simon Machado, respectivamente, graduado em História da Universidade Federal de Santa Catarina e doutorando em Serviço Social pela mesma universidade, assinam o capítulo intitulado: *Solidariedade Antifascista Transnacional: O caso do Socorro Vermelho Internacional (MOPR)*. O texto faz um resgate bibliográfico e teórico político a respeito da atuação dessa entidade internacional de resistência ao Fascismo, realizando extensa pesquisa bibliográfica em diferentes idiomas, mostrando a

ausência de estudos de análise global do Socorro Vermelho, uma vez que a literatura analisada refere-se a estudos locais ou nacionais.

No capítulo *Um Jornal A Serviço Da Democracia: Uma análise histórica sobre o jornal Folha de São Paulo e suas ações no Instagram perante os anseios autoritários de Jair Bolsonaro* (2020), Guilherme Henrique Piaz Paslauski, mestrando em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, investiga os editoriais a “O que a Folha pensa” através das publicações do periódico na rede social Instagram. Analisando as publicações na rede social, o autor analisa os posicionamentos do Jornal frente aos arroubos autoritários de Bolsonaro, que ao longo de 2020 fez sucessivas investidas contra as instituições da República.

O capítulo seguinte, assinado por Matheus Barrientos Ferreira, graduado em História na Universidade do Oeste Paulista, e intitulado: *Fascismo com Lo Stile brasileiro*, mostra que a Direita que agora ocupa o Planalto tem raízes históricas longínquas, uma vez que o Partido Integralista Brasileiro, carregava fortes traços do fascismo e que guarda íntimas relações ideológicas com o bolsonarismo contemporâneo. O capítulo analisa ainda o papel da mulher no integralismo brasileiro, vendo a mulher como intermediária de ideias fascistas com o resto da sociedade.

Esse conjunto de quinze capítulos que compõem o presente livro evidenciam três aspectos que me parecem centrais. O primeiro deles é a força e a pujança acadêmica da Nova História Política, aqui revelada por textos bem organizados e bem escritos, que mostram ainda grande cuidado teórico e metodológico com seus objetos de pesquisa e reflexão, assinados por historiadoras e historiadores em

processo de formação ou já formados por importantes universidades brasileiras. O segundo aspecto que essa produção traz à tona, é aquele que diz respeito à complexidade do bolsonarismo e da nova direita no Brasil. Sua ascensão rápida e surpreendente deixou atônitos observadores menos atentos na academia e entre os atores políticos, sobretudo da centro esquerda e da esquerda. A derrotas nas eleições de 2018 e dificuldade da recomposição do campo progressista no Brasil nos últimos anos deixa claro para todos que o inimigo precisa ser melhor compreendido para ser devidamente derrotado. Com efeito, o terceiro aspecto que este livro revela é a necessidade de maior envolvimento das/dos intelectuais, historiadoras ou não, e da universidade brasileira no sentido de melhor compreender os aspectos centrais da ascensão da extrema direita no Brasil, para que com esse conhecimento produzido, possamos minar as bases de sustentação desse projeto protofascista que hoje ocupa o Planalto Central. Esse livro cumpre essa missão com maestria, fazendo ressurgir uma historiografia engajada com a Política e com a consolidação da democracia e da luta pela igualdade social e econômica.

Thiago Granja Belieiro

Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Docente da Universidade do Oeste Paulista

# BOLSONARO, PANDEMIA E UNIVERSIDADE:

## Breve nota de conjuntura<sup>1</sup>

Felipe Demier (UERJ)

Dostoiévski, em suas “Memórias das casas dos mortos”, disse que o “homem é um ser que a tudo se habitua”. Talvez ele estivesse certo. Talvez ele, há muito morto, esteja verdadeiramente certo agora, quando um país que acumula muitos mortos decide, fiel à mentira, negar uma verdade mórbida. O jovem Marx se referiu certa feita ao “relâmpago do pensamento”, mas talvez nós, no Brasil de hoje, estejamos é diante do apagão da razão. As ideologias têm força material, já disseram lá dois alemães em desuso. Afinal, se a realidade é, sob determinadas circunstâncias, feita pelos sujeitos, e se esses sujeitos, em sua maioria, baseiam suas ações em mentiras, não seriam as mentiras, então, partes constitutivas da própria verdade social, fazendo desta, de certa forma, algo mentiroso, ainda que real?

Nessa dialética da realidade, que conjuga contraditoriamente verdade e mentira, Bolsonaro está vencendo. Bolsonaro nunca escondeu nada, ele sempre falou a verdade, por mais mentirosa que ela fosse. De tanto ser verdadeiramente falso, de tanto jogar limpo o seu jogo

---

1.O presente artigo foi publicado, inicialmente, em duas partes, no portal Esquerda Online (<https://esquerdaonline.com.br/>), na coluna do autor. Os dois artigos que resultou na presente nota de conjuntura são: “Bolsonaro está vencendo: verdade e mentira no pico da pandemia” e “Autonomia, burocracia e pandemia: a volta ao normal na universidade brasileira”.

sujo, Bolsonaro fez da sua mentira a verdade dos parasitas, e fez da sua sujeira a cara de um país que nunca foi passado a limpo. Quando se aproxima do pico da pandemia, justo quando se aproxima do pico da pandemia, o Brasil, por pressão do governo e do capital, começa a “voltar ao normal”, como se estivesse cansado de uma quarentena que, na verdade, nunca fez de verdade, nunca tomou como um dever coletivo e moral.

O vírus não é e nem nunca foi uma “gripezinha”, mas isso pouco importa se, na prática, no frígido dos ovos do mercado, na hora da onça do capital beber a água e o suor do trabalho, nossa burguesia e nossa democracia, nossos senhores e nossas instituições, respectivamente, mesmo sabendo que o vírus é letal, agem como se ele fosse algo trivial, como se ele fosse mesmo uma gripe normal. Uma nota de repúdio aqui, uma defesa do “Estado Democrático de Direito” acolá, e nada. Mais nada. Afinal, “já deu, né? Já tá bom, né?”. “Também não é assim, né?”.

A “economia não pode parar”, ainda que isso signifique milhares e milhares de corpos a enterrar. Para que essa nova realidade possa prosperar, para que essa nova verdade venha a vingar, as mentiras vêm bem a calhar. Da subnotificação, o governo passou, impudentemente, à adulteração, e o fez dizendo a verdade, isto é, o fez dizendo que, a partir de agora, falaria a mentira. E o que acontece? Nada. “Já deu, né?”, “Já tá bom, né?”, “Também não é assim, né?”.

Os números vão ser maquiados, e tudo bem. Quem não sorri nas redes sociais mesmo estando triste na hora da foto? A mentira vai ser contada diariamente, mas os mentirosos estão tão fortes que podem até assumir que falarão a mentira, pois sabem que, no andar de



cima, faltar com a verdade sempre foi a regra, ainda que uma regra antes não revelada. Mas como bons crentes, eles agora são instrumentos da revelação, e cabem a eles, neofascistas, revelar que a mentira burguesa sempre foi, na verdade, uma mentira com aparência verdadeira. Bolsonaro mente, diz que mente, assume que mente, e nada acontece. Nada. Absolutamente nada. Ao mentir sobre a pandemia, Bolsonaro revela, assim, a verdade da nossa burguesia, e nada de verdadeiramente prático é feito pelos insignes baluartes da nossa blindada e combalida democracia. Nada. Eles dizem que Bolsonaro está mentindo, que vai mentir, e que é isso mesmo. É ruim, mas é assim. Bolsonaro é tosco, é vulgar, é mau, mas talvez agora não seja mesmo necessário algo excepcional? – se perguntam alguns na Casa Grade num dia normal.

Do ponto de vista dos de baixo, de onde pode vir, e há de vir, a verdadeira negação ao negacionismo do governo, o que se vê agora, justo agora, no pico da pandemia, é a aceitação pragmática, a afirmação empírica do novo normal, afinal, “se mesmo diante de um vírus letal somos coagidos a trabalhar como se isso fosse usual, por que não tomar tal fato como realmente natural ao invés de assumirmos a verdadeira maldade do mal”? “Já podemos rezar na igreja e ir no bar, né?”, “Já deu, né?”, “Já tá bom, né?”, “Também não é assim, né?”. A situação é, assim, tão verdadeiramente desesperadora que até a mais radical resposta às mentiras de Bolsonaro, os legítimos atos de rua, acabam por, na verdade, reafirmar a sua verdade, a mentirosa verdade do governo, na medida em que, objetivamente, implicam a suspensão, ainda que momentânea, do perigo da pandemia. Bolsonaro comprova, assim, ser ainda o senhor da situação, dado que até a sua

mais eficaz oposição se vê obrigada, para combatê-lo, a se expor à real contaminação.

Autores como Weber, Trotsky e Poulantzas já assinalaram a força social da burocracia e seu papel eminentemente conservador. Conferir funcionalidade à ordem, naturalizá-la e, sobretudo, preservá-la, eis a sua tarefa principal. Poderíamos dizer, sem muitos riscos, que os tempos de pandemia demonstram, com nitidez, tal perspectiva, e o fazem de modo cinzento e tépido, bem ao gosto burocrático.

Dialeticamente, seu conteúdo é a submissão de todo conteúdo à forma, e todo ele pode ter que mudar para que a forma fique como está e, assim, conserve aprisionada qualquer forma crítica ao conteúdo do sistema. Nessa conjuntura anormal, toda ação burocrática tem por fito a manutenção de sua própria inércia estrutural, todo o seu ânimo excepcional almeja não mais do que a vigência das regras apáticas do sistema, todo o seu óleo crítico serve apenas à dinâmica acrílica das engrenagens da máquina, toda a sua emoção com o retorno “à normalidade” é fruto de seu amor ao insípido ramerrão, e todo o seu ímpeto não visa senão à conservação da lógica da coisa – sem nunca questionar, claro, a coisa da lógica. Sua regra, claro, é a manutenção das regras, mesmo em tempos de exceção.

As universidades talvez sejam um exemplo perfeito dessa racionalidade irracional com a qual opera a burocracia nesses dias tão estranhos, onde não só a poeira, como também a razão fica escondida pelos cantos. Sem que haja qualquer pressão significativa por parte dos poderes políticos, e nem mesmo da parte do capital, as burocracias universitárias se esforçam para se adaptar ao novo de modo que o velho possa continuar a funcionar, mesmo que o faça adoecido

– no sentido figurado, mas também no real. Como uma Deusa ex-machina, a burocracia coloca em movimento todos os seus órgãos para que o sistema não pare, e seus servos amantes da servidão que sempre cultuaram papéis os dispensam tão rapidamente quanto os cristãos novos dispensaram Israel, pois, mesmo que a forma tenha que ser digital, o importante é a volta ao normal da própria forma. Centenas de reuniões são realizadas, ofícios são enviados à porfia, cobranças por cobranças são feitas em demasia, e as instâncias de cima demandam respostas das de baixo alegando terem sido demandadas pelas suas superiores, as quais, por sua vez, alegam que as coisas “já estão sendo feitas”, sabe-se lá por quem, e que assim o estão porque “havia uma cobrança”, sabe-se lá de quem, para que assim o fosse. Solitários, ensimesmados, entediados e carentes, muitos cientistas, movidos talvez pelo espírito gregário e pelo pavor que a combinação de certo tempo livre e livros nas estantes pode provocar em mentes de “pouco treino sociológico”, para citarmos Deutscher, abandonam talvez uma das raras oportunidades de se fazer ciência e clamam pela volta às atividades rotineiras em nome da defesa da universidade e da ciência. Já os altos burocratas acadêmicos, que se apaixonaram pelo zoom com a mesma celeridade com que se tornaram alérgicos à reflexão, envidam esforços para que, invertendo Brecht, “tudo posa parecer natural”, afinal, mergulhados no “silêncio imposto pela estreiteza de sua inteligência e seu pequeno alcance”, diria Balzac, eles “têm, nas grandes circunstâncias da vida, uma solenidade natural”.

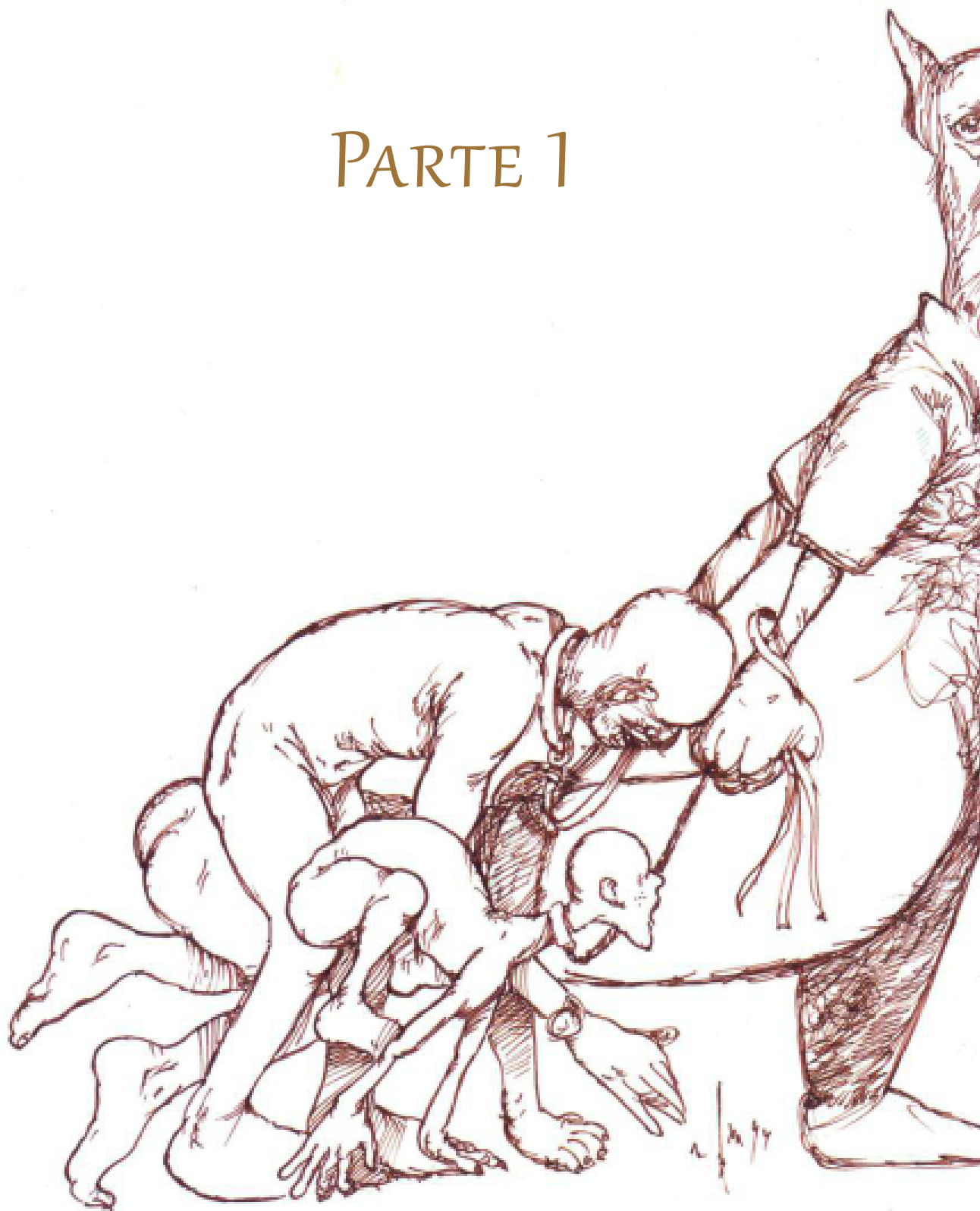
“Todos os outros cursos já estão discutindo a volta”, “a faculdade tal já está decidida a voltar”, a outra “já marcou data para o retorno”, “todas as outras pós-graduações já voltaram”, algumas “sequer pararam”, “a Sucupira [sim, a Sucupira é um novo sujeito] está pedindo

mais comprovações scanneadas”, “os prazos estão mantidos”: é esse o léxico dogmático de uma universidade cuja burocracia, a rainha do dia a dia, insiste em negar implicitamente a pandemia, mesmo sabendo explicitamente da sua existência. Supostamente discípula da razão, a burocracia universitária a nega tal qual Pedro a Cristo. Numa lógica burocrática que esconde seu sujeito, pois o sujeito já se tornou ela própria, professores, técnicos-administrativos e alunos se tornam todos sujeitados, alienados por um fazer-se universitário que parece existir sem eles, fora deles, e que os obriga a “fazer o que tem que ser feito”, afinal, “não há outro jeito”. Assim, muitos que reivindicam a tal “autonomia universitária” se sujeitam a dizer que “temos que voltar, de um jeito ou de outro, pois tudo já está voltando”, esquecendo-se de que em meio a esse tudo não há nada, simplesmente nada de normal nessa volta à normalidade, pois não há um só sequer fator novo na pandemia brasileira que a justifique.

Não houve lockdown no país, e nem mesmo isolamento social a sério, mas o aumento da pressão empresarial e governamental parece conduzir muitos na universidade a uma espécie de fetichismo do fator tempo, como se o simples passar deste fosse suficiente para modificar as coisas, o que é o mesmo que achar que de tanto ficar suja na pia à espera de mãos que a lave a pilha de louça converte-se, numa bela manhã de outono, em limpa, ou pelo menos em já não tão suja: “já tá bom, né? As coisas parece que já estão melhorando, né? Já dá pra gente ir fazendo algumas coisas que antes não fazia, né?”. Assim, para muitos insígnies membros da nossa *intelligentzia* burocrática universitária, parece mais razoável voltar a dar aulas sob 60 mil cadáveres do que simplesmente cogitar que, talvez, este ano já esteja academicamente condenado.

Em tempos de uma mórbida naturalização da normalidade, cujo odor fétido se faz sentir mesmo com máscaras, talvez a verdadeira defesa de uma vida normal passe por reconhecer que não pode agora o capital e o neofascismo decidir quais são as normas, pelo menos não na universidade. Esse ano letivo não deve existir nas universidades brasileiras, assim como também não deveria existir nas escolas do país, e essa possivelmente seria a melhor resposta prática ao neofascismo que celebra a letalidade como a nova normalidade. Oferecer normalmente disciplinas normais nesse ano anormal e retomar as atividades docentes neste ano que amargamente já vimos que não existiu será tão válido quanto o currículo de um ministro que não foi.

# PARTE 1



La Diaria (Uruguai)

## CAPÍTULO 1

# EXISTE UMA NOVA DIREITA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO?

João Elter Borges Miranda (UNIOESTE)

O Brasil vivenciava em fins dos anos de 1970 e início dos anos 1980 um período de efervescência de mobilizações da classe trabalhadora para o enfrentamento com o regime militar. Ocorreram uma série de greves históricas e as “Diretas Já” seriam o grande emblema das *irreverências mil*, como lembra a letra da canção *O bêbado e a equilibrista*, cantada na voz de Elis Regina. A dinâmica da luta de classes no período pode, de acordo com o historiador Eurelino Coelho, ser descrita em duas fases: a primeira, que vai de 1979 até 1989, é de avanço das lutas das classes subalternas; a segunda, que vai de 1990 até 1998, é de refluxo (COELHO, 2012, p. 281-282).

Apesar de se ter visto o avanço das mobilizações da classe trabalhadora, o processo de redemocratização foi lento, gradual e seguro para as estruturas dominantes do país. A burguesia brasileira, alicerçada e orientada por suas ligações transnacionais com o grande capital internacional, reage violentamente em múltiplos níveis às formas

de organização da classe trabalhadora. Isso está conectado ao fato de que, tanto o Brasil, quanto os nossos países vizinhos, foram ao longo da década de 1980, considerada a “década perdida” para o desenvolvimento na América Latina, *orientados* a implementar uma série de políticas e reformas ultraliberais – receituário que ficou conhecido como “Consenso de Washington” – e que promoveu a abertura, desregulação, privatização de suas economias nacionais. Isso ampliou o decréscimo dos resultados sociais e econômicos e apresentou-se no fim dos anos 1990 como incapaz de superar os problemas estruturais desses países, apesar de em alguns da América Latina em que este receituário foi implementado o processo inflacionário ter sido controlado. O controle da inflação, contudo, não significa necessariamente uma melhora nas condições de vida da classe trabalhadora.

Assim, no Brasil dos anos de 1980, o capital buscava se expandir para fazer frente à crise e, também, para aplacar o avanço das lutas sociais. Para tanto, a burguesia nativa, aliada à burguesia internacional, promove uma série de frentes de ataques ao conjunto da classe trabalhadora.

Dentre outras maneiras, esse processo se dá através da reconfiguração da própria classe trabalhadora, reduzindo drasticamente os empregos com direitos e intensificando a exploração dessa classe. Hoje o emblema mais drástico desse processo que se perpetuou durante as últimas décadas no Brasil e no mundo são as categorias extremamente precarizadas, como as trabalhadoras e os trabalhadores terceirizados, do *Uber*, dentre outros.

A ofensiva burguesa é perpetrada também no terreno das lutas sociais, através da cooptação de entidades sindicais e organizações



políticas, como a CUT e o PT. Ocorre ainda por meio da conversão mercantil-filantrópica da militância, afastando-a de organizações políticas e movimentos populares na direção de associações, como as ONGs, Fundações e Institutos, que tomam para si extensa e variada gama de demandas sociais, funções que seriam primordialmente do Estado. Finalmente, por meio da reconfiguração da estrutura institucional do Estado.

Como apontou a historiadora Virgínia Fontes, esse processo é simultaneamente reativo e invasivo do conjunto da burguesia. As burguesias reagem ao crescimento dos movimentos sociais. A sua atuação tem também um componente invasivo, “correspondente à expansão da grande burguesia monopolista, crescentemente concentrada sob a direção do capital monetário” (FONTES, 2010, p. 265).

Além daquelas frentes de ofensiva burguesa apontadas rapidamente, esta classe também atuou no sentido de promoção e criação de aparelhos privados de hegemonia (APH). Historicamente, a burguesia adota APHs para a manutenção de sua hegemonia. Contudo, a partir da década de 1980, o que se vê é uma expansão na constituição de aparelhos da burguesia.

Isto acontece porque, no contexto da década de 1980, a burguesia nativa, subordinada ao grande capital internacional, se via na necessidade de reconstituir a sua hegemonia sob novos patamares, adequando-se a um contexto de derrocada da ditadura empresarial-militar. A burguesia nativa, desembarcando da ditadura militar, necessitava reconstruir a sua hegemonia diante da derrocada do arranjo político ditatorial, com intuito de atualizar e de redefinir suas bases de dominação e atuação, adequando-se às novas maneiras de se rela-

cionar com o Estado em processo de redemocratização. A derrocada do arranjo político ditatorial era evidente, concordando com Coelho Neto, por conta das grandes greves operárias que se formava no período, evidenciando a necessidade de a burguesia “refazer em outras bases as formas políticas da dominação de classe no país” (COELHO NETO, 2012, p. 282). Então, diante disso, uma das frentes da ofensiva burguesa perpetrada a partir da redemocratização é a estratégia de “organização que se materializa por meio dos aparelhos da burguesia”, mas que “integra crescentemente o próprio Estado. Isto vem ganhando projeção tanto de forma deliberada quanto inconsciente”, através da instrumentalização, objetivação e reprodução de seus projetos e valores em diversos meios, de forma que os seus interesses tomem amplitude e intensidade. Paulatinamente, vão radicalizando-se. Através da multiplicação de uma miríade de aparelhos de difusão, gradativamente a ideologia dominante ganha notoriedade e força, adquire ressonância em diferentes espaços da vida social e as formas de atuação da burguesia estabelecem conexões nacionais e transnacionais. Tais aparelhos compõe o que se consumou denominar hoje de “nova direita” (CASIMIRO, 2018).

Neste sentido, o que a caracteriza a nova direita (diferenciando-a das chamadas “velhas direitas”), na perspectiva do historiador Flávio Casimiro, não são os atores, sequer a ideologia, mas sim o *modus operandi*, o qual, por sua vez, caracteriza-se pela materialização de uma série de aparelhos da burguesia, ou, noutras palavras, aparelhos privados de hegemonia<sup>1</sup>.

---

1. Casimiro aponta que a atuação desses APHs se organiza no sentido “pragmático”, “estrutural” e “doutrinário”. No sentido “pragmático”, Casimiro refere-se aos aparelhos da burguesia que agem elaborando diretrizes, intervindo no processo de constituição de políticas públicas, dentre outras maneiras. A principal arena para estes aparelhos foi a Assembleia

Em consequência, isso gestou uma expansão da sociedade civil brasileira. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) apontam que na década de 1990 havia cerca de 105 mil entidades da sociedade civil<sup>2</sup>. Já em 2017 esse número é de, aproximadamente, 820 mil (IPEA, 2018). Trata-se de um crescimento de cerca de 680%.

---

Nacional Constituinte, para a qual financiaram campanhas, lançaram candidatos próprios e mobilizaram quadros de empresários urbanos e rurais. Os APHs de ação estrutural analisados são: Câmara de Estudos e Debates Econômicos e Sociais (CEDES), Grupo de Mobilização Permanente (GMP), Confederação Nacional das Instituições Financeiras (CNF), Associação Brasileira de Defesa da Democracia (ABDD), União Democrática Ruralista (UDR), União Brasileira de Empresários (UB), Movimento Cívico de Recuperação Nacional (MCRN), Movimento Democrático Urbano (MDU), Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), Frente Nacional pela Livre Iniciativa (FNLI). Neste interim, Casimiro reflete ainda sobre o processo de complexificação da sociedade civil brasileira na virada dos anos 1980 para os anos de 1990, destacando a atuação do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE) e o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social. Os aparelhos de “ação estrutural” são aqueles que, alicerçados em um projeto de poder – não raro apresentado como se fosse este o interesse de toda a sociedade –, agem no interior do aparelho estatal, dentre os quais Casimiro analisa o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Instituto Atlântico, Grupo de Líderes Empresariais (LIDE) e o Movimento Brasil Competitivo (MBC). Tais aparelhos procuram influenciar a configuração da ossatura estatal, buscando a naturalização de valores da ideologia de mercado e a aplicação, no seio do Estado e na sociedade civil, de concepções – que variariam ao longo das décadas –, tais como “empoderamento”, “responsabilidade social”, “empresa cidadã”, “sustentabilidade”, com o intuito de reformular os seus mecanismos para torna-lo “eficiente”. Finalmente, no sentido “doutrinário”, refere-se aos aparelhos de difusão doutrinária liberal conservadora que agem através da propagação das diferentes matrizes do pensamento liberal, promovendo também o recrutamento de intelectuais orgânicos. Ensejam realizar sua doutrinação pautados pelos ditames do capital e da economia de mercado. Os APHs de ação doutrinária analisados por Casimiro são o Instituto Liberal (IL), Instituto de Estudos Empresariais (IEE), Instituto Millenium (IMIL), Instituto Von Mises Brasil (IMB), Estudantes Pela Liberdade (EPL) e o Movimento Brasil Livre (MBL). Apesar de o estudo sistematizar a série de aparelhos a partir das suas formas de atuação, o autor aponta que essa separação é unicamente de caráter analítico e didático, haja vista que cada um dos aparelhos desenvolve, em certa medida, um pouco de cada uma dessas estratégias ao mesmo tempo. No entanto, cada aparelho prioriza determinadas estratégias e táticas de ação e é reconhecido e classificado por Casimiro por esse caminho adotado. CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A nova direita**. *op. cit.*, 2018a.

2. Tais aparelhos da sociedade civil é o que, à luz da acepção gramsciana, definimos como aparelhos privados de hegemonia ou de contra hegemonia.

A tese de Casimiro a respeito da nova direita evidencia a ampliação do Estado brasileiro. Isto evidencia que não podemos reduzir o Estado a seus órgãos, aparelhos e agências administrativas. Ao mesmo tempo que criticam o Estado e defendem a agenda regressiva ultraliberal, os aparelhos analisados ampliam-no imbricando-se a ele, promovendo, assim, uma espécie de reprivatização “não-oficial” do mesmo, inscrevendo nele os seus objetivos como projetos de interesse “nacional”, mas que na realidade são de classe. A nova direita reconfigura a estrutural estatal “dialeticamente como veículo e resultado do processo de atualização da dominação burguesa em sua expressão capital-imperialista” (CASIMIRO, 2018, p. 465).

Portanto, a burguesia nativa, em conexão com a internacional, para se manter dominante no Brasil, necessitou nos anos 1980 se reorganizar. Essa reorganização se deu através de uma série de ofensivas, sendo uma delas a multiplicação de uma miríade de aparelhos de difusão, os quais têm o papel de, gradativamente, promover a ideologia dominante, garantindo-a notoriedade e força em diferentes espaços da vida social, com destaque para o Estado. A atuação dos aparelhos da burguesia faz também com que o interior do Estado seja palco das tensões entre as diversas frações da burguesia.

Um dos principais referenciais de Casimiro é o intelectual sardo Antonio Gramsci, em especial, a acepção de *Estado ampliado* gramsciana. Não raro, o entendimento comum do Estado concebe-o a partir dos seus centros e organismos de administração da chamada “coisa pública” (*Res publica*). Para essa noção, o Estado seria, unicamente, a prefeitura, as câmaras legislativas, as instituições em geral, as empresas públicas; e os sujeitos que o compõe seriam os políticos, funcionários públicos, dentre outras categorias. Para Gramsci,

o Estado não se restringe aos seus organismos administrativos. Tais organismos comporiam a sociedade política, uma *parte* do Estado, digamos assim. Mas, há ainda a sociedade civil, que também compõe o Estado na noção gramsciana. A separação do Estado entre essas “sociedades” tem, unicamente, caráter didático. A sociedade civil é, portanto, parte integrante do Estado e composta pelo conjunto de indivíduos organizados nos chamados aparelhos privados de hegemonia (exemplo disso poderíamos citar as ONGs, Institutos, jornais da grande mídia, partidos da ordem, etc) ou de contra-hegemonia (exemplo disso seriam os partidos de esquerda contra-hegemônicos), aparelhos que são o cerne da ação/pressão política consciente, dirigidas a certos objetivos. A sociedade política é identificada pelo conjunto de aparelhos e agências do poder público, o corpo de funcionários, leis e normas, denominados em seu conjunto como o “Estado em sentido restrito” (GRAMSCI, 2007), ou, nas palavras de Jaime Osorio, o “Estado visível”<sup>3</sup>.

Além do caráter repressor do Estado, adotado para coibir a organização da classe trabalhadora – em benefício da classe burguesa –, através da retirada de direitos, repressão a manifestações, ação policial nas periferias, dentre outros meios, Gramsci aponta que também existe a ação que se dá pela constituição do consenso, via *cultura*. A cultura é entendida em sentido amplo, integrando as concepções e

---

3.O Estado possui, para Osorio, essa dimensão visível, “no que diz respeito a funções administrativas e técnicas, tais como cobrar impostos, prover água, luz, estradas, vigilância e proteção, gerar leis e sancionar quem as viole, e contar com as instalações e funcionários para cumprir estas e outras tarefas”. Tal dimensão, constituída por uma organização hierarquizada de instituições, regras, leis e um corpo de funcionários, encontra-se “articulado e unificado pelos interesses e projetos das classes que detêm o poder político”, as quais o exercem sob a classe trabalhadora através da coerção. Ver: OSORIO, Jaime. **O Estado no centro da mundialização: a sociedade civil e o tema do poder**. Tradução: Fernando Correa Prado. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

visões de mundo, valores, crenças, auto-percepções de seu lugar na sociedade – desenvolvidas a partir da organização e atuação dos seus aparelhos privados de hegemonia (APHs) ou de contra-hegemonia.

Os APHs são, portanto, aparelhos que possuem o objetivo de difundir a ideologia dominante. Nesse sentido, não há ideologia dominante sem a atuação desses aparelhos, os quais detêm autonomia, para o qual o ingresso é voluntário – pressupondo identidade de classe –, e têm como objetivo manifestar e constituir base material própria, desde que seja na perspectiva de legitimar os interesses da classe dominante.

Não se trata da reprodução do discurso dominante, mas sim a imbricação entre a ideologia dos “de cima” com as dos “de baixo”, constituindo ideias e projetos que, no fim das contas, são parte integrante das relações da sociedade civil que, nas palavras de Osorio, trata-se do “Estado invisível” (OSORIO, 2019).

Nas palavras de Gramsci, “o Estado tem e pede o consenso, mas também ‘educa’ este consenso através das associações políticas e sindicais, que, porém, são organismos privados, deixados à iniciativa privada da classe dirigente” (GRAMSCI, 2007, p. 119).

O conceito de Estado gramsciano engloba, neste sentido, tanto a sociedade civil quanto a sociedade política. Este conceito de Estado é denominado por Gramsci de Estado *Integral* – e que, em meados do século XX, a filósofa francesa Christine Buci-Glucksmann denominará de *Estado ampliado* (BUCI-GLUKSMANN, 1980). Dessa forma, é “possível dizer, de que Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é, hegemonia couraçada de coerção” (GRAMSCI, 2007, p. 37). Assim, força e coerção, as duas metades do Leviatã hobbesiano,

as duas metades do Centauro maquiaveliano, são as frentes de ação do Estado integral através dos seus respectivos “aparelhos”, organizados no interior da sociedade civil e do Estado *stricto sensu*. Além da sua função coercitiva, portanto, o Estado possui também a da construção do consenso, sendo o território de ambos exercícios a sociedade civil, sobretudo.

O papel dos intelectuais orgânicos no interior desses “aparelhos” é fundamental na busca pela legitimação de um determinado projeto de poder no sentido de alçar uma condição de hegemonia. Ao questionar se os intelectuais são um grupo autônomo e independente, Gramsci aponta que “todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político” (GRAMSCI, 2004, p. 15). E complementa afirmando que os intelectuais são formados historicamente e constituem “categorias especializadas para o exercício da função intelectual” (GRAMSCI, 2004, p. 18). Ou seja, para a legitimação de sua posição de classe, todo grupo social necessita criar os seus intelectuais próprios, seja a burguesia, seja a classe trabalhadora. Dessa forma, Gramsci cria o conceito de “intelectuais orgânicos” que cada classe constrói, com o intuito de homogeneizar e conscientizar a classe da qual são orgânicos.

A obra de Casimiro, além de contribuir trazendo uma tese a respeito de quem é e como atua a nova direita, contribui também ao fazer cair por terra análises acerca do ultraliberalismo – comumente, defendida pelos dominadores, assim como setores da esquerda – que adotam o pressuposto de que se trata de uma defesa e prática de ne-

gação do Estado, pautado pelo capitalismo *laissez-faire*. Ainda que os ideólogos se arvorem como defensores do “Estado mínimo”, a teia de atuações dos aparelhos privados evidencia que as suas estratégias têm como sustentáculo a inter-relação com o Estado, que é acionado de diferentes maneiras, seja para exercer a coerção, seja para “educar”, propiciando a intensificação e o aprofundamento da exploração e expropriação do conjunto da classe trabalhadora e rifando recursos naturais e direitos sociais histórica e arduamente conquistados.

Além desse elemento apontado por Casimiro a respeito da nova direita, isto é, o *modus operandi*, diferenciando-a dessa forma das “velhas direitas”, na nossa hipótese existe outro elemento que caracteriza a nova direita, que tem como critério a origem social de quem cria tais APHs e os compõe. Em nossa hipótese, existem dois conjuntos/tipos de aparelhos da nova direita: aqueles criados e protagonizados pela burguesia, como o Instituto Liberal; e aqueles criados e protagonizados por sujeitos não oriundos da burguesia, mas que agem a serviço do capital, como é o caso do Movimento Brasil Livre. A criação deste segundo conjunto se dá, significativamente, a partir dos anos 2000, em especial, a partir de 2004. Na nossa hipótese, isto acontece por duas razões principais: a massificação do acesso à internet no Brasil no período, principalmente via *blogs* e a rede social *Orkut*; segundo, pelo fato de os governos petistas terem optado pela adoção de uma tática política baseada na conciliação de classes. Consequentemente, uma série de aparelhos da nova direita vão se constituindo “debaixo do nariz” do governo Lula e, depois, do governo Dilma, mas por uma escolha política tais governos optaram por não só não realizarem o combate político-ideológico, como também promoveram a fragmentação e o isolamento político da esquerda socia-



lista, a qual poderia realizar tal combate com as armas da crítica, qual seja: o marxismo.

O fato de a partir de 2004 ter aumentado significativamente o número de aparelhos da nova direita criados por intelectuais não oriundos da burguesia não significa, contudo, que não houve a partir deste ano a criação de novos APHs da nova direita a partir de burgueses. Exemplo disto é o caso do Instituto Ludwig Von Mises, criado em 2007 por um conjunto de burgueses, com destaque para o empresário Hélio Beltrão. Não significa, também, que antes de 2004 não havia aparelhos criados por não-burgueses. Apontamos o ano de 2004 como um momento de inflexão pelo conjunto de novos APHs que são fermentados, em especial, na internet, com destaque para o *Orkut* e os *blogs*.

A partir de 2004, então, vão coexistir dois tipos de aparelhos da nova direita: aqueles formados pela própria burguesia e aqueles formados por não-burgueses, mas que atuam a serviço da burguesia. Obviamente, isto não significa que no interior de um aparelho constituído predominantemente por não-burgueses não haja alguém oriundo da burguesia. Exemplo disto é o Estudantes Pela Liberdade que, apesar de no seu quadro de fundadores ser composto, predominantemente, por jovens de classe média, está também Anthony Ling, o qual é filho de Winston Ling, empresário brasileiro que, junto com o irmão, William Ling, participaram da fundação do Instituto de Estudos Empresariais (IEE) em 1984, que, composto por empresários, organiza o Fórum da Liberdade, evento anual responsável por lançar e premiar os novos APHs que surgem todo ano, além de realizar debates, congressos, feiras e criar pontes de financiamento nacional e transnacional para os APHs. Os irmãos Ling possuem ainda o

Instituto Ling, em Porto Alegre. Fundaram também o Instituto Liberdade no Rio Grande do Sul. Anthony Ling também compõe o Libertários. Mais recentemente, Winston Ling foi responsável por apresentar Paulo Guedes a Jair Bolsonaro no período pré-eleitoral.

O que é interessante observar é que uma mutação acontece no conceito de APH a partir destes aparelhos criados por não-burgueses. Acontece que tais APHs se tornam não só instrumento de atuação em prol da burguesia, como também se tornam instrumento para os intelectuais que o compõem adquiram e ampliem os seus rendimentos. Como se tratam de intelectuais que não possuem origem burguesa, para poderem se dedicar integralmente a tais APHs precisam receber salário. Tais aparelhos se tornam, assim, o meio para tal. Exemplo disso é, novamente, o próprio Estudantes Pela Liberdade. Por exemplo, Juliano Torres, diretor desse aparelho, recebia salário para atuar no mesmo, diferentemente de Hélio Beltrão, o qual se trata de um burguês que criou o seu APH, o Instituto Ludwig Von Mises, para realizar a sua atuação doutrinária, não necessitando para isto que este se torne uma plataforma para adquirir e ampliar os seus rendimentos<sup>4</sup>.

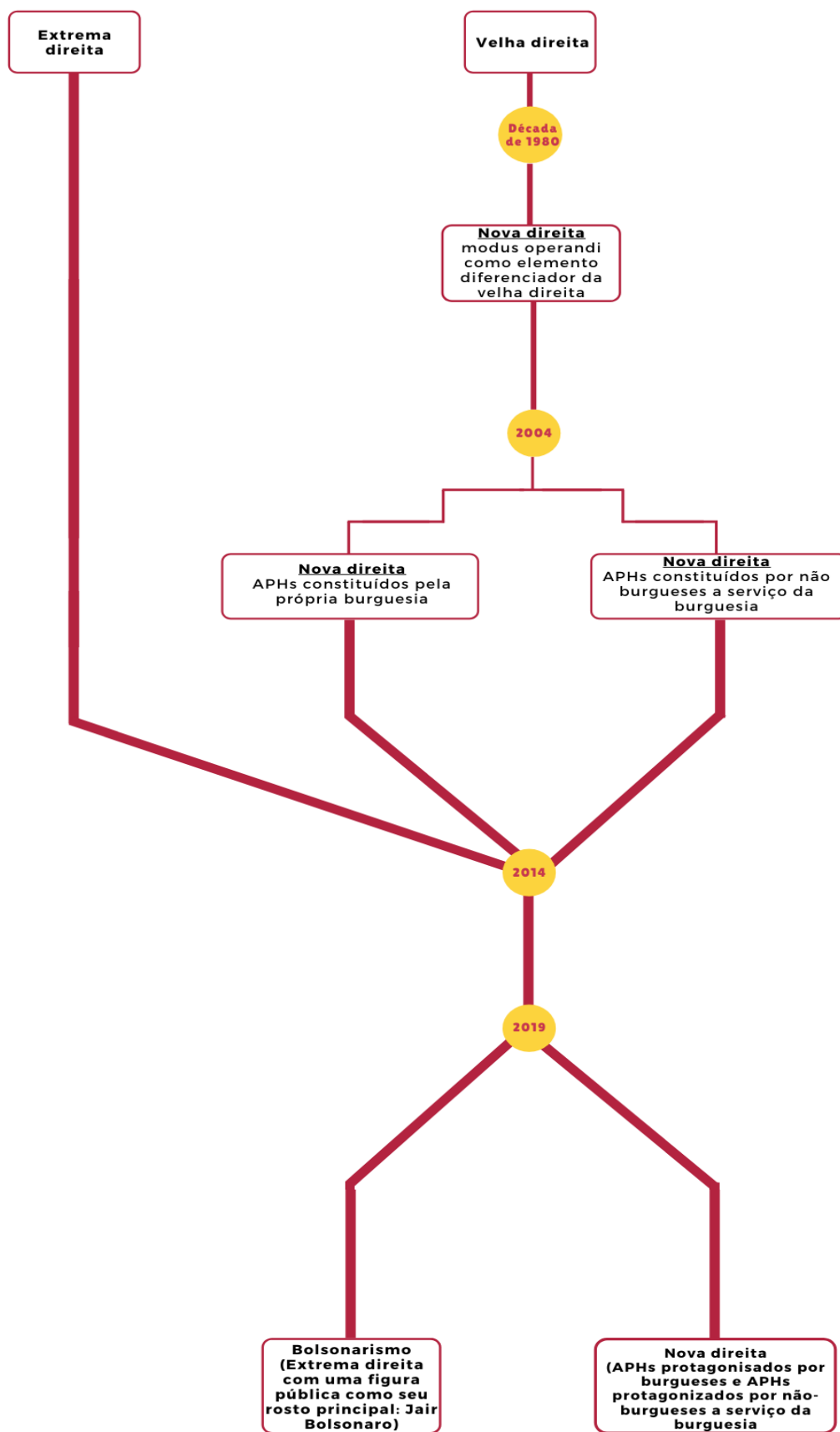
---

4.O elemento que emerge, principalmente, a partir de 2004 nos chamou a atenção a partir de uma comunicação realizada por Gilberto Calil no evento acerca do Bolsonarismo realizado na Unicamp. Enquanto que a mutação nos APHs, tornando-os também plataforma para os seus integrantes conquistarem um rendimento financeiro, surgiu para nós a partir de uma conversa entre Mayara Balestro e Virgínia Fontes via email. Foi fundamental também para o nosso avanço nessa temática a série de debates que realizamos com Mayara Balestro, companheira de pesquisa na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Não podemos deixar de destacar, ainda, o quanto foi frutífero a série de debates realizados ao longo das disciplinas do programa de pós-graduação em história desta universidade, com destaque para as disciplinas de *Hegemonia e Projetos Sociais*, coordenada por Carla Luciana Silva, e *Teoria em Estado e Poder*, ministrada por Rodrigo Ribeiro Paziani.

Esse conjunto de APHs da nova direita e aparelhos e intelectuais da extrema direita – estes, por sua vez, que existem no país desde os primórdios do século XX – se unem em 2014 em torno de um objetivo comum: derrubada de Dilma, o Golpe de 2016, e a radicalização do processo de implementação da agenda ultraliberal que, como apontamos anteriormente, já vinha sendo implementada desde o governo Collor, mas que nos governos petistas assumem um caráter moderado, conjugando medidas pró-capital com intervenções progressistas em benefício da classe trabalhadora. Essa união entre a nova direita e a extrema direita vai findar de forma clara em 2019, no primeiro ano do governo Bolsonaro. A nova direita continua atuando, enquanto que a extrema direita passa a ganhar mais espaço, agora com uma figura à sua frente, o presidente Bolsonaro, constituindo o núcleo duro do chamado “bolsonarismo”.

Na figura abaixo, procuramos traçar a linha do tempo da nova direita no Brasil a partir da tese de Casimiro e deste elemento novo que apontamos, cuja plausibilidade precisa ser testada.

Fluxograma 1.1 – Linha do tempo da nova direita no Brasil



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, cabe destacar que estas hipóteses acerca da nova direita permitem evidenciar que essa direita não é uma absoluta novidade, a sua edificação não foi repentina, muito menos surge nas Jornadas de Junho de 2013, como defende alguns setores da esquerda. Após mais de cinco anos do maior ciclo de manifestações de rua no Brasil dos últimos 30 anos, os sentidos desse acontecimento ainda permanecem em disputa – em especial, entre as forças do campo progressista. Dentre as diferentes teses sobre esse processo, há uma chave interpretativa, comumente presente nas formulações de intelectuais do Partido dos Trabalhadores, que imputa a Junho unicamente um caráter de direita, reacionário, segundo o qual essas manifestações foram responsáveis pela derrocada do governo Dilma e, acima de tudo, pelo “despertar” da nova direita.

O conjunto de elementos abordados no presente trabalho buscam apresentar a historicidade do processo que gestou a nova direita, evidenciando que se trata de algo que vem ocorrendo nas últimas décadas, desenvolvendo-se, adquirindo musculatura e ampliando-se no cenário político brasileiro ao longo dos anos, tendo como preâmbulo na redemocratização da década de 1980.

Contudo, gostaríamos de ressaltar que o debate se existe ou não uma nova direita é, como todo debate, uma discussão ainda em aberto. Não existe consenso com relação as origens e características da nova direita, sequer se ela existe de fato. O nosso objetivo através do presente texto foi trazer um conjunto de hipóteses a respeito, atrelando-as à tese de Casimiro. Como se trata de uma história viva, isto é, uma história em movimento, em processo, com o passar dos anos novos elementos podem chegar às pesquisadoras e aos pesqui-

sadores que se debruçam sobre o tema – o que podem fundamentar novas chaves interpretativas.

## REFERÊNCIAS

BUCI-GLUCKSMANN, C. **Gramsci e o Estado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A nova direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo**. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

COELHO NETO, Eurelino Teixeira. **Uma esquerda para o capital: o transformismo dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)**. Feira de Santana, BA: UEFS Editora; São Paulo, SP: Xamã, 2012.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital imperialismo. Teoria e história**. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere**. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Perfil das organizações da sociedade civil no Brasil**. Organizador: Felix Garcia Lopez. Brasília: Ipea, 2018.

OSORIO, Jaime. **O Estado no centro da mundialização: a sociedade civil e o tema do poder**. Tradução: Fernando Correa Prado. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

## PARTE 2



La Diaria (Uruguai)

## CAPÍTULO 2

# O INSTITUTO BRASIL 200

Elaine de Almeida Bortone (UNIRIO)<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

A constituição de entidades associativas empresariais no Brasil tem sua origem no século XIX, fruto da organização diversificada das classes dominantes. Desde então, verificam-se empresários atuando por meio de suas entidades de classe, no apoio ou crítica a diferentes governos e regimes políticos, mostrando sua capacidade de mobilização, articulação, manipulação e de participação política no Estado na defesa das ideias liberais, dos lucros crescentes, da propriedade privada, e de maneira reiterada, contra conquistas populares, contra o comunismo e o socialismo.

Estas organizações são entendidas aqui como Aparelhos Privados de Hegemonia (APHs), que no conceito teórico-metodológico de Antonio Gramsci são organizações materiais que compõem a sociedade civil, possuem autonomia para manifestação e base material própria para a legitimação dos interesses das classes dominantes.

1.Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tutora no ensino à distância da UNIRIO/CEDERJ. E-mail: elainebortone@gmail.com.



Fontes (2010) acrescenta que os APHs são atravessados pelas lutas de classes e tornaram-se a forma cosmopolita por excelência da política do capital. Nesse sentido, o conceito de APH.

Remete para a organização e, portanto, para a produção coletiva, de visões de mundo, da consciência social, de formas de ser adequadas aos interesses do mundo burguês (a hegemonia) ou, ao contrário, capazes de opor-se resolutamente a este terreno dos interesses (corporativo), em direção a uma sociedade igualitária (“regulada”) na qual a eticidade prevaleceria, como o momento ético político da contra-hegemonia (FONTES, 2010, p. 133)

O Estado envolve os APHs, que amplia sua estrutura de dominação. Fontes (2010) explica que o Estado tornou-se uma arena privilegiada de atuação e mediação dos múltiplos interesses das frações de classe burguesas por meio das entidades que “penetraram no aparelho de Estado, consolidando-se, e ampliando para fora dos seus limites estreitos de classe sua capacidade de intervenção na política nacional” (FONTES, 2010, p. 223-224).

Os APHs apresentam outra característica, as tensões intraclasse. Casimiro (2016) explica que essas divergências e conflitos são “abarcados e diluídos no conjunto dessas formas de organização, no sentido de garantia do essencial da dominação, ou seja, nos mecanismos de atualização das expropriações sociais e nas estratégias de acumulação de capital” (CASIMIRO, 2016, p. 39).

O Instituto Brasil 200 (IB200) é um aparelho privado de hegemonia que integra o Estado, com atuação política e ideológica, que congrega setores econômicos diversificados, com predomínio mercantil, e busca criar e disseminar estratégias de dominação política. O IB200 pretende reunir condições para intervir e influenciar as diretrizes político-econômicas para o aumento de seu protagonismo na condução da economia, e das empresas que estão a ele organicamen-

te vinculadas. O IB 200 é organizado por um grupo de empresários de direita, conservadores, que estão apoiando o presidente Bolsonaro, da extrema-direita, e sua política econômica.

O artigo tem como finalidade elucidar a formação, os objetivos, os métodos de ação do IB200, bem como os empresários que o compõe. Para esta intenção, a pesquisa é feita através da imprensa de grande circulação no país, no período de 2018 a 2020.

## INSTITUTO BRASIL 200

Em 17 de janeiro de 2018, ano de eleição presidencial, foi criado o Movimento Brasil 200<sup>2</sup> (MB200), em Nova Iorque (EUA) durante a feira da NRF (National Retail Federation), considerada a maior do varejo no mundo, liderado pelo proprietário da rede de lojas de departamento Riachuelo, Flávio Gurgel Rocha. Uma organização, conforme sua página na Internet, sem vinculação político-partidária, mantida pela contribuição de pessoas físicas e jurídicas de direito privado<sup>3</sup>, que aglomera empresários de vários segmentos econômicos. Inicialmente, apoiou a candidatura de Rocha<sup>4</sup> à presidência da República, depois que este se filiou, em 27 de março, ao Partido Republicano Brasileiro (PRB). Após a desistência do empresário em disputar a campanha presidencial em julho, convocando para que “*as forças*

---

2.Movimento Brasil 200 é uma referência ao bicentenário da Independência brasileira em 2022. Ano que coincide com o fim do mandato do próximo presidente. Disponível em <<https://www.boletimdaliberdade.com.br/2019/03/27/movimento-brasil-200-cria-frente-parlamentar-e-apoia-a-reforma-da-previdencia/>>. Acessado em 30 mar. 2019.

3.Site do IB200. Disponível em <<https://www.brasil200.com.br/quem-somos/>>. Acessado em 08 jun.2020

4.Flávio Rocha já foi deputado federal por dois mandatos seguidos pelo Rio Grande do Norte (1986 e 1990). Pertenceu aos seguintes partidos políticos: PFL (1986-1989), PRN (1989-1993), PL (1993-2002), Republicanos (2018-presente).

*de centro se unam[issem] num único projeto*<sup>5</sup>, o MB200 passou a apoiar o candidato Jair Messias Bolsonaro (na época do PSL – Partido Social Liberal) rumo à Brasília e às políticas de Paulo Roberto Nunes Guedes, que estava apontado para ministro da Economia.

A origem do MB200 se encontra em uma ação do Ministério Público do Trabalho do Rio Grande do Norte contra a Riachuelo. Em 2017, um grupo de procuradores instaurou uma ação contra a varejista por entender que empregados de confecções, que produziam para a marca, recebiam menos que os funcionários contratados da empresa, além do preço de costura das peças, fixado pela Riachuelo em R\$ 0,35 o minuto, o qual não cobria os custos operacionais das confecções. A ação gerou um protesto de pequenos empresários a favor da Riachuelo. Segundo o presidente do MB200, Gabriel Kanner, que é neto do fundador da Riachuelo, Nevaldo Rocha, e sobrinho de Flávio Rocha, o coletivismo empresarial “nos motivou a criar um movimento para ter um ambiente de negócios mais favorável” (DYNIEWICZ, 2019).<sup>6</sup>

Para as instalações do MB200 foi alugado um andar do prédio do escritório de Braga Nascimento e Zilio Advogados Associados, no bairro nobre dos Jardins, em São Paulo. Com projeto liberal na

---

5.PRB anuncia retirada da pré-candidatura a presidente do empresário Flávio Rocha, *G1*, 13 jul. 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/prb-anuncia-retirada-da-candidatura-a-presidente-do-empresario-flavio-rocha.ghtml>>. Acessado em 3 jun. 2020.

6.No fim de abril, a Justiça decidiu não reconhecer a ocorrência de dano moral coletivo, negando o pedido do MPT de indenização de R\$ 37,7 milhões, mas entendeu que, em caso de processo trabalhista de funcionários contra as confecções, a Riachuelo deverá responder como responsável. DYNIEWICZ, Luciana. Grupo de empresários amplia *lobby* no governo, *Estadão*, 12 mai. 2019. Disponível em <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral/grupo-de-empresarios-amplia-lobby-no-governo,70002825113>>. Acessado em 18 jun. 2020.

economia e conservador nos costumes, seus objetivos, segundo sua página na internet, consistem em “promover valores e princípios que garantem uma sociedade mais justa para todos, uma economia de mercado liberal e um estado de direito com limites da ação do governo”.<sup>7</sup> Seus princípios consistem em: menos Estado, empreendedores e colaboradores não são inimigos, Escola sem partido e sem erotização precoce, respeitando o senso comum e as famílias.<sup>8</sup>

É evidente que os objetivos apontados pelo MB200 são propositadamente vagos e não representam as suas reais intenções, servem apenas para encobrir os seus verdadeiros interesses. É um grupo político que tem como finalidade a defesa de uma agenda liberal para a economia, que apresenta como prioridades o êxito capitalista, a proteção à propriedade privada e o lucro, o apoio ao corte de direitos trabalhistas e a terceirização. Para alcançar suas metas, pressiona políticos e comete atos ilícitos e antidemocráticos.

Na época de sua fundação, o MB200 assinou uma carta-manifesto convocando os empresários brasileiros a assumirem o protagonismo político e econômico do Brasil. O empresário Luciano Hang atribui à falta de presença de empresários na vida política do país no passado a situação atual do país “[...] a falta de entrosamento político da classe empresarial levou o país à situação em que nos encontramos hoje. Houve uma terceirização da política a pessoas de mau caráter, corruptas, comunistas, socialistas e vigaristas” (BECKER e OLIVEIRA, 2018).

---

7.Site do IB200. Disponível em <<https://www.brasil200.com.br/quem-somos/>> Acessado em 5 jun. 2020.

8.Site do IB200. Disponível em <<https://www.brasil200.com.br/propostas>>.Acessado em 30 mar. 2019.

A carta-manifesto, que declarou “*os empresários e empreendedores do país devem ser os guardiões mais intransigentes da competitividade e da liberdade*”, foi assinada pelos seguintes empresários: Luiza Helena Trajano (Magazine Luiza, Grupo Mulheres do Brasil), Walter Torre (Construtora WTorre)<sup>9</sup>, Roberto Justus (Newcomm), João Apolinário (Polishop), Luciano Hang (Havan), Antônio Carlos Pipponzi (Raia Drogasil), Carlos Tilkian (Estrela), Nadir Moreno (UPS), Sônia Hess (Dudalina), Sebastião Bomfim (Centaurro), Alberto Saraiva (Habib’s), Edgard Corona (Bio Ritmo/Smart Fit) e Marcos Gouvêa de Souza (Grupo GS & Gouvêa de Souza).<sup>10</sup>

Passadas as eleições, em maio de 2019, o Movimento Brasil 200 tornou-se Instituto Brasil 200 (IB200). Rocha explicou que a mudança “foi uma evolução natural na estrutura, para se tornar mais robusto”.<sup>11</sup> Como Instituto, entidade de natureza privada, o IB200 passou a ter permissão de pleitear a obtenção de determinados direitos, tais como fazer *lobby* no Executivo e no Legislativo por políticas liberais, criar instituições, conselhos, abrir filiais, e etc., o que lhe dá condições de se espalhar pelo país para ampliar suas ações.<sup>12</sup>Atual-

---

9. Em 2016, foi alvo da Lava Jato suspeito de ter recebido R\$ 18 milhões de um consórcio concorrente para desistir da licitação da obra da CENPES (Centro de Pesquisas da Petrobrás) Dono da WTorre é alvo da Lava Jato, mas não é encontrado, *Folha S. Paulo*, 4 jul. 2016. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/07/1788468-dono-da-wtorre-e-alvo-da-lava-jato-mas-nao-e-encontrado.shtml>>. Acessado em 27 mar. 2019.

10. Grupo de empresários convoca elite brasileira a assumir protagonismo político, *Época*, 18 jan. 2018. Disponível em <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/01/grupo-de-empresarios-convoca-elite-brasileira-assumir-protagonismo-politico.html>>. Acessado em 30 mar. 2019.

11. DYNIEWICZ, Luciana. Brasil 200, liderado por Flávio Rocha, amplia *lobby* no governo. De 12 mai. 2019. Disponível em <<https://www.op9.com.br/blogs/opiniao-e-poder-rn/brasil-200-grupo-liderado-por-flavio-rocha-amplia-lobby-no-governo/>>. Acessado em 25 ago. 2019.

12. O atual site do Instituto Brasil 200 não disponibiliza os nomes dos membros.

mente, o IB200 tem filiais em Barretos, Campinas, Ceará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo, Sergipe e Vale do Paraíba.

Dois meses depois, no dia 16 de julho, foi realizada a festa de lançamento do IB200 no Hotel Unique, na zona sul da capital paulista. A cerimônia contou com a presença de 400 empresários e representantes de entidades empresariais e do vice-presidente da República, general Hamilton Mourão. Na ocasião, foi lançado o “Manifesto da Sociedade Empreendedora pelo Imposto Único”, que conforme Gabriel Kanner consistia em uma “simplificação que levaria à diminuição da estrutura de fiscalização por parte do Estado”.<sup>13</sup> Flávio Rocha, um dos entusiastas da Reforma Tributária, esclareceu que a implantação do “imposto único” no país, incidiria sobre o fluxo de riqueza e que, em sua avaliação, combateria os elevados níveis de sonegação, o que permitiria uma redução nos impostos pagos pela maioria dos cidadãos e empresas, sem prejuízos em arrecadação.<sup>14</sup>

No que diz respeito à sonegação, que Rocha tanto quer combater, a Receita Federal o multou recentemente, como também os empresários Edgard Corona, Luciano Hang e Sebastião Bomfim, todos do IB200, por manobras tributárias para sonegar o pagamento integral de impostos. Entre as irregularidades se encontram simulação de operações de compra e venda de aeronaves, falsificação de

---

13. Grupo de empresários lança instituto e proposta de Imposto Único no Brasil, *Isto é dinheiro*, 16 jul. 2019. Disponível em <<https://www.istoedinheiro.com.br/grupo-de-empresarios-lanca-instituto-e-proposta-de-imposto-unico-no-brasil/>>. Acessado em 05 jun. 2020.

14. MORTARI, Marcos. Imposto único: como é a reforma tributária defendida por Flávio Rocha e os empresários do Movimento Brasil 200, *Infomoney*, 13 ago. 2019. Disponível em <<https://www.infomoney.com.br/politica/imposto-unico-como-e-a-reforma-tributaria-defendida-por-flavio-rocha-e-os-empresarios-do-movimento-brasil-200/>>. Acessado em 02 jun. 2020.

documentos para recolher contribuições previdenciárias e esconder receitas e despesas na contabilidade.<sup>15</sup>

## OS MEMBROS E AS SEÇÕES DO INSTITUTO BRASIL 200

Os empresários envolvidos com a fundação do IB200 na sua maioria eram proprietários da rede de atacados e varejo nacional, de pequeno e médio porte.

Quadro 1 - Empresários do Movimento Brasil 200 (2018) – primeiros apoiadores

EMPRESÁRIOS	EMPRESAS	FUNÇÕES	APHs
Afrânio Barreira Filho e Eugênio Veras Vieira	Restaurante Coco Bambu, yzzer.com agência de viagem, Coco Bambu Lounge & Music, Coco Bambu For One	Proprietário	
Amaro Sales	FIERN – Fed. das Inds do Estado do Rio Grande do Norte	Presidente	
Antonio Alberto Saraiva	Habib's – Ragazzo, Arabian Bread (pão), Ice Lips (sorvete), Promilat Ind. e Com. Laticínios e Vox Line (call center)	Proprietário	Inst. de Desenv. do Varejo (IDV)
Antônio Carlos Pipponzi	Raia Drogasil	Proprietário	Inst. para o Desenv. do Varejo (IDV), Endeavor Brasil
Alexis Fontayne	SOLEPOXY Ind. e Com. de Resinas		
Cleber Moraes	Schneider Eletric (gerenciamento de energia)	Presidente	
Cris Arcangell	Beauty'in (cosméticos), BVolt (eventos), Fundo Phenix (investimento) e SharkTank Brasil (TV)		<b>Endeavor Brasil e CJE-Comitê de Jovens Empreend. da FIESP</b>
Edgard Corona	Grupo Bio Ritmo/Smart Fit (academias), Açucareira Corona	Proprietário	
Ericsson Henrique Luef	Companhia Hemmer Indústria e Comércio (alimentos)		
Fábio Colletti Barbosa	Gávea Investimento, Itaú Unibanco, Natura, Cia Hering	Proprietário Conselheiro	Endeavor Brasil, Fund. Itaú Social, Fed. Bras. de Bancos (FEBRABAN)

15. WIZIACK, Júlio. Receita Federal aponta manobras tributárias de empresários ligados a Bolsonaro, *Folha S. Paulo*, 23 jun. 2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/fisco-aponta-manobras-tributarias-de-empresarios-ligados-a-bolsonaro.shtml>>. Acessado em 24 jun. 2020.

Flávio Rocha	Grupo Guararapes: Riachuelo (têxtil), Midway Financeira, Contact Center, Transporte Casa Verde, Shopping Midway Mall, dois teatros Riachuelo (RJ e Natal)	Proprietário	Inst. de Desenv. do Varejo (IDV), FIESP, Inst. de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI)
Geraldo Rufino	JR Diesel (reciclagem automotiva)	Proprietário	
Giuliano Donini	Marisol (vestuário), Qualirede (gestão de saúde), Centro Inovação Jaraguá do Sul, SCAR - Sociedade de Cultura Artística, ACATE - Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia, Santinvest S.A. - Sistema Financeiro	Presidente, conselheiro	Assoc. Jaraguá Mais Saudável, Assoc. Com. e Indl. de Jaraguá do Sul (ACIJS), Assoc. Bras. das Inds. Têxteis (ABIT), Inst. para Desenv. do Varejo (IDV), Assoc. dos Dirig. de Vendas e Marketing de SC (ADVB)
João Apolinário	Polishop (varejo), Shark Tank Brasil (TV)	Proprietário	Inst. de Desenv. do Varejo (IDV)
Jorge do Rosário	REPAV Construtora	Proprietário	Fed. das Indústrias do Estado do RN (FIERN)
José Victor Oliva	<i>Holdings</i> Clube: Banco de Eventos, Rio360, Samba.pro, Lynx, Cross Networking e The Aubergine (entretenimento)	Proprietário	
Luciano Hang	Havan (loja de departamentos)	Proprietário	
Marcelo Braga	Braga Nascimento e Zilio Advogados Associados (BNZ)	Proprietário	Instituto Eu Amo o Brasil <sup>16</sup>
Marcelo Henrique Ribeiro Alecrim	Alê Combustível	Proprietário	Inst. de Desenv. do Varejo (IDV)
Marcelo Monteiro	Procurador de Justiça (RJ), prof. Direito Processual Penal - UERJ		
Marcelo Pessoa	Galápagos Capital Gestora de Fundos	Diretor	
Pedro Thompson	Estácio (universidade)	Presidente	
Renato Feder	Multilaser (informática)	Proprietário	

16. Em abril de 2015 foi registrada a marca (Revista da Propriedade Industrial (RPI), 2 jun. 2015, p. 15). Segundo sua página na internet tem como objetivo “Atuar em defesa dos brasileiros com projetos que fomentem a mobilização social em promoção ao patriotismo e consciência cívica dos cidadãos”. Site do Eu amo o Brasil. Disponível em <<http://euamoobrasil.org.br/quem-somos>>. Acessado em 18 jun. 2020. Criou a campanha “Embandeirando São Paulo”, em 2017, que consiste em distribuir bandeiras do Brasil em pontes e monumentos em datas comemorativas, com a justificativa de promover o patriotismo.



Roberto Justus	<i> Holding Newcomm</i> : agências Y&R, Grey Brasil, Wunderman, VML e RedFuse e a empresa Ação Premedia e Tecnologia (publicidade)	Proprietário	
Roberto Motta	Consultor e ativista de segurança pública		Instituto Liberal e Instituto Millenium
Ronaldo Pereira Jr.	Óticas Carol	Presidente	Inst. de Desenv. do Varejo (IDV)
Sebastião Bomfim	Grupo SBF: Centauro, ByTennis e Almax Sports e operador das lojas Nike Store no Brasil (material esportivo)	Proprietário	
Sonia Hess de Souza	Dudalina, Restoque (vestuário)	Proprietária	Grupo Mulheres do Brasil, LIDE Mulher, ASCOA American Society Council of the American
Tião Couto	EBS Perfurações / Tenda Restaurante	Proprietário	
Washington Cinel	Gocil Segurança e Serviços, Villa Oliva Rice (arroz), Broto Legal (arroz)	Proprietário	Lide Segurança

Fonte: Site do IB200. Disponível em <<https://www.brasil200.com.br/quem-somos> 21.10.18>. Acessado em 30 mar. 2019. Conheça os primeiros apoiadores do Manifesto Brasil 200. De 21jan. 2018. Disponível em <<http://portalnoar.com.br/conheca-os-primeiros-apoiadores-do-manifesto-brasil-200/>>. Acessado em 30 mar. 2019.

Obs.: As empresas relacionadas aos empresários se referem apenas ao ano de 2018.

No primeiro semestre de 2018 foram estabelecidos alguns MB200 regionais, com objetivo de integrar empresários dentro do projeto do Movimento. Flávio Rocha lançou duas seções regionais no seu estado natal, Rio Grande do Norte: em Natal e em Mossoró. Na capital, o lançamento aconteceu no dia 21 de fevereiro, no Teatro Riachuelo, localizado no Shopping Midway Mall, ambos de sua propriedade. Além de vários empresários e representantes de entidades de classes, estavam presentes Sebastião Bomfim, Geraldo Ruffino, Augusto Vaz (CDL), Amaro Sales (FIERN), Afrânio Miranda (FCDL-RN e Grupo Miranda Computação), George Ramalho (FECOMÉRCIO), Paulo Galindo (coordenador MB200 RN e nordeste e Grupo Fogo & Chama) e Hélder Maranhão (Estratégias e Articulação da Federação

das Indústrias RN).<sup>17</sup> Anteriormente, em janeiro, Mossoró recebeu o MB200. Entre os convidados estavam Gabriel Rocha, Paulo Galindo, Amaro Sales, Afrânio Miranda, Tião Couto (EBS Perfurações e Tenda Restaurante), Jorge do Rosário (REPAV Construtora), Antônio Gentil (Grupo Gentil Negócios), Luiz Roberto Barcelos (Associação Brasileira dos Exportadores de Frutas-ABRAFRUTAS e Agrícola Famosa), Joacyr Potiguar (Grupo Redenção<sup>18</sup>) e o artista potiguar Dorgival Dantas.<sup>19</sup>

O MB200 foi oficialmente lançado em Aracajú (Sergipe) no dia 17 de fevereiro. Na cerimônia se encontravam Lúcio Flávio Rocha (coordenador MB200 Sergipe), Dilermando Jr. (líder do MB200-Sergipe), Marco Pinheiro (Associação Comercial Empresarial), Robson Pereira (Associação Comercial), Milton Andrade (CDL) e vários empresários. Após o evento, Flávio Rocha palestrou para estudantes na Universidade Tiradentes.<sup>20</sup>

---

17.Reunião discute lançamento em Natal no dia 21 de fevereiro do movimento “Brasil 200”, *FIERN*, 7 fev. 2018. Disponível em <<https://www.fiern.org.br/reuniao-discute-lancamento-em-natal-no-dia-21-de-fevereiro-movimento-brasil-200/>>. Acessado em 16 jun. 2020. CECI, Mariana. Manifesto Brasil 200 é lançado em Natal, *Tribuna do Norte*, 22 fev. 2018. Disponível em <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/manifesto-brasil-200-a-lana-ado-em-natal/405721>> Acessado em 16 jun. 2020.

18.Fazem parte do grupo: Redenção BMW, Redenção Renault, Redenção Chery, Natal Auto Shopping, Renault Minuto, Consórcio Redenção, Potiguar Corretora de Seguros e Missauto Nissan.

19.Blog do Jbelmont. Disponível em <<http://jbelmont.com.br/site/post/12990>>. Acessado em 12 jun. 2020.

20.Movimento Brasil 200 confirmou a sua força em três grandes eventos em Sergipe, *Sergipe Notícias*, 22 mar. 2018. Disponível em <<http://sergipenoticias.com/cotidiano/2018/03/7102/movimento-brasil-200-confirmou-a-sua-forca-em-tres-grandes-e.html>>. Acessado em 12 jun. 2020. Em maio, o MB200 Sergipe fechou alianças com alguns grupos liberais, Direita Sergipana (Flávio Oliveira) e o Instituto Liberal de Sergipe –ILISE (Prof. Leonardo Lisboa). Grupos Políticos liberais iniciam formação de Bloco em Sergipe, *NEnotícias*, 1 mai. 2019. Disponível em <<https://www.nenoticias.com.br/grupos-politicos-liberais-iniciam-formacao-de-blocao-em-sergipe/>>. Acessado em 12 jun. 2020.

Dez dias depois, a convite da Associação de Jovens Empresários (AJE), Flávio Rocha levou o MB200 para Fortaleza (Ceará). No auditório da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), o empresário recebeu: Ricardo Bezerra (Lopes Intermediações Imobiliária), Yuri Torquato (Ceará Cardan e AJE), André Montenegro de Holanda (Morefácil), Sampaio F<sup>o</sup> (SIMEC), Honório Pinheiro (Supermercado Pinheiro), Deusmar Queirós<sup>21</sup> (Farmácia Pague Menos), Ricardo Cavalcante (FIEC e Empresa de Mineração e Granitos de Itaitenga), Romuado Sampaio (AJE e Integral Agroindustrial), Carlos Fujita (Fugita Engenharia), Cid Alves (Sindilojas-Sindicato dos Lojistas), Afrânio Barrera (Coco Bambu), Carlos Matos (Trainer Consultoria e Gestão Empresarial), Carlos Pereira (Del Rio), Ivan Bezerra (Têxtil Bezerra de Menezes), Aureo Vilagra (Goldratt Consultoria do Brasil), Odmir Feitosa (Metalix, UNIQ Engenharia e Geocred Solução Financeira), Paulo Cesar Norões (jornalista), Ricardo Bezerra (Lopes Immobilis), Valdelírio Soares (Cielidi Toscana), Germano Maia (Tramix Ind. e Com. Têxtil) e Ramalho Neto (Mercadinho São Luiz).<sup>22</sup>

No dia 27 de março foi a vez da cidade de Valinhos (SP) ser apresentada ao MB200. O evento contou com a presença dos coordena-

---

21. Em 2018, Deusmar Queirós foi preso por crime contra o sistema financeiro. Condenado desde 2010, o empresário e ex-sócios teriam lucrado R\$ 2,8 milhões com compra ilegal de ações para especulação. Dono da rede de farmácias Pague Menos é preso no Ceará, *Exame*, 9 set. 2019. Disponível em <<https://exame.com/negocios/dono-da-rede-de-farmacias-pague-menos-e-preso-por/>>. Acessado em 12 jun. 2020.

22. FEITOSA, Natanael. AJE Fortaleza lança Manifesto Brasil 200 no Ceará, *Tapis Rouge*, 28 fev. 2018. Disponível em <<https://www.tapisrouge.com.br/aje-fortaleza-lanca-manifesto-brasil-200-no-ce/>>. Acessado em 12 jun. 2020.

dores Paulo Gaspar (Pupo Gaspar Arquitetura & Interiores), Ronald Tanimoto (organizador do Vem Pra Rua) e Atílio Silva.<sup>23</sup>

Em Goiás o evento começou com a “Marcha do Empreendedor”, em 04 de abril. Logo após, Flávio Rocha teve um encontro com lideranças cristãs da Igreja Bethel. No auditório do Colégio TEO, Setor Bueno, área nobre de Goiânia, deu-se o lançamento. Posteriormente, o então senador Ronaldo Caiado (DEM), ofereceu almoço no Palácio das Esmeraldas. O evento contou com a presença de vários empresários e personalidades locais: Rubens Fileti (presidente da ACIEG e do MB200 Goiás); Luigi Nesse (CNS-Confederação Nacional de Serviços); Eduardo Prado (deputado federal e JUCEG-Junta Comercial do Estado de Goiás), Euclides Siqueira, (JUCEG); Marisa Carneiro (coordenadora regional); Belkiss Lucas (coordenadora de agenda);<sup>24</sup> Giuliano Miotto (portavoz do MB200 Goiás, idealizador do Instituto Liberdade e Justiça, autor do Projeto Turminha da Liberdade<sup>25</sup> e especialista do Insti-

---

23. Brasil 200 Valinhos, Sympla. Disponível em <[https://www.sympla.com.br/brasil-200-valinhos\\_\\_261385](https://www.sympla.com.br/brasil-200-valinhos__261385)>. Acessado em 15 jun. 2020.

24. Instituto Brasil 200 lança Manifesto de Imposto Único na Acieg, *Goiânia Empresas*. Disponível em <<https://goianiaempresas.com.br/negocios/instituto-brasil-200-lanca-manifesto-de-imposto-unico-na-acieg>>. Acessado em 15 jun. 2020.

25. Lançado em dezembro de 2019, o projeto Turminha da Liberdade tem por objetivo levar as crianças importantes valores como responsabilidade individual, coragem e autoestima e na obra é reforçada virtudes como independência, integridade, produtividade, honestidade entre outras. Desenvolveu uma série de revistas em quadrinhos infantis, cujo conteúdo possui em sua essência os ideias da liberdade e do individualismo. Segundo o próprio autor “É um projeto de educação focado em valores e princípios, em formação de caráter. A nossa ideia não é parar nos livros, queremos começar a criar materiais didáticos, ações da Turminha da Liberdade, projetos pedagógicos”. Lançamento: Turminha da Liberdade com Giuliano Miotto, Sympla, 02 set. 2019. Disponível em <[https://www.sympla.com.br/lancamento-turminha-da-liberdade-com-giuliano-miotto\\_\\_622308](https://www.sympla.com.br/lancamento-turminha-da-liberdade-com-giuliano-miotto__622308)>. Acessado em 15 jun. 2020.

tuto Millenium); Jairo Gomes (Associação Empresarial da Região 44); além de Gabriel Kanner.<sup>26</sup>

Flávio Rocha levou o MB200 à Campo Grande (MS), onde foi carregado, em 21 de abril, por apoiadores no aeroporto. Recebeu o título de “Visitante Ilustre de Campo Grande”, concedido pela Câmara Municipal. Estiveram presentes no encontro os presidentes do **PRB Mato Grosso do Sul**, Wilton Acosta e do **PRB Campo Grande**, Antonio Vaz, o senador Pedro Chaves (**PRB-MS**), dentre outras lideranças.<sup>27</sup>

Em junho de 2019, o IB200 já estava lançado por quase todo o país.

### UMA NOVA CORRENTE POLÍTICA

Movimento de empresários já está espalhado pelo país

Criação do movimento:  
Janeiro de 2018

Criação do instituto:  
Julho de 2019

Orçamento:  
Não divulgado

● SEDES  
■ ONDE JÁ EXISTEM NÚCLEOS (25 das 27 unidades da federação)



Fonte: Jornal *O Globo*, 09 jun. 2020.<sup>28</sup>

26. Presidenciável Flávio Rocha tem série de compromissos em Goiânia nesta 4ª, *A Redação*, 3 abr. 2018. Disponível em <<https://www.aredacao.com.br/noticias/101509/presidenciavel-flavio-rocha-tem-serie-de-compromissos-em-goiania-nesta-4>>. Acessado em 16 jun. 2020.

27. Gilmar da Cruz homenageia Flávio Rocha em Campo Grande, *Republicanos 10*, 24 abr. 2018. Disponível em <<https://republicanos10.org.br/noticias/gilmar-da-cruz-homenageia-flavio-rocha-em-campo-grande/>>. Acessado em 16 jun. 2020.

28. BATISTA, Henrique Gomes. Empresários formam grupo para influenciar pauta no Congresso, *O Globo*, 9 jun. 2019. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/empresarios-formam-grupo-para-influenciar-pauta-no-congresso->>

Em maio de 2020, o IB200 contava com cerca de 300 empresários<sup>29</sup>. A direção é formada por um conselho consultivo, um conselho de ética e por representantes regionais, que contribuem com os debates promovidos pelo Instituto. Os nomes dos associados e dos conselheiros não estão disponíveis no site oficial da entidade.

Quadro 2 - Coordenadores regionais (2020)

NOMES	EMPRESAS	REGIÕES
CaêCaefisio (Carlos Eduardo Pereira da Silva)	CAEFISIO – Clínica de Atendimento Especializado em Fisioterapia / Vice-prefeito de Campos do Jordão	Vale do Paraíba SP
Denis Salvo	Comercial na Glassmaq Glass Machines	Macro ABC São Paulo
Dilermando Junior	Grupo Rede+ / Ampla Projetos Consul. de Captação de Recursos	Sergipe
Ewerton Kleber	Ewerton Kleber Advogados	Pernambuco
Fabiano Gama	Gama Partner Serv. em Geral	Rio de Janeiro
Filipe Trindade	KnowHow / Rede TVBox	Mato Grosso do Sul
Gabriel Kanner	Riachuelo	Presidente
Lúcio Flávio Rocha	Acese Assoc. Com. e Empresarial de Sergipe	Coordenador Nacional de Núcleos
Marisa Carneiro (Marisa Elena de Melo M. Carneiro)	Santa Catarina Empreend. Ltda / ACIEG – Assoc. Comercial, Industrial e de Serviços de Goiás.	Goiás
Raphael Dutra	Vereador (PSD) Barretos	Barretos e região SP
Ricardo Sapi		Minas Gerais
Rodrigo Nóbrega	Advogado	Ceará
Ronald Tanimoto	Arquiteto/coordenador MBL	Campinas SP
Willian Assis	Ex-presidente AJE–Assoc. de Jovens Empresários	Rio Grande do Sul
Zizo Ribeiro	Investidor	Diretor

Fonte: Site do IB200. Disponível em <<https://www.brasil200.com.br/quem-somos/>>. Acessado em 05 jun. 2020.

Na tabela se encontram jovens empresários, proprietários e executivos de pequenos negócios, que são responsáveis em promover o

[23727277+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://www.brasil200.com.br/quem-somos/)>. Acessado em 16 jun. 2020.

29.CRAVO, Alice. Dono da SmartFit pedia em grupo de empresários dinheiro para impulsionar mensagens contra o Legislativo, *O Globo*, 27 mai. 2020. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/dono-da-smartfit-pedia-em-grupo-de-empresarios-dinheiro-para-impulsionar-mensagens-contra-legislativo-1-24449359+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acessado em 16 jun. 2020.

IB200 nas suas regiões. Nesta relação, merece destaque o economista Zizo Ribeiro, que vive de investimentos e tem larga experiência em movimentos. Esteve à frente do Vem Pra Rua, movimento que liderou as manifestações a favor do *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. Encabeçou o Renova Previdência, que contava com cerca de cem participantes, um grupo de estudos que buscou fazer pressão em líderes partidários para tentar convencê-los a votar a proposta da Reforma da Previdência que segundo Ribeiro levaria o “fim de privilégios”. O Renova contou com a parceria do Centro de Lideranças Pública (CLP), que funcionava como um centro de informações sobre políticas públicas que seriam usadas para fazer pressão política. Liderado pelo cientista político Luiz Felipe d’Avila, ligado ao Instituto Millenium, o CLP era financiado pelo BM&F Bovespa, o Banco Pactual e o Banco de Investimentos CreditSuisse. A organização contava ainda com parceiros que ajudavam na divulgação de temas e conteúdos ligados à Previdência, como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).<sup>30</sup>

## AS AÇÕES POLÍTICAS DO INSTITUTO BRASIL 200

Os empresários do IB200 trabalharam muito na campanha presidencial de Bolsonaro ao longo de 2018. Os seguintes empresários ajudaram financeiramente e apoiaram de forma pública o então candidato: os sócios Afrânio Barreira Filho e Eugênio Veras Vieira, Alberto Saraiva, Flávio Rocha, José Marcelo Braga Nascimento, Lu-

---

30.BORGES, Helena. Cofundador do Movimento Vem Pra Rua, que esteve à frente do impeachment, agora agita grupo de apoio à Reforma da Previdência, The Intercept, 7 dez. 2017. Disponível em <<https://theintercept.com/2017/12/07/cofundador-do-movimento-vem-pra-rua-que-esteve-a-frente-do-impeachment-agora-agita-grupo-de-apoio-a-reforma-da-previdencia/>>. Acessado em 17 jun. 2020.

ciano Hang, Marcelo Pessoa, Sebastião Bonfim e Washington Cinel. Alguns promoveram reuniões e coquetéis com a finalidade de atrair mais empresários. Para angariar votos, Luciano Hang coagiu seus funcionários para votarem no seu candidato, crime que se encontra no art. 344 do Código Penal e que está na contramão do modelo constitucional de Democracia. Direcionou e influenciou os votos dos trabalhadores de sua empresa por meio de chantagem, “pessoal, nós vamos sofrer muito porque nos dói no coração ter que fechar empresas, ter que demitir pessoas. [...] Não se esqueça: quando um país fica pobre, tudo desvaloriza” (BORTONE, 2020).

Em 6 de junho do mesmo ano, o IB200 criou a Frente Parlamentar Mista Brasil 200, no salão nobre da Câmara dos Deputados, para atuar e influenciar nas pautas no Congresso. A Frente contava, em novembro, com 249 deputados e 20 senadores, além de empresários, acadêmicos e membros da sociedade civil simpáticos ao movimento.<sup>31</sup> Na Câmara, o colegiado era coordenado pelo deputado Jerônimo Goergen (PP-RS), e no Senado Federal, a Frente ficou sob o comando do senador Eduardo Lopes (PRB-RJ).<sup>32</sup>

A carta de princípios da Frente Parlamentar previa a redução do custo da máquina pública; o combate à corrupção e ao excesso de regulamentação governamental; o estímulo à competitividade; o fim de privilégios ou proteções; e a diminuição da carga tributária. A Frente era, portanto, suprapartidária destinada a aprimorar a legisla-

---

31.Site do IB200. Disponível em <<https://www.brasil200.com.br/single-post/2018/06/05/Frente-Parlamentar-Brasil-200-%C3%A9-lan%C3%A7ada-no-Congresso-Nacional>>. Acessado em 30 mar. 2019.

32.Frente Parlamentar Brasil 200 é lançada no Congresso Nacional, PRB10, 06 jun. 2018. Disponível em <<https://www.prb10.org.br/noticias/prb-nacional/frente-parlamentar-brasil-200-e-lancada-no-congresso-nacional/>>. Acessado em 30 mar. 2019.



ção referente a consolidação da Paula liberal. Foi autorizado à Frente o uso do espaço da Câmara, desde que suas atividades não interferissem no andamento dos outros trabalhos da Casa e não implicassem contratação de pessoal e fornecimento de passagens aéreas. Para fins de registro, deveria ser integrada por, no mínimo, um terço de membros do Poder Legislativo Federal.<sup>33</sup>

Em julho de 2018, o coordenador da Frente Parlamentar Mista Brasil 200, que tinha como presidente Jerônimo Pizzolotto Goergen (PP-RS), vice-presidente Eduardo Benedito Lopes (PRB-RJ) e 1º secretário Índio da Costa (PSD-RJ),<sup>34</sup> propôs criar a ‘CPI do *Facebook*’, após a exclusão de redes de *fake news*. Na época, o *Facebook* removeu 196 páginas do Brasil, entre elas a do Movimento Brasil Livre (MBL), aliado do, então, MB200, e a sua própria página,<sup>35</sup> sob acusação de “desinformação”, como parte da política de combate a notícias falsas. A Frente entendia como arbitrária a decisão de desativar páginas que produziam e disseminavam *fake news*.<sup>36</sup> A posição firme contra esta ação foi coerente uma vez que Bolsonaro cresceu e ganhou as eleições com a ajuda de notícias falsas, que é crime previsto e tipificado pelo Código Penal e pelo Código Eleitoral.

---

33.Site da Câmara dos Deputados. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/558494-FRENTE-PARLAMENTAR-VAI-DEBATER-PROPOSTAS-DE-REESTRUTURACAO-DO-ESTADO-BRASILEIRO.html>>. Acessado em 30 mar. 2019.

34.Diário do Senado Federal, nº 81 de 2018. Disponível em <<http://legis.senado.leg.br/diarios/BuscaPaginasDiario?tipDiario=1&datDiario=7/6/2018&numPagina=40&from=DiarioLaTeX>> Acessado em 30 mar. 2019.

35.<https://oglobo.globo.com/brasil/facebook-derruba-rede-de-fake-news-usada-pelo-mbl-22917346>

36.Coordenador da Frente Parlamentar Mista Brasil 200 propõe criar “CPI do Facebook”, *Isto é*, 25 jul. 2018. Disponível em <<https://istoe.com.br/coordenador-da-frente-parlamentar-mista-brasil-200-propoe-criar-cpi-do-facebook/>>. Acessado em 30 mar. 2019.

Em 28 de outubro de 2018, Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil, a terceira menor vitória no segundo turno desde a redemocratização<sup>37</sup>. Empolgados com a vitória do seu candidato, o então MB200, em parceria com a FIESP, lançou, em dezembro, a campanha “Empregue +1 – Empresários unidos a favor do emprego” para gerar 1 milhão de empregos formais em janeiro de 2019, coincidindo com o início do governo<sup>38</sup>. Mas a promessa de vagas ficou no papel, 1 milhão de empregos prometido virou 30 mil. Gabriel Kanner justificou que “tivemos dificuldade para ganhar capilaridade entre médias e pequenas empresas por conta desse clima de incerteza”.<sup>39</sup> Com grande interesse na aprovação da Reforma da Previdência, o empresário João Appolinário atribuiu a ela o cancelamento das vagas: “O setor produtivo depende da economia do País. Não adianta criar um posto de trabalho com o País parado por causa da Previdência”.<sup>40</sup>

Embora houvesse uma crise econômica em 2018, os empresários apostaram na campanha porque apoiavam Paulo Guedes e estavam confiantes no seu projeto para a política econômica, conforme postagem no *Facebook* do IB200, em janeiro de 2019, quando o ministro

---

37.MÁXIMO, Welton. Com 100% das urnas apuradas, Bolsonaro obteve 57,7 milhões de votos, *Agência Brasil*, 28 out. 2018. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/com-100-das-urnas-apuradas-bolsonaro-teve-577-milhoes-de-votos>>. Acessado em 16 jun. 2020.

38.Executivos otimistas com Bolsonaro querem gerar 1 milhão de empregos, *Exame*, 11 dez. 2018. Disponível em <<https://exame.com/economia/executivos-otimistas-com-bolsonaro-querem-gerar-1-milhao-de-empregos/>>. Acessado em 17 jun. 2020.

39.Promessa de vagas ficou no papel, admitem empresários ligados ao Movimento Brasil 200, *Correio do Povo*, 11 mai. 2019. Disponível em <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/promessa-de-vagas-ficou-no-papel-admitem-empres%C3%A1rios-ligados-ao-movimento-brasil-200-1.338388>>. Acessado em 16 jun. 2020.

40.Idem

foi ao Fórum Econômico Mundial, em Davos (Suíça): “Paulo Guedes impressiona o mundo com recuperação do Brasil”.<sup>41</sup>

Em março de 2019, afoitos em dar início às aprovações das reformas, empresários do IB200 entregaram ao presidente uma carta em apoio à Reforma da Previdência, proposta pelo governo federal, “a mãe de todas as reformas é a Nova Previdência, sinalizando solidez fiscal, responsabilidade com o futuro do país e garantia de estabilidade econômica para os próximos anos”, diz um trecho da carta. A Frente Parlamentar Mista Brasil 200, em apoio a Reforma, decidiu ir de vez para o **“corpo a corpo” para garantir votos suficientes** para sua aprovação. Segundo Flávio Rocha, “precisamos nos unir, todos aqueles que defendem o mesmo propósito, e os propósitos são três: Reforma da Previdência, Reforma da Previdência e Reforma da Previdência”<sup>42</sup>.

Segundo Luciano Hang, a principal missão da Frente Parlamentar era articular a aprovação da Reforma da Previdência que, segundo ele, era crucial para o futuro do país, “se nós não conseguirmos colocar essa Nova Previdência no ar, não vai ter investimento, o Brasil quebra e volta o desemprego”<sup>43</sup>.

---

41. *Facebook* do IB200. Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=194434831744000>>, 22 jan. 2019. Acessado em 28 jun. 2020.

42. “Brasil 200” cria Frente Parlamentar e apóia Reforma da Previdência, *Boletim da Liberdade*, 27 mar. 2019. Disponível em <<https://www.boletimdaliberdade.com.br/2019/03/27/movimento-brasil-200-cria-frente-parlamentar-e-apoia-a-reforma-da-previdencia/>>. Acessado em 30 mar. 2019.

43. VILELA, Pedro Rafael. Empresários entregam a Bolsonaro carta apoiando reforma da Previdência, *Agência Brasil*, 26 mar. 2019. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-03/empresarios-entregam-bolsonaro-carta-apoiando-reforma-da-previdencia>>. Acessado em 19 jun. 2020.

Após prometer, e não cumprir, um milhão de empregos no primeiro mês do governo Bolsonaro, e de fazer um “corpo a corpo” em Brasília para pressionar pela aprovação da Reforma da Previdência, o IB200 começou, em maio de 2019, a participar ativamente na elaboração de políticas públicas, “a ideia é ter ação política”, explicou Gabriel Kanner. Iniciou-se o *lobby* no Executivo e no Legislativo por políticas liberais, que se concentravam em três frentes: 1) troca de informações com o Ministério da Fazenda sobre a Reforma da Previdência; 2) parceria com a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damarens Alves para desenvolver projetos de capacitação de empreendedorismo em comunidade vulnerável; 3) participar da elaboração do texto, com mudanças infraconstitucionais, para a Reforma Tributária<sup>44</sup>. A proposta do IB200, para a Reforma Tributária, propunha a unificação de quase todos os tributos federais e a criação de um imposto único sobre movimentações financeiras, nos moldes da antiga CPMF - Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira. A transação financeira, no entanto, seria feita em duas vezes, por quem envia e por quem recebe, tributado a alíquota de 2,5%.<sup>45</sup>

Com a chegada do novo coronavírus ao Brasil, o empresariado, preocupado com seus lucros, logo se articulou para enquadrar as atividades essenciais e flexibilizar as medidas de isolamento social. Contrariando as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da comunidade científica, tal posicionamento encontrava

---

44.DYNIWICZ, Luciana, *op. cit.*

45.Veja as principais propostas da reforma tributária, *Folha S. Paulo*, 11 set. 2019. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/07/veja-as-principais-propostas-da-reforma-tributaria.shtml>>. Acessado em 20 jun. 2020.

respaldo nas declarações e atitudes do próprio presidente da República, que minimizava (e minimiza) a gravidade da pandemia.

Com a finalidade de apoiar o ex-capitão do Exército e para pressionar o Congresso e o Superior Tribunal Federal (STF) para aprovarem reformas econômicas, o empresariado, mesmo com ameaça crescente do coronavírus, participou, em 2020, de atos públicos. No dia 15 de março, cidades organizaram atos pró-Bolsonaro, Gabriel Kanner esclareceu que o IB200 não faria convocação, mas liberou seus membros para decidirem individualmente. Luciano Hang publicou nas suas redes sociais seu apoio ao ato e garantiu presença. Kanner confirmou presença e explicou que o ato era contra o PEC nº 45/2019,<sup>46</sup> analisado a frente. Em 26 de maio ocorreu outra manifestação, inicialmente convocada para pedir o fechamento do Congresso e do STF. Segundo o IB200, sua participação se deu porque trocaram as pautas golpistas por republicanas e moderaram o tom da convocação. “Estávamos contrários porque a manifestação surgiu de forma nebulosa, com pautas com ataques às instituições e a favor do fechamento do Congresso. Somos contrários à tese revolucionária. Acreditamos que as mudanças têm de ser feitas pelas instituições”, afirmou Kanner.<sup>47</sup>

O isolamento social foi adotado, por governadores e prefeitos, como forma de conter a pandemia de coronavírus que atingiu o Brasil, mas provocou uma grande intolerância no empresariado, que,

46.CUNHA, Joana. Grupo de empresários diz que não vai a ato contra Congresso, *Folha S. Paulo*, 2 mar. 2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painelsa/2020/03/grupo-de-empresarios-diz-que-nao-vai-a-ato-contra-congresso.shtml+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acessado em 20 jun. 2020.

47.Empresários, liderados por Flávio Rocha, decidem apoiar ato pró-Bolsonaro, *Exame*, 24 mai. 2019. Disponível em <<https://exame.com/brasil/empresarios-liderados-por-flavio-rocha-decidem-apoiar-ato-pro-bolsonaro/>>. Acessado em 29 jun. 2020.

preocupados apenas com seus interesses, temiam reduzir ou perder seus ganhos. Alinharam-se ao pronunciamento crítico do presidente, que não se dispôs a criar qualquer estratégia de prevenção, com relação às ações preventivas recomendadas pela OMS e pesquisadores. Imediatamente, Luciano Hang, que teve um faturamento de R\$ 10,7 bilhões em 2019<sup>48</sup> e entrou para a lista dos bilionários da Forbes,<sup>49</sup> defendeu a redução de salários e liberação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), como medidas para minimizar o impacto. Roberto Justus e Hang, como outros empresários, iniciaram uma campanha publicitária com intuito de minimizar a pandemia, defender a “volta ao trabalho” para o “Brasil não parar”.<sup>50</sup> Edgard Corona e Flávio Rocha, neste momento ex-membros do IB200, e outros empresários acompanharam Bolsonaro ao STF para defender e pressionar o fim do isolamento e a reabertura do comércio nos estados. Uma clara demonstração que não estavam preocupados com as quase 24 mil pessoas mortas, na época, pela Covid-19 e com o crescimento da curva de infectados e de óbitos.

Com a finalidade de criar agentes para ocuparem espaço dentro do Estado para organizarem, formularem e implementarem políticas públicas condizente com a agenda liberal do IB200, Gabriel Kanner anunciou, em julho de 2020 o lançamento de curso para orientar as-

48.MACHADO, Pedro. Havan divulga faturamento de R\$ 10,7 bilhões em 2019, *NSC Total*, 21 jan, 2020. Disponível em <<https://www.nscototal.com.br/colunistas/pedro-machado/havan-divulga-faturamento-de-r-107-bilhoes-em-2019-0>>. Acessado em 28 jun. 2020.

49.Luciano Hang, dono da Havan, entra para a lista dos bilionários da Forbes, *Veja*, 6 mar. 2019. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/economia/luciano-hang-dono-da-havan-entra-para-a-lista-dos-bilionarios-da-forbes/>>. Acessado em 22 jun. 2020.

50.CANDIDO JR., José. Isolamento social por coronavírus gera ‘polarização’ entre empresários do país, *Estado de Minas*, 25 mar. 2020. Disponível em <[https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/03/25/internas\\_economia,1132330/isolamento-social-coronavirus-polarizacao-empresarios-brasil.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/03/25/internas_economia,1132330/isolamento-social-coronavirus-polarizacao-empresarios-brasil.shtml)>. Acessado em 23 jun. 2020.

pirantes a “político de direita” que queiram se candidatar nas eleições municipais. “A ideia é disseminar cada vez mais os valores em que a gente acredita. Existem outros cursos que promovem formação política, mas o nosso vai ser o primeiro a formar políticos de direita”, explicou Gabriel.<sup>51</sup>

## A LEI DO RETORNO

O empresariado aloca grandes recursos em políticos de maneira estratégica, com o objetivo de conquistar influência política dentro do parlamento, angariar vantagens e posições importantes no Estado, de onde trabalham para beneficiar os negócios de sua classe para, assim, ser favorecido com políticas públicas que defendam seu negócio. Depois do envolvimento, participação, apoio e financiamento da campanha presidencial, Bolsonaro deu o retorno ao empresariado.

De imediato, o presidente alocou em cargos públicos empresários, pois segundo o presidente “está na hora de o Brasil ter empresários cuidando das coisas” (MORAIS, 2018). Embora não sejam membros do IB200, objeto deste artigo, vale citar dois empresários. José Salim Mattar (Localiza) tornou-se responsável pelas privatizações na Secretaria Especial de Desestatização e Desinvestimento do Ministério da Economia. Mattar passou a ter a função de tirar do Estado tudo aquilo que pode ir para a iniciativa privada. Joseph Meyer Nigri (Tecnisa Engenharia), além de atuar diretamente no governo

---

51.SAMPAIO, Paulo. Herdeiro da Riachuelo lança curso para formar “político de direita”, *UOL*, 26 jul. 2020. Disponível em <[https://noticias.uol.com.br/colunas/paulo-sampaio/2020/07/26/herdeiro-da-riachuelo-lanca-curso-para-formar-politico-de-direita.htm?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=social-media&utm\\_campaign=uol&utm\\_content=geral&fbclid=IwAR362SWbhpsJDB4jsrmuf1yTaWiSkYWASkKgiSUBg8c-TX6eO2oCX20AsDI](https://noticias.uol.com.br/colunas/paulo-sampaio/2020/07/26/herdeiro-da-riachuelo-lanca-curso-para-formar-politico-de-direita.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=uol&utm_content=geral&fbclid=IwAR362SWbhpsJDB4jsrmuf1yTaWiSkYWASkKgiSUBg8c-TX6eO2oCX20AsDI)>. Acessado em 29 jul. 2020.

indicando pessoas para cargos importantes, tal como Ricardo Salles para o Ministério do Meio Ambiente, Fábio Wajngarten para a Secretaria de Comunicação e Nelson Teich para o Ministério da Saúde, foi agraciado com uma nova linha de crédito imobiliário da Caixa Econômica Federal, que atenderia diretamente o seu setor. Era um pedido sobre o qual o empresário insistia há pelo menos cinco anos, sem sucesso (BORTONE e HOEVELER, 2020).

Posteriormente, Bolsonaro deu início à execução das promessas de campanha: mudanças das leis trabalhistas, aprovação da Reforma da Previdência, corte nos gastos públicos, remoção da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) nas demarcações de terras indígenas, neutralização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), extinção de estatais etc.

Foi aprovada a proposta da Reforma da Previdência, que acabou com vários direitos da classe trabalhadora e beneficiou o empresariado, tais como: aboliu o pagamento de multa 40% do saldo do FGTS, quando o trabalhador se aposentasse e continuasse na mesma empresa, e isentou o empresário de continuar contribuindo com o FGTS; acabou com a aposentadoria por tempo de contribuição, somente quando atingir a idade mínima, 62 anos para mulher e 65 para homens; **diminuiu para 50% o valor da pensão por morte; restringiu o acúmulo de pensão e aposentadoria, etc.**

Para aprofundar a Reforma Trabalhista do ex-presidente Michel Temer (2016-2018), Bolsonaro sancionou a “minirreforma trabalhista”, que alterou e flexibilizou várias regras, que colocou o trabalhador em uma situação ainda mais difícil e beneficiou o empresariado. Para atender ao empresário do agronegócio, o governo autorizou



o uso de diversos agrotóxicos, alguns proibidos nos seus países de origem e condenados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), pois causam danos irreversíveis aos consumidores. Em 2019, foram liberados 290 tipos.<sup>52</sup>

Com relação aos gastos públicos, dentre outros exemplos, o governo fez cortes na Educação e extinguiu bolsas de estudos e pesquisa, colocando em risco as pesquisas do país<sup>53</sup>; o salário mínimo não teve o ganho real, apenas a reposição da inflação<sup>54</sup>; o Secretário de Privatizações, o empresário Mattar, passou a cuidar do processo que poderá colocar fim ao conglomerado estatal de TV, rádio e agência de notícias, a Empresa Brasil de Comunicação (EBC)<sup>55</sup>. No primeiro mês na presidência, Bolsonaro tentou transferir para o Ministério da Agricultura a atribuição de realizar as demarcações de terras indígenas, tirando a função da FUNAI. Foi impedido pelo STF.<sup>56</sup> Por fim, com relação ao IBAMA, o *presidente* vem tentando neutralizar

---

52. Governo Bolsonaro libera 51 agrotóxicos e totaliza 290 no ano, *Época Negócios*, 23 jul. 2019. Disponível em <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2019/07/governo-bolsonaro-libera-51-agrotoxicos-e-totaliza-290-no-ano.html>>. Acessado em 09 jul. 2020.

53. Governo Bolsonaro anuncia novo corte e cancela 5,8 mil bolsas de pesquisa, *Rede Brasil Atual*, 3 set. 2019. Disponível em <<https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2019/09/governo-bolsonaro-anuncia-novo-corte-e-cancela-58-mil-bolsas-de-pesquisa/>>. Acessado em 28 jun. 2020.

54. Governo acaba com política de ganho real sobre o salário mínimo, *Veja*, 16 abr. 2019. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/economia/governo-acaba-com-politica-de-ganho-real-sobre-o-salario-minimo/>>. Acessado em 23 jun. 2020.

55. SOARES, Jussara. Promessa de campanha, EBC será extinta, afirma Bolsonaro, *O Globo*, 21 mai. 2019. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/promessa-de-campanha-ebc-sera-extinta-afirma-bolsonaro-23708282+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acessado em 25 jun. 2020.

56. FELLET, João. Os 5 principais pontos de conflito entre governo Bolsonaro e indígenas, *BBC*, 20 jan. 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51229884>>. Acessado em 25 jun. 2020.

o papel da estatal na aplicação de multas nos crimes ambientais causados por empresários da mineração, agronegócio, madeireiras etc.<sup>57</sup>

Durante a pandemia do coronavírus, Bolsonaro criou medidas para salvar o empresariado em detrimento ao trabalhador, para o qual só garantiu um auxílio mensal de R\$ 600,00. No início da pandemia, o presidente publicou, em 22 de março, a Medida Provisória nº 927, que autorizava a suspensão do contrato de trabalho por até quatro meses, e o empregador não pagaria o salário. Depois a revogou.<sup>58</sup> No dia 11 de maio, Bolsonaro assinou o Decreto nº 10.344, que ampliou os serviços considerados essenciais, quando a pandemia crescia no país com 169.143 infectados e 11.625 mortos<sup>59</sup>. Foram incluídos os salões de beleza, barbearias e academias de ginástica, com a justificativa que “saúde é vida” e acrescentou “a pessoa fica em casa sedentária, aumenta colesterol, piora a saúde”.<sup>60</sup> Este decreto favorecia diretamente Edgard Corona, proprietário da rede de academias Smart Fit e Bio Ritmo. O Decreto foi revogado.

---

57.BETIM, Felipe. Bolsonaro neutraliza o papel do Ibama na aplicação de multas ambientais, *El País*, 8 mai. 2019. Disponível em < [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/politica/1555009346\\_229285.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/politica/1555009346_229285.html)>. Acessado em 20 jun. 2020.

58.CASTANHO, William e SALOMÃO, Alexa. Bolsonaro autoriza suspensão de contrato de trabalho por 4 meses e depois volta atrás, *Folha de S. Paulo*, 23 mar. 2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/mp-de-bolsonaro-suspende-contrato-de-trabalho-por-4-meses.shtml>>. Acessado em 1º jul. 2020.

59.Worlometer. Disponível em <<https://www.worldometers.info/coronavirus/country/brazil/>>

60.Bolsonaro inclui academias de ginástica e salões entre serviços essenciais, *Correio Braziliense*, 11 mai. 2020. Disponível em <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/11/interna\\_politica,853674/bolsonaro-inclui-academias-de-ginastica-e-saloes-entre-servicos-essenc.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/11/interna_politica,853674/bolsonaro-inclui-academias-de-ginastica-e-saloes-entre-servicos-essenc.shtml)>. Acessado em 1º jul. 2020.

## AS TENSÕES INTRACLASSES

As classes dominantes, que atuam politicamente na sociedade civil através de suas entidades, buscam difundir suas concepções de mundo e projetos de sociedade, mas têm seus conflitos intraclasse, que expressam as diferenças de interesses.

O empresariado do IB200, embora se identificasse nos interesses materiais e tivesse em comum a vitória eleitoral do Bolsonaro, as divergências não demoraram em aparecer. Em conversa sigilosa com o jornal *O Globo*, alguns empresários relataram que as tensões internas no IB200 iniciaram quando o grupo passou a defender o armamento e a atacar a China, maior parceiro comercial do país. Alguns do grupo reproduziram *posts* de Gabriel Kanner, em defesa de Eduardo Bolsonaro, que culpou a governo chinês pelo coronavírus.<sup>61</sup> Os empresários reclamaram, ainda, de que as pautas eram dominadas, às vezes, por interesses de seus empresários mais influentes e nunca debatiam abertamente o eventual apoio às *fakes news*.<sup>62</sup>

Com dois meses de existência, em março de 2018, Luiza Helena Trajano sinalizou que não estava mais no IB200, conforme vinha sendo noticiado pela imprensa que era membro. Ao ser indagada, a empresária explicou que gostava da política de mercado de Flávio Rocha, mas devido ao movimento que lidera, Grupo Mulheres

---

61.MEGALE, Bela. Grupo de empresários bolsonaristas apoia ataques à China, *O Globo*, 21 mar. 2020. Disponível em <<https://blogs.oglobo.globo.com/bela-megale/post/grupo-de-empresarios-bolsonaristas-ligados-apoia-ataques-china.html+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acessado em 24 jun. 2020.

62.BATISTA, Henrique Gomes. Inquérito das *fake news* faz movimento Brasil 200 perder força, *O Globo*, 09 jun. 2020. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/inquerito-das-fake-news-faz-movimento-brasil-200-perder-forca-24469565+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acessado em 20 jun.2020.

do Brasil, “tenho de ser muito apartidária”<sup>63</sup>, o que comprova que o IB200 não é apartidário como se apresentava, tinha posições políticas. Mas, em maio de 2019, Lúcio Flávio Rocha declarou que o Grupo tinha parceria com o IB200<sup>64</sup>.

As divergências se intensificaram depois de uma série de ações em diferentes momentos, tais como: empresários começaram a fazer críticas a Bolsonaro; outros articularam uma série de ações ilícitas, antidemocráticas e violentas para proteger Bolsonaro, pressionar a aprovação dos seus projetos e acabar com o isolamento social como medida de proteção contra o coronavírus. Estas tensões levaram ao desligamento de alguns membros do Instituto.

Em fevereiro de 2020, Edgard Corona propôs a empresários que divulgassem pelas suas redes sociais vídeos e mensagens de ataques ao deputado federal e presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ). Sentiam-se prejudicados pela PEC 45/2019, projeto de Reforma Tributária elaborada pelo economista Bernard Appy e defendida por Maia, pois, segundo os empresários, elevaria os custos das empresas. Em mensagem enviada a grupo de *WhatsApp*, batizado de “Brasil 200 Empresarial”, o empresário pediu dinheiro para investir em marketing e impulsionar vídeos de ataques à Maia. No mês seguinte, por ordem do STF, foi aberto um inquérito contra Corona, tocado pelo ministro relator Alexandre de Moraes, que apontou o empresário como um dos possíveis financiadores de

63. ‘Quase apanhei até das mulheres ao defender cotas em empresas’, diz dona do Magazine Luiza, R7, 20 mar. 2018. Disponível em <<https://noticias.r7.com/economia/quase-apanhei-ate-das-mulheres-ao-defender-cotas-em-empresas-diz-dona-do-magazine-luiza-20032018>>. Acessado em 21 jun. 2020.

64. Audiência pública debate empreendedorismo feminino, *AJN*, 11 abr. 2019. Disponível em <<https://ajn1.com.br/politica/audiencia-publica-debate-empreendedorismo-feminino/>>. Acessado em 21 jun. 2018.

publicações e vídeos com conteúdo ofensivos, com mensagens que defendem a “subversão da ordem” e incentivam a “quebra da normalidade institucional e democrática”.<sup>65</sup> Kanner comentou, e já tirando o corpo fora, que ele não pode se responsabilizar pelas opiniões das pessoas do grupo de mensagens e que nunca financiou ataques a qualquer pessoa.<sup>66</sup>

Helcio Honda, diretor titular do Departamento Jurídico da FIESP e advogado de Paulo Skaf, deixou o cargo de vice-presidente da IB200, em 11 de fevereiro de 2020, depois que teve seu nome envolvido na articulação organizada por Edgard Corona contra Rodrigo Maia. Helcio afirmou que é “inverídico atribuir qualquer participação da minha pessoa em qualquer ato ou manifestação praticada pela entidade”.<sup>67</sup>

Dois acontecimentos posteriores, resultados da dificuldade do presidente em governar, intensificaram as tensões no IB200, que levaram ao desligamento de alguns empresários do Instituto.

No dia 24 de março de 2020, Bolsonaro fez um pronunciamento, em rede nacional, sobre a crise no coronavírus, que foi mal avaliado

65.CRAVO, Alice. Dono da SmartFit pedia em grupo de empresários dinheiro para impulsionar mensagens contra o Legislativo, *O Globo*, 27 mai. 2020. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/dono-da-smartfit-pedia-em-grupo-de-empresarios-dinheiro-para-impulsionar-mensagens-contra-legislativo-1-24449359+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acessado em 23 jun. 2020.

66.CUNHA, Joana. Dono da Smart Fit entrou no inquérito das *fake news* após disputa de empresários a favor da CPMF, *Folha S. Paulo*, 28 mai. 2020. Disponível <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/dono-da-smart-fit-entrou-no-inquerito-das-fake-news-apos-disputa-de-empresarios-a-favor-da-cpmf.shtml+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acessado em 25 jun. 2020.

67.FRAGÃO, Luiza. Vice-presidente do Brasil 200, que arrecadava recursos para campanhas a favor de Bolsonaro, deixa grupo, *Revista Fórum*, 28 fev. 2020. <<https://revistaforum.com.br/politica/vice-presidente-do-brasil-200-que-arrecadava-recursos-para-campanhas-a-favor-de-bolsonaro-deixa-grupo/>>. Acessado em 25 jun. 2020.

por empresários. Em tom agressivo, o presidente atacou a imprensa, afirmou que a COVID-19 se tratava de uma “gripezinha”, afirmou a eficácia da cloroquina no tratamento da doença e criticou de forma hostil governadores e prefeitos que estavam enfrentando o coronavírus com firmeza, depois que o STF os garantiu autonomia para determinarem medidas para o enfrentamento, “devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa”, e acrescentou “por que fechar escolas?”. Inconformado com o isolamento social, como medida protetiva, o presidente afirmou “devemos, sim, voltar à normalidade” e a “rotina no país deve retornar à realidade”.<sup>68</sup>

Gabriel Kanner criticou duramente o pronunciamento de Bolsonaro por não ter conseguido criar um clima de segurança para a população e por não ter uma postura de líder da nação. Afirmou o presidente do IB200 que a crise não poderia ser menosprezada e que o país precisava de seriedade e responsabilidade dos líderes, deve “esquecer as picuinhas” e afirmou, “está na hora de liderar”. Kanner criticou também o “isolamento vertical” proposto pelo ex-capitão, dizendo que a medida “não salva o PIB nem poupa a população de adoecer”.<sup>69</sup> Alguns empresários se posicionaram contrários às críticas de Kanner.

---

68. ‘Gripezinha’: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre Covid-19, *Uol*, 24 mar. 2020. Disponível <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>>. Acessado em 19 jun. 2020.

69. CUNHA, Joana. Discurso de Bolsonaro não teve postura de líder de nação, diz grupo de empresários, *Folha S. Paulo*, 25 mar. 2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painelsa/2020/03/discurso-de-bolsonaro-nao-teve-postura-de-lider-de-nacao-diz-grupo-de-empresarios.shtml+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acessado em 26 jun. 2020.

A outra crítica ao presidente aconteceu no dia 24 de abril, quando Sergio Moro, então, ministro da Justiça, pediu exoneração do cargo. Kanner se sentiu traído com as acusações que Moro fez de que o presidente tentou interferir em investigações da Polícia Federal. Kanner revelou “para mim acabou qualquer tipo de confiança ou apoio que a gente poderia dar a este governo, me sinto traído, Bolsonaro é um traidor da pátria”.<sup>70</sup> Luciano Hang, um dos maiores apoiadores de Bolsonaro, agradeceu tudo o que o ex-ministro havia feito pelo país. Flávio Rocha, por sua vez, teve uma opinião diferente, manteve o apoio ao presidente e afirmou que aguardava as reformas com Bolsonaro à frente, “[...] agora, o Brasil deve se concentrar em continuar com as reformas estruturais que são ainda mais fundamentais para que possamos recuperar a economia no período pós-coronavírus”.<sup>71</sup>

Depois das posições críticas de Gabriel Kanner nos dois casos, levaram ao afastamento de alguns membros: Flávio Rocha, Sebastião Bomfim, Edgard Corona e Washington Cinel. No dia 4 de maio, Bomfim e Corona deixaram o IB200, decisão que foi reforçada depois que a coluna Painel S/A (*Folha de S. Paulo*) publicou que Kanner havia agendado uma *live* com o vice-presidente, General Mourão<sup>72</sup>,

---

70. Empresários se sentem ‘traídos’ por governo após acusações de Moro, *Folha de Dourados*, 26 abr. 2020. Disponível em <<https://www.folhadedourados.com.br/noticias/brasil-mundo/empresarios-se-sentem-traidos-por-governo-apos-acusacoes-de-moro>>. Acessado em 27 jun. 2020.

71. Presidente do Brasil 200 rompe com Bolsonaro; conselheiro mantém apoio, *Poder 360*, 24 abr. 2020. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/governo/presidente-do-instituto-brasil-200-anuncia-rompimento-com-governo-bolsonaro/>>. Acessado em 27 jun. 2020.

72. CUNHA, Joana. Donos da Centauro e da Smart Fit deixam grupo de empresários que criticou Bolsonaro, *Folha S. Paulo*, 4 mai. 2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painelsa/2020/05/donos-da-centauro-e-da-smart-fit-deixam-grupo>>.

considerado uma alternativa de poder a Bolsonaro. No dia 7 de maio foi a vez do fundador do IB200, Flávio Rocha, a se desligar da entidade por discordar da linha adotada pelo sobrinho. Em carta à *Folha de S. Paulo* justificou que o Instituto estava envolvido no debate cotidiano da política, “próximo de movimento político”.<sup>73</sup> Kanner retrucou, “se certas declarações incomodam algumas pessoas que estavam no grupo, não tem problema. Nos mantemos fiéis aos nossos valores”.<sup>74</sup>

Luciano Hang e Edgard Corona foram envolvidos em mais uma investigação devido as suas ações ilícitas de apoio e financiamento de *fake news* contra o STF. Como já discutido, a prática de notícias falsas foi norma na campanha presidencial de Bolsonaro. Foi criada uma máquina de propaganda eleitoral, uma estrutura forte com grande financiamento por trás, que difundiu propagandas disfarçadas como se fossem informações com memes, panfletos, vídeos e vários outros potencialmente falsos, que determinaram o rumo das eleições. Tinham como objetivos gerar caos entre os eleitores e a opinião pública e tirar a credibilidade do candidato de oposição, Fernando Haddad (PT).

---

de-empresarios-que-criticou-bolsonaro.shtml+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em 26 jun. 2020.

73. Brasil 200, fica aqui a minha despedida, *Folha de S. Paulo*, 7 mai. 2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/05/brasil-200-fica-aqui-a-minha-despedida.shtml>>. Acessado em 24 jun. 2020.

74. CUNHA, Joana. Donos da Centauro e da SmartFit deixam grupo de empresários que criticou Bolsonaro, *Folha de S. Paulo*, 4 mai. 2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painelsa/2020/05/donos-da-centauro-e-da-smart-fit-deixam-grupo-de-empresarios-que-criticou-bolsonaro.shtml+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acessado em 24 jun. 2020.



Ao movimento de criar *fake news*, foram somados ataques a adversários, ao Congresso e ao STF, que abriu um inquérito para apurar os responsáveis, em 27 de maio. A investigação chegou a Carlos Bolsonaro, filho do presidente, suspeito de chefiar uma rede de distribuição de notícias falsas e ataques ofensivos e a dois empresários, Luciano Hang e Edgard Corona, que não era mais membro do IB200, que fariam parte de uma organização criminosa chamada “Gabinete do Ódio”.<sup>75</sup>

Segundo Alexandre Moraes “há informações de que os empresários aqui investigados integrariam um grupo autodenominado de ‘Brasil 200 Empresarial’, em que os participantes colaboram entre si para impulsionar vídeos e materiais contendo ofensas e notícias falsas”, escreveu o ministro do STF que ordenou a quebra dos sigilos fiscal e bancário dos empresários. Gabriel Kanner saiu em defesa do IB200 e afirmou que o Instituto trabalha desde a sua fundação para defender o Estado Democrático de Direito, a Constituição, o liberalismo econômico e o conservadorismo, “jamais criamos ou impulsionamos conteúdo para prejudicar, ofender ou descredibilizar qualquer pessoa ou instituição, ou para disseminar notícias falsas”<sup>76</sup>. A operação, portanto, jogou suspeita sobre o lado mais obscuro da atuação do IB200, exemplo de iniciativa empresarial de cunho político, que está vivendo momentos difíceis com conflitos internos.

---

75.PADUAN, Roberta e SILVA, José Benedito da. Investigação sobre *fake news* reaviva fantasma que assombra Bolsonaro, *Veja*, 24 mai. 2020. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/brasil/investigacao-sobre-fake-news-reaviva-fantasma-que-assombra-bolsonaro/>&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em 24 jun. 2020.

76.PADUAN, Roberta. Presidente do Brasil 200 afirma que grupo não apoia *fake news*, *Veja*, 30 mai. 2020. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/politica/presidente-do-brasil-200-afirma-que-grupo-nao-apoia-fake-news/>>. Acessado em 25 jun. 2020.

Depois de ter ampliado o *lobby* no governo em 2019, com as investigações e inquéritos, os empresários membros do IB200 perderam força, recuaram, se afastaram dos holofotes e foram duramente criticados pela sociedade. Tudo se iniciou em março, após o jornal britânico *The Guardian* ter publicado uma matéria sobre brasileiros que estavam pedindo boicotes as empresas, cujos fundadores ou proprietários apoiavam o presidente da extrema-direita. A matéria apontou alguns empresários do IB200 que haviam atacado Rodrigo Maia com vídeos.<sup>77</sup> Desde então, começou a circular no Brasil várias listas com os nomes das empresas/empresários.<sup>78</sup> Os protestos ganharam força, em junho, quando os empresários foram investigados na CPI das *fake news*, como já discutido. Marcas como Centauro (Sebastião Bomfim), Madero (Junior Durski), Havan (Luciano Hang), Mundo Verde (Carlos Wizard), Coco Bambu (Afrânio Barreira) e SmartFit (Edgard Corona) enfrentam o rigoroso tribunal da internet.<sup>79</sup> A rede de academia Smart Fit foi um caso emblemático. Uma quantidade muito grande de alunos tentou cancelar suas matrículas e a empresa, alarmada, tentou dificultar. A Secretaria Extraordinária de Defesa do Consumidor (PROCON), de São Paulo, notificou a rede depois de muitas denúncias.<sup>80</sup>

77.PHILLIPS, Dom. Brazilians call for boycotts of major companies that support Bolsonaro, *The Guardian*, 5 mar. 2020. Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2020/mar/05/brazil-call-for-boycotts-major-companies-support-jair-bolsonaro>>. Acessado em 8 jul. 2020.

78.Viomundo: Avança boicote a empresários que apoiam políticas de Bolsonaro. *Onze e meia*, 9 mar. 2020. Disponível em <<https://www.onzedemaio.com.br/viomundo-avanca-boicote-a-empresarios-que-apoiam-bolsonaro/>>. Acessado em 07 mar. 2020.

79.BRITO, Sabrina. Empresas que se posicionaram na política sofrem com ameaças de boicotes. *Veja*, 15 jun. 2020. Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/empresas-que-se-posicionam-na-politica-sofrem-com-ameacas-de-boicote/> +&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acessado em 08 jul. 2020.

80.Procon notifica Smart Fit por dificultar cancelamento de matrículas. *Correio Braziliense*, 04 jun. 2020. Disponível em <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/>>

Gabriel Kanner saiu em defesa dos empresários, negou o impulsionamento de notícias falsas, e segue defendendo Bolsonaro, que, segundo Kenner segue focado nos valores que o elegeram e defende que o cenário político precisa ser “amenizado”, uma vez que os Poderes estão “esticando muito a corda”. Acredita que o caminho para sair da crise vai ser colocar em pauta novamente a Reforma Administrativa e a Reforma Tributária.<sup>81</sup>

Diante de risco de processos e da crítica dos clientes das empresas, o IB200 continua silencioso. Estaremos acompanhando os próximos desdobramentos.

## REFERÊNCIAS

BORTONE, Elaine de Almeida e HOEVELER, Rejane Carolina. O clã que indicou Nelson Teich, o coveiro de Bolsonaro. Esquerda On-Line, 21 abr. 2020. Disponível em <<https://esquerdaonline.com.br/2020/04/21/o-cla-que-indicou-nelson-teich-o-coveiro-de-bolsonaro/>>.

BORTONE, Elaine de Almeida. Frações do empresariado em campanha pró-Bolsonaro (2018). Revista Debates, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 60-83, jan.-abril, 2020.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. A nova direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa (1980– 2014). Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal Fluminense, 2016

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, v. 3.

FONTES, Virginia. O Brasil e o capital-imperialismo. Teoria e História. Rio de Janeiro: EPSJV-Fiocruz/UFRJ: 2010

---

[brasil/2020/06/04/interna-brasil,861153/procon-notifica-smart-fit-por-dificultar-cancelamento-de-matriculas.shtml](https://brasil/2020/06/04/interna-brasil,861153/procon-notifica-smart-fit-por-dificultar-cancelamento-de-matriculas.shtml)>. Acessado em 08 jul.2020.

81.BATISTA, Henrique Gomes. ‘Muitas pessoas tentam minar o poder do presidente’, diz Gabriel Kanner, do Instituto Brasil 200. *O Globo*, 9 jun. 2020. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/muitas-pessoas-tentam-minar-poder-do-presidente-diz-gabriel-kanner-do-instituto-brasil-200-24469940+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em 08 jul. 2020.

## CAPÍTULO 3

# FÓRUM DA LIBERDADE: O GRANDE PALCO DAS DIREITAS E DO MOVIMENTO REACIONÁRIO NO BRASIL

Flávio Henrique Calheiros Casimiro (IFSULDEMINAS)<sup>1</sup>

O presente texto parte das perplexidades e angústias do presente, diante da ascensão de um projeto de extrema direita desastroso para todos aqueles que lutam e prezam pelos valores da democracia. Tal projeto tem como peça central uma figura extremamente contraditória, polêmica e truculenta, o militar reformado e ex-deputado Federal, de atuação medíocre, Jair Messias Bolsonaro, que junto de seus filhos e aliados têm tensionado e testado os limites das instituições democráticas brasileiras. Um personagem político caricaturesco que alia forte carisma entre grupos radicais de extrema direita e os setores mais reacionários da sociedade brasileira, com uma forte rejeição e repúdio por parte dos setores progressistas e defensores da democra-

---

1.Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professor de História Econômica e Economia Política do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS.

cia. Como compreender e, mais ainda, como explicar um movimento reacionário com tais características no Brasil do século XXI?

Diante de tais observações iniciais, a proposta deste capítulo – que parte de um recorte e atualização de uma pesquisa mais ampla sobre as estratégias de atuação da burguesia brasileira – é analisar o processo de estruturação desse movimento reacionário a partir da atuação articulada de seguimentos empresariais, dos quais definimos como “nova direita”, cuja arena fundamental para seus discursos e difusão ideológica passou a ser o chamado Fórum da liberdade. Nesse sentido, para uma definição conceitual da constituição do que convencionamos a chamar de “nova direita”, partimos do pressuposto de que esse movimento reacionário, que congrega diferentes matrizes do pensamento liberal e conservador – e que assumiu um significado muito próprio no Brasil, marcadamente caracterizado pelos discursos de ódio, truculência, intolerância, autoritarismo, racismo e LGBTQ fobia –, constitui-se como um processo histórico que precisa ser observado, pelo menos, a partir das últimas três décadas.

Apesar de estarmos diante de um fenômeno marcado por uma assustadora e aparentemente repentina ascensão de um movimento de extrema direita – que parece ter surgido “do nada” ou surgido como um suposto efeito colateral que se deu em função de uma fissura no bloco de poder com as manifestações de 2013 –, é preciso ter em vista que esse processo carrega marcas mais profundas. Desde a redemocratização do Brasil, no final dos anos de 1980, segmentos conservadores e reacionários da burguesia brasileira, insatisfeitos com os rumos da chamada “Nova República”, com as novas diretrizes estabelecidas nas disputas da constituinte, passam atualizar suas estratégias de atuação política e ideológica, em uma sociedade civil

cada vez mais ocidentalizada. Essa redefinição das bases de atuação das direitas pós redemocratização, entretanto, não dá conta de explicar sozinha a guinada recente para um projeto de extrema direita. Mais do que isso, também não dá conta de explicar o fato dessa alternativa mais autoritária ter conseguido agregar outros estratos de classe, obtendo sucesso e conquistado o poder do Estado.

Nesse sentido, uma análise da atualização das forças burguesas no Brasil contemporâneo com a ascensão de um projeto da extrema direita com características protofascistas, discursos reacionários e truculentos, precisa considerar a compatibilização histórica de uma complexidade de elementos e condicionantes. Para nossa análise, vamos nos concentrar nas estruturas organizativas do empresariado brasileiro que tiveram um importante papel na produção de conteúdos e disseminação dos valores característicos dessa nova direita.

Nessa conjuntura de redefinição da estratégia de atuação de amplos setores da burguesia brasileira, é que temos a constituição de inúmeros aparelhos de atuação política e ideológica dos diferentes segmentos da direita brasileira, complexificando as formas de relação com o poder de Estado, bem como, atuando sistematicamente para a produção de consenso em torno de pautas neoliberais na economia e ultraconservadoras no âmbito dos costumes.

Tais aparelhos de ação política e ideológica, desenvolveram formas sofisticadas de articulação e atuação conjunta, criando um bloco importante e consistente de estratégias variadas de difusão e ampliação de seus quadros de seguidores. Esse processo se intensifica como forma pragmática de oposição aos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) e, a partir de 2014, tais aparelhos assumem uma

estratégia política incisiva, assim como um discurso deliberadamente reacionário e violento. Essa capilaridade articulada demonstra-se como um elemento fundamental para a naturalização de determinados discursos e a produção de espécies de “verdades socialmente aceitas”, em virtude da replicação desses conteúdos em diferentes meios. Essa articulação possibilitou tanto a atuação dessas organizações em projetos em comum; o compartilhamento entre elas de membros associados, que aqui chamamos de intelectuais orgânicos; a produção em massa de conteúdos compartilhados e replicados nos mais diferentes aparelhos, desdobrando-se na mídia de forma geral, em blogs e, mais recentemente, redes sociais e aplicativos móveis. Trata-se de uma forma sofisticada, extremamente complexa, difusa e eficiente de produção de consenso.

Diante de todas as conexões diretas e indiretas estabelecidas entre os mais diversificados (tanto na quantidade como no *modus operandi*) aparatos de atuação política e ideológica, com o perfil mais doutrinário, que emergem no supracitado contexto de rearticulação das frações burguesas brasileiras, destaca-se um elemento fundamental que interliga diretamente algumas dessas organizações de ativismo político, a saber: o chamado “*Fórum da Liberdade*”. O Fórum representa um dos principais e mais divulgados eventos de difusão de valores conservadores e da concepção de mundo neoliberal e libertária realizado no Brasil. Pode ser considerado como um verdadeiro reduto das direitas e do conservadorismo não só no país, mas também, internacionalmente, com certa influência nos nossos países vizinhos e considerado pela *Revista Forbes* “o maior evento de debates da América Latina” (FÓRUM DA LIBERDADE, 20/05/2019).

## O FÓRUM DA LIBERDADE

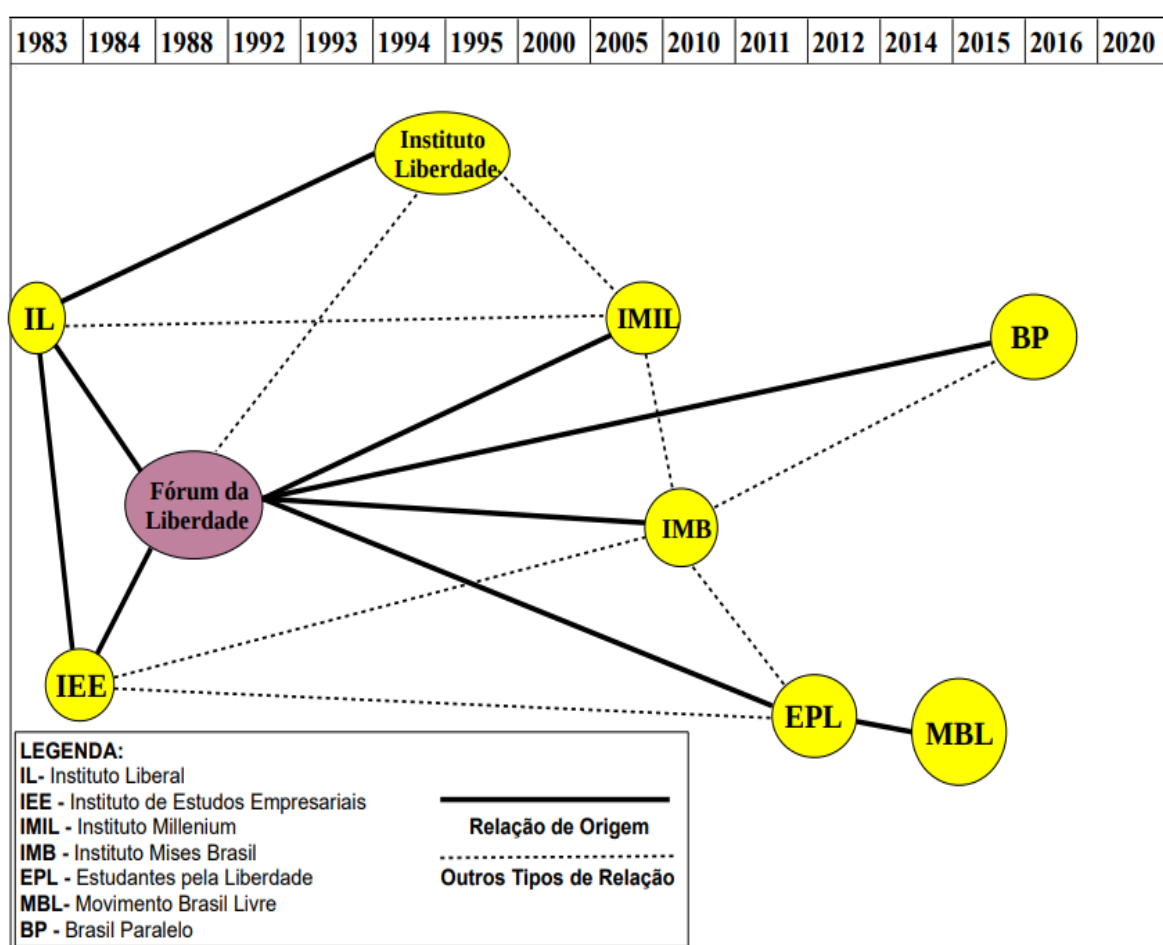
O primeiro Fórum da Liberdade foi realizado no ano de 1988, ano que marca as disputas dos diferentes segmentos da política brasileira, no estabelecimento das novas diretrizes para o país com a redemocratização, a partir da construção da nova carta constituinte. O evento tem como instituição organizadora o Instituto de Estudos Empresariais (IEE). Aparelho de proposta doutrinária, fundado em 1984, no Rio Grande do Sul, com fortes conexões com outra organização de atuação doutrinária, o chamado Instituto Liberal (IL), precursora desse modelo de atuação no Brasil, fundado em 1983.

O IEE destaca-se pelo discurso ultraliberal, de influência da Escola Austríaca de Economia e a Escola Monetarista de Chicago, assim como, pelo conservadorismo ou mesmo reacionarismo no que se refere às pautas de caráter moral. A partir dessa sintonia ideológica e programática, o IEE com o apoio do IL lançaram o Fórum da Liberdade, em 1988. Essa coparticipação direta ou indireta do IL nos fóruns manteve-se constante, principalmente com a transformação do Instituto Liberal do Rio Grande do Sul em Instituto Liberdade, anos mais tarde. Por sua vez, o Instituto de Estudos Empresariais se insere no quadro dos aparatos de atuação política e ideológica da direita brasileira, partilhando dos mesmos pressupostos do Instituto Liberal do Rio Grande do Sul, sendo que grande parte de seus quadros figuram nas duas organizações.

Sendo reconhecido como o principal evento da agenda das direitas no Brasil, o Fórum foi palco para o lançamento público de alguns dos principais aparelhos da nova direita brasileira. Entre essas organizações de reconhecida atuação doutrinária liberal-conserva-



dora, destacamos quatro entidades fundamentais para a ascensão da direita mais reacionária no Brasil contemporâneo, são elas: o Instituto Millenium (IMIL); o Instituto Mises Brasil (IMB); a vertente brasileira do *Students for Liberty*, o Estudantes pela Liberdade (EPL) que desdobrou-se no Movimento Brasil Livre (MBL); e, por fim, o chamado canal Brasil Paralelo. O fluxograma a seguir, apresenta as articulações de algumas das principais organizações de atuação política e ideológica em torno do Fórum da Liberdade:



Elaboração: Flávio Casimiro, 2020.

Como demonstrado acima, algumas dessas organizações possuem vínculos mais formais e estreitos com o Fórum da Liberdade, seja como instituições fundadoras do fórum ou fundadas e anunciadas publicamente no evento. Para além dessa relação de origem, é

possível encontrar conexões das mais variadas entre esses aparelhos, como a organização de estratégias e eventos em conjunto (como é o caso do Fórum da Liberdade); membros dirigentes que ocupam funções significativas, simultaneamente, em diferentes aparelhos; grupos de mantenedores e financiadores em comum; a elaboração conjunta e/ou replicação de conteúdos, cursos e programas uns dos outros, dentre outras.

Dessa forma, essas organizações são responsáveis pela produção e/ou reprodução/difusão de grande parte dos conteúdos utilizados e replicados de diferentes formas por blogs, páginas, redes sociais e grupos de *WhatsApp*, criando toda essa rede extremamente capilarizada de atuação ideológica dessa “nova direita”. Nesse sentido, chamamos a atenção para a evolução temporal da estruturação e articulação entre elas. Uma construção que se inicia ainda como reação da direita conservadora no processo de redemocratização e vai se ressignificando, complexificando suas estratégias de atuação e articulação institucional, até assumir de forma declarada um discurso mais agressivo e radicalizado. O fato é que trata-se de um processo paulatino de organização e composição de um novo *modus operandi* das direitas no Brasil, onde todos esses aparelhos estão em plena atividade na atualidade e, mais do que isso, atuando de forma extremamente articulada.

## APARELHOS DE AÇÃO POLÍTICA E IDEOLÓGICA LANÇADOS PELO FÓRUM DA LIBERDADE

No Fórum da Liberdade realizado em abril de 2006, cujo tema do evento foi, “*O Poder no Brasil: quais os direitos e deveres dos governos?*”,

foi lançado publicamente o chamado Instituto Millenium (IMIL). Evento que teve como figuras de destaque, dentre vários nomes do circuito liberal, os empresários Gustavo Franco (ex-presidente do Banco Central e um dos idealizadores do Plano Real) e Jorge Gerdau Johannpeter (Grupo GERDAU e membro de inúmeras organizações de atuação política e ideológica da Nova Direita, como o IEE, IL, IMIL e outras), além do economista e atualmente Ministro da Economia do Governo Bolsonaro, Paulo Guedes que, por sua vez, figura na relação do Conselho de Curadores do IMIL. Presença e relação estas que voltaremos a tratar ao longo deste texto.

Esse aparato de atuação mais doutrinária, tornou-se um dos mais importantes aparelhos de ação política e ideológica de diferentes segmentos das direitas brasileiras. Uma organização que dispõe de uma impressionante capilaridade, principalmente, em virtude do seu grande número de articulistas especialistas e convidados que, juntos somam mais de 240 intelectuais orgânicos, somente na relação de 2019. Esses intelectuais produzem conteúdos difundidos pela instituição, que são replicados e reproduzidos em uma gama variada de espaços midiáticos, blogs e redes sociais e, obviamente, por outros aparelhos dessa rede. Por conseguinte, o IMIL caracteriza-se como um importante produtor de conteúdos para diferentes canais da direita brasileira.

Os intelectuais ligados ao IMIL, sejam dirigentes, articulistas e/ou convidados também atuam e reproduzem os valores e diretrizes defendidas pela instituição por diversos outros espaços de produção de consenso como organizações classistas e universidades. Seus dirigentes e articulistas também estão ligados, de alguma forma, seja como colunista, articulista, redator ou como dirigente, a outros veí-

culos de comunicação da grande mídia brasileira. Nesse sentido, para entender o papel desempenhado por uma instituição como o IMIL, no processo de construção do consenso, é necessário ter em mente a multiplicação das suas ações e a capilaridade alcançada por seus valores, a partir da trajetória e atuação de seus intelectuais orgânicos em outras esferas, uma vez que, o nome do Millenium muitas vezes sequer aparece nesse processo.

Nesse sentido, é importante compreender que a capacidade de difusão de seus pressupostos e sua concepção de mundo, a partir de aparelhos ideológicos como a mídia, os espaços acadêmicos e as entidades de representação setorial ou de classe, amplia a dimensão de sua atuação, para muito além das ações meramente institucionais promovidas pelo IMIL. É justamente nessa sua capacidade de composição de quadros, atuantes e, no essencial, alinhados aos seus princípios, que reside a sua principal força enquanto intelectual coletivo importante para a renovação da atuação das direitas no Brasil.

Outra organização lançada pelo Fórum da Liberdade, importante no processo de difusão do pensamento mais reacionário na atualidade é o Instituto Von Mises Brasil (IMB). O aparelho foi apresentado publicamente aos círculos liberais brasileiros no XXIII Fórum da Liberdade, realizado em abril de 2010, cuja temática foi: “*Seis temas para entender o Mundo*”. O evento contou com as ilustres presenças de Rodrigo Constantino (na época colunista da revista Veja e membro dirigente do IMIL e, anos mais tarde, presidente do IL), Tom Woods (membro sênior do Ludwig Von Mises Institute) e David Friedman (economista e escritor, filho de Milton Friedman, um dos maiores nomes do neoliberalismo da Escola de Chicago).

A entidade de ativismo político do chamado libertarianismo com influência austríaca de Murray Rothbard, teve como fundador, o empresário do grupo Ultra, Hélio Beltrão Filho que também está entre os fundadores do Instituto Millenium e é filho de Hélio Beltrão, ex-ministro da ditadura civil-militar (das pastas de Planejamento, de 1967 a 1969, da Desburocratização, de 1973 a 1983).

Como apresentado pelo *The Intercept Brasil*, Beltrão Filho aproxima-se das concepções defendidas pelo chamado “olavismo”, ou seja, pela linha reacionária propalada pelo mentor intelectual do programa da extrema direita bolsonarista, o escritor Olavo de Carvalho. De acordo com a reportagem supramencionada, Beltrão filho afirma ter “orgulho em dizer que foi, junto de Olavo de Carvalho, um dos primeiros a confrontar o ‘marxismo cultural’ no Brasil” e, mais adiante, a mesma matéria apresenta a afirmação de que, Beltrão comemorou a vitória de Bolsonaro, a quem considera um “político genial” (**THEINTERCEPT BRASIL**, 2019/05/05).

Fato é que os intelectuais “libertários” e “anacocapitalistas” do Instituto Mises Brasil agora ocupam a estrutura institucional do Estado, no governo Bolsonaro. Como exemplo temos o advogado e Chefe de Operações do IMB, Geanluca Lorenzon que se define como um anarcocapitalista e atualmente ocupa a Diretoria de Desburocratização do Ministério da Economia. Geanluca foi o redator responsável pela MP 881, conhecida como “MP da Liberdade Econômica, que busca diminuir a burocracia e dar mais espaço à livre iniciativa” (**GAZETA DO POVO**, 27/08/2019). De acordo com o Juiz do Trabalho e professor da USP, Jorge Luiz Souto Maior, “as alterações propostas pela MP 881 não se resumem a novas reduções de direitos trabalhistas” e complementa: “constituem, na verdade,

uma alteração profunda na ordem jurídica como um todo, perpassando por praticamente todos os ramos do Direito e pretendendo, inclusive, modificar a própria estrutura constitucional” (ESQUERDA DIÁRIO, 13/08/2019).

Outo ultraliberal que compunha o programa privatizador do governo Bolsonaro, indicado pelo próprio ministro Paulo Guedes, é o empresário, presidente da Localiza José Salim Mattar. O empresário que também fez parte do corpo dirigente do Instituto Liberal e do corpo de mantenedores do Instituto Millenium, ocupava a Secretaria Especial de Desestatização e Desinvestimento do Ministério da Economia. Entretanto, Salim Mattar acabou deixando a pasta no dia 11 de agosto de 2020, devido à insatisfação diante das dificuldades encontradas de se levar adiante seu projeto privatizador. Ou seja, o programa de reconfiguração da estrutura estatal, a partir do projeto, em tramitação em 2019, para a suposta ampliação da viabilidade da atividade econômica do país, estava sendo conduzido por elementos que, em suas vinculações ideológicas, defendem uma perspectiva mais radical dentre as concepções ultraliberais.

Além da presença direta na ossatura material do Estado, o Mises Brasil tem-se constituído como um importante espaço de formação utilizado por representantes da sociedade política, dessa nova direita. Como apresentado na reportagem da Gazeta do Povo, de junho de 2019, os deputados federais Tiago Mitraud (Novo - MG), Filipe Barros (PSL-PR), Carlos Jordi (PSL- RJ) e Paula Belmonte (Cidadania - DF) estão atualmente cursando pós-graduação em Escola Austríaca organizada pelo IMB. Nessa relação ainda constam os nomes dos deputados estaduais Rodrigo Valadares (PTB - SE) e Giuseppe Riesgo (Novo - RS). Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) também foi alu-

no do mesmo programa em turma anterior (**GAZETA DO POVO, 28/08/2019**).

No que se refere ao ativismo político libertário, uma das organizações que mais se caracterizam pela sua incisiva atuação é o chamado Estudantes pela Liberdade. O EPL foi o terceiro aparelho de atuação política e ideológica da nova direita, que destacamos por seu lançamento público na arena do Fórum da Liberdade. A organização foi apresentada aos segmentos da direita brasileira em 2012, cujo tema do evento foi, “2037: *que Brasil será o seu?*”. Evento que teve como destaques o empresário Hélio Beltrão (Instituto Von Mises Brasil) e Rodrigo Constantino (Veja, IMIL e IL). Ressalto aqui, em mais um exemplo, a presença de dirigentes dessas organizações apresentadas ao longo do estudo, sempre como figuras de destaque nos fóruns da liberdade.

Uma das principais estratégias de atuação do EPL concentra-se no recrutamento de jovens universitários para a composição de novos quadros de intelectuais orgânicos da direita libertária. Partem da suposta guerra contra o “marxismo cultural” e da premissa de que em todas as universidades brasileiras, partidos políticos de esquerda controlam os organismos estudantis e a difusão do pensamento, monopolizando o pensamento de viés “comunista” no ambiente acadêmico.

O Estudantes pela Liberdade, como já citado, configura-se como uma versão brasileira do *Students for Liberty*. Trata-se de uma organização de atuação internacional fundada em 2008, decisiva na articulação e ativismo político dentre os *think tanks* conservadores dos EUA – especialmente no conjunto dos aparelhos qualificados como

libertários – e a juventude “antipopulista” da América Latina. O empresário Alejandro A. Chafuen, presidente da Atlas Network, desde 1991, é o seu mentor.

O EPL, por conseguinte, é diretamente vinculado, financiado e instrumentalizado pelo *Students for Liberty* e a poderosa Atlas Network. A Atlas Network (nome fantasia da Atlas Economic Research Foundation desde 2013) é uma espécie de *metathink tank*, especializada em fomentar a criação de outras organizações libertaristas no mundo, com recursos obtidos com fundações parceiras nos Estados Unidos e/ou canalizados dos *think tanks* empresariais locais para a formação de jovens líderes, principalmente na América Latina e Europa oriental (CASIMIRO, 2018 e **APUBLICA**, 14/06/2016). Além de sua relação com o EPL, o Atlas também financia projetos do Instituto Liberal e participa ativamente de diversas edições do Fórum da Liberdade.

Os fundadores do EPL, Fábio Ostermann, Anthony Ling e Juliano Torres compõem os grupos dirigentes ou participam como articulistas de vários outros aparelhos de ação política e ideológica tais como: o Instituto Liberal, o Instituto Liberdade, o Instituto Mises Brasil, o Instituto de Estudos Empresariais, o Instituto Millenium o Instituto Ordem Livre, o Instituto Rothbard Brasil, a Rede Liberdade entre outros organismos de ativismo político principalmente de cepa libertária, como blogs e páginas de redes sociais. Ostermann também se tornou uma das principais lideranças do LIVRES, movimento libertário que se configura como uma corrente interna do PSL, Partido Social Liberal, ao qual Jair Bolsonaro e seus filhos saíram como candidatos, em 2018.



Além dessa atuação doutrinária, o Estudantes Pela Liberdade organiza, financia e estabelece diretrizes de ação, principalmente a partir de seu braço de ativismo político, o chamado Movimento Brasil Livre (MBL), uma organização de atuação política e ideológica que se configura como um dos principais grupos convocadores dos protestos de rua da direita, a partir de 2014. Nesse sentido, o MBL passa a se configurar como uma espécie de plataforma de projeção política de seus membros, para além das legendas de partidos formais. Um dos principais representantes do MBL é o ativista Kim Kataguiri, que foi eleito Deputado Federal no estado de São Paulo pelo partido Democratas – DEM, em 2018.

Outros membros do movimento ativista libertário, eleitos em 2018 como Deputados Federais foram, Paulo Eduardo Martins, pelo Partido Social Cristão – PSC, no estado do Paraná e Jerônimo Georgen do Partido Progressista – PP, no estado do Rio Grande do Sul. Pelo menos outros dois membros de destaque midiático do MBL foram eleitos para cargos parlamentares: Arthur Moledo do Val (conhecido por seu pseudônimo “Mamãe Falei”), foi eleito Deputado Estadual por São Paulo, pelo Partido Democratas – DEM; e o polêmico ativista Fernando Holiday, eleito vereador da cidade de São Paulo também pelo DEM, nas eleições municipais de 2016.

O último dos aparelhos de ação doutrinária necessário para a compreensão das novas estratégias de difusão ideológica da extrema direita brasileira, na atualidade é o canal Brasil Paralelo. A organização de doutrinação ideológica nesse chamado campo de guerra contra o “marxismo cultural” foi criado em 2016, em meio ao processo de golpe que retirou a presidente Dilma Rousseff (PT) do poder. A plataforma foi lançada no Fórum da Liberdade do ano seguinte,

em 2017, cujo tema foi “*O Futuro da Democracia*”. Evento que trouxe como destaques: Fernando Holiday (vereador de São Paulo e membro do MBL); Fabio Ostemann, membro do IMB, EPL e Presidente Estadual do PSL/RS; Tom Palmer, Vice-presidente de Programas Internacionais da Atlas Network.

A plataforma Brasil Paralelo tem como principal escopo de atuação a ressignificação de processos históricos brasileiros como forma de legitimação de um projeto de hegemonia da extrema direita, no presente. O revisionismo histórico como estratégia da “nova direita” já se apresentava no Fórum da Liberdade, na medida em que o evento trazia como destaque em 2014, 2016 e 2018, o escritor Leandro Narlock, principal autor dos “Guias Politicamente Incorretos da História do Brasil e da América Latina”, obras exemplares no que se refere ao revisionismo histórico.

Essa iniciativa revisionista do Brasil Paralelo tem como figura central, nessa perspectiva manipulatória sobre o passado, o escritor reacionário Olavo de Carvalho, guru intelectual do próprio presidente Jair Bolsonaro e seus filhos, além de outras figuras representantes das direitas. Como afirma a pesquisadora Mayara Balestro dos Santos da UNIOESTE, o Brasil Paralelo articula-se a um conjunto de sujeitos e entidades representativas desta nova direita no interior de relações ampliadas do Estado, como o IMIL, o IL, o IMB, o IEE e o próprio Fórum da Liberdade. Atualmente [2019] a plataforma conta com mais de um milhão de inscritos e 418 vídeos produzidos disponíveis no canal do YouTube (SANTOS, 2019).

Trata-se de um canal de difusão de conteúdos cujo objetivo fundamental é reescrever a história do Brasil, negligenciando e, mais do

que isso, negando toda a historiografia assim como métodos e fontes de pesquisa histórica, a partir do discurso pelo discurso, a chamada “pós-verdade”. Nesse sentido, A direita brasileira, passa a disputar no campo da narrativa histórica, como forma de justificação de suas pautas reacionárias, antiprogressistas e autoritárias do presente.

O tema de maior repercussão, como não poderia ser diferente, em se tratando dos interesses dessa direita reacionária, é o revisionismo em torno da ditadura civil-militar, instaurada com o golpe de 1964, na série “1964: O Brasil entre armas e livros”. O canal segue a linha discursiva de Olavo de Carvalho, onde verdadeiro problema do regime militar teria sido, não ter travado devidamente a “guerra cultural”, o que teria permitido a reorganização dos segmentos da esquerda com o processo de redemocratização. O movimento, nesse sentido, busca revisar o passado ditatorial brasileiro, normalizando-o como forma de legitimação, inclusive dessa ideologia bolsonarista que busca, nos porões da ditadura, os seus heróis – como é o caso do mais conhecido condenado torturador do DOI-CODI, o Coronel Alberto Brilhante Ustra – ou, mais recentemente, quando seu filho Eduardo Bolsonaro, tenta intimidar publicamente a população com a ameaça de um possível “novo AI-5”.

Através do Fórum, o IEE tem levado a Porto Alegre representantes de importantes organizações liberais e libertárias europeias, dos EUA e da América Latina. Dentre elas, merecem destaque, pela importância na rede neoliberal, a *Mont Pèlerin Society* (Suíça), o Atlas Network (EUA) e instituições latino-americanas que têm participado constantemente do evento como a Fundacion Internacional para la Libertad, além de fundações e institutos liberais da Argentina, do Peru, da Guatemala, do Chile e do México.

O elemento mais significativo para a discussão aqui proposta é o alinhamento ideológico apresentado no Fórum da Liberdade e os segmentos da direita mais reacionária que passaram a dar substância a essa ascensão do projeto da extrema direita, em torno do nome de Jair Bolsonaro. A edição do Fórum de 2019 demonstra forte alinhamento com o governo Bolsonaro, já que dentre as atrações do evento estavam vários dos representantes do seu alto escalão, como o Ministro da Economia, Paulo Guedes (que aparece como convidado), o então Ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, o Secretário do Ministério da Economia, Paulo Uebel, o Presidente do Banco Central do Brasil, Roberto Campos Neto e, por fim, mas não menos importante, o “guru” intelectual do presidente da república, Olavo de Carvalho, que participou por meio de videoconferência (**FÓRUM DA LIBERDADE, 20/05/2019**). O evento foi patrocinado pelos grupos econômicos: CMPC, Gerdau, RBS e Ipiranga.

Esse alinhamento com o governo Bolsonaro não é, obviamente, casual. Existem conexões importantes entre o Fórum da Liberdade e a concepção ideológica empenhada pelo atual governo. Primeiramente, o Ministro Paulo Guedes, desconhecido por muitos ou tratado como uma novidade nos círculos dos economistas liberais brasileiros, tem sua formação atrelada à Escola Econômica de Chicago, uma das principais referências teóricas neoliberais do fórum. Além disso, Guedes já era figura de destaque em diferentes edições do evento, como no 19º Fórum da Liberdade de 2006, anunciado no ato de sua conferência como sendo o “último economista liberal do Brasil” e no fórum de 2008. O nome do ministro também consta entre os membros curadores do Instituto Millenium que, como já dito, foi lançado publicamente pelo Fórum, também em 2006. A presença

de diversos personagens pertencentes aos núcleos dirigentes dos aparelhos apontados neste estudo, que participam diretamente ou orbitam em torno da institucionalidade do governo Bolsonaro, caracteriza a influência desse movimento de certos segmentos das direitas na construção dessa alternativa.

Assim como no caso de Guedes, a já citada participação virtual do escritor Olavo de Carvalho, na edição de 2019 é digna de maiores avaliações. Nesse caso, é importante destacar que, para muitos analistas e comentaristas da atual conjuntura, o nome de Olavo de Carvalho – como sendo uma grande influência intelectual para uma certa fração da direita brasileira, que no caso, inclui importantes quadros do governo e o próprio presidente da república com seus filhos – representasse algo que surgiu do nada, inesperado e desconectado do pensamento e ação da maior parte da direita brasileira. É como se a figura do escritor tivesse sido construída recentemente, principalmente pela influência que exerce sobre a família Bolsonaro. Entretanto, é importante esclarecer que o nome de Olavo de Carvalho já aparecia como uma das atrações de destaque nas edições de 2000, 2001, 2002, 2004 e 2005 do Fórum da Liberdade, ou seja, antes mesmo do credenciamento de Bolsonaro a possível liderança ou “mito” da direita reacionária.

Por conseguinte, a presença frequente de Olavo nos eventos desde o ano de 2000 demonstra que o autor reacionário já representava uma significativa referência intelectual para frações consideráveis da direita brasileira. No mesmo sentido, passou a ampliar seus seguidores, principalmente a partir de 2016, com a repercussão do canal Brasil Paralelo, que ajudou a divulgar sua concepção, e que não foi a única iniciativa de revisionismo histórico destacada

no Fórum, o que demonstra essa preocupação estratégica de reescrever a história Brasil.

Por sua vez, esses seguidores do guru de Bolsonaro, os chamados “olavetes”, passam a compor fundamentalmente e engrossar o conjunto dos entusiastas bolsonaristas. Sendo assim, a imagem de Olavo de Carvalho não foi construída por Bolsonaro e suas crias, como muitos críticos do autor assim querem afirmar, mas, ao que tudo indica, foi sua influência e conexão com esse movimento crescente do pensamento reacionário, que ajudaram a construir o fenômeno do bolsonarismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise das conexões do Fórum da Liberdade – com essa espécie de rede articulada de organizações de atuação política e ideológica, que produzem, replicam, capilarizam e amplificam a repercussão dos seus discursos – é possível perceber uma parte representativa das iniciativas de produção do consenso e atualização da hegemonia da burguesia brasileira. O movimento no interior das frações burguesas define as diretrizes da dominação de classe e, por sua vez, o projeto político no qual, outras frações acabam se arranjando para a garantia da manutenção dos seus interesses. Na conjuntura atual, esse arranjo se deu em torno de um projeto de extrema direita com características profascistas.

Apesar de se autoafirmar como um espaço para a pluralidade de ideias, o Fórum da Liberdade pode ser compreendido como um evento catalisador da ideologia neoliberal, libertária e conservadora/reacionária. Assim, apresenta propostas de políticas públicas, cobra e

exerce pressão sobre a sociedade política pela aprovação de projetos e reformas, articula distintas frações da burguesia brasileira, agrega e condiciona novos quadros de intelectuais orgânicos. O fórum, portanto, enquanto principal evento da agenda liberal no Brasil, desenvolve um papel de palco emblemático para a produção de consenso e articulação no quadro de reformulação das direitas brasileiras.

Não podemos analisar esses aparelhos e seus intelectuais como se representassem um bloco totalmente coeso e homogêneo. Contemplam, todavia, distintas frações de classe burguesa que, por sua vez, defendem interesses específicos e imediatos, caracterizando conflitos interburgueses importantes. Por outro lado, é possível perceber muitas dessas diferenças de ordem teórico-políticas, principalmente no campo dos valores e da cultura, serem suprimidas ou subjugadas pela ascensão do reacionarismo que aparece como alternativa pragmática para viabilizar as mudanças e interesses mais essenciais de ordem econômico/corporativas.

Por fim, destacamos que é preciso ter em vista que essa constituição de uma rede direta e indireta de aparatos de doutrinação e difusão de uma cultura voltada às determinações do capital e ao pensamento conservador/reacionário mais truculento, além de sua própria atuação e capilaridade, funcionaliza e instrumentaliza outras práticas e espaços de produção de consenso, fundamentais no processo de construção de hegemonia. Dessa forma, nutrem de conteúdo os mais diversos e difusos canais de comunicação, naturalizando seus discursos, validando e chancelando uns aos outros e, por conseguinte, produzindo espécies de “verdades” socialmente aceitas. Não obstante, essas estratégias devem ser compreendidas como uma parte do movimento maior e mais complexo de estruturação e articulação das classes dominantes no Brasil contemporâneo.

## REFERÊNCIAS:

CASIMIRO, Flávio H. C. *A Tragédia e a Farsa: ascensão das direitas no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

\_\_\_\_\_. *A Nova Direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

SANTOS, Mayara A. B. “Brasil Paralelo”: um (perverso) canal de poder e hegemonia da “nova direita” no Brasil contemporâneo. *Anais: IX Congresso Internacional de História*. Universidade Estadual de Maringá-UEM. Out 2019.

## FONTES:

APUBLICA. <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>. Acesso em 20/05/2019.

ESQUERDA DIÁRIO. In: <https://www.esquerdadiario.com.br/MP-881-a-ruptura-democratica-fazendo-escola>. Acesso em 12/08/2020.

FÓRUM DA LIBERDADE. In: <https://www.fl2019.com/programacao>. Acesso em 20/05/2019.

GAZETA DO POVO. <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/estado-e-inutil-e-imposto-e-roubo-saiba-o-que-pensam-anarcocapitalistas/>. Acesso em 27/08/2019.

THEINTERCEPT BRASIL. <https://theintercept.com/2019/05/05/anarcocapitalismo-bolsonaro-folha-ancaps/>. Acesso em 27/08/2019.



## CAPÍTULO 4

# O MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO (MESP) NO BRASIL: ORIGENS, ARTICULAÇÕES E O PROJETO ESP 2.0.

*Gabriel de Abreu Gonçalves de Paiva (Unioeste/FAG/Seed)*

Nas últimas décadas, grupos conservadores, com o objetivo de projetar reformas, que não visam atender a construção de uma escola para todos, trabalham cotidianamente na construção de consensos em torno de um possível modelo ideal de educação. Intervenções políticas e projetos de lei, como o projeto Escola Sem Partido, são difundidos como necessários e fundamentais para a organização da atual educação brasileira, em combate a “doutrinação ideológica” e a “manipulação psicológica”. Dentre os agrupamentos que realizam tal defesa encontra-se, no Brasil, o Movimento Escola Sem Partido (MESP).

As formulações políticas criadas e disseminadas pelo MESP articulam-se a um projeto de sociedade mais amplo, que ultrapassa a pauta educacional. Aparentemente projetos educacionais, tais idealizações ocupam um papel central na dinâmica da luta de classes.

Ultraconservadores e reacionários, seus projetos refletem os interesses de disputa por hegemonia de frações de classe dominantes e difundem, através dos movimentos de contenção e imposição, frear os processos de democratização da educação, da secularização da cultura e de laicidade do Estado.

Assim, os denominados intelectuais orgânicos do MESP cumprem uma função vital para a dominação: a construção do consenso, baseado em uma suposta neutralidade sobre temas vinculados a educação, família, gênero, mas que representam essencialmente os interesses de diversos grupos reacionários existentes na sociedade contemporânea.

Para que possamos compreender a suposta neutralidade do MESP e suas propostas, é necessário contextualizar a própria existência do MESP e as estratégias utilizadas em consonância com o avanço conservador contemporâneo. Sendo assim, a análise do papel do MESP, nesta pesquisa, passa tanto pelo estabelecimento e produção do consenso quanto pelo desenvolvimento de projetos que visam à coerção e aos limites impostos para a educação e educadores.

Nesse artigo, faremos uma breve abordagem sobre o MESP e estamos sugerindo ler esse agrupamento como aparelho privado de hegemonia, o qual se propõe a organizar uma vontade coletiva, divulgando suas concepções ideológicas como consensuais. No primeiro momento desse artigo, faremos uma breve contextualização histórica da denominada ascensão conservadora no Brasil e, em seguida, ilustraremos as ações do MESP, no domínio da sociedade civil, especialmente o projeto ESP 2.0.

## A ASCENSÃO CONSERVADORA NO BRASIL: REFLEXÕES INICIAIS.

No ano de 2015 já se tornava possível, de acordo com Calil (2016), reconhecer um novo elemento na conjuntura política brasileira: “[...] organizações e agrupamentos claramente reacionários lograram êxito em realizar manifestações massivas, convocadas em defesa do afastamento supostamente constitucional da presidente da República [...]” (2016, p.205-206). É inegável que aquelas manifestações foram massivas e que explicitaram uma capacidade de mobilização que, até então, a direita não possuía, “constituindo-se nas maiores manifestações de perfil conservador<sup>1</sup>/reacionário desde as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, realizadas em 1964.” (Ibidem, p.206).

Esse período foi também caracterizado por intervenções conservadoras apresentadas ao Plenário da Câmara dos Deputados, como exemplos, as ofensas de Jair Bolsonaro à Maria do Rosário quando “o deputado afirmou que não a estupraria porque ela não mereceria” (PINTO e LUCCIOLA, 2014); a Comissão Especial para o Estatuto da Família definiu família apenas como a união entre homem e mu-

---

1.Para Botelho e Ferreira “o conservadorismo é uma estrutura mental objetiva, dinâmica e condicionada historicamente. Estrutura objetiva, pois se trata de um modo de pensar e agir que de alguma forma transcende a subjetividade individual, por ser função do desenvolvimento da sociedade. Diferentemente do tradicionalismo, quase exclusivamente reativo, o conservadorismo moderno é coerente e reflexivo, pois surge como movimento consciente de oposição ao movimento “progressista”, ou ao pensamento liberal-burguês.” (2010, p. 11) Para Botelho e Ferreira, é tradicional entre os conservadores “a importância dada à religião; a valorização das associações intermediárias situadas entre o Estado e os indivíduos (família, aldeia tradicional, corporação) e a correlata crítica à centralização estatal e ao individualismo moderno”, bem como “o apreço às hierarquias e a aversão ao igualitarismo em suas várias manifestações; o espectro da desorganização social visto como consequência das mudanças vividas pela sociedade ocidental” (Ibidem, p.12).

lher; a assídua defesa da proposta que dificulta o atendimento a mulheres vítimas de agressão sexual, inclusive vetando que esta receba informações sobre seu direito ao aborto legal (MOURA, 2016).

Concomitantemente à escalada contra Dilma e aos avanços da direita, setores empresariais, religiosos, privatistas e reformadores passaram a intervir de forma mais assídua sobre as políticas educacionais, visando angariar adeptos e difundir seus projetos educacionais. Dentre esses projetos, pode-se citar o Projeto Escola Sem Partido. Depreende-se desse contexto que interpretações e visões de mundo conservadoras de diferentes matrizes vêm sendo crescentemente disseminadas há anos através de inúmeros aparelhos privados de hegemonia (GRAMSCI, 2014). Para Calil (2016, p.211),

[...] estes setores buscaram intervir em junho de 2013, tentaram disputar os rumos do movimento e promoveram agressões contra militantes de esquerda em vários lugares. Sem dúvidas, sua intervenção foi amplificada pela grande mídia, que buscou produzir lideranças conservadoras e construir uma interpretação para os protestos com sentido inteiramente antagônico às demandas sociais que deram origem às manifestações.

O movimento geral segue sendo de avanço conservador e isto tem uma razão muito concreta. Não se trata de um movimento espontâneo, mas de uma ofensiva ideológica alicerçada em vasta rede de aparelhos privados de hegemonia, como é o caso do MESP, que incluem desde páginas do Facebook até organizações interempresariais e envolvem abundantes recursos, contando com sólida estrutura organizativa. (Ibidem, p.212).

Para Melo (2015, p.04): “[...] estamos diante de uma espécie de guerra de posição, cujas manobras combinam fundamentalismo religioso e fundamentalismo de mercado [...]”. Gramsci (2014, p.24), nas primeiras décadas do século XX, já afirmava que “a estrutura maciça

das democracias modernas [...] constitui para a arte política algo similar as “trincheiras” e as fortificações permanentes da frente de combate na guerra de posição [...]” constituídas pelos grupos dominantes, cujo avanço é facilitado pela inexistência das classes trabalhadoras no campo e pelas estruturas organizativas de semelhante dimensão. Sendo assim, contemporaneamente, para Calil, (2016, p.213):

É inegável que há um avanço ideológico de posições socialmente conservadoras, culturalmente obscurantistas e economicamente liberais e antipopulares, aliado a uma expressiva popularização de intelectuais e lideranças políticas que podem ser caracterizadas como de extrema-direita, defendendo posições fascizantes e um discurso violentamente antipopular.

O que se coloca em pauta, portanto, é a contínua e progressiva restrição das liberdades democráticas e dos direitos constitucionalmente garantidos e o fortalecimento do aparelho repressivo, da privatização e da censura nas estruturas educacionais, da criminalização do trabalho docente, dentre outras ações. O fim do direito à educação e a limitação ao direito à aprendizagem – propagados como sinônimos – individualiza o fracasso ou o sucesso, nega os direitos a eles atrelados, como política para transporte escolar, política de merenda escolar, política de garantia de acesso e permanência, dentre outras políticas, privatizando assim, parte expressiva das atuais responsabilidades do Estado.

Podem-se perceber as características da atual conjuntura política ao verificar as organizações e movimentos que, por exemplo, dão apoio institucional à ONG Movimento pela Base Nacional Comum – Todos pela Base, elaboradores da BNCC: Abave, Cenpec, Comunidade Educativa Cedac, Consed, Fundação Lemann, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Fundação Roberto Marinho, Instituto Ayrton

Senna, Instituto Inspirare, Instituto Natura, Instituto Unibanco, Itaú BBA, Todos Pela Educação, Undime.<sup>2</sup> Estes são os grupos fomentadores de projetos que defendem a padronização e o controle do que é considerado cultura escolar, bem como, modificações nos padrões de gestão escolar, no currículo escolar, na elaboração de materiais pedagógicos e na formação de professores.<sup>3</sup> Tais ações ocorrem de forma evidente, o que para Dias (2012, p.129):

Trata-se da captura da subjetividade dos antagonistas. A burguesia tratou, com grande êxito de transformar-se em horizonte ideológico, político e econômico da história. Tudo e todos estavam (e estão) submetido a esse processo, de deshistoricização. A vida é vida burguesa, como burguesas são a família, a escola e o trabalho, lugares privilegiados de socialização onde os subalternos são moldados.

Metodologicamente, análises como estas exigem muito cuidado, pois existe mais heterogenia, ou seja, diferenças e desacordos importantes que precisam ser desvendadas entre as principais organizações de direita. Compreende-se que, efetivamente, ocorre o deslizamento do liberalismo para posições cada vez mais repressivas e tal processo se materializa no progressivo fechamento dos espaços de liberdade sem ruptura com os parâmetros formais da democracia liberal e na configuração de uma democracia blindada. Entretanto, o quão unificadas são, de fato, as ideologias é uma questão a ser discutida. Para Eagleton (1997, p.51):

As ideologias são, de modo geral, formações diferenciadas, internamente complexas, com conflitos entre seus vários elementos que precisam ser continuamente renegociados e resolvidos. Aquilo que chamamos de ideologia dominante é tipicamente a ideologia de um bloco social

---

2. Veja a lista completa de integrantes no <http://movimentopelabase.org.br/quem-somos/> (MOVIMENTO PELA BASE NACIONAL COMUM, [s/d]).

3. No final de 2017, no contexto de aprovação da Emenda Constitucional 95, o governo federal liberou, para o ano de 2018, 100 milhões para apoiar estados e municípios na implementação da BNCC (BEZERRA, 2017).

dominante, formado de classes e facções cujos interesses nem sempre estão de acordo, e essas concessões e divisões irão se refletir na própria ideologia. Pode-se dizer, com efeito, que parte da força da ideologia burguesa reside no fato de ela “falar” a partir de uma multiplicidade de situações, e por ser assim sutilmente difusa não oferece nenhum alvo isolado a seus antagonistas. De modo semelhante, as ideologias oposicionistas geralmente refletem uma aliança provisória entre diversas forças radicais.

Tais ações se materializam em projetos funcionais que, porventura, não são elaborados coletivamente, mas acabam incorporados como pauta por inúmeros grupos, portanto não se caracteriza como uma frente única dentre os mesmos. Nas palavras de Eagleton (Ibidem, p.36) “[...] crenças que são funcionais para um grupo social não precisam ser motivadas dentro do próprio grupo; elas podem simplesmente cair no seu colo, por assim dizer. Formas de consciência funcionais para uma classe social podem também ser funcionais para outra de interesses opostos.”

Para exemplificar tal argumento, pode-se tomar como exemplo algumas das justificativas presentes nos projetos defendidos pelo MESP. Criado no ano de 2004, a partir de uma pauta anticomunista, mas, anos mais tarde, em meio a uma expressiva mobilização de religiosos diante do denominado “kit-gay”, o Movimento passou a adotar como pauta de combate a denominada “ideologia de gênero”, o que alavancou sua popularidade. É mister assinalar que o MESP julga, como um dos responsáveis pelo “fracasso educacional”, o profissional docente, culpabilizando-o pelos resultados considerados inadequados nas avaliações nacionais (como o SAEB, por exemplo). Tal culpabilização se fundamenta na ideia de que os professores teorizam demais e possuem atitudes descompassadas, como a “doutrinação ideológica”, ou mesmo a “manipulação psicológica”.

Dessa maneira, é seguro afirmar que a escalada repressiva envolve três movimentos paralelos: a mudança na legislação, a reinterpretação restritiva da legislação existente e a atuação repressiva realizada à margem da lei ou produzindo interpretações claramente arbitrárias.

Para Gros (2008, p.03), o avanço do movimento ideológico se desenvolveu “através da formação de redes de articulação entre intelectuais, acadêmicos e suas publicações, empresas jornalísticas, organizações empresariais e novos tipos de institutos privados de pesquisa sobre políticas públicas, os *think tanks*”. De acordo com Hoeveler (2015, p.02), “com a conquista de posições ao longo dos anos 1970, começam a formar-se ainda nessa década os *think-tanks* (tanques de pensamento) de orientação marcadamente neoliberal”. Neste sentido, entende-se que a atuação dos aparelhos privados de hegemonia se configura como ações partidárias à medida que se pretendem organizadores de uma vontade coletiva e agem estrategicamente para implementá-la. Para compreender a atuação partidária desses agrupamentos

[...] será necessário levar em conta o grupo social do qual o partido é expressão e a parte mais avançada: ou seja, a história de um partido não poderá deixar de ser a história de um determinado grupo social. Mas esse grupo não é isolado; tem amigos, afins, adversários, inimigos. Somente no quadro global de todo o conjunto social e estatal (e, frequentemente, também com interferências internacionais) é que resultará a história de um determinado partido [...] (GRAMSCI, 2014. p.88).

Panbianco (1982), afirmou que todo partido político constituído por um programa e por uma ideologia é uma instância de poder que almeja o poder político, não sendo, necessariamente, o poder estatal. Nessa concepção, o partido poderá realizar uma disputa interna ou externa ao aparelho do Estado e o que estará em jogo não



será apenas um modelo educacional, mas sim a defesa de um projeto de sociedade.

A concepção integral de Estado formulada por Gramsci buscou dar conta da compreensão de como as classes dominantes organizam seus interesses visando ao exercício de sua dominação da forma mais ampla possível. Para Mattos:

Tais classes dominantes não apenas monopolizam agências de governo para garantir seus interesses (embora o façam), mas, para tanto, já se encontram organizadas em espaços da sociedade civil – associações, sindicatos, clubes, ONGs, fundações privadas etc. – onde fortalecem seus laços de unidade entre os que defendem as suas propostas como de interesse geral (nacional, de todos, dos cidadãos etc.) e a partir daí, estabelecem consensos, que muitas vezes incluem setores dominados que aceitam tais propostas como se fossem suas. (2016, p.229).

Em Gramsci, o Estado, em seu sentido ampliado, é compreendido a partir da “dupla perspectiva” na ação política e na vida estatal.

Vários graus nos quais se pode apresentar a dupla perspectiva, dos mais elementares aos mais complexos, mas que podem ser reduzidos teoricamente a dois graus fundamentais [...] da força e do consenso, da autoridade e da hegemonia, da violência e da civilidade, do movimento individual e daquele universal (da “Igreja” e do “Estado”), da agitação e da propaganda, da tática e da estratégia, etc. (2014, p.33-34).

A atuação, em sentido ampliado, visa a definir a aplicação de um determinado projeto hegemônico, isto é, combinar de forma equilibrada elementos de consenso e coerção. Em Gramsci, o conceito de hegemonia aparece não apenas como sinônimo de consenso, mas “[...] caracteriza-se pela combinação de força e consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso, mas, ao contrário, tentando fazer com que a força pareça apoiada no consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública -, os quais, por isso, em certas situações, são artificialmente multiplicados.” (GRAMSCI, 2014, p.96).

Gramsci normalmente usou a palavra hegemonia para designar a maneira como um poder governante conquistou o consentimento dos subjugados e os subordinou - apesar de ter empregado o termo ocasionalmente para designar conjuntamente o consentimento e a coerção. Corroborando essa ideia, para Eagleton (1997, 105) a hegemonia também é uma categoria mais ampla que a ideologia, pois:

[...] inclui a ideologia, mas não pode ser reduzida a ela. Um grupo ou classe dominante pode assegurar o consentimento a seu poder por meios ideológicos, mas também pode fazê-lo, digamos, alterando o sistema de tributação de maneira favorável aos grupos de cujo apoio necessita ou criando uma camada de operários relativamente opulenta e, portanto, razoavelmente inerte. Ou a hegemonia pode assumir antes formas políticas que econômicas: o sistema parlamentar nas democracias ocidentais é um aspecto crucial de tal poder, já que reforça a ilusão de autogoverno por parte do populacho. O que distingue de maneira única a forma política de tais sociedades é que se espera que as pessoas acreditem que governam a si mesmas, uma crença que não era esperada de um escravo da Antigüidade ou de um servo da Idade Média.

Para Felipe Demier (2017), as características apontadas até então e as formas de organização do Estado, orquestradas numa proposição hegemônica, demonstram que estamos vivenciando *democracias blindadas*, que possuem nos meios de comunicação de massa e nos grandes conglomerados empresariais-midiáticos uma de suas principais fontes de produção do consenso. Para Demier (2017, n.p) “essa concepção neoliberal, privatista, das relações entre sujeito, sociedade e Estado, instilada diariamente pelos aparelhos privados de hegemonia (não só midiáticos) e que, introjetada pelas massas, molda nestas uma subjetividade individualista e predatória [...]”, atualmente fortemente usufruída para aplicação de um projeto privatista de sujeito e de Estado.

## MESP: DAS ORIGENS AO ESP 2.0.

O MESP foi criado no ano de 2004, atendendo à necessidade, de acordo com o procurador do Estado de São Paulo e fundador do Movimento, Miguel Nagib, de resolver um caso ocorrido com uma de suas filhas (MOURA, op.cit.).

No mês de setembro de 2003, uma de suas filhas chegou da escola contando que seu professor de História havia comparado Che Guevara a São Francisco de Assis. A razão para tal comparação estaria respaldada na ideia de que ambos abdicaram de tudo em nome de uma concepção de mundo, de uma ideologia. O primeiro pela ideologia política e o segundo pela ideologia religiosa. Nas palavras do procurador, “as pessoas que querem fazer a cabeça das crianças associam as duas coisas e acabam dizendo que Che Guevara é um santo” (ABRELIVROS, 2016, n.p), “Ela já vinha relatando casos parecidos de doutrinação. Fiquei chateado e resolvi escrever uma carta aberta para o professor” (Ibidem), conta. Para Nagib, os alunos “não podem sair para tomar um cafezinho quando o professor começa a falar sobre essas coisas”. (Ibidem).

Ao terminar o documento, Nagib, teria impresso 300 cópias e as distribuído no estacionamento da escola da filha. A iniciativa, entretanto, relata o procurador, não funcionou. “Foi um bafafá e a direção me chamou, falou que não era nada daquilo que tinha acontecido. Recebi mensagens de estudantes me xingando. Fizeram passeata em apoio ao professor e nenhum pai me ligou”. (Ibidem). Perante sua indignação, Nagib decidiu criar uma associação para “lutar contra o abuso do qual as crianças estão sendo vítimas”. (Ibidem).

É justamente por isso, que Nagib defende, que as leis criadas pelo MESP não podem ser acusadas de censura. Nagib afirmou que:

Não é cerceamento à liberdade de expressão porque o professor não tem direito à liberdade de expressão na sala de aula [...] Se o professor tivesse, ele sequer seria obrigado a apresentar o conteúdo. A prova que ele não tem liberdade de expressão é que ele tem uma grade curricular obrigatória por lei. Liberdade de expressão é a que a gente exerce no Facebook. Ele não pode agir em sala de aula como ele age no Facebook. [...] A segunda prova disso é a seguinte: ele pode impor aos seus alunos seus pontos de vista. Se exerce a liberdade de expressão em locais onde as pessoas não são obrigadas a escutar o outro. Na TV se pode mudar de canal. De um pregador na praça, se pode desviar. Mas o aluno está ali na condição de audiência cativa. (Ibidem).

Para Penna, há nessa ação uma síntese de alguns elementos centrais de que o MESP passaria a difundir no debate educacional.

A trajetória de Nagib, convertendo seu empreendimento pessoal – a busca de satisfações contra o professor que teria se aproveitado de sua posição de autoridade para praticar “doutrinação ideológica” em sua filha – no mote principal do movimento que viria a criar, serve como paralelo para as pautas em torno do qual o MESP viria a se estruturar: defesa da família e de um certo arcabouço de valores, com ênfase numa orientação patriarcal e heteronormativa; imposição de uma separação entre assuntos que podem ser abordados na escola e assuntos que só devem ser tratados no espaço privado do lar; desconfiança de instituições e agentes identificadas como promotoras de interesses estatais e governamentais – escolas e professores. (2017, p.14).

Inspirado no correspondente estadunidense “noindoctrination.org”<sup>4</sup>, o MESP dispõe, hoje, de uma plataforma online<sup>5</sup> na qual deli-

4.O fórum noindoctrination.org foi criado pela americana Luann Wright ao descobrir que o seu filho teria que escrever artigos sobre o racismo de brancos contra os negros. Wright acreditava que o professor do seu filho deveria tratar apenas de ensinar ele a escrever e não se aproveitar de sua posição para tratar de crenças pessoais em sala de aula. A solução encontrada por Wright foi fundar uma espécie de fórum, noindoctrination.org, para permitir que denúncias de pessoas que se sentissem afetadas pelas crenças de seus professores pudessem ser realizadas.

5.A plataforma online é <http://www.escolasempartido.org>. Utilizaremos a plataforma *wayback machine*, uma ferramenta de busca disponibilizada pelo *Internet Archive* (<https://archive.org/web/>) e que permite a consulta a versões antigas de sites, para consultas sobre

neia os caminhos de sua atuação. Em contrapartida, por essa mesma via, direcionam medidas de denúncia, punição e inibição a professores que não atenderem as ideias, supostamente neutras, defendidas pelo Movimento. A plataforma justifica a criação do Movimento já que vestidos de professores prevalece-se da liberdade de cátedra e da cortina de segredo das salas de aula para impingir-lhes a sua própria visão de mundo.” (Ibidem).

Vítima de um verdadeiro “sequestro intelectual”, o estudante doutrinado quase sempre desenvolve, em relação ao professor/doutrinador, uma intensa ligação afetiva. Como já se disse a propósito da Síndrome de Estocolmo, dependendo do grau de sua identificação com o sequestrador, a vítima pode negar que o sequestrador esteja errado, admitindo que os possíveis libertadores e sua insistência em punir o sequestrador são, na verdade, os responsáveis por sua situação. De modo análogo, muitos estudantes não só se recusam a admitir que estão sendo manipulados por seus professores, como saem furiosos em sua defesa, quando alguém lhes demonstra o que está acontecendo. (ESCOLA SEM PARTIDO, 2004a, n.p).

Consta na plataforma online que o Movimento “é uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior” (ESCOLA SEM PARTIDO, 2004b, n.p). Ainda, segundo o site, “a pretexto de transmitir aos alunos uma ‘visão crítica’ da realidade, um exército organizado de militantes tra- Segundo Miguel (2016), apesar do discurso do Movimento tentar criar para si uma imagem de defensor da escola contra o que chama de “contaminação político-ideológica”, o fundador do movimento, Miguel Nagib, possui vínculos com Instituto Millenium, tendo sido, por muito tempo, articulista do instituto. O Instituto Milenium é “o principal think tank da direita brasileira, criado em 2006 e financiado por empresas nacionais e transnacionais com eco na linha editorial as ações do Movimento de sua fundação aos dias de hoje.

de parte da grande imprensa e popularizada por jornalistas como Rodrigo Constantino.” (MIGUEL, 2016, p. 593).

Ao disputar as orientações do Estado e ao tentar transformar interesses privados em públicos, o MESP, a partir do ano de 2014, passou a intensificar o embate político e ideológico e, no campo educacional, por vias parlamentares, passou a apresentar projetos com objetivos polêmicos, dentre os quais, limitar os conteúdos das disciplinas presentes no currículo nacional, criminalizar o trabalho docente e liquidar a liberdade de ensino.

Ancorado nessa plataforma discursiva, o MESP, através da construção de consensos sobre a educação nacional, se aproximou de vários setores da sociedade brasileira, principalmente da classe política, principalmente os denominados conservadores. Esta ação do Movimento tornou-se ainda mais evidente quando, no ano de 2014, o Projeto de Lei (PL) 2974/2014, o primeiro PL, intitulado “Programa Escola Sem Partido”, foi apresentado no Rio de Janeiro pelo deputado estadual Flávio Bolsonaro (PSC-RJ), atendendo um pedido de Miguel Nagib. Através do PL, e a partir da seguinte premissa: “Por uma lei contra o abuso da liberdade de ensinar”, Miguel Nagib, publicizou de forma mais efetiva as resoluções do MESP. Desde então, a estratégia tem sido utilizada em todo o país. Em nível federal os principais projetos foram os identificados na tabela abaixo:

Tabela 1: Projetos de Lei Escola Sem Partido e projetos inspirados no Movimento.

CÂMARA DOS DEPUTADOS – 7180/2014 – Tipo Escola Sem Partido
CÂMARA DOS DEPUTADOS – 7181/2014 – Tipo Escola Sem Partido
CÂMARA DOS DEPUTADOS – PEC 435/2014 – Tipo Escola Sem Partido
CÂMARA DOS DEPUTADOS – 867/2015 – Escola Sem Partido
CÂMARA DOS DEPUTADOS – 1411/2015 – Assédio Ideológico (tipo Escola sem Partido)

CÂMARA DOS DEPUTADOS – 1859/2015 – Antigênero
CÂMARA DOS DEPUTADOS – 2731/2015 – Antigênero
CÂMARA DOS DEPUTADOS – 3236/2015 – Antigênero
CÂMARA DOS DEPUTADOS – PDC 122/2015 – Antigênero
CÂMARA DOS DEPUTADOS – 5487/2015 – Antigênero
SENADO – 193/2016 – Escola Sem Partido
CÂMARA DOS DEPUTADOS - PL 8933/2017 - Antigênero
CÂMARA DOS DEPUTADOS - 10659/2018 - Tipo Escola sem Partido e Antigênero
CÂMARA DOS DEPUTADOS - 246/2019 – Versão 2.0
CÂMARA DOS DEPUTADOS - 9957/2020

Fonte: FRENTE NACIONAL ESCOLA SEM MORDAÇA. 2020.  
Disponível em <[https://www.escolasemmordaca.org.br/?page\\_id=4218](https://www.escolasemmordaca.org.br/?page_id=4218)>.  
Acesso em 31/05/2020.

No início do ano de 2019, o MESP mudou parte de suas ações. Até o ano de 2018, uma Comissão Especial, na Câmara dos Deputados, denominada Escola Sem Partido, tentou articular a aprovação do projeto. Ainda em 2018, um texto substitutivo foi apresentado na Comissão. Tratava-se de um apensado de projetos em torno de um projeto mais intervencionista que o PL 867/2015. Estabelecida uma estratégia de obstrução, por parte da oposição no interior da Comissão, foi possível conter a votação e, por fim, o projeto foi arquivado.

No ano de 2019, o MESP, passou a reivindicar não mais uma Comissão, mas a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), tendo como objetivo ampliar o modelo já adotado no site (“denúncia de doutrinação”), porém, agora dentro do Congresso Nacional. Concomitantemente, foi apresentado, pela deputada federal Bia Kicis (PSL/DF), cunhada do advogado Miguel Nagib, o PL 246/2019, denominado Escola Sem Partido 2.0, em substituição ao PL 867/2015. Em comparação ao PL 867/2015, o PL 246/2019 possui algumas mudanças expressivas e, ao mesmo tempo em que

buscou lidar com as óbvias inconstitucionalidades do 867/2015, a lei, em tramitação, visa ampliar as práticas de fiscalização, controle e perseguição ao trabalho docente.

O PL 867/2015, de autoria do deputado Isalci Lucas Ferreira (PSDB/DF), foi o primeiro projeto de lei que incluiu, “entre as diretrizes e bases da educação nacional, o Programa Escola sem Partido”. Em seu artigo 2º afirmava que:

A educação nacional atenderá aos seguintes princípios: I - neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado; II - pluralismo de ideias no ambiente acadêmico; III - liberdade de aprender, como projeção específica, no campo da educação, da liberdade de consciência; IV - liberdade de crença;

V - reconhecimento da vulnerabilidade do educando como parte mais fraca na relação de aprendizado; VI - educação e informação do estudante quanto aos direitos compreendidos em sua liberdade de consciência e de crença; VII - direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015, n.p).

A interpretação distorcida de elementos da atual legislação brasileira presente no projeto, contrariando artigos da Constituição Federal como, por exemplo, o artigo 206, em seu inciso III, no qual consta: “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino” (BRASIL, 1988), evidencia a sua inconstitucionalidade.

Na justificativa de tais alterações estava claro o critério de seleção e exclusão de elementos da Constituição Federal, ferindo com a liberdade de expressão dos docentes no exercício da atividade profissional. Esta foi uma das razões que levaram a Organização das Nações Unidas (ONU) a questionar o governo brasileiro sobre a constitucionalidade do projeto Escola Sem Partido (TOLEDO, 2017). A Procuradoria Geral da União (MASCARENHAS, 2016) e o Minis-



tro do Supremo Luís Roberto Barroso (MADEIRO, 2017) também emitiram nota admitindo a inconstitucionalidades do projeto.

Já no PL 246/2019, parte das inconstitucionalidades do PL 867/2015 foram suprimidas com as mudanças no texto do artigo 1º, porém algumas práticas mais repressoras foram inseridas no interior do projeto. No artigo 1º consta que:

Art. 1º Fica instituído, com fundamento nos artigos 23, inciso I; 24, inciso XV e § 1º; e 227, caput, da Constituição Federal, o “Programa Escola sem Partido”, aplicável aos sistemas de ensino da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, em consonância com os seguintes princípios: I – dignidade da pessoa humana; II – neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado; III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; V – liberdade de consciência e de crença; VI – direito à intimidade; VII – proteção integral da criança e do adolescente; VIII – direito do estudante de ser informado sobre os próprios direitos, visando ao exercício da cidadania; IX – direito dos pais sobre a educação religiosa e moral dos seus filhos, conforme assegurado pela Convenção Americana sobre Direitos Humanos. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019, n.p).

O inciso IX, do Projeto Escola Sem Partido 2.0, mantém a apropriação equivocada do artigo 12, inciso 4, da Convenção Americana dos Direitos Humanos, segundo a qual “os pais, e quando for o caso os tutores, têm direito a que seus filhos ou pupilos recebam a educação religiosa e moral que esteja acorde com suas próprias convicções” (COSTA RICA, 1969, n.p). O PL ignora o documento complementar denominado “Protocolo Adicional à Convenção Americana sobre Direitos Humanos em matéria de direitos econômico, sociais e culturais”, também conhecido como “Protocolo de San Salvador” (EL SALVADOR, 1988, n.p) que, em seu artigo 13, inciso 2, afirma que:

A educação deve capacitar todas as pessoas para participar efetivamente de uma sociedade democrática e pluralista, conseguir uma subsistência digna, favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as

nações e todos os grupos raciais, étnicos ou religiosos e promover as atividades em prol da manutenção da paz.

Depreende-se daí que a família não possui o direito de solicitar à escola que não forme para o convívio democrático e não possui autonomia que lhe permita ignorar a formação através de valores que reflitam sobre o combate à desigualdade.

Outras questões foram modificadas e outras incluídas, em relação ao PL 867/2015, dentre elas, podemos citar a alteração no espaço de aplicação da lei, a mudança conceitual, a defesa das gravações de aulas, entre outras.

No que tange a mudança no espaço de aplicação da lei, diferentemente do PL 867/2015, que evidenciava que o Projeto Escola Sem Partido se aplicaria em escolas públicas e privadas, o Escola Sem Partido 2.0 deixa o tema incerto. O PL 246/2019, em seu artigo 1º, deixa a entender que apenas as escolas públicas seriam afetadas, em resposta as críticas realizadas por escolas elitizadas do país que criticaram veementemente o projeto, como consta no site do MESP.

Em relação à mudança conceitual, ocorreu a substituição, no PL, do termo “doutrinação ideológica” para o termo “manipulação psicológica”. Desde a criação do Movimento, e como já mencionado anteriormente, Nagib sustenta a defesa da existência de uma “doutrinação ideológica” nas escolas, uma das razões da criação do MESP. Assim consta no PL 867/2015, em seu artigo 3º:

São vedadas, em sala de aula, a prática de doutrinação política e ideológica bem como a veiculação de conteúdos ou a realização de atividades que possam estar em conflito com as convicções religiosas ou morais dos pais ou responsáveis pelos estudantes. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015, n.p).

O site mantém presente a máxima, porém, no PL 246/2019, o novo texto apresenta-se da seguinte maneira: “Art. 3º É vedado o uso de técnicas de manipulação psicológica destinadas a obter a adesão dos alunos a determinada causa.” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019, n.p). Combinado a mudança conceitual, alinha-se a uma política de controle, através da possibilidade de gravações de aulas, defesa presente no artigo 7º do novo projeto. Assim diz o texto:

É assegurado aos estudantes o direito de gravar as aulas, a fim de permitir a melhor absorção do conteúdo ministrado e de viabilizar o pleno exercício do direito dos pais ou responsáveis de ter ciência do processo pedagógico e avaliar a qualidade dos serviços prestados pela escola. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019, n.p).

Em defesa de uma falsa ilusão de apoio pedagógico e avaliação das aulas, as gravações contrariam o direito autoral do professor sobre a aula que produz, amplia a sua exposição e controle de seu trabalho. Importante lembrar que as escolas possuem mecanismos de participação e avaliação coletiva, como os Conselhos Escolares e os Conselhos de Classe.

Já no artigo 9º, do PL 246/2019, consta onde a lei deverá ser aplicada. No artigo 9º, há uma sutil mudança textual, porém de impacto expressivo sobre a gestão democrática. O artigo 9º diz que:

Art. 9º O disposto nesta Lei aplica-se, no que couber: I – às políticas e planos educacionais; II – aos conteúdos curriculares; III – aos projetos pedagógicos das escolas; IV – aos materiais didáticos e paradidáticos; V – às avaliações para o ingresso no ensino superior; VI – às provas de concurso para ingresso na carreira docente; VII – às instituições de ensino superior, respeitado o disposto no art. 207 da Constituição Federal. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019, n.p).

Além da possível intervenção no currículo, nos materiais e livros didáticos, em provas de concursos, o artigo 9º, como citado, ao apresentar o Projeto Político Pedagógico (PPP), como simplesmente

projeto pedagógico, não apenas exclui o termo “político”, como expressa a tentativa de limitação do espaço político existente na escola. Sabemos que o PPP visa garantir o princípio da gestão democrática, já que se trata de documento produzido coletivamente e que traça as noções orientadoras da escola e da comunidade.

De forma sucinta, podemos perceber, através dessa breve análise do PL 246/2019, a ampliação do escopo de atuação do MESP, em comparação aos projetos anteriores, e mantém, dos projetos anteriores, a defesa da afixação nas salas de aula, e nas salas dos professores, cartazes com os ditos “Deveres do Professor” (Artigo 5º) e a manutenção do canal de denúncia anônimo, organizado pelo Poder Público (artigo 11º).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento, compreendemos que o debate acerca da necessidade de mudanças na estrutura educacional e os problemas vivenciados no país são utilizados por aparelhos privados de hegemonia, como o MESP, cuja função é a de projetar e aplicar interesses privados, propagandeados como consensuais, em espaços educacionais, principalmente públicos. Essa é a plataforma para que esses projetos alcancem a sociedade política e sejam executados como políticas públicas que se apresentem sob a máscara de interesses gerais. Isso sem abrir mão dos instrumentos coercitivos de que dispõe esse Estado para reprimir os descontentes e manter sob controle o conjunto dos dominados.

Nas palavras de Ramos “a educação, necessariamente e sempre, será guiada por alguma filosofia, por uma concepção de mundo,

mesmo que não sejam explicitados nos respectivos projetos político-pedagógicos [...]” (2016, p.02), ou seja, não há neutralidade na educação. Corroborando essa ideia e ampliando a argumentação, Frigotto pondera que o MESP:

[...] trata-se da defesa, por seus arautos, da escola do partido absoluto e único: partido da intolerância com as diferentes ou antagônicas visões de mundo, de conhecimento, de educação, de justiça, de liberdade; partido, portanto da xenofobia nas suas diferentes facetas: de gênero, de etnia, da pobreza e dos pobres, etc. Um partido, portanto que ameaça os fundamentos da liberdade e da democracia liberal, mesmo que nos seus marcos limitados e mais formais que reais. Um partido que dissemina o ódio, a intolerância e, no limite, conduzirá eliminação do diferente. (2016, p. 12).

A falta de neutralidade parece explícita quando, através do MESP, defende-se apenas a difusão de ideais considerados coerentes para o grupo, impondo, dessa maneira, limitações ao currículo trabalhado no espaço escolar. Através de projetos de lei como os acima citados, os profissionais da educação sofreriam uma flagrante violação de direitos fundamentais, especialmente no que se refere ao direito à liberdade de ensino, censurando e criminalizando o seu trabalho.

Para Eagleton (1997), a suposta neutralidade do Estado é uma poderosa fonte da hegemonia política, afinal compreende que esta, na verdade, não é simplesmente uma ilusão ideológica, pois “na sociedade capitalista, o poder político é relativamente autônomo diante da vida social e econômica, ao contrário da organização política das formações pré-capitalistas.” (Ibidem, p.105). Acerca dessa problemática, Melo argumenta que:

O ponto que nos parece importante explorar liga-se ao fato desta ser mais uma entre tantas outras campanhas ideológicas da nova direita, e que destinasse a produzir resultados muito mais profundos do que uma mera aprovação de uma legislação que teria muitas dificuldades para ser implementada, salvo se fosse acompanhada por uma espécie de histeria

coletiva onde estudantes denunciariam os professores doutrinadores, que nos termos desta legislação podem cumprir pena de até dois anos no cárcere (2015, p. 2).<sup>6</sup>

Como afirmou Melo, o elemento mais assustador é a adesão aos projetos citados e a sua aceitação, pois o conjunto de leis, sucintamente apresentados, parece representar um retrocesso para a educação brasileira:

[...] estamos agora às voltas com um movimento patrocinado por setores obscurantistas que se interessam em promover uma espécie de macarthismo, mobilizando alunos, pais, mães e responsáveis, além, infelizmente de alguns professores, numa histeria paranoica contra a ‘doutrinação’ (MELO, 2017, p. 1).

Cabe ressaltar que os projetos de lei citados não representam nenhuma novidade para a educação brasileira e acerca dessa questão, Salles (2016) observa que passado e presente se encontram permeados por novas estratégias de controle, de acordo com os interesses do sistema capitalista. De outro modo, compreende-se, a partir das leituras de Gramsci, (2004), que os organizadores dos MESP se apresentam como intelectuais orgânicos da classe que, ao fundamentar e praticar os ideais defendidos pelo Movimento, interpretados como aparelhos privados de hegemonia, procuram realizar a manutenção da hegemonia burguesa.

Para Gramsci, os intelectuais possuem papel fundamental no exercício efetivo da hegemonia, pois organizam e conferem legitimidade aos dois movimentos centrais de organização da cultura: o do consenso “espontâneo” e o do aparelho de coerção estatal. Dessa

---

6. Para Melo (2015, p. 3), o propósito de campanhas como estas é o de interditar a possibilidade da crítica, da construção do conhecimento crítico, fundamental para o desenvolvimento científico e do processo pedagógico. Isso é bastante evidente em outra campanha protagonizada por esta nova direita, a “Mais Mises, Menos Marx”, campanha que possui natureza profundamente anticientífica e antidemocrática.

forma, segundo Gramsci (2014), o exercício da hegemonia seriam articulados junto aos aparelhos privados de hegemonia, que na verdade são instituições criadas para a formação do consenso. Os aparelhos privados de hegemonia funcionam como mantenedores das posições de uma determinada classe na guerra de posição. Na perspectiva do autor, a disputa pela hegemonia numa sociedade, isto é, pelo poder político e pelo convencimento ideológico será tão mais rápida e eficaz quanto mais capaz for um grupo de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos.

Importa frisar que, desde 2014, o Movimento se popularizou por meio de projetos de lei apresentados nas diversas esferas (municipais, estaduais e nacional), embora atue em outra frente, em especial nas redes sociais, através da construção de consensos sobre a população. A atuação do MESP se realiza no âmbito da sociedade civil, esfera da sociedade que engloba o conjunto das organizações responsáveis pela difusão e/ou elaboração das ideologias, incluindo escolas, Igrejas, partidos, sindicatos e meios de comunicação. Sendo assim, um aspecto determinante para a compreensão do MESP é a noção de ideologia defendida. Portanto, parece seguro afirmar que o MESP visa também a construir um consenso por meio de suas redes sociais visando ao controle social.

Por esta razão, o MESP cumpre uma função essencial na manutenção da dominação de classe: à medida que busca assegurar a hegemonia de sua visão de mundo, por meio da escola, atua no âmbito da sociedade civil, exercendo uma pressão sobre a chamada sociedade política.

## REFERÊNCIAS

- ABRELIVROS. **O professor da minha filha comparou Che Guevara a São Francisco de Assis.** 2016. Disponível em <<http://www.abrelivros.org.br/home/index.php/noticias/6688-o-professor-da-minha-filha-comparou-che-guevara-a-sao-francisco-de-assis>>. Acesso em 05/09/2018.
- BEZERRA, Mirthyani. **MEC homologa Base Curricular e anuncia R\$ 100 milhões para sua aplicação.** 2017. Disponível em <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/12/20/mec-homologa-base-curricular-e-anuncia-r-100-milhoes-para-sua-aplicacao.htm>>. Consultado em 01/09/2018.
- BOTELHO, André; FERREIRA, Gabriela Nunes. Revendo o pensamento conservador. In: FERREIRA, Gabriela Nunes e BOTELHO, André (Org). **Revisão do Pensamento Conservador: ideias e políticas no Brasil.** São Paulo: Hucitec / Fapesp, 2010.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Consultado em 25/03/2016.
- CALIL, Gilberto. Estado, Capitalismo e Democracia no Brasil recente. In: SILVA, Carla Luciana; CALIL, Gilberto; SILVA, Marcio A.Both (Org). **Ditaduras, Transição e Democracias: estudos sobre a dominação burguesa no Brasil contemporâneo.** Porto Alegre: FCM Editora, 2016.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei nº 867, de 2015.** Disponível em <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1317168.pdf>>. Acesso em 25/05/2017.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei nº 246, de 2019.** Disponível em <[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=EEE9F330D147615CE22F3215EC38F507.proposicoesWebExterno2?codteor=1707037&filename=PL+246/2019](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=EEE9F330D147615CE22F3215EC38F507.proposicoesWebExterno2?codteor=1707037&filename=PL+246/2019)>. Acesso em 10/08/2020.
- COSTA RICA. **Convenção Americana sobre Direitos Humanos.** 1969. Disponível em <[https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao\\_americana.htm](https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_americana.htm)>. Acesso em 06/09/2018.
- DEMIER, Felipe. Para além da democracia blindada? Contrarreformas, consenso e coerção no Brasil atual. 2017. Disponível em <<https://esquerdaonline.com.br/2017/11/25/para-alem-da-democracia-blindada-contrarreformas-consenso-e-coercao-no-brasil-atual/>>. Consultado em 06/09/2018.
- DIAS, Edmundo Fernandes. **Revolução passiva e modo de vida.** Ensaios sobre as classes subalternas, o capitalismo e a hegemonia. São Paulo: Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2012.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia: Uma introdução.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.



EL SALVADOR. **Protocolo Adicional à convenção Americana sobre Direitos Humanos em Matéria de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais**. Protocolo de Sal Salvador. 1988. Disponível em <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/protocoloadicional.PDF>>. Acesso em 06/09/2018.

ESCOLA SEM PARTIDO. **Síndrome de Estocolmo**. 2004a Disponível em <<http://www.escolasempartido.org/sindrome-de-estocolmo>>. Consultado em 05/09/2018.

ESCOLA SEM PARTIDO. **Quem somos**. 2004b Disponível em <<http://www.escolasempartido.org/quem-somos>>. Consultado em 05/09/2018.

FRENTE NACIONAL ESCOLA SEM MORDAÇA. **Projetos**. 2020. Disponível em <[https://www.escolasemmordaca.org.br/?page\\_id=4218](https://www.escolasemmordaca.org.br/?page_id=4218)>. Acesso em 31/05/2020.

FRIGOTTO, G. **“Escola sem partido”**: imposição da mordaca aos educadores. 2016. Disponível em <<https://espacoacademico.wordpress.com/2016/06/29/escola-sem-partido-imposicao-da-mordaca-aos-educadores/>>. Consultado em 18/05/2017.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 3. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GROS, Denise Barbosa. **Considerações sobre o neoliberalismo como movimento ideológico internacional**. 2008. Disponível em <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/2188>>. Consultado em 18/05/2017.

HOEVELER, Rejane. **Tropa de elite do neoliberalismo (2): a direita transnacional, ontem e hoje**. 2015. Disponível em <<https://capitalismoemdesencanto.wordpress.com/2015/06/03/tropa-de-elite-do-neoliberalismo-2-a-direita-transnacional-ontem-e-hoje/>>. Consultado em 25/05/2017.

MADEIRO, Carlos. **Barroso suspende lei inspirada no Escola sem Partido em Alagoas**. 2017. Disponível em <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/03/22/stf-suspende-lei-de-alagoas-que-pune-opiniao-de-professor-em-sala-de-aula.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 01/09/2018.

MASCARENHAS, Gabriel. **Para PGR, ‘escola sem partido’ é inconstitucional e subestima alunos**. 2016. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/10/1824785-para-pgr-escola-sem-partido-e-inconstitucional-e-subestima-alunos.shtml>>. Acesso em 01/09/2018.

MATTOS, Marcelo Badaró. Estado, Hegemonia e Classe Trabalhadora (a partir do Brasil atual). In: SILVA, Carla Luciana; CALIL, Gilberto; SILVA, Marcio A.Both (Org). **Ditaduras, Transição e Democracias**: estudos sobre a dominação burguesa no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: FCM Editora, 2016.

MELO, Demian. **“Escola sem partido” ou escola com “partido único”?** 2015. Disponível em <<http://blogjunho.com.br/escola-sem-partido-ou-escola-com-partido-unico/>>. Consultado em 18/05/2017.

MELO, Demian. **A batalha pelo futuro**: contra o projeto Escola Sem Partido. 2017. Disponível em <<http://blogjunho.com.br/a-batalha-pelo-futuro-contra-o-projeto-escola-sem-partido/>>. Consultado em 18/05/2017.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero”: Escola Sem Partido e as leis da mordada no parlamento brasileiro. **Direito e Práxis**. Rio de Janeiro, v.7, n.15, 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25163>>. Consultado em: 10/12/2017.

MOURA, F. P. de. **“Escola Sem Partido”**: relações entre Estado, educação e religião e os impactos no ensino de história. 189 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PANEBIANCO, Angelo. **Modelos de partido**. Organización y poder em los partidos políticos. Madri: Alianza Editorial, 1982.

PENNA, Fernando de Araujo; SALLES, Diogo da Costa. A dupla certidão de nascimento do Escola Sem Partido: Analisando as referências intelectuais de uma retórica reacionária. In: MUNIZ, Altemar de Costa; LEAL, Tito Barros (Orgs.) **Arquivos, documentos e ensino de história**: desafios contemporâneos. Fortaleza: EdUECE, 2017.

PINTO, A.C.; LUCCIOLA, L. Jair Bolsonaro repete insulto a deputada Maria do Rosário: ‘Só não te estupro porque você não merece’. **Extra Online**, 09 dez. 2014. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/jair-bolsonaro-repete-insulto-deputada-maria-do-rosario-so-nao-te-estupro-porque-voce-nao-merece-14781338.html>>. Consultado em 15/07/2019.

RAMOS, Marise Nogueira. **“Escola sem partido”**: a criminalização do trabalho pedagógico. 2016. Disponível em <<http://www.anped.org.br/news/escola-sem-partido-criminalizacao-do-trabalho-pedagogico>>. Acesso em 18/05/2017.

SALLES, Moacyr; STAMPA, Inêz. **Ditadura Militar e Trabalho Docente**. 2016. Disponível em <[http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN\\_23/07\\_MEMRIAS\\_E\\_DOCUMENTOS\\_I.pdf](http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_23/07_MEMRIAS_E_DOCUMENTOS_I.pdf)>. Acesso em 18/05/2017.

TOLEDO, Luiz Fernando. **Relatores da ONU classificam ‘Escola sem Partido’ como ‘censura’**. 2017. Disponível em <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,relatores-da-onu-denunciam-escola-sem-partido-e-classificam-projeto-de-censura,70001737530>>. Acesso em 01/09/2018.

## CAPÍTULO 5

# OS ENTUSIASTAS DA NOVA DIREITA: DANILO GENTILI E O DESUMANIZA REDES<sup>1</sup>

Isabel Grassioli (UNIOESTE)

As novas conformações políticas e sociais no início do século XXI são profundamente influenciadas e mediadas pelas redes sociais na internet. Atualmente as redes sociais na internet compõem os espaços de compartilhamento onde são elaborados parte significativa das experiências vivida no cotidiano das massas sociais.

A presença massiva da internet, para um número significativo de pessoas no mundo, tem alterado o próprio processo social da vida, emergindo desse fenômeno novas experiências, as quais se manifestam através de novas culturas, novos saberes, linguagens próprias e da conseqüente criação de outros significados e sentidos para “velhas” relações sociais: a produção e reprodução da vida real. Conforme sugere Sakamoto:

---

1.O presente artigo trata-se de um recorte de minha Tese Doutorado: “A Nova Direita no Brasil (2011-2016): uma análise da atuação política no *Facebook*.” Tese que pode ser encontrada no link que segue:

[http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/4878/5/ISABEL\\_GRASSIOLLI\\_2019.pdf](http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/4878/5/ISABEL_GRASSIOLLI_2019.pdf)

Essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social<sup>2</sup>.

Nessa nova dinâmica onde os influenciadores digitais ganharam destaque, nosso objetivo neste artigo é apresentar ao leitor uma proposta de análise crítica de uma das páginas do *Facebook* que compõem as redes de influência do pensamento conservador no Brasil no início do nosso século, a página “Desumaniza Redes” administrada por Danilo Gentili.

Nossa hipótese de trabalho sugere que estamos diante de uma Nova Direita no Brasil e que as forças propulsoras que movem essa nova direita são de caráter fascista.<sup>3</sup> Fazem parte das bandeiras desses agrupamentos a defesa do Estado mínimo, a redução da maioria penal, pena de morte, porte de armas, impedir o que chamam de “gaysismo” (que, segundo seus promotores, seria a imposição do “modo de vida homossexual” sobre a sociedade) e combater políticas públicas como Bolsa Família e cotas para negros, por acreditarem que essas medidas deixam as pessoas demasiado “acomodadas”.

Segundo os agrupamentos da Nova Direita as discussões que visam tratar do racismo, da violência contra a mulher, do feminismo, das diversidades e das desigualdades sociais são ideologias ligadas ao

---

2.SAKAMOTO. L. “Em São Paulo o Facebook e Twitter foram às ruas” In: **Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p.93.

3.Sublinhamos que constituição do fascismo é um processo gradativo e não uma constituição de forças política que nasce de uma hora para outra, nesse sentido, é de fundamental importância dizer que nosso principal referencial para pensar o fascismo contemporâneo brasileiro é W. Reich, onde ele apresenta o fascismo como um elemento internacional que permeia todos os corpos da sociedade.

comunismo. A percepção desses agrupamentos é de que estaríamos vivenciando um momento histórico hegemônico pelo esquerdismo, sendo o Partido dos Trabalhadores (PT) o principal responsável por promover o comunismo no Brasil.

Dessa forma, estamos sugerindo que as redes sociais na internet foram determinantes para o processo de aceitação de comportamentos violentos e segregacionistas no interior da sociedade brasileira, contribuindo ativamente para banalização do mal e a aceitação do horror por atuarem no sentido de desmoralizar as demandas dos setores historicamente oprimidos e explorados da sociedade como mulheres, negros, gays e setores de baixa renda.

Neste sentido, consideramos que a atuação via rede mundial de computadores conformou uma nova possibilidade organizativa, onde a internet aparece como sendo um instrumento que potencializa a ação partidária desses agrupamentos na contemporaneidade, o que explica que esses sujeitos tenham passado a investir intensamente no ativismo digital como forma de propagar seus interesses, fazendo da internet um campo de batalha contra o que consideram ser a velha ordem repressora. Apresentando-se como uma alternativa transformadora e “inovadora”, estratégia que tem como objetivo atrair a juventude e convencê-la a adotar esse projeto como seu.

## A NOVA DIREITA NO FACEBOOK

Atualmente o *Facebook* é o site de relacionamento interpessoal mais usado no mundo. Em 2012, a corporação anunciou a compra do *Instagram* e em 2014 a compra do *WhatsApp* (serviço móvel de mensagem) suas principais concorrentes na área. Sendo assim, quan-

do falamos de *Facebook*, estamos analisando um conglomerado que reúne na mesma empresa os maiores aplicativos de relacionamento interpessoal do mundo. Segundo os dados fornecidos pelo próprio *Facebook*, atualmente, mais de dois bilhões de pessoas no mundo estão conectadas ao site, constituindo um modelo de sociabilidade em redes sociais na internet que se tornou hegemônico.

Com o propósito de identificar quem são e como atuam os setores da nova direita brasileira, optamos por mapear a atuação desses agrupamentos via redes sociais na internet. Para tal, escolhemos a plataforma de dados do site *Facebook* onde as ações, as formas de pensar, de arquitetar e “amar” o mundo desses agrupamentos podem ser facilmente acompanhadas pela exposição pública a que estes se submetem.

Em meio a um conjunto amplo e complexo de páginas no *Facebook* que veiculam aspectos da Nova Direita, optamos por avaliar a página Desumaniza Redes, no intuito de desvelar e problematizar quais são as estratégias utilizadas por parte desses agrupamentos para buscar atrair em torno de si seguidores e simpatizantes.

### **Estudo de caso: Desumaniza Redes**

**Nome da página:** Desumaniza Redes.

**Administrador:** Danilo Gentili.

**Descrição do perfil informado pelos próprios administradores da página:** “Contra todas as formas de censura na internet. Menos babaquice e mais zoeira nas redes.” **Número de likes:** 84.797

**Imagem de perfil:** Dois pênis cruzados. A imagem é uma ridicularização do slogan criado pela campanha “Humaniza Redes” durante

o governo de Dilma Rousseff em 2014. Na imagem original da campanha aparecem duas digitais que formam um coração.

**Imagem de capa:** “Compartilhe um pau no cu da censura disfarçada de respeito.”

**Origem e Difusão:** 2015

Tendo em vista que Danilo Gentili é o articulador direto da Página “Desumaniza Redes” faremos um breve levantamento a respeito de sua trajetória pessoal, com o objetivo de compreender quais as motivações que levam Gentili a promover tais ações. Simultaneamente, pretendemos perceber de que forma o contexto social vivido pelo Brasil tem respaldado iniciativas dessa natureza. O que a trajetória de Gentili e o tipo de humor promovido por ele pode nos revelar a respeito do crescimento de reações de caráter conservador e da nova direita brasileira?

Danilo Gentili Jr., nasceu no dia 27 de setembro de 1979 em Santo André, cidade do estado de São Paulo, na região do grande ABC paulista. Em sites de domínio público como Wikipédia e o site do SBT, emissora de televisão em qual Danilo trabalha como apresentador e humorista, encontramos uma breve descrição de suas atividades como sendo apresentador, comediante, ator, escritor, cartunista, fotógrafo, repórter, publicitário e empresário brasileiro.

Segundo informações encontradas nesses e em outros sites, Gentili faz parte de uma “nova geração do humor” e é reconhecido como um dos precursores e idealizadores do *stand-up comedy* no Brasil. Nos palcos, Danilo foi membro do “Clube da Comédia Stand-up” e do “Comédia ao Vivo”, também realiza shows solos, alguns que ficaram mais conhecidos como, “Volume 1” e “Divina

Comédia”. Gentili é também proprietário em sociedade com Rafinha Bastos e Ítao Gusso, do Clube de Comédia Comedians em um bar dedicado a shows de stand-up<sup>4</sup>.

Por seu estilo ácido e humor supostamente descompromissado, Danilo Gentili gradativamente, se transformou em um dos grandes entusiastas e ídolos de uma juventude reacionária que se afina politicamente com as demandas da nova direita. Lugar político que Danilo faz questão de não reconhecer. Fundador e administrador direto da Página “Desumaniza Redes” no *Facebook* e no *Twitter*, Gentili criou as páginas “Desumaniza Redes” em oposição ao “Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos na Internet”, ou como foi apresentado via redes sociais na internet pelo governo: “Humaniza Redes”. Na Wikipédia encontramos a seguinte descrição a respeito de Danilo:

Filho mais novo de Guiomar Gentili, uma dona de casa nascida em Bueno Brandão, Minas Gerais, e de Danilo Gentili, um técnico de máquina de escrever nascido em Botucatu, Danilo Gentili Jr., é descendente de italianos cujo avô paterno, Ulderico Gentili, era um pintor de igrejas que escapou da Itália para o interior de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial.

Cresceu em um cortiço no Parque das Nações, bairro de classe média baixa em Santo André, onde viveu até se mudar para São Paulo. Na época de escola, conseguiu registrar a marca de 64 advertências, 6 suspensões e uma expulsão. Aos 14 anos se converteu ao protestantismo. Aos 18, perdeu seu pai devido a um ataque do coração. Seis meses depois, sua irmã mais velha, Karina Gentili, morreu em um acidente de carro.<sup>5</sup>

---

4.<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/rafinha-bastos-fala-do-socio-agora-concorrente-danilo-gentili-nunca-tivemos-uma-proximidade-absurda-11798803>

5.[https://pt.wikipedia.org/wiki/Danilo\\_Gentili](https://pt.wikipedia.org/wiki/Danilo_Gentili). No item, “mostrar código fonte de Danilo Gentili” na página da Wikipédia consta que a página de Danilo Gentili é semiprotetida e que somente usuários registrados e com conta confirmada podem editar a página. Segundo o site a semiproteção é algumas vezes necessária para prevenir vandalismos a páginas populares. A maioria dos artigos pode ser editada por qualquer um.



Expressão da massificação das tecnologias de informação e comunicação, a história da vida de Gentili e a forma como ela é apresentada ao público é bastante emblemática do tipo de informação consumida por uma geração de jovens do início do século XXI, informações rápidas, imediatas, descompassadas, que buscam subsidiar e justificar alguma identificação com o personagem e a admiração pelo tipo de humor promovido por ele.

A abordagem feita a respeito da vida de Gentili busca enfatizar que em sua trajetória de vida não houve privilégios e favoritismos, *“Cresceu em um cortiço no Parque das Nações, bairro de classe média baixa em Santo André, onde viveu até se mudar para São Paulo.”* A descrição das atividades da mãe, *“dona de casa”*, da mesma forma, dialoga diretamente com a trajetória da ampla maioria das famílias brasileiras, da mesma maneira a descrição da atividade do pai, *“técnico de máquina de escrever”*, tem o mesmo propósito, sublinhar a origem humilde de nosso personagem.

A trajetória de vida de Gentili, apresentada dessa forma, ganha contornos de uma história simbólica ao fazer conexão direta com um certo imaginário social de “superação”, pelo mérito e esforço próprio. Uma trajetória extravagante pela peculiaridade de suas atitudes no período escolar, mas ao mesmo tempo corriqueira, uma história que poderia facilmente ser confundida com outros tantos jovens que na época da escola são considerados indisciplinados e maus exemplos a serem seguidos. Jovens que cotidianamente são desacreditados por serem insubordinados. Porém, aparentemente, ter sido indisciplinado, na trajetória de Gentili assumiu uma conotação positiva com o passar dos anos. A indisciplina dos “espertos” de quem não se deixa ludibriar por qualquer regra. Um aluno insubordinado,

que não aceitou os ensinamentos “vazios e sem propósitos” de professores autoritários e descompromissados, como buscou enfatizar em seu livro “Como se tornar o pior aluno da escola” (2009)<sup>6</sup>.

Podemos fazer aqui uma breve reflexão que leve em consideração o contexto social em que estamos inseridos. Vemos que muitos dos aspectos retratados por Gentili em seu livro, de alguma forma, dialoga com a trajetória de grande parcela da juventude em período escolar ao retratar possíveis dramas vivenciados nestes espaços. Indisciplina dos alunos que precisam ser controlados pelo professor (autoridade) e a vontade reprimida de romper aqueles laços de subordinação ao qual estão submetidos.

Ao que tudo indica, no caso de Danilo Gentili, não existe qualquer receio ao rememorar essas situações, ao contrário, essa parece ser uma das questões mais “relevantes” de sua história pessoal, tanto que, constituem o enredo central de seu livro, que segundo ele mesmo, é baseado em sua própria experiência na época. O livro foi adaptado para os cinemas e inspirou o filme de mesmo nome em 2017. Gentili também é autor de outros dois livros: “Politicamente Incorreto<sup>7</sup>” (2010) e “A vida e outros, detalhes insignificantes<sup>8</sup>” (2012).

Entretanto, foi como repórter do programa humorístico CQC (Custe o que Custar), exibido pela Band (2008 a 2015) que Danilo se popularizou e ganhou projeção nacional na TV brasileira. Entre 2011 e 2013 Gentili criou e apresentou o Programa “Agora é Tar-

---

6.GENTILI, Danilo. *Como se tornar o pior aluno da escola*: manual completo, ilustrado, revisado e não recomendado para estudantes. São Paulo: Panda Books, 2009.

7.GENTILI, Danilo. *Politicamente incorreto*: ria deles antes que eles riam de você. São Paulo: Panda Books, 2010.

8.GENTILI, Danilo. *A vida e outros detalhes insignificantes*. São Paulo: Panda Books, 2012.

de” na mesma emissora e em 2014 mudou-se com a equipe para o canal de televisão SBT onde passou a apresentar o programa “The Noite com Gentili”.

Atualmente Gentili possui a marca de 12.852.911 seguidores em seu perfil no *Facebook*, e 17,1 milhão de seguidores no Twitter, sendo considerado uma das personalidades mais influentes das redes sociais no Brasil. Em sua Página oficial no *Facebook* no item reservado a descrição pessoal Gentili segue se apresentando na vida adulta como na infância:

**Sobre e Biografia:** desde 1979 estragando tudo e decepcionando pessoas; **Prêmios:** 2008 – O fracassado do ano; 2009 – Pior humorista revelação; 2010 – O babaca do ano; 2011 – A decepção da década; 2012 Pior apresentador e criador de TalkShow; 2013 – Prêmios queremos que ele suma. **Informações pessoais:** Comediante Stand-up; DVDS: “Danilo Gentili Volume 1”, “Politicamente Incorretos”; Ex-Reporter do CQC; Autor dos livros: “Como se tornar o pior aluno da escola, “Politicamente Incorreto”, “A vida e outros detalhes insignificantes”; Ator do filme “Mato sem cachorro”; Criador do extinto Late Night “Agora é Tarde com Danilo Gentili” na Band; criador e apresentador do Programa The Noite no SBT; **Animal de estimação:** Humorista.<sup>9</sup>

A caracterização que ele faz de si mesmo segue a lógica apresentada anteriormente, ao se apresentar como indisciplinado, ele comunica algo relevante aos seus seguidores: não é preciso seguir as regras do sistema, o sistema é falho, é possível conquistar muito mais indo além dele. Dessa forma, em suas redes sociais na internet, Danilo aparece como anti-sistêmico.

A questão de aparecer como uma alternativa anti-sistêmica é central se queremos compreender de que forma se constituíram as bases do fascismo brasileiro. Aparecer como anti-sistêmico e em alguma medida “revolucionário” é o que motiva a adesão em massa de par-

9. [https://www.facebook.com/pg/Danilo.Gentili.Oficial/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/Danilo.Gentili.Oficial/about/?ref=page_internal)

celas significativas da juventude a figuras como Danilo Gentili. Para entendermos o que está por trás do sucesso das agitações promovidas por ele é preciso reconhecer que os sentimentos de “revolta” agitado se misturam, de maneira irracional, a demandas reacionárias. Neste sentido, segundo W. Reich,

O fascismo como um movimento político distingue-se de outros partidos reacionários pelo fato de ser sustentado por massas humanas.

(...) Como o fascismo é sempre em toda a parte um movimento apoiado nas massas, revela todas as características e contradições da estrutura do caráter das massas humanas: **não é, como geralmente se crê, um movimento exclusivamente reacionário, mas sim um amalgama de sentimentos de revolta e ideias sociais reacionárias.**<sup>10</sup>

Nesse sentido, entendemos que ao trabalhar com as postagens promovidas por essas páginas estamos de alguma forma tendo a oportunidade de entrar em contato com a pessoas comuns e de examinar quais as motivações que as levaram a se afinar com políticas de cunho reacionário, racista e antipovo. Através dessas postagens é possível acompanhar a emergência de emoções de revolta e como elas foram se desenhando nas redes sociais na internet e influenciaram toda uma geração de jovens a se afinar politicamente com as forças políticas de caráter fascista com as que apoiaram a candidatura de Jair Bolsonaro. As redes sociais na internet desses setores nos dão uma dimensão significativa do processo gradativo que autorizou uma série de manifestações de ódio e violência no país no último período.

Portanto, perceber a questão de como se deu a popularização das pautas conservadoras no cenário brasileiro é central para buscar compreender como foi que se enraizou nas massas sociais determinados padrões de comportamento político e social como os que estamos buscando compreender aqui.

**Chave interpretativa:** A trajetória de Gentili é bastante representativa do que existe no submundo cultural dos valores compartilhados entre a massas sociais identificadas politicamente com os setores

---

10.REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Martins Fontes: São Paulo, 1988. p. XX.

da nova direita. Gentili é que o pode ser considerado um “vencedor” em nossos dias. Uma pessoa de sucesso, segundo a compreensão massivamente aceita dos que entendem “sucesso” como sendo o resultado do acúmulo de bens materiais a qualquer custo – como bem nos lembra seu antigo programa, “Custe o que Custar” (CQC) onde se tornou destaque no quadro “repórter inexperiente”. Isso tudo, mesmo a despeito de atitudes consideradas antiéticas e agressivas, aliás, é supostamente por conta desse tipo de comportamento que Gentili conseguiu projetar sua imagem no cenário nacional.

Autorizado pela audiência que promove e pelas cifras que movimenta em seu nome nas redes de televisão, o tipo de humor realizado por Gentili, é um humor sem limites, é o tipo de humor hostil e agressivo, que pode até ser envolvente, quando se trata de escancarar as fragilidades daqueles que consideramos “inimigos”, daqueles, que intimamente, cada um de nós acha que “mereceu”: o político corrupto, a mulher vulgar, a banda que não toca música boa, o cara que é considerado um nerd idiota, o luxo e jeito de viver inacessível das elites e assim por diante.

A trajetória de Gentili nos importa, porque é a trajetória de uma pessoa que zombou os valores mais caros do modo de vida burguês. Gentili é reconhecido por “quebrar” as regras de etiqueta nas festas de gala das elites dominantes do país, por desvalorizar e escancarar a futilidade vivida entre os poderosos de nosso país em seus momentos de lazer, de fazer transparecer as contradições sociais latentes em nossa sociedade entre as misérias de uns e o luxo de outros.

Se fazer presente em festas de elite, onde frequentemente ele era barrado e indesejado, por não ter sido convidado e por colocar

aqueles que ali estavam em situações delicadas e embaraçosas perante o público e a sociedade era uma forma de representar milhares de pessoas que também não podiam estar ali e não eram desejadas. Não sendo bem-vindo naqueles espaços se fazia notar por demérito. Seu papel era incomodar e causar incômodo e isso ele fazia muito bem.

Gentili nesse sentido, pode ser percebido como o representante de uma geração revoltada e oprimida que não tem outra saída a não se fazer piada com a própria desgraça. É o ato de se regozijar no outro, no que ele pode promover “para mim e por mim”.

Uma geração que se viu submetida a anos e anos de bancos escolares, com a promessa de que a educação poderia trazer melhores condições de vida, que se submeteu a uma disciplina escolar que na maior parte do tempo parecia sem propósito, mas que alimentava o sonho de dias melhores através da educação. Uma Escola promovida por professores não reconhecidos, frustrados e malsucedidos financeiramente.

Quando Gentili escreve um livro, com o título “Como se tornar o pior aluno da escola”, ele está indiretamente desafiando as regras sociais. Ele está fazendo piada com os valores mais caros de sustentação da moral burguesa, a escola burguesa, a disciplina e a obediência. Ele está levando a ideia de liberdade individual às últimas consequências, a liberdade individual burguesa implica também em autonomia para benefício próprio. Ao perceber de maneira particular as engrenagens sórdidas desta sociedade, indiretamente, Gentili aparece como se estivesse enfrentando o sistema.

Ele ousou contrariar, ele riu dos poderes hierarquicamente estabelecidos, ele riu dos professores que compõem parte das estruturas

representativas de poder desde a infância. Ele questionou esse lugar de autoridade em sala de aula, mais do que isso, suas ações na escola foram no sentido de desafiar as autoridades presentes. Ele por muitas vezes é inconsequente, mas sua inconsequência traz os requintes de uma possível “liberdade”. A liberdade que muitos outros desejariam experimentar, mas que estão muito amedrontados obedecendo e seguindo regras. Contudo, um medo real porque a sociedade pune aqueles que desafiam as estruturas de poder.

No seu programa de televisão, que mantém índices elevados de audiência, Danilo Gentili, aparentemente, fala o que quer, sobre o que quer e não pede licença para ninguém para falar seja o que for. Ele de fato parece quebrar todas as regras, tanto as éticas e morais, quanto as sociais. E esse jeito “destemido” de ser é o que cria conexão com o público.

É deste sujeito que estamos falando quando falamos que Gentili se converteu em um entusiasta dos setores sociais identificados politicamente como a nova direita. Estamos falando de um alguém que de alguma forma inspira mudança, alguém que desafia as regras, ainda que seja para aceitar novas regras em outros formatos, alguém que “provou” que é possível enriquecer mesmo indo contra a elite e rindo de seus costumes. Aliás, alguém que só “venceu” e se destacou financeiramente justamente por ousar desafiar a ordem estabelecida. A saída é evidentemente individual, não conta com um projeto coletivo e social, porém, em nada descredibiliza a forma com que estabelece as conexões possíveis com as massas sociais.

É justamente o fato de ele querer ignorar e ser ignorante, sobre vários aspectos da vida em sociedade, que garante que sua atuação

seja de enfrentamento com parte dos poderes existentes na sociedade. Ele despreza os locais de poder nos quais ele não pode estar. Ele despreza o que limita sua atuação individual. Como pessoa pública e de influência entre toda uma geração de jovens, ele desafia toda e qualquer ação que possa querer parar. Nesse sentido, ele não obedece a regras e está amparado por um exército de fãs que se vangloriam junto através dele sempre que ele desafia as regras. Toda vez que Gentili desafia as regras é como se ele representasse a vontade de milhares e milhares de pessoas que vivem oprimidos sobre essas mesmas regras, mas que não se sentem autorizadas a fazer a mesma coisa, mas que em contrapartida autorizam a ação.

**Histórico da página:** A Página “Desumaniza Redes”, foi criada em 2015 por Danilo Gentili com o objetivo de se contrapor ao Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos na internet promovido pelo Governo Dilma (PT) 2014, o chamado “Humaniza Redes”. Na opinião Gentili a iniciativa do governo não passa de uma forma de limitar a liberdade de expressão. O que justifica a frase de capa da Página *“um pau no cu da censura disfarçada de respeito”*.

O Humaniza Redes foi uma iniciativa do governo em 2014 que teve como objetivo atuar como canal de denúncias e enfrentamento às violações de Direitos Humanos que acontecem no ambiente *online*.<sup>11</sup> Coordenado pelas Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República em parceria com a Secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Secretária de Políticas para Mulheres, Ministério da Educação, Ministério das Comunicações e Ministério da Justiça a iniciativa do canal se amparou no artigo 5º do

11.<https://www.humanizaredes.gov.br>



Decreto nº 8.162/203, segundo o qual consta “compete ao Departamento de Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, entre outras atribuições, examinar e encaminhar denúncias e reclamações sobre violação de Direitos Humanos”. No site oficial suas ações foram apresentadas da seguinte forma:

O objetivo do Humaniza Redes, além de oferecer o serviço de atendimento as denúncias online, é construir um ambiente seguro e livre de violações de Direitos Humanos, de preconceitos e discriminação a quem acessa a internet. Sendo assim, serão criadas e estimuladas iniciativas que ajudem o usuário a se prevenir contra ataques que firam os Direitos Humanos – amparadas pelo Marco Civil da Internet, Constituição Federal, Estatuto da Criança e Adolescente, Princípios da Governança na Internet – e a forma como proceder caso seja vítima de alguma dessas violações, numa ação conjunta da SDH [Secretária de Direitos Humanos] parceria com a SPM, SEPPIR, Polícia Federal e Safernet para criar um canal de denúncias contra violação de Direitos Humanos online.

Além disso, o Humaniza Redes vai viralizar por aí! A assinatura do acordo de Cooperação Técnica entre a SDH e a Abranet (Associação Brasileira de Internet) vai focar na criação de ações de divulgação das atividades do #HumanizaRedes e dos canais de denúncia de violações de Direitos Humanos na internet. A parceria com Facebook, Google e Twitter estimulará os usuários a participar de campanhas de conscientização de Direitos Humanos.<sup>12</sup>

A regulamentação dessa lei por parte do governo é bastante sintomática do momento vivido na conjuntura brasileira e do processo de massificação da internet no Brasil. A proposta de regulamentar o uso da internet no Brasil responde a um momento histórico onde as redes sociais na internet revelam cada dia mais o acirramento dos conflitos existentes em nossa sociedade. Sintomático também porque a iniciativa se faz necessária justamente em um momento em que cresceram as denúncias contra grupos que incitam o ódio e a violência nas redes sociais na internet e também que motivaram

12. <https://www.humanizaredes.gov.br/pacto-pela-prevencao/>

ações de lixamento público e agressão nas ruas contra setores historicamente oprimidos.

Esta é uma iniciativa que entre outras coisas corresponde a necessidade de os governos e autoridades competentes de buscar regularizar o uso da internet no Brasil após seu processo de massificação na sociedade civil. Ao contrário de países como os Estados Unidos, a experiência com a internet no Brasil ainda é bastante nova para a ampla maioria das pessoas.

Embora ainda não exista um consenso político e social de como devem ser regulamentadas o uso da internet no Brasil, os primeiros ensaios de uma legislação que busca regulamentar essa experiência se deram com o Marco Civil na Internet em 2014. Importa ressaltar que antes de virar lei a proposta foi lançada pela Secretária de Assuntos Legislativos do Ministério da Justiça em outubro de 2009, ou seja, essa já era uma necessidade que vinha se desenhando na sociedade brasileira e sendo debatida por autoridades responsáveis. Mencionamos a questão dentro dessa perspectiva, para desmistificar a impressão trazida e agitada por Gentili em suas redes sociais que diz que a iniciativa do governo diz respeito a perseguição declarada a sua personalidade, ou mesmo quer fazer parecer essa iniciativa como censura e autoritarismo. Esse é um procedimento legal e necessário utilizado por todos os países que vem alastrando suas formas de sociabilidade, não se tratando de uma censura feita pelo “governo comunistas” como ele quer fazer aparecer.

No entanto, na avaliação de Gentili a medida que declara como objetivo ajudar na averiguação de crimes na internet, seria, na prática, uma medida contra a liberdade de expressão e uma forma de

controle político e censura por parte dos governos petistas quanto as opiniões e brincadeiras que residem na internet. Vejamos a explicação do próprio Gentili para justificar a criação da página, através da transcrição que fizemos de um vídeo gravado pelo mesmo no *Youtube* e compartilhado em suas redes sociais. O vídeo chama-se, “Monólogo: sobre a ‘Humaniza Redes’”:

Essa semana nossa querida Presidente, ou Presidenta... eu nunca sei falar direito, eles inventaram outra palavra “danta”, Presidenta. Tudo bem! A nossa Presidenta Dilma lançou essa semana, “O Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos na Internet”. O nome é complicado mais em outras palavras ela criou uma página na internet para ‘caguetar’ quem estiver ‘zuando’ lá.

Mais de 55 mil assassinatos por ano no Brasil e é o Twitter que está violento pessoal! É com isso que vão se preocupar, não é!? Acharmos o problema!!! É o pessoal zuando no Twitter. Então, na página desse “Humaniza Redes”, foi assim que eles chamaram essa página de ‘caguetas’ que criaram, eles dizem que espalhar mentiras na internet é crime. Então, aprendam essa daí: se você quiser espalhar mentiras por aí e não sofrer punição esqueça a internet, se eleja para algum cargo político, aí tá liberado!

Querida Presidente. Como assim você quer parar tudo para lutar por uma internet sem ofensas? Isso não existe... Seria a mesma coisa que eu querer a Petrobras sem ladrão. Você tá vendo?! Na visão dos cara a internet é tipo a galera do fundão da sala de aula e a Dilma é a Professora mandona que manda se ajoelhar no milho e o Humaniza Redes o que que é!? É o ‘nerdão cagueta’ que fica lá chorando e dizendo: “ó mãe o que eles tão fazendo ó. Ó o que ele falou professora, fez piada zuando, me ofendeu.”

Agora, vejam só, a única celebridade que apoiou o tal de Humaniza Redes. [O vídeo Mostra a imagem do ator Marcos Frota.] Esse daí. Aí você vê, se a pessoa mais esperta que eles conseguiram para apoiar essa causa foi o Tonho da Lua<sup>13</sup> é porque tá ruim a coisa. Agora é o seguinte, como nós aqui do “The Noite” somos pessoas que ... um

---

13. Personagem icônico da teledramaturgia brasileira, “Tonho da Lua”, como é chamado o personagem interpretado por Marcos Frota, é o retrato de um homem com problemas psiquiátricos e com dificuldades para lidar com a dualidade entre o bem e o mal. Fez parte da novela “Mulheres de Areia” exibida na rede Globo de televisões em duas versões. Na primeira, em 1973, a personagem foi interpretada pelo ator Gianfrancesco Guarnieri, e na segunda, de 1993, por Marcos Frota a qual Gentili se refere no vídeo.

programa que não gosta de censura a gente criou um perfil no Twitter também e é o “Desumaniza Redes”. **Criamos o “Desumaniza Redes” porque somos profundos admiradores da liberdade de ser desprezível e desumano, por isso estamos lançando esse perfil que incita a ofensa.** Por isso, se você tem uma ofensa, manda lá para gente no Desumaniza Redes não é! O Twitter é “@desumanizaredes” a gente vai fazer questão de espalhar sua ofensa com maior carinho pela rede social. E para incentivar ainda mais eu, eu Gentili, comprei um playstation 4, e, eu vou sorteá-lo no “Desumaniza Redes” para a melhor cagada na cabeça que você der no “@humanizaredes”. Quer ganhar um playstation 4? Manda lá cagando na cabeça do “@humanizaredes” que você pode ganhar um playstation 4 bonitinho.

Lembrando que esse serviço que estou disponibilizando não precisou de verba pública.<sup>14</sup>

Para que possamos compreender bem o papel que cumpre Gentili e seu exército de seguidores é preciso ler essas postagens, que em um primeiro momento, aparecem como meras “disputas de opinião” ou “zoeira” a partir de um quadro político mais abrangente, a do acirramento de posicionamentos políticos e ideológicos entre segmentos importantes de nossa sociedade: negros, mulheres, setores de baixa renda, gays e dentro de um quadro de disputas políticas entre diferentes frações de classe no Brasil.

Ao promover uma página que se chama “Desumaniza Redes”, de antemão nós já temos um problema, que é a ridicularização dos direitos humanos como princípio norteador da vida. Quando Gentili promove uma campanha contra essa iniciativa ele não está atuando apenas a seu favor, para que ele tenha “liberdade de expressão”, ele está ridicularizando toda uma tradição de luta contra a violência,

---

14.Publicado no Canal do Youtube: “The Noite com Danilo Gentili”, dia 10 de abril de 2015. Descrição do vídeo: “Danilo comenta o novo Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos na Internet, mais conhecido como “Humaniza Redes” e confunde os propósitos.” O vídeo possui 117.395 visualizações, das quais 5 mil pessoas marcaram gostei e 182 marcaram não gostei.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=BWRRdQp2UIM>

o racismo, opressões, que ao longo da história da humanidade foram progressivamente sendo reconhecidos como crimes, mais do que isso, ele está assumindo uma postura política e tomando partido, contrariando a impressão de imparcialidade que ele quer passar, questão que se torna flagrante se paramos para analisar o conjunto de comentários nas postagens promovidas por Gentili.

Danilo diz: “E AI SEUS ARROMBADOS! CADÊ A PUTARIA? #DesumanizaRedes” e seus seguidores respondem: “Pau no cu da dilma... bom dia”; meme do Hitler jogando vídeo game: “Agora põe um de guerra pq futebol já zerei”; postagem de um meme com Capitão Nascimento enfrentando Dilma com slogan de outra página “Revoltados online” dizendo com letras garrafais em verde e amarelo: “Pede pra sair!!! Vamos subir a Hashtag. É o Brasil inteiro pedindo: #DilmaPedePraSair”; Outro meme com Ratinho apresentador do SBT segurando um cartaz onde diz “Chega de viadagem nesse país. #AcordaBrasil; Meme com a foto de Jair Bolsonaro sorridente com o slogan do governo federal em verde amarelo onde diz: “Governo Federal Brasil: um país rico é um país com zuera”; Meme de Dilma com os olhos vendados com a faixa da presidência: “Todo petista fanático é igual corno apaixonado. Você fala mostra provas, mostra fotos, mostra vídeos, explica mostra por A+B, desenha... mais não adianta! E no fim ele continua cego de amor e você sai como errado e destruidor de lar”; Post que diz: “Discurso de ódio não é liberdade de expressão e ser roubado todo dia seria o que?”; “Vamos denunciar a Sra. Dilma Roussef, pelas mentiras de campanhas eleitorais que publicou em suas páginas sociais. Suas mentiras foram muito mais ofensivas para cada cidadão brasileiro do que qualquer xingamento. Pois muito além de

ofensivas, elas foram responsáveis por prejudicar diretamente a vida de cada brasileiro, pois alguns acreditaram nas mentiras, tais como: não subir impostos, inflação controlada, jamais mexer nos direitos trabalhistas e por aí vai. Propaganda enganosa e ofensiva. Pois qual brasileiro não se sentiu ofendido depois de tudo que ela prometeu e não cumpriu, ou melhor, fez tudo absolutamente ao contrário? Vamos começar censurando então quem mais prejudicou pessoas com as postagem na internet... Por favor, retirem as páginas das redes sociais da Dilma Rousseff! #DESUMANIZAREDES” “discurso de odio nao é LIBERDADE DE EXPRESSÃO, vc só é livre para ter opinioes boas sobre o governo kkkk mesma coisa que falar pra um presidiario ‘cara se ta livre, só nao pode sair dessas grades’ kkk”.

Dessa forma, suas redes sócias servem de incitação à violência e de amparo para justificar certas compreensões de mundo e a tomada de posicionamentos políticos por parte da juventude.

É importante perceber também, que quando Gentili fala, ele não fala sozinho, ele não está desamparado. Ele não é um “herói solitário” que enfrenta corajosamente a “censura” de um governo apresentado por ele como autoritário. Gentili é a figura pública por trás de um projeto de sociedade em disputa, um projeto que envolvem vários outros segmentos das elites empresariais de nosso país. Embora Gentili se empenhe frequentemente em negar seu alinhamento político com determinadas frações burguesas da sociedade brasileira, suas ações demonstram o quanto ele está comprometido com estes seguimentos. Bastante emblemático do que estamos afirmando aqui é o fato de que Olavo de Carvalho, também ele um dos grandes entusiastas da nova direita, ter postado em suas redes sociais: “Viva o Desumaniza-a-Redes. Vamos à rua xingar os filhos da puta”, a posta-

gem constou com 2.945 curtidas e 192 compartilhamentos, demonstrando que há um afinamento político ideológico entre eles.

Quando Gentili diz, “*como nós aqui do The noite não gostamos de censura*” ele está dizendo, eu não estou sozinho, toda minha equipe de trabalho, todos meus seguidores e fãs pensam assim como eu, a emissora de televisão (SBT) em que eu trabalho também pensa assim e todos eles me autorizam a dizer o que eu disse, a falar o que estou falando e a promover o tipo de ação que estou promovendo. Gentili fala em seu nome, mas também em nome de uma elite empresarial da comunicação, o SBT, fala em nome e com autorização de Silvio Santos.<sup>15</sup>

Também importa lembrar que a emissora de televisão em que Gentili trabalha SBT entrou nessa disputa contra o petismo e o suposto comunismo no Brasil de forma engajada, dando voz e espaço para que os opositores falassem, Gentili não foi o único apresentador de televisão que se destacou por atuar contra o governo, Silvio Santos e Ratinho fazem o mesmo sempre que se sentem ameaçados.

Na prática significa mobilizar um exército de pessoas a se revoltar contra o governo petista, mas também contra todos os setores que se sentiam de alguma forma, representados por aquelas iniciativas. A revolta promovida por Gentili, ganha contornos de uma “crítica política”, quando este diz que o Playstation 4 que ele está oferecendo como prêmio não vem de verbas públicas. Quando o apresen-

---

15.Silvio Santos além de ser proprietário do canal de comunicação Sistema Brasileiro de Telecomunicações (SBT) é dono de um conjunto de outras empresas do “Grupo Silvio Santos”: Título de capitalização Tele Sena; TV Aphaville; Hotel Jequitimar; SISAN – empreendimentos imobiliários; Perícia corretora de seguros; entre outras. Em meio as disputas políticas conjunturais vividas no período eleitoral de 2018, Silvio Santos declarou apoio público ao novo governo Jair Bolsonaro.

tador diz isso ele está ao mesmo tempo organizando um conjunto de pessoas que se decepcionaram com PT e incitando a revolta. Ao contrário do que ele diz toda sua atuação é política porque ele está dialogando a partir de toda uma conjuntura de disputas políticas que tem no centro do debate as denúncias de corrupção contra o governo e a crise econômica mundial vivida em meio a essas disputas.

Aqui é também importante destacar o papel estratégico que os canais de comunicação, TV e redes sociais na internet em conjunto desempenharam nesse processo, um papel de desgaste contra o governo petista, mas também a tudo que este governo representou simbolicamente para os setores populares, essas empresas constantemente ajudaram a criar um sentimento de revolta nas massas sociais e a descredibilizar todos aqueles que se sentiam de alguma forma representados neste governo, ou seja, era preciso enfrentar o governo petista porém, não para propor um projeto de sociedade que fosse mais abrangente e incluísse a demanda dos setores populares, o projeto de sociedade que foi promovido por esses canais de comunicação foi um projeto antipopular, antipovo, pois se colocou na contramão de tudo que dialogava simbolicamente com suas aspirações, negando a importância de suas demandas.

Na prática esse tipo de postagem em suas redes sociais significa mobilizar um exército de pessoas a se revoltar e atuar não só contra o governo mas contra toda e qualquer demanda dos setores populares. Esta é uma declaração aberta de guerra contra todos aqueles setores que vinham ganhando projeção nacional, negros, mulheres, gays e setores de baixa renda. Quando um apresentador de televisão vai a público falar o que quer e incitar a violência e quando tem livre trânsito e abertura para isso, ele está indiretamente dizendo: “Se eu posso



fazer isso, vocês (seguidores e telespectadores) também podem, sintam-se a vontade, porque assim como eu, milhares de pessoas concordam com isso que estou dizendo, não tenham medo, ofendam!”. “Faça como Diego e mande um recado humanizado para a página [www.facebook.com/humanizaredes](http://www.facebook.com/humanizaredes) poste seu print nos comments e concorra a um Playstation 4 novinho”:

Peço com todo o respeito, que a presidente, tome no seu orifício rugoso, anal e também, com todo o amor do mundo gostaria de mandar ela se foder, com respeito é claro, e se foder mesmo, haja vista que ninguém foderia ela. E com maior carinho do mundo gostaria de constar que a merda de quem sofre a hemorroida, me lembra o PT, é vermelha, e cheira mal também, e é cheia de bactéria, e não deixando de ser uma merda. Aah não poderia deixar de falar que o nome “humaniza rede” parece um programa de controle de pesca. E o olho do Ceveró é mais torto que meu pau. Ah eu hoje quando eu for na zona eu mando um abraço pra mãe de vcs, aquela profissional do sexo. Putona, boa noite, amo vcs seus grandes filhos da puta, vão todos se foder, seu arrombados do caralho, com todo respeito é claro #diganãooaódio #digasimaodesumanizaredes.<sup>16</sup>

Neste sentido, as redes sociais na internet formaram as trincheiras onde se construiu a autorização e a banalização da violência, cada declaração de ódio proferida ao público na rede que ganha likes reforça com apoio positivo aquele tipo de pensamento e comportamento autorizando também a violência contra esses setores. Sendo assim, as redes sociais na internet, são um importante termômetro, onde podemos medir a banalização a respeito da violência e do ódio entre os diferentes segmentos sociais. Nesses espaços observamos como foram se desenhando os caminhos para o fascismo brasileiro, e podemos acompanhar de perto a gradativa autorização para o

---

16. Esse é apenas um dos inúmeros comentários que coletamos na Página “Desumaniza Redes” motivados pelo incentivo de Gentili para ganhar um PlayStation 4. Uma infinidade e outros comentários foram publicados e estão arquivados por nós. Essa publicação na Página do “Desumaniza Redes” recebeu 583 likes, 230 comentários em apoio, e 20 compartilhamentos. Todas as outras publicações seguiram o mesmo baixo nível.

horror promovida por essas redes, onde milhares de pessoas (seguidores) começaram a se sentir à vontade e autorizados a promover a violência e a justiça com as próprias mãos, de acordo com seus próprios interesses em jogo.

Vejamos mais alguns detalhes dessa perspectiva e como Gentili ao se opor a um projeto de lei se opõe a toda uma tendência política que ganhou repercussão ao longo dos anos dos governos dirigidos pelo PT (2003-2016). Na análise dos discursos, as palavras escolhidas dizem respeito ao conjunto de significados que se quer invocar, bem como aqueles em que se pretende destruir. Ao dizer “Querida presidente, danta, nunca sei dizer, eles inventaram mais uma palavra, Presidanta.” Indiretamente, Gentili nos revela um inimigo que fica oculto em sua fala: quem são “eles”? Embora em nenhum momento de sua fala, ele mencione especificamente alguém, o contexto e o momento conjuntural em que nós estamos inseridos nos autoriza a dizer que esses “eles” a que Gentili se refere diz respeito indiretamente ao PT e a todos aqueles setores que conquistaram projeção nacional no último período ao longo de seus governos, o qual, destacamos aqui os grupos de mulheres feministas.

Então, se a força que uma linguagem adquire advém do uso e de sua capacidade de representar aqueles que antes não se sentiam representados, ao ridicularizar a questão do gênero, e com ele, a presidente, chamando-a de *anta* (“danta”), Gentili também ridiculariza toda uma tradição de mulheres que estão buscando se afirmar em nossa sociedade.

Em seguida, Gentili menospreza o papel a respeito das discussões das violências promovidas via redes sociais na internet, reve-

lando sua desonestidade e conhecimento raso perante o impacto que as novas mídias de informação e comunicação tem na realidade ao promover e incitar atos de violência, contra negros, homossexuais e mulheres.

A fala de Gentili é nesse sentido toda articulada a responder “eles” os petistas, os politicamente corretos, os defensores dos direitos humanos, as mulheres, o movimento negro, as diversidades. Todos aqueles setores, que por terem conquistado projeção nacional e reconhecimento social agora se tornaram empecilhos para o tipo de humor promovido por ele, um tipo de humor que só sabe fazer rir através da humilhação e ofensa, através da necessidade de diminuir e menosprezar os outros.

Essa rede juntamente com outras como: “Socialista de iPhone”; “Liberalismo da zoeira”; “Comunistas de Rolex”; “Garotas Direitas”; “Marx da Depressão”; “Orgulho de ser Hetero”; “Bolsonaro zuero 3.0”; “Bolsonaro Opressor 2.0”; “MBI”; “Canal da Direita”; “Eu era esquerdista mais a zuera me curou 1.0 foram os canais sob os quais se constituiu a base de apoio popular dos atos contra os governos Dilma nos dias 15 de abril de 2015 pelo pedido de impeachment em 2016. Vejamos mais algumas publicações que nos autorizam falar afirmar isso.

A primeira é a postagem de uma página intitulada “Intervenção Militar Agora” ao aderir a campanha promovida por Gentili aproveitada para convocar todos aqueles que estão contra o governo para participar dos atos pelo Impeachment de Dilma. A postagem diz “#Compartilhe #IntervençãoMilitarJá #desumanizaredes #Huma-

nizaRedes Intervenção Militar – CORONEL DA ATIVA – manda instruções para o protesto 12/04/2015”.



A segunda postagem é original da página “Desumaniza Redes”:



Na imagem acima vemos Lula defecando em cima da população, ao lado Dilma que como auxiliar desse processo realiza a retirada do cérebro das pessoas, indicando que a base de apoio popular do PT é uma base de apoio acéfala e burra, que é constantemente manipulada e ainda assim aceita as “merdas” que esse partido faz em troca de Bolsa Família. Notem que na parede da imagem aparecem as duas iniciativas do governo: Humaniza Redes e um logo do cartão

Bolsa Família. No desenho as pessoas que estão passando pela “lobotomia” estão com a camiseta do PT e de chinelo de dedo, como se quisesse indicar a origem de baixa renda dessas pessoas. Poderíamos questionar, se a charge está relacionando miséria a burrice? Sendo assim, o meme em questão parece indicar que a maioria da população brasileira é por esse motivo burra.

Na prática, o “Desumaniza Redes<sup>17</sup>” esteve a todo momento respaldado por um tipo de discurso que procurou tomar posicionamento, (tomar partido) contra os governos petistas e todos os segmentos que se sentiam representado por ele. Diante da polarização política e conjuntural do país, ficou claro que as redes sociais ocupadas por Gentili serviram como canais para construir e formar uma militância de direita que fosse ativa nas redes sociais. Quando Gentili opta por se envolver nas intermináveis questões do cotidiano, ele está conscientemente disputando as formas de pensamento da juventude para conquistar apoio a determinadas formas de pensar. Esse aspecto das disputas ideológicas que se travam nas redes sociais está cada dia mais perceptível como fica evidente no exemplo seguinte: “Vídeo do Lula malhando: 35 mil compartilhamentos. Vídeo do Gentili zoando o Lula malhando: 58 mil compartilhamentos. Zuera sempre vence.”<sup>18</sup>

Ao analisar a infinidade de postagem realizadas pelo “Desumaniza Redes” fica claro seu posicionamento político ideológico ao lado dos setores mais conservadores e reacionários do quadro político brasileiro. O objetivo é claramente construir motivos para ridiculari-

---

17. Colaboraram com a campanha também o site Canal do Otário. <http://www.canaldootario.com.br/videos/humaniza-redes-desumanizaredes/> E a página Anonymous Brasil.

18. A postagem recebeu 4,8 mil curtidas, 106 comentários e 155 compartilhamentos.

zar o PT, Lula e tudo que está ligado, direta e indiretamente, a ideia de esquerda em nosso país.

Assim, atuação de Gentili segue sendo fantasiosa e desmedida, ele busca dar ares de rebeldia e de atuar contra o sistema ao fomentar ideias como as que propõem fazer greve fiscal e deixar de pagar impostos. Ao afirmar isso Gentili dialoga com toda uma base social de pequenos e médios empresários que se sentem diariamente “roubados e enganados” pelo governo petista.

A postagem diz: “Eu sou a favor da greve fiscal. Imaginem se todos os brasileiros fizessem greve e parassem de pagar impostos e só voltassem a pagar quando diminuíssem as vagas e regalias de deputados, senadores, assessores e quando cortassem os impostos”.<sup>19</sup>

Por de trás dessa agitação que busca mobilizar as pessoas contra os impostos, nós temos a defesa de um projeto de sociedade, que em consonância com frações das classes burguesas do país tem buscado interiorizar no pensamento das massas a necessidade urgente de reduzir o tamanho do Estado, argumentando que são os gastos sociais do Estado os principais responsáveis pela crise econômica vivida no Brasil.

Nesse sentido, é que campanhas contra o financiamento público de escolas, universidades, programas assistências como Bolsa Família, SUS, começaram a ser constantemente atacados e identificados como os principais problemas da sociedade. Essa forma de pensamento foi pouco a pouco entrando em acordo com outros centros difusores de ideias como o Instituto Liberal, página que é seguida por Gentili via “Desumaniza Redes”, incluindo o compartilhamento

---

19.A postagem tem 2,4 mil likes, 69 comentários e 910 compartilhamentos.

de artigos e estudos realizados por esta instituição. Mencionamos esse alinhamento político e ideológico para desvelar que as implicações por de trás da atuação promovida nas redes de Gentili são muito mais profundas do que as disputas de narrativas que ocorrem no *Facebook* em tom de “zoeira”.

Nesse sentido, ao dialogar com a insatisfação das massas sociais, fomentando o ódio aos políticos e a política, sem revelar seu engajamento político, Gentili contribuiu para organizar a insatisfação popular e direcionar ela no sentido de eliminar as esquerdas do país.

Portanto a página “Desumaniza Redes” compõem juntamente com outros agrupamentos as redes de difusão do pensamento conservador e reacionário em nosso país como: Socialista de iPhone”; “Liberalismo da zoeira”; “Comunistas de Rolex”; “Garotas Direitas”; “Marx da Depressão”; “Orgulho de ser Hetero”; “Bolsonaro zuero 3.0”; “Bolsonaro Opressor 2.0”; “MBL”; “Canal da Direita”; “Eu era esquerdista mais a zuera me curou 1.0” entre outras.

Neste sentido, queremos sublinhar a importância estratégica que as redes sociais na internet ocupam no *processo de fascistização* de parcelas significativas da sociedade brasileira. Atualmente o fascismo é um componente ativo nas organizações políticas da Nova Direita que disputa junto as massas a falta de perspectiva da juventude, o desemprego, a violência, a miséria, tudo isso através da agitação de políticas que visam o endurecimento das instituições de repressão do Estado, como a polícia e exigência de maior participação das forças armadas para retomada da ordem social. Assim, é possível dizer que a esquerda deixou de ser o único recurso para os ofendidos e para aqueles que alimentavam sonhos de mudanças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTO, André Guimarães. **O que está em jogo no “Mais Mises menos Marx”**. Disponível em: <<http://marxismo21.org/>> Acessado 20.04.15.
- CALIL, Gilberto. **Estado, Capitalismo e Democracia no Brasil recente**. Estudo sobre Poder, hegemonia e regimes políticos (1945-2014) Porto Alegre: FCM Editora, 2014.
- CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A nova direita no Brasil: aparelhos de atuação política ideológica e atualização das estratégias de dominação burguesa (1980/2014)**. Tese de Doutorado em História Social, Universidade Federal Fluminense, 2016.
- CAROS AMIGOS. **A direita sai do armário**. Ano XVII, nº205, 2014.
- DEMIER & HOEVELER. **A onda conservadora: ensaios sobre os tempos atuais sombrios no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia de massas e análise do eu e outros textos: (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 3. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GRASSIOLLI, Isabel. **A nova direita no Brasil (2011-2106): Uma análise da atuação política no Facebook**. Tese de Doutora em História – Programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) *campus* de Marechal Cândido Rondon 2019.
- MALINI, Fábio; ANTOUN Henrique. **A internet e rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.
- MARICATO ... [et al.]. **Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.
- PATSCHIKI, Lucas. **Os litores da nossa burguesia: o Mídia Sem Máscara em atuação partidária (2002-2011)**. Dissertação de Mestrado em História – Programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* de Marechal Cândido Rondon, 2012.
- REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Martins Fontes: São Paulo, 1988.



## CAPÍTULO 6

BRASIL PARALELO:  
UM EMPREENDIMENTO DE DISPUTA POLÍTICA E  
SIMBÓLICA DA (S) DIREITA (S) RECENTE (S)

Karine Rodrigues Firmino (UFSCar)

Preocupados com a “*vida mental*” do país, atores políticos da (s) direita (s) recente (s), se engajam na criação de uma frente de atuação no campo cultural, a fim de promover a cosmovisão conservadora e (ultra) liberal. Calcados na concepção de “*guerra cultural*”, se apropriam de uma noção difundida por Olavo de Carvalho, de que é necessário obter, para além da hegemonia política, principalmente a hegemonia cultural. A partir dessa noção se constitui uma espécie de “*contracampo*” intelectual, com epistemologia e enunciados próprios, que se contrapõe ao “*establishment do politicamente correto*” e propõe a restauração de uma ordem que se baseia na tradição, e que enxerga o presente republicano como uma ameaça e o motivo das crises enfrentadas pelo país.

Este ensaio consiste em uma breve análise da atuação da empresa audiovisual Brasil Paralelo, que é uma espécie de “*caixa de res-*

*sonância*’ dos intelectuais do chamado sistema pró-liberdade. Com conteúdos de História do Brasil alinhados ao “*liberalismo econômico*” e preceitos cristãos a produtora oferece uma “*restauração cultural*” através da promoção de documentários de caráter político-pedagógico e os processos sociopolíticos que tornaram possíveis a emergência de discursos conservadores com projetos políticos radicalizados.

Em um cenário de instabilidade e insatisfação com o sistema democrático, falta de referenciais e marcado pela polarização, oportuniza a emergência da “*política nostálgica*” (Lilla, 2018) na realidade brasileira, no qual o passado autoritário aparece como uma esperança de mais ordem e estabilidade.

## UM (DES) LUGAR

Nos anos de 1996 e 1997, o diplomata Ronaldo Sardenberg, na época, articulista da Folha de São Paulo, tentava perspectivar, junto aos intelectuais da época, qual seria o futuro do país no novo século que se descortinava. Diante de um cenário de “*crescentes anseios expressados pelos mais diversos setores da sociedade por um projeto nacional consistente de desenvolvimento de longo prazo*”, a classe de intelectuais- aqueles que por sua vez, se dedicavam a pensar tal questão- era segmentado a partir de duas concepções distintas. De um lado, o parecer era de que o governo deixava a sociedade “*à mercê dos caprichos da globalização*”, pela sua inércia em relação a tal questão, e, do outro, o julgamento era de que a ação de se planejar o futuro da nação, não deveria ser um feito governamental, sem que soasse como “*uma perigosa e inútil recaída de dirigismo estatal passadista.*” (Sardenberg, 1997).

“É importante que se faça esse esforço conjunto de reflexão sobre o perfil do Brasil das próximas décadas, de forma a procurar extrair um

vetor consensual a indicar o rumo futuro do país. Sem constituir uma panaceia para as disfunções de curto prazo que ainda afligem o país, um projeto nacional -conscientemente escolhido e sustentado pela cidadania- constituiria farol de longo alcance e amplo espectro a orientar a nau Brasil pelos mares bravios do próximo século. Seu facho serviria para iluminar tanto o piloto (“kybernetes” -raiz grega, de onde derivou o termo latino “gubernator”) quanto a tripulação e os passageiros através de águas talvez mais seguras, por entre as irmãs monstruosas Cila, das correntezas da globalização, e Caribdis, dos escolhos da fragmentação.” (SARDENBERG, 1997)

O exercício de se pensar o futuro e traçar um plano que “*a nau Brasil*” iria traçar pelos “*mares bravios*” do século XXI, consistia em uma tentativa de formular uma concepção de projeto que fosse elaborado por todos os brasileiros. Só assim, poderíamos ter cenários relativamente bons no futuro e um direcionamento, para onde ir e o que fazer em um cenário de fragmentação e incertezas. Qual a situação da “*nau Brasil*” no ano de 2020? Exercício pelo qual a Secretaria de Assuntos Estratégicos fazia, ao tentar esboçar possíveis cenários para o ano de 2020, que, na época, era o futuro iminente, e, hoje, é o presente.

No alvorecer do novo século, o Brasil experimentava o chamado “*giro à esquerda*”, a partir da eleição de Luís Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores), no 4º pleito eleitoral depois da promulgação da Carta constitucional de 1988, em 2002. Sua chegada à presidência da República significava a inclusão efetiva das classes populares na alternância de poder. Foi em seu governo, estabeleceu-se políticas de proteção social, que tentavam expandir a inclusão social de milhares de brasileiros. Através de programas sociais com políticas sociais liberais de transferência de renda como Bolsa Família, milhares de brasileiros saíram da linha da miséria, tal movimento foi nomeado como “*o milagre brasileiro*”, pelo historiador

britânico Eric Hobsbawm. A inclusão social, através de políticas de consumo, é uma das principais características dos governos petistas, sobretudo, do lulismo.

As reformas sociais do século XXI são marcadas por um Estado forte que “enfrenta” as desigualdades, mas sem ameaçar o *status quo*, um projeto de reforma gradual, que se deu através de um pacto conservador<sup>1</sup>, demonstra uma síntese controversa das “duas almas” do Partido dos Trabalhadores (Singer, 2010). O caráter híbrido do lulismo, estabelecido sobretudo, que conseguiu capturar e dialogar com o conservadorismo da sociedade brasileira nesse modelo de “mudança” pactuada com o *status quo*, uma espécie de “política da prudência”<sup>2</sup>.

A inclusão desses grupos, principalmente, através do consumo, provocou um comportamento de empoderamento em classes mais baixas, de aspiração e esperança<sup>3</sup>. Em um estudo de etnografia longitudinal<sup>4</sup>, realizada entre jovens moradores do Morro da Cruz, em Porto Alegre, Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco,

---

1. Para ver mais, indico o artigo de André Singer, intitulado “Raízes sociais e ideológicas do lulismo” (2008) e seu livro, “Os sentidos do lulismo: reforma gradual e o pacto conservador” (2012).

2. As duas almas do Partido dos trabalhadores, para o cientista André Singer, demonstra as mudanças do partido ao longo do tempo, do qual ele divide em duas: o programa da escola de Simón, dos anos 1980 e da escola do Anhembi de 2002.

3, “Houve uma nova construção nacional relacionada às ideias de “acesso” e “emergência”. As classes emergentes inverteram os sentimentos de inferioridade e patriotismo pessimista em esperança positiva. A ‘classe C’ ou as chamadas ‘novas classes médias’ tornaram-se um fenômeno sociológico que foi sustentado por números impressionantes: entre 2003 e 2011, aproximadamente 40 milhões de pessoas se tornaram “classe média”. o que é importante notar para propósito deste ensaio é que o verbo “brilhar” foi amplamente empregado por acadêmicos e formuladores de políticas para descrever esse momento emergente marcado pela mobilidade social.” (PINHEIRO-MACHADO & SCALCO, p. 4, 2018).

4. Ver: PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. . **Da esperança ao Ódio: Juventude, Política e Pobreza do Lulismo ao Bolsonarismo.** CADERNOS IHU IDÉIAS (UNISINOS), v. 16, p. 3-15, 2018.

a fim, de investigar as relações entre consumo e política desse jovens, avaliam como as mudanças no desenvolvimento no país, não afetaram apenas as condições materiais, mas também moldaram a “subjetividade” política desses atores sociais, ou seja, suas formas de “*fazer política e de compreender o mundo*” (PINHEIRO-MACHADO & SCALCO, 2018).

No ano de 2009, na capa da revista liberal britânica “*The Economist*”, o Brasil “decolava”. O motivo era o desempenho do país em relação a crise econômica mundial de 2008, que teve poucos prejuízos com a recessão, em decorrência das políticas adotadas pelo país, para lidar com a crise <sup>5</sup>. Alguns anos depois, em 2013, o Brasil havia “*estragado*” tudo<sup>6</sup>. Algo havia dado errado. E o país começava a entrar em uma zona perigosa, com baixas históricas em seus índices como o PIB. Em, 2016<sup>7</sup>, o país é, novamente, o assunto de capa, mas dessa vez, sua imagem é de uma nação pedindo socorro, em meio a uma forte recessão com uma crise política de “*pano de fundo*”. Essas capas sucessivas podem demonstrar não apenas como o país, a situação que em 2009 “*adentrava no palco mundial*”, mas as rápidas mudanças que aconteceram no país.

Durante esse processo, da emergência ao colapso do desenvolvimento econômico (Pinheiro-Machado & Scalco, 2018), se constituiu um novo tipo de configuração ideológica, de caráter híbrido, que mescla elementos da direita e da esquerda (Singer, 2009) que promo-

---

5. “*Brazil take off*” (2009) Disponível em: <<https://www.economist.com/leaders/2009/11/12/brazil-takes-off>>.

6. “Has Brazil blown it?” (2013). Disponível em : <<https://www.economist.com/leaders/2013/09/27/has-brazil-blown-it>>.

7. “*The Betrayal of Brazil*” (2016). Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2016/04/23/the-great-betrayal>.

ve uma espécie de realinhamento eleitoral, no ano de 2006, em que o lulismo havia perdido apoio da “*nova classe média*”, grupo beneficiados pelas políticas sociais, mas que se voltaram contra o caráter assistencialista das políticas públicas promovidas pelo PT, e ganharam apoio dos de “*baixíssima renda*”, em certa medida, pelo Bolsa-Família, por terem essas classes terem tido melhoras em suas condições materiais.

No ano de 2012, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aderiu a uma nova subcategoria para classificar um “*novo*” fenômeno no mercado de trabalho e na situação do desemprego: a categoria dos desalentados, que são pessoas que desistiram de procurar emprego, pois não tem esperança de que irão encontrar, depois de tantas tentativas<sup>8</sup>.

Se em um intervalo curto de tempo, o Brasil aparecia como um país de economia promissora e, logo teria fracassado, a situação democrática nacional que parecia estar se “*consolidando*” também faz o exercício reverso, discursos e uma nostalgia autoritária passa a ocupar a ordem do dia. Mesmo nos anos em que o sistema democrático parecia estabilizado com a alta adesão ao sistema democrático, alguns estudos já demonstram uma contradição, a adesão convivia com uma alta taxa de insatisfação com o desempenho democrático (Moisés & Piquet, 2008)<sup>9</sup>.

---

8. Entre os motivos, o IBGE indicou 4 principais motivos da desistência na procura de emprego: “1. não encontrar trabalho na localidade, 2. não conseguir trabalho adequado, 3. não conseguir trabalho por ser considerado muito jovem ou idoso, ou 4. não ter experiência profissional ou qualificação.” Do ano de 2012 para o ano de 2019, o número de brasileiras e brasileiros desalentados teve o aumento de 152%, segundo o IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>>

9. Cf. MOISÉS, José Álvaro and CARNEIRO, Gabriela Piquet. **Democracia, desconfiança política e insatisfação com o regime: o caso do Brasil**. *Opin. Pública* [online]. 2008, vol.14, n.1 [cited 2020-06-29], p.1-42.

Anos mais tarde, o país experienciava uma onda de protestos a partir do ano de 2013. Tal movimento ficou conhecido como as “*Jornadas de Junho*”, o maior protesto desde a redemocratização. Nos anos subsequentes, o que observamos foi a ascensão de grupos conservadores com tomadas de posições radicalizadas que, por vezes, se aproximam do autoritarismo. Um elemento que salta os olhos, a partir dos protestos em defesa do *impeachment* de Dilma Rousseff, nos anos de 2015, é o aspecto nostálgico que estampava os cartazes revoltosos e reivindicadores do fim do mandato da então presidente: a invocação do regime autoritário civil-militar surge não apenas como uma reivindicação narrativa saudosista que rememora, mas a requisição de sua reprodução no presente “*democrático*”.

Junto à conjuntura sociopolítica nacional, elementos “*novos*” passam a exercer um papel (re) configurador na comunicação e comportamento político dos brasileiros. A Internet que chegou no Brasil nos anos de 1988 por iniciativa de acadêmicos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), tornou-se um dos principais meios de comunicação dos brasileiros na atualidade<sup>10</sup>.

O país mais conectado às redes sociais na América Latina<sup>11</sup>, e, o segundo em maior tempo de uso das mídias sociais, também é o país

---

10.Cf. CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da Internet no Brasil**: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança. Dissertação UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

11.Cf. DOURADO, Maria. Brasil é o país que mais usa redes sociais na América Latina. Olhar digital, [S. l.], p. 1-5, 5 jul. 2019. Disponível em: [!\[\]\(ab35a505442235b7e34699f130c83004\_img.jpg\)coleção  
Singularis](https://olhardigital.com.br/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-na-america-latina/87696#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20pa%C3%ADs,%2C%20Snapchat%2C%20Pinterest%20e%20LinkedIn. Acesso em: 29 jul. 2020.</a></p></div><div data-bbox=)

onde milhares de pessoas ainda não possuem acesso a saneamento básico, onde mais de 200 mil casas não têm energia elétrica<sup>12</sup>, além da indisponibilidade de acesso à Internet em zonas rurais<sup>13</sup>. Contraditoriamente um dos países mais participantes das redes sociais, tem uma distribuição desigual no acesso das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs).

Neste cenário de alta adesão às novas TICs, desempenham um papel muito maior do que tão somente sua função elementar, ser um meio de comunicação de informações e ideias; a lógica algorítmica, que possui performatividade em modular comportamentos, que desempenha um papel fundamental na contemporaneidade, não se configurando tão somente como um meio, mas também como um importante filtro que a experiência das redes, e seus conteúdos produzidos e consumidos por seus usuários, formando assim sujeitos híbridos que consomem e produzem, os prosumidores<sup>14</sup> (Edoardo, 2018). Em um artigo intitulado “*A modulação algorítmica de comportamento e suas categorias operativas a partir das patentes da Facebook Inc.*” (2020), a pesquisadora Débora Machado discute as implicações da lógica algorítmica das mídias sociais nos comportamentos, como esses são modelados a partir de um sistema que mapeia e explora as emoções

---

12.Ver: EPOCA, BRASIL É 2º EM RANKING DE PAÍSES QUE MAIS PASSAM TEMPO EM REDES SOCIAIS. <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/09/brasil-e-2-em-ranking-de-paises-que-passam-mais-tempo-em-redes-sociais.html>

13.Para ver mais: IBGE, Uso de Internet, televisão e celular no Brasil. <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html#subtitulo-0> e <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>

14.“Prosumidores” é o termo utilizado pela socióloga Laysmara Carneiro Edoardo, ao se referir aos usuários da Internet, que além de consumirem os conteúdos das redes, também produzem-os, e, assim, possuem seu duplo papel. Cf. EDOARDO, Laysmara Carneiro. **Diários públicos: Facebook, imagens e ficcionalização do cotidiano.** São Paulo, 2018.



dos usuários<sup>15</sup>. Não sendo o *locus* clássico da política (Salles, 2017), a característica descentralizada e mediada pelos algoritmos, transforma, ou, pelo menos, disponibiliza novas formas de se experienciar a política. É nesse contexto, de comunicação mediada e modulada, que ganham força grupos da “*nova direita*”, que se organizam e promovem formação através das redes<sup>16</sup>.

### “UM VENTO DE MUDANÇAS NO HORIZONTE NO ÂMBITO CULTURAL, QUE TEM IMPACTO NO ÂMBITO POLÍTICO”<sup>17</sup>

Em uma entrevista à Ítalo Coriolano, do Jornal povo.com, no ano de 2014, Rodrigo Constantino ao ser perguntado sobre “*a nova direita*”, fala sobre a diversidade política presente nas direitas, e, avalia que naquele cenário surgia algo de “novo” na cena político cultural: os intelectuais, artistas, humoristas “*comprando*” briga com “*a turma bolivariana*”, e tal transformação cultural teria também efeitos no ambiente político, e poderiam gerar um direita, para Constantino não existia de fato, o que havia eram grupos que se uniam para não deixar o país se tornasse uma Venezuela<sup>18</sup>.

15. Também indico a entrevista da pesquisadora à Agência Pública, disponível em: <<https://apublica.org/2019/07/como-o-facebook-esta-patenteando-as-suas-emocoes/>>

16. Em seu trabalho, “*Menos Marx, mais Mises: uma gênese das novas direitas (2014-2016)*”, a cientista política Camila Rocha (2018) indica como se formaram “*contrapúblicos*” nas redes sociais, simultaneamente ao fenômeno do lulismo no Brasil.

17. O POVO. **Quem é e o que pensa a Nova Direita**. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/dom/2014/03/29/noticiasjornaldom,3228081/quem-e-e-o-que-pensa-a-nova-direita.shtml>>

18. Em sua tese de doutorado, o historiador Rodrigo Patto de Sá Motta, analisa como o fenômeno do anticomunismo operou em drásticas rupturas em sistemas democráticos. O fenômeno combinado à cenários de instabilidade tiveram um papel decisivo para ascensão de regimes autoritários. No caso do Brasil, ele defende que teria ocorrido grandes ondas, em 1937, com a instauração do Estado Novo, por Getúlio Vargas; em 1945-47, com a cassação do Partido Comunista e em 1964-1985, com a ditadura civil-militar. Cf. MOTTA,

Em uma publicação em suas redes sociais, a deputada estadual de Santa Catarina, Ana Caroline Campagnolo (PSL), conhecida pela sua militância antifeminista, fala sobre esse “trabalho fundamental” para além de sua atuação política, o de luta contra o “*establishment do politicamente correto*”, ao falar sobre a sua livraria com obras conservadoras, criada no ano de 2013. Nesse mesmo sentido, outros políticos, *influencers*, *youtubers* e ideólogos conservadores ultraliberais anunciam em seus canais e mídias sociais, suas livrarias, com títulos mais ou menos parecidos, mas com a mesma linha ideológica: “*de direita, conservador, anti establishment, cristão*”<sup>19</sup>.

Em um artigo intitulado “*O mercado editorial e a nova direita brasileira*”, o sociólogo Leonardo Nóbrega da Silva (2018), a partir da trajetória da editora Record, identifica o fenômeno editorial de publicação e venda de autores ligados intelectualmente ao campo político das direitas atuais. Para o sociólogo, o surgimento de tal fenômeno no campo editorial consolida o processo que já se desenvolvia nas redes sociais, uma materialização da demanda conservadora no campo intelectual. Esse movimento faz parte também de uma espécie de transmutação que ocorre com intelectuais midiáticos, que constroem uma agenda de reação aos governos petistas, como analisado pela historiadora Lidiane Soares Rodrigues, em seu artigo “*Uma revolução conservadora dos intelectuais*” (2018).

---

Rodrigo Patto de Sá Motta. **Em guarda contra o perigo vermelho**. 2002.

19. Cito aqui as livrarias que foram identificadas na prosopografia da Brasil Paralelo, realizada em um estudo preliminar que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação de Ciência Política, da UFSCar. As livrarias identificadas foram: 1. Livraria Campagnolo, 2. Livraria Seminário de Filosofia (de Olavo de Carvalho), 3. Livraria terça-livre, 4. Livraria do Bernardo (do youtuber católico Bernardo Kuster), 5. Livraria do Italo (de Italo Marsili) e 6. Livraria contra acadêmicos.

Para entender esse movimento de reviravolta simbólica e emergência de um pensamento conservador é preciso dimensioná-lo no contexto sóciopolítico brasileiro, e a própria concepção de grupos direitistas de que a hegemonia simbólica é central para sua atuação. O presente incerto, instável, marcado pela violência e insegurança, a sensação de desorientação- que aparece mesmo nas manifestações de 2013, quando o que começa com o Movimento Passe Livre, passa a levantar uma massa disforme e uma variedade de reivindicações. A multidão indignada havia “*despertado*” e as manifestações passam a abrigar toda a espécie de indignação: a violência policial, a corrupção, a educação pública precária, o mal uso de dinheiro público ou os altos investimentos na Copa do Mundo, ao invés de investimentos em saúde ou em educação.- seria o contrário do passado, tido como o ideal perdido, onde reinava a ordem, e, portanto, a estabilidade. É nesse cenário e nessa política nostálgica (LILLA, 2018), que emerge a confrontação no campo cultural, em que estão, segundo Olavo de Carvalho, as “*raízes*” de todos os problemas do país. A versão profissionalizada<sup>20</sup> do que “*muitos produtores no espaço da Internet já vinham fazendo*”. Declarando confronto à historiadores, intelectuais, universidades e à mídia tradicional, a produtora Brasil Paralelo se coloca como uma “*caixa de ressonância*” que vocaliza e oferece um espaço profissionalizado à intelectuais, youtubers, ativistas e ciberativistas “*anti establishment*”.

---

20. Youtubers, ativistas e ciberativistas veem a iniciativa com entusiasmo, sobretudo, pela profissionalizada produção de conteúdos de direita, como o youtuber Nando Moura, Arthur Deval, youtube, e hoje deputado estadual de São Paulo; o “*instagrammer*” Italo Marsili, e o deputado federal Eduardo Bolsonaro.

## A “CAIXA DE RESSONÂNCIA” DOS INTELLECTUAIS DO “ECOSSISTEMA PRÓ-LIBERDADE”

“A Brasil Paralelo acredita que o Brasil vai dar certo. E por meio de nossas produções trabalhamos para fortalecer em nossa cultura os valores e tradições que, notoriamente, ao longo da história conduziram a humanidade à paz e prosperidade.”

— Brasil Paralelo.

Criada em Porto Alegre, no ano de 2016, a produtora Brasil Paralelo se define como uma empresa de produção cinematográfica, cujo conteúdo consiste em “*despertar a consciência dos brasileiros*”, ao oferecer conteúdo de educação política e histórica, para assim, devolver aos brasileiros sua “*autoestima patriótica*”, através de produções que são publicadas na plataforma do YouTube. Segundo a empresa, todo seu conteúdo segue pressupostos alinhados ao “*liberalismo econômico*” e o conservadorismo-cristão<sup>21</sup>.

Os “*sócios-fundadores*”, três ex-estudantes do curso de Administração e Marketing, do *ESPM*, em Porto Alegre, dizem ter desistido da graduação para se dedicar ao empreendimento. A ideia surgiu no ano de 2014, através da “necessidade” de um trabalho político-pedagógico “*norteador*” em meio a um momento de “*desorientação*” política e cultural, sobretudo, a partir dos protestos de 2013. É assim que a Brasil Paralelo surge. Filipe Valerim<sup>22</sup>, Lucas Ferrugem, Henrique Vianna e Henrique Zingano, constataram a emergência de uma orientação política pós 2013, onde tudo estava “*bagunçado*” e, um

21. **Conservadorismo cristão:** a emergência de grupos religiosos na cena política brasileira.

\* O crescimento da religião e sua representação na política institucional.

22. Filipe Valerim é o “*rosto*” da Brasil Paralelo. Ele é o narrador e o “*apresentador*” de todas as produções. Depois dele, Lucas Ferrugem é o que está a seu lado nas entrevistas e análises sobre as matérias publicadas sobre a produtora na mídia tradicional, que para eles são todos os jornais e programas existentes antes da internet, como p. ex.: Jornal O Globo, Folha de S. Paulo, Estadão e assim por diante.

meio que desse espaço para as “vozes não ouvidas” da (s) direita (s), nos meios tradicionais de comunicação.

Em uma entrevista concedida para o blog *Boletim da Liberdade*<sup>23</sup>, Filipe Valerim, um dos sócios-fundadores que mais aparece na mídia e na apresentação da produtora, fala sobre a motivação, origem e o processo de criação da empresa. Segundo ele, mesmo a produtora sendo jovem, ela já teria passado por várias reformulações antes de ser apresentada ao público, uma dessas mudanças foi o próprio nome, inicialmente denominada como Brando, Paralelo 15, até chegar em Brasil Paralelo. O nome “*Brasil Paralelo*”, foi inspirado no filme “*Interestelar*”, de Christopher Nolan, lançado em 2014. A narrativa da *produção cinematográfica* se passa em um futuro de data incerta, em que os recursos do planeta estão escassos e, a espécie humana é ameaçada por uma praga causadora de um cenário apocalíptico, torna o planeta inabitável. Nesse cenário, Cooper, um dos protagonistas, escolhe participar de uma missão espacial, com o intuito de descobrir novos planetas que tivessem condições propícias para habitação humana e, assim, reconstruir a humanidade. Nessa “*odisseia no espaço*”, Cooper encontra um “*buraco de minhoca*<sup>24</sup>”, o Gargantua, um atalho para um **universo paralelo**, que poderia então salvar a espécie humana da ameaça de extinção. A ideia é de que a cultura brasileira

---

23.A entrevista é do ano de 2018, e está disponível em: <<https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>>

24.Buracos de minhoca, segundo a definição do Professor Associado do Departamento de Física da UFMG, Domingos Soares, são: “(...) *túneis através do hiperespaço* (espaço hipotético onde o espaço-tempo real está embutido), *que ligam* uma região espaço-temporal do universo a outra. *Eles funcionam como atalhos espaço-temporais. O seu nome vem da analogia com o buraco que um bicho de goiaba faz ao atravessá-la pelo seu interior. O seu percurso de um ponto da casca da goiaba a outro ponto da casca pode assim ser bem menor do que o percurso feito sobre a casca da goiaba.*” Disponível em: <<http://lilith.fisica.ufmg.br/~dsoares/extn/brcs/brcs.htm>>.

estaria em deterioração, e, teria criado todo o estado de mal-estar e desorientação. A produtora se propõe a indicar o caminho, conduzir à “salvação”, que não está no “Brasil oficial”, hegemônico pelas esquerdas, e, portanto, falso e decadente <sup>25</sup>.

Antes de ser financiada a partir de um plano de membresia, a produtora contava com uma espécie de “*vaquinha*” online, o modelo *crowdfunding*<sup>26</sup>, para custear as primeiras produções e, assim, como o financiamento dos primeiros “*membros fundadores*”. O plano de memberships, pelo qual, oferece, em plataforma própria, conteúdos sobre política e história, tem quatro modalidades: o Plano Patriota, o mais divulgado pela empresa em suas propagandas recentes, no valor de R\$ 10,00, o Plano Premium (R\$ 59,90 mês), que disponibiliza uma quantidade maior de conteúdo e de “*serviços*”<sup>27</sup>, e dois em especial, que financiam um sistema de bolsas, para pessoas que queiram “*estudar*”

---

25. Indico a entrevista do historiador Marcus Vinícius Furtado da Silva Oliveira para o “*Fronteiras no tempo*”. Disponível em: < A História em Olavo de Carvalho- Fronteiras no tempo >

26. O modelo de financiamento seguido pela empresa inicialmente era o de *crowdfunding*, que segundo as definições do Sebrae, “ (...) é o financiamento de uma iniciativa a partir da colaboração de um grupo (pode ser pequeno ou muito grande) de pessoas que investem recursos financeiros nela. Se você pegar essa definição, a vaquinha também se encaixa. (...) Já o termo *crowdfunding* foi criado recentemente, em 2006, e, apesar de poder representar esse conceito mais amplo, é muito mais utilizado quando falamos sobre projetos/empresas financiados de forma coletiva (várias pessoas contribuindo) por meio de uma plataforma online.”

27. Entre os produtos e serviços oferecidos pelos planos de membresia da produtora estão: o acesso à todas as entrevistas completas; acesso aos cursos do Núcleo de Formação, aulas do núcleo em formato de podcast, grupos de membros do Facebook e Telegram, guia de estudos complementar de cada curso, “versão completa da Trilogia Pátria Educadora + Apostila de Estudos”, Doação de 1 bolsa de estudos Premium da Brasil Paralelo”, doação de 10 bolsas de estudo Premium da Brasil Paralelo, acesso aos relatórios de impacto, quero chamar atenção sobre o papel que a produtora atribuiu aos membros assinantes, a partir da disponibilização dos “relatórios de impacto”, que são relatórios sobre o alcance das produções.

pela plataforma, mas não têm condição financeira, o Plano Fraterno (R\$ 99,00 mês), pacote que inclui acesso ao conteúdo Premium, doação de 1 bolsa de estudos e acesso aos relatórios de impacto e o Plano Mecenaz (R\$ 490,00/mês), com as mesmas concessões do plano fraterno, porém, com a doação de 10 bolsas de estudos. Quero chamar a atenção para o primeiro plano, seu nome e sua carga simbólica: patriota conservador; como a produtora mobiliza esse conceito, que está associado à estética bolsonarista, o patriota que milita a favor de valores da família tradicional, de sua pátria e pela conservação das tradições que constituem a “nação”.<sup>28</sup>

Em todas as produções é dado ênfase ao fato de que a produtora não recebe dinheiro público, e, portanto, seria “*mais confiável*”, diante de intelectuais e das universidades, que recebem o financiamento estatal<sup>29</sup>. Nos apelos para angariar novos membros, Filipe Valerim sempre relembra o objetivo e as formas de atuação da produtora: transformar a cultura do país, sem receber verba pública, tentando chegar à milhares de brasileiros, para fazer reviver o patriotismo e recuperar a história “*de sacrifício, virtude e coragem*” que foi negada.

---

28. “*Patriota conservador*” é uma classificação muito utilizada no ecossistema do “bolsonarismo”. Para exemplificar, no vídeo em que o chefe de Estado critica o STF, e os canais de mídia tradicional, assim como movimentos sociais, representando-as como hienas que cercam o leão- Bolsonaro- que não se intimida, é auxiliado por outro leão: o patriota conservador, que espanta as hienas. O patriota-conservador é uma representação de sua base eleitoral e de apoio, que são colocados como aqueles que protegem e auxiliam o leão, quando ele está sendo atacado “covardemente”. O leão, símbolo de força, representa a sua “coragem”, em lutar contra tudo e todos, e o “patriota-conservador”, o auxilia nessa batalha.

29. A ideia é de que os intelectuais fazem parte da elite que subjuga e despreza o povo, valendo-se de recursos públicos, pelos quais a própria população, desprezada, sustenta. Tal ideia está presente no “Manifesto Bolsolavista- Elogio ao *palavrão*”, que vê no uso beligerante, a expressão de indignação e revolta contra as elites intelectuais, que, nessa concepção, seriam hipócritas, ao serem “anticapitalistas”, ou criticarem o capitalismo, enquanto vivem no luxo. O texto está disponível em: <<https://brasilsemmedo.com/elogio-ao-palavrao/>>

“O nosso crescimento virou uma missão. Precisamos ter a capacidade de competir com a grande mídia, com os produtores de cinema e com as universidades. Essa é a **reforma cultural** que vai nos tirar do redemoinho que nos encontramos há anos.”

“Nunca aceitamos um centavo do dinheiro público, e, também, não ganhamos dinheiro com YouTube. Tudo, absolutamente tudo que **oferecemos de graça**, só é possível com o **financiamento dos membros assinantes, são eles os responsáveis por já termos levados ideias, valores e sentimentos para a casa de, pelo menos, 10 milhões de brasileiros**” Pátria Educadora

“**Você está prestes a conhecer uma história de sacrifício, virtude e coragem, que por muito tempo nos foi negada.** Reunimos mais de 50 especialistas para produzir a maior série já feita sobre a história do Brasil, e o que você está prestes a assistir é uma narrativa série sobre a sua história. A Brasil Paralelo é uma organização 100% privada, nosso objetivo é **reverter as mazelas feitas na nossa cultura nos últimos anos.** Não recebemos dinheiro público. **A nossa independência é assegurada por milhares de pessoas, que ao travarem contato com o nosso trabalho, decidem se tornar membro e financiar essa transformação cultural.**”

“É a chance de fazer algo efetivo pelo nosso país” **Brasil, última cruzada**

“A busca pela verdade depende do seu engajamento” **1964: Brasil entre armas e livros.**

Ao passo que o interlocutor é colocado em uma posição passiva diante da mensagem e o apelo da comunicação (Pires, 2018), existe um lugar para ele fazer parte da transformação, o de financiar, de fazer “*a sua parte*”, já que o maior sacrifício já estava sendo feito por jovens empreendedores “*comprometidos*” com a “*verdade*”, e que largaram tudo para se dedicar ao projeto.

Nós arriscamos todo o dinheiro que tínhamos para colocar para colocarmos o filme de graça, mesmo diante das conjunturas atuais. E por quê? Porque confiamos que você vai tomar a decisão de virar membro e financiar a Brasil Paralelo. Estamos correndo o risco, mas é a certeza é justamente sobre o que não podemos verificar. E agora? O que pode atrapalhar tudo isso? Quando você nos assiste, e tem os R\$ 10,00, mas acha que essa conversa não é com você, quando você está aqui ouvindo tudo isso e não assume a sua parte, o **seu comprometimento [...]** Pedimos,



por favor, não seja o **elo quebrado dessa corrente**. Sua assinatura não é uma doação, ela também concede acesso exclusivo completo à trilogia Pátria Educadora, com 40 minutos adicionais de gravação, que acompanha um guia de estudos completo com as principais teses do documentário, um mapa mental e a lista bibliográfica, fornece acesso ao nosso grupo de membros do Facebook e no Telegram, e também permite que você participe de encontros presenciais espalhados por todo o Brasil. Além disso, todo mês você receberá um conteúdo inédito na sua conta. (BRASIL PARALELO, PÁTRIA EDUCADORA, 2020)

Vocês são peças fundamentais para o funcionamento dessa empresa.

É graças a cada um de vocês que podemos levar educação e cultura em alta qualidade para a casa de milhões de brasileiros. (BRASIL PARALELO, 2020)

Essas afirmações, sempre presentes no início de cada produção, mostra como o interlocutor é mobilizado no discurso. A estratégia de angariar mais membros-financiadores do projeto é através da incorporação dos interlocutores na narrativa missionária de transformar o país através da cultura. É dado ênfase de que ao ser assinante, o membro não será um doador, mas também terá as benesses de acessar conteúdos que correspondam a seus valores, de formação intelectual e além do benefício maior de fazer parte de algo “*grandé*”, isto é, a transformação do país, a difusão de ideias e sentimentos para mais brasileiros, “*ganhar mentes*<sup>30</sup>” para mudança através do intelecto.

## ALGUMAS PRODUÇÕES

O “*Congresso Brasil Paralelo*” é a primeira produção da empresa, postada na plataforma do Youtube em 14 de dezembro de 2016, a série documental é dividido em 6 capítulos, começando com o *capítulo 1: “Panorama Brasil- Um raio X inconveniente”* (26 min. 22 segs.), que faz um “diagnóstico” dos problemas brasileiros.

---

30.Nota-se a semelhança com os discursos religiosos, sobretudo, cristãos na missão de evangelização e expansão da fé, o “ganhar almas” para Deus.

O *capítulo 2: “Terra de Santa Cruz”* (34 min. 02 segs.), postado em 15 de dezembro de 2016, discute a importância da recuperação da “verdadeira” história do país para compreender o conturbado presente e, poder traçar perspectivas de futuro; o *capítulo 3: As raízes do problema*” (43 min. 35 segs.), discute as “*matrizes ideológicas*” dominantes que produziram o decante presente político e cultural brasileiros, gerados sobretudo, pela falta de “*liberdade*”, sobretudo, a “*liberdade econômica*”, decorrente da “*burocracia*” e do “*gigantismo do Estado*”, sendo este o principal motivo gerador de desigualdade, “*pobreza*” nacional e crise atual; foi postado no dia 15 de dezembro de 2016. O *capítulo 4: “Dividindo pessoas, centralizando o Poder”* (47 min. 35 segs.), postado em 16 de dezembro de 2016, que critica grupos sociais que só promoveriam a separação através de pautas identitárias.

Já o penúltimo, o *capítulo 5: “Proposta”* (1h 11 min. 49 segs.) postado em 23 de dezembro de 2016, como o próprio nome nos indica, mostra possíveis caminhos a serem seguidos, basicamente, soluções para os problemas do país, entre eles, se destaca a desregulamentação de “*tudo*”, dando completa “*liberdade ao setor privado*”, para isso, é apontada a necessidade de reformas como a trabalhista, que dê mais flexibilidade aos empresários e empreendedores, que “*geram emprego*” - um modelo ideal para todas as áreas, seria o da empresa Uber, por exemplo, ou seja, uma “*uberização*” das atividades econômicas do país- reforma tributária e reforma no judiciário e sobretudo, uma completa renovação cultural, começando pela retomada da “*verdadeira*” história nacional. E por fim, o último episódio, *Capítulo 6: “Do apogeu à Queda”* (1h 06min. 24 seg.), postado em 5 de abril de 2017, indica as condições e circunstâncias que propiciaram

a chegada de Dilma Rousseff ao poder e os processos que levaram a seu *impeachment*.

Já na segunda produção, a série documental “*Brasil: A última cruzada*” toma como ponto de partida “*as origens europeias*” do Brasil; os especialistas “recuperam” a história “*esplendorosa*” de Portugal, indicando a “*beleza*” do processo do descobrimento e da colonização, depois pelo Brasil Império até o período republicano, caracterizado como “*o maior erro da história do Brasil*”. A série dividida em 6 capítulos, começa com um episódio intitulado “*A cruz e a espada*”, com 51 minutos e 24 segundos de duração, a narrativa “*refaz*” a versão do descobrimento, “*desfazendo*” a ideia de que os portugueses eram “*bandidos que mataram os índios*”.

No Capítulo 2, “*A Vila Rica*” (1h 09 min. 28 segs.), é discutido a relação dos “*dois povos que se (re) encontram*”; os portugueses, são caracterizados como aqueles que fazem o sacrifício de vir a uma terra desconhecida, levar uma vida simples e, assim, ensinar a “*cultura*” aos povos indígenas, que teriam sofrido um processo de “*emburrecimento*”. No capítulo 3, “*A Guilhotina da Igualdade*” (57 min. 51 segs.), em que os especialistas apontam o processo “*corruptor*” da história ocidental: a Revolução Francesa- influenciada pelas ideias iluministas- marcada pela violência da guilhotina.

No capítulo 4, “*Independência ou morte*” (1h 14 min. 05 segs.), como o nome sugere, é feita uma análise sobre a independência do Brasil; no episódio 5, o “*Último Reinado*” (1h 19 min. 00 seg.), sobre o enfraquecimento da monarquia; e, o episódio final, o capítulo 6, “*Era Vargas: o crepúsculo de um ídolo*” (1h 25 min. 02 segs.), é abordado o período nomeado como o “*maior o erro da história do país*”, a pro-

clamação da República; é dada ênfase à figura de Getúlio Vargas, caracterizado como o “*herói da esquerda*”. Os especialistas articulam a história republicana ao “crescimento estatal”, que seria algo característico dos estados fascistas e comunistas (“*no final, são tudo a mesma coisa, comunista e fascista*”, Olavo de Carvalho), e, dessa forma, estava dada as condições e circunstâncias para o declínio da cultura e política brasileira.

A terceira produção, o documentário “1964: *Brasil entre armas e livros*” (2019), propõe uma “*revisão*” do período de 1964, fazendo uma espécie de balanço do regime militar: erros e acertos. Começando com um período mais recuado, no período da Guerra Fria e passando pela história republicana, a partir dos anos 1930, a narrativa indica os processos que levaram à instauração do regime civil militar de 1964 e, as condições de sua queda. A conclusão é de que a esquerda perdeu no campo bélico, mas “*ganhou*” no campo cultural, sobretudo nas universidades, deixando o terreno propício para a eleição dos governos petistas.

A “trilogia” “*Pátria Educadora*” (2020), considerada pelos sócios-fundadores, como uma das mais importantes produções da empresa, se dedica ao tema da educação no Brasil, buscando na história das ideias, as origens para o atual sistema educacional brasileiro. A trilogia, como o nome já sugere, divide a produção em três capítulos: o capítulo 1, intitulado “*O fim da História*” (51 min. 52 segs.), que é um “*compilado de milhares de anos sobre a origem das nossas ideias*” (0 min. 45 segs.) sobre a educação, tendo como ponto de partida a Grécia antiga; o capítulo 2, “*Pelas barbas do Profeta*” (1h 12 min. 02 segs.) é uma discussão que articula a história das ideias no mundo à história da educação no Brasil e o capítulo 3, “*Guerra contra a inteligência*” (1h

36 min. 41 segs.), que é classificada pela Produtora, como o capítulo principal da trilogia, por ser a “*maior denúncia*” sobre a educação brasileira. Neste episódio, os especialistas discutem a “incapacidade” do sistema público de ensino (educação básica e ensino superior) em oferecer uma educação de qualidade (a crítica é direcionada ao modelo moderno de ensino), indicando que o motivo do baixo desempenho educacional, é, na verdade, um desdobramento de um projeto moderno combinado com a “*hegemonia cultural da esquerda*”.

Uma das produções mais recentes da empresa, postado na plataforma do YouTube, no dia 30 de junho de 2020, o documentário discute as consequências econômicas da pandemia, os usos que os políticos fazem da ciência e o papel de legitimidade dos especialistas. A questão central colocada é sobre o “bem comum *versus* o bem individual”, e os abusos do Estado, a super vigilância e o perigo dessas ações para as liberdades individuais e para o próprio sistema capitalista, que segundo os especialistas, está em risco, com a nova crise gerada pela covid-19.

## LÉXICOS POLÍTICO-IDEOLÓGICOS MOBILIZADOS

Tanto em sua forma de apresentação, como em suas produções, a empresa mobiliza diversos léxicos políticos-ideológicos, que dividimos em seis blocos: **i)** o conservadorismo moralista (Salles, 2017); **ii)** as tomadas de posição anti modernas e anti republicanas; **iii)** as posições ultraliberais (Rocha, 2018); **iv)** o conservadorismo Guerra Fria (Salles, 2017); **v)** o conservadorismo cristão e o **vi)** conservadorismo monarquista (Quadros, 2017). O conservadorismo moralista dialoga- quase mescla-se- com o forte apelo ao com o conservadorismo cristão. Essa dimensão religiosa é utilizada tanto nas tentativas

de refundação de mitos nacionais, quanto nas desqualificações do presente, da modernidade, do sistema democrático atual. Essa é uma estratégia constante das produções, sobretudo, em sua exaltação ao período do Império no país. O elogio a monarquia não se dá apenas no discurso, como em sua estética, e está presente de forma corpórea através de especialistas como Luiz Phillipe de Orleans Bragança e Dom Bertrand, descendentes da família real portuguesa<sup>31</sup>.

As tomadas de posições antimodernas e antirepublicanas aparece no discurso que parte da premissa de a modernidade, ao se separar do divino e a república que rompeu com o sistema político (a monarquia) estável e também divino, criaram um mundo que caminha para a decadência moral, política e espiritual, e, por isso são elementos geradores de caos e instabilidade. Já as tomadas de posição ultraliberais são uma das mais evidentes, a ponto da iniciativa, apesar de tentar reforçar seu caráter neutro, autodeclarava-se “*alinhada ao liberalismo econômico*”.

No corpo de especialistas que aparecem de forma constante são representantes de *think tanks* liberais. A própria empresa encarna o léxico ao reforçar em todas as suas produções que não recebe dinheiro, e contando uma breve história do empreendimento privado que oferece um serviço ao Brasil todo, encarnando a narrativa do empreendedorismo como o *locus da eficiência* (Salles, 2017), mesmo que parte do corpo de especialistas foi formado por instituições públicas de ensino. Esses especialistas que utilizaram ou utilizam a estrutura do Estado para se desenvolver intelectualmente, e, inclusive, se valem desses títulos para legitimar seu discurso e sua posi-

---

31. QUADROS, M. P. R.. **Conservadorismo Coroadado: movimentos monarquistas no Brasil atual.** ESTUDOS DE SOCIOLOGIA, v. 22, p. 15-34, 2017.

ção como autoridade intelectual. Um exemplo para isso são os especialistas identificados nas produções pelos títulos e instituições que cursaram, como é o exemplo de Ilona Becskeházy, apresentada na série “*Pátria Educadora*” (2020) como “*Doutora em Educação pela USP*”, como Ilona Becskeházy<sup>32</sup>.

Em uma entrevista concedida a Revista FAPESP, o filósofo Marcos Nobre, ao discutir a crise de confiança pela qual a ciência vem passando nos últimos anos, analisa o papel da criação de um discurso ideológico neoliberal que se apropriou do conhecimento gerado por milhares de cientistas, financiados pelo Estado, a ideia de que a revolução tecnológica foi criada por “gênios”, aqueles que estão “fora” da universidade e não têm ligação com o poder público, e, portanto, não recebem verba pública. “É evidente que o Bill Gates não poderia ter feito o que fez, se não tivesse usado por décadas o laboratório de uma universidade, que a hora para usar computador, era *caríssima*.” (Nobre, 2019). É a partir dessa captura e dessa narrativa de “glorificação” do “gênio” individual pela empresa que ele fundou, vinda na onda neoliberal nos anos de 1970, é a mesma lógica aplicada ideológica pela produtora Brasil Paralelo.

Já o Conservadorismo Guerra Fria, “*consiste –de forma grosseira – na adição de pitadas de small government e livre-mercado a uma retórica anticomunista e de moralidade tradicionalista que pode ser remontada a pensadores anti liberais católicos, como Jacques de Figueiredo*” (SALLES, 145, 2017). Essa modalidade de conservadorismo é que parece ser o combustível para a união dos demais. A retórica de guerra está presente no sentido de

---

32. Ver entrevista do filósofo Marcos Nobre para a FAPESP, onde é discutida a crise de confiança vivida nos últimos anos pela comunidade científica e como ela está relacionada a processos sócio político. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/ciencia-sob-ataque/>

ver o opositor político, como uma ameaça que precisa ser combatida. Na entrevista de Rodrigo Constantino, em 2014, para o povo.com, esse demonstra como as diversas direitas “*com muitas facetas*” e projetos distintos que por vezes se rivalizam, unem para impedir a “*Venezuelização*” do país, contra a ameaça “*iminente*” da imposição do comunismo no Brasil.

Conservadorismo cristão está associado a Direita cristã, que tenta transpor suas doutrinas no âmbito político institucional. Essa direita tem ganhado força na política institucional nos últimos anos, ganhando a titulação de “*bancada evangélica*”<sup>33</sup>, com o intuito de estabelecer “*o reino de Deus na Terra*”. Essa concepção está presente em toda atuação e falas da bancada “*Em nome de Deus, da minha família*”, e articuladas nas produções da empresa a partir do mecanismo de ameaça, no qual o “*establishment do politicamente correto*” é um projeto de destruição do mundo ocidental, começando pela “*transgressão*” da moral cristã, conservadora, defensora da família.

E, por fim, mas não menos importante, e o que não tem ganhado atenção suficiente dos estudiosos é o conservadorismo monarquista. Nessa modalidade, os atores concebem a república como algo falho, um dos motivos do “*mal funcionamento*” do país, propõe uma monarquia parlamentarista, sob o argumento de que só no período do Império, houve estabilidade e democracia “*de verdade*”.

Todos esses léxicos estão ligados e se complementam nas produções da Brasil Paralelo. Eles são articulados e são manejados pela narrativa na ordem: 1. O Brasil está em crise, 2. Não há liberdade

33. Em uma entrevista dos fundadores da Brasil Paralelo, ao programa “*Brasil cristão*”, ao anunciar a produtora e sua atuação, os apresentadores falam sobre como “*Deus tem levantado filhas e filhos em diferentes frentes para tornar o Brasil cristão*”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=a4zkZ0tDnGc> >



econômica suficiente, esse é o motivo da pobreza e da desigualdade no Brasil, 3. A esquerda está dominando o campo cultural, portanto, precisa-se reagir a isso de forma urgente; 4. A democracia é falsa sem liberdade econômica total, 5. A República foi o maior erro da História do país, 6. Narrativa mítica sobre o descobrimento, como uma espécie de direcionamento de Deus e 7. Raízes cristãs da monarquia presentes no processo de formação do Brasil.

Toda hierarquia e desencadeamento das narrativas apontam para propostas que se contrapõe ao sistema político atual, assim como à mídia tradicional, e às universidades. Todo o presente se mostra corrompido, longe de um caminho de virtudes, estabilidade e paz, garantidos pela tradição.

## CONSIDERAÇÕES: “AS COISAS, SEUS NOMES E SEUS LUGARES”<sup>34</sup>

“ Mais urgente do que nunca, precisamos de esquemas de interpretação que nos façam- sem nos lançar equivocadamente a eterna e velha novidade, repleta de saudades e bem relacionada com as discretas câmaras do tesouro da tradição- repensar a novidade que nos atropela e que nos permita viver e atuar com ela.”

-Ulrich Bech, **Sociedade de risco**: Rumo a uma outra modernidade

Afinal, o que há de novo nos processos sóciopolíticos atuais? O que mudou? Quais os processos que constituíram a ascensão de grupos radicais com tendências autoritárias? Por que a disputa política se instala no campo cultural? Como e o por quê se opera a nostalgia como força-política no cenário contemporâneo e quais suas possíveis implicações para o desenvolvimento democrático no país? Qual

---

34.MARDEN, Maluf. Apresentação: As coisas, seus nomes e seus lugares. In: \_ SCHOENBERG, Arnold. Harmonia. 2.ed. Editora Unesp, São Paulo, 2011. p. 9-18.

é a proposta de um *Brasil Paralelo* que se contrapõe ao que é “*oficial*”? As coisas realmente denotam o sentido que atribuímos a elas?

Os insatisfeitos, indignados, “à mercê” nos “*mares bravios do novo século*”, os “*desterrados*”<sup>35</sup> e desalentados. O contexto de crise conflui uma série de dimensões que se combinam: a dificuldade em desenvolver um conceito de democracia que congregue a todos, a desigualdade como fator que produz tensões sociais, as mudanças bruscas no cenário político-econômico, que começou com a promoção de uma cidadania através do consumo, incluindo classes baixas da população brasileira poucos anos depois, muda rapidamente e radicalmente, do sentimento de esperança ao ódio, e, simultaneamente o fenômeno-rede (Edoardo, 2018; Machado, 2018) que muda as formas de comunicação e a própria experiência política.

A “*nau Brasil*” no novo século, em 2020, entre seus milhares de desalentados ainda não sabe para onde ir. No vazio oportunizou a guinada autoritária nos movimentos das direitas recentes nos fazem pensar sobre futuro da república e da democracia no Brasil. O contexto atual nos convida a pensar como as narrativas influem nas atitudes políticas dos cidadãos e como essas atitudes também produzem suas narrativas e significados, em uma relação de reciprocidade. Dominar os conceitos, as formas de classificação é controlar condutas e mecanismos de produção de sentido e significação que produzem e norteiam a ação.

---

35.O historiador Sérgio Buarque de Hollanda, em sua obra “*Raízes do Brasil*”, fala sobre o problema do Brasil em sempre se pensar com conceitos estrangeiros e assim, não consegue conceber a si próprio, e por isso seríamos desterrados em nossa própria terra.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela. **A política das Ruas: Protestos em São Paulo de Dilma a Temer.** *Novos Estudos* (2017): 49.
- BOURDIEU, Pierre. *Cultura e política.* In: **A distinção: A crítica social do julgamento.** Edusp, Porto Alegre, 2007, p. 391-447.
- EDOARDO, Laysmara. **Diários públicos: Facebook, imagens e a ficcionalização do cotidiano.** Dissertação de mestrado. Orientadora: Maria Arminda do Nascimento. USP. São Paulo, 2018.
- HOBSBAWN, Eric. **Sobre História.** Tradução: Cid Knipel Moreira. Companhia das Letras, São Paulo, 2013.
- LILLA, Mark. **A mente naufragada: sobre o espírito reacionário.** Tradução: Clóvis Marques. Editora Record, 2018.
- MACHADO, Débora. **A modulação algorítmica de comportamento e suas categorias operativas a partir das patentes da Facebook Inc.** *Revista Eptic.* VOL. 22, No 2, MAI-AGO. 2020.
- SALLES, Leonardo Gaspar. **Novas Direitas ou Velhantias Direitas com Wi-Fi: Uma interpretação da ‘direita’ na internet brasileira ”,** 2017. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/183615>>
- SANTOS, M. A. M. B.. **“Brasil Paralelo’ a plataforma a serviço da ‘Nova Direita’ no Brasil recente.** In: VII Simpósio de Pesquisa Estado e Poder VII Simpósio de Pesquisa Estado e Poder: direitos, democracias e lutas sociais em tempo de crise, 2020, Marechal Cândido Rondon. Anais do VII Simpósio de Pesquisa e Poder: direitos, democracias e lutas sociais em tempo de cris. Marechal Cândido Rondon - Pr: Biblioteca da UNIOESTE, 2019. p. 233-241.
- SILVA, L. N. **O mercado editorial e a Nova Direita brasileira.** *Teoria e Cultura*, v. 13, p. 73-84, 2018.
- SINGER, André. **Raízes sociais e ideológicas do lulismo.** *Novos estudos CEBRAP*, (85), 83-102
- ROCHA, CAMILA. *Los think tanks promercado y las fuentes ideológicas de Bolsonaro.* Nueva Sociedad. Democracia y política en América Latina, p. 1 - 7, 15 jan. 2019.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. **Uma revolução conservadora dos intelectuais (Brasil/2002-2016).** *POLÍTICA & SOCIEDADE*, v. 17, p. 277-312, 2018.
- QUADROS, M. P. R.. **Conservadorismo Coroad: movimentos monarquistas no Brasil atual.** *ESTUDOS DE SOCIOLOGIA*, v. 22, p. 15-34, 2017.

## CAPÍTULO 7

# A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE NA POLÍTICA RECENTE (2013-2016)

Kiane Follmann da Silva (UFFS)

### INTRODUÇÃO

Desde 2013, vivenciamos intensas modificações e reviravoltas no cenário político brasileiro. Presenciamos a ascensão política de movimentos ligados ao espectro da direita que tomaram as ruas do país vestidos de verde e amarelo, em defesa da família e do combate à corrupção.

Inicialmente, as mobilizações foram organizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) que reivindicava a redução das tarifas de transporte coletivo, ficando conhecidas como as “Jornadas de Junho”. No entanto, ao longo dos protestos houve a aderência de outros movimentos políticos e a incorporação de outras pautas, como: combate à corrupção, críticas ao sistema político e aos partidos políticos.

A transição da pauta reivindicatória dos protestos de junho apontam para mudanças no cenário político nacional, pois marcaram o início de um novo ciclo político e expuseram a ascensão da direita

brasileira através de movimentos liberais e/ou conservadores que organizaram intensas manifestações públicas a partir de 2014, bem como atuaram diretamente na articulação da pauta do impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, e criaram condições políticas para eleição à presidência do país de Jair Bolsonaro em 2018.

Com a ebulição nas ruas ganharam notoriedade na mídia nacional e nas redes sociais movimentos de direita como: o Vem pra Rua (VPR), o Movimento Brasil Livre (MBL) e o Revoltados Online (ROL). O VPR surgiu em setembro de 2013, após as manifestações ocorridas em junho. O MBL, conforme informações da sua página inicial no *Facebook* surge em 2014, logo após o fim do segundo turno das eleições presidenciais deste ano. Já o ROL existia antes de 2013 e passou a dedicar-se ao debate político mais amplo em 2010.

O crescimento e a aderência ao discurso da direita são perceptíveis nas redes sociais, pois encontramos inúmeras páginas conectadas com esse espectro político. De acordo com o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD), o ranking das dez maiores páginas de direita do Facebook tinha a seguinte composição em 2017: Movimento Endireita Brasil; Canal de Direita, Direita Conservadora, Jovens de Direita, Direita Brasil, Tradutores de Direita, Eu sou Direita, Panelinha de Direita 1.0, Direita Pernambuco e Direita Carioca. Em relação às páginas referenciadas pela direita, aparece nas primeiras posições as páginas de Jair Messias Bolsonaro, Olavo de Carvalho, Eduardo Bolsonaro, Danilo Gentili, Flávio Bolsonaro, O Reacionário, Ronaldo Caiado, Paulo Eduardo Martins, Veja e Resistência Anti-Socialismo (IBPAD, 2017).

Os protestos de 2013 e a reorganização da direita brasileira no período intensificaram a polarização das eleições presidenciais de 2014. A pauta do antipetismo e a luta contra à corrupção que já estavam presentes em setores sociais insatisfeitos com a agenda dos governos do Partido dos Trabalhadores passaram a ser explorados e alimentados por esses movimentos, o que contribuiu para a formulação de um discurso no imaginário coletivo de luta entre o bem e o mal, culminando em embates políticos contrários a então presidente Dilma Rousseff, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o Partido dos Trabalhadores (PT).

Os desdobramentos dessa insatisfação tornaram-se mais evidentes nos anos seguintes, de 2014 a 2016, período em que ocorreram as grandes mobilizações de rua organizadas por movimentos de direita, principalmente pelo Movimento Brasil Livre pedindo pelo impeachment de Dilma Rousseff. A análise desenvolvida neste trabalho tem como objetivo compreender quais foram as motivações para a ascensão desses movimentos de direita na política nacional.

A hipótese central é de que as políticas econômicas e sociais implementadas durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT) atingiram o modo de reprodução de segmentos da classe média brasileira, o que contribuiu para a reorganização da direita no período recente. O surgimento de movimentos liberais de direita e as manifestações públicas ocorridas de 2013 a 2016, principalmente as mobilizações políticas pró-impeachment, evidenciam a insatisfação e a ruptura desses segmentos com o governo, traduzindo-se na ascensão recente da direita.

Assim, analisamos o Movimento Brasil Livre como uma das expressões políticas dessa ruptura, bem como força aglutinadora de segmentos de classe média contrária aos governos do PT. Primeiramente, abordamos questões relacionadas aos governos que contribuíram para a mudança nas bases do governo e para a reestruturação e fortalecimento da direita no país.

Posteriormente, trataremos de aspectos relacionados ao surgimento do MBL e à sua conexão com institutos liberais internacionais. Além de investigarmos a rede de legitimação discursiva, o conteúdo ideológico e a base social de apoio deste movimento que foram essenciais na consolidação da pauta da deposição da presidente em 2016. Para tanto, examinaremos postagens, vídeos publicados na página oficial da organização entre 2013 a 2016, bem como analisar entrevistas concedidas a jornais de grande circulação nacional.

## MBL E A “NOVA DIREITA” BRASILEIRA

A reemergência dos grupos portadores de um discurso conservador e reacionário se intensificou ao longo do período dos governos do Partido dos Trabalhadores. A postura conciliatória adotada pelos governos em proporcionar que às classes dominantes no Brasil aumentar suas vantagens econômicas, e ao mesmo tempo, implementar políticas sociais dedicadas a atender aos vulneráveis socioeconomicamente garantiu relativa estabilidade política aos governos.

A agenda do governamental combinou o crescimento econômico dentro do sistema capitalista com as políticas de transferência de renda. Os resultados foram a diminuição da pobreza, baseada no “tripé formado pelo Bolsa Família, expansão do crédito, somando

aos referidos programas específicos, combinado com a diminuição de preço da cesta básica” (SINGER, 2012, p. 68).

Entretanto, os desgastes oriundos da crise do mensalão em 2005, durante o primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva ocasionaram rupturas em suas bases sociais de apoio. Como aponta Singer (2012), houve um realinhamento eleitoral proveniente da crise de 2005. Segmentos da classe média insatisfeitos com as políticas econômicas e sociais afastaram-se gradativamente do governo, enquanto que setores dos trabalhadores passaram a conferir apoio eleitoral a Lula, em razão dos programas sociais implementados, tais como: Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, constituindo aquilo que o autor chamou de “lulismo”<sup>1</sup>.

A implantação de políticas públicas de acesso ao ensino superior público, bem como a política de cotas atingem setores da classe média, pois atentam contra ou secundarizam os critérios meritocráticos. A reação, como mencionamos acima foi o seu afastamento da base de apoio do governo, motivadas pelas mudanças que impactaram no seu modo de reprodução social, privilégios e critérios de diferenciação social.

Embora a política econômica tenha acomodado interesses diversos, as rupturas ocorridas nos governos de Lula foram aprofundadas e sentidas no primeiro governo Dilma. O ressentimento político de vários tipos combinados com a crescente insatisfação manifesta por diferentes agentes, tais como: lideranças do PSDB, anticomunistas renitentes, religiosos, liberais econômicos, simpatizantes da ditadura militar, que acabaram migrando ou reforçando a oposição de direita

1.Singer (2012) para se referir ao apoio político dado à pessoa de Lula e não diretamente ao Partido dos Trabalhadores.



ao governo e, com isso, contribuíram para o impeachment da presidente em 2016 (MIGUEL, 2018).

A direita da atualidade é formada por grupos diversos que convergiram em torno de um inimigo em comum: o PT. Em grande medida, o aumento da base social da direita ocorreu por conta da reativação da agenda moral conservadora, que é perpassada pela luta anti-bolivarianista; pelo combate ao marxismo cultural e pela disputa por projetos e visões de mundo (MIGUEL, 2018). A propagação eficaz de seu discurso provém da forma que fazem uso das redes sociais – *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *Whatsapp*. Através desses mecanismos, organizações e movimentos de direita modificaram os limites dos debates públicos no Brasil, os quais desde o fim da ditadura militar e a promulgação da Constituição de 1988 pareciam ser consensuais nos discursos políticos e limitados pela observância e a garantia da democracia e dos direitos humanos (Ibidem).

A forte presença dos discursos de ódio, conservadores e de pautas políticas que atentam contra os princípios democráticos e almejam modificações nos direitos da população, devem ser compreendidos como uma agenda política que representa a reorganização da direita brasileira, bem como o avanço do neoliberalismo no país. Para Casimiro (2018, p. 41), essas mudanças no cenário político fazem parte de uma reorganização das classes dominantes a partir de 1980, tendo “[...] como uma de suas manifestações, entre várias outras, o surgimento de um novo *modus operandi* de ação político-ideológica”. O autor também aponta que o processo de democratização do país, nos anos 1980, fez com que a burguesia brasileira encontrasse novos mecanismos para redefinir e atualizar o seu modo de dominação. Assim, ocorreu a estruturação de uma rede de aparelhos privados de

hegemonia responsáveis pela difusão da ideologia da direita, ideais de mercado e elaboração de projetos de poder que: “[...] podem ser caracterizadas como uma das principais estratégias de ação de frações e/ou setores da burguesia brasileira em projetos de reestruturação da dominação dos conjuntos das lutas de classes” (CASIMIRO, 2018a, p. 18).

Tais organizações atuam na difusão de diferentes matrizes do pensamento liberal e recrutamento de indivíduos e intelectuais visando elaborar diretrizes e políticas públicas e influenciar, com isso, a condução da própria política de Estado. A implementação da rede de atuação da burguesia, responsável pela difusão dos ideais do liberalismo econômico, tem início com o surgimento do Instituto Liberal em 1983. Em 1984, ocorre a fundação do Instituto de Estudos Empresariais responsável pela realização do Fórum da Liberdade, e nos anos seguintes surgem: o Instituto Liberal; o Instituto de Estudos Empresariais, o Instituto da Liberdade, o Instituto Millenium, o Instituto Von Mises Brasil, a organização Estudantes pela Liberdade e o Movimento Brasil Livre (CASIMIRO, 2018b).

Essas entidades trabalham em prol de grandes grupos econômicos e atuam na aprovação das reformas neoliberais através dos meios de comunicação, das universidades, dos partidos políticos, como também por meio da atuação de intelectuais e *think tanks*. A rede de *think tanks* é responsável pela elaboração de propostas, convencimento e recrutamento de novos quadros. A própria conceituação do que é “*think tank*”, feita pelo Instituto *Millenium*, traz elementos que possibilitam compreender o real objetivo dessas organizações:

[...] faz referência a uma instituição dedicada a produzir e difundir conhecimentos e estratégias sobre assuntos vitais - sejam eles políticos,

econômicos ou científicos. Assuntos sobre os quais, nas suas instâncias habituais de elaboração (estados, associações de classe, empresas ou universidades), os cidadãos não encontram facilmente insumos para pensar a realidade de forma inovadora. Os think tanks, portanto, não fazem o menor sentido em sociedades tradicionais, onde os problemas e soluções são sempre os mesmos por definição. Nas sociedades modernas e cada vez mais complexa, porém há a necessidade de espaços que reúnam pessoas de destaque, com autonomia suficiente para se atreverem a contestar criativamente as tendências dominantes, especialmente quando elas se tornam anacrônicas (INSTITUTO MILLENIUM, 2009).

Portanto, pode se observar a visão que tal instituição possui do modo de organização das sociedades tradicionais, apresentando a “inovação” liberal para romper e solucionar os “problemas” da sociedade moderna.

A confluência de forças entre os institutos liberais e os contra-públicos<sup>2</sup> digitais ocorreu em 2004. Conceito apresentado por Rocha (2018) sobre a atuação das comunidades digitais formadas no *Orkut* em 2004, por indivíduos descontentes com o governo de Lula reunidos em comunidades digitais, blogs, fóruns de direita que foram organizados nas redes como um meio de compartilhar ideias e de se olidarizar. A convergência dessas forças ocorreu em 2006 quando membros dos contra-públicos digitais passaram a fundar organizações com o intuito de representá-los, bem como pessoas ligadas a essas organizações se inseriram no mundo das redes sociais. Originado na comunidade virtual “Liberalismo verdadeiro” em 2006, um ano após nasceu o principal *think tank* ultraliberal bra-

---

2.Rocha (2018, p. 20) utiliza-se deste o conceito para definir que os membros dos contra-públicos digitais: “compartilham identidades, interesses e discursos tão conflitivos com o horizonte cultural dominante que correriam o risco de enfrentarem reações hostis caso fossem expressos sem reserva em públicos dominantes, cujos discursos e modos de vida seriam tidos irrefletidamente como corretos, normais e universais. O surgimento de contra-públicos não subalternos vem crescendo cada vez mais com a popularização da internet [...]”

sileiro: o Instituto Mises Brasil (IMC), inspirado no *Mises Institute* americano (ROCHA, 2018, p. 139).

O surgimento de institutos liberais e a formação e organização de contra-públicos digitais evidenciam a reorganização da direita brasileira, principalmente durante a vigência dos governos do PT. Elementos que demonstram novas formas de inserção na política brasileira, a qual adequou-se à nova conjuntura e formas de mobilização, encontrando novos métodos e formas de atuação política.

## REDE DE THINK TANKS E O MBL

A luta em nome do combate à corrupção, ao mesmo tempo que defende os ideais do neoliberalismo, retornou à centralidade da pauta política a partir do ano de 2013. Através de organizações políticas, como o Movimento Brasil Livre impulsionaram à pauta anticorrupção, do conservadorismo moral e o antipetismo para conquistar apoio popular.

A ligação do Movimento Brasil Livre com a rede internacional de institutos liberais é um elemento fundamental para compreender o seu surgimento, formação de militância e de capital cultural e social dos seus membros. Além depreender que a sua fundação não contém nada de espontâneo, mas é o resultado de uma articulação da rede de *think tanks* para influenciar e propor novas políticas econômicas, sociais e reformas constitucionais.

Em relação a fundação do Movimento Brasil Livre, Juliano Torres, o então diretor executivo do Estudantes pela Liberdade (EPL) em entrevista concedida ao site Agência Pública, evidencia a estreita ligação desta entidade com a organização e a rede de financiamento

internacional. Ao tratar do surgimento do agrupamento, indica as dificuldades iniciais em participar dos protestos de 2013 sem comprometer as organizações americanas - *Atlas Network e Students for Liberty*. Como vários membros do EPL desejavam participar das mobilizações, formaram uma organização, no caso o Movimento Brasil Livre, para atuar como uma marca a ser “vendida” nas manifestações.

Nesse primeiro momento, Juliano Torres, Fábio Ostermann, Felipe França e mais algumas pessoas, não informadas na entrevista, iniciaram a campanha de *Facebook*. Com o fim das manifestações, a página contava com 10 mil *likes*, encontraram o Kim Katagiri e o Renan Haas: “[...] que afinal deram uma guinada incrível no movimento com as passeatas contra a Dilma e coisas do tipo. Inclusive, o Kim é membro da EPL, então ele foi treinado pela EPL também” (AMARAL, 2015). Declarações como esta permitem estabelecer a intrínseca relação de ambas as organizações, além de que boa parte dos integrantes do MBL, foram membros ou treinados do EPL.

A rede de apoiadores brasileiros vinculados ao *Atlas Network*<sup>3</sup>, conforme informações do sítio eletrônico em 11 de novembro de 2019, é composta por entidades como: Instituto de Estudos Empresariais; Instituto de Formação de Líderes; Instituto de Formação de Líderes-SP; Instituto de Formação de Líderes-SC; Instituto Liberal; Instituto Liberal de São Paulo; Instituto Liberdade, Instituto Ludwig

3.Segundo Amaral (2015): “A Atlas Network (nome fantasia da *Atlas Economic Research Foundation* desde 2013) é uma espécie de *metathink tank*, especializada em fomentar a criação de outras organizações libertaristas no mundo, com recursos obtidos com fundações parceiras nos Estados Unidos e/ou canalizados dos *think tanks* empresariais locais para a formação de jovens líderes, principalmente na América Latina e Europa oriental. De acordo com o formulário 990, que todas as organizações filantrópicas têm de entregar ao IRS (Receita nos EUA), a receita da Atlas em 2013 foi de US\$ 11,459 milhões. Os recursos destinados para atividades fora dos Estados Unidos foram de US\$ 6,1 milhões: dos quais US\$ 2,8 milhões para a América Central e US\$ 595 mil para a América do Sul”.

Von Mises Brasil; Instituto Millenium; Centro Mackenzie de Liberdade Econômica, Livres, Instituto Líderes do Amanhã e Estudantes pela Liberdade Brasil (SILVA, 2020).

Outro ponto relevante, que pode ser verificado por Gobbi (2016, p. 71), é o de que o MBL constava na lista de parceiros da *Atlas Network* quando o autor acessou o site desta entidade em 22 de fevereiro de 2016. Em maio de 2016, Baggio (2016, p. 7) em uma nova consulta ao site verificou que o movimento aparecia na lista em maio de 2016, mas não o encontrou em verificação realizada em julho do mesmo ano. Ressaltamos que, no mesmo período, no qual o movimento deixou de aparecer na lista do site, estava em curso o impeachment de Dilma Rousseff.

O MBL em várias oportunidades nega ser financiado por organizações internacionais. Entretanto, podemos verificar em postagens do seu perfil no *Facebook* de textos vinculados aos institutos liberais internacionais tais como: Instituto Ordem Livre, com a autoria de Fábio Ostermann, vídeos vinculados ao canal do *Youtube* dos Estudantes pela Liberdade, do diretor Bernardo Santoro do Instituto Liberal e, até mesmo, divulgação de uma seleção para recrutamento de jovens para atuarem como coordenadores locais do Estudantes pela Liberdade no ano de 2014 (MBL, 2014) (SILVA, 2020).

Fábio Ostermann (2016), um dos líderes do MBL até o ano de 2015, é um dos co-fundadores da rede Estudantes Pela Liberdade juntamente com Juliano Torres e Anthony Ling (que é filho de Willian Ling, do Instituto de Estudos Empresariais). Em entrevista dada ao Jornal EL País em 2015, o primeiro foi apresentado como sócio do Instituto de Estudos Empresariais e diretor do Instituto Li-

beral, que era presidido por Rodrigo Constantino e membro-fundador do liberal Instituto Millenium. Esse último apoiado por grandes grupos empresariais brasileiros e meios de comunicação e associado a outros think *tanks* internacionais.

O Estudantes Pela Liberdade é a versão brasileira do *Students For Liberty (SFL)*. Este foi fundado em 2008 em uma conferência realizada na Universidade de Columbia, com o objetivo de formar uma rede de estudantes pró-liberdade. Com a missão de educar, desenvolver e empoderar jovens sobre a filosofia da liberdade, para que o mundo possa se tornar um lugar mais livre (STUDENTS FOR LIBERTY, 2020).

Em entrevistas a membros do Estudantes pela Liberdade, Gobbi (2016) questionou sobre possível financiamento internacional ao MBL e relatou um posicionamento cauteloso dos entrevistados. No entanto, a relação entre ambos não seria apenas de captação de recursos financeiros, mas relações indiretas e informais no qual o principal objetivo era o treinamento oferecido pelo instituto. Em consulta ao sítio eletrônico do EPL em 9 de novembro de 2019, não encontramos menções às suas conexões internacionais, bem como no sítio do SFL não aparecem informações de seus parceiros no Brasil. Entretanto, podemos traçar semelhanças entre a identidade visual, discurso, conteúdo e na própria estrutura do sítio eletrônico de ambos.

Em vista disso, podemos perceber a rede de articulação e vínculo do MBL com a rede de institutos liberais, os quais procuram influenciar e modificar a política brasileira em todos os seus âmbitos. Através da sua inserção em diversos setores da sociedade, com o intuito

de propagar os ideais liberais e aumentar a sua capilaridade social. Assim, passamos a análise mais específica sobre o movimento, para compreendermos o seu papel na conjuntura recente.

## A MARCA MOVIMENTO BRASIL LIVRE

O Movimento Brasil Livre procura conectar a sua imagem à de um grupo que busca atender os anseios de todos brasileiros, independente de classe social, raça, gênero. Apresenta-se como um movimento sem vínculos com as elites ou a grandes grupos econômicos, mas ligado às pessoas que trabalham e pagam impostos e que abrange: “do pipoqueiro ao cara da classe média tradicional” (El PAÍS, 2014).

Ao utilizar as redes sociais o faz de forma eficiente, pois utiliza de uma linguagem fácil e articula pautas atrativas que se conectam com o cotidiano dos indivíduos. Ao se apresentar como uma alternativa ao que “está aí” conquista espaço político que reflete na expansão do alcance do seu discurso, e também a construir lastro e base social.

No ano de 2015 lançaram o Manual de instruções para filiais municipais do MBL que esboça as diretrizes voltadas aos seus membros relacionadas à atuação política, à ocupação de espaços públicos e à difusão dos ideais libertários. O documento está dividido em cinco itens: 1) programa ideológico; 2) organização formal; 3) atuação prática: ocupação de espaços; 4) encerramento formal dos líderes municipais e 5) parceiros.

Inicialmente, o documento “alerta” para o projeto de poder encabeçado pelo PT e observa que as manifestações nas redes sociais contra a situação em que o Brasil se encontra, ocorrem de forma



desarticulada: “não representando uma ameaça real ao projeto de poder petista e ao *status quo* de mentalidade estatizante que impera no Brasil” (MBL, 2015, p. 10). Assim, o movimento busca fortalecimento para lutar e a sua expansão por meio de inserção em vários partidos políticos, visando à formação de novas lideranças políticas, “fortalecimento” da democracia através de atividades para a divulgação dos ideais liberais.

A oposição que fazem ao modelo econômico implementado pelos governos petistas, é construída e busca acolher a população revoltada, que paga impostos, estuda e trabalha e não tem uma vida digna para si. O programa ideológico é baseado e orientado pelo liberalismo, que compreende a defesa da liberdade individual, da propriedade privada e do Estado de Direito como “conceitos fundamentais” e dos seguintes valores: “Liberdade e responsabilidade; Paz e proteção a direitos individuais; Livre iniciativa e empreendedorismo; Incentivo ao trabalho e respeito à propriedade privada; Igualdade perante a lei; Democracia” (MBL, 2015, p. 9).

Além de defender princípios tais como: a autonomia do indivíduo e liberdade contratual, livre iniciativa, primazia do indivíduo e da sociedade sobre o Estado, livre mercado, respeito à propriedade privada, eficiência, meritocracia (MBL, 2015a, p. 13). Elementos que permitem traçar paralelos entre o programa de filiais e atuação política da organização que objetivam a expansão do neoliberalismo no país, bem como a defesa da predominância do interesse do privado sobre o estatal.

Assim, o movimento busca atuar e participar dos embates político baseado em ideias e valores liberais desde o âmbito municipal

até o federal para combater a política patrimonialista e transformar o estado com maior eficácia. Ao se apresentarem como “novos ativistas políticos do século XXI” que propõem “novas” soluções liberalizantes para velhos problemas que assolam a sociedade (MBL, 2015).

Outrossim, as propostas encontradas no Manual de Filiais de 2015, há também outras diretrizes de atuação que foram formuladas no primeiro Congresso Nacional realizado no mesmo ano. Houve a organização de proposição de políticas públicas com objetivo de desmantelar às que foram implementadas durante os governos do PT e novas formas para a administração do Estado, tais como: federalismo político e descentralização administrativa, livre concorrência, livre iniciativa, fim do fundo partidário e do voto obrigatório, revogação do estatuto do desarmamento e o reconhecimento do direito de autodefesa do cidadão, progressivo aumento da participação do setor privado em serviços públicos passíveis de serem privatizados, tais como educação, saúde, infraestrutura, administração de serviços penitenciários, dentre outros, fim dos monopólios estatais e privatização, todas as empresas públicas e sociedades de economia mista, fim do BNDES e outros bancos públicos de fomento que servem apenas para gerar distorções no mercado e corromper agentes públicos, fim de toda forma de discriminação oficial instituída por meio de cotas raciais, sociais ou de gênero, livre comércio com todas as nações do planeta, independente de preferências ideológicas de governos específicos (MBL, 2015).

Ademais, as pautas atrativas procuram desvincular a imagem do movimento a partidos políticos em um momento de crise econômica e descrença crescente no sistema político brasileiro, e para ganhar credibilidade e chamar a população em geral para participar

das manifestações públicas que organizaram. A luta em prol de um Brasil sem corrupção e impunidade, combinada com as suas diretrizes de luta é perpassada pelo antipetismo, mas que também visa a implementação uma política econômica neoliberal e de privatização de estatais.

A organização da pauta de atuação do movimento envolve questões que tocam o cotidiano de vários indivíduos, quando se dizem lutar pela redução dos impostos e da roubalheira que assola a política brasileira atingem determinados setores sociais. No entanto, quando se referem a políticas de cunho neoliberal e fim de políticas sociais ou de cotas buscam dialogar com setores da classe média e da burguesia brasileira.

As propostas são disseminadas juntamente com o antipetismo e a defesa da implementação de uma política neoliberal e conservadora no país. Ao mesmo tempo que o MBL propõe a simplificação do sistema tributário, também encontramos medidas que buscam acabar com as cotas raciais, sociais, de gênero e com uma suposta divisão social, pois essas são consideradas pelo movimento como políticas da esquerda, construídas ao longo dos governos petistas que servem para separar a sociedade brasileira (SILVA, 2020).

## ATUAÇÃO POLÍTICA: MÉTODOS DE LEGITIMAÇÃO E MOBILIZAÇÃO NAS MANIFESTAÇÕES PRÓ-IMPEACHMENT

A forma de angariar capital político envolve a mobilização discursiva de elementos de natureza universalizante. Assim, em vídeos e chamadas publicados na página oficial do MBL convidando a população para participar das manifestações públicas que organizam, tra-

zem frases como: “Somos todos brasileiros, não queremos dividir o país, somos todos contra a corrupção, queremos um Brasil melhor”; “Movimento Brasil Livre é plural, diverso e democrático - igual ao país que queremos”.

Através dessa tática discursiva, procuram interpelar um contingente maior de possíveis adeptos. A pauta apresenta uma visão pluralista de sociedade que é orientada pela ideia de pertencer ao Brasil ou ser brasileiro. Ser brasileiro estaria, nesse sentido, acima das diferenças de classe, gênero, sexualidade e raça/etnia conteúdo (SILVA, 2020).

Outro recurso utilizado são textos de seus membros vinculados a outros meios de comunicação que são compartilhados na página oficial do MBL, tais como: vídeos gravados por artistas, políticos e personalidades conhecidas nos meios de comunicação, apresentadores como Ratinho, Otávio Mesquita, Danilo Gentili, dentre outros. O intuito é chamar a população para participar dos eventos do movimento, o que corrobora a ideia de elaboração de uma rede auxiliar de legitimação de seus próprios discursos conteúdo (SILVA, 2020).

A rede de legitimação de discurso estruturada através de vídeos com pautas envolvendo questões e dificuldades cotidianas que perpassam a população brasileira, vale-se de uma linguagem acessível e que toca os cidadãos. Desta forma, a construção do discurso favorável ao impeachment de Dilma Rousseff gira em torno de tirar o mal que “está aí”, representando pelo governo federal e Partido dos Trabalhadores, apontando-o como o único responsável pelos problemas sociais do Brasil, fatores que podemos observar nos jargões,

cartazes presentes nas manifestações públicas organizadas pelo movimento (SILVA, 2020).

Manifestantes proclamando frases como: “Mais Brasil, Menos PT”, “Fora PT, nossa bandeira jamais será vermelha” faziam parte das manifestações públicas organizadas pelo MBL, as quais remetem a ideia de que o partido é o responsável por todo mal que “está aí”. Ao agir através das redes sociais e das megamanifestações públicas em busca da consolidação política do impeachment de Dilma, organizações e movimentos de direita foram tecendo discursos que desmerecem e projetavam uma visão negativa sobre a presidente, as políticas sociais e econômicas implementadas pelo PT e o próprio PT. Como podemos observar nas chamadas para participar dos eventos e em diversas publicações da página oficial do MBL sobre o governo:

O resultado é esse aí: em um ano, quase 1 milhão de famílias desceu de classe social. O Brasil está cada dia mais miserável por conta das políticas socialistas do PT. Não podemos voltar atrás! (MBL, 2016).

Para se apresentar como uma alternativa política, os porta-vozes da direita valeram-se da estratégia de uso das mídias sociais como meio para alcançar tal objetivo e expor suas insatisfações com a situação política do país. Como salienta Telles (2015, p. 38), o engajamento político da direita “não procede simplesmente de uma reação às notícias sobre corrupção, provém também da divergência com projetos e políticas redistributivas e de expansão dos direitos de minorias”.

Esse modo de atuação foi crucial para programar os protestos do Movimento Brasil Livre, mas principalmente para disseminar a ideia da corrupção como escândalo político midiático proveniente do PT e das forças e organizações que se encontravam sob sua influência

política. As mídias sociais atuaram como veículos de informações sobre a conjuntura nacional, bem como contribuíram para ressignificar os eventos políticos (SILVA, 2020).

A organização dos protestos foi realizada na própria página do MBL no *Facebook*, na opção eventos e também por meio de vídeos gravados por políticos e artistas convidando a população para participar das manifestações. Entendemos essas mobilizações como essencial no processo de construção da legitimação da deposição da presidente Dilma, bem como na efetivação da difusão do antipetismo e o estímulo a polarização política na sociedade brasileira, pois ao capturar as insatisfações de determinados setores sociais com a política brasileira conquistam a sua base de apoio, que encampa a campanha do “Fora Dilma” (SILVA, 2020).

Conforme pesquisas realizadas pelas professoras Luciana Tatagiba e Andréia Galvão (2019), relacionadas ao projeto de pesquisa: “Confronto político no Brasil (1998-2016)”, no início das manifestações de junho de 2013, o índice de aprovação do governo federal era de 65%, sua maior marca; no final de junho, caiu para 30%. Em 2014, ficou em torno de 36% e na campanha pelo *impeachment*, a aprovação do governo Dilma reduziu-se para 13% em 2015 e 10% em 2016. Com isso, as autoras sustentam que a crescente onda de protestos desde 2012 contribuiu para o aprofundamento da crise, em razão dos descontentamentos com o governo federal, motivando mais protestos, além de expor as contradições dos governos petistas. Abriu também espaço para a degradação das condições político-econômicas e o realinhamento de forças no país.

Os maiores protestos da direita ocorreram em 15/03/2015, 12/04/2015, 16/08/2015; 13/12/2015 e 13/03/2016. Em contagem realizada pela Polícia Militar, mais de três milhões de pessoas foram às ruas defender o impeachment de Dilma Rousseff. As cinco cidades que mais abrigam protestos organizados pela oposição de direita foram, por ordem: São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Curitiba e Belo Horizonte (TATAGIBA, 2017, p. 86).

Outra pesquisa realizada pelo Estudo Eleitoral Brasileiro (Eseb) em 2014 sobre o perfil dos manifestantes participantes das mobilizações à direita, apontam que a maioria se declarou de cor branca: “possui maior escolaridade e está em número superior ao dos demais eleitores nos estratos de maior renda familiar mensal, de camadas sociais mais elevadas e entre os empregadores” (PAIVA et al., 2016). Isso aponta que a base social do antipetismo seria um fenômeno, majoritariamente, da região Sudeste, cujas principais motivações estariam ligadas ao mensalão, à operação Lava Jato e à polarização das eleições presidenciais de 2014 (TATAGIBA, 2018) (PAIVA et al., 2016).

Os dados fornecidos pela pesquisa realizada pelos professores Pablo Ortellado e Ester Solano (2015) durante o protesto do dia 12 de abril de 2015 trazem elementos para identificar a principal base social de apoio do MBL. Na oportunidade foram elaboradas afirmações em relação aos programas sociais do governo federal e as respostas foram as seguintes: “Cotas nas universidades geram mais racismo” (70,90%); “O Bolsa Família só financia preguiçoso” (60,40%). Perguntados sobre quais ações do governo afetaram negativamente sua vida: 44,5% mencionaram o Bolsa Família, 43,5% o auxílio reclusão e 35,6% as cotas raciais nas universidades públicas.

Apesar de os manifestos e publicações nas redes sociais do MBL denunciarem a falta de emprego, o aumento da conta de água e luz, em razão dos impostos, e questões econômicas que tocam a realidade da classe trabalhadora, as pesquisas acima mencionadas apontam que esse segmento não marcou presença efetiva nas mobilizações favoráveis ao impeachment de Dilma, contrárias ao PT e à corrupção. Em termos gerais, prevaleceu um perfil de manifestante vinculado à alta classe média que possui longa trajetória escolar, possui renda superior à grande maioria da população (acima de 10 salários mínimos) e desempenha funções de gerência ou administrativas; profissionais liberais de alta qualificação; engenheiros; economistas; médicos; advogados; funcionários públicos de alto escalão e professores universitários. (CAVALCANTE e ARIAS, 2019).

Cabe ressaltarmos a afinidade política dessa camada social com os movimentos da direita, especialmente em momentos que governos progressistas/populares adotam medidas que podem dificultar o seu modo de reprodução social. Décio Saes (1985) aponta que, na formação política da classe média tradicional brasileira, diversos setores, historicamente, desta camada adotaram posicionamentos políticos conservadores. Perpassadas pelos ideais meritocráticos e com o objetivo manter a política como privilégio social por conta do medo da proletarização, esses setores apoiaram movimentos contrários a governos considerados progressistas que afetaram o seu modo de reprodução social.

O comportamento político pode ser observado no apoio ao golpe militar de 1964, destacando-se aqui a participação dos profissionais liberais orientados pelo liberalismo oligárquico e inclinados a criar o clima político para a intervenção militar. Além disso, mobilizaram a



partir de uma perspectiva conservadora a bandeira anticorrupção em 1954, 1964, 2005 e 2015-2016, sugerindo assim que os problemas nacionais decorreram de políticos corruptos ou de comportamentos culturais típicos de sociedades atrasadas que misturam o público e o privado, o que os levaram a reforçar a defesa da ideologia meritocrática (CAVALCANTE e ARIAS, 2019).

Na conjuntura dos governos do PT, o antipetismo serviu como guarda-chuva para catalisar essas insatisfações desse segmento com a política econômica e social que proporcionou uma melhoria relativa nos níveis de renda e emprego ou criou mecanismos para facilitar o ingresso do vulneráveis socioeconomicamente ao ensino superior público e aos concursos públicos. As manifestações públicas expõem que a luta, antes de ser contra a corrupção, possui cunho moralizante e demonstra a insatisfação de setores da sociedade brasileira com a agenda dos governos do PT.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A insatisfação de setores da população brasileira aos governos do PT foi capturada e incorporada ao discurso do Movimento Brasil Livre. O guarda-chuva do antipetismo manifesto nas redes sociais e nas palavras de ordem permite a adesão à causa de determinadas camadas sociais por apresentar soluções à “crise criada pelo PT”.

O antipetismo, manifesto nas redes sociais e nas palavras de ordem presente nas manifestações permitiu a aderência à causa de determinadas camadas sociais por apresentar soluções a “crise criada pelo PT”, dentre as quais se destacam as seguintes: privatizações, de-

fesa do livre mercado e da diminuição do tamanho do Estado, bem como medidas econômicas de cunho neoliberal.

As pesquisas de opinião realizadas durante as manifestações públicas organizadas pelo MBL no período de 2013 a 2016 confirmam a participação classe média nesses eventos, especialmente de suas camadas superiores. Cabendo afirmar que a adoção de certas políticas econômicas e sociais pelos governos petistas atingiu a ideologia meritocrática da classe média e seu modo peculiar de reprodução social. Atuando como base social das mobilizações de rua contra o governo Dilma, contribuindo para o apoio e a ascensão recente da direita no país.

A investigação sobre o surgimento do MBL e o papel desempenhado por tal na política nacional no período de 2013 a 2016 demonstram o modo de articulação discursiva, ideologia e atuação e a mobilização contra o governo Dilma, bem como a depreciação da política econômica e social implementada. Nos quais as suas lideranças jovens com o objetivo de “rejuvenescer” e “mudar a linguagem” (EL PAÍS, 2014) impulsionaram o discurso da direita no Brasil, somada à defesa da diminuição do Estado e das privatizações e implementação de políticas neoliberais no país.

A deposição de Dilma Rousseff em 31 de agosto de 2016 expôs o poder de mobilização e engajamento na conjuntura política ocupado pelas redes sociais, os quais foram utilizados de forma eficiente pela direita e pelo MBL. Além disso, evidenciou a nova forma “de se fazer” política no Brasil.

## REFERÊNCIAS:

AMARAL, Marina. A nova roupa da direita. **Pública**. São Paulo, 23 de junho de 2015. Disponível em <<https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>. Acesso em: 17 de nov. 2019.

ATLAS NETWORK. **Parceiros**. 2019. Disponível em:<<https://www.atlasnetwork.org/partners/global-directory/latin-america-and-caribbean/3>>. Acesso em: 11 nov.2019.

BAGGIO, Kátia Gerab. Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norteamericano Atlas Network e suas vinculações com organizações latino-americanas. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLC, 12, 2016, Campo Grande. **Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Campo Grande: UFMS, 2016.

BOITO JR., Armando. As bases políticas do neodesenvolvimentismo. In: FÓRUM ECONÔMICO DA FGV, 9, 2012, São Paulo. **Anais do 09º Fórum de Economia da Fundação Getúlio Vargas**. São Paulo: FVG, 2012a. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/16866?show=full> >. Acesso em: 07 jan. 2020.

CASIMIRO, Flávio. **A nova direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018a.

\_\_\_\_\_. As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo. In: GALLEGO, Esther Solano (Org). In: **O ódio como política: a Reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Ed. Boitempo. 2018b. cap.4. p. 41-46.

CAVALCANTE, Sávio. Reprodução social e Revolta política da classe média no Brasil recente. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 39, 2015, Caxambu. **Anais do 39º Encontro Anual da ANPOCS**. 2015a. Disponível em:< [https://www.academia.edu/28914414/Reprodu%C3%A7%C3%A3o\\_social\\_e\\_revolta\\_pol%C3%ADtica\\_da\\_classe\\_m%C3%A9dia\\_no\\_Brasil\\_recente](https://www.academia.edu/28914414/Reprodu%C3%A7%C3%A3o_social_e_revolta_pol%C3%ADtica_da_classe_m%C3%A9dia_no_Brasil_recente) >. Acesso em: 14 jul. 2018.

CAVALCANTE, Sávio; ARIAS, Santiane. A divisão da classe média na crise política brasileira (2013-2016) In: GALVÃO, Andréia et al (orgs). **O Brasil e a França na mundialização neoliberal: mudanças políticas e contestações sociais**. São Paulo, Ed. Alameda, 2019.

DATAFOLHA. **Foram a avenida Paulista em 15 de março protestar contra a corrupção**. 2015a. Disponível em: < <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/03/1604284-47-foram-a-avenida-paulista-em-15-de-marco-protestar-contra-a-corrupcao.shtml>>. Acesso e 20 jan.2020.

DATAFOLHA. **100 mil foram a Paulista em 12 de abril defendendo impeachment**. 2015b. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/04/1615923-100-mil-foram-a-paulista-em-12-de-abril-77-defendem-impeachment.shtml>>. Acesso em: 20 jan.2020.

DATAFOLHA. **135 mil vão a protesto na Paulista**. 2015c. Disponível em: < <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/08/1669735-135-mil-vao-a-protesto-na-paulista.shtml>>. Acesso em: 20 jan.2020.

EL PAÍS. **Não é uma banda de indie-rock, é a vanguarda anti-Dilma.** 2014. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638\\_389650.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638_389650.html)>. Acesso em 18 jan, 2020.

FUCS, José. A “máquina” barulhenta da direita na internet. **O Estado de São Paulo.** 2017. Disponível em:<<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,amaquina-barulhenta-da-direita-na-internet,70001714254>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

GOBBI, Dannel. **Identidade em ambiente virtual:** uma análise da Rede Estudantes Pela Liberdade. 2016. 128f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Curso de Pós-Graduação do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília. DF, Brasília.2016.

IBPAD. **Análise de redes para compreender a polarização política do Brasil no Facebook.** Disponível em: < <https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/analise-de-redes-para-compreender-a-polarizacao-politica-do-brasil-no-facebook/>>. Acesso em 12 agos.2020.

INSTITUTO MILLENIUM. **O que significa uma think tank no Brasil hoje.** 2009. Acesso em: < <https://www.institutomillennium.org.br/o-que-significa-um-think-tank-no-brasil-de-hoje/>>. Acesso em: 12 ago.2020.

MBL. **Manual de Filias do MBL.** Facebook. MBL. 2015. Disponível em: < [https://pt.scribd.com/doc/277263728/Manual-de-Filias-do-MBL?fbclid=IwAR31zauv9kPHnYt-ry8ZEj6-6hP\\_AIYS4AznaA21LPCNnIdx-TBGausk9ImXM](https://pt.scribd.com/doc/277263728/Manual-de-Filias-do-MBL?fbclid=IwAR31zauv9kPHnYt-ry8ZEj6-6hP_AIYS4AznaA21LPCNnIdx-TBGausk9ImXM)> Acesso em 18 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Recrutamento Estudantes pela Liberdade.** 2014a. Disponível em:<<https://www.facebook.com/204223673035117/posts/277853409005476/>>. Acesso em 18. Set. 2019. Acesso em: 18 nov.2019.

\_\_\_\_\_.**MBL.** Facebook.2016. Disponível em:<<https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/379433878847428/?type=3&theater>>. Acesso em: 12 ago.2020.

MIGUEL, Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: GALLEGO, Esther (Org). **O ódio como política: a Reinvenção das direitas no Brasil.** Cidade: Ed. Boitempo, 2018, cap.1 p- 17-26. Disponível em:<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4476955/mod\\_resource/content/1/L.%20Bulgarelli%20Moralidades%2C%20direitas%20e%20direitos%20LGBTI.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4476955/mod_resource/content/1/L.%20Bulgarelli%20Moralidades%2C%20direitas%20e%20direitos%20LGBTI.pdf)> Acesso em: 18 jan, 2020

ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther (Orgs.). **Pesquisa com os participantes da manifestação do dia 12 de abril de 2015 sobre confiança no sistema político e fontes de informação.** Disponível em: <<https://gpapai.usp.br/pesquisa/120415/>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

PAIVA, Denise, et al. O eleitor antipetista: partidarismo e avaliação retrospectiva. Campinas. **Opinião Pública,** n.3, set./dez. 2016. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-62762016000300638](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762016000300638)>. Acesso em 20 nov. de 2019.

ROCHA, Camila. **“Menos Marx, mais Misses”:** Uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018. 223p. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciência Política) - Universidade de São Paulo. São Paulo. 2018. Disponível em:<<https://www>>

teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019-174426/pt-br.php>. Acesso em 17 jan.2020.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. In: AUTORES. **Novos Estudos Cebrap**. Cidade: editora, 2013. cap. p. 23-40. 2013. Disponível em < <http://novosestudos.uol.com.br/produto/edicao-102/> > Acesso em: 18 jan.2020.

SILVA, Kiane Follmann da. **A reorganização da direita e o Movimento Brasil Livre (MBL): da fundação ao impeachment de Dilma Rousseff (2013-2016)**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal da Fronteira Sul. Erechim. 2020.

STUDENTS FOR LIBERTY. Disponível em: < <https://www.learnliberty.org/sfl-academy/> >. Acesso em 19 jan.2020.

TATAGIBA Luciana; GALVÃO, Andréia. **Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016)**. 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762019000100063&script=sci\\_arttext#B61](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762019000100063&script=sci_arttext#B61)>. Acesso em 24 jan.2020.

Telles, Helcimara. Corrupção, antipetismo e nova direita: elementos da crise político institucional. **Revista GvExecutivo**, n 2. Jul/dez, p. 37-39, 2015

## CAPÍTULO 8

# INSTITUTO LIBERAL E INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS: MENTORES DA NOVA DIREITA NEOLIBERAL BRASILEIRA

Lidiane Elizabete Friderichs (UFPel)

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No processo de abertura democrática, nos anos 1980, uma parte significativa das direitas brasileiras passaram a se rearticular política e ideologicamente em torno do neoliberalismo. Para vencer a batalha das ideias e convencer a sociedade da necessidade da aplicação dessa doutrina, alguns grupos passaram a se organizar em torno de *think tanks* (TTs)<sup>1</sup>, buscando difundir as políticas de livre mercado para a sociedade brasileira. Dessa forma, o presente artigo visa analisar algumas das propostas políticas e econômicas formuladas em torno da doutrina neoliberal, por dois *think tanks* brasileiros, o

---

1. Os *think tanks* podem ser definidos como institutos de pesquisa privados, organizados pela sociedade civil, sem fins de lucro, que produzem informação e conhecimento com o objetivo central de influenciar o processo de formulação das políticas públicas (ACUÑA, 2009, p. 4).

Instituto Liberal (IL) e o Instituto de Estudos Empresariais (IEE)<sup>2</sup>, de 1983 a 1996.

O IL e o IEE foram fundados no processo da redemocratização política, na década de 1980 e podem ser compreendidos como representantes da “nova direita” brasileira<sup>3</sup>. Ambos institutos foram idealizados e conduzidos por empresários, com o intuito de divulgar o neoliberalismo entre seus pares e para a sociedade. Junto a meios midiáticos e universitários foram responsáveis pela tentativa de elaborar um consenso a favor de políticas de livre mercado, afirmando que essas seriam as únicas capazes de livrar o Brasil e a América Latina do atraso e do subdesenvolvimento. Pregavam a necessidade da redefinição das atribuições do Estado e delegavam os problemas que o país enfrentava ao intervencionismo na vida econômica.

De acordo com o conceito formulado por Pierre Dardot e Christian Laval (2016), o neoliberalismo pode ser entendido como uma “nova razão de mundo”. Partindo dessa concepção, o neoliberalismo não deve ser compreendido apenas como uma política econômica que se impõe de cima para baixo, mas como uma série de medidas e práticas que vão se estabelecendo e internalizando no nosso cotidiano. Pela lógica do “indivíduo-empresa”, cada pessoa deve se entender como uma agência privada, tendo a obrigação de auto ge-

2.O IL e o IEE podem ser enquadrados na categoria de *advocacy tanks* - institutos ideológicos, que militam em prol de uma causa e estão ligados à defesa e promoção de interesses particulares (MCGANN, 2000).

3.De acordo com Bobbio (1995), a principal clivagem que podemos usar para diferenciar esquerda e direita é o princípio de igualdade. A direita entende a desigualdade como algo natural dos seres humanos e considera um erro tentar alterar essa estrutura, já a esquerda compreende que as desigualdades como não naturais e sim construídas pelos homens ao longo da história. Assim como as direitas tradicionais, as “novas direitas” podem ser entendidas como defensoras da clivagem da desigualdade. Seu caráter inovador, corresponde principalmente, ao abandono do intervencionismo estatal e a adoção da teoria neoliberal.

reenciar e capitalizar lucros. Essa concepção se enraizou no entendimento social a partir de “técnicas e dispositivos de disciplina, isto é, de sistemas de coação, tanto econômicos quanto sociais, cuja função era obrigar os indivíduos a governar a si mesmos sob a pressão da competição” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 193).

O neoliberalismo não se constituiu como uma simples atualização do liberalismo do século XIX, assumindo um caráter muito mais conservador ao privilegiar a liberdade econômica, em detrimento das liberdades civis. Ele ficou popularmente conhecido como um pensamento único, no entanto, apresenta divergências significativas entre seus autores e suas correntes. Apesar das diferenças, alguns conceitos básicos nunca são questionados, como a construção de uma sociedade de mercado, não somente de uma economia de mercado. “Para todos los neo-liberales, los problemas de la sociedad, las dinámicas públicas y las tensiones y conflictos societales deben ser sancionados y considerados unívocamente bajo una óptica *individualista en el mercado*” (PUELLO-SOCARRÁS, 2013, p.27).

## A DEFESA DO LIVRE MERCADO PELO ILE E O IEE

O Instituto de Estudos Empresariais (IEE) foi fundado em Porto Alegre em 1984 pelo empresário William Ling, com o propósito de se constituir em um centro de formação de líderes, incentivando e preparando “novas lideranças, com base nos conceitos de economia de mercado e livre iniciativa” (IEE, 2017). Para ingressar no IEE era necessário ser indicado por um associado, ter entre 20 e 32 anos “e estar envolvido com o risco inerente ao capital, isto é, estar à frente ou na linha de sucessão de empresas de qualquer ramo de atividade” (IEE, 2017).



A formação dos membros do instituto compreende várias atividades, como a realização de júris simulados, a escrita de artigos, a organização de eventos<sup>4</sup> e a leitura e discussão de obras de autores liberais. O treinamento intelectual dos jovens empresários, objetivava que os mesmos pudessem defender com argumentos sólidos os valores transmitidos pelo Instituto. O objetivo do IEE era formar dirigentes que tivessem, no mundo gerencial e político, uma atuação e um discurso afinado à defesa do livre mercado. “Mais do que a catequese nos princípios do liberalismo (...) os líderes do IEE esperam que seus discípulos defendam – permanentemente – a causa em associações de classe, entidades empresariais, sindicatos e, se possível, no próprio governo” (IEE, 2014, p.12).

O Instituto Liberal (IL) foi fundado no Rio de Janeiro, em 1983, pelo empresário Donald Stewart Jr., tendo por finalidade a difusão das propostas neoliberais para a sociedade brasileira. Nos anos seguintes, o instituto se expandiu para diversos Estados: São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Brasília Bahia, Pernambuco e Ceará. Desses, os mais ativos foram os institutos de SP, RJ e RS. O IL se auto definia como um centro “produtor de ideias e construtor de influências”, seu objetivo era promover a pesquisa, a produção e a divulgação de diversos materiais formativos que proporcionassem a reflexão sobre o livre mercado e influenciassem a adoção dessas políticas.

---

4. Anualmente o instituto organiza o *Fórum da Liberdade*, um evento de debates políticos e econômicos, realizado desde 1988 em Porto Alegre, tendo entre seus convidados e palestrantes, político, empresários, economistas e empresários defensores e propagandadores das políticas liberais e/ou neoliberais. O Fórum é apresentado, em seu site, como o maior espaço de debate político da América Latina.

De acordo com Donald Stewart Jr., a literatura liberal e os debates sobre o livre mercado eram muito limitados no Brasil. Devido a isso, o IL foi organizado, para se ocupar da produção e da circulação dessa doutrina (IL, 2016). Na mesma perspectiva, o fundador do IEE também destacou o desconhecimento da maioria da população em relação às políticas neoliberais, informando que o mais difícil na constituição do instituto foi convencer os próprios empresários a seguir os princípios do livre mercado. De acordo com William Ling, “Se não fôssemos capazes de convencer nossos pares, quem dirá o restante da sociedade?” (IEE, 2014, p.25).

A adoção dos empresários brasileiros ao neoliberalismo foi um processo lento, que se constituiu entre o final da década de 1970 e os anos de 1980 (GROS, 2003; DINIZ, 2010; FILGUEIRAS, 2006). A década de 1990 representou “um importante ponto de inflexão na trajetória do capitalismo brasileiro” (DINIZ, 2010, p.107), pois nesse período ocorreu a ruptura com o nacional-desenvolvimentismo e o questionamento do teor estatista dessa doutrina. Além disso, os empresários, no contexto da redemocratização, tiveram que reestruturar seus órgãos de representação e fundar novas organizações de amplo espectro, “o empresariado viu-se na contingência de conviver com novas realidades políticas, que, dentre outros aspectos, abriram o espaço do debate público e onde a existência de outros sujeitos sociais — e seus interesses — não poderia ser ignorada” (MINELLA, 1994, p. 505).

Os primeiros passos dados pelo IEE e pelo IL, para a consolidação de seus institutos, foi a ampla divulgação de suas propostas políticas e econômicas. Passaram a promover seminários, cursos e ciclos de palestras, oferecidos tanto para o público em geral, como para pú-

bicos selecionados. O objetivo desses cursos era debater os problemas do desenvolvimento do Brasil e da América Latina e apresentar o neoliberalismo como solução para vencer os desafios que impediam o desenvolvimento do continente americano. As experiências neoliberais do Chile, EUA e Inglaterra eram propagandeadas como exemplos bem sucedidos desse modelo desenvolvimento.

O IL atuou em duas frentes principais. A primeira foi a tradução, edição e publicação de livros, revistas e panfletos de literatura liberal e na produção de materiais didáticos que pudessem auxiliar a instrução ideológica de seus pares e dos meios formadores de opinião. Outra estratégia de circulação de suas ideias, se concentrou na organização de diferentes tipos de eventos, realizados em todo o país e direcionados a um público estratégico como políticos, jornalistas, empresários, militares, professores universitários, e intelectuais de modo geral. A produção escrita do IL era distribuída para seus mantenedores e associados, instituições educacionais, bibliotecas e associações comerciais. De acordo com Denise Gros (2003), a forma mais direta de divulgação que utilizam eram os boletins informativos, enviados mensalmente a associados, entidades empresariais, mídia e universidades. Os boletins, geralmente de quatro páginas, discutiam algum tema nacional sob a perspectiva liberal ou reproduziam um artigo publicado em um *think tank* neoliberal norte-americano, como a *Heritage Foundation*, e o *Cato Institute*.

O IEE não tinha por objetivo produzir um material tão amplo e diversificado como o IL. Sua prioridade era o treinamento e a formação intelectual de empresários, prioritariamente jovens de famílias tradicionais do Rio Grande do Sul. Sua principal produção intelectual foi a edição anual da série *Pensamentos Liberais*, um livro de

artigos escritos por seus associados e editada desde 1994 até hoje. O IEE ainda contou, desde 1995, com uma revista online intitulada *Revista Leader*, substituída em 2013 pela *FL Insights*. Ambas são revistas digitais de publicação semestral, compostas “por artigos escritos pelos associados do IEE com o objetivo de promover o pensamento liberal sobre temas diversos” (IEE, 2014).

Enquanto o IL buscava um público amplo para suas atividades e fazia numerosa distribuição de seu material, o IEE apenas manteve atividades abertas a um público não associado ao instituto, ou convidado por ele, no *Fórum da Liberdade*. Pode-se afirmar que as atividades realizadas por esses dois institutos tinham caráter complementar, pois enquanto um se focava na formação pedagógica de empresários, o outro produzia e divulgava um amplo espectro conceitual para servir de base teórica tanto a esse grupo, quanto para dar suporte a formadores de opinião e convencer um público em geral.

Também existe uma relação de cooperação e parceria entre esses dois institutos, principalmente entre o IEE e o Instituto Liberal do Rio Grande do Sul, a qual abrange desde membros em comum nas suas gestões diretoras até parcerias na realização de eventos e constante intercâmbio de palestrantes. De acordo com Denise Gros (2003), houve dez membros em comum nas gestões do IEE, de 1984 a 1990, e do ILRS, de 1986 a 1990. Os diretores e membros mais importantes dos ILs de todo o Brasil também aparecem como palestrantes no *Fórum da Liberdade*, como foi o caso de Donald Stewart, fundador do IL do Rio de Janeiro, que esteve presente em três das seis primeiras edições do *Fórum*.

A título de exemplificação da forma como eram construídas as formulações discursivas dos *TTs*, nesse artigo, focarei apenas na proposta educacional dos institutos. Serão abordados dois documentos, primeiramente do IL e na sequência do IEE sobre o mesmo tema, para observar suas formulações sobre as políticas pública educacionais do Brasil, os elementos comuns de suas análises e as alternativas neoliberais propostas a elas.

No livro *Problemas Sociais/Soluções Liberais*<sup>5</sup>, de 1995, o IL se propõe a analisar quatro problemas cruciais do Brasil: educação, saúde, previdência e habitação. Se valendo do argumento de que os serviços públicos eram ineficientes, de baixa qualidade e não poderiam ser controlados pelos consumidores, o instituto afirma que o Estado deveria se preocupar apenas com a fiscalização dos serviços, pois seu papel “não é planejar a economia, nem construir uma sociedade igualitária. A principal função do Estado deve ser a de manter a ordem e garantir que as leis sejam cumpridas” (IL, 1995).

Com o propósito de criticar o programa educacional brasileiro e apresentar uma proposta alternativa a ele, o IL defende que, o “papel do Estado deve idealmente cingir-se ao fornecimento de recursos, e não à prestação do serviço” (IL, 1995). Resumidamente, seu projeto educacional prevê que todos os estudantes de ensino fundamental (independentemente da renda da família), teriam direito a receber

---

5. Esse livro, de 40 páginas, faz parte de uma série de publicações intitulada *Políticas Alternativas. Problemas Sociais/Soluções Liberais* é uma síntese de quatro documentos da série: *Previdência social, Educação, Saúde e Habitação popular* e tem apenas sua apresentação assinada, por Arthur Chagas Diniz (Diretor-Executivo do ILRJ na data), os demais textos são uma compilação dos autores das citadas publicações. Os autores dos documentos são: Previdência social – José L. Carvalho e Clóvis de Faro; Educação – Maria Alice Fonseca; Saúde – Getúlio Borges da Silveira, Armando Leite Ferreira e Odemiro Fonseca; Habitação popular – Donald Stewart Jr.

cheques educação, os quais poderiam ser usados em instituições públicas ou privadas. “O projeto liberal prevê o fornecimento de cheque-educação unitários de valor equivalente a US\$ 480/ano para a totalidade dos estudantes” (IL, 1995), podendo haver diferenças de acordo com a região do país. Do montante desses cheques deveriam ser quitados os “salários dos professores e funcionários de cada escola, bem como a totalidade de outras despesas” (IL, 1995).

Nesse sentido, a administração das escolas públicas estaria a cargo dos professores, e seria de sua responsabilidade a elaboração de uma boa gestão, a qual proporcionaria o aumento do número de alunos e, conseqüentemente, de seus rendimentos. “O descaso, a má administração e outros deméritos farão a escola perder alunos, ter menor rentabilidade e baixarão a remuneração dos professores e funcionários” (IL, 1995). Nesse sentido, o projeto liberal incentivava a concorrência entre as escolas públicas e particulares, esperando com esse fenômeno, o “aperfeiçoamento no sistema de educação” e delegava aos professores a responsabilidade pela captação de recursos econômicos.

Segundo o IL, o investimento estatal em educação na época (início dos anos 1990) era de 3,6% do PIB (aproximadamente US\$ 18 bilhões), nesse sentido, “o projeto liberal prevê que para oferecer um programa de cheque-educação para 100% das crianças entre 7 e 14 anos, para a totalidade dos estudantes carentes no 2º grau e ainda financiar 100% dos universitários matriculados nas universidades estaduais o poder público despenderia cerca de US\$ 16,7 bilhões” (IL, 1995). Para o IL o projeto do cheque-educação acabaria “com o privilégio existente para o reduzido número de estudantes universitários, facilita o acesso ao 2º grau e, especialmente, acaba com o

indesejável monopólio da educação que asfixia o país, desde o ensino fundamental, prejudicando a todos, mas especialmente aos mais carentes” (IL, 1995). Para o ensino médio, apenas seriam fornecidos cheques-educação aos alunos com carência financeira, no valor de US\$720/ano. Já, para o ensino superior, que era considerado um privilegiado dos recursos públicos, devido ao número reduzido de alunos que possuía, o *IL* propõe o financiamento de US\$ 2.200/ano “para a universidade pública ou privada a alunos com aptidão comprovada pelos exames vestibulares ou outro modelo de aferição de conhecimento. O repagamento do financiamento ocorrerá a partir do encerramento do curso universitário” (IL, 1995). Dessa forma, não haveria mais um sistema universitário gratuito, apenas subsídios que ajudariam a custear o curso, mas que deveriam ser devolvidos aos cofres públicos após o término da faculdade.

O IEE também se ocupou de formular e pensar projetos educacional, tendo como foco o Estado do RS. No anexo do livro *Educação em Crise*, lançado no ano de 1994 em parceria entre a editora Ortiz, o IEE e o IL, há três propostas para a educação brasileira, a primeira elaborada pelo IEE, a segunda pelo IL e a terceira pelo Instituto Atlântico. Esse livro que conta com a introdução do presidente do IEE na época, Roy W. Ashton, reúne quatro artigos de pesquisadores da Guatemala, Colômbia e do Chile, que debateram os problemas e desafios da educação na América Latina sob a ótica liberal. A parte dedicada a proposta do IEE, é intitulada “Estudo de apoio ao governo do Estado do Rio Grande do Sul”, documento apresentado ao governo do Estado, na forma de plano de ação “que busca estabelecer, preservar e desenvolver a liberdade no campo econômico e social”. O texto critica o governo do Rio Grande do

Sul por custear, com verbas gerais do Estado, um sistema de ensino gratuito para alunos do ensino médio. Para atingir esse objetivo o “Estado gasta uma quantidade não razoável da riqueza produzida a cada ano por todos os habitantes do Rio Grande do Sul (JAMARILLO/IEE, 1994, p.150)”.

O IEE afirma entender as boas intenções em proporcionar ensino gratuito, no entanto sustenta que “o custo de um aluno na rede pública estadual é superior à anuidade de boas escolas particulares, onde o nível de ensino é superior ao da rede pública” (JAMARILLO/IEE, 1994, p.150), assim, concluem que o governo estaria desperdiçando os escassos recursos do Estado de maneira ineficiente e atingindo resultados discutíveis. Apontam ainda, uma dupla injustiça no sistema de ensino público. A primeira com os pais que colocam seus filhos nas escolas particulares e precisam pagar duas vezes pelo ensino dos mesmos, uma na forma de impostos, e outra, por meio das mensalidades escolares. A segunda injustiça seria cometida com os pais dos alunos da rede pública, os quais não podendo escolher em que escola matricular seus filhos, proporcionariam aos mesmos um ensino de qualidade inferior (JAMARILLO/IEE, 1994, p.150).

Depois de expostos os motivos da suposta falência de sistema de ensino público, o instituto propõe que o Estado auxilie as famílias a custear o ensino secundário de seus filhos, mediante subsídios, “sem, no entanto, prover diretamente o serviço através de uma ‘empresa’ oficial de ensino” (JAMARILLO/IEE, 1994, p.151). Esse pagamento poderia ser feito em forma de cupons ou cheques, cortando qualquer transferência direta do Estado para a escola. Posteriormente, se esse sistema fosse adotado, o instituto propõe que o Estado poderia alugar ou vender os prédios das escolas a grupos de



professores que “optando por deixar de ser funcionários, quisessem correr o risco de administrar as mesmas com intuito de lucro” (JAMARILLO/IEE, 1994, p.151). Para o IEE, se essa alternativa fosse sancionada, tanto o Estado do RS, como o seu povo sairiam beneficiados, uma vez que, o governo não sofreria mais pressões salariais, políticas ou grevistas; teria menos pressão em seu caixa, podendo investir em outras atividades; os professores públicos teriam aumento salarial e poderiam realizar-se profissionalmente, empresariando ou dirigindo as escolas da forma que decidissem. Por fim, beneficiaria também os consumidores gaúchos, porque esses não teriam mais seus recursos desperdiçados em educação de má qualidade (JAMARILLO/IEE, 1994, p.152).

As propostas educacionais dos IL e IEE estabelecem que a educação deveria ser conduzida exclusivamente pelas empresas privadas, pois essas estariam livres dos vícios dos funcionários públicos e o Estado não sofreria pressões para aumentar os investimentos na área. Dessa forma, os institutos defendem o fornecimento de *vouchers* – vales-educação – aos estudantes, no intuito de substituir o investimento direto do Estado como fornecedor de serviços educacionais, pelo de financiador de empresas prestadoras desse tipo de atividade. Para o IL e o IEE, essa iniciativa garantiria, por um lado, a qualidade do ensino, pois a competição entre as escolas para a atração do aluno exigiria maior criatividade e produtividade dessas, e, por outro, viabilizaria a abertura de mais estabelecimentos de ensino privados, o que acarretaria numa maior opção de redes de ensino para os pais (IL, 1992, p.17).

Na realidade, o sistema de “cheques-educação” tem dois objetivos associados: pretende transformar as famílias em “consumidores de

escola” e visa a introduzir a concorrência entre os estabelecimentos escolares, o que elevará o nível dos mais medíocres. Esse sistema combina um financiamento público, considerado legítimo para a “educação primária” por seus efeitos positivos em toda a sociedade, e uma administração de tipo empresarial do estabelecimento escolar, posto em situação de competição com os outros. Essa orientação a favor de um “mercado escolar” dominou as políticas de reforma escolar no mundo a partir dos anos 1990, em graus diferentes conforme o país. Isso não deixou de ter consequências para a fragmentação dos sistemas educacionais e a diferenciação dos locais e dos modelos de escolaridade, de acordo com as classes sociais (DARDOT; LAVAL, 2016, p.225).

O projeto de “cheques-educação” se baseia em perspectivas formuladas por autores clássicos do pensamento neoliberal, como é o caso de Milton Friedman. Importante notar que esse discurso foi construído no sentido de tentar agregar as camadas mais pobres do país ao projeto liberal. Mesmo propondo a limitação do financiamento para educação pública, a argumentação se pauta no sentido da liberdade que a família receptora do cheque-educação teria para escolher a instituição de ensino dos seus filhos. Para o IL, “o problema educacional apenas começará a ser adequadamente equacionado quando nos convenceremos de que estamos diante de um problema típico de mercado e não de uma questão política” (NOTAS, 1993, p.84).

A forma como esses institutos pensam a educação, não difere da maneira como interpretam os direitos trabalhistas, sociais, previdenciários, a propriedade privada e a reforma agrária. Todas essas questões são elaboradas partir da lógica do livre mercado, e não há, para os neoliberais, outra forma de se pensar a sociedade a não ser a partir da liberdade econômica.

Tendo em vista essas proposições elaboradas pelos TTs, é possível observar que seu discurso exalta a concepção de liberdade e se apoia em elementos de repetição, pois para esses institutos a liberdade está diretamente ligada à possibilidade de consumir e de escolher os melhores serviços disponíveis no mercado, não estando relacio-

nada a uma perspectiva mais ampla de conquista de direitos sociais. Reforçam a ideia da incompetência e da corrupção estatal para frisar que todos os serviços e regulações que partam deste estão fadados ao fracasso. “Cuanto más esta nueva derecha percibe la institución mercado como institución total, infalible, perfecta, más percibe al Estado como amenaza y origen de todo el mal. Se transforma en el culpable de todo” (HINKELAMMERT, 1988, p.109). Juntamente com a argumentação propositiva de suas ideias, havia a crítica e a invalidação de outras que as contrapunham, buscando convencer a partir da difamação do outro e “por meio do jogo das oposições e das distinções” (BOURDIEU, 1998, p.179), assim, suas construções teóricas buscam estabelecer uma ideia de causa e consequência, onde a adoção das propostas de livre mercado era apresentada como a única capaz de fazer o país avançar e superar o subdesenvolvimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O IEE e o IL, convergem posições e propostas político-econômicas, ambos institutos foram idealizados por empresários, são financiados por grandes grupos econômicos<sup>6</sup> e se destinam a divulgar determinada concepção de mundo a grupos selecionados. O IEE tem como finalidade o treinamento e a formação intelectual de empresários, prioritariamente jovens de famílias tradicionais do Rio Grande do Sul. O IL, apesar de também estar voltado para o empresariado, tem um leque mais amplo de atuação, abrangendo, em seus cursos,

6. Como financiadores dos IL's constam diversas empresas nacionais e internacionais, entre elas: Ipiranga, Mesbla, Bradesco, Banco Itaú, Varig, Votorantim, Unibanco, Alcoa Alumínio, Banco de Boston, Carrefour, Citibank, Dow Química, Nestlé, Quaker, Rhodia e Sharp (GROS, 2002, p.147). Como mantenedores do IEE, constam as empresas: Gerdau, Ipiranga, Agiplan, Brasil Insurance, Belmondo, CMPC Celulose Riograndense, Dana, Pottencial Seguradora, pwc e Stemac (IEE, 2015)

diversos formadores de opinião como políticos, professores universitários, jornalistas, militares e intelectuais em geral. O IL também se ocupou de forma muito extensa da produção de materiais didáticos que pudessem auxiliar a instrução ideológica de seus pares, bem como se ocuparam da elaboração de propostas de políticas públicas.

A educação pública era um tema bastante debatido pelos TTs. Os neoliberais criticavam o fato de o Estado financiar e gerir escolas e universidades e sustentavam que a educação deveria ser encarada como um problema de mercado e tratado como tal. Assim, defendiam a privatização desses espaços, que deveriam competir livremente no mercado por projetos e alunos. Outra preocupação nesse sentido era com a desideologização do ensino, que, de acordo com eles, estava dominado pela esquerda, por isso propõe que o ensino passasse por uma reciclagem e se voltasse para uma perspectiva liberal.

As atividades concretizadas pelo IL e pelo IEE tinham por intuito formar uma consciência neoliberal nos seus membros e no público a que eram dirigidos. As ações de formação e de publicação de textos, tinham a intenção de convencer e influenciar tanto a formulação de um consenso liberal, como a tomada de decisões político-econômicas, baseadas nesse princípio. A construção da defesa em torno do ideário neoliberal passava por diversos pontos, dentre eles, o livre mercado era apresentado como a proposta mais racional para efetivar as mudanças econômicas e políticas que o país necessitava, sendo associado com a liberdade política e individual que se constituíram nas principais pautas do período da redemocratização.

## FONTES:

**IEE.** 30 anos formando líderes. Edição comemorativa de 30 anos da entidade. Porto Alegre: IEE, 2014.

JARAMILLO, Mário (et.al.). **Educação em Crise.** Porto Alegre: Ortiz/IEE, 1994.

**PROBLEMAS** sociais/Soluções Liberais. RJ: Instituto Liberal, 1995.

**NOTAS:** Avaliação de projetos de Lei. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1993.

<http://www.institutoliberal.org.br>. Acesso em: 10/04/2016

<http://iee.com.br/>. Acesso em: 20/01/2017

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACUÑA, Carlos. Enseñanzas, mitos y realidades de la coordinación entre la sociedad civil y el Estado en América Latina. Un análisis comparativo de la incidencia de think tanks y su coordinación con el Estado para mejorar políticas y programas de combate a la pobreza en México, Brasil, Ecuador y Uruguay. In: **XIV Congreso Internacional del Centro Latinoamericano de Administración para el Desarrollo (CLAD) sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública.** Salvador de Bahía: Brasil, 27 - 30 de octubre 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BOBBIO, Norberto. **Derecha e izquierda:** razones y significados de una distinción política. Buenos Aires: Taurus, 1995.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaios sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DINIZ, Eli. **Empresariado industrial, representação de interesses e ação política:** trajetória histórica e novas configurações. Política & Sociedade. Volume 9; nº 17; outubro de 2010, pp. 101-139.

FILGUEIRAS, Luiz. **A história do Plano Real:** fundamentos, impactos e contradições. São Paulo: Boitempo, 2000.

FRIDERICHS, Lidiane. **A atuação política dos think tanks neoliberais brasileiros e argentinos:** os casos do Instituto Liberal, do Instituto de Estudos Empresariais e do Instituto para el Desarrollo Empresarial de la Argentina (1983-1998). Tese de Doutorado em História. São Leopoldo: UNISINOS, 2019.

GROS, Denise Barbosa. **Institutos Liberais e Neoliberalismo no Brasil da Nova República.** Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Hoiser, 2003.

HINKELAMMERT, Franz J. **Democracia y nueva derecha en América Latina.** Buenos Aires: Nueva Sociedad, nº 98, noviembre- diciembre 1988, pp.104-115.

McGANN, James G.; WEAVER, Kent. *Think tanks* and civil societies in a time of change. In: McGANN, James G.; WEAVER, R. Kent (Eds.). **Think tanks and civil societies: catalysts for ideias and action**. New Brunswick: Transaction Publishers, 2000, p.1-35.

MINELLA, Ary Cesar. O discurso empresarial no Brasil: com a palavra os senhores banqueiros. In: **Ensaio**, FEE, Porto Alegre, 1994.

PUELLO-SOCARRÁS, José Francisco. Ocho tesis sobre el Neoliberalismo (1973-2013). In: RAMÍREZ, Hernán (Org.) **Neoliberalismo sul-americano em clave transnacional: enraizamento, apogeu e crise**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2013, pp. 13-57.

## CAPÍTULO 9

# OLAVO DE CARVALHO: UMA BIOGRAFIA<sup>1</sup>

Lucas Patschiki  
In memoriam

Nosso intento aqui é traçar a trajetória pública de Olavo de Carvalho, não nos propondo investigar sua biografia, gênero que nos levaria a considerar como recorte temporal desta pesquisa o da vida do biografado, e exigiria, através de sua experiência privada buscar traçar paralelos com a constituição de suas posições políticas e ideológicas<sup>2</sup>. O que buscamos, através de linhas gerais de sua vivência, é atentar para alguns indícios sociais, que nos permitirão visualizar as etapas de

---

1.O presente capítulo é um trecho da dissertação de Lucas Patschiki. Procuramos alterar o mínimo possível do texto. A dissertação completa, intitulada “Os litores da nossa burguesia: o Mídia Sem Máscara em atuação partidária (2002-2011)”, é possível ser encontrada no banco de teses e dissertações da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Procuramos alterar o mínimo possível este trecho em que Patschiki realiza uma análise a respeito da trajetória de Olavo de Carvalho. Por isso, este capítulo ultrapassou a média de páginas dos capítulos da presente obra. Optamos, inclusive, de manter a maneira como o querido Lucas gostava de fazer as citações, através de notas de rodapé (Nota dos organizadores).

2.Para mais detalhes sobre esta discussão ver: OLIVEIRA, F. R. de. *Trajetórias intelectuais no exílio*. Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974). Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2010. p. 21-27.

sua formação, o “desenvolvimento necessário” para a atuação política posterior, atrelada ao Mídia Sem Máscara (MSM)<sup>3</sup>. Segundo Bourdieu:

Tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, *curriculum vitae*, biografia oficial, bem como da filosofia da identidade que o sustenta, quanto mais nos aproximamos dos interrogatórios oficiais das investigações oficiais – cujo limite é a investigação judiciária ou policial –, afastando-se ao mesmo tempo das trocas íntimas entre familiares e da lógica da *confidência* que prevalece nesses mercados protegidos [...] o objeto desse discurso é a apresentação *pública* e, logo, a oficialização de uma representação *privada* de sua própria vida, pública ou privada, implica um aumento de coações e de censuras específicas (das quais as sanções jurídicas contra as usurpações de identidade ou o porte ilegal de condecorações representam o limite)<sup>4</sup>.

Basearemos este trecho da pesquisa em relatos autobiográficos, sendo que assim, temos de indicar para nosso leitor que a veracidade destes fatos escapa da nossa alçada (dada à centralidade de nosso objeto, o MSM, não pudemos recorrer a uma investigação detalhada destes personagens, buscando outros documentos que avalizariam ou não seus relatos), exatamente por sofrer, como na citação anterior, as censuras específicas típicas de uma apresentação pública. Isto implica que estamos conscientemente reproduzindo imagens atribuídas por estes à suas vivências, releitura que podemos, segundo Bourdieu, compreender como sendo *uma leitura ideológica de sua própria vida*: a criação “artificial” de sentido para sua vida, “*selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas ou, com*

---

3.O Mídia Sem Máscara é o objeto de pesquisa do Lucas Patschiki na dissertação. Trata-se do site e plataforma criado e promovido por Olavo de Carvalho, que assume o formato e a atuação de um partido (Nota dos organizadores).

4.BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In. AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 188-189.



*mais frequência como fins*”<sup>5</sup>. Não nos sentimos embaraçados diante deste procedimento, pois não produzimos nenhuma pergunta específica para investigar o passado dos intelectuais do MSM, buscando estritamente sublinhar em sua vivência sua origem e trajetória social (o que também implica que não poderemos abrir crítica explícita, a não ser buscando apresentar incoerências existentes em relatos destes).

Olavo Luiz Pimentel de Carvalho nasceu em Campinas (São Paulo), no dia 29 de abril de 1947. Atualmente casado, pela terceira vez, com Roxane Andrade de Souza<sup>6</sup>, é pai de oito filhos: Heloísa, Luiz, Tales, Davi, Maria Inês, Percival, Leilah Maria e Pedro<sup>7</sup>. Foi o segundo filho do Luiz Gonzaga de Carvalho, que exercia como profissão a advocacia<sup>8</sup>, enquanto sua mãe, Nicéa Pimentel de Carvalho, é apontada como tendo sido operária na indústria gráfica<sup>9</sup>. Sua primeira infância é marcada pela doença, uma infecção pulmonar<sup>10</sup>, que, presumimos pela sua medicação (penicilina), desenvolveu-se em um tipo grave de artrite<sup>11</sup>. Passou sete anos acamado, período marcado pela vida familiar, “*a limitação e o tédio da vida doméstica, ora o aconchego dos braços de minha mãe e a inesgotável riqueza do mundo pequeno: eu tinha dezenas*

---

5. *Idem*.

6. BERTOL, R. “Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *O Globo*. 25.05.00. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/acidental.htm>, acessado em 13.11.11.

7. CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade Cidade, 1997. p. 86.

8. ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.

9. CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 86.

10. CARVALHO, O. de. “Um capítulo de memórias”. *Diário do Comércio*. 23.06.08. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/080623dc.html>, acessado em 27.02.12.

11. CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000007.html>, acessado em 08.01.12.

de miniaturas - soldados, bichos, carros”<sup>12</sup> e principalmente pelo alegado desconhecimento do mundo exterior, que viria a “desapontá-lo”:

Depois, quando repentinamente tudo passou e saí para o mundo, ele era tão feio, tedioso e miserável que aí sim comecei a me sentir doente. A reserva de sonhos e imagens acumulada ao longo de anos de torpor físico revelou, então, sua utilidade. Com grande facilidade eu me isolava interiormente do cenário em torno, fugindo para um universo mais interessante, de minha própria invenção. Mas não era do tipo avoado. Desenvolvi uma habilidade incrível de fazer uma coisa pensando em outra, de manter uma ligação mínima com o ambiente para que ninguém percebesse que eu não estava ali. Na escola, simulava atenção com um centésimo do cérebro, enquanto os noventa e nove por cento restantes ficavam pensando em coisas lindas [...] Cheguei a ter longas conversas com as pessoas mais chatas do universo, fingindo eficazmente um interesse que as lisonjeava, enquanto por dentro fantasiava as criações mais extraordinárias, enredos inteiros repletos de aventuras, cavaleiros, princesas, castelos e dragões<sup>13</sup>.

Após sua cura, relembra seu estranhamento nos primeiros contatos com o mundo exterior, especialmente o colégio: “*Embutido no uniforme, eu me parecia exteriormente com os demais meninos, mas por dentro era um bebê, simplório como um passarinho, por total ignorância não só dos pecados como também de tudo o mais*”. Assinala a forte influência religiosa (revestida de um caráter místico) em sua educação, seja no colégio, onde indica que “*os professores leram-me trechos do Evangelho, que me comoviam até às lágrimas, mas daí, mediante uma lógica que me escapava, deduziam e me atribuíam a incumbência de confessar meus pecados*”<sup>14</sup>, seja especialmente no período enfermo:

As pessoas saudáveis vivem no mundo horizontal: quando mergulham na verticalidade, dormem e esquecem tudo. Não percebem que há ali outro espaço, tão real quanto o da agitação cotidiana: o universo do silêncio. O doente percebe claramente a passagem, a pulsação entre

12.CARVALHO, O. de. *O filósofo-mirim*. 26.02.04. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000009.html>, acessado em 08.01.12.

13.CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. op. cit.

14.CARVALHO, O. de. “Um capítulo de memórias”. *Diário do Comércio*. 23.06.08. op. cit.

o oculto e o manifesto, o latente e o patente, o mistério e a claridade, bem como as rotações incessantes de sentido entre os seis pólos de uma cruz de três dimensões onde o homem está cravado no centro da esfera armilar do mundo. O signo da esfera armilar gravou-se em mim, sem nome, sem palavras, por fim sem imagens – pura latência interior –, antes mesmo que eu tivesse a menor consciência de qualquer ênfase religiosa que lhe estivesse associada. Reencontrei-o muitas vezes, mais tarde, nos ritos da Igreja, na arquitetura dos templos, na ordem interna das obras de arte, e em dois dos maiores livros escritos neste século: *O Simbolismo da Cruz*, de René Guénon, e *A Estrutura Absoluta*, de Raymond Abellio, que, uma vez lidos, se incorporaram definitivamente à minha concepção das coisas, como traduções verbais quase perfeitas de uma experiência primordial e arquetípica. Suponho que todos os homens tenham vivido essa experiência. Apenas, passando por ela demasiado rapidamente, não repararam nem na sua beleza, nem no seu alcance metafísico. Tão distraído e fútil é o ser humano, que somente a doença tem o poder de forçá-lo à contemplação. Mas nem toda doença serve: não pode ser breve e intensa como um desmaio, nem tão prolongada que leve ao entorpecimento da consciência. Só a doença consumptiva, que derruba sem adormecer, que enfraquece sem derrotar, produz aquela imobilidade paciente e serena em que a profundidade das coisas começa lentamente a revelar-se. Mais tarde, a sentença de Aristóteles – “A imobilidade gera a sabedoria” – retiniu em minha alma como uma verdade tão certa e tão alta, que nela reconheço a marca do sagrado<sup>15</sup>.

Adolescente, já morando em São Paulo, tinha como interesse escolar principalmente a biologia e o latim, “*por influência de dois ótimos professores*”. Aos dezessete anos, em 1965, começa a trabalhar no jornal *Notícias Populares*<sup>16</sup>, e no ano seguinte teria se filiado ao Partido Comunista Brasileiro, “*pertenci à ala marighelista do PCB, assisti de perto à preparação do que viria a ser o movimento guerrilheiro*”<sup>17</sup>, que viria a abandonar ao fim de 1968 por discordar da estratégia da luta armada. Este rompimento se deu de modo silencioso à época (aparentemente ele não chegara a formar-se quadro), mas marcante em sua biografia

15. CARVALHO, O. de. *O filósofo-mirim*. 26.02.04. op. cit.

16. BERTOL, R. “Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *O Globo*. 25.05.00. op. cit.

17. CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 319.

posterior: “*Eu, como todo brasileiro, primeiro tomei a posição e depois fui estudar o assunto. Quando estudei o assunto, descobri a cagada monumental que tinha feito*”<sup>18</sup>. Assinalemos que não faz sentido afirmar o abandono do PCB pela discordância sobre a passagem para luta armada, já que neste período os que abandonavam o partido o faziam para entrar na luta armada (a não ser que tenha abandonado o partido com os marighe- listas antes da mudança estratégica e tenha omitido a informação)<sup>19</sup>.

Trabalhando cinco horas por dia no jornal, neste mesmo período Carvalho frequentou como ouvinte aulas de filosofia, de estudos literários e de religiões comparadas na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e na Universidade de São Paulo (USP), onde posteriormente afirmou sair decepcionado<sup>20</sup>. Ingressou no curso de Filosofia no Conjunto de Pesquisa Filosófica da PUC do Rio de Janeiro, que cursou durante três anos, não o concluiu pelo fechamento do curso após a morte de seu principal promotor, o Padre Stanislavs Ladusâns, filósofo estoniano residente no Brasil. Segundo Carvalho, não deu prosseguimento aos seus estudos porque “*os outros cursos de Filosofia que eu conhecia neste país não me interessavam, pois eram demasiado ruins*”<sup>21</sup>, mesmo tendo apresentado dois trabalhos de conclusão de

---

18.MATEVSKI, N. “Na base do doa a quem doer. Entrevista com Olavo de Carvalho”. *Gazeta do Povo*. 20.06.04. Disponível em [http://www.olavodecarvalho.org/textos/entrevista\\_gazeta.htm](http://www.olavodecarvalho.org/textos/entrevista_gazeta.htm), acessado em 13.01.12.

19.A única referência externa encontrada sobre a passagem de Olavo de Carvalho pelo PCB foi em uma entrevista de Barbara Abramo para a revista *Trip*. BRESSANE, R. “Senhora do destino”. *Trip*. n.º. 138. Disponível em <http://revistatpm.uol.com.br/49/vermelhas/home.htm>, acessado em 03.03.12.

20.BERTOL, R. “Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *O Globo*. 25.05.00. op. cit.

21.CIDRAL, F. “Que é que você quer com a filosofia? Entrevista de Olavo de Carvalho”. *Vidaqui*. 31.10.00. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/quee.htm>, acessado em 13.01.12.

curso durante o curso na PUC: *Estrutura e sentido da enciclopédia das ciências filosóficas de Mário Ferreira dos Santos* e *Leitura analítica da “crise da filosofia ocidental” de Vladimir Soloviev*. Estes “trabalhos de conclusão de curso” chamam atenção por terem sido supostamente apresentados antes da conclusão dos créditos habituais necessários para a possibilidade da defesa da pesquisa de conclusão, que geralmente obrigam a defesa no quarto ano do curso (matérias de pesquisa, tempo de orientação, matérias obrigatórias anteriores), dando a impressão de serem na realidade trabalhos relativos à disciplinas específicas.

Neste meio tempo ganha sua licença de jornalista, e já tendo constituído família, dedica-se ao trabalho em tempo integral. Passa pela *Folha da Manhã* como repórter, redator *copydesk*, setorista credenciado no Palácio do Governo (1967-1971); pela revista *Brasil-Israel* como crítico de filmes (1968); pelo *Cidade de Santos* como editor de notícias (1971-1972); pela revista *Atualidades Médicas* como editor de texto (1973-1974); pelo *Jornal da Tarde do Estado de S. Paulo* como editor assistente de notícias políticas (1973-1975); pelo *Jornal da Semana* como secretário de redação (1976-1977); e de 1977 até 2005 trabalhou como *freelance* em um sem número de revistas e jornais, como *Claudia*, *Nova*, *Contexto*, *Escola*, *Planeta*, *Sala de Aula*, *Escola*, *Bravo*, *República*, *Primeira Leitura*, etc<sup>22</sup>. Segundo Carvalho “*na ditadura militar, com muitos amigos presos, torturados, mortos, percebi que o Brasil ia ladeira abaixo para as trevas. Achei que o melhor era me retirar e estudar para entender o que se passava. Isolei-me dos 20 aos 47 anos*”<sup>23</sup>. De acordo com seu *Curriculum Vitae*:

22.CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/english/1Resume.pdf>, acessado em 14.01.12.

23.BERTOL, R. “Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *O Globo*. 25.05.00. op. cit.

Desde muito jovem iniciou seus estudos de filosofia, psicologia e religiões comparadas. Não tendo encontrado, na época, cursos universitários de boa qualidade sobre os tópicos que eram de seu interesse – e tendo recebido o Registro de Jornalista Profissional por tempo de serviço, de acordo com a legislação que então entrou em vigor –, abdicou temporariamente dos estudos universitários formais e buscou professores particulares e conselheiros qualificados que o orientassem<sup>24</sup>.

Entre estes professores, “*merecedores de sua mais profunda gratidão, por lhe terem dado acesso a uma formação que jamais poderia adquirir numa universidade brasileira*”<sup>25</sup>, destaca:

- Juan Alfredo César Müller, psicólogo clínico diplomado pelo Instituto de Psicologia de Zurique e ex-aluno de Jung, L. Szondi e Marie-Louise von Franz; sob a orientação do Dr. Müller, estudou psicologia durante mais de dez anos; - Marcel van Cutsem, filólogo e erudito belga, residente em São Paulo, sob cuja orientação estudou línguas e literatura; - Lívio Vinardi, físico e esoterista argentino, sob cuja orientação estudou bioenergética, parapsicologia e assuntos afins. - Marco Pallis, religioso e erudito budista, residente em Londres, autor de *A Buddhist Spectrum*, *Peaks and Lamas* e *The Way and the Mountain*, livros clássicos na área das Religiões Comparadas. - José Khoury, erudito e filólogo libanês, de quem aprendeu princípios de língua árabe e história da civilização islâmica. - Martin Lings, diretor da Seção de Manuscritos Orientais do Museu Britânico, de quem recebeu orientação pessoal para o estudo de religiões comparadas<sup>26</sup>.

Passa a década de setenta sem nenhuma participação pública, “*a partir de 1975, concentrou seus esforços no estudo das Artes Liberais – as sete disciplinas básicas para a formação dos letrados na Europa Medieval (Lógica, Retórica e Gramática; Aritmética, Música, Geometria e Astrologia)*”<sup>27</sup>, e na década seguinte irá buscar afirmar seu nome como astrólogo. Segundo ele, seu primeiro contato com a astrologia fora “*uma casualidade. O Dr. Müller [Juan Alfredo César Müller] contratou-me na época em que eu traba-*

24. ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.

25. Idem.

26. Ibidem.

27. Ibidem.

lhava no *Jornal da Tarde* para redigir um curso de psicologia baseado em astrologia, já que era argentino e não dominava muito bem o português”, sendo que “depois destas aulas, um mundo sem limites se abriu para mim”<sup>28</sup>. Lança cinco livros relativos ao tema nos anos 80, além de participar de uma série de revistas, traduções, organizações e apostilas. Segundo Carvalho:

Não existe possibilidade alguma de entendimento de qualquer civilização antiga sem o conhecimento da Astrologia. O modelo de visão do mundo baseado nos ciclos planetários e nas esferas esteve em vigor durante milênios e isto continua a estar, de certo modo, no “inconsciente” das pessoas. Apesar de algumas deficiências no modelo astrológico, foi ele quem estruturou a humanidade pelo menos a partir do império egípcio-babilônico, o que significa, no mínimo, cinco mil anos de história. A Astrologia é um elemento obrigatório, por isto quem não a estudou, não estudou nada, é um analfabeto, um estúpido<sup>29</sup>.

Ao fim da década começa a dedicar-se ativamente à filosofia que, do mesmo modo que a astrologia, aparece “por contingência”<sup>30</sup> (na citação a seguir isto é revestido quase de um “destino manifesto” clarificado, que traria sua verdadeira função social como cidadão):

Até os 35 anos, eu não falava de assuntos filosóficos com ninguém a não ser comigo mesmo; vivia numa solidão intelectual quase completa. Então, comecei a dar conferências para um pequeno grupo de estudantes. Eu também escrevia, mas apenas resumos para os meus alunos, e teria continuado de bom grado a fazer o mesmo a vida inteira se as circunstâncias não me tivessem tirado de minha solidão para fazer de mim uma espécie de inspetor da saúde mental dos intelectuais brasileiros. Estou feliz por ter abandonado a modéstia da vida solitária

---

28.TÓTORA, R. “Um acerto de contas com a astrologia. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *Porto do Céu*. 01.06.00. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/astrologia.htm>, acessado em 10.01.12. Para maiores informações sobre Juan Alfredo César Müller ver CENTRAL NACIONAL DE ASTROLOGIA. *Juan Alfredo César Müller*. 27.01.10. Disponível em <http://cnaastrologia.org.br/site/blog/2010/01/27/juan-alfredo-cesar-muller/>, acessado em 10.01.11.

29.TÓTORA, R. “Um acerto de contas com a astrologia. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *Porto do Céu*. 01.06.00. op. cit.

30.ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.

unicamente para fazer algo de útil e objetivo, sem concessões às minhas vaidades de juventude, as quais já estavam mortas<sup>31</sup>.

A partir de 1989, com a formatação dos cursos permanentes, seus Seminários de filosofia, “*diminuiu a atividade jornalística para se dedicar mais aos cursos, os Seminários de Filosofia, que dá duas vezes por mês no Rio e em São Paulo*”. Nestes cursos “*calcula ter tido cerca de cinco mil alunos e escrito umas dez mil páginas*”<sup>32</sup>, sendo este momento em que começa a firmar-se como intelectual de certo renome. Segundo sua própria descrição o Seminário seria,

[...] em primeiro lugar, um curso de filosofia (o único que pode ajudar você a praticar a filosofia em vez de apenas repetir o que outras pessoas, ilustres o quanto se queira, disseram a respeito dela. Mas, pela sua própria natureza, a filosofia não é um saber especializado sobre uma determinada classe de objetos: é uma atividade integral da inteligência que se volta sobre todos os campos do saber e da experiência em busca de sua unidade, de seu fundamento e de sua significação última para a consciência humana. Não há limites, portanto, para os conhecimentos especializados que possam se tornar necessários, como subsídios auxiliares, ao aprendizado e exercício da filosofia: a formação filosófica é, também e inseparavelmente, a abertura da inteligência à totalidade sistêmica dos conhecimentos humanos. Por essa razão, o *Seminário* é também um sistema de educação integral, com abertura para os seguintes campos de estudos, além da filosofia *strictu sensu* : 1. Religião comparada; 2. Letras e artes; 3. Ciências humanas; 4. Ciências da natureza; 5. Comunicação e expressão. Essa abrangência torna o Seminário uma espécie de *Introdução geral aos estudos superiores em sua totalidade* [...] Buscando constantemente o nexos entre conhecimento e autoconsciência, o filósofo (ou, o que é exatamente o mesmo: o estudante) submete-se à *disciplina da sinceridade*, que se torna, de maneira lenta, gradual e segura, um caminho de ascese espiritual: o desenvolvimento do *senso pessoal da verdade*<sup>33</sup>.

E o resumo em seis tópicos de abrangência:

31.NEDELCO, D. “Entrevista com Olavo de Carvalho”. *Rádio Nacional*. Bucareste, 12.11.98 <http://www.olavodecarvalho.org/textos/nedelcu.htm>, acessado em 10.01.12..

32.ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.

33.CARVALHO, O. de. *Que é o seminário de filosofia?* Disponível em <http://www.seminariodefilosofia.org/o-que-e>, acessado em 10.01.12.



1º Um curso de filosofia. 2º Um sistema de educação integral. 3º Uma introdução geral aos estudos superiores. 4º Uma teoria e prática da interdisciplina. 5º Um caminho de ascese espiritual. 6º Um método de desenvolvimento da inteligência pessoal. Caso esses seis objetivos lhe pareçam grandes demais para poderem ser atingidos todos de uma vez, o próprio Seminário lhe mostrará que não é possível atingir nenhum deles separadamente: *filosofia*, *educação integral*, *ampliação do horizonte cognitivo*, *unidade do conhecimento*, *ascese espiritual fundada na autoconsciência* e *desenvolvimento da inteligência humana* são, apenas, seis nomes de uma só e mesma coisa<sup>34</sup>.

O Seminário irá ser o primeiro e maior passo para a consolidação de Carvalho como comentarista político. É através deste que passa a “trabalhar” como intelectual, podendo subsistir como colunista, escritor e palestrante (abandonando parte do trabalho técnico que desenvolvia nas redações de imprensa e a astrologia)<sup>35</sup>. Será pelo desenvolvimento deste, e posterior desdobramento no Instituto Olavo de Carvalho, que ele irá centralizar seus esforços por reconhecimento.

Já nos anos noventa irá lançar seus livros sobre política e filosofia, que atingem certa expressão e o ajudam a consolidar-se como colunista político “de direita”. Seu primeiro lançamento em livro, contudo, nasce de uma polêmica com a Sociedade Brasileira para a Pesquisa Científica, que recusa a lançar um artigo seu sobre Aristóteles, e que toma certa repercussão midiática<sup>36</sup>. No meio da querela Bruno Tolentino, poeta e amigo de Carvalho, o orienta a lançar um

34.CARVALHO, O. de. *Que é o seminário de filosofia?* op. cit.

35.Os valores cobrados atualmente pelo Seminário de filosofia são de: 1 mês R\$ 35,00; 3 meses R\$ 95,00; 6 meses R\$ 180,00; ou mensalidades fixas de U\$ 20,00. Pelo Curso *online* de filosofia são cobrados: 1 mês R\$ 50,00; 3 meses R\$ 145,00; 6 meses R\$ 290,00 ou mensalidades fixas de U\$ 30,00. SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Assine já*. Disponível em <http://www.seminariodefilosofia.org/assine>, acessado em 13.01.12.

36.BERTOL, R. “Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *O Globo*. 25.05.00. op. cit.

livro, o que resultou em *O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César* de 1995 (Tolentino assina o “prefácio”). Segundo Carvalho:

Durante muito tempo eu mesmo publiquei meus livros, em tiragens pequenas, para um círculo de alunos e amigos. Em 1995, por insistência do Bruno Tolentino, lancei “O Jardim das Aflições” numa tiragem maior, por uma editora profissional. Aí, por uma coincidência, fui trabalhar na Editora da Faculdade da Cidade e lancei por lá “O Imbecil Coletivo”, que deu uma encrenca dos diabos e me lançou em polêmicas de imprensa, que não procurei mas das quais não fugi e nas quais, graças a Deus, me saí muito bem<sup>37</sup>.

Olavo de Carvalho irá emergir na imprensa no vácuo deixado pela morte de Paulo Francis em 1997, em plena conjuntura onde a grande mídia batalhava ostensivamente pela implementação do ultraliberalismo. Francisco Fonseca empreendeu uma obra de fôlego, onde analisou todos os editoriais da grande imprensa brasileira, a saber o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, entre 1985 e 1992, sobre a formação da hegemonia ultraliberal, a agenda estratégica para a formação do consenso em torno deste:

A exaustiva análise que procuramos empreender dos quatro jornais num período tão controvertido, em termos políticos, econômicos, sociais, ideológicos e internacionais, articulando-se a complexa conjuntura [...] houve imensa semelhança no modus operandi dos jornais em foco. O quarteto interpretou a chamada “onda neoliberal” de forma peculiar, mas teve como fio condutor a tentativa de estabelecer uma nova hegemonia, mediante a constituição de uma Agenda Ultraliberal, na qual a esfera privada obtivesse a precedência em relação ao Estado, o Capital sobre o Trabalho, e o (ultra)liberalismo – ao estilo de cada um – a primazia político-ideológica e cultural. Para tanto, os exemplos internacionais, tomados como uma tendência desejável e inescapável, foram magistralmente utilizados como forma de demonstrar a vitória do capitalismo liberal e o conseqüente “fim da história”. Todos os que se opuseram, por qualquer motivo, a estas idéias foram desqualificados e deslegitimados, num processo autoritário e arrogante desenvolvido pelos periódicos<sup>38</sup>.

37.CIDRAL, F. “Que é que você quer com a filosofia? Entrevista de Olavo de Carvalho”. *Vidaqui*. 31.10.00. op. cit.

38.FONSECA, F. C. P. da. *O consenso forjado: a grande imprensa e a formação da agenda*

A formação e consolidação desta hegemonia não dispensaram os funcionários responsáveis por ocupar as trincheiras ideológicas que “são particularmente expressas nos jornais”<sup>39</sup>: os intelectuais. Segundo Carla Luciana Silva, que examina a atuação partidária da revista *Veja* neste processo entre os anos de 1989 e 2002: “nas readequações capitalistas, o neoliberalismo se construiria em torno de valores como ‘moderno’, avançado, vitorioso. Para que isso ocorresse seria necessário o convencimento daqueles que seriam os construtores do programa”, exigindo a educação dos “pequenos e médios proprietários, a pequena, média e alta burguesia”, ou seja, “ensinar a classe dominante a manter sua dominação diante do novo quadro político e econômico, a ‘nova ordem mundial’”. Isto porque naquele momento o ultraliberalismo “estava ainda em construção enquanto hegemonia. Não era um fato dado, não foi imposto de forma simples, nem segundo fórmulas exatas”<sup>40</sup>.

Este espaço aberto, que era necessário e urgente preencher e consolidar, abriu caminho para vários comentaristas alinhados à direita, como Diogo Mainardi e Marcelo Sabino, da *Veja*, Reinaldo Azevedo do *Primeira Leitura*, Nelson Ascher, da *Folha de S. Paulo* e Ali Kamel e Arnaldo Jabor da *Rede Globo*<sup>41</sup>. Como assinala Carlos Nelson Coutinho, Olavo de Carvalho “surgiu, com enorme respaldo dos meios de comunicação, um intelectual de extrema-direita, de uma agressividade completa contra o marxismo”<sup>42</sup>. E não podemos deixar de citar que é nos anos ultraliberal no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 327.

39.Idem. p. 29.

40.SILVA, C. L. *Veja: o indispensável partido neoliberal*. Cascavel: Edunioeste, 2009. p. 20.

41.GONÇALVES, M. A.; CARIELLO, R. “Direita na mídia”. *Folha de S. Paulo*. 15.02.06. Disponível em [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha\\_de\\_s\\_paulo\\_destaca\\_ascensao\\_da\\_direita\\_na\\_midi\\_a](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha_de_s_paulo_destaca_ascensao_da_direita_na_midi_a), acessado em 14.01.12.

42.VALOR ECONÔMICO. “Intelectuais em extinção. Entrevista com Carlos Nelson Coutinho”. *ValorEconômico*. 24-26.11.00. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>

noventa que ocorre a reestruturação do ramo jornalístico no Brasil, especialmente afetado pelas tecnologias da informação: além de diminuir drasticamente o consumo do jornalismo impresso (tendência que é dada como irreversível) substituiu-se mecanicamente o trabalho de uma série de especialistas, técnicos e mesmo jornalistas de renome, especialmente notada na demissão de correspondentes substituídos por notas de agências internacionais de notícias, geralmente empresas de origem estatal estrangeiras de jornalismo como a *British Broadcasting Corporation* (BBC) e a *Radio France Internationale* (RFI). O desemprego passa a ser determinante para corte de salários e assédio ideológico. Segundo Martins:

Os jornalistas perderam sua segurança no emprego, essa também uma das razões pela direitização da profissão. A mídia empresa descobriu como aviltar a classe, seja explorando a vaidade de alguns, seja amedrontando a maioria com o desemprego. Fazer-se notar como dissidente é demissão certa. Os baixos salários, mantidos pela troca constante dos mais velhos por estagiários e recém-formados, forçando quem tem experiência a se tornar assessor de imprensa agravou o quadro. A expressão “jornalista independente” que poderia designar um jornalismo maduro e seguro é a demonstração de sua fraqueza – os jornalistas independentes, pagando como autônomos suas contribuições para a aposentadoria, arcando com seus seguros-saúde, sem garantias, não passam de frilas [trabalhadores “*free-lance*”, que recebem por matéria ou fotografia vendida], ou estressados obrigados a aceitar qualquer pagamento por suas matérias. Os grandes jornais não têm mais correspondentes fixos e se abastecem, quando algum fato exige, com reportagens enviadas por frilas internacionais ou, no máximo pelos chamados frilas fixos, cuja estabilidade depende das equipes que se sucedem nas redações centrais. Ganhar muito é arriscado, chama a atenção em todo plano de economia previsto pelo jornal<sup>43</sup>.

---

com.br/artigos/al0512200091.htm, acessado em 21.01.12.

43.MARTINS, R. “Veríssimo: imprensa brasileira é de direita”. *Direto da Redação*. 19.11.07. Disponível em <http://www.diretodaredacao.com/noticia/verissimo-imprensa-brasileira-e-de-direita>, acessado em 21.01.12.

Este poder de criação de intelectuais-funcionários, submetidos às novas condições de trabalho, sua rápida formatação como “formadores de opinião” dependeu ainda do alcance destas publicações. Segundo Luis Nassif: “o Mainardi é um exemplo. Começou-se a criar um mito de que ele seria o novo Paulo Francis. Mas quando você vê as coisas que ele escreve... E não estou entrando em juízo de valor, mas em juízo de qualidade. De repente, você o transforma num personagem”. Estes são afirmados em seu valor como intelectuais através de seus pares: “você tem o Sabino elogiando o Ali Kamel, que elogia o Mainardi, etc. Ou seja, cria-se dentro da imprensa um negócio fora das estruturas de controle dos jornais, grupos de autopromoção que são uma coisa mafiosa”. Articulação que também serve para a defesa contra possíveis intervenções de intelectuais não alinhados com a agenda destes aparelhos privados de hegemonia: “destrói-se pessoa que não seja do grupo e passa-se a tentar criar reputações intelectuais. E quem são as novas personalidades intelectuais que surgem? Ali Kamel, Mário Sabino, Mainardi. É inacreditável! Mainardi!”<sup>44</sup>. Como citado, podemos sem grandes temores justificar parte desta necessidade de novos intelectuais de direita pela morte de Paulo Francis, afinal este fora:

[...] um dos maiores salários da imprensa brasileira, ocupando páginas inteiras na Folha de S. Paulo (por 14 anos) e O Estado de S. Paulo (durante sete anos), lidas com avidez por milhares de pessoas. Quando uma de suas incontinências verbais não fundamentadas lhe acarretou uma ação de indenização de 100 milhões de dólares, por parte dos diretores da Petrobras, chamados por ele de ladrões, Francis reagiu não como um jornalista, mas como um proprietário ameaçado. Seu patrimônio [...] incluía, além dos salários (US\$ 20 mil no Estadão e provavelmente mais na Globo), dois apartamentos em Manhattan, a área mais valorizada de Nova York, US\$ 3 milhões em conta bancária “e administrada, sabe-se hoje, por seu amigo Ronald Levinsohn, aquele da caderneta Delfin”<sup>45</sup>.

44. CINTRA, A.; LOBREGATTE, P. “A deterioração ética e moral do jornalismo. Entrevista com Luis Nassif”. *Portal Vermelho*. 05.03.08. Disponível em [http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com\\_content&task=view&id=2796](http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=2796), acessado em 20.01.12.

45. PINTO, L. F. “Paulo Francis e a bomba esquecida”. *Observatório da Imprensa*. 04.05.10.

Olavo, que estreitou contatos com Paulo Francis em seus últimos anos, lhe dedica o livro *Imbecil coletivo 1*<sup>46</sup> – lançado pela Editora da UniverCidade do Rio de Janeiro (o “único centro de ensino superior em todo o mundo com erro de ortografia no nome”<sup>47</sup>), que é de propriedade do mesmo Ronald Levinsohn que administrava parte dos bens de Francis. Os contatos com aquela faculdade foram frutíferos, inclusive Carvalho passou a utilizar seus espaços físicos para a realização do Seminário de filosofia entre de 1997 até 2001, sendo nomeado diretor de sua editora entre 1999 e 2001<sup>48</sup>.

Levinsohn era o dono da Delfin crédito imobiliário, a maior caderneta de poupança do País, com cerca de quatro milhões de clientes, quando em 1982 estourou um escândalo envolvendo um acordo sobre a dívida desta com o Banco Nacional de Habitação (BNH), o “grande escândalo financeiro que a ditadura não conseguiu encobrir”<sup>49</sup>:

---

Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/paulo-francis-e-a-bomba-esquecida>, acessado em Para mais detalhes sobre Francis ver: BATISTA, A. B. “Paulo Francis e o cenário político-ideológico de 1989: Análise do discurso sobre o fim do socialismo no leste europeu’ e ‘o perigo Lula’ no processo político-eleitoral brasileiro daquele ano”. *Anais do Simpósio Nacional de História 2011*. Disponível em [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300936846\\_ARQUIVO\\_AlexandreBatista-ANPUH2011-Completo.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300936846_ARQUIVO_AlexandreBatista-ANPUH2011-Completo.pdf), acessado em 20.02.12.

46. Na página onde Carvalho divulga comentários positivos sobre sua obra constam duas referências de Paulo Francis. A primeira sobre o livro *Sobre Aristóteles em nova perspectiva*: “Olavo de Carvalho vai aos filósofos que fizeram a tradição ocidental de pensamento, dando ao leitor jovem a oportunidade de atravessar esses clássicos”. E a segunda sobre *O imbecil coletivo 1*: “Livro imperdível. Exijam dos livreiros”. CARVALHO, O. de. *Opiniões da crítica*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/critica.htm>, acessado em 12.01.12.

47. DINES, A. “Carta aberta aos alunos e professores da Univer\$idade – UniverCidade”. *Observatório da Imprensa*. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da270620011.htm>, acessado em 13.01.12.

48. CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. op. Cit.

49. DINES, A. “Carta aberta aos alunos e professores da Univer\$idade – UniverCidade”. *Observatório da Imprensa*. op. cit.

Contra parecer técnico de sua Diretoria de Terras, contra avaliação de uma comissão oficial, a despeito de recomendação contrária de seu próprio presidente e à custa das demissões de um de seus diretores e de um assessor deste, o BNH – Banco Nacional da Habitação aceitou quitar as dívidas do Grupo Delfin, de cerca de Cr\$ 70 bilhões, em troca de terrenos avaliados oficialmente em cerca de Cr\$ 9 bilhões. A operação foi concretizada há duas semanas, aparentemente sem aprovação formal da diretoria do BNH (sete diretores mais o presidente José Lopes de Oliveira). Para contornar a relutância da diretoria, ela limitou-se a “tomar conhecimento” de uma decisão em nível ministerial – Ministro Mário Andreazza, do Interior; Delfim Neto, do Planejamento, Ernane Gavêas, da Fazenda –, mas antes disso demitiu-se o diretor de Poupança e Empréstimo, Lycio de Faria<sup>50</sup>.

Com a divulgação pública do acordo, milhares de clientes promoveram uma corrida para retirar suas poupanças, o que fez “*que todo o sistema de cadernetas de poupança, que já tinha 40 milhões de depositantes espalhados em várias instituições financeiras independentes, fosse sendo incorporado pelos grandes bancos comerciais*”<sup>51</sup>. O processo durou anos, e expôs a troca de favores (ou como dito na época “*predominância de aspectos políticos*”<sup>52</sup>) que envolveu o escândalo, que parecia encerrado em 1991 quando um acordo com o Banco Central, onde era garantido que o empresário ficasse com o espólio da Delfin e pagasse a dívida em 13 anos, tendo dois de carência. Nenhum pagamento foi efetuado. A maneira agressiva que toca seus negócios, que Alberto Dines denunciou sobre a cobertura da mídia no caso Delfin, onde “*foram jornalistas abancados em postos-chave da mídia carioca e paulista – inclusive em jornais populares – que re-*

50.FOLHA DE S. PAULO. 30.12.82 In. MOLICA, F. *Dez reportagens que abalaram a ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 311.

51.ATTUCH, L. “A redenção da Delfin”. *Istoé Dinheiro*. 05.04.06. Disponível em [http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/4843\\_A+REDENCAO+DA+DELFIN](http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/4843_A+REDENCAO+DA+DELFIN), acessado em 14.01.11.

52.FOLHA DE S. PAULO. 30.12.82 In. MOLICA, F. *Dez reportagens que abalaram a ditadura*. op. cit. p. 315.

ceberam generosos financiamentos para a compra de imóveis e, em troca, ofereceram-lhe a mafiosa proteção”, fica clara em entrevista do próprio Levinsohn:

DINHEIRO – Numa entrevista recente, o professor Di Genio [João Carlos Di Genio, dono do curso e colégio Objetivo] o acusou de ter quebrado a poupança Delfin... LEVINSOHN – Ih, meu Deus do céu! Vinte anos atrás, ele era cafetão. Ele arranjava mulheres para congressistas e pessoas importantes em Brasília. Ele tinha um circo para festas na casa dele. Chamava mulheres, tinha um plantel. Então, vem agora querer tirar carta de honesto comigo? Eu devo honestidade a quem me julgou. Eu já fui julgado, absolvido, arquivado. Fui vítima de uma conspiração que um dia será devidamente esclarecida. Nunca quis briga com o professor Di Genio, mas Deus não me deu a virtude do medo [...] DINHEIRO – Como foi resolvida a questão da Delfin? LEVINSOHN – A empresa fechou com a alegação falsa de que havia patrimônio negativo. No dia em que foi liquidada, o patrimônio era positivo em US\$ 200 milhões. E todos os depositantes receberam o dinheiro. Tenho uma dívida de Deus de ter sobrevivido ao regime militar e ao coronel Mário Andreazza. DINHEIRO – Ele o perseguia? LEVINSOHN – Ele queria ser presidente, mas, num belo dia, perdeu a convenção da Arena e recebeu um telex de 3 metros e meio com os votos dos 42 deputados que não o apoiaram. Fui eu que mandei. Estamos quites. No caso Delfin, sou um sobrevivente. Tenho brigas com o Banco Central, mas são coisas que estão em julgamento e sobre as quais prefiro não falar<sup>53</sup>.

Somente em 2006 o Superior Tribunal de Justiça julgou o último recurso do caso, inocentando o empresário: “a venda dos terrenos ao BNH foi feita dentro da lei e a preço justo”<sup>54</sup>. Neste período, o empresário já havia a muito retornado ao Brasil, sendo que a criação da UniverCidade<sup>55</sup> remonta a 1998, que em pouco tempo tornou-se uma das maiores empresas de ensino superior do país. Este crescimento deve-se às

53. ISTOÉ DINHEIRO. “Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn”. *Isto é Dinheiro*. 28.05.03. Disponível em [http://www.istoedinheiro.com.br/entrevistas/11477\\_QUEREM+MATAR+A+CONCORRENCIA+A+PAULADA](http://www.istoedinheiro.com.br/entrevistas/11477_QUEREM+MATAR+A+CONCORRENCIA+A+PAULADA). S, acessado em 13.01.12.

54. ATTUCH, L. “A redenção da Delfin”. *Isto é Dinheiro*. 05.04.06. op. cit.

55. UNIVERCIDADE. *Histórico*. Disponível em <http://www.univercidade.br/ainstituicao/historia.asp>, acessado em 15.01.12.



mudanças na legislação sobre o ensino superior feitas pelo Ministro Paulo Renato de Souza, no governo Fernando Henrique Cardoso, especialmente na autonomia que os centros universitários passaram a ter diante das faculdades privadas para abrir e fechar cursos. Segundo Levinsohn “*com uma simples carta para o Ministério da Educação, uma universidade pode pedir para se tornar um centro universitário*”. Segundo o empresário, entendendo que “*o Brasil precisa de ensino de baixo custo para aqueles que estão segregados da sociedade e que só podem pagar 80 ou 100 dólares*”<sup>56</sup>, e aproveitando esta nova oportunidade, seu centro universitário abriu uma série de cursos e turmas (só no primeiro ano de jornalismo a Univercidade teria vinte e uma turmas<sup>57</sup>), cobrando mensalidades “*em média, de 320 reais. Muitas universidades paulistas, que cobravam entre 800 reais e 900 reais, não ficaram nada satisfeitas*”. Além disso, por ter suas rendas garantidas pela imensa quantidade de imóveis e fazendas que é proprietário Levinsohn pode levar a cabo uma estratégia de negócios agressiva, “*não me dedico a isso para ganhar dinheiro. Posso dizer que não perco nem ganho. Às vezes, falta algum e eu até coloco do meu. Estamos faturando R\$ 100 milhões por ano, mas num modelo de equilíbrio*”, eliminando a concorrência ou a forçando a baixar o nível do ensino oferecido, em especial no que refere-se à pesquisa (segundo ele a “*Constituição brasileira que é irreal e estabelece que o ensino não pode estar dissociado da pesquisa*”). Não nos cabe aqui aprofundar esta discussão, visto que ela resulta de embates intrincados entre grupos e frações da burguesia brasileira, sendo que as fontes utilizadas correspondem exatamente a publicações de intelectuais ligadas às estas, como Attuch e Dines, além da fala pú-

56. ISTOÉ DINHEIRO. “Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn”. *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. op. cit.

57. DINES, A. “Carta aberta aos alunos e professores da Univer\$idade – UniverCidade”. *Observatório da Imprensa*. op. cit.

blica de Levinsohn. Mas podemos sem grandes traumas afirmar que este último utiliza-se de seu empreendimento universitário de modo ostensivo a afirmar uma visão específica de mundo: “*a UniverCidade é uma ação para ajudar os outros e dar ao País o muito que o Brasil me deu. Fui beneficiário da transformação de um país que era uma porcaria em um país com uma economia de respeito*”. Sendo que seus investimentos editoriais não seguiriam outra direção, “*estamos publicando livros, como do general Golbery do Couto e Silva, e do intelectual Jean-François Revel, para disseminar a cultura. Não é uma ação para ganhar dinheiro. A história das falências brasileiras tem dois campeões: as editoras e as livrarias*”<sup>58</sup>.

Não sem motivo, é quando adentra este círculo que Olavo de Carvalho consegue alcançar maiores audiências, *O imbecil coletivo* esgotou “*em três semanas a primeira edição da obra, e em quatro dias a segunda*”<sup>59</sup>, sendo divulgado em capas de revistas, como a *República* de julho de 1997 (Ano 1, n.º. 9)<sup>60</sup>, e através das querelas públicas do autor com intelectuais de esquerda, e também de direita, assinale-se. “*Publiquei meu primeiro livro aos 48 anos. Comecei a lecionar numa universidade aos 50. Estreei como articulista no Globo aos 53, uma idade em que as tchurma só pensa em aposentadoria. Com 56, tenho planos que requerem quatro décadas de trabalho*”<sup>61</sup>.

E neste período Carvalho passa a trabalhar em uma série de revistas, jornais e editoras. Até 2001: diretor do Seminário de Filosofia na UniverCidade; de 1998 até 1999: diretor de texto para a Biblioteca

---

58. ISTOÉ DINHEIRO. “Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn”. *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. op. cit.

59. SOUZA, R. A. *Biografia*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/bio.htm>, acessado em 10.01.12.

60. MAIER, F. *Olavo “Denisovich” Carvalho*. 17.03.02. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0132.htm>, acessado em 19.01.12.

61. CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. op. cit.

do Exército, editando o livro *O Exército na história do Brasil*; de 1999 até 2001: editor de publicação da série Biblioteca de filosofia da editora Record; de 1999 até 2001: diretor da editora da UniverCidade; de 2000 até 2005: colunista semanal do jornal *O Globo*; de 2000 até 2005: colunista semanal do jornal *Zero Hora*; de 2002 até 2005: palestrante em Ética e Filosofia Política na Pós-Graduação em Administração Pública da PUC Paraná; de 2005 até os dias de hoje: colunista semanal dos jornais *Diário do Comércio* e *Jornal do Brasil*<sup>62</sup>.

O período entre 1996 e 2005, pode ser considerado o ápice da vida jornalística de Carvalho, não mais alcançará o mesmo número de colunas e publicações em jornais e revistas de alcance nacional do que nestes anos. Chega mesmo a discursar na UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e na ONU (parte do mesmo “governo mundial” que depois denunciará):

[...] Olavo continuou a lecionar seus cursos de Filosofia na Universidade da Cidade e a escrever seus artigos, agora para vários jornais, como *Jornal da Tarde*, *O Globo*, *Zero Hora*, e revistas, como *República* e *Época*, além de promover palestras em todos os cantos de nosso País. O embate com a alcatéia “imbecil coletiva” não diminuiu, pelo contrário, aumentou – a exemplo das réplicas, trélicas e kíloplas de Olavo com “Fedelli e seus fedelhos”. Se fosse responder a todas as provocações, o dia para Olavo teria que ter 72 horas, o ano 1000 dias<sup>63</sup>.

Em relação ao fim da parceria com Levinsohn em 2001 não nos cabe, como já dito antes, conjecturar motivos, assinalando que na disputa entre este e Alberto Dines sobre a UniverCidade<sup>64</sup>, Carvalho irá posicionar-se da seguinte maneira em 30.06.01:

62.CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. op. cit.

63.MAIER, F. *Olavo “Denisovich” Carvalho*. 17.03.02. op. cit.

64.Para maiores detalhes ver DINES, A. “Carta aberta aos alunos e professores da Univer\$idade – UniverCidade”. *Observatório da Imprensa*. op. cit.; ISTOÉ DINHEIRO.

Após recalitrar um pouco, no aguardo de provas que lhe enviei em seguida, o jornalista Alberto Dines me avisou por e-mail, ontem, estar persuadido de que não fui o autor dos ataques contra ele, e prometeu publicar isso na próxima edição do Observatório da Imprensa, terça-feira que vem, cancelando portanto as referências ofensivas que fez à minha pessoa. Para documentar o que se passou realmente por ocasião da querela entre a UniverCidade e o prof. Gianotti, enviei a Alberto Dines e publico logo abaixo o ensaio, infelizmente incompleto, “Crise da universidade ou eclipse da consciência?”, que foi a minha resposta a Gianotti, publicada parcialmente na revista Livro Aberto, de São Paulo. Essa resposta, assinada, era de teor bem diverso daquela que logo a seguir saiu no Jornal do Brasil e que terminou por desencadear o conflito entre a UniverCidade e Alberto Dines. Não fui, não sou nem serei nunca o ghost writer de ninguém. 2. Como se depreenderá da leitura desse ensaio, minha posição no debate universidade pública versus universidade privada não coincide plenamente nem com a da UniverCidade nem com a da comissão Gianotti, endossada por Alberto Dines. No meu entender, embora haja lugar tanto para a universidade empresa quanto para a universidade repartição pública, nenhuma dessas duas fórmulas atende satisfatoriamente ao objetivo essencial da idéia de universidade, que é a preparação da elite intelectual. A primeira é orientada para o mercado de trabalho, a segunda para um conceito gramsciano, vil e oportunista, de “elite intelectual” compreendida como o novo “Príncipe” de Maquiavel, sinistro planejador de tramóias revolucionárias. Dito de outro modo, a primeira faz empregados, a segunda militantes. Nenhuma das duas pode produzir o tipo de cientista e erudito acadêmico que o país necessita para se afirmar como potência cultural – o primeiro passo (e não o último, como o concebe a miserável imaginação uspiana) da construção de uma autêntica soberania nacional<sup>65</sup>.

Em maio de 1998 lança seu *site* (indicação própria, como já pontuando outras ferramentas da internet o marcam como lançado em 1999<sup>66</sup>),

---

“Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn”. *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. op. cit.; e GENTILI, V. “Levinsohn vs. Veja”. *Observatório da imprensa*. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da090520011.htm>, acessado em 22.01.12.

65. CARVALHO, O. de. *Aviso de Alberto Dines e considerações sobre a universidade*. 30.06.01. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/dines2.htm>, acessado em 19.01.12.

66. CARVALHO, O. de.; DE POLLI, M. *Homepage de Olavo de Carvalho*. 04.10.99. Disponível em <http://web.archive.org/web/19991004034606/http://olavodecarvalho.org/>, acessado em 19.01.12.

em conjunto com Marcelo de Polli (editor do *Wunderblogs*<sup>67</sup>, que reunia uma série de blogueiros de direita<sup>68</sup> e que chegam a lançar um livro com reproduções dos *blogs*<sup>69</sup>), passando a atuar de modo intensivo na rede, utilizando este espaço, que como já indicamos ainda era incipiente para publicar trabalhos seus e de autores consagrados (no começo especialmente Otto Maria Carpeaux), fazer chamadas de seu Seminário de filosofia, logo depois agregando um fórum de discussão, etc. Em abril de 1999 foi ganhador do “*site do mês*” do guia de jornalismo da *Openlink*<sup>70</sup>.

O *site* consta como o número 247.215 no ranking de tráfego global e de número 9.160 no ranking de tráfego brasileiro, ambos indicados pela ferramenta *Alexa*, a mais utilizada para avaliar informações sobre internet. Seu visitante médio gasta dois minutos para navegação neste, abrindo em média 2,2 páginas em cada visitação. Ainda indica que existem 631 outros *sites* que relacionam *links* para sua página pessoal<sup>71</sup>. Olavo de Carvalho, em texto sem data, chamado *Aos visitantes desta homepage*, faz uma síntese deste e um pedido:

Há anos empreendo um combate cultural e político, de proporções nacionais, sem qualquer patrocinador, sem qualquer ajuda oficial ou privada.

---

67. Os blogs podiam ser acessados pelo site [www.wunderblogs.com](http://www.wunderblogs.com). Hoje ele encontra-se fora do ar. “*Difícil dizer exatamente onde aquele grupo se formou; talvez em algum instante da diáspora dos colunistas iniciais do Digestivo Cultural, ou do encontro deles com leitores e debatedores, ou ainda de uma lista de discussão, cujo moderador era o Polzonoff, que existiu na segunda metade de 2002*”. LIMA, R. *Como era gostoso meu Wunderblog*. Disponível em <http://www.nacaradogol.mundo-exotica.net/arquivo/002520.htm>, acessado em 19.01.12.

68. Ver MACHADO, C. E. “Para ‘mentor’ do Wunderblog.com, blogueiro tem ironia e falta de respeito”. *Folha.com*. 03.07.04. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45593.shtml>, acessado em 19.01.12.

69. SILVA, A. S.; ORTIZ, F.; DE POLLI, M. et all. *Wunderblogs.com*. São Paulo: Barracuda, 2004.

70. CARVALHO, O. de.; DE POLLI, M. *Homepage de Olavo de Carvalho*. 04.10.99. op. cit.

71. ALEXA. *Site info for www.olavodecarvalho.org*. 19.01.12. Disponível em <http://www.alexa.com/siteinfo/olavodecarvalho.org#>, acessado em 19.02.12

Aonde quer que me chamem para falar, vou e falo, independentemente de remuneração ou ajuda de custo, que às vezes vêm, às vezes não vêm. Por mim, eu continuaria assim, mas simplesmente não dá mais. Só neste mês, quando não parei em casa mais de dois dias – vivendo em aviões, hotéis e táxis, escrevendo artigos nos intervalos de mil e um cursos e conferências –, minhas despesas com telefone celular (só para dar um exemplo de despesa, entre outros) ultrapassaram 3 mil reais. É claro que ainda não paguei [...] É uma ironia cruel que difamadores profissionais, eles próprios amparados por partidos políticos, por ONGs, por empresários de grande porte (não há uma só publicação de esquerda neste país que não leve subsídios de fundações milionárias), espalhem na *internet* a mentira sórdida de que sou subsidiado por fulano ou beltrano. Não, ninguém me subsidia. Teriam a obrigação de fazê-lo, mas não o fazem. Se o fizessem, meu trabalho, que sem recursos já alcança repercussão bastante para espalhar o pânico entre a canalha intelectual esquerdista, produziria efeitos de maior envergadura ainda [...] Peço, portanto, que os visitantes desta *homepage* contribuam, na medida de suas possibilidades e da sua generosidade, para o prosseguimento deste trabalho. Qualquer contribuição, grande ou pequena, regular ou esporádica, será bem-vinda [...] Todas as contribuições irão para o Instituto Brasileiro de Humanidades, uma ONG regularmente constituída, de modo que poderão ser descontadas do imposto de renda. Desde já, obrigado<sup>72</sup>.

Como indicado na citação, é de propriedade de Carvalho o Instituto Brasileiro de Humanidades, ou como prefere “membro fundador”<sup>73</sup>, criado em 2001. Teve seu primeiro congresso (e aparentemente o único) em Vassouras, Rio de Janeiro, entre os dias de 16 e 18 de junho de 2000. A chamada do Congresso nos deixa clara a dominância de Carvalho sobre este:

Ao longo de vinte e cinco anos de atividade pedagógica, Olavo de Carvalho deu cursos sobre temas diversos, em muitas cidades do Brasil e algumas do Exterior. Só muito raramente os cursos eram repetidos. Assim, os ensinamentos transmitidos pelo filósofo permaneceram dispersos entre grupos que não tinham qualquer comunicação entre si [...] Assim, pela primeira o público terá acesso a uma certa visão de conjunto do pensamento filosófico de Olavo de Carvalho. Essa visão

72. CARVALHO, O. de. *Aos visitantes desta homepage*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/aosvisitantes.htm>, acessado em 12.01.12.

73. CARVALHO, O. de. *Pauteiro da USP*. 30.06.01. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/pauteiro.htm>, acessado em 14.01.12.

é necessariamente experimental e provisória, principalmente por ter como objeto uma filosofia vivente, em constante estado de elaboração. Não sendo possível abranger todos os temas lecionados, o próprio Olavo de Carvalho fez uma seleção dos oito principais, designando como expositores oito alunos que tiveram a oportunidade de estudá-los mais detidamente<sup>74</sup>.

O congresso foi organizado por Paulo Vieira da Costa Lopes e Nanci Galvão, do Rio de Janeiro, e por Edson Manoel de Oliveira Filho de São Paulo. Proclamado como sucesso, participaram deste, além de Carvalho, Alvaro Velloso de Carvalho, Ronaldo Castro de Lima Jr., Lúcia de Fátima Junqueira, Henriette Fonseca, Fernando Manso, Alexandre Bastos, Pedro Sette Câmara, Marcelo de Polli, Luciano Saldanha Coelho, Nelson Lehman da Silva, Vera Márcia, Romeu Cardoso, Amílcar Rosa, Paulo Mello e o embaixador José Osvaldo de Meira Penna<sup>75</sup>. Após este primeiro Congresso não houve outras edições, aparentemente o Instituto como Organização Não Governamental (ONG), serve somente como instância de financiamento para Carvalho e para o MSM.

No ano de 2002 é fundado o MSM, momento em que Olavo de Carvalho passa a organizar uma série de intelectuais em torno do si, criando um instrumento poderoso para unificar organizativamente e ideologicamente à direita fascistizante. O *site* é bancado pela publicidade da Livraria Cultura<sup>76</sup>, por doações através da ONG Instituto Brasileiro

---

74.I CONGRESSO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE HUMANIDADES. *Primeira comunicação*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/congresso.htm>, acessado em 19.01.12

75.CARVALHO, O. de. *Sucesso total do I Congresso do Instituto Brasileiro de Humanidades*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/sucesso.htm>, acessado em 19.01.12.

76.Esta chega a cancelar seu contrato de publicidade em 2010, mas volta atrás na decisão. Mais informações ver: CARVALHO, O. de. *Livraria (in)Cultura agride covardemente o Mídia Sem Máscara*. Disponível em [http://www.heitordepaola.com/imprimir\\_materia.asp?id\\_materia=2471](http://www.heitordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=2471), acessado em 20.01.12. CARVALHO, O. de. *Aviso*. Editorial. 12.03.11.

de Humanidades, como já discutido, e alegadamente pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP)<sup>77</sup> – não encontramos nenhum indício que nos permita validar este último patrocínio, embora, seja necessário indicar que a ACSP sustenta e apoia abertamente Carvalho através de publicações e promoções. Isto pode ser observado no patrocínio de diversos seminários e palestras, como o lançamento de *Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil*<sup>78</sup>, cuja introdução é de Carvalho:

Vejo-me no dever de dizer essas coisas principalmente porque se aproxima a data do Seminário “Democracia, Liberdade e o Império das Leis”, que a Associação Comercial de São Paulo vai promover no Hotel Cesar Business nos dias 15 e 16 de maio [de 2007], e porque tenho a certeza de que ali, pela primeira vez, intelectuais liberais e conservadores vão olhar de frente a questão da estratégia comunista continental em vez de refugiar-se nas teorizações usuais, tão corretas no conteúdo geral quanto deslocadas da situação política especial. O Seminário é uma antiga idéia minha que tive a sorte de soprar nos ouvidos certos e, sem grande ajuda da minha parte, frutificou graças à tenacidade do líder empresarial Guilherme Afif Domingos, do psiquiatra Heitor de Paola e dos combativos redatores do jornal eletrônico *Mídia Sem Máscara* (Paulo Diniz Zamboni, Edward Wolff, Graça Salgueiro e tantos outros), bem como da colaboração da Atlas Foundation for Economic Studies<sup>79</sup>.

---

Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/editorial/11915-aviso.html>, acessado em 20.01.12.

77.Ver INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA. *Olavo de Carvalho* (verbete). Disponível em [http://www.institutodefilosofia.com.br/pdf/grandes\\_fb.pdf](http://www.institutodefilosofia.com.br/pdf/grandes_fb.pdf), acessado em 20.01.12. Olavo de Carvalho nega este patrocínio. Ver FONSECA, E. “Entrevista de Olavo de Carvalho ao site Panorama mercantil”. *Panorama Mercantil*. 07.07.11. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/entrevistas/12147-entrevista-de-olavo-de-carvalho-ao-site-panorama-mercantil.html>, acessado em 19.02.12.

78.CARVALHO, O. de. “Introdução”. In. *Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil*. São Paulo: É Realizações, 2006. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/terraqueo.html>, acessado em 19.01.12.

79.CARVALHO, O. de. “Traição anunciada”. *Diário do Comércio*. 08.05.06. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/060508dc.html>, acessado em 20.01.12. Segundo Afif na apresentação da publicação *Digesto Cultural*: “Nada melhor para caracterizar esta nova fase a DIGESTO do que apresentar as importantes contribuições estudadas no Seminário Internacional sobre Democracia Liberal, promovido pela Associação Comercial de São Paulo em parceria com a Atlas Foundation, o Mídia Sem Máscara e o Diário do Comércio em maio último, cujo tema Democracia, Liberdade



A ACSP mantém o *Diário do Comércio*, onde Carvalho escreve desde 2005. E será através deste emprego que ele poderá manter sua militância, já que naquele mesmo ano ele é demitido das revistas *Bravo!*, *Primeira Leitura* e *Época* e dos jornais *O Globo* e *Zero Hora*, o que pegou o próprio Carvalho de surpresa (ele na época rebate a carta de demissão do *Zero Hora* e instiga seus leitores a mandarem cartas para as revistas pedindo sua reconstrução<sup>80</sup>). As explicações para as demissões supostamente seria ideológica:

Nos vinte anos de governo militar, nunca vi um só jornalista ser expulso de toda a “grande mídia” brasileira por divulgar algum fato politicamente indesejado. Esse privilégio, que me lisonjeia ao ponto de me corromper a alma, ficou reservado para ser conferido à minha irrisória pessoa no período histórico imediatamente posterior, chamado, por motivos esotéricos, “redemocratização”. Por informar ao público a existência do Foro de São Paulo e os laços mais que íntimos entre partidos políticos e quadrilhas de narcotraficantes e seqüestradores, fui chutado do *Globo*, da *Época*, da *Zero Hora*, do *Jornal do Brasil* e do *Jornal da Tarde*. O número dos que por esses e outros canais me chamaram de louco, de mentiroso, de desinformante, de teórico da conspiração e coisas similares conta-se como as estrelas do céu. Excluído do círculo das pessoas decentes, só encontrei um último abrigo neste bravo *Diário do Comércio*, onde me sinto cinicamente bem entre outros meninos malvados como Moisés Rabinovici, Roberto Fendt e Neil Ferreira<sup>81</sup>.

A ACSP foi fundada em 1894 por Antonio Proost Rodovalho, sendo uma das mais antigas e bem consolidadas entidades patronais brasileiras<sup>82</sup>. É uma associação civil de direito privado, além de uma

---

*e o Império das Leis, resume a linha editorial que se pretende dar à publicação*”. DOMINGUES, G. A. *A nova Digesto cultural*. Disponível em [http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/digesto/nova\\_digesto.htm](http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/digesto/nova_digesto.htm), acessado em 10.01.12.

80.DIVERSOS. *Cartas ao Globo e a Olavo de Carvalho*. Parte I. Cartas enviadas ao Globo. Disponível em [http://www.olavodecarvalho.org/textos/cartas\\_oglobo\\_oglobo.htm](http://www.olavodecarvalho.org/textos/cartas_oglobo_oglobo.htm), acessado em 20.01.12.

81.CARVALHO, O. de. “Escolha desgraçada”. *Diário do Comércio*. 25.05.10. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/100525dc.html>, acessado em 20.01.12.

82.Para mais informações sobre a formação da ACSP e sua atuação inicial ver PERISSINOTTO, R. M. *Estado e capital cafeeiro: burocracia e interesse de classe na condução*

empresa prestadora de serviços – ela não cobra nenhuma contribuição compulsória de seus filiados<sup>83</sup>. Segundo o histórico oficial da Associação, sua missão se baseia em três fundamentos: o primeiro, “*unir os setores empresariais e trabalhar em defesa da livre iniciativa*”; o segundo “*representar e expressar a opinião legítima e independente dos empresários de São Paulo, na busca dos melhores caminhos do desenvolvimento*”; e, por fim, “*prestar serviços de qualidade a seus associados*”<sup>84</sup> tendo como base o “*modelo de Gestão da Qualidade ISO 9001:2008*”<sup>85</sup>. Sua filiação é voluntária e aberta para todos os setores da economia:

O quadro associativo da entidade reúne empresários representantes de todos os setores da economia, tais como: industriais, comerciantes, agros-pecuaristas, prestadores de serviços e profissionais liberais, de todos os portes e nacionalidades. Em perfeita sintonia com o desenvolvimento tecnológico, a ACSP dispõe de recursos humanos e técnicos que possibilitam a seus associados, independentemente de sua infra-estrutura tecnológica e informatização de processos, o acesso aos bancos de dados da instituição de maneira rápida e segura. Para grandes usuários a ACSP desenvolve soluções específicas, de acordo com suas necessidades<sup>86</sup>.

Segundo Paulo Roberto Neves Costa, nos anos 90 “*entre os associados predominavam as pequenas e médias empresas do comércio e dos serviços. No final dessa década, o quadro de associados não mudou: 60% do setor de comércio, 20% de indústria e 20% de serviços e profissionais liberais*”<sup>87</sup>. A

---

da política econômica (1889-1930). Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 180-195.

83.COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n.º. 57. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n57/a07v2057.pdf>, acessado em 20.01.12.

84.ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *História*. Disponível em [http://www.acsp.com.br/institucional/institucional\\_historia.html](http://www.acsp.com.br/institucional/institucional_historia.html), acessado em 21.01.12.

85.ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *A ACSP*. Disponível em <http://www.acsp.com.br/institucional/institucional.html>, acessado em 21.01.12.

86.ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *História*. op. cit.

87.COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”.

ACSP trabalhou para que sua imagem não estivesse ligada somente aos comerciantes, mas que agregaria “*todos os segmentos empresariais, ou melhor, os empresários de um modo geral, já que todos estariam envolvidos e atuando no âmbito da ‘livre iniciativa’*”. Nesta época, entendia-se “*que os grandes empresários tinham seus escritórios de representação política em Brasília, e que portanto, não precisavam das entidades, das quais os pequenos empresários dependiam*”<sup>88</sup>, então foi crucial à associação apresentar-se como “*uma empresa prestadora de serviços e, de outro, como uma ‘escola de civismo’ e um espaço de formação de lideranças empresariais*”<sup>89</sup>. Seu programa de atividades do ano de 1990 traçava os seguintes objetivos para longo prazo:

-representar “efetiva e eficientemente” todos os segmentos do empresariado; - defender e promover a livre iniciativa; -priorizar a atuação junto às micro, pequenas e médias empresas; -canalizar a capacidade de agregação da entidade para a promoção de um desenvolvimento econômico do país sob “o prisma da economia liberal”; -prestar serviços, institucionais ou não, ao empresariado, em especial ao associado<sup>90</sup>.

Politicamente, a associação não identificava-se partidariamente (embora estivesse envolvida diretamente com partidos, sobretudo nos anos 70 e 80<sup>91</sup>), sendo que “*episódios como as candidaturas de Paulo Maluf e Guilherme Afif Domingos aos cargos de governador e presidente da República são exceções isoladas que confirmam a regra*”<sup>92</sup>, preferindo focar-se nas readequações à economia interna que as ações plenamente políticas. Seu comportamento “*tendeu a permanecer meramente reativo, não apenas no âm-*

---

*Revista Brasileira de Ciências Sociais.* op. cit.

88.COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil (1984-1994)*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 65.

89.COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* op. cit.

90.COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil (1984-1994)*. op. cit. p. 87.

91.Idem. p. 338.

92.COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* op. cit.

*bito da política econômica, como também, e de forma mais intensa, em relação ao funcionamento das instituições políticas*<sup>93</sup>. Mas um traço marcante em suas análises e opiniões é o anticomunismo (para eles a “revolução de 1964” acabara traída pelo seu burocratismo de cunho “bolchevique”<sup>94</sup>):

Em suma, do final dos anos 1970 até meados dos anos 1990, a concepção de política da ACSP foi marcada pela idéia do fantasma da “esquerda”, que existiria dentro e fora do governo; pela crítica à ação política isolada e pulverizada de empresários junto às autoridades; pelo tratamento dos conflitos e críticas ao governo vindas de outros setores da sociedade – em especial os trabalhadores –, como “baderna”; pelo reconhecimento da necessidade de atuar politicamente no novo contexto social, político e econômico da abertura política, embora não houvesse clareza do que isso significava; e, por último, pelo receio em relação às mobilizações, fossem da população em geral, fossem do próprio empresariado. Esta concepção de política era justificada exatamente pela democracia, ou pelo “regime democrático”, que se consolidava. Apesar de todas as imprecisões e possíveis preconceitos, havia uma extrema convicção em relação aos seus próprios posicionamentos e análises. É isto o que mostra a avaliação do então presidente da ACSP, Guilherme Afif Domingos, sobre a conjuntura política de meados da década de 1980, para quem a entidade via a si própria como algo fora da “oligarquia” e do grupo que definia os rumos do país<sup>95</sup>.

A ACSP não faz parte do planejamento direto dos rumos econômicos da classe dominante, acha-se em posição inferior à fração hegemônica da burguesia, o que os permite certa mobilidade de crítica e extremismo que não coadunaria com o papel desempenhado por aquela nos arranjos do bloco no poder. Embora tivessem “*seus interesses ao menos parcialmente garantidos pela política econômica e pelas formas institucionais da política, o regime político*”. O “civismo” que defendiam os caracte-

---

93.COSTA, P. R. N. “Como os empresários pensam a política e a democracia: Brasil, anos 1990”. *Opinião Pública*. n.º. 2. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762005000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762005000200006&script=sci_arttext), acessado em 21.01.12.

94.COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 197.

95.COSTA, P. R. N. “Como os empresários pensam a política e a democracia: Brasil, anos 1990”. *Opinião Pública*. n.º. 2. op. cit.

rizou de certo governismo, privilegiando “o contato personalizado com os membros do Executivo e das instâncias burocráticas”<sup>96</sup>, em vez de manifestações abertas, que como visto, consideravam como parte da “baderna” do proletariado. Paulo Roberto Neves Costa conclui, resumidamente, que o comportamento político e ideológico da ACSP e também da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, de cunho sindical:

[...] revelou que se trata do comportamento de uma determinada fração de classe social, a dos pequenos e médios empresários, cuja unidade, ainda que contemple algumas variações, se dá a partir dos seguintes aspectos comuns: 1) tipo de atividade econômica e volume de renda dos negócios, principalmente no que diz respeito à posição no processo de definição do modelo de desenvolvimento econômico; 2) posição em relação ao conjunto do empresariado, ou seja, não se tratava de uma fração hegemônica, e, portanto, ocupava posição subordinada em relação à definição das políticas de Estado e ao processo de constituição do regime político; e 3) forma de pensar a política e os padrões de ação política, o que remete à questão sobre as semelhanças nos padrões de ação política, a despeito da diversidade em relação à natureza, à história e ao funcionamento dessas duas entidades<sup>97</sup>.

Este posicionamento ultrapassa o recorte temporal daquele pesquisador e reproduz-se pelos anos 2000, especialmente no que refere-se à ideologia da “livre iniciativa”, que a própria associação “constata e até procura discutir, mas tem dificuldade em enfrentar em termos de ação política mais intensa e agressiva”<sup>98</sup>, o que explica sem dificuldades o apoio e suporte financeiro a Olavo de Carvalho e intelectuais congêneres, inclusive quando estes iniciam a organização política para a oposição de cunho fascista<sup>99</sup>, o que ultrapassaria em muito as necessidades dos

96.COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 333-335.

97.COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. op. cit.

98.COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 344.

99.O que de modo algum opõe-se ao chauvinismo várias vezes demonstrado pelo empresariado paulista. O próprio Afif, quando ocupava o cargo de Secretário de Emprego e Relações de Trabalho do governo do Estado de São Paulo, afirmou em evento na

jornais e revistas atreladas à fração burguesa do capital financeiro- especulativo, hegemônica dentro do bloco no poder desde os anos 90<sup>100</sup>.

Naquele mesmo ano de 2005 das demissões, Carvalho mudou-se para os EUA – não sabemos indicar se como resultado destas –, passando a residir em Richmond em Virginia, como correspondente do *Diário do Comércio* (onde a partir de 2008 passa a publicar um suplemento somente seu). Desde 2010, sua permanência naquele país é garantida por um visto categoria EB-1, concedido “*para estrangeiros com habilidades extraordinárias, aprovadas pelo governo Americano*”<sup>101</sup>. Em 2006, de sua casa nos EUA, Carvalho começa seu programa semanal de rádio, o *True Outspeak* (em português “Sinceridade de fato”) utilizando a tecnologia de *streaming* para transmiti-lo pela internet. Ele tem duração de cerca de uma hora e abre participação para o público através de *e-mails*, telefone ou VOIP (*Voice over Internet Protocol*, Voz sobre IP, que permite o roteamento da conversação através da rede): “*este programa nasceu da pura impossibilidade de responder por escrito a dezenas de e-mails que me chegam por dia com consultas sobre livros, estudos, política, religião e filosofia. Dirige-se especialmente aos leitores e alunos que me enviam esses pedidos*”<sup>102</sup>.

A ida para os EUA também impulsiona a fundação do *The Inter-American Institute for philosophy, government, and social thought* em 2010. Ele busca servir de base para a atuação de Olavo de Carvalho naquela cidade de Mauá “*que os paulistas gostam mais de trabalhar do que os brasileiros de outras regiões*”. SARTORATO, D. “Afif diz que só paulistas têm vontade de trabalhar”. *ABDCD Maior*. 20.05.08. Disponível em [http://www.abcdmaior.com.br/noticia\\_exibir.php?noticia=6774](http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=6774), acessado em 22.01.12.

100. BOITO JR., A. *As relações de classe na nova fase do neoliberalismo no Brasil*. Disponível em <http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf>, acessado em 22.01.12.

101. CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. op. cit.

102. CARVALHO, O. de. *Apresentação do True outspeak*. op. cit.

le país, especialmente através das traduções de materiais em português: “sua primeira iniciativa será disponibilizar para estudantes Hispânicos ou Americanos traduções de uma grande parte do material em português originário do Seminário de Filosofia”<sup>103</sup>.

Carvalho cercou-se de uma série de intelectuais e pessoas renomadas nos EUA, mas ao contrário do que espera-se o *Inter-American Institute* não deslança como *think tank* para a direita estadunidense, resumindo suas atividades cotidianas na centralização da publicação de *blogs* dos autores citados e no suporte material para a realização do Seminário de filosofia em sua versão traduzida. Bem menos do que o intento desejado, tanto que a citação seguinte, onde Carvalho explica os motivos para sua ida aos EUA, funciona muito mais como um pedido de doações:

Desde que cheguei aos EUA, em maio de 2005, assumi como dever pessoal, fora e independentemente do meu trabalho de correspondente jornalístico e da preparação do livro *A Mente Revolucionária*, informar ao maior número possível de jornalistas, intelectuais, empresários e políticos americanos a verdade sobre o estado de coisas no Brasil, a abrangência dos planos do Foro de São Paulo, a aliança entre partidos de esquerda e organizações criminosas, a colaboração ativa e essencial do governo Lula na revolução continental cujas personificações mais vistosas são Hugo Chávez e Evo Morales [...] Não quero me gabar dos resultados obtidos, mas sei que, na mídia conservadora e nos *think tanks* republicanos, já quase ninguém mais acredita na mentira idiota de que Lula é um antídoto à subversão chavista. Estou consciente de ter contribuído ativamente para sepultá-la. Mais dia, menos dia, notícias do falecimento chegarão ao governo americano, se é que já não chegaram<sup>104</sup>.

---

103. “Its first initiative will be to make available for interested Hispanic and American students translations of the huge amount of Portuguese materials originated from the Seminário de Filosofia’s online philosophy program”. CARVALHO, O. de. “A word from our presidente”. *The Inter-American Institute*. 04.06.10. Disponível em <http://www.theinteramerican.org/about-us/mission-statement/128.html>, acessado em 10.01.12.

104. CARVALHO, O. de. *Apelo urgente de Olavo de Carvalho a seus leitores brasileiros*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/donation.html>, acessado em 22.01.12.

Em 2009 é fundado o Instituto Olavo de Carvalho (IOC), idealizado por Luciane Amato, que o dirige segundo orientações de Carvalho e que conta com Simone Caldas como vice-diretora. Ele conta com um espaço físico na Rua Visconde do Rio Branco nº. 449, no bairro Mercês em Curitiba:

Na casa, linda e muito aconchegante – quem conhece a Luciane sabe do que eu estou falando –, há salas de aulas para grupos, salas de acompanhamentos individuais, sala de estudo de línguas, sala de música, biblioteca, sala de reuniões dos grupos de estudo; há ainda os jardins, as flores e plantas, os quadros e os mosaicos, os retratos de nossos mestres, as notas musicais vindas das aulas de música soando por todo o Instituto; há a nossa Étoile, uma linda boxer que cuida da casa; enfim, há ainda a administração, a recepção, a cozinha, o cantinho do café...<sup>105</sup>

O IOC oferece uma série de atividades pagas, divididos entre grupos de estudo, cursos, atendimentos individuais, palestras e eventos. Oferece três modalidades de associação, além dos cursos individuais. Os custos para associar-se são os seguintes (em valores mensais): associado tipo um de cento e dez reais (permite acesso a todo o *site*, exceto cursos *online* de idiomas); associado tipo dois de duzentos reais (permite acesso global ao *site*); associado tipo três de trezentos reais (permite acesso global a todas as atividades e financia bolsas de estudos para outros alunos). A justificativa para cobrança é que “o Instituto é uma entidade sem fins lucrativos, não recebe nem jamais receberá qualquer forma de financiamento estatal, e se mantém exclusivamente das doações e do trabalho dos seus membros”<sup>106</sup>.

Os grupos de estudo funcionam desde 2009, em um primeiro momento sob orientação de Luciane Amato, dedicando-se ao es-

105.CALDAS, S. *O instituto*. 08.08.10. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/o-instituto/quem-somos.html>, acessado em 22.01.12.

106.INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Faça a sua inscrição nos cursos online do Instituto Olavo de Carvalho*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/inscricoes.html>, acessado em 22.01.12.



tudo do latim; de história antiga, medieval, da Igreja e dos Estados Modernos; de autores clássicos da literatura; das ciências sociais e de arquitetura, música, poesia. Para o ano de 2012 os temas de estudo propostos são “*teoria e história da música e da arte, literatura brasileira, história do séc. XX e estudos luso-brasileiros*”. Estes grupos dividem-se em o grupo de estudos literários, o grupo de estudos de filosofia, o grupo de “transcrição e edição” e o grupo de estudos de escritores.

O grupo de estudos de filosofia (“*aspirantes a filósofos*” como identificam-se) existe desde 2010 e é formado por treze pessoas. “*Atualmente o objetivo do grupo é preparar seus integrantes para a elaboração do trabalho de conclusão do Curso Online de Filosofia de Olavo de Carvalho*”. O grupo de “transcrição e edição” é responsável por “*transcrever as aulas*”, exercício para “absorção” do conteúdo e contribuição para o “*registro e documentação da obra filosófica de Olavo de Carvalho, cujas [sic] partes mais essenciais foram expostas, até hoje, apenas oralmente*”<sup>107</sup>. O grupo de estudos literários, também funciona desde 2010 e busca “*o enriquecimento do imaginário, através das trocas de experiências a respeito das obras lidas e estudadas, e uma maior compreensão do fenômeno literário, através do das obras de Northrop Frye, F.R. Leavis e Susanne Langer, entre outros*”. Seus trabalhos ainda “*deram origem e alimentam o que hoje é feito na Oficina de Literatura do IOC*”. O grupo de estudos de escritores busca analisar a vida e obra de escritores luso-brasileiros. Os autores analisados por eles até então seriam os seguintes: Machado de Assis, José Geraldo Vieira, Marques Rebelo, Ângelo Monteiro, Georges Bernanos, François Mauriac, Karen Blixen, Gertrud von le Fort, Jakob Wassermann e Camilo Castelo Branco<sup>108</sup>.

107. INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Pesquisa e estudos*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/pesquisa-e-estudo.html>, acessado em 23.01.12.

108. Idem.

Os cursos oferecidos no IOC são de idiomas, piano erudito, o “programa de enriquecimento instrumental”, de suporte para aprofundamento e acompanhamento do curso *online* de filosofia e os atendimentos individuais (através do que chamam de *bio-iatria*). Os cursos de línguas são oferecidos pelos seguintes “instrutores”: Bruno Yoshio Mori, de Alemão e Italiano; Simone Guimarães, de Francês; Fernando de Moraes, de Inglês e Grego. O curso de piano erudito é dado por Luiz Alberto Santos. O chamado “programa de enriquecimento instrumental” é ofertado por Simone Caldas, e trata-se de um programa psicopedagógico elaborado por Reuven Feuerstein, “*para que qualquer pessoa seja capaz de aumentar suas capacidades intelectuais, ampliando sua atuação social*”. O curso de suporte para o curso *online* de filosofia também é de responsabilidade de Simone Caldas, sendo seu objetivo “*auxiliar os alunos do Curso Online de Filosofia na coordenação das atividades de base propostas pelo filósofo Olavo de Carvalho*”<sup>109</sup>.

Os atendimentos individuais são oferecidos por Luciane Amato e quatro alunos seus: Eduardo Dipp, Francisco Escorsim, Simone Caldas e Melina Rejaile. As aulas são sempre individuais, de duração de uma hora e meia, presenciais ou não (na sede do IOC ou através do Skype), não sendo admitido faltas. Os atendimentos individuais são tratados como “*o coração do Instituto Olavo de Carvalho*”, espécie de “*suporte de que muitos necessitavam para o ingresso sério na vida intelectual proposta pelo Olavo; como paideia, formação integral voltada para o fortalecimento da consciência e expansão de seu horizonte; como ciência prática do sentido da vida*”<sup>110</sup>. A ofertadora do curso o define como:

109. INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Cursos*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/cursos.html>, acessado em 23.01.12.

110. INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Atendimentos individuais*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/atendimentos.html>, acessado em 23.01.12.

[...] sintetizada no termo que ela tomou emprestado de Julián Mariás: *bio- iatria*, isto é, medicina das doenças biográficas [...] “somente juntei os muitos ensinamentos de Olavo de Carvalho, sobretudo em matéria de ética, psicologia e biografia, somei estudos de Mariás, Lain Entralgo, Lavelle, Szondi, Frankl e outros, e, caso a caso, apliquei o que aprendi, isto é, adotei um método tutorial de ensino, partindo do ponto em que se encontrava cada um dos meus alunos ao chegar até mim e tentando fazer com que se realizasse nele a operação realizada em mim pela presença de Olavo de Carvalho.” [...] Em todo caso, trata-se sempre de uma retificação de biografias através da educação verdadeira<sup>111</sup>.

Estes atendimentos propõem uma verdadeira contrarrevolução moral dos alunos, tendo como objetivos:

– a ampliação do imaginário e do horizonte de consciência; – o surgimento e fortalecimento de uma consciência moral; – o esforço para desfazer mentiras existenciais e contar direito a própria história; – o preenchimento de lacunas culturais, bem como a dissolução dos efeitos nocivos de uma pseudo-educação estúpida; – o fortalecimento da vontade; – a busca incessante da sinceridade existencial e da honestidade intelectual; – o estudo e aprofundamento dos temas que *realmente interessam* ao aluno, evitando a gratuidade e a aquisição de conhecimentos desacompanhada de comprometimento pessoal; – a abertura da alma para todos os aspectos da realidade, e sobretudo para a dimensão espiritual da existência humana<sup>112</sup>.

As palestras e eventos geralmente são internos “*desdobramentos de outras atividades desenvolvidas (como as reuniões de apresentação dos resultados dos grupos de estudos literários)*”, abrindo a partir de dezembro de 2010, para palestrantes de fora, no caso deste primeiro evento, o poeta e ensaísta Ângelo Monteiro, que no dia dez daquele mês de dezembro palestrou sobre *Autobiografia* e no dia seguinte sobre *A filosofia e a poesia*<sup>113</sup>.

Podemos concluir que o IOC concretizou-se em um espaço importante para a formação e constituição ideológica de futuros in-

111.Idem.

112.Ibidem.

113.INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Palestras e eventos*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/palestras-e-eventos.html>, acessado em 23.01.12

telectuais, possíveis quadros para o MSM, sendo ainda o maior limitador para sua expansão a falta de recursos financeiros, embora tenham conseguido consolidar-se em torno de uma sede física. Os horários oferecidos são todos alternativos, ou seja, não conseguem preencher horários habituais para instituições de ensino, buscando os horários noturnos em função do mercado de trabalho, o que pode ser explicado, aparentemente, porque no mesmo local de funcionamento do IOC em horário comercial funciona uma loja de mosaicos. Do mesmo modo não há no seu *site* indicação se alguma parte das mensalidades destina-se para Olavo de Carvalho ou para o MSM. Esta independência financeira assinala a distância que buscam manter do Estado no seu processo educativo, nenhum dos seus cursos é regulamentado e do mesmo modo nenhum de seus “instrutores” possui formação pedagógica consequente: dos quadros indicados que pudemos apurar Melina Rejaile é formada em Comunicação Social (Jornalismo) pela faculdade Tuiuti<sup>114</sup>, Francisco Escorsim é formado em Direito pela PUC Paraná<sup>115</sup> e Eduardo Dipp é formado em Direito pela Universidade Federal do Paraná e Especialista em Psicomotricidade Relacional<sup>116</sup>.

---

114. “Participação em banca de Melina Abou Rejaile e Leandro Taques. *Top Cristã*. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Tuiuti do Paraná”. MOLIANI, J. A. *Curriculum lattes*. Disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=N539772>, acessado em 23.01.12.

115. Também mantém o blog *A elegância vai ao cinema* e escreve para o *Paraná Online*. Ver ESCORSIM, F. *Por que elegância?* Disponível em <http://cinemaelegante.blogspot.com/2005/03/por-que-elegancia.html>, acessado em 23.01.12. ESCORSIM, F. “A seriedade de Alegria”. *Paraná Online*. 19.10.07. Disponível em <http://www.parana-online.com.br/colunistas/201/50421/?postagem=A+SERIEDADE+DE+IALEGRIAI>, acessado em 23.01.12.

116. MADRETERNA. *4º oficina de música e arte católica*. Releases da área de expressão. Disponível em <http://www.zizafernandes.com/oficina/releaseexpressao.php>, acessado em 23.01.12.

Em 2011 é lançada a livraria virtual do Seminário de filosofia<sup>117</sup>, em parceria com o Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico (CEDET), empresa especializada em desenvolver franquias de livrarias virtuais<sup>118</sup>. É um espaço para a venda de livros escolhidos por Olavo de Carvalho e colaboradores. Em verificação feita no dia 09.07.11 possuíam quase mil livros para venda, de mais de quarenta editoras. Destas, sem dúvida as que mais se destacam são as que alinham-se ao perfil do Seminário, como a “É Realizações”, com mais de cento e vinte livros para venda; a Topbooks com mais de cem livros, a Mises Brasil com mais de quarenta livros; e a Vide Editorial com cinco livros<sup>119</sup>. 269

A editora “É realizações”, de propriedade de Edson Filho (um dos organizadores do congresso do Instituto Brasileiro de Humanidades) criada em 2000 e localizada em São Paulo, é responsável pelo lançamento de autores como Alejandro Peña Esclusa, Eric Voegelin, Heitor de Paola, Mário Ferreira dos Santos, Olavo de Carvalho, Paulo Mercadante, etc<sup>120</sup>. Seu proprietário é casado com Angela Zogbi de Oliveira, que vem de uma próspera família de banqueiros, o que, segundo Edson “*o dinheiro dela ajuda, claro. Ela acredita no meu projeto e está junto comigo, senão eu não teria condições de investir a longo pra-*

---

117.LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA; CEDET. *Quem somos*. Disponível em <http://livraria.seminariodefilosofia.org/sobre-o-site/informacoes-gerais/quem-somos.html>, acessado em 25.01.12.

118.CEDET. *Livrarias virtuais CEDET*. Disponível em <http://www.cedet.com.br/index.php?/CEDET/Informacoes-para-Clientes/livrarias-virtuais-cedet.html>, acessado em 25.01.12.

119.LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Livros à venda*. Disponível em <http://livraria.seminariodefilosofia.org>, acessado em 09.07.11.

120.É REALIZAÇÕES. *Catálogo*. Disponível em <http://www.erealizacoes.com.br/editora/catalogo.asp>, acessado em 25.01.12.

zo” – em 2011 o investimento total da “É Realizações” foi de seis milhões de reais. Além disto, conta com investidores para coleções específicas, caso da Biblioteca René Girárd (que até 2013 pretende ter 60 títulos) e que teria o custo de um milhão e quinhentos mil reais: “a É teve o apoio da fundação americana *Imitatio*, bancada pelo milionário Peter Thiel, cofundador do PayPal, investidor do Facebook [...] mas, conta o editor, a *Imitatio* só entrou com R\$ 200 mil – menos de 15% do total”. Segundo o seu proprietário a editora não possui “uma proposta ideológica. Diz que é, antes, uma cartada pragmática, uma vez que, opina, o nicho é dominado por autores marxistas”. A É Realizações lançou vários livros de Olavo de Carvalho, que também ofereceu cursos no espaço que a editora mantém em São Paulo, mas seu proprietário e ele “romperam por ‘problemas pessoais’”<sup>121</sup>.

A editora Topbooks foi criada em 1990 por José Mário Pereira (“nascida às vésperas das eleições de 1990 com a publicação de três economistas em campanha – Roberto Campos, Delfim Netto e César Maia”<sup>122</sup>) no Rio de Janeiro, e ficou nacionalmente conhecida com o lançamento da autobiografia de Roberto Campos (*A lanterna na popa*) em 1994. Como narra Pereira:

“Eu não tinha dinheiro nem para comprar o papel e havia duas grandes editoras interessadas em publicar suas memórias, mas o Roberto gostou da proposta que fiz: dividiríamos os lucros em 50% para cada um, e eu ainda trabalharia como pesquisador, divulgador, e o que mais ele precisasse”. O papel Pereira comprou a crédito, tendo por avalistas poderosos como

121.VICTOR, F. “O que é, queé?”. *Folha de S. Paulo*. 12.01.12. Disponível em [http://www.erealizacoes.com.br/clipping/2012/Folha\\_Ilustrada\\_07-01-2012.pdf](http://www.erealizacoes.com.br/clipping/2012/Folha_Ilustrada_07-01-2012.pdf), acessado em 25.01.12.

122.TOPBOOKS. *A editora*. Disponível em <http://www.topbooks.com.br/>, acessado em 25.01.12.

Roberto Marinho e Israel Klabin. “O dono da empresa de papel não acreditava, ligou para a secretária deles para ver se era verdade”<sup>123</sup>.

A editora tem mais de 300 livros em seu catálogo, e é difícil não notar certo caráter conservador nos lançamentos da Topbooks, mas a crítica não pode ser generalizada, ela denota mais a postura de convivência intelectual de José Mário Pereira, “capaz de reunir num mesmo acontecimento figuras tão dispares quanto Roberto Marinho e Luís Carlos Prestes, e continuar querido pelos dois”<sup>124</sup>, que uma postura ideológica da editora. Esta postura de “convivência política” de Pereira permite para a Topbooks abarcar parcerias extremamente ecléticas ao longo dos anos, inclusive abrindo espaço para a direita fascista (todos os livros de Carvalho lançados pela Topbooks são em parceria com a já citada UniverCidade). Suas principais parcerias foram com a Academia Brasileira de Letras, com a Fundação Biblioteca Nacional, com a Fundação Roberto Marinho, com a Fundação Casa de Rui Barbosa, com a UniverCidade e com o *Liberty Fund*, estadunidense<sup>125</sup>. Este último:

[...] criado em 1960 por Pierre F. Goodrich, um milionário de Indianápolis, que apostava nos livros como o melhor meio de deter a expansão do comunismo. Dedicada à reflexão e ao debate sobre a liberdade, a fundação de Goodrich, que era advogado e empresário, manteve-se atuante mesmo após a sua morte, em 1973, e vem publicando edições primorosas dos maiores clássicos do pensamento ocidental<sup>126</sup>.

---

123. QUEM. “Estante estrelada - José Mario Pereira: a vida dele dá um livro”. *Quem*. 14.11.03. Disponível em [http://www.topbooks.com.br/frMateria\\_QUEM\\_141103.htm](http://www.topbooks.com.br/frMateria_QUEM_141103.htm), acessado em 25.01.12.

124. PONTES, I. “Vocação: editor”. *Tribuna da Imprensa*. 12.12.03. Disponível em [http://www.topbooks.com.br/frMateria\\_TI\\_121203.htm](http://www.topbooks.com.br/frMateria_TI_121203.htm), acessado em 25.01.12.

125. TOPBOOKS. *A editora*. op. cit.

126. QUEM. “Estante estrelada - José Mario Pereira: a vida dele dá um livro”. *Quem*. 14.11.03. op. cit.

A Mises Brasil é o braço editorial do Instituto Ludwig von Mises Brasil (versão brasileira, mas reclamam, não subordinada ao estadunidense *The Ludwig von Mises Institute*<sup>127</sup>) fundado em 2008. Este busca:

I - promover os ensinamentos da escola econômica conhecida como Escola Austríaca; II - restaurar o crucial papel da teoria, tanto nas ciências econômicas quanto nas ciências sociais, em contraposição ao empirismo; III - defender a economia de mercado, a propriedade privada, e a paz nas relações interpessoais, e opor-se às intervenções estatais nos mercados e na sociedade. O IMB acredita que nossa visão de uma sociedade livre deve ser alcançada pelo respeito à propriedade privada, às trocas voluntárias entre indivíduos, e à ordem natural dos mercados, sem interferência governamental. Portanto, esperamos que nossas ações influenciem a opinião pública e os meios acadêmicos de tal forma que tais princípios sejam mais aceitos e substituam ações e instituições governamentais que somente: a) protegem os poderosos e os grupos de interesse, b) criam hostilidade, corrupção, e desesperança, c) limitam a prosperidade, e d) reprimem a livre expressão e as oportunidades dos indivíduos<sup>128</sup>.

Presidido por Hélio Beltrão Filho, o instituto gerencia uma série de atividades em torno da propaganda da escola austríaca de economia: textos, um *blog* coletivo, colunistas, entrevistas, vídeos, biblioteca virtual, loja virtual (que possui desde camisetas e chaveiros até livros) além de organizar diversos encontros e congressos. Os livros, fora os oferecidos gratuitamente pela biblioteca virtual<sup>129</sup> (também disponibilizam *links* para pesquisas acadêmicas com mesmo enfoque<sup>130</sup>), são vendidos com preços muito mais baixos que costuma-se encontrar no mercado<sup>131</sup> – seus lançamentos contam com parcerias com a É

127.MISES INSTITUTE. *Daily*. Disponível em <http://mises.org/>, acessado em 26.01.12.

128.MISES BRASIL. *Sobre nós*. Disponível em <http://www.mises.org.br/About.aspx>, acessado em 26.01.12.

129.Estão disponíveis vinte e oito livros para download. MISES BRASIL. *Biblioteca*. Disponível em <http://www.mises.org.br/Ebooks.aspx?type=99>, acessado em 26.01.12.

130.Estão disponíveis sete *links* para pesquisas acadêmicas. MISES BRASIL. *Trabalhos acadêmicos*. Disponível em <http://www.mises.org.br/Ebook.aspx?id=38>, acessado em 26.01.12.

131.Dos 29 livros disponíveis a média de preço é de cerca de 24 reais (os livros mais caros



Realizações e o Instituto de Estudos Empresariais. São quase em sua totalidade traduções de livros de economistas ultraliberais feitas por seus próprios integrantes. Destes destacam-se Hélio Beltrão, Rodrigo Constantino, Wagner Lenhart, Alexandre Barros, Fabio Barbieri, Rosely Sayão, Klauber Cristofen Pires e Ubiratan Iorio (os dois últimos também colunistas do MSM)<sup>132</sup>.

A Vide editorial é a menor de todas as editoras trabalhadas, tornando-se relevante por ser a responsável pelo último lançamento de Carvalho, *Maquiavel ou a confusão demoníaca* de 2011. A editora nasce em 2009 em Campinas, e é o braço editorial do “movimento” da Vigilância Democrática (VIDE), sendo que seu *site*, tal qual ao da livraria virtual do Seminário de filosofia, também é desenvolvido e gestado em parceria com a CEDET<sup>133</sup>.

A VIDE, que faz parte da rede extrapartidária do MSM, declara como sendo seus, entre vários, os seguintes princípios:

Somos partidários da democracia representativa como a forma de governo que melhores resultados apresenta até os nossos dias [...] - Para isso é preciso ter em vista, continuamente, o necessário aperfeiçoamento da representação como instrumento e suporte da opinião pública, sendo viável incorporar instrumentos diretos de manifestação como forma de contribuir para o melhor desempenho do representante [...] - Entendemos por Direitos e Liberdades Fundamentais, aqueles que se afirmam perante o Poder Público ou terceiros devendo, obrigatoriamente, fazer respeitar os limites inalienáveis do direito à Vida; à livre expressão do Pensamento e Opinião; à garantia da Propriedade; à Igualdade perante a Lei; à Privacidade; à Segurança pessoal e familiar, sem prejuízo de outros de natureza correlata ou complementar [...] - Defendemos o Estado de Direito, onde todos os indivíduos, governantes

---

são de outras editoras). MISES BRASIL. *Loja virtual*. Disponível em <http://www.mises.org.br/Products.aspx>, acessado em 26.01.12.

132. Para a lista completa de autores ver MISES BRASIL. *Autores*. Disponível em <http://www.mises.org.br/Authors.aspx?type=articles>, acessado em 26.01.12.

133. Ver nota 428.

e cidadãos comuns, estejam submetidos ao mesmo conjunto de leis; - Acreditamos que a contrapartida da Liberdade a que todos temos direito é a Responsabilidade [...]. Confiamos no Mérito como valor e na Igualdade de Oportunidades, excluídas as discriminações de qualquer espécie, como condição para uma sociedade justa, sadia e harmoniosa [...] - Consideramos a existência de uma Imprensa Livre, responsável, independente, sem tutelas e protegida de coações políticas e econômicas um requisito absolutamente indispensável em qualquer país que se queira verdadeiramente democrático<sup>134</sup>;

No mesmo manifesto, contando com o direcionamento da “divina providência”, ainda declaram que: primeiro, “*que todo cidadão livre tem o direito e a responsabilidade de se opor a quaisquer manobras do poder político no sentido de adquirir atributos autoritários, independente do seu viés ideológico*”; segundo, “*que todo ser humano deve ter preservado o seu direito à legítima defesa incluídos, para esse fim, o acesso aos meios materiais necessários*”; terceiro “*que a corrupção e o fisiologismo político crescentes na vida nacional são grandes obstáculos ao bom desempenho do sistema democrático*” e que por isto “*devem ser combatidos sem meias palavras através da efetiva transparência de todos os procedimentos da vida pública*”; e por fim, de modo mais explícito, “*que a oposição aos direitos e liberdades fundamentais e as tentativas de submissão do estado a interesses de pessoas ou associações devem ser combatidas em todas as suas formas*”<sup>135</sup>.

Até então o manifesto não mostra-se explícito, o que ocorre quando a VIDE explica melhor este último ponto em relação à esquerda, que para eles “*de fato, todos os movimentos políticos de esquerda são inerentemente anti-democráticos e em grande parte autoritários. O apoio destes movimentos a regimes democráticos é apenas uma concessão tática*”, o que seria proclamado “*abertamente por todos os partidos e movimentos importantes de esquerda*”

134.VIDE. *Manifesto*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/VIDE-Informacoes-Gerais/Documentos-VIDE/manifesto-do-vid.html>, acessado em 26.01.12.

135.Idem.

no Brasil”<sup>136</sup>. Em relação à direita: termo que para eles, no Brasil é “ainda associado a conservadorismo, nacionalismo e autoritarismo. Todas essas associações são apenas fruto de distorções culturais provenientes de uma educação sofrível e aparelhada”, já que supostamente existiriam “direitistas que são progressistas, revolucionários, globalistas, liberais e libertários”<sup>137</sup>. Neste sentido cabe explicitar que as diferenças entres estes conceitos da ciência e prática política são abertamente gritantes, e que não dizem respeito a meras abstrações, mas a representações de grupos sociais em luta – a diferença entre libertários e liberais, para situarmos somente um destes absurdos, ultrapassa a semântica. Estas “assemelhações” propostas são argumentações ideológicas provenientes de uma leitura binária da realidade (especialmente marcada entre conservadores e reacionários, discussão que realizamos no capítulo final desta dissertação). O mesmo servindo ao seu verbete para os “revolucionários”:

O termo Revolucionário é utilizado para designar todos aqueles que são favoráveis à mudanças radicais nas tradições e leis. O revolucionário considera que o estado atual das coisas está completamente errado e que tudo deve ser mudado. O revolucionário tem pouco ou nenhum respeito pelas leis e tradições e geralmente justifica suas atitudes imorais e ilegais com a inversão de conceitos consagrados. Por exemplo: é comum ver um revolucionário redefinir o termo democracia a seu bel prazer para dar apoio a ditaduras. Converse com um socialista revolucionário que você perceberá rapidamente que os únicos argumentos que possui são fruto de conceitos distorcidos<sup>138</sup>.

Entre os artigos publicados em sua página (muitas vezes copiados com autorização de outros *sites* ou *blogs*) encontram-se André Gonçalves Fernandes, Luís G. Pereira, Raphael Farinazzo, César Kyn,

136.VIDE. *Esquerda*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete- Ideologia/esquerda.html>, acessado em 26.01.12.

137.VIDE. *Direita*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete- Ideologia/direita.html>, acessado em 26.01.12

138.VIDE. *Revolucionário*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete- Ideologia/revolucionario.html>, acessado em 26.01.12.

Roberto Fendt (do Mises Brasil) e Joel Pinheiro da Fonseca (vencedor do primeiro Premio Mises Brasil na categoria artigos<sup>139</sup>), além de uma série de autores do MSM, como Tibiriçá Ramaglio, Olavo de Carvalho, Ipojuca Pontes, Percival Puggina, Marcus Boeira, Klauber Cristofen Pires, etc.<sup>140</sup> (a VIDE também é membro da UnoAmérica de Alejandro Peña Esclusa<sup>141</sup>).

E são responsáveis por uma série de eventos, maioria em parceria com a Fundação Liberdade e Cidadania<sup>142</sup>, entidade de pesquisa e propaganda do Partido Democratas (DEM)<sup>143</sup>, e atualmente presidido pelo Deputado Federal José Carlos Aleluia. Nestes eventos são comuns os nomes de Sandra Cavalcanti, Pedro Salomão José Kassab, Ricardo Vélez Rodrigues, do Deputado Federal Guilherme Campos, Antonio Roberto Batista, Paulo Roberto de Oliveira Kramer, Antônio Paim, Dário Jorge Giolo Saadi, César Kyn d'Ávila, Djalma Moreira de Carvalho Filho, Eiiti Sato, Roberto Fendt, Luiz Alberto Machado, dentre vários<sup>144</sup>. A VIDE editorial possui poucos livros lançados, fora o já citado livro de Carvalho, os seguintes: *Marxismo e descendência* de Antonio Paim, *Da guerra à pacificação: a escolha colombiana* de Ricardo

---

139.TAVARES, N. *Instituto Mises Brasil divulga o resultado do I Prêmio IMB*. 01.03.10. Disponível em <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=631>, acessado em 26.01.12.

140.VIDE. *Artigos*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/>, acessado em 26.01.12.

141.VIDE EDITORES. *UnoAmérica*. 19.12.08. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/unoamerica-uniao-de-organizacoes-democraticas-da-america.html>, acessado em 18.03.12.

142.VIDE. *Editoriais*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/>, acessado em 26.01.12.

143.FUNDAÇÃO LIBERDADE E CIDADANIA. *A fundação*. Disponível em <http://www.flc.org.br/fundacao.asp>, acessado em 26.01.12.

144.VIDE. *Editoriais*. op. cit.

Vélez Rodrigues, *O enigma quântico* de Wolfgang Smith (com prefácio de Carvalho) e *A psicologia do sentido da vida* de Izar Aparecida de Moraes Xausa<sup>145</sup>. Em seu *site* disponibilizam para a consulta *online* o *Dicionário de filosofia e ciências culturais*, de Mário Ferreira dos Santos e o *Dicionário de obras básicas da cultura ocidental* de Antonio Paim<sup>146</sup>. Assinalemos, que Vélez Rodrigues e Paim foram intelectuais orgânicos do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF) e de sua revista, a *Convivium*, junto com nomes como Adolpho Crippa, Creusa Capalbo, Miguel Reale, Nelson Saldanha e Paulo Mercadante<sup>147</sup> – o integralista Gumerindo Rocha Dórea foi secretário da revista por anos<sup>148</sup>. O Instituto e a *Convivium* foram responsáveis pela constituição e luta por um determinado sentido de história, sua “história das ideias”, que amputava a dialética e mitigava a luta de classes, atuando em convergência com a ditadura civil militar empresarial. Segundo Jurucê, a:

[...] IBF/Convivium possuía todo um trabalho militante que ultrapassa a “mera” disseminação ideológica nas páginas de seus aparelhos de informação. Este aparelho de hegemonia filosófica da burguesia possuía uma atividade militante ampla – organizativa/diretiva/educativa – que extrapolava a aparência de organização puramente filosofante que sua intelectualidade disseminava e buscava lhe imprimir. Sua atuação se igualava a de um partido político, mas com um “nicho”, um campo de batalha mais específico: o da “filosofia”, da **hegemonia filosófica**, que, por sua vez, se desdobrava na formação política, na agência de

145.VIDE EDITORIAL. *Vide editorial*. Disponível em [http://www.videeditorial.com.br/Psicologia/A-Psicologia-do-Sentido-da-Vida/index.php?option=com\\_virtuemart&page=shop.browse&category\\_id=40&Itemid=55](http://www.videeditorial.com.br/Psicologia/A-Psicologia-do-Sentido-da-Vida/index.php?option=com_virtuemart&page=shop.browse&category_id=40&Itemid=55), acessado em 26.01.12.

146.VIDE EDITORIAL. Índice do Dicionário de obras básicas da cultura ocidental. Disponível em <http://www.videeditorial.com.br/dicionario-obras-basicas-da-cultura-ocidental/indice/indice.html>, acessado em 26.01.12.

147.GONÇALVES, R. J. M. *História fetichista: o aparelho de hegemonia filosófica* Instituto Brasileiro de Filosofia/Convivium (1964-1985). Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2009. p. 88-89.

148.Idem. p. 102.

notícias, na prática organizativa-diretiva- educativa do aparelho de informação revista *Convivium*<sup>149</sup>.

Desta síntese da trajetória da vida pública de Olavo de Carvalho, onde buscamos enfatizar sua formação e constituição das relações sociais que possibilitaram sua atividade militante nos últimos vinte anos, podemos observar sua ascensão, em termos sociais e de *status*. Na infância, pela presença contínua da mãe e mesmo pelo tratamento recebido em seus anos enfermo, a penicilina (do mesmo modo que sua formação inicial em colégios católicos), podemos indicar que Carvalho nasce em uma família da nova pequena burguesia, e mesmo dotada de certa influência ou contatos sociais, visto a dificuldade que existia para a obtenção do medicamento no período. Também podemos observar sua origem social através das representações que constitui, pois mesmo quando Carvalho afirma ter nascido em família empobrecida, que justifica na necessidade do trabalho materno para complementar o orçamento familiar com os rendimentos do pai advogado, relembra a atitude deste perante outros estratos sociais:

Meu pai, Luiz Gonzaga de Carvalho, tinha um jeito muito especial de ser amável, humilde e atencioso com os mendigos da sua cidadezinha, que o adoravam. Isso era tanto mais notável porque ele sabia muito bem ser grosso quando queria, especialmente com pessoas importantes. Tinha até um estilo de insultar absolutamente original, artístico mesmo, o qual copio na parca medida dos meus talentos<sup>150</sup>.

Sua formação erudita formal foi marcada pela necessidade do trabalho, encontrando-se desde a adolescência já ligado à imprensa, exercendo funções menores. Após o fechamento do curso de Filosofia da PUC do Rio de Janeiro, Carvalho segue a vida de trabalhador intelectual “de segundo escalão” sem maiores destaques, que foi

149.Ibidem.

150.CARVALHO, O de. “A nova religião nacional”. *Diário do Comércio*. 26.03.07. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070326dc.html>, acessado em 14.01.12.

possibilitada pelo recebimento da carteira de “prático”. Para o sustento da prole, que por sinal não é pequena, consolidou-se como um intelectual “técnico”, como visto nas funções que desenvolveu em diversas redações e editoras: editor de reportagem, editor de texto, secretário gráfico, secretário de redação, editor de política, editor de economia, colaborador ocasional, tradutor, organizador de texto, etc.

Quando aparece a chance de “especializar-se” elege a astrologia, responsável por parte de sua subsistência durante as décadas de setenta e oitenta. A mudança para a filosofia, e dela para a política, foi seu grande “pulo do gato”, primeiro afirmando-se em pequenos círculos influentes (como pode ser visto pelos primeiros locais de suas palestras e cursos), para através destes depois alçar maiores públicos. Alçando espaços na imprensa, visibilidade garantida através de suas articulações, sua base como “filósofo” autodidata, sem formação acadêmica consequente, o permitiu ir além dos meros comentários políticos de um jornalista “prático”, trazendo novos elementos analíticos para a criação do seu discurso ideológico e uma série de conhecimentos específicos, especialmente acerca de intelectuais e acadêmicos (brasileiros e estrangeiros), que se são pouco visíveis em publicações de circulação nacional, menos ainda são criticados de maneira incisiva. O debate intelectual acadêmico no Brasil não é nem de longe de visibilidade ou alcance nacional. Carvalho diversas vezes fora ridicularizado por responder acusações com citações de autores praticamente desconhecidos, a ponto de tornar-se parte da “caricatura” deste:

Quando menino Olavo tinha o hábito não de brincar com as outras crianças, mas de bater boca e refutar tudo que elas diziam. Eis um relato de quando Olavo tinha 9 anos: Menina: - Olavo, vamos brincar de médico? Olavo: - Certo (examina a menina). Menina: - Então o que eu

tenho doutor? Olavo: - Veja bem, eu analisei você e conclui que você tem câncer, gota e celulite! Menina: - Quê?! A gente só tá brincando! Como você é chato! Olavo: - Ora, cala a boca sua burra! Eu sei o que eu tô falando, eu estudo esse negócio já faz 7 anos! Quer discutir comigo é?! Você que só conhece as asneiras que sua mãe e o farmacêutico te falam! Eu já li mais de 80 bulas de remédio!<sup>151</sup>

Mas é exatamente através deste tipo de prática que ele afirmou seu *status* de intelectual perante seus pares de direita – embora mantenha detratores entre estes, suas proposições afirmativas gerais “pegaram”, tornaram-se referência, especialmente sua hipótese maior (que para ele é confirmada): a existência de um movimento revolucionário de cunho gramsciano, o permitiu tomar posição de destaque nas formulações anticomunistas brasileiras, tornando-se parte integrante do imaginário da direita nacional, assim como a percepção de uma suposta hegemonia que a esquerda brasileira manteria sob a Universidade e a vida cultural.

A partir da metade da década de noventa, Olavo de Carvalho alcança o auge de sua carreira, escrevendo para os maiores jornais e revistas do país e chegando até a discursar na ONU e na UNESCO – condicionada diante da necessidade do combate ideológico contra a esquerda, seus movimentos sociais e partidos, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT), diretamente marcada pela necessidade da reprodução do discurso anticomunista. Esta posição era compartilhada pelo conjunto da burguesia durante os anos noventa, e gradativamente irá diluir-se entre as suas frações com o processo de inserção plena na ordem pelo PT, seja através das negociações diretas com a burguesia em suas gestões municipais e através da Central Única dos Trabalhadores, CUT (os acordos tripartites iniciam-

---

151.DESCICLOPÉDIA. *Olavo de Carvalho* (verbete). Disponível em [http://desciclopedia.ws/wiki/Olavo\\_de\\_Carvalho](http://desciclopedia.ws/wiki/Olavo_de_Carvalho), acessado em 19.01.12.



-se já em 1993<sup>152</sup> e este tipo de negociação amplia-se especialmente com os planejamentos conjuntos com a Federação das Indústrias de São Paulo a partir da segunda metade daquela década<sup>153</sup>), seja pela mudança do caráter de classe da direção (o chamado campo majoritário) do próprio partido<sup>154</sup>. Do mesmo modo os acirramentos das tensões entre as frações da burguesia na implantação de políticas ultraliberais, evidenciadas na segunda gestão de Fernando Henrique Cardoso, cindiram o apoio unificado aos partidos identificados com a classe dominante, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o antigo Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas. Segundo Francisco de Oliveira:

A Era FHC [Fernando Henrique Cardoso] começou apoiando-se numa indefectível aliança de classes, para o qual o paradigma classista ainda retinha todo seu poder heurístico. Mas a via neoliberal escolhida não foi o produto da aliança: ao contrário, a aliança foi o produto da escolha neoliberal. Ou, em outras palavras, nunca os aliados “atrasados”, ACM [Antônio Carlos Magalhães] *et cetera*, deram o tom do governo FHC. O centro irradiador do consenso que FHC liderou era seu próprio grupo, o PSDB como partido, e o núcleo universitário-burguês-plutocrático como vanguarda. A base eleitoral formou-se com o êxito do Plano Real. Mas FHC detonou a unidade do núcleo que lhe dava sustentação, com as radicais mudanças operadas na propriedade do capital, e a estagnação produzida pelo “modelo” escolhido, de inserção na globalização, destruiu o apoio eleitoral. Em outras palavras, o paradigma classista, válido para o primeiro período da aliança, foi pelos ares. O que sobrou foi uma enorme indeterminação na política, que é o nome próprio do caleidoscópio. A vitória de Lula é o produto direto dessa indeterminação<sup>155</sup>.

152. OLIVEIRA, M. E. de. *Sob o signo do “novo sindicalismo”*: das mudanças de identidade e de estratégia, na trajetória do PT e da CUT, à consolidação do populismo sindical no Governo Lula. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2008. p. 18.

153. BOITO JR., A. “Burguesia no governo lula”. *Crítica Marxista*. n.º. 21. Disponível em <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica21-A-boito.pdf>, acessado em 29.01.12.

154. COELHO, E. Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). op. cit.

155. OLIVEIRA, F. de. “O enigma de Lula: ruptura ou continuidade?” *In*. ESTANQUE, E.;

E o próprio PT explorou as fissuras operadas na classe dominante, “*essa insatisfação do grande capital industrial durante a campanha eleitoral*”, ao enfatizar a “produção” contra a “especulação”, tentando “*introduzir uma cunha no interior do bloco no poder, mostrando à grande burguesia industrial interna que ela tinha porque apoiar a candidatura Lula*”<sup>156</sup>. Mesmo com o apoio seletivo da burguesia, o anticomunismo não desvaneceu, pelo contrário, conheceu uma ascensão midiática:

A hipótese aqui assumida é que as mídias não aderiram a Lula [...] Em algum momento, quando as pesquisas de intenção de voto mostravam o estrago nas outras candidaturas e a inapetência eleitoral de José Serra, as grandes mídias certamente fizeram acordos com o candidato petista. A Rede Globo, particularmente, detentora de volumosa dívida externa, mudou de posição, e um dia depois da eleição apresentou o programa do “caminho de Garanhuns” de um predestinado. Mas aqui já estava em desenvolvimento a estratégia de fazer o agora presidente eleito reconhecer os interesses de classe de quem manda na sociedade. O interessante é que a cobrança do programa classista que se faz a Lula, sobretudo pela *Folha de S. Paulo* e pelo âncora Boris Casoy, passou a funcionar em sentido contrário: é uma armadilha e uma advertência para receber de volta do presidente a reiteração dos compromissos de respeito aos contratos, pedra de toque anunciada na “Carta ao Povo Brasileiro”<sup>157</sup>.

A partir do momento em que os capitalistas o reconhecem como representante autorizado e competente para a gestão do Estado capitalista brasileiro (e assinalemos, isto se fez confirmado definitivamente após os casos de corrupção dos mandatos presidenciais de Luís Inácio da Silva). A hegemonia ultraliberal tornou-se ainda mais

---

SILVA, L. M. e; VÉRAS, R.; FERREIRA, A. C.; COSTA, H. A. (orgs.) *Mudanças no trabalho e ação sindical: Brasil e Portugal no contexto da transnacionalização*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 97.

156. BOITO JR., A. “Neoliberalismo e relações de classe no Brasil”. *Idéias*. n.º. 1. Disponível em <http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf>, acessado em 29.01.12.

157. OLIVEIRA, F. de. “O momento Lênin”. *Novos Estudos CEBRAP*. n.º. 75. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200003&script=sci_arttext), acessado em 29.01.12.

efetiva sendo que, então, o anticomunismo passa a não mais representar as mesmas necessidades: se antes ele era utilizado como base comum para a tentativa de constituição de uma oposição unificada contra o governo, assim tolerando e assimilando a formação e organização de novos intelectuais e militantes radicais, especificamente na pequena burguesia e nova pequena burguesia, neste novo momento ele dilui-se, tornando-se elemento de pressão da burguesia que dá sustentação ao governo, elemento ideológico de controle social sobre este. Não sem motivo, este é o momento das demissões de Carvalho em 2005 de uma série de revistas e jornais, sendo que vieram a ocupar estes espaços indivíduos como Mário Sabino, Diogo Mainardi ou Reinaldo Azevedo, cujas atuações ideológicas não são direcionadas para a organização partidária. Neste momento Carvalho já possuía articulações suficientes para a manutenção de sua militância, garantida principalmente pela Associação Comercial de São Paulo. Com a fundação do MSM ele radicaliza sua prática política anterior, passando a agregar e refinar projetos de cunho chauvinistas e fascistizantes, militando abertamente por partidos e organizações de novo tipo, que não se colocassem somente contra uma possível ascensão da esquerda, mas contra qualquer abertura democratizante permitida pela burguesia.

Entendemos que esta apresentação da trajetória de vida pública de Olavo de Carvalho, é crucial, por ser o principal intelectual do MSM, que articula os demais em torno de uma militância comum, assumindo a função de liderança maior, suas opiniões e percepções servem como crivos para o formato e conteúdo do MSM. Mas este não poderia ser gerido e sustentado em atuação partidária sem a constituição efetiva de um Estado maior, para coordenar o trabalho

através de diversas instâncias em torno de objetivos comuns. Para tanto, os intelectuais participantes deste Estado maior serão os os intelectuais que terão suas proposições tomadas como estruturantes para a atuação dos demais militantes do MSM. Podemos identificá-los através de alguns fatores: trajetória pública anterior, o “peso” do curriculum, caso de Heitor de Paola, Ipojuca Pontes e Denis Rosenfeld; pela “especialização” de alguns intelectuais sobre dados aspectos da realidade social, ou seja, apropriando-se de pressupostos de Carvalho ou dos outros citados, “aperfeiçoaram” estes ao tratar de um tema específico, a ponto de tornarem-se referências nestas discussões até pelos primeiros: caso de Graça Salgueiro no que refere-se à América Latina e de Julio Severo sobre família, aborto e homossexualismo – excluem-se deste quadro “especialistas” como Marcus Boeira (comentarista sobre direito) ou Nivaldo Cordeiro (sobre atualidades e filosofia), por estes não terem se afirmado como referências maiores sobre os temas. Do mesmo modo excluimos nomes como Klauber Cristofen Pires ou Ubiratan Iorio, cuja importância é mais notada na articulação do MSM com outros grupos e institutos (no caso dos dois evidentemente em relação ao Instituto Millenium e ao Von Mises Brasil). A existência da distinção hierárquica entre estes intelectuais, mesmo que de modo informal, corrobora nossa hipótese de que o MSM entende-se e atua como partido, não como empreendimento individual de Carvalho.

## REFERÊNCIAS

ALEXA. **Site info for [www.olavodecarvalho.org](http://www.olavodecarvalho.org)**. 19.01.12. Disponível em <http://www.alexacom/siteinfo/olavodecarvalho.org#>, acessado em 19.02.12.

ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. **Olavo de Carvalho**. Curriculum Vitæ, 2005. Disponível em <http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/olavocrvl.htm>, acessado em 19.02.11.

ATTUCH, L. “A redenção da Delfin”. **Istoé Dinheiro**. 05.04.06. Disponível em [http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/4843\\_A+REDENCAO+DA+DELFIN](http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/4843_A+REDENCAO+DA+DELFIN), acessado em 14.01.11.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. **A ACSP**. Disponível em <http://www.acsp.com.br/institucional/institucional.html>, acessado em 21.01.12.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. **História**. Disponível em [http://www.acsp.com.br/institucional/institucional\\_historia.html](http://www.acsp.com.br/institucional/institucional_historia.html), acessado em 21.01.12.

BATISTA, A. B. “Paulo Francis e o cenário político-ideológico de 1989: Análise do discurso sobre o fim do socialismo no leste europeu’ e ‘o perigo Lula’ no processo político- eleitoral brasileiro daquele ano”. **Anais do Simpósio Nacional de História 2011**. Disponível em [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300936846\\_ARQUIVO\\_AlexandreBatista-ANPUH2011-Completo.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300936846_ARQUIVO_AlexandreBatista-ANPUH2011-Completo.pdf), acessado em 20.02.12.

BERTOL, R. “Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho”. **O Globo**. 25.05.00. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/acidental.htm>, acessado em 13.11.11.

BOITO JR., A. “Burguesia no governo lula”. **Crítica Marxista**. nº. 21. Disponível em <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica21-A-boito.pdf>, acessado em 29.01.12.

BOITO JR., A. **As relações de classe na nova fase do neoliberalismo no Brasil**. Disponível em <http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf>, acessado em 22.01.12.

BOITO JR., A. “Neoliberalismo e relações de classe no Brasil”. **Idéias**. nº. 1. Disponível em <http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf>, acessado em 29.01.12.

BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In. AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BRESSANE, R. “Senhora do destino”. **Trip**. nº. 138. Disponível em <http://revistatpm.uol.com.br/49/vermelhas/home.htm>, acessado em 03.03.12.

CALDAS, S. **O instituto**. 08.08.10. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/o-instituto/quem-somos.html>, acessado em 22.01.12.

CARVALHO, O de. “A nova religião nacional”. **Diário do Comércio**. 26.03.07. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070326dc.html>, acessado em 14.01.12.

CARVALHO, O. de. **Apelo urgente de Olavo de Carvalho a seus leitores brasileiros**. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/donation.html>, acessado em 22.01.12.

CARVALHO, O. de. **Apresentação do True outspoken**. op. cit.

CARVALHO, O. de. “A word from our presidente”. **The Inter-American Institute**. 04.06.10. Disponível em <http://www.theinteramerican.org/about-us/mission-statement/128.html>, acessado em 10.01.12.

CARVALHO, O. de. **Aviso**. Editorial. 12.03.11. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/editorial/11915-aviso.html>, acessado em 20.01.12.

CARVALHO, O. de. **Aviso de Alberto Dines & considerações sobre a universidade**. 30.06.01. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/dines2.htm>, acessado em 19.01.12.

CARVALHO, O. de. **Aos visitantes desta homepage**. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/aosvisitantes.htm>, acessado em 12.01.12.

CARVALHO, O. de. **Confissões de um brontossauro**. 24.10.03. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000007.html>, acessado em 08.01.12.

CARVALHO, O. de. “Escolha desgraçada”. **Diário do Comércio**. 25.05.10. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/100525dc.html>, acessado em 20.01.12.

CARVALHO, O. de.; DE POLLI, M. **Homepage de Olavo de Carvalho**. 04.10.99. Disponível em <http://web.archive.org/web/19991004034606/http://olavodecarvalho.org/>, acessado em 19.01.12.

CARVALHO, O. de. “Introdução”. *In*. **Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil**. São Paulo: É Realizações, 2006. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/terraqueo.html>, acessado em 19.01.12.

CARVALHO, O. de. **Life and works**. Resumé. 15.09.11. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/english/1Resume.pdf>, acessado em 14.01.12.

CARVALHO, O. de. **Livraria (in)Cultura agride covardemente o Mídia Sem Máscara**. Disponível em [http://www.heitordepaola.com/imprimir\\_materia.asp?id\\_materia=2471](http://www.heitordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=2471), acessado em 20.01.12.

CARVALHO, O. de. **Pauteiro da USP**. 30.06.01. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/pauteiro.htm>, acessado em 14.01.12.

CARVALHO, O. de. **O filósofo-mirim**. 26.02.04. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000009.html>, acessado em 08.01.12.

CARVALHO, O. de. **O imbecil coletivo 1**. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade Cidade, 1997.

CARVALHO, O. de. **Opiniões da crítica**. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/critica.htm>, acessado em 12.01.12.

CARVALHO, O. de. **Que é o seminário de filosofia?** Disponível em <http://www.seminariodefilosofia.org/o-que-e>, acessado em 10.01.12.

CARVALHO, O. de. “Traição anunciada”. **Diário do Comércio**. 08.05.06. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/060508dc.html>, acessado em 20.01.12.

CARVALHO, O. de. “Um capítulo de memórias”. **Diário do Comércio**. 23.06.08. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/080623dc.html>, acessado em 27.02.12.

CARVALHO, O. de. **Sucesso total do I Congresso do Instituto Brasileiro de Humanidades**. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/sucesso.htm>, acessado em 19.01.12.

CEDET. **Livrarias virtuais CEDET**. Disponível em <http://www.cedet.com.br/index.php?/CEDET/Informacoes-para-Clientes/livrarias-virtuais-cedet.html>, acessado em 25.01.12.

CENTRAL NACIONAL DE ASTROLOGIA. **Juan Alfredo César Müller**. 27.01.10. Disponível em <http://cnaastrologia.org.br/site/blog/2010/01/27/juan-alfredo-cesar-muller/>, acessado em 10.01.11.

CIDRAL, F. “Que é que você quer com a filosofia? Entrevista de Olavo de Carvalho”. *Vidaqui*. 31.10.00. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/quee.htm>, acessado em 13.01.12.

CINTRA, A.; LOBREGATTE, P. “A deterioração ética e moral do jornalismo. Entrevista com Luis Nassif”. **Portal Vermelho**. 05.03.08. Disponível em [http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com\\_content&task=view&id=2796](http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=2796), acessado em 20.01.12.

COELHO, E. **Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)**. Tese de Doutorado. Niterói, UFF: 2005.

COSTA, P. R. N. “Como os empresários pensam a política e a democracia: Brasil, anos 1990”. **Opinião Pública**. n.º 2. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762005000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762005000200006&script=sci_arttext), acessado em 21.01.12.

COSTA, P.R. N. **Empresariado e democracia no Brasil (1984-1994)**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2003.

COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. n.º 57. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n57/a07v2057.pdf>, acessado em 20.01.12.

DESCICLOPÉDIA. **Olavo de Carvalho (verbetes)**. Disponível em [http://desciclopedia.ws/wiki/Olavo\\_de\\_Carvalho](http://desciclopedia.ws/wiki/Olavo_de_Carvalho), acessado em 19.01.12.

DINES, A. “Carta aberta aos alunos e professores da Universidade – UniverCidade”. **Observatório da Imprensa**. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da270620011.htm>, acessado em 13.01.12.

DIVERSOS. **Cartas ao Globo e a Olavo de Carvalho**. Parte I. Cartas enviadas ao Globo. Disponível em [http://www.olavodecarvalho.org/textos/cartas\\_oglobo\\_oglobo.htm](http://www.olavodecarvalho.org/textos/cartas_oglobo_oglobo.htm), acessado em 20.01.12.

DOMINGUES, G. A. **A nova Digesto cultural**. Disponível em [http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/digesto/nova\\_digesto.htm](http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/digesto/nova_digesto.htm), acessado em 10.01.12.

ESCORSIM, F. “A seriedade de Alegria”. **Paraná Online**. 19.10.07. Disponível em <http://www.parana-online.com.br/colunistas/201/50421/?postagem=A+SERIEDADE+DE+IALEGRIAI>, acessado em 23.01.12.

ESCORSIM, F. **Por que elegância?** Disponível em <http://cinemaelegante.blogspot.com/2005/03/por-que-elegancia.html>, acessado em 23.01.12.

É REALIZAÇÕES. **Catálogo**. Disponível em <http://www.erealizacoes.com.br/editora/catalogo.asp>, acessado em 25.01.12.

FOLHA DE S. PAULO. 30.12.82 *In*. MOLICA, F. **Dez reportagens que abalaram a ditadura**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FONSECA, E. “Entrevista de Olavo de Carvalho ao site Panorama mercantil”. **Panorama Mercantil**. 07.07.11. Disponível em <http://www.midiасemmascara.org/artigos/entrevistas/12147-entrevista-de-olavo-de-carvalho-ao-site-panorama-mercantil.html>, acessado em 19.02.12.

FONSECA, F. C. P. da. **O consenso forjado: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2005.

FUNDAÇÃO LIBERDADE E CIDADANIA. **A fundação**. Disponível em <http://www.flc.org.br/fundacao.asp>, acessado em 26.01.12.

GENTILI, V. “Levinsohn vs. Veja”. **Observatório da imprensa**. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da090520011.htm>, acessado em 22.01.12.

GONÇALVES, M. A.; CARIELLO, R. “Direita na mídia”. **Folha de S. Paulo**. 15.02.06. Disponível em [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha\\_de\\_s\\_paulo\\_destaca\\_ascensao\\_da\\_direita\\_na\\_midi\\_a](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha_de_s_paulo_destaca_ascensao_da_direita_na_midi_a), acessado em 14.01.12.

GONÇALVES, R. J. M. **História fetichista: o aparelho de hegemonia filosófico Instituto Brasileiro de Filosofia/Convivium (1964-1985)**. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2009.

I CONGRESSO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE HUMANIDADES. **Primeira comunicação**. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/congresso.htm>, acessado em 19.01.12

INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA. **Olavo de Carvalho (verbete)**. Disponível em [http://www.institutodefilosofia.com.br/pdf/grandes\\_fb.pdf](http://www.institutodefilosofia.com.br/pdf/grandes_fb.pdf), acessado em 20.01.12. Olavo de Carvalho nega este patrocínio.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. **Atendimentos individuais**. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/atendimentos.html>, acessado em 23.01.12.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. **Cursos**. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/cursos.html>, acessado em 23.01.12.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. **Faça a sua inscrição nos cursos online do Instituto Olavo de Carvalho**. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/inscricoes.html>, acessado em 22.01.12.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. **Palestras e eventos**. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/palestras-e-eventos.html>, acessado em 23.01.12

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. **Pesquisa e estudos**. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/pesquisa-e-estudo.html>, acessado em 23.01.12.



ISTOÉ DINHEIRO. “Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn”. *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. Disponível em [http://www.istoedinheiro.com.br/entrevistas/11477\\_QUEREM+MATAR+A+CONCORRENCIA+A+PAULADA](http://www.istoedinheiro.com.br/entrevistas/11477_QUEREM+MATAR+A+CONCORRENCIA+A+PAULADA), acessado em 13.01.12.

LIMA, R. **Como era gostoso meu Wunderblog**. Disponível em <http://www.nacaradogol.mondo-exotica.net/arquivo/002520.htm>, acessado em 19.01.12.

LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Livros à venda*. Disponível em <http://livraria.seminariodefilosofia.org>, acessado em 09.07.11.

LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA; CEDET. **Quem somos**. Disponível em <http://livraria.seminariodefilosofia.org/sobre-o-site/informacoes-gerais/quem-somos.html>, acessado em 25.01.12.

MACHADO, C. E. “Para ‘mentor’ do Wunderblog.com, blogueiro tem ironia e falta de respeito”. **Folha.com**. 03.07.04. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45593.shtml>, acessado em 19.01.12.

MADRETERNA. **4º oficina de música e arte católica**. Releases da área de expressão. Disponível em <http://www.zizafernandes.com/oficina/releaseexpressao.php>, acessado em 23.01.12.

MAIER, F. **Olavo “Denisovich” Carvalho**. 17.03.02. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0132.htm>, acessado em 19.01.12.

MARTINS, R. “Veríssimo: imprensa brasileira é de direita”. **Direto da Redação**. 19.11.07. Disponível em <http://www.diretodaredacao.com/noticia/verissimo-imprensa-brasileira-e-de-direita>, acessado em 21.01.12.

MATEVSKI, N. “Na base do doa a quem doer. Entrevista com Olavo de Carvalho”. *Gazeta do Povo*. 20.06.04. Disponível em [http://www.olavodecarvalho.org/textos/entrevista\\_gazeta.htm](http://www.olavodecarvalho.org/textos/entrevista_gazeta.htm), acessado em 13.01.12.

MISES BRASIL. **Autores**. Disponível em <http://www.mises.org.br/Authors.aspx?type=articles>, acessado em 26.01.12.

MISES BRASIL. **Biblioteca**. Disponível em <http://www.mises.org.br/Ebooks.aspx?type=99>, acessado em 26.01.12.

MISES BRASIL. **Loja virtual**. Disponível em <http://www.mises.org.br/Products.aspx>, acessado em 26.01.12.

MISES BRASIL. **Sobre nós**. Disponível em <http://www.mises.org.br/About.aspx>, acessado em 26.01.12.

MISES BRASIL. **Trabalhos acadêmicos**. Disponível em <http://www.mises.org.br/Ebook.aspx?id=38>, acessado em 26.01.12.

MISES INSTITUTE. **Daily**. Disponível em <http://mises.org/>, acessado em 26.01.12.

MOLIANI, J. A. **Curriculum lattes**. Disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=N539772>, acessado em 23.01.12.

NEDELCO, D. “Entrevista com Olavo de Carvalho”. **Rádio Nacional**. Bucareste, 12.11.98  
<http://www.olavodecarvalho.org/textos/nedelcu.htm>, acessado em 10.01.12.

OLIVEIRA, M. E. de. **Sob o signo do “novo sindicalismo”: das mudanças de identidade e de estratégia, na trajetória do PT e da CUT, à consolidação do populismo sindical no Governo Lula**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2008.

OLIVEIRA, F. de. “O momento Lênin”. **Novos Estudos CEBRAP**. nº. 75. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200003&script=sci_arttext), acessado em 29.01.12.

OLIVEIRA, F. de. “O enigma de Lula: ruptura ou continuidade?” *In*. ESTANQUE, E.; SILVA, L. M. e; VÉRAS, R.; FERREIRA, A. C.; COSTA, H. A. (orgs.) **Mudanças no trabalho e ação sindical: Brasil e Portugal no contexto da transnacionalização**. São Paulo: Cortez, 2005.

OIVEIRA, F. R. de. **Trajetórias intelectuais no exílio: Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974)**. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2010.

PERISSINOTTO, R. M. **Estado e capital cafeeiro: burocracia e interesse de classe na condução da política econômica (1889-1930)**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1997.

PINTO, L. F. “Paulo Francis e a bomba esquecida”. **Observatório da Imprensa**. 04.05.10. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/paulo-francis-e-a-bomba-esquecida>, acessado em .

PONTES, I. “Vocação: editor”. **Tribuna da Imprensa**. 12.12.03. Disponível em [http://www.topbooks.com.br/frMateria\\_TI\\_121203.htm](http://www.topbooks.com.br/frMateria_TI_121203.htm), acessado em 25.01.12.

QUEM. “Estante estrelada - José Mario Pereira: a vida dele dá um livro”. **Quem**. 14.11.03. Disponível em [http://www.topbooks.com.br/frMateria\\_QUEM\\_141103.htm](http://www.topbooks.com.br/frMateria_QUEM_141103.htm), acessado em 25.01.12.

SARTORATO, D. “Afif diz que só paulistas têm vontade de trabalhar”. **ABDCD Maior**. 20.05.08. Disponível em [http://www.abcdmaior.com.br/noticia\\_exibir.php?noticia=6774](http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=6774), acessado em 22.01.12.

SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. **Assine já**. Disponível em <http://www.seminariodefilosofia.org/assine>, acessado em 13.01.12.

SILVA, C. L. **Veja: o indispensável partido neoliberal**. Cascavel: Edunioeste, 2009.

SILVA, A. S.; ORTIZ, F.; DE POLLI, M. et all. **Wunderblogs.com**. São Paulo: Barracuda, 2004.

SOUZA, R. A. **Biografia**. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/bio.htm>, acessado em 10.01.12.

TAVARES, N. **Instituto Mises Brasil divulga o resultado do I Prêmio IMB**. 01.03.10. Disponível em <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=631>, acessado em 26.01.12.

TOPBOOKS. **A editora**. Disponível em <http://www.topbooks.com.br/>, acessado em 25.01.12.

TÓTORA, R. “Um acerto de contas com a astrologia. Entrevista de Olavo de Carvalho”. **Porto do Céu**.

01.06.00. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/astrologia.htm>, acessado em 10.01.12.

UNIVERCIDADE. **Histórico**. Disponível em <http://www.univercidade.br/ainstituicao/historia.asp>, acessado em 15.01.12.

VALORECONÔMICO. “Intelectuais em extinção. Entrevista com Carlos Nelson Coutinho”. **Valor Econômico**. 24-26.11.00. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al0512200091.htm>, acessado em 21.01.12.

VICTOR, F. “O que é, que é?”. **Folha de S. Paulo**. 12.01.12. Disponível em [http://www.erealizacoes.com.br/clipping/2012/Folha\\_Iustrada\\_07-01-2012.pdf](http://www.erealizacoes.com.br/clipping/2012/Folha_Iustrada_07-01-2012.pdf), acessado em 25.01.12.

VIDE. **Artigos**. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/>, acessado em 26.01.12.

VIDE. **Direita**. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/direita.html>, acessado em 26.01.12

VIDE. **Editoriais**. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/>, acessado em 26.01.12.

VIDE. **Esquerda**. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/esquerda.html>, acessado em 26.01.12.

VIDE. **Manifesto**. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/VIDE-Informacoes-Gerais/Documentos-VIDE/manifesto-do-vide.html>, acessado em 26.01.12.

VIDE. **Revolucionário**. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/revolucionario.html>, acessado em 26.01.12.

VIDE EDITORIAL. Índice do Dicionário de obras básicas da cultura ocidental. Disponível em <http://www.videeditorial.com.br/dicionario-obras-basicas-da-cultura-ocidental/indice/indice.html>, acessado em 26.01.12.

VIDE EDITORIAL. **Vide editorial**. Disponível em [http://www.videeditorial.com.br/Psicologia/A-Psicologia-do-Sentido-da-Vida/index.php?option=com\\_virtuemart&page=shop.browse&category\\_id=40&Itemid=55](http://www.videeditorial.com.br/Psicologia/A-Psicologia-do-Sentido-da-Vida/index.php?option=com_virtuemart&page=shop.browse&category_id=40&Itemid=55), acessado em 26.01.12.

VIDE EDITORES. **Uno América**. 19.12.08. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/unoamerica-uniao-de-organizacoes-democraticas-da-america.html>, acessado em 18.03.12.

## CAPÍTULO 10

# ESTRATÉGIAS DE CONSTITUIÇÃO DE UM NOVO REGIME DE VERDADE A PARTIR DAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS DO BRASIL PARALELO: UMA ANÁLISE SOBRE O NEGACIONISMO

Pablo Ornelas Rosa

Vitor Amorim de Ângelo

Pedro Jorge Chaves Mourão

Carolina Ferreira

### PONDERAÇÕES INICIAIS

O presente capítulo tem como objetivo analisar a narrativa acerca da história do nascimento do Brasil produzida e difundida pelo canal do *Youtube* do Brasil Paralelo, a partir dos três primeiros episódios da série de vídeos intitulada *A Última Cruzada – A cruz e a espada, A Vila Rica e A guilhotina da Igualdade*. Trata-se de uma pesquisa qua-

litativa desenvolvida a partir de uma perspectiva cibercartográfica de tradição pós-estruturalista orientado por análises amparadas em uma abordagem genealógica iniciada em Nietzsche, mas intensificadas com os desdobramentos desenvolvidos por Foucault.

A entrada no século XXI está sendo caracterizada pela velocidade e fluidez dos fluxos de informações que circulam no ciberespaço (Lévy, 2000) jamais conhecidas na história das civilizações, tendo em vista que o mundo está em constante movimento e toda essa mudança se mostra inevitável uma vez que afeta diretamente a vida humana, a sociedade, a economia, a política e, portanto, as relações de poder. Na virada do século XX para o XXI, com o advento da internet e das redes sociais, o indivíduo, agora uma mera cifra, número ou mesmo dado, tratado por Deleuze (2008) como *divíduo*, deixa de ser um ator passivo, que atua apenas como um receptor das informações e passa a ter uma conduta mais ativa, podendo exercer, ele mesmo, uma relativa ou até mesmo determinante influência através da produção e compartilhamento de distintas informações no ciberespaço.

Há hoje, dentre outros acontecimentos, o fenômeno dos *digital influencers*, pessoas que vivem e trabalham exclusivamente com a criação e difusão de conteúdo digital, sejam textos, imagens ou vídeos, visando exercer sobre nós certa influência e poder. Esse processo ocorre através das mais diversas plataformas digitais, havendo diferentes nichos e segmentos de acordo com as especificidades de cada uma delas como, por exemplo, o Instagram, Youtube, Facebook, WhatsApp, Telegram, Twitter, etc.

Porém, enquanto que a difusão de informações no ciberespaço se torna cada vez mais rápida, fácil, acessível e comum, a sua profusão,

em conjunto com a dificuldade na verificação das fontes, a falta de filtros e controle, acaba comprometendo a sua qualidade, dando origem a *pós-verdade*, ou seja, passam a criar um mundo no qual as evidências e fatos que configurariam a veracidade acerca de certo fenômeno não são mais tão importantes ou relevantes. Em decorrência disto, cada vez mais vemos surgir e propagar-se nessas plataformas digitais conteúdos sem nenhum comprometimento com a realidade factual, informações distorcidas e narrativas falseadas chamadas de *fake news*, que por sua vez são instrumentalizadas e utilizadas como estratégia de propaganda política, conforme evidenciam não apenas livros e artigos científicos como também os documentários *Driblando a Democracia: Como Trump venceu*<sup>1</sup>, dirigido por Thomas Huchon, na França, e *Firehosing*<sup>2</sup>, disponível no canal de Youtube *Le Monde Diplomatique Brasil*.

Adindo as ponderações realizadas por Rolnik (2016, p. 22), é possível compreender que a “construção de narrativas midiáticas é uma das principais operações da estratégia micropolítica de tomada do poder pelo capitalismo globalitário”. Curiosamente, o mais antigo e conhecido dicionário do mundo – O Dicionário Oxford – reconheceu o termo *Youtuber* em 2016<sup>3</sup>, mesmo ano em que trouxe a *pós-verdade* como a palavra do ano (D’ANCONA, 2018), considerando que algumas decisões políticas foram orientadas por meio de notícias falaciosas, incidindo não apenas na saída do Reino Unido da União Europeia, como também a vitória de Donald Trump nas eleições estadunidenses de 2016. Entretanto, é importante destacar que “as mentiras, as

1.Disponível em: < <https://vimeo.com/295813940> > Acesso em: 15 jul. 2019.

2.Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Xf1y3kdaVAk> > Acesso em: 15 jul. 2019.

3.Disponível em: < <https://www.tecmundo.com.br/youtube/113035-termo-youtuber-parte-oficialmente-dicionario.htm>> Acesso em: 16 jul. 2019.

manipulações e as falsidades políticas enfaticamente não são o mesmo que pós-verdade. A novidade não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso”. (D’ANCONA, 2018, p. 34).

Portanto, é a partir deste contexto político encontrado no século XXI que propomos uma pesquisa cibercatrográfica acerca do nosso objeto de estudo: o site conservador Brasil Paralelo<sup>4</sup>, que incide diretamente na ascensão das novíssimas direitas brasileiras (ROSA, 2019; MOURÃO, 2020) uma vez que se utiliza de textos, vídeos e outras ferramentas difundidas virtualmente por meio dessas plataformas digitais, como o *Youtube*, o *Facebook* e o *Instagram*, disponibilizando-se a difundir suas visões de mundo produzidas a partir de elementos negacionistas que contrariam tudo aquilo que passou a ser reconhecido como verdade no campo acadêmico brasileiro e internacional por meio de fatos e evidências confirmadas através da utilização de métodos científicos.

Não obstante, é importante esclarecer que o documentário intitulado “1964 – O Brasil entre armas e livros” produzido pelo Brasil Paralelo<sup>5</sup> em 2019 e publicado no *Youtube* teve mais de 2 milhões de visualizações em menos de 24 horas<sup>6</sup>, o que justifica a nossa escolha acerca do objeto de estudo proposto produzido por esse *think tank* que almeja alterar a percepção da população tanto acerca do surgimento da ditadura civil-militar brasileira quanto sobre o processo de redemocratização do país, dentre outras questões, indo contra tudo

---

4.Disponível em: < <https://www.brasilparalelo.com.br/regime-militar/>> Acesso em: 16 jul. 2019.

5.Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&t=5880s>> Acesso em: 16 jul. 2019.

6.Disponível em: < <https://diariodamanha.com/noticias/brasil-paralelo-visao-panoramica-da-historia/>> Acesso em: 16 jul. 2019.

o que tem sido produzido nas universidades brasileiras e internacionais a partir da utilização de métodos científicos destinados a analisar os documentos históricos.

Diante disso, é importante esclarecer que tomaremos o estudo de Jason Stanley (2018) sobre o fascismo no século XXI como referência para tratar da análise acerca das narrativas produzidas pelo Brasil Paralelo, tendo em vista que as características apresentadas pelo autor se coadunam com o nosso objeto de estudo, uma vez que contemplam tanto o resgate a um passado mítico reconstruído por meio da produção e difusão da propaganda que opera negando veementemente as evidências científicas encontradas na historiografia brasileira através de discursos conspiratórios amparados na irrealidade, na simbologia conservadora e constituída pelos valores tradicionais do patriarcalismo, da existência *a priori* de certa natureza humana, na autoridade inquestionável sobre os mandos proferidos por um soberano, dentre outros elementos apresentados pelo autor que, no limite, demandam a necessidade de produção de um inimigo comum para que possam obter certo sucesso na produção desse novo regime de verdade tão almejado. É por isso que o autor argumenta que,

Os políticos fascistas justificam suas ideias ao aniquilar um senso comum de história, criando um passado mítico para respaldar sua visão do presente. Eles reescreveram a compreensão geral da população sobre a realidade distorcendo a linguagem da idealização por meio da propaganda e promovendo o anti-intelectualismo, atacando universidades e sistemas educacionais que poderiam contestar suas ideias. Depois de um tempo, com essas técnicas, a política fascista acaba por criar um estado de irrealidade, em que as teorias da conspiração e as notícias falsas tomam o lugar comum da realidade. À medida que a compreensão comum da realidade se desintegra, a política fascista abre espaço para que crenças perigosas e falsas criem raízes. Em primeiro lugar, a ideologia fascista procura naturalizar a diferença de grupo, dando assim a aparência de respaldo científico e natural a uma hierarquia de valor humano. Quando



classificações e divisões se solidificam, o medo substitui a compreensão entre grupos. Qualquer progresso para um grupo minoritário estimula sentimentos de vitimização na população dominante. Política da lei e ordem tem apelo de massa, lançando “nós” como cidadãos legítimos e “eles”, em contraste, como criminosos sem lei, cujo comportamento representa uma ameaça existencial à masculinidade da nação. A ansiedade sexual também é algo típico da política fascista, pois a hierarquia patriarcal é ameaçada pela crescente igualdade de gênero. À medida que o medo em relação a “eles” cresce, “nós” passamos a representar tudo o que é virtuoso. (Stanley, 2018, p. 16)

Para analisarmos as produções discursivas do Brasil Paralelo também é importante resgatarmos o escrito *Gramsci is dead* [Gramsci está morto] de Richard Day (2005) acerca dos novíssimos movimentos sociais, que os define como aqueles movimentos sociais que se utilizam dessas novas ferramentas digitais empregadas pela internet para se organizar, produzir e influenciar o comportamento das pessoas por meio de uma articulação política que acontece no ciberespaço em uma velocidade e alcance jamais presenciada nas sociedades que conhecemos ao longo da história.

Por outro lado, ao abordarmos esses novíssimos movimentos sociais apresentados por Day (2005) a partir do reconhecimento dessas articulações políticas ocorridas pela internet no início do século XXI, sugerimos também certa proximidade e distanciamento concomitantes daquilo que Pierucci (2000) chamou de novas direitas ainda no final do século XX a partir daqueles grupos que vivenciaram os primeiros anos do processo de redemocratização no Brasil, no início dos anos 1990, uma vez que naquele contexto ainda não se presenciava veementemente a utilização da internet, conforme passou a ocorrer no século seguinte, além de outras questões que também não puderam ser evidenciadas pelo autor, tendo em vista a particularidade daquele momento histórico.

Embora seja possível verificar algumas pautas em comum tanto acerca das novas direitas apresentadas Pierucci (2000) quanto a partir daquilo que estamos chamando de novíssimas direitas brasileiras através dos escritos de Day (2005) sobre os novíssimos movimentos sociais, conforme ocorre, por exemplo, com a defesa do livre mercado e com a agenda moral relacionada aos costumes encarnados em certa visão conservadora, também verificamos que as formas de articulação política passaram a se dar de maneira completamente distinta, tendo em vista que esse aparato tecnológico passou a modular a visão de mundo das pessoas por meio de supostas narrativas apresentadas como verdade, embora sejam veementemente questionadas pelo campo acadêmico (ROSA, 2019).

A escolha da ferramenta analítica construída por meio do que estamos chamando de método cibercartográfico (ROSA, REZENDE; MARTINS, 2018), baseado, sobretudo, na tradição pós-estruturalista sustentada por uma perspectiva genealógica nietzscheana, se deu com o objetivo de problematizar o conteúdo dos três primeiros episódios da série do Brasil Paralelo intitulada *A última cruzada*<sup>7</sup> – que abarca os vídeos *A cruz e a espada*<sup>8</sup>, *A Vila Rica*<sup>9</sup> e *A guilhotina da igualdade*<sup>10</sup> – produzido e amplamente divulgado em seu canal de *Youtube*. Desse modo, a análise apresentada aqui constatou aquilo que Stanley chamou de política do “nós” e “eles”, tendo em vista que

7. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=TkOLAKE7xqY&list=PL0tr\\_msPllG4M4tDBRgYb3kh7ZmpL-3C2](https://www.youtube.com/watch?v=TkOLAKE7xqY&list=PL0tr_msPllG4M4tDBRgYb3kh7ZmpL-3C2)> Acesso em: 16 jul. 2019.

8. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TkOLAKE7xqY&t=237s>> Acesso em: 16 jul. 2019.

9. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=svViHH8IBVg&t=818s>> Acesso em: 16 jul. 2019.

10. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2k7gKPjMzpE>> Acesso em: 16 jul. 2019.

“os políticos fascistas costumam apresentar a história real de um país em termos conspiratórios, como uma narrativa forjada por elites liberais e cosmopolitas para vitimizar o povo da verdadeira ‘nação’.” (STANLEY, 2018, p. 30).

Para analisarmos o objeto apresentado, partimos da premissa cibercartográfica amparada na ideia de que se “considera e aproveita todas as possibilidades de obtenção de elementos discursivos, independente de seus formatos, métodos, técnicas, tecnologias e mecanismos de produção de narrativas”. (ROSA; RESENDE; MARTINS, 2018, p. 02). Assim, o método cibercartográfico empregado na pesquisa nos permitiu examinar os discursos proferidos pelos materiais disponibilizados pelo Brasil Paralelo em formato de vídeos, aulas-online, posts, séries etc. em suas demais plataformas de atuação, como o *Youtube*, o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram* e o seu próprio *site online*.

O presente artigo está organizado e dividido em dois itens principais. No primeiro, apresentaremos o nosso objeto de pesquisa, o Brasil Paralelo e sua série *Brasil: A última cruzada*<sup>11</sup>, fazendo um resumo sucinto do tema de cada um dos seus três primeiros episódios intitulados, respectivamente, *A cruz e a espada*<sup>12</sup>, *A Vila Rica*<sup>13</sup> e *A guilhotina da igualdade*<sup>14</sup>. Em seguida, situaremos esse material a partir do que Foucault (1999) chamou de racismo de Estado, articulando-o com a noção de fascismo no século XXI apresentada por Jason Stan-

11.Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&t=405s>> Acesso em: 16 jul. 2019.

12.Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&t=237s>> Acesso em: 16 jul. 2019.

13.Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svViHH8IBVg&t=818s>> Acesso em: 16 jul. 2019.

14.Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2k7gKPjMzpE>> Acesso em: 16 jul. 2019.

ley (2018), relacionando-as com as ponderações efetuadas acerca das consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras (ROSA; RESENDE; MARTINS, 2018). Finalmente colocaremos em questão alguns dos argumentos que sustentam esse discurso negacionista da história orientada por evidências factuais e científicas, baseando-se em certa leitura persecutória acerca da dissidência política, tratada em seu discurso não apenas como adversária, mas como inimiga, devendo, portanto, ser combatida e eliminada.

## A NARRATIVA DO BRASIL PARALELO

Brasil Paralelo<sup>15</sup> é uma empresa que se afirma como independente e produz documentários políticos e históricos, fazendo questão de enfatizar em sua narrativa de ilusão autobiográfica (BOURDIEU, 2006) uma pretensa desvinculação com o Estado e o setor público, na medida em que afirmam contar apenas com os recursos financeiros advindos de seus membros, geralmente compostos por assinantes de seus conteúdos exclusivos<sup>16</sup>. Em uma entrevista exclusiva concedida ao Boletim da Liberdade<sup>17</sup>, Felipe Valerim, sócio executivo, apresentador e também considerado pelos seus pares como a face pública do Brasil Paralelo, conta que a história dessa empresa começou em Porto Alegre “com um grupo de jovens empreendedores, hoje sócios do projeto, que entendiam que o país estava passando

15.Disponível em : <https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeBmdaiicey2nImISw>> Acesso em: 19 jul. 2019.

16.Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/regime-militar/> Acesso em: 19 jul. 2019.

17.Disponível em : <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/> Acesso em: 19 jul. 2019.

por um momento novo”<sup>18</sup> se referindo, em especial, ao cenário político brasileiro de 2014 e à reeleição da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) que, logo em seguida, acabou sofrendo um *impeachment*, em que assumiu em seu lugar o vice-presidente Michel Temer (MDB). No entanto, no trecho abaixo é possível verificar como o discurso produzido sobre a esquerda é caricatural e estereotipado ao ponto de desqualificar qualquer voz divergente da sua.

Diante do cenário político de 2014, com a reeleição de Dilma Rousseff, um despertar de consciência política ganhava cada vez mais força a partir do sentimento de revolta da maioria da população. Após o *impeachment* da ex-presidente, ficou claro que havia uma parcela significativa da população com o potencial de se mobilizar e gerar mudanças efetivas na rota que seguíamos. Isso nos entusiasmou. Ao mesmo tempo em que as pessoas estavam emocionalmente envolvidas com esse processo, havia uma carência enorme por compreender o que nos levou até aquele momento de crise política extrema. Enquanto a maioria da população permanecia adormecida, ou comprometida com uma hegemonia cultural de esquerda ainda restavam alguns “sobreviventes”: professores, políticos, escritores, historiadores, filósofos, pesquisadores, profissionais que eram referência em suas áreas e que tinham como contribuir de forma mais lúcida ou racional com essa análise – abstendo-se de sentimentalismo. [...] No início, a ideia era entrevistar esses profissionais e disponibilizar as entrevistas em um evento ao vivo, online e gratuito. Para aqueles que quisessem assistir posteriormente, seria cobrada uma taxa que daria direito ao acesso às gravações: dessa forma que a empresa se financiaria. [...] A cada especialista que topava nos ceder uma entrevista, a próxima se tornava mais fácil de conseguir, pois o projeto ia ganhando mais relevância. Quando fizemos as primeiras gravações, nos demos conta de que o formato não funcionaria, já que os entrevistados abordavam diferentes pautas que não necessariamente se conectavam. Além disso, muitas entrevistas duravam mais de duas horas e poderiam ficar maçantes ao telespectador. Foi aí que surgiu a ideia de transformar essas entrevistas em uma série de documentários que conectassem as diferentes pautas sobre a situação política do Brasil em uma narrativa didática, mas que também fosse comovente. Nenhum de nós havia feito algo parecido

---

18. Disponível em : <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/> Acesso em: 19 jul. 2019.

antes. Após entrevistar 86 especialistas e virar algumas noites editando o material gerado, lançamos os documentários na internet. (FELIPE VALERIM em entrevista ao BOLETIM DA LIBERDADE, 2018)<sup>19</sup>

A partir do discurso proferido por Felipe Valerim nessa entrevista é possível entender como se deu o nascimento do Brasil Paralelo e qual a pretensão do material produzido e difundido por eles. Evidentemente, um novíssimo movimento social de direita surgiu no cenário político brasileiro entre a reeleição e o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) – o que inclui os protestos e panelas deste período contra a corrupção e contra a administração do Partido dos Trabalhadores – na medida que foi justamente em meio a este contexto, como afirma Felipe Valerim, que houve certo entusiasmo por parte dos fundadores do projeto Brasil Paralelo que engendrou em sua criação.

**É importante destacar que foi através desse cenário político caracterizado pelos protestos ocorridos no Brasil a partir de junho de 2013, capitaneados pela suposta *hegemonia cultural de esquerda* aventada a partir do *marxismo cultural*, que a narrativa do dissidente político tratado como inimigo passou a orientar o discurso de ódio contra grupos de esquerda, socialistas, comunistas, progressistas, ou qualquer um que se opõe ao seu ideário, dentre outros que supostamente fariam parte de uma conspiração internacional que visaria eliminar os valores da cultura judaico-cristã, do direito romano e da democracia grega, conforme sustentam os discursos conspiratórios nascidos no período pós-Guerra Fria, sobretudo, a partir de livros como *The New World Order*, de Pat Robertson (1991)**

---

19. BOLETIM DA LIBERDADE. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/> Acesso em: 19 jul. 2019.

e expressos nos vídeos por nós analisados, evidenciando no Brasil desdobramentos acerca dessa narrativa a partir dos escritos, aulas e vídeos produzidos e difundido por Olavo de Carvalho, que figura como protagonista em diversos de seus episódios.

No entanto, foi a partir da criação dessa oposição fundamentada naquilo que Jason Stanley (2018) chamou de política do “nós” e “eles”, representado, nesse caso, como direita (“nós”) e esquerda (“eles”), que ocorreu o nascimento do site Brasil Paralelo, objetivando inicialmente produzir e difundir conteúdos disponibilizados por meio das novas plataformas digitais da internet como o *Youtube*, por exemplo, a fim de corrigir ou mesmo construir uma narrativa histórica alternativa que questionasse o discurso orientado por uma suposta *hegemonia construída pela esquerda brasileira*. Desse modo, o propósito do Brasil Paralelo seria construir um discurso revisionista acerca da história do país que pudesse produzir uma nova visão de mundo através de narrativas produzidas e difundidas por pretensos especialistas que visavam combater veementemente o suposto *marxismo cultural* no intuito de eliminá-lo. No entanto, é importante ressaltar que

Sempre que o fascismo ameaça, seus representantes e facilitadores denunciam as universidades e escolas como fontes de “doutrinação marxista”, o bicho-papão clássico da política fascista. Usada normalmente sem qualquer conexão com Marx ou com o marxismo, a expressão é empregada na política fascista como uma maneira de difamar a igualdade. É por isso que as universidades que buscam dar algum espaço intelectual às perspectivas marginalizadas, ainda que pequeno, estão sujeitas à denúncia de focos de “marxismo”. O fascismo consiste na perspectiva dominante, e, assim, durante momentos fascistas, há um forte apoio no sentido de que se denunciem disciplinas que ensinam perspectivas diferentes das dominantes, como estudos de gênero ou, nos Estados Unidos, estudos afro-americanos ou estudos do Oriente Médio. A perspectiva dominante é muitas vezes deturpada, sendo apresentada como a verdade, a “história real”, e qualquer tentativa de

permitir um espaço para perspectivas alternativas é ridicularizada como “marxismo cultural”. (STANLEY, 2018, p. 54)

O primeiro material produzido pelo grupo pesquisado foi compartilhado gratuitamente através do perfil do Brasil Paralelo disponibilizado no *Youtube* em dezembro de 2016, e posteriormente publicado no *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, resultando na produção de uma série de vídeos composta por seis episódios denominada *Congresso Brasil Paralelo*. Para acessar todo o conteúdo, assim como alguns extras e exclusivos, é necessário que a pessoa se torne um membro assinante da empresa através do seu site *online* pelo preço mínimo de R\$ 10 reais/mês<sup>20</sup> no plano básico, que dá acesso a cursos e aulas semanais na modalidade *online*<sup>21</sup>. O que tornava o valor bastante acessível as camadas populares mostrando um interesse em massificar o conteúdo produzido. Além disso, esse canal do *Youtube* conta com outras séries-documentários como *O dia depois da eleição* (5 episódios), *O teatro das tesouras* (7 episódios), dentre outros.

Depois de todo o sucesso do conteúdo produzido e divulgado pelo canal do *Youtube* do Brasil Paralelo em 2016, surge, em 2018, uma nova série de vídeos-documentários, chamado de *A última Cruzada*, que foi composta por seis episódios, somando milhares de visualizações<sup>22</sup>. Conforme sustenta Felipe Valerim em vídeo disponibilizado no *Youtube*, a criação dessa nova série-documentário tem o propósito de “desenterrar a memória dos grandes homens da nossa história e resgatar o orgulho de ser brasileiro” dando continuidade ao trabalho que o Brasil Paralelo vem fazendo desde sua origem,

20.O que equivale a um valor bastante acessível as camadas populares.

21.Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/regime-militar/> Acesso em: 19 jul. 2019.

22.Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=TkOlAKE7xqY&list=PL0tr\\_msPIIG4M4tDBRgYb3kh7ZmpL-3C2](https://www.youtube.com/watch?v=TkOlAKE7xqY&list=PL0tr_msPIIG4M4tDBRgYb3kh7ZmpL-3C2)> Acesso em: 19 jul. 2019.



isto é, a construção e ampla divulgação de uma narrativa supostamente “racional”, “lúcida” e “livre de sentimentalismo”, que se baseia, sobretudo, nos escritos de Olavo de Carvalho, com uma retórica marcada pelo machismo e pelo nacionalismo como lentes para a interpretação da história brasileira.

Esse discurso produzido e difundido pelo Brasil Paralelo, por sua vez, tem alcançado uma diversidade de jovens do país, e cada vez mais, o conteúdo digital construído por eles tem perpassado as barreiras digitais e impetrado no mundo físico, na medida em que se torna cada vez mais visualizado e divulgado, gerando, portanto, mais assinaturas e conseqüentemente mais renda pra que essa empresa possa financiar outros projetos.

## EPISÓDIO A CRUZ E A ESPADA

O primeiro episódio da série do Brasil Paralelo, intitulada *A última cruzada* – chamada de *A cruz e a espada* –, inicia questionando o modo como a história do país foi apresentada nos espaços acadêmicos do Brasil e do mundo que, de acordo com a narrativa apresentada, estaria completamente equivocada tendo em vista que foi produzida exclusivamente por tributários da esquerda e, portanto, teria sido construída a partir de “um país sem heróis”, em que não há de fato interesse da população sobre o seu passado. Desse modo, o material difundido pelo Brasil Paralelo estaria apresentando uma verdade acerca da história do país que teria sido negligenciada e até mesmo ocultada por interesses de grupos esquerdistas que visavam desqualificar os heróis do passado, inserindo uma outra narrativa que estabelecia como inimigo os colonizadores que vieram apresentar a civilização e triá-los da suposta condição barbárie.

Como cada episódio gira em torno de um tema principal, em *A Cruz e a Espada* o objeto de estudo é a ancestralidade brasileira. Em síntese, trata do período conhecido como “as grandes navegações portuguesas” e utiliza o argumento do “descobrimento” do novo mundo pelo velho mundo, como se não houvesse uma sociedade humana estabelecida previamente no continente americano. Esse discurso carrega em si elementos de negação em relação ao entendimento de que os povos nativos da América também seriam uma forma de civilização. Após uma discussão sobre a história e a memória social brasileira, o vídeo prossegue, referindo-se à coroa portuguesa e as grandes navegações por ela empreendidas como “as heroínas perdidas”, ignoradas e não reconhecidas que salvaram o Brasil da selvageria que aqui existia. A peça analisada elabora uma argumentação romantizada de que o “descobrimento” do Brasil teria estabelecido um contrato social baseado na filosofia grega, no direito romano, na moral judaico-cristã e na experiência acumulada dos ancestrais portugueses – heranças da civilização ocidental – melhorando assim a condição da vida dos povos nativos e compondo, portanto, o futuro do país.

Nesse mesmo episódio é apresentado um novo personagem, uma ameaça a essa herança ocidental – que se baseia na filosofia grega, no direito romano e na moral judaico-cristã –: a fé mulçumana e/ou islâmica. A rápida expansão da fé mulçumana e/ou islamismo do Oriente Médio e Norte da África para a Europa e a Jihad, isto é, o esforço de “manter o islamismo pleno dentro de si e levá-lo ao maior número de pessoas possível” culminou na batalha de Poitiers, onde o Reino Franco juntamente com a fé cristã iniciou seu movimento de resistência e retomada de territórios perdidos, livrando a terra da “barbaridade” que ocorria sob o governo islâmico, como o

canal mostra a partir de citações da Carta do Arcebispo Guilherme de Tiro. Portanto, justificam que foi por meio das Cruzadas que a Igreja Católica voltou ao centro do cenário político mundial.

Nessa narrativa etnocêntrica apresentada pelo Brasil Paralelo, no Milagre de Ourique em uma das batalhas contra a fé mulçumana, Afonso Henriques que veio a ser o primeiro rei de Portugal recebeu de Deus a missão de espalhar a fé cristã pelos quatro cantos do mundo e isso sendo “fato ou lenda, marcou de tal forma o imaginário português que se tornou presente na bandeira de Portugal e no espírito aventureiro dos próximos séculos”. A linhagem de Afonso Henriques foi interrompida quando o rei Dom Fernando II morre sem deixar descendentes, inaugurando-se então a linhagem de Avis com Dom João I e seus filhos, levando Portugal a um novo esplendor. “Dessa ínclita geração ia nascer o grande império do descobrimento”.

Começa então o empreendimento por novas terras e riqueza, a era das grandes navegações alimentada pelo imperialismo português que colonizava indígenas e escravizava negros visando o progresso unilateral com a justificativa de que o modelo econômico expansionista português minimizaria supostas guerras constantes existentes. Numa época em o senso comum entendia que Portugal era a fronteira do mundo, o achado de novas ilhas e terras inexploradas em direção ao atlântico representava uma grande esperança. Uma nova possibilidade de conquista que iria se revelando diante da Coroa Portuguesa e do velho mundo promovidos pelas possíveis novas oportunidades que poderiam ser exploradas em busca de riqueza através da extração cada vez mais intensa dos recursos naturais.

Portanto, a partir desse primeiro episódio, é possível evidenciar a busca pela reconstrução de um passado mítico acerca da história do Brasil que negligencia os conflitos sociais decorrentes do contato entre distintos povos a partir do suposto “descobrimento”, na medida em que a família real portuguesa passou a ser retratada como heroína, enquanto que os indígenas foram concebidos, de maneira etnocêntrica, como seres inferiores aos europeus, justamente porque a sua cultura ocuparia um lugar menor e, portanto, menos elevado na hierarquia cultural. Contudo, é justamente esse resgate a um pretérito construído de maneira irreal que Jason Stanley (2018) situará como a primeira característica do fascismo, tendo em vista que “o passado mítico fascista existe para ajudar a *mudar o presente*” (Stanley, 2018, p. 21).

## EPISÓDIO A VILA RICA

No segundo episódio, intitulado *A Vila Rica*, o Brasil Paralelo inicia sua narrativa assinalando que a história apontada - pelo menos no campo acadêmico brasileiro e internacional - acerca da chegada dos portugueses no Brasil é vista de forma fragmentada e que como consequência deixamos de compreender a grandeza do nosso país. Em uma espécie de continuação do episódio anterior, *A Vila Rica* traz como tema principal o suposto “descobrimento” do Brasil por Portugal e a chegada dos representantes desse país que tinham como missão transmitir a fé cristã e tornar essa empreitada rentável, tendo em vista as possíveis riquezas que poderiam ser extraídas desse território a partir de certa racionalidade mercantil. Aqui, é possível compreender que a colonização portuguesa foi muito além da questão territorial, na medida em que também tomou as crenças ameríndias de assalto, procurando apagar sua cosmologia através da imposição

do catolicismo como única forma certa de se alcançar a suposta condição de civilização.

Seguindo a narrativa apresentada, foi no dia 22 de abril de 1500 que Pedro Álvares Cabral e os navios portugueses desembarcaram na chamada ilha de Vera Cruz, iniciando, portanto, o primeiro contato entre os ameríndios dessa terra e os europeus. A hipótese apresentada pelo Brasil Paralelo como a mais aceita é a de que durante a era do gelo houve uma queda no nível da água do mar (pois esse estava congelado) deixando a vista uma faixa de terra, uma espécie de ponte, que ligava os continentes. Pessoas atravessaram a procura de comida, mas o gelo derreteu, o mar subiu e o contato entre a América e o restante do mundo se fechou por milhares de anos, apagando assim o conhecimento dos povos de que um dia havia terras além-mar. Assim, partem de uma pressuposta ancestralidade europeia mas que com o distanciamento e isolamento desses povos originou-se uma grande diferença linguística e cultural.

Bruno Garschagen<sup>23</sup>, um dos entrevistados do Brasil Paralelo, afirma que alguns índios se alinharam aos portugueses, pois perceberam que era uma aliança vantajosa, uma vez que havia também grupos nômades e violentos, inclusive canibais como o caso dos Botocudos. Por essa razão, e também pelo fato de as Américas como parte do novo mundo atraírem o interesse de outras nações como a França, a Corte Portuguesa decidiu investir e proteger o Brasil da disputa de territórios enviando pessoas, criando as Capitânicas Hereditárias, dividindo assim o Brasil em 15 partes de modo a facilitar o controle territorial. As Capitânicas tinham certa autonomia para se

---

23.Disponível em: <https://www.pgea.com.br/project/bruno-garschagen/> Acesso em: 19 jul. 2019.

desenvolverem, fomentarem o comércio, criarem povoados, decidirem sobre o governo e, em troca disso, deveriam pagar “impostos” à Coroa. Apenas duas Capitanias obtiveram sucesso e se destacaram através do plantio da cana de açúcar e da criação de engenhos para o processamento do açúcar.

Sobre a seguinte fase da colonização do Brasil, o entrevistado segue argumentando que a Coroa Portuguesa decidiu enviar uma equipe para organizar um governo da Coroa no Brasil com três principais objetivos: proteger o território, organizar a produção de modo que se tornasse possível o povoamento e, nas próprias palavras do Brasil Paralelo, “civilizar” os indígenas. Essa última missão foi confiada aos Jesuítas, que seriam responsáveis pela paz com os índios e pela união do território brasileiro. Sobre o primeiro contato dos Jesuítas com os ameríndios, Felipe Valerim<sup>24</sup>, narrador dos episódios do Brasil Paralelo afirma que: “Não era a primeira vez que o homem percebeu que as pessoas não nasciam cultas e que era necessário educá-las para uma vida melhor.”

Essa frase evidencia um gritante etnocentrismo e até mesmo racismo justamente porque não apenas inferioriza a cultura distinta da sua, como visa impor a sua visão de mundo como superior as demais, fabricando politicamente uma hierarquia cultural ou mesmo racial, na qual a tradição europeia cristã corresponderia supostamente a civilização, enquanto que os ameríndios viveriam a barbárie, que deveria ser combatida através da fé cristã e do mercantilismo tipicamente utilitário.

---

24.Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/filipe-valerim-221105104>> Acesso em: 19 jul. 2019.

Nesse sentido, a imposição da educação cristã e das barganhas mercantis era apontada pelos portugueses como uma forma de disciplinamento que conduziria o ameríndio em sua adaptação às sociedades civilizadas, tendo em vista que na Europa o acesso ao conhecimento estava em expansão assim como a sua população. E, no Brasil, coube aos jesuítas “trazer as sementes da civilização ocidental”, aprendendo, inclusive, a falar as línguas locais dos povos que estavam querendo converter à fé cristã e, portanto, civiliza-los.

Porém, junto com os navios portugueses, além das pessoas chegaram também doenças como chagas, varíola, sarampo, etc. e para suprir o surgimento de um novo Estado assim como a demanda dos engenhos de açúcar, foi usado o trabalho escravo. O Brasil Paralelo defende a perspectiva abolicionista e nela a escravidão é retratada como uma aberração, porém, também defende que a escravidão nessa época não tinha um fator racial, mas sim oportunista. Nesse contexto, ser escravo era ser vencido numa guerra justa e perder a liberdade, conforme sustenta Paulo Cruz<sup>25</sup>, um dos entrevistados que aparece nesse vídeo do Brasil Paralelo, ao argumentar que a escravidão no Brasil era aceita porque representava uma mão de obra para o plantio, colheita e processamento da cana de açúcar, porém, mais tarde a compra e venda de escravos acabou se tornando uma atividade ampla e lucrativa, uma coisa por si só. Nesse sentido, evidenciamos uma espécie de escusa para a escravidão e, portanto, uma fetichização do passado que passa não apenas a negligenciar a forma com que índios e negros eram tratados, mas a justificá-la.

O objetivo estratégico dessas construções hierárquicas da história é deslocar a verdade, e a invenção de um passado glorioso inclui o

---

25.Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/8743913/paulo-cruz>> Acesso em: 19 jul. 2019.

apagamento de realidades inconvenientes. Enquanto a política fascista fetichiza o passado, nunca é o passado real que é fetichizado. Essas histórias inventadas também diminuem ou extinguem completamente os pecados passados da nação. (STANLEY, 2018, p. 20)

A narrativa segue, apontando que enquanto o Brasil nascia, Portugal passava pela crise de sucessão, em que o rei de Castella foi declarado o rei de Portugal e os Reinos Espanhol e Português se sobrepueram. Nessa época, a Espanha estava em guerra com a Holanda e fez com que se fechassem as relações comerciais entre Portugal e Holanda, dando motivos para que a Holanda atacasse o nordeste brasileiro. A invasão holandesa aconteceu em Pernambuco, nesse período o local mais rico do Brasil, e ali roubaram e bloquearam a produção de açúcar gerando perdas para a Coroa assim como para a população local. Naquela situação, a Coroa portuguesa estimulou a procura por metais preciosos e os bandeirantes, descendentes de portugueses, índios e caboclos - que foi descrito de maneira caricatural pelo Brasil Paralelo como o início de uma suposta identidade nacional brasileira considerando, portanto, a cultura como se ela fosse estática - saíram à procura de ouro e prata assim como por terras inexploradas.

Quando a família Bragança reivindicava Portugal, inaugura-se uma nova era da Coroa Portuguesa, uma vez que esse país volta a se tornar independente e sai em busca de estabelecer seus domínios através de um acordo com a Holanda, embora o povo brasileiro com seu suposto espírito de regionalismo e sentimento de nacionalidade, mesmo sem o apoio do Rei, expulsa os holandeses daquelas terras. Na concepção do Brasil Paralelo, a associação de Portugal com Espanha arruinou Portugal, mas o Brasil já tinha vida própria e estava crescendo, já que não apenas era um dos principais fornecedores de couro para o mercado europeu e um grande exportador de algodão, como



também despontava na corrida pelo ouro em Minas Gerais, na medida em que atraía para Ouro Preto – a chamada *Vila Rica* – aqueles nobres em busca de riqueza, fazendo com que o Brasil prosperasse.

## EPISÓDIO A GUILHOTINA DA IGUALDADE

Em *A guilhotina da igualdade* é retratado como um episódio especial justamente porque é apresentado como a chave fundamental para entender as influências que estavam em jogo e, principalmente, por mostrar o que iria acontecer no cenário político brasileiro desde aquele momento, até chegarmos aos dias de hoje. O tema deste episódio é a história da Revolução Francesa, seus impactos na Europa e, principalmente, no Brasil.

Seguindo essa narrativa, em 1789 a França estava dividida: à direita estavam os girondinos que “objetivavam devolver a estabilidade para a França e estabelecer uma constituição criadora de regras para os reis”, à esquerda os jacobinos, “radicais que defendiam iluminar a sociedade a partir da completa ruptura com o passado e a construção de uma nova sociedade, uma nova natureza humana cujos os poderes seriam ilimitados”. Como sabemos, os jacobinos levaram a melhor e o seu lema liberdade, igualdade e fraternidade regeu a Revolução Francesa.

A França na época era dividida em feudos, cada qual com suas próprias regras, em que a responsabilidade por defender o território e proporcionar estabilidade para o comércio recaía sobre os reis. O rei Sol, Luís XIV, no entanto, fez da França um Estado centralizado, ou seja, o rei era o Estado e a Lei. A narrativa argumenta que o absolutismo Francês prejudicou o comércio incitando a insatisfação do povo com a situação econômica do Estado e os altos impostos.

A tensão atingiu o estopim quando a França, mesmo com seus problemas financeiros, financiou a Revolução Americana.

A Revolução Americana não aconteceu pelas mesmas razões que a Revolução Francesa, nem obtiveram os mesmos resultados. Na verdade, elas foram duas revoluções bastante distintas. Enquanto que a Revolução Americana teve início como uma luta contra altos impostos em Michigan e teve várias pequenas e grandes derrotas e vitórias ao longo de seu caminho, a Revolução Francesa, de acordo com Olavo Carvalho, acontecia de uma outra forma, na medida em que era responsável pelo definimento da França iniciado com ideais iluministas de autores como Rousseau e Voltaire. Para Marcus Boeira<sup>26</sup>, um dos entrevistados desse episódio do Brasil Paralelo, o iluminismo francês é resultado de um longo processo de secularização da cultura que começa no final da Idade Média.

Assim, segundo essa narrativa, devido à enorme crise financeira que a França estava enfrentando, Luís XIV nomeia Jacques Necker, um novo ministro simpático às novas ideologias, que acabou sendo responsável por convocar uma assembleia com as principais vozes revolucionárias para possivelmente chegarem a um acordo. Logo depois do fracasso da assembleia foi declarada a Revolução Francesa e junto com ela iniciou-se a política do terror, com execuções, decapitações, etc. E assim, Marcus Boeira relata que “O Lema jacobino deixava bem claro o que é esquerda: precisamos enforcar o último rei nas tripas do último padre. Isso é esquerda”.

É importante enfatizar como esse tipo de discurso opera de maneira estereotipada, caricatural e violenta, na medida em que genera-

26.Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/2608970/marcus-paulo-rycembel-boeira>> Acesso em: 19 jul. 2019.

liza o comportamento atribuído à certos grupos de esquerda encontrados em uma determinada configuração social europeia do final do século XVIII corresponderia as mesmas realidades que atravessaram séculos no Brasil, constituindo-se, portanto, em um anacronismo histórico construído de maneira generalizante e persecutória. Generalizante porque se sustenta na existência de um certo comportamento violento atribuído a toda e qualquer tipo de esquerda, quase que como uma condição humana; e persecutória porque se constitui a partir de certa racionalidade que tem no Outro a condição de inimigo, e que, portanto, deve ser combatido, uma vez que supostamente ameaçaria a existência da ordem instituída. Essa argumentação busca acusar o campo político adversário ao mesmo tempo em que oculta as mazelas e injúrias do sistema político que está sendo defendido.

Os Impactos da Revolução Francesa no Brasil foram muitos, conforme sustentam os entrevistados pelo grupo Brasil Paralelo. Após a decapitação de Robespierre, um governo improvisado foi instaurado na França composto por quatro cônsules, dentre eles o general que comandou os exércitos populares, Napoleão Bonaparte. Como havia nesse momento um medo de que o espírito da revolução se espalhasse pela Europa, os reis acabaram investindo em reconquistar a França e para se defender Bonaparte tinha dois grandes objetivos: “colocar ordem na casa” e enfrentar as demais monarquias europeias. Assim, iniciou-se a expansão francesa sob o comando de Napoleão Bonaparte. Já com a maioria dos territórios europeus conquistado por ele, Inglaterra e Portugal resistiam, até que o ataque francês a Portugal tira a família Bragança do trono, restando para eles apenas duas opções: aceitar as pressões de Napoleão e se juntar a França contra a Inglaterra ou se alinhar ao seu antigo aliado histórico, a Inglaterra.

Perante a invasão de Portugal, a coroa portuguesa transferiu a corte para o Brasil e os franceses ficaram literalmente a ver navios. Já estava em cogitação montar uma Coroa naquele país, o que foi um ato deliberado. No entanto, ao chegar no Brasil começa-se uma empreitada para a construção da infraestrutura necessária para receber a Coroa e a Corte, em que foram feitos enormes investimentos com a construção das academias militares, bancos, universidades, bibliotecas etc. abrindo, portanto, os portos que tinham na Inglaterra, em plena revolução industrial, um dos principais países com os quais estabeleciam relações econômicas.

Após a queda de Napoleão Bonaparte em Waterloo, foi convocado o Congresso de Viena para desenhar novas fronteiras europeias. A França foi responsabilizada pela guerra, enquanto que Portugal ainda estava ocupado pela Inglaterra que segurava os avanços de Napoleão e Dom João VI no Brasil. Uma aliança foi estabelecida entre Portugal, França e Áustria que beneficiou principalmente a França, através do casamento de Leopoldina com Dom João VI, que volta pra Portugal deixando seu filho Dom Pedro I como representante dele no Brasil. Diante dessa narrativa, evidenciam-se parte dos motivos pelos quais o Brasil Paralelo se apresenta não apenas como conservador, mas também como monarquista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DOS TRÊS PRIMEIROS EPISÓDIOS DO BRASIL PARALELO

Ao iniciar a série, logo no primeiro episódio de *A cruz e a Espada*, é possível evidenciar a apresentação de uma narrativa alternativa acerca da história do Brasil que se reconhece como supostamente

lúcida, racional e correta, frente à outra abordagem, que teria sido construída nos espaços universitários através de métodos científicos e que, portanto, seria produzida hegemonicamente pelas esquerdas brasileiras de forma ideológica, necessitando ser condenada e eliminada desses espaços, uma vez que estariam contaminadas por um viés marxista sustentada pelo conflito e não pela integração.

A partir dessa perspectiva constata-se a intencionalidade de se produzir uma outra história, ou em termos foucaultianos, um outro regime de verdade (FOUCAULT, 2010a), que abarcaria um passado mítico, contemplado pela glória dos fundadores do país, principalmente através da Coroa portuguesa, que foi descrita como responsável não apenas pelo progresso paulatino do Brasil, mas, sobretudo, por deixar relegado ao passado a condição de suposta barbárie na qual viviam os ameríndios antes da chegada dos europeus supostamente pacificadores. Desse modo, é possível constatar certa negligência decorrente do não reconhecimento dos conflitos evidentes entre colonizadores e colonizados, desconsiderando a complexidade dessa narrativa que diverge dos acontecimentos reais pretéritos que foram documentados. Diante disso, se faz importante destacar as análises de Mbembe (2018) acerca da relação entre a escravidão negra, a colonização e a plantation, já que

A expansão do liberalismo como doutrina econômica e arte específica de governar foi financiada pelo comércio de escravos, num momento em que, submetidos a uma acirrada concorrência, os Estados europeus se esforçavam para ampliar seu poder e consideravam o resto do mundo sua propriedade e seu domínio econômico. Em gestação desde a segunda metade do século XV, a *plantation* em particular e, mais tarde, a colônia constituíram, nessa perspectiva, engrenagens essenciais de um novo tipo de cálculo e de consciência planetária. Esse novo tipo de cálculo concebia a mercadoria como forma elementar da riqueza, sendo o modo de produção capitalista, nessas condições, uma imensa

acumulação de mercadorias. As mercadorias só têm valor porque contribuem para a formação de riqueza. É, aliás, nesse sentido que são utilizadas ou trocadas. Na perspectiva da razão mercantilista, o escravo negro é simultaneamente um objeto, um corpo e uma mercadoria. Enquanto corpo-objeto ou objeto-corpo, possui uma forma. É também uma substância em potencial. Essa substância, que gera seu valor, deriva de sua energia física. É a substância trabalho. O negro é, desse ponto de vista, uma matéria energética. Essa é a sua primeira porta de entrada no processo de troca. Existe uma segunda porta, à qual ele acede por via de seu estatuto de objeto de uso, que pode ser vendido, comprado e utilizado. O fazendeiro que compra um escravo negro não o compra nem para o destruir nem para o matar, mas para utilizá-lo, para que produza e aumente sua própria força. (MBEMBE, 2018, p. 145)

Esse modelo de negacionismo encontrado nas produções do Brasil Paralelo acontece porque as memórias, lembranças, e discursões sobre o passado, trazem cargas de valor, sendo, portanto, parciais, mesmo quando negamos ou não pretendemos que sejam. Assim, essas narrativas não necessitariam serem fidedignas à realidade e aos acontecimentos reais do passado, na medida em que apresentam os valores do contexto do presente em que são descritas e pelo futuro que se almeja construir do ponto de vista discursivo.

Dessa forma, o que devemos nos perguntar é: O que o Brasil Paralelo pretende com a construção dessas narrativas apresentadas em suas séries que questionam certo consenso científico acerca da história do país? Qual o futuro que a empresa almeja com as suas estratégias de capilarização através do ciberespaço? O que se tem a ganhar com a produção dessa narrativa fundamentada na construção de inimigos que projetam no ambiente universitário o local da mentira e da conspiração? Contudo, para responder essas questões se faz necessário destacar que a criação de inimigos, não é algo novo nos discursos transmitidos pelo Brasil Paralelo.

Conforme podemos verificar nos vídeos analisados, esse padrão se repete ao longo dos três primeiros episódios, uma vez que: 1) propõe uma narrativa que seria “correta”, “racional” e “lúcida” à outra que seria “irreal”, “enevoada” e que supostamente negaria aos brasileiros a sua própria história em detrimento de outra que seria falaciosa justamente porque foi produzida por tributários do que a atual extrema direita intitula de marxismo cultural; 2), traz a oposição entre uma cultura europeia cristã, ocidental e, portanto, “civilizada” que ainda estaria sendo ameaçada pelo islamismo “bárbaro”; 3) trata dos ameríndios como uma cultura inferiorizada e passiva frente ao processo civilizatório capitaneado por Portugal e pelos Jesuítas, que o todo tempo foram exaltados como os heróis na história do suposto “descobrimento” e colonização do Brasil; 4) fomenta a perpetuação de certa contraposição entre direita e esquerda nascida durante a Revolução Francesa, referindo-se à esquerda como sinônimo de uma política de terror instaurada naquele contexto; 5) produz uma distinção entre os ameríndios bonzinhos, aliados a Portugal e, portanto, merecedores da cultura ocidental e os demais bárbaros, cruéis, maus e, portanto, cabíveis de extermínio; 6) aborda a colonização do Brasil por Portugal através de certo salvacionismo dos trópicos sul americanos como se fosse uma terra de ninguém, ímpia e selvagem para os padrões ocidentais; dentre outros casos.

Dessa forma, o Brasil Paralelo reproduz uma narrativa fundamentada sobretudo em uma perspectiva caricatural, simplista e deturpada, que categoriza como inimigo tudo aquilo que se distancia de um padrão considerado aceitável a partir daquilo que é estabelecido etnocentricamente como “civilizado”; que se difere de uma visão idealizada dentro da trindade Olavista, isto é, da democracia grega, do

direito romano e dos valores judaico-cristão que regem esse grupo e outros dentro dos movimentos das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. Diante disso, é considerado lógico e racional somente aquilo que se encaixa nos padrões por eles estabelecidos, atribuindo aos demais discursos divergentes a condição de irracionalidade, névoa, emoção, barbárie etc., reforçando certo nível de hierarquia por meio da desqualificação e depreciação do outro.

Tomando como base os escritos de Michel Foucault (1999), é possível verificar que a iniciativa do Brasil Paralelo na criação dessa narrativa e na produção de um saber que atua diretamente nas relações de poder acabou estabelecendo a condição de inimigo ao Outro, autor de uma narrativa diferente daquela apresentada por essa empresa que opera na modulação de uma história do Brasil revisitada, não apenas tratando dos especialistas no campo universitário como ideólogos mentirosos, mas estabelecendo-os como oponentes, uma vez que devem ser combatidos em decorrência da suposta ameaça a verdade acerca da história desse país.

No entanto, a analítica foucaultiana também nos atenta para a presunção de que onde há poder há também resistência, pois entende que poder sem resistência é dominação. Desse modo, podemos interpretar este trabalho acadêmico como uma espécie de ato de resistência ao discurso conservador monarquista adotado pelo revisionismo histórico do Brasil Paralelo, que, por estar baseado naquilo que Stanley (2018) chamou de política do “nós” e “eles” e no que Foucault (1999) chamou de racismo de Estado, passou a operar como um dispositivo de conversão discursiva que visa alterar a percepção da população acerca da política brasileira.



Com efeito, o que é o racismo? É, primeiro, o meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer. No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. Em resumo, de estabelecer uma cesura que será do tipo biológico no interior de um domínio considerado como sendo precisamente um domínio biológico. Isso vai permitir ao poder tratar uma população como uma mistura de raças ou, mais exatamente, tratar a espécie, subdividir a espécie de que ele se incumbiu em subgrupos que serão, precisamente, raças. Essa é a primeira função do racismo: fragmentar, fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder (FOUCAULT, 1999, p. 305).

O racismo de Estado, segundo o autor, é o “racismo que a sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social” (FOUCAULT, 1999, p. 73). E é através desse racismo que será justificável e legítimo a morte simbólica ou mesmo física daqueles que são considerados “inimigos”, “perigosos”, “irracionais” e “bárbaros”, por parte do Estado, entendendo que esse extermínio citado também ocorre de forma indireta e, portanto, como morte política, através da expulsão, rejeição, estigmatização, patologização, criminalização, além da possibilidade da própria eliminação. No que compete ao Estado, a este serve o papel de “protetor da integridade, da superioridade e da pureza da raça” (FOUCAULT, 1999, p.95).

Neste contexto, o Estado, por sua vez, tem a função mitigar a vida de determinados segmentos através da criação de dispositivos que corroboram a narrativa da superioridade de “um” sobre o “outro”, cabendo a ele, no cenário biopolítico, “fazer viver e deixar mor-

rer”. Dessa maneira, o racismo de Estado é exercido apenas sob determinado grupo que se encontra às margens da sociedade, em uma posição criada e reiterada por certos segmentos sociais que pode ser, inclusive, legitimado pelo próprio Estado. Tendo isso em mente, a narrativa produzida e amplamente divulgada pelo Brasil Paralelo, que se baseia sobretudo, na categorização do “inimigo” como tudo aquilo que se distancia de um padrão considerado “civilizado”, se diferindo, portanto, de uma visão deturpada e idealizada acerca da democracia grega, do direito romano e dos valores judaico-cristão, não passa de uma ferramenta biopolítica que serve para reiterar um ciclo vicioso, fomentando toda forma de inferiorização, discriminação, preconceito e intolerância contra tudo aquilo que é diferente e que passou a ser desqualificado como marxismo cultural, esquerdismo, comunismo, socialismo, etc.

A partir desse viés totalitário e totalizante, o nazismo aparece como um exemplo perfeito para tratar da implementação do racismo, conforme foi abordado por Foucault (1999), justamente por fazer valer medidas governamentais pautadas e estruturadas não apenas em uma dimensão étnico-racial, mas a partir de elementos que o extrapolam, na medida em que emerge o racismo de Estado. Um exemplo disso foi o decreto nazista que obrigava todos os judeus a usarem a Estrela de Davi sobre um fundo amarelo, fato que acabou se tornando um símbolo de sua exclusão perante a sociedade alemã. Mais tarde, a insígnia de seis pontas passou a ser associada ao próprio holocausto.

Esse tema foi mais bem trabalhado por Klemperer (1999) em sua obra *LTI: A linguagem do terceiro Reich*, que analisa a apropriação de certa linguagem persecutória utilizada pelos nazistas nos anos que

antecederam o holocausto. De acordo com Klemperer, “a linguagem é a expressão de uma época. Da mesma forma pode-se dizer que é o retrato de um tempo e de um país.” (Klemperer, 1999, p.48) e que a mudança gradativa promovida pelos líderes nazistas na língua alemã foi como um veneno que bebes sem perceber, que atua sobre sua vida paulatinamente, expressão que refletia também o contexto histórico enfrentado pelo autor durante a Alemanha Nazista.

O que acontece se a língua culta tiver sido construída ou for portadora de elementos venenosos? Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e parecem ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar. Se, por longo tempo, alguém emprega o termo “fanático” no lugar de “heroico e virtuoso”, ele acaba acreditando que um fanático é mesmo um herói virtuoso, e que sem fanatismo não é possível ser herói. (KLEMPERER, 1999, p. 55).

Finalmente, é importante chamar atenção para quem faz parte dessas práticas discursivas, não apenas os criadores deste conteúdo, no caso os integrantes do Brasil Paralelo, mas também os palestrantes e entrevistados que colaboram para a construção desta narrativa, assim como as pessoas à quem essas mensagens alcançam, e que por sua vez reproduzem esse discurso para as massas, tornando-se também parte do ciclo vicioso que se instaura. Um dos pilares do Brasil Paralelo é sua alegação de reunirem grandes especialistas, pensantes, referencias para a produção da série *Brasil: a Última Cruzada*, considerada por eles como “a maior série da história do Brasil já produzida até aqui”. Porém, após a pesquisa cibercartográfica por nós desenvolvida, analisando os perfis públicos nas redes sociais, constatamos que grande parte dos entrevistados que aparecem no decorrer dos três primeiros episódios da série não são de fato historiadores, nem mesmo pesquisadores, mas sim graduados em direito, como é o caso de

Rafael Vitola Brodbeck<sup>27</sup>, Dom Bertrand de Orleans e Bragança<sup>28</sup> e Marcus Boeira<sup>29</sup>. Há também no corpo de oradores quem tenha formação superior em cursos como economia, como é o caso de Gastão Reis<sup>30</sup> e até mesmo Arquitetura e Urbanismo, como é o caso de Paulo Rezzutti<sup>31</sup> e Percival Puggina<sup>32</sup>. Ou quem não tenha formação superior nenhuma, como é o caso do próprio Olavo de Carvalho que, embora se auto intitule filósofo, não concluiu o ensino médio, mas passou a ser considerado por muitos brasileiros, inclusive pelos empreendedores pelo Brasil Paralelo como o maior intelectual do Brasil.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. M. As potencialidades do pensamento geográfico: A cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual. In XXXIII Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Caxias do Sul/RS. Setembro de 2010. [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4047519/mod\\_resource/content/0/Deleuze%20e%20o%20me%CC%81todo%202.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4047519/mod_resource/content/0/Deleuze%20e%20o%20me%CC%81todo%202.pdf)

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

D'ANCONA, M. Pós-Verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake News. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DAY, R. J. F. Gramsci is dead: anarchist currents in the newest social movements. Londres: Pluto Press, 2005.

---

27.Disponível em: <https://www.facebook.com/rafael.vitola.brodbeck/about?lst=100025079281346%3A1496664675%3A1550692655&section=education>> Acesso em: 02 fev. 2019.

28.Disponível em: <https://www.monarquia.org.br/dombertrand.html>> Acesso em: 02 fev. 2019.

29.Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2064957445315362>> Acesso em: 02 fev. 2019.

30.Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/gastaoreis>> Acesso em: 02 fev. 2019.

31.Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4609824084079942>> Acesso em: 02 fev. 2019.

32.Disponível em: <http://www.puggina.org/sobre-o-percival-puggina/> Acesso em: 02 fev. 2019.

- DOWBOR, L. A era do capital improdutivo: A nova arquitetura do poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Ed. Autonomia Literária / Outras Palavras, 2018.
- DELEUZE, G. Conversações. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2010a.
- FOUCAULT, M. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: FOUCAULT, Michael. Microfísica do poder. 22ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- KLEMPERER, V. LTI: A linguagem do Terceiro Reich. São Paulo: Ed. Contraponto, 2009.
- LARAIA, R. de B. Cultura: Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- LÉVY, P. A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.
- MARTINS, V. M. de V.; ROSA, P. O.; RESENDE, R. A. da R. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. Revista NEP, Núcleo de Estudos Paranaenses, Curitiba, v.4, n.2, dez. 2018.
- MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. São Paulo: Ed. N-1, 2018.
- MOURÃO, Pedro Jorge Chaves. A República do Ódio ou do Método Etnodata. 2020. Disponível em: <https://alicenews.ces.uc.pt/index.php?lang=1&id=30865>. Acesso em: 21 ago. 2020.
- ROBERTSON, P. The New World Order. Dallas: Word Publishing, 1991.
- ROLNIK, S. Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Ed. UFRGS / Ed. Sulina, 2007.
- ROSA, P. O. Cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras. Projeto de Pós-Doutorado em Psicologia Institucional. Universidade Federal do Espírito Santo. 2018.
- STANLEY, J. Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2018.
- TAYLOR, F. Developments in the theory and practice of cybercartography. Oxford: Elsevier Science, 2014.
- TELLES, E.. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas. In Kriterion: Revista de Filosofia. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGF. Belo Horizonte/MG. Vol. 59. N.140. 2018. <http://www.scielo.br/pdf/kr/v59n140/0100-512X-kr-59-140-0429.pdf>

## CAPÍTULO 11

# BRASIL PARALELO: ATUAÇÃO, DINÂMICA E OPERAÇÃO: A SERVIÇO DA EXTREMA-DIREITA (2016-2020)

Eduardo Pereira (UFBA)

Mayara Balestro (UNIOESTE)

As eleições presidenciais de 2018 marcaram e consolidaram a ascensão da extrema-direita no Brasil. A sociedade brasileira elegeu como seu representante e “salvador da pátria” uma figura polêmica e controversa, e que não mede esforços para demonstrar publicamente sua tendência personalista à violência. Porém, nenhum regime autoritário existe sem que haja pelos menos duas coisas fundamentais. Em primeiro lugar, a disposição para o uso desenfreado da violência, seja ela física ou simbólica. Em segundo, uma base ideológica que justifique e dê fundamento moral a tal uso.

Combater os abusos e desmandos promovidos pela ascensão dessa direita obtusa passa também, portanto, compreender quais táticas e operações são adotadas em seus espaços. Por tanto, iremos

refletir a atuação da empresa gaúcha - *Brasil Paralelo*, a sua ligação entre o *bolsonarismo-olavismo* exercido em diferentes espaços e por diferentes métodos afim de alcançar o seu público-alvo. Como se sabe, a empresa do *olavismo-cultural* tem como principal escopo de atuação a ressignificação dos processos históricos brasileiros como forma de legitimação de um projeto de hegemonia a serviço da extrema-direita, no presente.

Essa iniciativa tem como figura central, nessa perspectiva manipulatória sobre o passado, o escritor reacionário Olavo de Carvalho, guru intelectual do próprio presidente Jair Bolsonaro e seus filhos, além de outras figuras representantes das direitas. Com forte influência no alto escalão do governo Bolsonaro, Olavo conseguiu indicar muitos nomes para o MEC no início da gestão. Após algumas polêmicas e muitas críticas, o ideólogo perdeu a maioria dos indicados.

As conexões entre o principal guru da extrema-direita e os sócios fundadores do *Brasil Paralelo* ocorreu antes mesmo das eleições de 2018. Em entrevista ao *Parlatório Livre*<sup>1</sup> um dos sócios fundadores do *Brasil Paralelo* – Henrique Viana, que compõem uma mesa redonda ao lado de Janaína Paschoal, atualmente deputada do Estado de São Paulo e filiada ao Partido Social Liberal (PSL) e Flávio Morgenstern, ex-colunista do Instituto Liberal<sup>2</sup>, em entrevista Viana ressalta “em

---

1. Jornalismo e liberdade – Henrique Viana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6BF83wbervI>, acesso em: 10/08/2020.

2. O Instituto Liberal é um dos principais precursores de ação doutrinária de difusão do liberalismo no Brasil. Foi fundado na década de 1980 por um grupo de empresários e intelectuais de orientação ideológica liberal. Para saber mais ver: CASIMIRO, Flávio H. C. A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983-1998): a ação pedagógica do Instituto Liberal. 2011. 193 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal De São João Del Rei. Minas Gerais, São João Del-Rei, 2011.

conversa com o professor Olavo, ele disse que é importante não perder a questão da militância, vocês estão cumprindo um papel para o país” (PARLATÓRIO LIVRE, 20/06/2017).

De acordo com Casimiro (2020, p.75), “a direita brasileira, passa a disputar no campo da narrativa histórica, como forma de justificação de suas reacionárias, antiprogressistas e autoritárias do presente”. Portanto, é declarada a estratégia de ação doutrinária do *Brasil Paralelo*, organizada e executada por intelectuais/empresários, os quais buscam universalizar seus interesses de classe, tornando-os consensuais a partir de uma atuação incisiva, diversificada e militante.

Lançado no Fórum da Liberdade em abril de 2017, cujo o tema do evento foi “*O futuro da Democracia*”, o *Brasil Paralelo* tornou-se um dos principais aliados ao projeto bolsonarista e ganhou outro patamar após a última eleição. Atualmente em seu canal do *Youtube* a empresa conta com mais de 1,34 milhões de inscritos, 70.156.276 visualizações e 349 vídeos<sup>3</sup> produzidos em formato de séries/documentários, ganha-se destaque os vídeos relacionados a área de história, “*1964: Brasil Entre armas e Livros*”, “*A Cruz e a Espada*” e “*Pátria Educadora: O fim da História*”, como apresentado pelo *The Intercept Brasil*:

A divulgação incessante dos vídeos pela máquina bolsonarista ampliou o alcance do site. O *Brasil Paralelo* hoje, além de faturar com a monetização dos vídeos no *YouTube*, onde conta com mais de 1 milhão de seguidores, está vendendo cursos a preços bem salgados. O grupo conta com uma plataforma própria, exclusiva para assinantes. Durante a última campanha presidencial, o canal ajudou na tática bolsonarista de descredibilizar as eleições, publicando um vídeo repleto de informações falsas que supostamente comprovariam uma fraude nas eleições de 2014. A mentira foi desmascarada pelo Projeto Comprova, mas já tinha sido

3. Para saber mais: <https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeBmdaiicey2nImISw/videos?view=0&sort=p&flow=grid>.



vista por mais de 2 milhões de pessoas (*THE INTERCEPT BRASIL*, 20/03/2020).<sup>4</sup>

Em abril de 2018, em época de eleição e pré-candidato à Presidência da República, o parlamentar Jair Bolsonaro recomendou por meio do seu *instagram* o documentário “*Congresso Brasil Paralelo/ A raiz do problema*”, o vídeo teve com a participação do guru da extrema-direita, Olavo de Carvalho, o jornalista e vencedor do prêmio “*Liberdade de Imprensa do XXIX Fórum da Liberdade (2016)*”, Diego Casagrande da Rocha, o empresário e olavista Leandro Ruschel, o atual Presidente da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e simpatizante da monarquia e olavista, Rafael Nogueira; entre outros “figurões da extrema-direita”.

Além de recomendar o vídeo em seu *instagram*, Bolsonaro divulgou o *link* para a reprodução do documentário no canal do *youtuber* e ex-bolsonarista, Nando Moura, porém dois anos depois Moura acabou rompendo com Bolsonaro em dezembro de 2019 quando declarou em seu *Twitter* “*Bolsonaro é o bichinho de estimação do Toffoli e o escravo do Centrão*”, “*Parabéns Bolsonaro. Corrupção, peculato, etc. Demora pra caralho. Não ficam mais de 15 dias presos, a investigação tem que ser feita às pressas, sai uma bosta e depois anulam tudo...*” um dos filhos do Presidente rebateu a crítica “*Isso é um vagabundo!*”<sup>5</sup> escreveu Carlos Bolsonaro no dia 26 de dezembro em seu *Twitter*.

O vídeo “*Raiz do Problema – Como chegamos aqui?*”, foi publicado 25 de janeiro de 2017 pelo canal da empresa – *Brasil Paralelo* via *You-*

4. Para saber mais: Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/01/allan-terca-livre-governo-bolsonaro/>, acesso em 10/08/2020.

5. “Isso é um vagabundo”, diz Carlos Bolsonaro sobre *youtuber* ex-bolsonarista, disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/isso-e-um-vagabundo-diz-carlos-bolsonaro-sobre-youtuber-ex-bolsonarista/>, acesso em: 12/08/2020.

*tube*, o vídeo em seus 6 min iniciais tem a participação de Ricardo Gomes/ empresário e ex-presidente do IEE (Instituto de Estudos Empresariais<sup>6</sup>), em fala Gomes destaca “*acontece que Marx estava errado, o valor não nasce do trabalho que é colocado, eu posso passar horas trabalhando para pintar um quadro e eu garanto que esse quadro não vai valer nada quando estiver pronto. O trabalho é um dos elementos mais quem atribui o valor é o ser humano que está comprando algo, as coisas não têm valor em si, o seu humano atribui valor a elas*”<sup>7</sup>. Gomes destaca também que a “teoria do valor está errada e foi desmentida pelos austríacos, começou na Escola Austríaca com Carl Menger”, Menger foi fundador da primeira geração da Escola Austríaca e desenvolveu uma teoria subjetiva do valor, a teoria da utilidade marginal. Porém, “o problema que se coloca para o historiador das ideias é que a raiz filosófica de Menger está fincada em um terreno algo anacrônico, em que em nosso entendimento obscurece sua interpretação” (Feijó, 2000).

Em seguida a fala de Gomes aparece o guru da extrema-direita a cara mais presente em vídeos do *Brasil Paralelo*, em seus 7 min 31seg de fala Olavo de Carvalho diz que “*Karl Marx começa dizendo que o movimento Socialista é expressão do interesse objetivo do proletariado. Passados cento e poucos anos o teórico do movimento comunista Ernesto Laclau diz o seguinte*

---

6.Como aponta Casimiro: “Atuação do Instituto de Estudos Empresarias no quadro de reconfiguração da estratégia de dominação burguesa no Brasil busca, de forma deliberada, organizada e militante, “educar” os jovens burgueses para a “liderança” e ação político-ideológica-, assim como, para a formação de quadros de novos intelectuais orgânicos. Ou seja, desenvolve, para além do Fórum, ações de longo prazo – uma vez que a “educação” para o consenso e difusão de uma concepção de mundo, no plano político e cultural, é algo possível somente em um longo processo histórico e social”. CASIMIRO, Flávio. **A tragédia e a farsa: A ascensão das direitas no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020. p. 78.

7.Brasil Paralelo EP3: A Raiz do Problema - Como chegamos aqui?, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bxMWBx3F1qY>, acesso em: 20/08/2020.

“- a propaganda do partido cria a classe social que em seguida vai representar, é teoria inversa, mas ela continua com o mesmo nome, sendo marxismo<sup>8</sup>”. Em nenhum momento deste trecho do vídeo Carvalho apresenta sustentação teórica para embasar suas hipóteses, diferente disso, acredita que o Brasil viveu com os governos petistas a era do “*marxismo cultural*”, de acordo com Iná Camargo:

Estamos há algum tempo desafiados a apresentar a verdade e a verdade sobre o marxismo cultural. A primeira verdade é histórica: a expressão é perfeitamente rastreável desde o programa nazista. Uma vez exposta esta reconstituição, temos uma segunda verdade-desafio a encarar: transformar a incriminação em arma de luta no front cultural, definindo a nossa própria pauta, que dialeticamente pode tomar o próprio resultado do rastreamento como ponto de partida, com o objetivo de resgatar para o nosso time as incontáveis vítimas das primeiras aparições do fantasma<sup>9</sup>.

Desde as eleições presidenciais de 2018, a expressão “marxismo cultural” se fez presente em diversos discursos das direitas brasileiras. Entretanto, dois anos antes da eleição já percebemos a relação de Bolsonaro com o *Brasil Paralelo*, Bolsonaro reforça em suas redes sociais a importância de assistir o “*Congresso Brasil Paralelo/Raiç do problema*”, em suas palavras: “*Aconselho assistir a este documentário que envolve a ideologia que sombra o Brasil. Fatos incontestáveis e impossíveis de tirar do atual momento nacional e internacional, algo que propositalmente é ignorado pelo principal meio de comunicação e entretenimento*”.

A tática de atuação do *Brasil Paralelo* opera-se em repercutir esta narrativa predominante em discursos da extrema-direita Comunismo e Nazismo é o lado da mesma moeda, esta narrativa está presente no “*Congresso Brasil Paralelo/Raiç do problema*”. Em seu livro “*Dialéti-*

8. Brasil Paralelo EP3: A Raiz do Problema - Como chegamos aqui?, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bxMWBx3F1qY>, acesso em: 20/08/2020.

9. CAMARGO, Iná. *Dialética do Marxismo Cultural*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

ca do *Marxismo Cultural*” Camargo ressalta “uma tática eficaz muito utilizada foi a conversão de “socialistas” e “comunistas” ao nazismo – troféus amplamente ostentados” (Camargo, 2020).

Outro entusiasta do *Brasil Paralelo* da família Bolsonaro é o Eduardo Bolsonaro, atualmente Deputado do Estado de São Paulo pelo PSL (Partido Social Liberal), através das redes sociais Eduardo publicou em seu *Facebook* um trecho dos vídeos séries/documentários do *Brasil Paralelo: 1964: o Brasil entre armas e livros*, em destaque “*A Brasil Paralelo já fez filme: resgatando a história do Brasil que a esquerda quis deletar mostrando o verdadeiro cenário sobre 1964, desconstruindo o mito Paulo Freire. Mas para seguir com esse trabalho mostrando a verdade eles contam com você, não com dinheiro público*”<sup>10</sup>. A publicação de Eduardo teve quase 6 mil curtidas, 423 mil comentários e 1 milhão de compartilhamentos.

O documentário citado por Eduardo foi o tema de mais repercussão dos vídeos do *Brasil Paralelo*, lançado 31 de março de 2019 atualmente o vídeo têm aproximadamente oito milhões de visualizações, 596 mil curtidas e 72 mil comentários, não por acaso em se tratando dos interesses dessa direita reacionária, é o revisionismo em torno da ditadura civil-militar, instaurado com o golpe de 1964. Eduardo também participou da primeira produção do *Brasil Paralelo* o “*Congresso Brasil Paralelo*, e a mesma contou com a presença de Jair Bolsonaro.

Com Bolsonaro no poder, o *Brasil Paralelo* passou a ganhar muito espaço no MEC (Ministério da Educação e Cultura). A TV Escola, aquela que Bolsonaro pretendia fechar, tem transmitido o conteúdo da empresa em sua programação. A série “*Brasil a última cruzada*”, do

10.Filme 1964: O Brasil entre armas e livros. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=206915617400591>, acesso em: 10/082020.

*Brasil Paralelo*, foi transmitida na íntegra pela TV escola. O site do Ministério da Educação informou que a emissora “chegou a fazer parte do Ministério da Educação, mas desde 2015, mantém apenas contrato de gestão com o MEC para produção de conteúdo e gestão operacional”. O canal possui link para o domínio oficial da União, gov.br, o email de contato é tvescola@mec.gov.br e, no ano passado, o canal recebeu R\$ 73 milhões do MEC. O ex-ministro da Educação Abraham Weintraub despejou a emissora e não renovou o contrato com a associação responsável pela programação.

De acordo com Nicolazzi (2020), “a série não apresenta as fontes e as documentações históricas que baseiam seus argumentos, como se espera de uma pesquisa consistente. A versão apresentada depende da narração em off e das opiniões dos entrevistados”. Do ponto de vista de qualidade da série em nenhum momento é apresentado fontes e documentos históricos para legitimar a narrativa, após feito todo este processo torna-se necessário adotar uma série de mecanismo, protocolos metodológicos e teóricos para sustentar e legitimar o conhecimento histórico. Já a legitimidade da narrativa do *Brasil Paralelo*, em especial a série - *Brasil a última cruzada*, está ligada apenas aos palestrantes escolhidos por eles, em sua maioria são empresários e ideólogos do Olavo de Carvalho.

“Por décadas destruíram o nosso patriotismo. Através das escolas e da mídia nos fizeram acreditar que somos um povo fadado ao fracasso que não temos virtude<sup>11</sup>”, anuncia Filipe Valerim, um dos sócios fundadores da empresa, em 13 segundos do *capítulo 2 – A Vila Rica/Brasil a última cruzada*, a série exibida pela TV Escola. Diante

---

11. Capítulo 2 - A Vila Rica | Brasil - A Última Cruzada”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svViHH8IBVg>, acesso em 12/08/2020.

disso, a produção ajudou a dar vitrine o recém-nomeado presidente da Biblioteca Nacional, Rafael Nogueira, filósofo e professor conhecido em canais de *YouTube* da direita bolsonarista e contrário ao republicanismo brasileiro que derrubou a monarquia em 1889.

No dia 20 de setembro de 2019, o presidente Jair Bolsonaro disse que preparou um discurso centrado em “*patriotismo e soberania*<sup>12</sup>” para abrir a Assembleia-Geral das Nações Unidas, evento ocorrido dia 24 de setembro de 2019 na cidade de Nova York. Um dos eventos mais importantes do calendário da ONU. A fala de Bolsonaro se aproximou muito com a fala de Valerim destacada acima, ambos ressaltam o “patriotismo” brasileiro e para o sócio fundador da empresa resgatar o patriotismo é um dos objetivos das produções do *Brasil Paralelo*.

No mês seguinte, entre o dia 11 e 12 de outubro de 2019 na cidade de São Paulo, ocorreu *Conservative Political Action Conference* (CPAC), Conferência de Ação Política Conservadora, contando com a presença de público significativo e com a transmissão simultânea pela rede mundial de computadores. Organizado pelo filho do presidente, Eduardo Bolsonaro, o foco da discussão era sobre as perspectivas do futuro do Brasil e as diretrizes conservadoras, tendo a empresa *Brasil Paralelo* sua principal referência em temas ligados a educação e a cultura do país. Portanto, torna-se evidente a forte influência da produção material do *Brasil Paralelo* a serviço da extrema-direita.

O evento teve a participação de figuras ligadas ao Governo Bolsonaro e mediada por membros da empresa *Brasil Paralelo*. Dentre eles,

---

12. Discurso de Bolsonaro na ONU vai realçar o patriotismo e a soberania. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/09/20/discurso-de-bolsonaro-na-onu-vai-realar-patriotismo-e-soberania.ghtml>, acesso em: 12/08/2020.

ali estava Rafael Nogueira o atual presidente da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o colunista dos sites *Implicantes e Ordem Livre* - Flávio Morgenstern, o *youtuber* bolsonarista Bernardo Kuster, sendo os dois primeiros ex-alunos do Olavo de Carvalho participaram e discutiram a agenda do Brasil. Por consequência, o objetivo desses jovens é representar, defender e reproduzir as ideias do guru. Inúmeros foram os inimigos destacados pelos palestrantes e debatedores: globalismo, iluminismo, marxismo, socialismo e esquerdismo, comunismo, a *Folha de São Paulo*, a Globo, Karl Marx, Lênin, Gramsci e outros; tais temas são encontrados nas próprias produções do *Brasil Paralelo*, via de regra. Embora fosse um evento conservador, o pensamento do sardo italiano Antônio Gramsci recebeu uma atenção considerável, principalmente à apropriação de sua ideia de ‘hegemonia’, a partir do terreno cultural, ideia que chegou ao Brasil no início dos anos 2000 pelas mãos de Olavo de Carvalho. Foram transmitidos ao vivo no telão no palco do evento dois dos vídeos da *Brasil Paralelo* “acusaram a Esquerda de ter orquestrado uma estratégia de hegemonia, partindo da ocupação das instituições educacionais, culturais e da mídia<sup>13</sup>”.

Ainda em 2019, o *Brasil Paralelo* deu início a produção *Pátria Educadora*, a série é dividida em três episódios “*O Fim da História/ Pelas Barbas do Profeta e Guerra contra a inteligência* - documentário orçado em 2 milhões de reais<sup>14</sup>. A empresa sempre ressalta que não aceita dinheiro público e se financia apenas com o dinheiro dos membros assinantes. Segundo o jornal *Folha de São Paulo*, “a base de consumi-

---

13.A Internacional da Extrema-Direita. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-internacional-da-extrema-direita/>, acesso em: 13/08/2020.

14.Valerim destaca o valor do documentário a partir de 1min 38seg de fala, logo no início do vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EU5sAWPKgMc>, acesso em: 12/08/2020.

dores de seus produtos estava em cerca de 20 mil pessoas no início do ano e subiu, mas a produtora não revela números atuais. Pelo seu site, pode-se comprar acesso a vídeos, cursos de ensino a distância com pensadores conservadores e e-books. Há assinaturas que variam de \$ 480,00 a \$ 687,00”<sup>15</sup>.

Já no final de março de 2020, ocorreu o lançamento da série ‘*Pátria Educadora/trilogia*’, o documentário segue sendo umas das produções ao lado de *1964: O Brasil entre armas e livros*; do *Brasil Paralelo* com maior notoriedade, totalizando mais 3.377.190 milhões de visualizações. Em conteúdo exclusiva do *Brasil Paralelo* o guru da extrema-direita Olavo de Carvalho fala: “*Por que a esquerda é dominante nas Universidades?*” Porque a esquerda foi força agente a se interessar a lidar com isso. O pessoal de direita, bom, existe vários tipos de direita, a direita antiga truculenta no tempo dos milicos, tipo o CCC (Comando de Caça aos Comunistas) só bater em comunista. O comunista merece apanhar? Sem sombras de dúvidas. Mas nunca teve no país uma direita organizada<sup>16</sup>”.

Por que o *Brasil Paralelo* escolheu justamente Olavo de Carvalho para ser figura de destaque em suas produções? Não por acaso, as estratégias adotadas por ele se fazem presente na retórica do ódio, e, de um lado, uma desqualificação que torna o outro um nada, Olavo consegue mexer seu tabuleiro jogando com seus ex-alunos, a família Bolsonaro, os próprios *membros* do *Brasil Paralelo* e alguns apoiadores

15.“Produtora Brasil Paralelo revisa a história em filmes e livros com visões de direita”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/08/produtora-brasil-paralelo-revisa-a-historia-em-filmes-e-livros-com-visao-de-direita.shtml>, acesso em 12/08/2020.

16.Pátria Educadora – Olavo de Carvalho: Por que a esquerda é dominante nas Universidades? Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/patria-educadora-olavo-de-carvalho/media/5e985a2c98a2ca001f648079>, acesso em: 13/08/2020.



de Jair Bolsonaro, sendo assim, Olavo reproduz suas ideias e defende seus interesses. De acordo com o historiador Calil:

Paradoxalmente, o sucesso de Olavo de Carvalho baseia-se em um conjunto de ferramentas de comunicação análogo às que Gramsci propunha aos comunistas para conduzir a “guerra de posições”, ou seja, a batalha de ideias. Fazendo isso, participou de uma forma de revolução cultural da direita, facilitando a eleição de Bolsonaro, cujo governo reflete suas posições essenciais: anticomunismo, negação das questões climáticas, questionamento dos direitos humanos, ataques contra as mulheres, negros e minorias sexuais. Sabemos hoje que foi o próprio intelectual quem escolheu o atual ministro da Educação, Abraham Weintraub, e o das Relações Exteriores, Ernesto Araújo. Mas sua influência atinge sobretudo o presidente e seus filhos: Flávio (senador), Eduardo (deputado federal) e Carlos (vereador do Rio de Janeiro)<sup>17</sup>.

Olavo participou de quase todas as produções séries/documentários do *Brasil Paralelo*. Para tanto, a participação do guru é peça central do conjunto de interesses, o qual está por trás do *Brasil Paralelo*. O olavismo se espalhou por diferentes espaços e, com ascensão de Bolsonaro à presidência, foi tornado política de Estado em setores da educação, cultura, do meio ambiente e da política externa. Por meio desses espaços, surgiu uma nova cultura, cultura está para o ex-secretário da Cultura, Roberto Alvim, “assim como Goebbels havia afirmado em meados do século XX que a “arte alemã da próxima década será heroica” e “imperativa”, Alvim afirmou que a “arte brasileira da próxima década será heroica” e “imperativa<sup>18</sup>”.

“Estamos aqui para um novo passo, um passo em direção em retomada para nossa verdadeira cultura, da nossa verdadeira missão

---

17. “O astrólogo que inspira Jair Bolsonaro”. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/o-astrologo-que-inspira-jair-bolsonaro/>, acesso em: 13/08/2020.

18. “Secretário Nacional da Cultura, Roberto Alvim faz discurso sobre arte semelhante ao Ministro da Propaganda de Hitler”. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/17/secretario-nacional-da-cultura-roberto-alvim-faz-discurso-sobre-artes-semelhante-ao-de-ministro-da-propaganda-de-hitler.ghtml>, acesso em: 13/08/2020.

como brasileiros” (VALERIM 18/10/2017<sup>19</sup>). Qual é a semelhança da fala de Valerim e das posturas dos ex-secretários da Cultura (Roberto Alvim/ Regina Duarte) do Governo Bolsonaro?

Ex-dono de um teatro na rua Augusta, em São Paulo, Alvim assumiu seu primeiro cargo no governo no meio do ano passado depois de começar a mostrar alinhamento com ideias do presidente Bolsonaro e defender ideias de artistas conservadores como Regina Duarte. Em junho, o dramaturgo fez uma publicação em seu *Facebook* convocando os “artistas de teatro conservadores” para criar uma máquina de guerra cultural<sup>20</sup>.

Já a “namoradinha do Governo” Regina Duarte, em entrevista para o canal CNN Brasil, Regina comentou sobre a ditadura-civil-militar, a atriz minimizou as mortes corrida no período e ironicamente comentou a respeito: “cara, desculpa, eu vou falar uma coisa assim: na humanidade, não para de morrer. Você fala vida, do lado tem morte”, disse ela. Quando o apresentou lembrou que houve tortura no período, ela respondeu: “tá bom, mas sempre houve tortura”<sup>21</sup>. Desse modo, as produções do *Brasil Paralelo* retratam a própria mentalidade e a lógica das figuras do alto escalão.

Como é feito as produções do *Brasil Paralelo*? Utilizam uma série de imagens e frases de efeito e se guiam por uma ideologia monarquista, cristã e patriótica. É uma história “contada de cima”, heróis

19. Capítulo 2/ A vila Rica. A fala ocorre entre os primeiros minutos iniciais, para ser específica, exatamente entre 1min e 4seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svViHH8IBVg>, acesso em: 13/08/2020.

20. “As polêmicas de Roberto Alvim, secretário de Bolsonaro que perdeu cargo após vídeo associado a nazismo”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51153391> acesso em: 13/08/2020.

21. “Regina Duarte deixa a secretaria da Cultura: a curta trajetória da atriz no cargo”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52568937>, acesso em: 13/08/2020.

nacionais, grandes feitos. O segundo ponto da técnica é apresentar sempre nas entrevistas um “especialista” do conteúdo e, finalmente, a terceira técnica é ressaltar o patriotismo brasileiro, combater o “comunismo” e o suposto viés de esquerda nas Universidades e nas escolas. Essa estratégia de marketing agressiva legitima projeto de leis como “*Escola Sem Partido*”.

## MODUS OPERANDI: PEDAGOGIA DO OPRESSOR: A PATOLOGIZAÇÃO DA LUTA DE CLASSES NA TRILOGIA PÁTRIA EDUCADORA

Resulta emblemático que entre 31 de março e 1º de abril de 2020 tenham estreado na plataforma de vídeos *Youtube* os dois primeiros filmes da trilogia *Pátria Educadora*, lançados pela empresa gaúcha *Brasil Paralelo*. As datas remetem a um momento de inflexão bastante determinante para a História do país, por terem sido os marcos do golpe civil-militar que depôs o presidente João Goulart, num pôr do Sol da democracia que abria lugar para uma imensa noite, que duraria 21 anos.

A trinca de lançamentos foi completada com o seu terceiro episódio no dia 11 de abril. *Pátria Educadora* consiste numa tentativa, *revisionista*, de reescrever a História da Educação no Brasil. O primeiro sinal já deriva da reprodução, no seu título, do slogan que precedeu os lemas *Ordem e Progresso*, de governo Michel Temer, e *Brasil Acima de Tudo, Deus acima de todos*, do governo de Jair Messias Bolsonaro. O lema foi escolhido para, supostamente, simbolizar a priorização da Educação no segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff, interrompido a partir do fatídico 31 de agosto de 2016, por meio de um

impeachment que pode ser caracterizado como um ponto de culminância na blindagem da democracia brasileira. Esse processo encontra sua origem na década de 1970 com a crise do socialismo real no Leste Europeu, com a derrocada do Welfare State na Europa, sendo acompanhado por uma forte ofensiva neoliberal do capital em escala internacional.<sup>22</sup>

Sobre o revisionismo histórico, a despeito de haver um quadro de aplicações controversas do termo na historiografia internacionalmente, quando se tenta definir no plano conceitual as tentativas de reescrita da memória sobre o passado vivido, ou não, pelos sujeitos históricos, cujos pés se encontram, inexoravelmente, apoiados no “anel delicado do tempo presente”<sup>23</sup>; bem como a respeito das disputas constantes entre diferentes leituras da realidade, sobretudo aquelas que se aventuram corajosamente na controversa interpretação dos processos políticos, pode ser bastante enriquecedor manter em vista dois aspectos fundamentais desse amplo debate.

Primeiro, aquele ao qual se refere Traverso (2017, p.37), sobre os abusos do revisionismo. Nesse sentido, o termo deve ser mais bem medido e pesado ao ser aplicado pelos historiadores, cujo principal objetivo ao produzirem narrativas que tomam como base o paradigma indiciário da investigação sobre o passado deve ser o de testar a lógica histórica, evitando dogmatismos e simplificações arbitrárias. Deve-se portanto, manter em vistas, sempre, o interesse em produzir

---

22.Para mais sobre a *democracia blindada* ver: DURIGUETTO, Maria L. DEMIER, Felipe. Revista Argumento, Vitória. v.9, n.2, p.8-19, p.8-19. ago-2017.

23.Trecho inspirado no verso de NERUDA, Pablo. Integrações: sem sair do presente/que é um anel delicado/tocamos a areia do ontem/ e no mar ensina o amor/um arrebatamento repetido. IN: O Coração amarelo. Porto Alegre: L&PM. 2009. p.49.

historiografia crítica<sup>24</sup>, independentemente das simpatias e matizes político-ideológicos que os encantem ou movam os seus olhares em direção ao passado.

Nesse sentido, a atividade de historiar precisa estar preenchida por uma disposição em buscar objetividade no olhar e na construção da narrativa, sem com isso perder de vista a necessidade da imaginação para enxergar o não visto. No ponto de equilíbrio dessas dimensões, a do interesse em buscar rigorosamente as verdades, e o de fluir a capacidade criativa, moram o desafio e a beleza da ciência histórica.

O segundo ponto do debate sobre a atualidade do revisionismo se integra ao reconhecimento do esforço dos filmes da trilogia da Pátria Educadora na patologização da luta de classes e das suas expressões na História. Nesse conjunto, são particularmente alvejadas as experiências de ruptura revolucionária, sobre as quais são construídas leituras decididamente empenhadas na sua anatemização,<sup>25</sup> numa espécie de amaldiçoamento simbólico discursivo das experiências revolucionárias.

No caso específico do filme *Pelas Barbas do Profeta*, que será o documento histórico que fundamenta essa análise, juntamente com os guias de estudos que embasaram a produção do mesmo, o empenho na construção de uma narrativa que inclui até mesmo formas de criminalização das lutas sociais e militâncias, atinge intelectuais e experiências do campo da educação popular, tais como

---

24.Cf. POMIAN, Krzystof. *Storia ufficiale, storia revisionista, storia critica*. Mappedel Novecento. Milão: Bruno Mondadori, 2002, p.143-150.

25.LOFF, Manuel. *Depois da Revolução? Revisionismo histórico e anatemização da Revolução*. In: MELO, Demian Bezerra. *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Consequência. 2014. p. 53-65.

Paulo Freire. Reposicionando a escola na linha de frente da dinâmica da luta de classes.

A escola consiste num espaço estratégico da disputa pelo consenso em torno do projeto da extrema direita contemporânea, que apresenta uma busca ativa pelo controle do corpo e da alma da Educação pública, ou seja, se aproximam das instâncias administrativas no Estado restrito para uma reconversão do seu espírito público em público-privado, por meio de parcerias com Organizações Sociais, ONGs e de Fundações e Programas de salvação educacional, gestados no seio do grande capital brasileiro e internacional. Outrossim, pondo em voga a tentativa de eliminação das suas contradições, em razão do interesse em eliminar-lhe dos conflitos, inerentes à prática educativa. Nesse movimento contraditório, a escola consiste num espaço de mediação das relações sociais, preenchido, para além dos seus conflitos, por ensinamentos e lições, experimentações e pela pavimentação de caminhos que levam os educadores e educandos para mais perto de práticas libertadoras. São, logo, capazes de impor barreiras à reprodução da dominação das classes por meio da entronização das formas da ordem social burguesa na vida da classe trabalhadora.<sup>26</sup>

## LOFF E A ANATEMIZAÇÃO DAS REVOLUÇÕES

Algo importante de manter em vistas na análise dos processos políticos e da relação entre História e Memória, se refere ao fato de as Revoluções serem fenômenos cruciais no entendimento das dinâ-

26. Para saber mais sobre o conceito de classe trabalhadora que orienta o artigo e o lugar da diversidade no seu interior ver: MATTOS, Marcelo Badaró. A classe trabalhadora: de Marx aos nossos tempos. São Paulo: Boitempo. 2019.

micas societárias, em qualquer tempo e/ou formação social. Como tais, são também fenômenos estudáveis, que pela sua centralidade no entendimento dos processos históricos são, também, atravessados por presentismo.

Em que pese serem eventos que promovem rupturas bastante significativas, seus efeitos não são incontestáveis, nem irreversíveis do ponto de vista da experiência histórica. A forma como os especialistas, utilizando as mais variadas técnicas de investigação e situados nos mais diversos campos das ciências humanas, pavimentam o caminho do conhecimento que desagua na memória social, ajuda a construir mediações ancoradas em formas específicas de percepção sobre os processos revolucionários, as quais, por sua vez, variam sensivelmente de acordo com os interesses na mobilização desse olhar.

Nessa direção, o historiador português Manuel Loff argumenta que no último meio século pode-se observar uma mudança de perspectiva acerca dos processos revolucionários que marcaram a História do Ocidente, dando-lhe formas e conteúdos políticos, sociais e ideológicos que se tornaram hegemônicos nas formações sociais do mundo ocidental: a Revolução Francesa e a Russa. Houve, segundo o autor, uma migração do eixo epistemológico. Do reconhecimento da diacronia, elaborada com base em “marcos de mudança sócio-política muito intensa” tem-se ido ao encontro de uma “perspectiva revisionista da História, porque ideologicamente coerente com um ciclo de hegemonia (para usar um conceito de Gramsci) neoliberal e conservadora”.<sup>27</sup>

---

27.Ibid. p. 54.

Loff observou esse fenômeno no primeiro ano da primeira década do Século XX. Presentemente, quase uma década depois, o seu aprofundamento parece claro. O historiador português detecta que essa virada epistemológica, que àquela altura já se estendia por mais ou menos trinta anos:

[...] tem encontrado terreno particularmente acolhedor nas representações históricas que a cultura mediática difunde, ou nos discursos históricos, ou aparentemente históricos, que o Estado e as elites sociais e culturais produtoras de discurso histórico têm vindo a fazer. Este movimento que habitualmente se designa por *revisionismo histórico* tem como um dos seus objetivos centrais na batalha intelectual – é certo que intelectual, mas com fortíssimas repercussões políticas – a ‘liquidação da tradição revolucionária’<sup>28</sup>

Nesse quadro, o filme *Pelas Barbas do Profeta*, da empresa *Brasil Paralelo*, vista como um APH da extrema direita brasileira, representa uma continuidade da virada epistemológica detectada por Loff, envidando esforços para adentrar as discussões acerca da Educação formal e da escola pública, portando a bandeira da *patologização* dos processos revolucionários.

Realizam, nessa direção, uma extensão da natureza - supostamente - patológica das ideias e formas de expressão política que não estabeleçam pactos ou compromissos definitivos com a reprodução social do capital. Em paralelo, abrem sendas para a difusão das ideias de intelectuais orgânicos, partilhando da construção da sociabilidade neoliberal, e de um projeto político marcado pela defesa permanente da presença da iniciativa privada no Estado restrito, para conduzir o sistema e as políticas educacionais brasileiras.

No curso dessa propaganda *patologizadora* e *anatemizadora*, admite-se, inclusive, a abertura de frentes para a interlocução com figuras

28. Ibid. p. 54.



carimbadas da extrema-direita no Brasil, tais como Olavo de Carvalho, Abraham Weintraub e Ilona Becskeházy, cujo prestígio junto às hostes proto-fascistas e a presença em altos cargos do aparelho burocrático do Estado restrito também anunciam com clareza a profundidade das articulações entre sociedade civil e política. Alguns desses próceres da extrema direita surgem como referências centrais da trilogia *Pátria Educadora* que respaldam, por meio de depoimentos concedidos em entrevista à produção da película, a argumentação do segundo filme da trilogia: *Pelas Barbas do Profeta*, dedicado à detratção da condução das políticas públicas para a Educação no Brasil centrando as atenções em educadores brasileiros que protagonizaram a História da Educação pública no país, a exemplo de Anísio Teixeira e, em especial, do pernambucano Paulo Freire. Tendo em vista esse panorama, o segundo filme da trilogia será analisado, a bem da verdade de modo bastante preliminar e sintético, a seguir.

## PELAS BARBAS DO PROFETA: A EXTREMA DIREITA CONTRA O ESTADO.

A trilogia *Pátria Educadora*, maior produção do canal, como informa Lucas Ferrugem no vídeo de abertura do seu primeiro filme *O Fim da História*, se anuncia com o objetivo geral, por assim dizer, de apresentação aos espectadores e assinantes da plataforma da produtora Brasil Paralelo os principais aspectos do fosso educacional brasileiro, refletido nos índices de desempenho – insatisfatórios – nos rankings internacionais que medem a qualidade da educação, com destaque para o Programa Internacional de Avaliação de Alunos, (PISA), criado e aplicado bianualmente pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Identificando o sistema educacional brasileiro como um problema concreto para o desenvolvimento dos estudantes e da formação social brasileira, por meio de critérios particularmente caros à racionalização neoliberal, a trilogia tem no primeiro filme, intitulado *O Fim da História*, numa clara analogia à tese do filósofo nipo-estadunidense Francis Fukuyama, um compilado de tergiversações a respeito das principais referências intelectuais que embasaram os episódios da trilogia. Nesse episódio, realizam um apanhado internacional, por uma perspectiva que poderia ser enquadrada como uma tentativa de escrever uma História Intelectual da Educação para esquadrihar as noções e princípios que, desde a Antiguidade Clássica, teriam norteado o discurso e a prática educacional, tomando como eixo espaço-temporal a Europa.

O segundo episódio da trilogia, traz um apanhado sobre as principais ideias e educadores que nortearam a estruturação do sistema nacional de ensino, seguida de uma crítica ao educador Paulo Freire e sua obra, por reconhecê-lo como a principal referência ideológica para a organização de um sistema público de educação conduzido pelo Estado na contemporaneidade, levado às últimas consequências pelos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) no Brasil.

No terceiro e mais contundente episódio, *Guerra contra a Inteligência*, se enceta uma denúncia sobre a situação educacional no país, dando destaque à política nacional de alfabetização e ao – suposto – desperdício do dinheiro público nesta área, tentando apontar os principais problemas da gestão educacional nacional, bem como os maiores responsáveis por esse quadro de insuficiência educativa, que se reflete nos maus desempenho no índices internacionais e

que precisa ser enfrentado por um planejamento educacional que enfrente esse quadro nos próximos anos.

O episódio *Pelas Barbas do Profeta*, cabe sob medida nesse artigo porque permite elucidar o posicionamento do discurso de patologização revolucionária como aliada na racionalização da crítica da educação pública e gratuita no Brasil, com ênfase nas iniciativas de educação popular, representadas como ameaçadoras e profundamente arcaicas. Nesse sentido, a suposta hegemonia de esquerda teria dado às ideologias o protagonismo de um processo que deveria ser regido pela técnica. Tal desconexão da realidade, por motivações político-ideológicas seriam resultado da presença do marxismo cultural e da sequência de uma visão estatizante da educação no país, intensificada com os governos petistas, mas que possuiria raízes mais profundas.

Puxando esse fio na História Republicana, a partir do Século XIX, a cujo marco inicial vem a ser Proclamação, o primeiro traço da patologização das Revoluções no episódio dois surge na análise dos efeitos das ideologias europeias no Brasil do Século XIX. A exaltação do Iluminismo, nesse caso, teria sido a grande responsável pelo tipo de República que se construiu no Brasil e conseqüentemente, teria sido está a fonte geratriz do modelo de política educacional brasileiro, dotado de grande autonomia aos Estados da Federação. Se iniciava ali a centralização burocrática do Estado, ainda mal acabada, porque dependente das autonomias regionais. Tudo isso, sob efeito das inspirações iluministas.

Esse quadro de descentralização não representa um equívoco do ponto de vista da História das Políticas Educacionais republicanas, levando em conta que de fato a autonomização regional,

no ainda inorganizado sistema educacional brasileiro, consistiu no modelo da gestão educacional da área, até a década 1930. A inconsistência central dessa argumentação está na relação arbitrária entre passado, presente e realidades espaço-temporais distintas, num anacronismo digno de uma História *Magistra Vitae*. Essa estranha ponte entre ideologias europeias e a organização do sistema educacional no Brasil se estabelece sem maiores referências fora do aspecto positivista e factual da análise histórica. Complementarmente a primeira nota da patologização revolucionária no episódio dois surge na crítica da inspiração nos ideais iluministas para a organização do sistema de ensino.

Sobre a Era Vargas, o episódio apresenta a construção dos alicerces da Educação Moderna no Brasil, em razão da criação do Ministério da Educação, guiado por uma perspectiva centralizadora e fiscalizadora da Educação Nacional. Nesse sentido, a organização do sistema educacional brasileiro teria ocorrido, em razão das reivindicações por educação formal e alfabetização. Essa demanda secular da classe trabalhadora, semeada no terreno da luta de classes, aparece na narrativa do episódio como uma incorporação do estado varguista que “não era ainda especificamente para a doutrinação, mas tentava atender a demandas reprimidas” (GIULLIANO, 2020)<sup>29</sup>

Thomas Giulliano, apresentado na trilogia como professor e autor do livro *Desconstruindo Paulo Freire*, aponta que sob a égide da “centralização burocrática” teria havido a conciliação de interesses dos principais grupos de pressão que disputavam a hegemonia educacional: militares, religiosos e, os recém-chegados comunistas, após

---

29. Pelas Barbas do Profeta. Direção: Lucas Ferrugem, Filipe Valerim. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UPDjFGGN2w0&t=41s>> Acesso em: 17.08.2020.

a criação do Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922. Os comunistas, segundo Giulliano, organizavam “frentes políticas, militares e culturais que perseguiram a revolução”. Sob a influência do que denomina “doutrina marxista”, Giulliano, em seguida, identifica que “nós temos um marxismo no Brasil que se formou a partir de um entendimento do papel do Estado”.<sup>30</sup>

Nesse sentido, em razão de não ter àquela altura atingido “ainda as condições ideias para a supressão do Estado”<sup>31</sup>, o comunismo brasileiro teria formado apenas alguns poucos quadros de renome, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade e Graciliano Ramos, tendo, paralelamente, se apoiado em leituras bastante precárias de Marx, sentencia Giulliano.

Como terceira grande escola a disputar a hegemonia dos assuntos educacionais, o autor de *Desconstruindo Paulo Freire* elenca o progresso do ideário da Escola Nova<sup>32</sup>, que contava com intelectuais de renome, tais como Fernando de Azevedo, Cecília Meireles e Anísio Teixeira. Segundo Giulliano, inspirados em John Dewey, que reunião na sua elaboração filosófica influências de Kant, Hegel e Rousseau, tratados como notórios defensores do papel do Estado. Na análise do astrólogo Olavo de Carvalho:

“O John Dewey era um herdeiro da escola pragmática. Para o pragmatismo, o conhecimento praticamente não existe. Só existem convenções. Então, qual o sentido de um conceito, por exemplo? O

---

30.GIULLIANO, Thomas. In: Guia de Estudos Pátria Educadora. Rio Grande do Sul: Produtora Brasil Paralelo. 2020. p.4.

31.Ibid. p.5.

32.Sobre o ideário, os intelectuais e o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova ver: SEM AUTOR. “Verbete: Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. Dicionário Temático. Disponível em: <<http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/manifesto-dos-pioneiros-da-educacao-nova>> Acesso em: 13.08.2020.

sentido de um conceito é o sentido em que você vai usar o conceito. Se você define uma bola como isto, assim e assim, não é porque a bola seja isto, é porque você vai usar a bola desta maneira. Tudo fica condicionado ao uso prático e imediato. Não há mais... a questão da veracidade não existe mais. Veracidade é apenas prática, praticidade”

Por essas três linhas fundamentais, religiosos, comunistas e pragmatistas fizeram parte da conciliação pragmática dos interesses, concatenados pelo burocratismo varguista. A despeito se diferenciarem em relação aos seus programas educacionais, note: todas elas defendiam o papel do Estado, alerta Thomas Giulliano.<sup>33</sup> A sucessão de ministros é outro aspecto tangenciado pela análise do escritor, na história das Políticas Educacionais brasileiras.

Posteriormente, com base na longevidade do mandato do ministro da Educação Gustavo Capanema, e nos exemplos das gestões de Pedro Calmon (1959-1960), Darcy Ribeiro (1962-1963) e Paulo de Tarso (1963), a narrativa do episódio denuncia a longa duração da representação de interesses diretos dos grupos de pressão citados anteriormente, por meio da articulação dos seus interesses particulares em torno de um ideal comum, sob a égide do centralismo burocrático, que teria atravessado toda a era Vargas, bem como influenciado incorporado ao desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek e ao reformismo de João Goulart. A História da Educação do Brasil, por esse prisma, aparece como a História da defesa do papel do Estado na Educação.

Apoiada nessa racionalização a narrativa se desloca, abruptamente, em direção à memória sobre o patrono da educação brasileira: Paulo Freire. O esforço de anatemização da Revolução como fenômeno histórico atinge aqui o seu ápice no episódio. Com base

---

33.GIULLIANO. Op.Cit. p.7.

nas experiências de Freire em Angicos e no emprego do método Freire de letramento dos analfabetos em idade adulta, o episódio destaca o impacto da Revolução Cultural Chinesa na concepção de Educação e na prática pedagógica de Freire. Incorporada durante o período em que foi preso por e em seguida exilado, realizando experimentações na área de alfabetização como no caso do Chile<sup>34</sup>

Na detração da experiência revolucionária chinesa, dirigida por Mao-Tsé-Tung, o episódio apresenta a versão teórica proposta por Mao, na sua interpretação da teoria marxista aplicada à realidade chinesa, bem como expõe a crítica *revisionista*, bastante de Jon Halliday<sup>35</sup>, que denuncia horrores do processo revolucionário na sua "fase do terror".

O efeito do processo revolucionário chinês surge no episódio como o epicentro de um processo de contestações à ordem burguesa que tem o seu estopim na Europa, a partir do maio de 68. Dessa mobilização emergia uma nova plataforma de lutas, apoiadas em reivindicações que buscavam uma *inversão da dialética marxista*, que deveria migrar da estrutura econômica à para a cultura, ou na analogia dizeres de Burke, do *porão ao sótão*, como o espaço por excelência da transformação social.

No bojo desse novo enquadramento surgiram, segundo a narrativa fílmica em questão, intelectuais que figuram no topo das listas dos mais influentes nas pesquisas acadêmicas e meios de comunica-

---

34. Para mais sobre o exílio de Paulo Freire, ver: CARVALHO, Marco Antonio Batista. Paulo Freire e o Exílio no Chile: uma contribuição recíproca para uma visão de mundo. Revista Educere et Educare, vol.4, nº 7, jan-jun.2009. p. 191-201.

35. HALLIDAY, Jon. Mao, a história desconhecida. São Paulo: Cia das Letras. 2005.

ção internacionais contemporâneos, tais como os franceses Michel Foucault e Pierre Bourdieu e Jacques Derrida.

Scruton analisa o maio de 68, em trecho reproduzido no documentário, enfatizando:

[...] o sentimentalismo da sua raiva, era tudo sobre eles mesmos, não era nada objetivo. Ali estavam baby boomers mimados de classe média que nunca tiveram que lidar com nenhuma dificuldade real, gritando desesperadamente nas ruas.<sup>36</sup>

Diante desse quadro de intensa convulsão social internacional, Thomas Giulliano, descreve a incorporação das novas lições do maio de 68 incorporadas pelo educador pernambucano. Giulliano afirma que se pode encontrar uma leitura de Sartre, desses movimentos e desses intelectuais que conseguiram alcançar alguma espécie de prestígio em nível mundial em Freire”, que fora um leitor voraz deles, embora “aplicará, ao seu modo, uma leitura de um marxismo um tanto quanto vulgar, ” por promover uma supostamente inadequada substituição do oprimido nas relações de trabalho pelo aluno, entendido por Freire como “oprimido dentro do processo de alfabetização.” Pondo termos à perspectiva emancipadora da obra *Pedagogia do Oprimido*, que teve a sua primeira edição publicada em 1968.<sup>37</sup>

Por fim, caracterizando definitivamente o desejo de patologização do espírito revolucionário dos qual estava carregada a educação freireana, Gustavo Maltasch, discorre longamente acerca de Freire e do seu legado da seguinte maneira:

As pessoas tendem a achar que Paulo Freire é simplesmente uma pessoa generosa, que se importa com os alunos, que se importa com a autonomia do pensar, que se importa com a conscientização. E tomadas assim, soltas, ninguém é contra isso. Ninguém é contra a conscientização, ninguém é contra a autonomia do aluno. Mas quando

36. Guia de Estudos Pátria Educadora. Op.Cit. p.20.

37. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Freiburg, Alemanha: Verlag Herder. 1968.



“você vai analisar a obra de Paulo Freire, você vê que ele não fala de uma conscientização qualquer. Ele não quer realmente uma conscientização do aluno para que o aluno, com autonomia possa formar sozinho a sua própria visão de mundo. Ele não quer isso. Para Paulo Freire, a conscientização, a autonomia do pensar é baseada no que ele chama de pensar certo, que é fundamentalmente, uma filosofia anticapitalista, antiliberal e a favor da consciência revolucionária, como ele mesmo chama. [...] Então, a revolução ama a vida, mas, de vez em quando, você precisa tirar umas vidas. Mas não é qualquer vida, só que proíba a vida. E quem vai dizer? A revolução.”<sup>38</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: O “PROJETO” BRASIL PARALELO

Um olhar mais de perto percebemos o projeto por trás do *Brasil Paralelo*, o *projeto* tem por objetivo conquistar o Estado e operar em diferentes espaços, por diferentes métodos e com outras organizações doutrinárias das direitas afim de manter os seus interesses. Dessa forma, partindo do pressuposto de que a academia brasileira e as escolas seriam fortemente dominadas pelo marxismo cultural e pelas ideologias de esquerda, o *Brasil Paralelo* busca disputar esses espaços como uma espécie de luta política e ideológica exercendo um papel pedagógico afim de legitimar suas produções materiais audiovisuais revisionista, o que demonstra essa preocupação estratégica de reescrever a história do Brasil para defender um específico projeto de sociedade.

Os olavistas, como a empresa *Brasil Paralelo*, convém se apropriar do território da educação e da cultura. Após a eleição de Jair Bolsonaro a empresa ganhou ainda mais destaque, de Porto Alegre também passou a atuar em São Paulo oferecendo ao seu público além de séries/ documentários aulas semanais em diferentes módulos ocorridas em sua plataforma todas às quintas feiras e com dife-

38. Guia de Estudos. p. 23.

rentes temáticas ligadas a educação, cultura, história, política, arte e economia. Atualmente soma-se mais o menos 420 produções materiais audiovisuais da empresa.

Por fim, precisamos conhecer as formas de atuação e operação do *Brasil Paralelo* afim de entender o seu *modus operandi* se faz necessário saber quem são os seus principais intelectuais e a narrativa produzida por eles. Destacamos, portanto, nesse processo, a atuação doutrinária desses intelectuais coletivos da burguesia brasileira, em seu objetivo de produção de consenso e a expansão do capital, formando/ educando novos quadros de intelectuais orgânicos. Apon-tamos o processo tardio de ocidentalização da sociedade brasileira como um aspecto fundamental para a compreensão das formas de organização das Direitas no Brasil, como as novas formas de dominação burguesa que se inscrevem a partir da conjuntura de 1990.

## REFERÊNCIAS

CASIMIRO, Flávio H. C. **A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983-1998): a ação pedagógica do Instituto Liberal**. 2011. 193 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal De São João Del Rei. Minas Gerais, São João Del-Rei, 2011.

CAMARGO, Iná. **Dialética do Marxismo Cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

CASIMIRO, Flávio. **A tragédia e a farsa: A ascensão das direitas no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

FEIJÓ, Ricardo. **O Problema Epistemológico Fundamental em Carl Menger**. Est. Econ., São Paulo, v. 30, n. 1, p. 129-163, Janeiro/Março, 2000.

## SITES:

*A TERRAREDONDA*. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-internacional-da-extrema-direita/>, acesso em: 13/08/2020.

BBC BRASIL. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51153391> acesso em: 13/08/2020.

## CAPÍTULO 12

# COMO SE COMPORTA O AGRONEGÓCIO FRENTE À ASCENSÃO DA NOVA DIREITA

Pedro Cassiano (IFPB)

## INTRODUÇÃO

O agronegócio é sem dúvida o setor produtivo mais hegemônico entre as frações da classe dominante no Brasil. Sua dominação não é sustentada apenas pelos recordes de produtividade, mas principalmente pela sua longa e histórica organização política. A classe dominante rural no Brasil configura-se como uma das mais tradicionais e bem organizadas da burguesia do país, com suas primeiras associações datadas ainda no final do século XIX (Mendonça, 1997). Apesar de sua heterogeneidade e interesses econômicos corporativos distintos – por exemplo, a divergência entre pecuaristas e os empresários da soja quanto ao protecionismo dos EUA – a organicidade de suas frações em se aglutinarem em torno de projetos comuns é extraordinário. A coesão aumenta ainda mais em pautas conservadoras históricas, como a defesa da propriedade privada e contra “inimigos” como o ataque violento que empreendem contra o Movimento dos

Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) que configura-se, atualmente, como a principal organização de resistência no campo brasileiro (Medeiros, 1989). Por isso, é importante entendermos o agronegócio frente à ascensão da nova direita no Brasil.

Agentes e agências do agronegócio estão enraizados e se movimentam por todo o Estado ampliado, isto é, no âmbito da sociedade política e na sociedade civil<sup>1</sup>. A hegemonia dos quadros e das políticas realizadas pelo Ministério da Agricultura, a chamada “bancada do boi” no Congresso Nacional e a frente suprapartidária intitulada Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) são exemplos de sua atuação na sociedade política estrita. Essas entidades operam organicamente vinculados às associações e entidades da sociedade civil que tem na Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG) o protagonismo em articular os interesses desse setor, cumprindo um papel importante no consenso intra e entre classes. Temos ainda a Confederação Nacional de Agricultura (CNA), representante oficial do sindicato patronal rural que disputa e soma-se à ABAG como uma das porta-vozes do novo empresariado rural. Portanto, é importante pensar o agronegócio não como um bloco monolítico, e

---

1. Em poucas palavras podemos dizer que o pensamento de Antonio Gramsci sobre Estado supera as matrizes teóricas da ciência política, pois visa entender a totalidade das ações políticas sem tomar o Estado como um ente dotado de vontades próprias ou objetificado. Assim, o marxista sardo considera o Estado como um “centauro”, isto é, uma entidade constituída por duas naturezas, ou dimensões, organicamente complementares: a sociedade política, ou Estado restrito, e a sociedade civil. O primeiro congrega organismos e instituições estatais, Forças Armadas etc., o segundo é formado por organizações e associações de caráter voluntário como sindicatos, associações de classe, jornais, Igreja etc. Essas organizações reverberam interesses políticos ideológicos das classes e frações de classe à qual foram geradas. Possuem como objetivo a construção da hegemonia e a sua penetração/perpetuação na condução da sociedade política através de seus projetos políticos de interesses particulares serem considerados vontades universais. Para saber mais consultar o verbete “Estado” no Dicionário Gramsciano (Liguori & Voza org., 2017)

sim como as frações de classe aglutinadas em torno de consensos políticos ideológicos, mas que também possuem e interesses econômicos corporativos distintos e que por vezes entram em atrito.

A metáfora do “casamento” entre o empresariado rural e o governo protofascista do Bolsonaro serve para ilustrar essa conexão. Durante o dia existem algumas divergências pontuais, principalmente na condução da política internacional, mas ninguém dorme brigado, pois não existe qualquer tipo de obstaculização dos projetos políticos do agronegócio tampouco movimentos de oposição ao governo e sua pauta conservadora. Pelo contrário, o desmonte legal e institucional de organismos públicos de proteção de indígenas e quilombolas está entre as principais medidas que selam esse pacto.

Esse capítulo é um ensaio de sistematização de algumas ações do agronegócio no governo Bolsonaro, principalmente durante a pandemia. Por ser tratar de uma pesquisa em andamento diversas discussões preliminares, como antecedentes históricos das organizações da classe dominante rural e suas frações, serão apenas mencionadas. Carece ainda o texto de resgatar um panorama mais minucioso do contexto político e social do início do século XXI. Contudo acreditamos que isso não prejudica a compreensão da leitura. Além disso, utilizamos inúmeras informações veiculadas pela imprensa, além dos sites e publicações oficiais das entidades analisadas. Não houve tempo de aprofundarmos na pesquisa empírica, realizar a acareação das documentações disponíveis com a bibliografia produzida sobre a temática, pois entendemos que a urgência de expor as reflexões das estratégias de diversos detores da burguesia brasileira nos é imposta.

Neste capítulo abordaremos alguns elementos que ajudam na compreensão do *modus operandi* do agronegócio e suas frações. Em primeiro lugar traçaremos um rápido panorama da atuação do agronegócio no governo Dilma Rousseff (2014-2016) e do governo golpista de Michel Temer (2016-2018) com o intuito de mostrar a continuidade das ações do agronegócio e sua capacidade de perpetuar-se no poder. Incluiremos neste primeiro passo os atritos com o governo Bolsonaro em relação à política internacional. Em seguida apresentaremos dois episódios de ação das entidades e dos políticos do setor no governo Bolsonaro; a articulação da Medida Provisória 910, mais conhecida como a “MP do Agro” e a questão ambiental que repercutiu após a defesa do Ministro Salles pelo empresariado logo após a reunião ministerial de 22 de abril de 2020 tornar-se pública.

Durante todo esse percurso centraremos nossa análise na relação orgânica entre as ações e/ou posicionamento das principais agremiações do agronegócio, principalmente a FPA, ABAG e a CNA tendo em vista que o debate centra-se na teoria e metodologia do pensador sardenho Antonio Gramsci (Mendonça, 2014).

## CONTEXTUALIZANDO O DEBATE: O ENDIREITAMENTO DO AGRONEGÓCIO

Na história recente do Brasil, principalmente no período dos governos petistas (Lula – 2003-2010 e Dilma, 2011-2016) diversos segmentos dos ruralistas se associaram ao projeto político de conciliação de classes (Coelho, 2012). Assim, esses governos foram favoráveis em muitos aspectos na consolidação do agronegócio tal como está configurado atualmente, dando continuidade a ações cruciais

para o desenvolvimento iniciados ainda na década de 1970. Destacamos um conjunto de seis ações do estado restrito que beneficiaram a evolução do agronegócio no país:

- 1) Investimento na pesquisa para o agronegócio liderado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA);
- 2) Expansão das fronteiras agrícolas, principalmente na Amazônia e no Cerrado (regiões do Norte e Centro-Oeste, respectivamente);
- 3) Crédito rural (Planos Safra);
- 4) Investimento em infraestrutura, principalmente para escoamento da produção agrícola no Centro-oeste;
- 5) Descumprimento das metas dos programas de reforma agrária e da demarcação de terras indígenas e quilombolas;
- 6) Flexibilização de marcos regulatórios ambientais.

No âmbito da sociedade política é necessário destacar a formação de uma organização suprapartidária dos representantes do empresariado rural denominada de Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), também conhecida como “bancada ruralista” ou “bancada do boi” (Lima, 2016; Bruno, 2015). Criada em 1995, suas pautas concentram-se na defesa de políticas agrícolas favoráveis ao setor, como aprovação de projetos de leis e emendas parlamentares voltadas para liberação de agrotóxicos além de realizarem forte oposição às regulações ambientais, projetos de reforma agrária, demarcação de terras indígenas e quilombolas<sup>2</sup>.

O atual Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), historicamente palco das principais políticas hegemônicas

2. Para acompanhamento detalhado das ações da FPA pesquisar o site oficial da entidade: <https://fpagropecuaria.org.br/>. Acesso em 10 ago de 2020.

do ruralismo brasileiro, foi ocupado em 2003 por ninguém menos que Roberto Rodrigues, um dos principais intelectuais orgânicos do agronegócio, ex-presidente da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB) e então presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG). Essa agremiação é a principal entidade, ou podemos dizer, no sentido gramsciano, o principal partido do ruralismo brasileiro contemporâneo (Lamosa, 2016). Entre seus filiados constam, sobretudo, outras entidades menores ou de ramos produtivos específicos, como a Associação Brasileira de Gado Zebu (ABCZ), ou a Associação Brasileira de Máquinas Agrícolas (Abimaq) e ainda organizações que não estão ligadas diretamente ao agronegócio, como a Rede Globo e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) (Mendonça e Oliveira, 2015). Isso porque não é possível entender o campo brasileiro em geral, e o agronegócio em particular, tendo uma imagem antiquada do Brasil do início do século passado, constituído apenas por latifúndios, coronéis, pastos, bois, enxada, sementes, camponeses mortos de fome etc. O agronegócio é um dos setores produtivos mais dinâmico forjado ainda na década de 1970 a partir dos Complexo Agroindustriais<sup>3</sup> – CAIs (Sorj, 1980). Possui inúmeras ramificações e conexões com demais setores produtivos, consome e desenvolve tecnologia de ponta – engenharia genética e acompanhamento meteorológico por satélite – e ainda conta com uma expressiva entrada no setor financeiro com o mercado e especulação de terras em bolsa de valores mundiais (Reydon e Fernandes, 2018). Devemos lembrar ainda que existe uma participação pesada na economia brasileira do agronegócio. Entre os itens principais itens

---

3. Em linhas gerais um complexo agroindustrial é a conjugação de cadeias produtivas na agropecuária que integra técnicas e tecnologias industriais na produção e melhoramento.



da pauta de exportações do Brasil estão os produtos agropecuários, como carne, açúcar e soja (Castro, Hershaw, Sauer, 2017).

O desembarque da classe dominante rural do governo Dilma demonstrou fissuras na representatividade do agronegócio. O pagamento do “plano safra 2015” foi apontado como um dos motivos das “pedaladas fiscais” que compôs processo do impeachment em 2016. Nesse período, quem comandava a pasta da Agricultura era a presidente da Confederação Nacional de Agricultura (CNA) e Senadora Kátia Abreu<sup>4</sup> (MDB-TO). A ministra se opôs ao desembarque do governo o que lhe custou não somente a perda do ministério após o golpe como também a presidência da confederação. O embate entre Kátia Abreu na Comissão do Impeachment com o senador Ronaldo Caiado<sup>5</sup> (DEM-GO) é um dos episódios emblemáticos que revela um abalo da representatividade do agronegócio no governo PT que culminou com o isolamento de Kátia Abreu, mas não sua perda de posição e capital político partidário.

4. Goiânia, formada em psicologia pela Universidade Católica de Goiás foi presidente do Sindicato Rural de Gurupi em 1994. Um ano depois foi presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Tocantins (FAET) até 2005. De 2005 a 2008 foi vice-presidente da CNA e presidente da Confederação de 2008 a 2016. Foi deputada federal de 1998 a 2003, Ministra da Agricultura do governo Dilma (2014-2016) e é senadora por Tocantins, cumprindo seu segundo mandato. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/katia-regina-de-abreu>. Acesso em 19 de agosto 2020.

5. Goiano, médico é descendente de família tradicional do estado de Goiás, foi membro da Associação Goiana de Criadores Zebu, da Associação Goiana de Criadores de Nelore e da Sociedade Goiana de Pecuária e Agricultura. Em 1985 fundou a União Democrática Ruralista (UDR) considerada a entidade patronal rural mais truculenta do país. Foi através da UDR que lançou-se na política. Foi candidato à presidência da república em 1989 e apoiou Fernando Collor de Mello no segundo turno e durante seu governo, inclusive sendo um dos poucos deputados que votou contra seu impeachment em 1992. Foi deputado federal em 1990 a 1994 e depois de 1998 a 2014 quando foi eleito senador pelo mesmo estado. Foi ainda governador do estado de Goiás de 1994 a 1998 e novamente eleito governador em 2018. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ronaldo-ramos-caiado>. Acesso em 19 de agosto 2020.

No governo Temer (2016-2018) o agronegócio foi decisivo para seu apoio legislativo, pois a bancada ruralista era a maior bancada suprapartidária no Congresso Nacional. A extinção do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) pode ser considerado uma das mais importantes sinalizações de Temer aos ruralistas de que qualquer política redistributiva de minimização da desigualdade fundiária no Brasil seria esmagada. A pasta concentrava a gestão das principais políticas agrárias do país, como a gestão de políticas para a agricultura familiar, os processos de reforma agrária e de concessão de terras quilombolas. O MDA era tido também como um dos principais formuladores de políticas agrárias progressistas dos governos anteriores e reduto dos movimentos sociais do campo desde a década de 1990 ainda no governo FHC (1994-2002). O cumprimento de quase todas as propostas da “pauta positiva biênio 2016-2017” publicado pela FPA também pode ser considerado a confirmação da aliança espúria entre a bancada do agro e o governo golpista.

## O NOIVADO DO AGRONEGÓCIO COM BOLSONARO

Na campanha à presidência em 2018 não havia consenso dentro da classe dominante rural de quem seria seu candidato, mas a oposição do PT era evidente. Kátia Abreu compôs a chapa de Ciro Gomes como vice, Ronaldo Caiado<sup>6</sup> apoiaria a campanha presidencial de Jair Bolsonaro e pode ser considerado um dos primeiros intelectuais dos ruralistas a apoiarem sua candidatura. A FPA anunciou somente em

---

6.Em entrevista ao programa Roda Viva Caiado afirma que a indicação do Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta (DEM-MS) foi sua indicação ao presidente Bolsonaro. Devemos lembrar que Caiado desembarca no governo em oposição ao negacionismo do presidente e de suas ações contra as medidas de isolamento social perpetradas pelo Ministro Mandetta. Este último sai do governo em TAL data.

outubro de 2018 seu apoio a Bolsonaro<sup>7</sup>. Já eleito, a retribuição veio com a indicação da líder da frente ao Ministério da Agricultura, a deputada federal Tereza Cristina<sup>8</sup> (DEM-MS). Sua gestão está sendo marcada pela acelerada liberação dos agrotóxicos, pauta da bancada

---

7. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/frente-ruralista-no-congresso-anuncia-apoio-a-jair-bolsonaro.shtml> acesso em 07 de abril 2020.

8. Natural de Campo Grande (MS) é formada em engenharia agrônoma pela Universidade Federal de Viçosa foi deputada federal pelo PSB, em 2014, foi líder da bancada de seu partido em 2017. Neste mesmo ano mudou-se para o Democratas. Em 2018 assumiu a liderança da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA). É ferrenha defensora da flexibilização dos agrotóxicos no país. Antes de exercer mandato político ocupou diversos cargos políticos no governo do Estado do Mato Grosso do Sul e também integrou a direção de algumas organizações da sociedade civil: Diretora, Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul - Famasul, Campo Grande, MS, 2001 - 2003; Diretora, Associação dos Produtores de Sementes de Mato Grosso do Sul - Aprosul, Campo Grande, MS, 2001 - 2003; Diretora, Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul - Acrissul, Campo Grande, MS, 2003 - 2006; Superintendente, Fundação Nacional para o Desenvolvimento Rural - FUNAR, Campo Grande, MS, 2006 - 2006; Superintendente, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR, Campo Grande, MS, 2006 - 2006; Conselheira Titular, Conselho de Desenvolvimento Industrial - CDI, Campo Grande, MS, 2003 - 2006; Vice-Presidente, Conselho Nacional de Secretários de Estado de Agricultura - Conseagri, Campo Grande, MS, 2007 - 2009; Presidente, Conselho de Administração das Centrais de Abastecimento - Ceasa, Campo Grande, MS, 2007 - 2014; Presidente, Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável - CEDRS, Campo Grande, MS, 2007 - 2014; Presidente, Conselho Estadual de Investimentos Financiáveis pelo Fundo Constitucional de Financiamento do Centro Oeste - CEIF-FCO, Campo Grande, MS, 2007 - 2014; Conselheira Titular, Conselho Gestor do Fundo de Defesa de Interesses Difusos e Lesados - Funles, Campo Grande, MS, 2007 - 2014; Conselheira Titular, Conselho Gestor do Fundo para o Desenvolvimento das Culturas de Milho e Soja - FUNDEMS, Campo Grande, MS, 2007 - 2014; Diretora Executiva, Fundo de Apoio a Industrialização - FAI, Campo Grande, MS, 2007 - 2014; Conselheira Titular, Fundo de Desenvolvimento do Sistema Rodoviário do Estado de Mato Grosso do Sul - Fundersul, Campo Grande, MS, 2007 - 2014; Conselheira Titular, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae, Campo Grande, MS, 2007 - 2014; Coordenadora, Conselho de Desenvolvimento e Integração Sul - Codesul, Comissão Permanente da Agricultura, Campo Grande, MS, 2007 - 2014; Conselheira Titular, Conselho Nacional de Secretários de Desenvolvimento Econômico - Consedic, Campo Grande, MS, 2008 - 2014; Presidente, Conselho Nacional de Secretários de Estado de Agricultura - Conseagri, Campo Grande, MS, 2009 - 2011. <https://www.camara.leg.br/deputados/178901/biografia>. Acesso em 05 de abril 2020.

ruralista. Tereza Cristina, possui fortes vinculações com o sindicalismo patronal rural em seu estado, o Mato Grosso do Sul.

Mas nem tudo são flores. Nesse novo arranjo entre o governo Bolsonaro e os ruralistas a política internacional é um ponto delicado. Houve episódios de atritos, ou “gafes diplomáticas”, envolvendo o clã Bolsonaro com países que são compradores de produtos agrícolas do país, como a China e países do Oriente Médio. A criação da embaixada em Jerusalém, uma promessa de campanha de Bolsonaro aos seus eleitores pentecostais, foi um desses momentos de tensão com os países árabes, que são compradores, sobretudo de carne do Brasil<sup>9</sup>.

Associado ao posicionamento discreto nesse debate evidencia-se certo desconforto da ABAG em continuar ao lado do governo Bolsonaro. Em artigo publicado em maio de 2020 intitulado “a importância das grandes e pequenas questões”, as críticas ao governo subiram de tom. Os temas como abalos diplomáticos com a China e a troca do Ministro da Saúde no meio da pandemia foram enfatizados pelo artigo como pontos negativos das ações políticas do governo que dificultam a condução da crise sistêmica no Brasil. O texto termina afirmando que:

Países não fecham, mas vão à ruína. Precisamos de lideranças que pensem no País, na população mais vulnerável e nos empregos e no mais importante, que a vida do seu povo. Não é momento para vinganças políticas, rompimentos, nem para oportunistas de plantão visando cargos e benefícios pessoais. O momento é união e reconexão<sup>10</sup>.

9. <https://exame.abril.com.br/economia/exportadores-de-carne-temem-mudanca-de-embaixada-para-jerusalem/>. Acesso em 09 de abril 2020. <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/opinio-ao-cepea/estados-arabes-um-mercado-com-grande-potencial-de-crescimento-para-o-agronegocio-brasileiro.aspx>. Acesso em 17 ago 2020.

10. [http://www.abag.com.br/sala\\_imprensa/interna/aimportanciadasgrandesepequenasquestoes](http://www.abag.com.br/sala_imprensa/interna/aimportanciadasgrandesepequenasquestoes). Acesso em 07 de maio 2020.

A associação divulgou em seu site oficial artigo intitulado “o agro em um horizonte de incertezas” escrito pelo próprio presidente da instituição para a revista *Agronanalisis*. Com uma escrita vaga e superficial, o artigo reforça o papel do agronegócio brasileiro como uma “plataforma de produção e exportação de alimentos competitivos”, defende a revisão da Agenda 2030 que fixou 17 objetivos para o desenvolvimento sustentável sem definir quais objetivos precisariam ser revistos.

Em suas redes oficiais a Confederação Nacional da Agricultura (CNA) lançou no dia 15 de abril de 2020 um “radar coronavírus” com ações para o produtor rural. A ação é apoiada pelo Ministério da Agricultura e conta com uma plataforma nacional de comércio eletrônico para ligar produtores rurais com redes de supermercados e prestadores de serviço, facilitando a comercialização. Foi lançado também um guia que orienta os produtores rurais a vender seus produtos na internet, principalmente pelo “e-commerce”.

Em entrevista ao Canal Terra Viva, sete ex-ministros da agricultura<sup>11</sup> foram unânimes em elogiar a postura e a posição da Ministra Tereza Cristina diante da condução de pacotes e medidas para os “agricultores”. Enquanto a ministra do agrotóxico continuar o agro não terá problemas em seguir com o gafanhoto que ocupa a cadeira presidencial.

Outra unanimidade foi a exaltação da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) que muitos deles faziam ou fazem ainda parte. A Frente publicou em seu site uma entrevista do seu presidente, o

11. Os ministros que participaram do programa foram: Alysson Paulinelli (1974-1979); Francisco Turra (1998-1999); Roberto Rodrigues (2003-2006); Reinhold Stephanes (2007-2010); Neri Geller (2014); Kátia Abreu (2014-2016); Blairo Maggi (2016-2019); <https://www.youtube.com/watch?v=cjSMpGhI-0o>. Acesso em 19 de agosto 2020.

deputado federal Alceu Moreira (MDB-RS)<sup>12</sup>. Foram discutidas medidas encaminhadas ao legislativo para ajudar os agricultores como a ampliação do auxílio emergencial aos produtores rurais<sup>13</sup> e insistem no reforço da necessidade da reforma tributária.

Contudo, a China novamente tem sido o “calcanhar de Aquiles” da relação do empresariado rural com o governo Bolsonaro. No já referido artigo, Britto afirma que a ausência de acordos bilaterais entre o governo brasileiro com o continente asiático, em especial com a China. Vale reproduzir o trecho:

Dessa maneira, aproveitarmos as circunstâncias para obter resultado com o incremento das demandas do continente asiático, em especial a China. Nos faltou durante essa construção a formalização de acordos bilaterais, assunto que hoje faz parte da pauta governamental que negocia com a Europa, Coreia do Sul, Estados Unidos entre outros.<sup>14</sup>

De maneira mais enfática, o presidente da FPA também disse que é necessário conversar a parceria comercial com a China e não desgastar as relações entre os países.

“Se eu quiser chamar alguém para briga eu, pelo menos, tenho que ter como pressuposto a mínima oportunidade de vencer e ter vantagens”, diz Moreira. “Neste momento, só teremos prejuízos. Não é inteligente. A bobagem não tem nenhuma relação da força do sobrenome de quem a produz. Ainda continua sendo bobagem.”<sup>15</sup>

12.<https://agencia.fpagropecuaria.org.br/2020/04/19/alceu-moreira-pede-por-mais-inteligencia-ao-lidar-com-o-maior-parceiro-comercial-do-agro-brasileiro-em-entrevista-exclusiva-ao-agrosaber/>. Acesso em 20 de abril 2020.

13.<https://agencia.fpagropecuaria.org.br/2020/04/23/auxilio-emergencial-para-agricultores-familiares-segue-para-sancao-presidencial/>. Acesso em 16 de abril 2020.

14.[http://www.abag.com.br/sala\\_imprensa/interna/artigoagrianalysis2020](http://www.abag.com.br/sala_imprensa/interna/artigoagrianalysis2020). Acesso em 16 de abril 2020.

15.<https://agencia.fpagropecuaria.org.br/2020/04/19/alceu-moreira-pede-por-mais->

Isso significa uma ruptura com o governo Bolsonaro? Não é possível saber ainda. O que se pode afirmar é que o desconforto foi publicamente divulgado e estamos diante de desconforto da mais importante agremiação do agronegócio ao governo Bolsonaro. Isso também pode demonstrar uma possível fissura entre setores do empresariado rural, entre aqueles que ainda necessitam do aumento de terras e àqueles que estão preocupados com a transnacionalização do sistema alimentar brasileiro que se movimenta diante de um mercado internacional cada vez mais preocupado com a “responsabilidade social” e “selos verde”.

Neste cenário da pandemia do coronavírus é possível perceber algumas publicações voltadas à defesa da “soberania alimentar” e de apoio aos “produtores rurais”. O site do MAPA publicou uma declaração assinada pelo Brasil, países da América Latina e Caribe garantindo a soberania alimentar e reivindicando que não haja especulação no preço dos alimentos nesse período. *“Portanto, não existem razões que justifiquem aumentos significativos nos preços dos alimentos, motivo pelo qual fazemos um chamado a todos os atores do sistema alimentar para impedir a especulação neste momento de emergência”*<sup>16</sup>. A carta ainda expõe que a produção agrícola e o abastecimento não podem ser impedidos mesmo com as ações de isolamento social e ressalta a importância de promover ajuda técnica e financeira aos pequenos e médios produtores rurais<sup>17</sup>.

---

inteligencia-ao-lidar-com-o-maior-parceiro-comercial-do-agro-brasileiro-em-entrevista-exclusiva-ao-agrosaber/. Acesso em 20 de abril 2020.

16. <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/ministros-de-paises-da-america-latina-e-caribe-assinam-declaracao-conjunta-para-garantir-abastecimento-durante-a-pandemia> acesso 07 de abril 2020.

17. [http://www.fao.org/fileadmin/user\\_upload/rlc/docs/covid19/declaracion\\_ministros\\_de\\_agricultura\\_abril\\_2020.pdf](http://www.fao.org/fileadmin/user_upload/rlc/docs/covid19/declaracion_ministros_de_agricultura_abril_2020.pdf) acesso em 07 de abril 2020.

Outra ação que podemos destacar do MAPA foi a instituição de um “Comitê de Crise por meio da portaria nº 123, coordenado por Eduardo Sampaio Marques, secretário de política agrícola do Ministério e formado por representantes da pasta<sup>18</sup> A portaria prevê, principalmente, a centralização das decisões sobre a pandemia e a agricultura, sobretudo relacionadas ao abastecimento de alimentos e sua logística. Nota-se que a linha de frente do discurso oficial do Ministério concentra-se na questão do abastecimento alimentar tanto interno quanto externo o que configura em uma reafirmação do agronegócio como o “celeiro do mundo” e porta voz de todos os produtores rurais, não importa o tamanho ou o tipo de propriedade.

Contudo, não é somente no âmbito do executivo que atuam os agentes do agronegócio. No parlamento sua atuação é ainda mais forte e concentrada, como no processo da aprovação da Medida Provisória 910 como veremos a seguir.

## A MP DA GRILAGEM E SEUS GRILOS

O processo de grilagem é um mecanismo antigo no Brasil. Usado para a legalização de terras públicas invadidas, a grilagem consiste, basicamente, na confecção de um falso título de propriedade. O termo origina-se do processo de envelhecimento de documentos; colocava-se grilos em uma caixa com o falso título de propriedade para que a ação dos insetos conferisse aparência de velho ao documento. Hoje em dia a grilagem se sofisticou, os grilos que são colocados dentro da caixa possuem mandato parlamentar, estão em associações da sociedade civil e o papel chama-se Medida Provisória

18. <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-123-de-30-de-marco-de-2020-250422280>. Acesso em 07 de abril 2020.



910 (MP910). Vejamos o que é, quem são e o que dizem os defensores da lei da grilagem.

A Medida Provisória altera dispositivos de leis anteriores de regularização fundiária (Lei nº 11.952 de 2009, lei nº 8.666 de 1993 e lei nº 6.015 de 1973), concedendo o título de propriedade de imóveis rurais de até 15 módulos rurais<sup>19</sup> de terras da União ou do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) que foram invadidas até o ano de 2014. Em outras palavras, se um indivíduo comprovar que ocupa uma terra pública (a dimensão pode chegar a mais de 15 estádios de futebol) ele pode receber o título de propriedade daquela terra pagando um preço muito abaixo do mercado.

Existem outros mecanismos importantes previsto na MP, mas destacamos dois deles. O primeiro é o art. 15 §7, que diz que é possível dar como garantia a terra em processo de regularização mesmo que não esteja quitado seu pagamento. Ou seja, o requerente da terra poderá contrair crédito em bancos públicos ou privados dando como garantia terra em processo de grilagem. O segundo é o art. 33 §1 afirma que a função de monitoramento da atividade fundiária federal passará do INCRA para a Secretaria de Assuntos Fundiários vinculada ao MAPA. Historicamente, o INCRA é o principal órgão que gere a política de reforma agrária estabelecida pela Constituição de 1988. Assim, a transferência da atividade fundiária do INCRA para o MAPA comprova o esvaziamento de mecanismos e órgãos de combate à desigualdade fundiária do país.

---

19. Módulo Rural é uma unidade de medida para identificar um tamanho de uma propriedade no Brasil que leva em consideração em hectares e a região onde se encontra. Assim, um módulo rural no Norte do país possui medidas diferentes de um módulo rural no Sudeste.

Um dos mais barulhentos grilos da MP910 é o ex-dirigente da União Democrática Ruralista (UDR) Luiz Antônio Nabhan Garcia. Atualmente ele comanda a Secretaria de Assuntos Fundiários e foi um dos elaboradores e defensores da MP910. Podemos afirmar que ele não representa o agronegócio como um todo, mas sim os setores mais conservadores e atrasados do ruralismo brasileiro. Nabhan Garcia é um autêntico “bolsonarista raiz” que não se cansa de prestar sua homenagem e apoio ao presidente em suas redes sociais. No início de maio de 2020 em sua conta no Twitter ele retuitou a mensagem de apoio do presidente à aprovação da medida acrescentando que “Ao contrário do que a oposição extremista ligada aqueles que apoiam invasões de terras e a indústria de acampados e assentados alega, a MP 910 a ser aprovada no Congresso Nacional, trará mais dignidade e segurança jurídica a todos que vivem, trabalham e produzem no campo.”<sup>20</sup> A linha argumentativa da proteção legal de pequenos produtores rurais defendida por Nabhan Garcia é o “cricrilejar” dentro da caixa.

Em notícia veiculada em seu site os grilos da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) afirmam que os principais beneficiários da medida seriam os pequenos produtores (em torno de 900 mil famílias, segundo dados do INCRA) que passariam a ter seus títulos de propriedades. “[...] a Frente Parlamentar da Agropecuária esclarece, em seu pedido, que a Medida Provisória 910/19 nada tem a ver com a ação de grileiros, muito pelo contrário”<sup>21</sup>.

20.[https://twitter.com/garcia\\_nabhan/status/1258054038756753408](https://twitter.com/garcia_nabhan/status/1258054038756753408). Acesso em 09 de maio 2020.

21.<https://agencia.fpagropecuaria.org.br/2020/05/07/fpa-oficia-camara-e-senado-pela-inclusao-na-pauta-de-votacao-da-mp-910-19/>. Acesso 11 de maio 2020.

Em nota oficial o “cri-cri” da CNA é semelhante ao da FPA; a Confederação alega ser os pequenos e médios produtores e suas famílias o público alvo da medida e acrescenta a importância do direito inalienável da propriedade como princípio básico para o aumento da produtividade.

As consequências da garantia do direito de propriedade, materializada por meio do título, são o aumento da produtividade, maior geração de renda e aumento da segurança jurídica, possibilitando maior injeção de recursos oriundos de operações de crédito<sup>22</sup>.

A aquisição de crédito em bancos está presente na MP, sob o entendimento que o endividamento seria importante para o aumento da produtividade. Dessa forma, estes pequenos proprietários entram no circuito do capitalismo financeiro. Não precisa ser nenhum gênio para entender o que o banco toma se o crédito não for pago.

Em nota, diversas entidades dos movimentos sociais do campo já haviam denunciado a inconstitucionalidade da medida. Os grileiros avançam sobre os territórios de conservação e executam queimadas de floresta o que se configura como crime ambiental<sup>23</sup>. O Ministério Público Federal (MPF) divulgou recentemente um vídeo defendendo a não aprovação da medida<sup>24</sup>. Nas palavras da procuradora federal dos direitos do cidadão, Deborah Duprat essa medida regulariza o crime de invasão de terras por grileiros, inclusive em áreas ocupadas em terras indígenas e quilombolas:

---

22.<https://www.cnabrasil.org.br/noticias/nota-regularizacao-fundiaria-cna-apoia-aprovacao-da-medida-provisoria-910>. Acesso em 11 de maio 2020.

23.<https://mst.org.br/2020/03/10/em-nota-entidades-e-organizacoes-denunciam-inconstitucionalidade-da-pec-80-2019-e-da-mp-910-2019/>. Acesso em 13 de maio 2020.

24.<https://www.youtube.com/watch?v=qMAxMvTttZY&feature=youtu.be>. Acesso em 10 de maio 2020.

A medida provisória 910 tem muitas perversidades. A primeira delas é que ela regulariza o crime, o crime de invasão de terras públicas. Mas ela também é incoerente em época de covid, porque quando se precisa tanto de dinheiro público, ela dispõe de maneira generosa de um estoque de terras de mais de 70 milhões de hectares, com um impacto enorme no desmatamento, também da ordem de milhões de hectares. E o que é pior, ela é feita sem maiores controles, o que pode indicar regularização dentro de áreas indígenas, quilombolas e de outros povos e comunidades tradicionais, trazendo mais desassossego para essa gente que sofre tanto na atualidade<sup>25</sup>.

A medida não fornece nenhum tipo de mecanismo para a averiguação e controle das propriedades. O site *de olho nos ruralistas* mostra ainda que políticos tem interesses pessoais envolvidos com a aprovação da lei, como o grilo-senador Irajá Abreu (PSD-GO), filho da senadora Kátia Abreu, que propôs algumas alterações na MP. Ele possui negócios no setor de imóveis rurais no seu estado. Seu padraço, Moisés Pinto Gomes, também poderá ser diretamente beneficiado com a aprovação da lei, pois administra o Fundo Matopiba criado para aquisições de terras produtivas na região de mesmo nome. O local que fica na divisa entre os estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia é foco de intensos conflitos entre grileiros, indígenas e quilombolas<sup>26</sup>.

À primeira vista o comportamento da ABAG parece dissonante em relação às demais entidades da classe dominante rural sobre o tema. A associação publicou um retuite do jornal Valor Econômico que apresentava os principais problemas com a aprovação da MP da

---

25.<https://racismoambiental.net.br/2020/05/11/mpf-lanca-video-contra-mp-910-a-da-grilagem-que-quer-regularizar-crime-e-invasoes-de-terras-publicas-e-podera-ser-posta-em-votacao-esta-semana/>. Acesso em 11 de maio 2020.

26.<https://deolhonosruralistas.com.br/2020/05/11/texto-de-iraja-na-mp-da-grilagem-beneficia-negocios-do-padastro/>. Acesso 13 de maio 2020.

grilagem<sup>27</sup>. Em entrevista ao Globo Rural, o presidente da ABAG, Marcello Brito afirma que o “ótimo é inimigo do bom”, afirmando que a MP910 não é perfeita, mas os marcos regulatórios da regularização fundiária precisam ser revistos<sup>28</sup>. A associação não publicou nota oficial de apoio em seu site, tampouco em suas redes sociais.

É possível entender essa postura timidamente crítica à MP como um sinal das frações do agronegócio que comandam a ABAG ligados à internacionalização de terras brasileiras. Três associações de comércio das terras figuram entre as sócias da ABAG<sup>29</sup>. Não é do interesse desses setores do agronegócio que essas terras caiam nas mãos de grileiros tradicionais, mas sim nas mãos do capital internacional. Seu horizonte está direcionado ao mercado especulativo de terras que é altamente lucrativo e promissor (Nascimento, 2019). Assim, alguns grilos do agro parecem saltar para fora da caixa em nome da preservação da especulação e ao promissor banco de terras públicas.

A MP910 caducou por não ter sido votada em 120 dias e foi substituída pelo Projeto de Lei 2633/2020 de autoria do deputado Zé Silva (SD-MG). O projeto contém modificações em relação à medida, como a diminuição de 15 para 6 módulos rurais para conceder o título de propriedade vinculado à autodeclaração e o marco temporal a concessão foi alterado de 2014 para 2008, conforme pre-

27. [https://twitter.com/coalizao\\_brasil/status/1258753279128936448](https://twitter.com/coalizao_brasil/status/1258753279128936448). Acesso em 11 de maio 2020.

28. <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Sustentabilidade/noticia/2020/05/cerca-de-40-do-desmatamento-ilegal-da-amazonia-ocorre-em-terras-publicas.html>. Acesso em 13 de maio 2020.

29. <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/2065/2696>. Acesso em 13 de maio 2020.

vê o Código Florestal. Isso não pode ser considerado uma vitória sobre a legalização da grilagem, mas, talvez, um rearranjo momentâneo da correlação de forças do agronegócio e suas frações que não estão em total alinhamento, além da resistência dos movimentos sociais no campo frente à medida.

Seja como for, a estratégia é clara conforme revelou o Ministro do Meio Ambiente em reunião ministerial de 22 de abril de 2020: enquanto o coronavírus toma as páginas dos jornais a desregulamentação deve ocorrer de “baciada” sem passar pelo Congresso Nacional e nesse aspecto o Meio Ambiente também é outro assunto de interesse do agronegócio.

## MEIO AMBIENTE NA MIRA DO AGRONEGÓCIO

Em abril de 2020, o Brasil já contabilizava 2.924 mortes por Covid-19, mas a crise sanitária não foi a pauta principal do encontro<sup>30</sup>. A reunião que veio a público revelou diversas falas comprometedoras do presidente da República e de seus asseclas, formalmente conhecidos como ministros. Entre palavrões e discursos truculentos, o ministro do Meio Ambiente (MMA), Ricardo Salles, foi um dos poucos a mencionar a pandemia. Mas, para Salles, era preciso aproveitá-la para outros fins, que não salvar vidas:

“(…) A oportunidade que a imprensa não tá...tá nos dando um pouco de alívio nos outros temas, é passar as reformas infralegais de desregulamentação, simplificação (...). Então para isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só se fala de COVID e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas. De IPHAN, de ministério da Agricultura, de ministério de

30.<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/22/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-22-de-abril.ghtml>. Acesso em 05 de maio 2020

Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo. (...) Não precisamos de Congresso. Porque coisa que precisa de Congresso também, nesse, nesse fuzuê que está aí, nós não vamos conseguir apo... apo...é aprovar. Agora tem um monte de coisa que é só parecer, caneta, parecer, caneta. Sem parecer também não tem caneta, porque dar uma canetada sem parecer é cana. Então, o...o...o... isso aí vale muito a pena. A gente tem um espaço enorme para fazer”<sup>31</sup>

As declarações de Salles não são nenhuma novidade diante da dimensão do desmonte capitaneado por sua gestão frente ao MMA<sup>32</sup>. Em pouco mais de um ano, o Ministério proibiu a divulgação de dados sem anuência do ministro, cortou drasticamente os orçamentos dos órgãos sob sua jurisdição e dos programas de prevenção e controle de incêndios florestais, anistiou crimes ambientais e reduziu as operações de fiscalização, provocando uma queda de 28% das autuações – entre janeiro e agosto de 2019.

Além disso, uma verdadeira “caça às bruxas” foi empreendida contra agentes dos órgãos de fiscalização da Pasta<sup>33</sup>. A maioria dos superintendentes regionais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA) foi exonerada e policiais militares inativos foram nomeados para administrar reservas ambientais e parques nacionais.

O desmonte também atingiu o Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade (ICMBio), responsável pela preservação centenas de parques, florestas, reservas extrativistas, estações ecológicas. Sob o comando de Homero de George Cerqueira, um coronel

31.<https://www.youtube.com/watch?v=2odt6e1L-Xc&feature=youtu.be>. Acesso em 05 de mai 2020.

32.<https://governodadestruicao.org/>. Acesso em 05 de maio 2020.

33.<https://theintercept.com/2019/05/08/salles-paralisa-meio-ambiente/>. Acesso em 05 de mai 2020.

da Polícia Militar de São Paulo, o Instituto está sendo reestruturado para conter o mínimo possível de atividades por região do país.

Em um levantamento no Diário Oficial da União (DOU) do dia 22 de abril – data da reunião ministerial – até julho de 2020 foi possível verificar dezenas de portarias e instruções normativas provenientes do MMA que justificam a diminuição das unidades de conservação com o argumento da eficiência de gestão e da desburocratização do serviço público. Só no dia 13 de maio deste ano foram publicadas vinte portarias no DOU expedidas pelo ICMBio que reduziu de 11 coordenações regionais para 5 gerências regionais das Unidades de Conservação espalhadas pelo país, além de outras portarias que agrupam reservas extrativistas e florestas em Núcleos de Gestão Integrada (NGI), como a portaria nº 457 do dia 14 de maio.

O que Salles propôs na reunião ministerial foi avançar a agenda do desmonte a partir do Executivo através de reformas infralegais, dispensando a necessidade de modificações tramitarem pelo Congresso Nacional. Essa estratégia possui respaldo jurídico nos decretos regulamentadores da Lei de Liberdade Econômica<sup>34</sup>, que determina a revisão dos Atos Normativos e demais normas hierarquicamente inferiores a decreto de todos os órgãos, entidades, autarquias e fundações da Administração Pública Federal direta. Sob o argumento de desburocratizar, atualizar e simplificar atos legais, as alterações propostas pelo ministro seriam dirigidas pelos órgãos responsáveis, seguindo um calendário que se estende até agosto de 2021 – quando as modificações devem ser consolidadas.

---

34.[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/L13874.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13874.htm)] aprovados no final de 2019. Entre eles, está o Decreto nº 10.139, [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/decreto/D10139.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D10139.htm). Acesso em 07 de jun. 2020.



Fizemos anteriormente uma análise das ações do MAPA para referenciar a organicidade da hegemonia da classe dominante rural e suas frações do Estado restrito que tem na ministra Tereza Cristina o coroamento da relação orgânica do agronegócio na pasta. Porém, é necessário entender que as ramificações abrangem também outros setores do governo. Os ruralistas estão presentes no MMA. Como já foi dito, a fala de Salles não é nenhuma novidade, mas sua defesa por empresários rurais chama atenção. Em publicação paga do dia 26 de maio de 2020 na Folha de São Paulo mais de 90 associações empresariais endossaram a fala do ministro. Com o título de “No Meio Ambiente, a burocracia também devasta” o manifesto exortou, sem citar nenhuma medida efetiva, a “desburocratização” que atrapalha o desenvolvimento econômico em nome de “travamento ideológico”<sup>35</sup>.

O conteúdo da mensagem já é estarrecedor e vazio de sentido em si, contudo, em um levantamento realizado entre as associações e entidades empresariais que assinaram a nota salta aos olhos que cerca de trinta e sete delas são ligadas ao setor da agropecuária<sup>36</sup>.

35. <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/26/entidades-desburocratizacao-meio-ambiente.htm>. Acesso em 07 de jun. 2020.

36. AABIC – Associação das Administradoras de Bens Imóveis e Condomínios de São Paulo / ABIFER – Associação Brasileira da Indústria Ferroviária / ABIHPEC – Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos - João Carlos Basílio / ABINPET – Associação Brasileira da Indústria de Animais de Estimação / ABRA – Associação Brasileira de Reciclagem Animal / ABRAFRIGO – Associação Brasileira de Frigoríficos / ABRAFRUTAS – Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados / ABRAINCO – Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias / ABRINSTAL – Associação Brasileira pela Conformidade e Eficiência de Instalação / ACEBRA – Associação das Empresas Cerealistas do Brasil / ACIEG – Associação Comercial e Industrial do Estado de Goiás / ACSP – Associação Comercial de São Paulo / ADEMI-BA – Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário da Bahia / ADEMI-DF – Associação de Empresas do Mercado Imobiliário do Distrito Federal / ADEMI-PE – Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário

de Pernambuco / ADEMI-RIO – Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário do Rio de Janeiro/ADIT BRASIL – Associação para o Desenvolvimento Imobiliário e Turístico do Brasil / ADVB – Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil / AEERJ – Associação das Empresas de Engenharia do Rio de Janeiro / AELO – Associação das Empresas de Loteamento e Desenvolvimento Urbano / AFCESBA – Associação dos Fornecedores de Cana do Extremo Sul da Bahia / AFCP – Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco / ALCOPAR – Associação de Produtores de Bioenergia do Estado do Paraná / ALSHOP – Associação Brasileira de Lojistas de Shopping / APEOP PR – Associação Paranaense dos Empresários de Obras Públicas / APROFIR – Associação dos Produtores de Feijão, Trigo e Irrigantes de Mato Grosso / APROSOJA BRASIL – Associação Brasileira dos Produtores de Soja (ABAG) / ASBRACO DF – Associação Brasileira de Construtores / ASPIPP - Associação do Sudoeste Paulista de Irrigantes e Plantio na Palha / ASPLAN – Associação dos Fornecedores de Cana de Alagoas / ASPLANA RN – Associação dos Fornecedores de Cana do Rio Grande do Norte / ASPLANA SE – Associação dos Fornecedores de Cana de Sergipe / Associação dos Fornecedores de Cana de Araraquara / ASSOVALE – Associação Rural do Vale do Rio Pardo / BRASINFRA - Associação Brasileira dos Sindicatos e Associações de Classe de Infraestrutura / CANASOL – Associação dos Fornecedores de Cana de Araraquara / CBDFP – Conselho Brasileiro do Feijão e Pulses / CBIC – Câmara Brasileira da Indústria da Construção CICB – Centro das Indústrias de Curtume do Brasil / CNA – Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil / CNC – Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo CNI – Confederação Nacional da Indústria / CNS – Confederação Nacional de Serviços COAF – Cooperativa dos Produtores de Cana – PE / Empreendedores do Brasil Federação de Serviços do Estado de São Paulo / FENAPC - Federação Nacional dos Pequenos Construtores / FEPLANA – Federação dos Plantadores de Cana do Brasil / FIABCI-Brasil – Federação Internacional Imobiliária / IBRAFE – Instituto Brasileiro de Feijão e Pulses e Colheitas Especiais / IE – Instituto de Engenharia / INSTITUTO PET BRASIL / OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras / ORPLANA – Organização de Associações de Produtores de Cana do Brasil / PEIXE BR – Associação Brasileira de Psicultura / SECOVI-PB - Sindicato das Empresas de Compra, Venda e Locação de Imóveis e de Condomínios Residenciais e Comerciais do Estado da Paraíba / SECOVI-SP – Sindicato das Empresas de Compra, Venda e Locação de Imóveis Residenciais e Comerciais de São Paulo / SIALPAR – Sindicato da Indústria de Fabricação do Alcool do Paraná / SIARPA – Sindicato da Indústria do Açúcar do Estado do Paraná / SIBIOPAR – Sindicato de Indústria de Produção de Biodiesel do Estado do Paraná SINAENCO – Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva / Sindicato Rural de Araraquara / Sindicato Rural de Sorriso – Mato Grosso / SINDIRAÇÕES – Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal / SINDUSCON BLUMENAU – Sindicato da Indústria da Construção Civil de Blumenau / SINDUSCON CAXIAS DO SUL - Sindicato da Indústria da Construção Civil de Caxias do Sul / SINDUSCON COSTA ESMERALDA – Sindicato da Indústria da Construção Civil da Costa Esmeralda / SINDUSCON JOINVILLE – Sindicato da Indústria da Construção Civil de Joinville / SINDUSCON MS – Sindicato Intermunicipal da Indústria da Construção do Estado de

Nota-se que dentre elas, dezesseis são do setor sucroalcooleiro. Oito são as entidades do sindicato patronal. O total do setor de cereais e pecuária são iguais, e apenas três dessas entidades configuram na ABAG (APROSOJA, SRB e SRP):

---

Mato Grosso do Sul / SINDUSCON MT – Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado do Mato Grosso / SINDUSCON PR NOROESTE – Sindicato da Indústria da Construção Civil da Região Noroeste do Estado do Paraná / SINDUSCON RJ – Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado do Rio de Janeiro / SINDUSCON RN – Sindicato da Indústria da Construção Civil do Rio Grande do Norte / SINDUSCON SP – Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo / SINDUSCON VALE UBERABA MG – Sindicato da Indústria da Construção Civil de Uberaba / SINDUSCON/PR NORTE – Sindicato da Indústria da Construção Civil do Norte do Paraná / SINDUSCON/PR OESTE – Sindicato da Indústria da Construção Civil do Oeste do Paraná / SINDUSCON-AL – Sindicato da Indústria da Construção do Estado de Alagoas / SINDUSCON-GO – Sindicato da Indústria da Construção Civil de Goiás / SINDUSCONITAJAÍ – Sindicato da Indústria da Construção Civil dos Municípios da Foz do Rio Itajaí / SINDUSCON-JP – Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa / SINDUSCON-MG – Sindicato da Indústria da Construção Civil de Minas Gerais / SINDUSCON-MG Sul – Sindicato da Indústria da Construção Civil do Centro Oeste de Minas / SINDUSCON-PB – Sindicato da Indústria da Construção e do Mobiliário do Estado da Paraíba / SINDUSCON-PE – Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de Pernambuco / SINDUSCON-PI – Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado do Piauí / SINDUSCON-PR – Sindicato da Indústria da Construção Civil do Paraná / SINDUSCON-VALE DO ITAPOCU (SC) – Sindicato da Indústria da Construção Civil e de Artefatos de Cimento Armado do Vale do Itapocu / SINICESP – Sindicato da Indústria da Construção Pesada do Estado de São Paulo / SIRAN – Sindicato Rural da Alta do Noroeste / SISTEMA COFECI E CRECI – Conselho Federal de Corretores de Imóveis / SOBRATEMA – Associação Brasileira de Tecnologia para Construção e Mineração / SRB – Sociedade Rural Brasileira SRP – Sociedade Rural do Paraná / ÚNICA – União da Indústria de Cana de Açúcar / UNIDA – União Nordestina dos Produtores de Cana

Quadro I – Entidades rurais por setor

	ENTIDADE	SETOR
1	AFCESBA – Associação dos Fornecedores de Cana do Extremo Sul da Bahia	SUCROALCOOLEIRO
2	AFCP – Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco	
3	ALCOPAR – Associação de Produtores de Bioenergia do Estado do Paraná	
4	ASPLAN – Associação dos Fornecedores de Cana de Alagoas	
5	ASPLANA RN – Associação dos Fornecedores de Cana do Rio Grande do Norte	
6	ASPLANA SE – Associação dos Fornecedores de Cana de Sergipe	
7	Associação dos Fornecedores de Cana de Araraquara	
8	CANASOL – Associação dos Fornecedores de Cana de Araraquara	
9	COAF – Cooperativa dos Produtores de Cana - PE	
10	FEPLANA – Federação dos Plantadores de Cana do Brasil	
11	ORPLANA – Organização de Associações de Produtores de Cana do Brasil	
12	SIALPAR – Sindicato da Indústria de Fabricação do Alcool do Paraná	
13	SIARPA – Sindicato da Indústria do Açúcar do Estado do Paraná	
14	SIBIOPAR – Sindicato de Indústria de Produção de Biodiesel do Estado do Paraná	
15	ÚNICA – União da Indústria de Cana de Açúcar	
16	UNIDA – União Nordestina dos Produtores de Cana	
17	ASSOVALE – Associação Rural do Vale do Rio Pardo	SINDICATO PATRONAL RURAL
18	CNA – Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil	
19	OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras	
20	Sindicato Rural de Araraquara	
21	Sindicato Rural de Sorriso – Mato Grosso	
22	SIRAN – Sindicato Rural da Alta do Noroeste	
23	SRB – Sociedade Rural Brasileira	
24	SRP – Sociedade Rural do Paraná	

25	ACEBRA – Associação das Empresas Cerealistas do Brasil	CEREAIS
26	APROFIR – Associação dos Produtores de Feijão, Trigo e Irrigantes de Mato Grosso	
27	APROSOJA BRASIL – Associação Brasileira dos Produtores de Soja	
28	ASPIPP - Associação do Sudoeste Paulista de Irrigantes e Plantio na Palha	
29	CBDFP – Conselho Brasileiro do Feijão e Pulses	
30	IBRAFE – Instituto Brasileiro de Feijão e Pulses e Colheitas Especiais	
31	ABINPET – Associação Brasileira da Indústria de Animais de Estimação	PECUÁRIA
32	ABRA – Associação Brasileira de Reciclagem Animal	
33	ABRAFRIGO – Associação Brasileira de Frigoríficos	
34	CICB – Centro das Indústrias de Curtume do Brasil	
35	SINDIRAÇÕES – Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal	
36	ABRAFRUTAS – Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados	OUTROS
37	PEIXE BR – Associação Brasileira de Piscicultura	

Fonte: elaboração do autor

O setor sucroalcooleiro já teve seus dias de glórias e atualmente passa por uma fase de decadência. Desde 2008 houve significativas perdas no comércio internacional e, em 2019, o Brasil perdeu a liderança no mercado mundial para os EUA. Em contrapartida, no início do governo Bolsonaro houve uma moratória que liberava a expansão do plantio de cana de açúcar, contrariando o parecer e a legislação anterior estabelecida. Isso corroborou para a legitimação do avanço do plantio de cana na região amazônica e no Pantanal<sup>37</sup>. Assim, o posicionamento das associações sucroalcooleiras em defesa de Salles é vital para o avanço do plantio em áreas de preservação.

37. <https://apublica.org/2020/05/governo-bolsonaro-liberou-plantio-de-cana-sem-nenhum-estudo-ambiental/>. Acesso em 05 maio 2020.

Essa expansão também é importante para os produtores de soja que avançam pelo Centro-Oeste e ajuda a entender a adesão da APRO-SOJA demais associações do setor de cereais.

A ausência de determinadas entidades na assinatura da nota em defesa do ministro do Meio Ambiente é ensurdecadora. Novamente a ABAG não assinou a nota e poucos de seus membros constam na relação das entidades ruralistas. Talvez, diante de sua representatividade dos setores mais modernos e internacionalizados do agronegócio o envolvimento direto da associação mancharia sua reputação para o mundo, uma vez que o MMA e Ricardo Salles são desde o início de sua gestão execrados pela imprensa internacional e organismos multilaterais. O instituto Greenpeace, desde 2019, mantém um site chamado “[governodadestruicao.org](http://governodadestruicao.org)” com uma linha do tempo das ações do governo contra o meio ambiente e o ministro é citado diversas vezes. Além disso, a postura do ministro foi criticada na imprensa e por organismos internacionais<sup>38</sup>. Parece que foi há muitos anos atrás, mas ano passado assistimos as queimadas na floresta amazônica no centro de uma crise internacional marcado por episódios vexatórios de insultos misóginos por parte de Bolsonaro à primeira dama da França, Brigitte Macron, e pela espionagem da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) ao sínodo do Vaticano cujo tema foi a Amazônia<sup>39</sup>.

Em conjunto com essa reestruturação há ainda o deslocamento de atividades do meio ambiente para a pasta da agricultura e o

---

38.<https://oglobo.globo.com/sociedade/imprensa-internacional-critica-declaracoes-de-salles-sobre-aproveitar-pandemia-para-flexibilizar-leis-ambientais-24442735>. Acesso em 05 maio 2020.

39.<https://theintercept.com/2019/09/19/plano-bolsonaro-paranoia-amazonia/>. Acesso em 05 de maio 2020.

emprego de militares em locais de conflitos agrários. O decreto nº 10.347 de 14 de maio assinado em conjunto por Ricardo Salles e Tereza Cristina transferiu a concessão de florestas públicas do MMA para o MAPA. Em outras palavras, deram a chave do galinheiro para a raposa. O decreto nº 10.341 de 7 de maio de 2020 autoriza o emprego das Forças Armadas (FFAA) com base na lei da Garantia da Lei e da Ordem (GLO) em faixas de fronteira de terras indígenas, nas unidades federais de conservação ambiental e outras áreas federais nos estados da Amazônia Legal. Essa área ocupa a região Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país e é palco dos principais conflitos por terras e grilagens no país. As medidas articuladas demonstram claro desmonte e a militarização de locais de preservação ambiental anteriormente conservados e protegidos por órgãos do MMA com o aval de diversos setores dos ruralistas. Só a título de ilustração, o Brasil se configura com mais de 340 milhões de hectares de área cultivável sendo que apenas 63 milhões de hectares estão em cultivo, sem contar as áreas da Floresta Amazônica e a região do Pantanal. Portanto, o potencial para o avanço da fronteira agrícola é enorme e converge com a questão ambiental.

## A SOCIEDADE CIVIL RURAL NA PANDEMIA

Ao longo do mês de abril de 2020 ocorreram diversas mensagens e manifestações das principais entidades do agronegócio do país. Elas são mais afinadas do que dissonantes entre si e com o governo federal. Como já dissemos, a concentração do discurso do agronegócio está na defesa da “segurança alimentar”, abastecimento da população e escoamento de sua produção. Há ainda a constante reiteração de que a pandemia não alterou a produção agropecuária

no país. Em recente entrevista ao canal no youtube “agrovoz”, Marcelo Britto, presidente da ABAG, enalteceu a produção de soja e milho do país e afirmou que as medidas de isolamento dos estados e municípios foram contornadas. Segundo Britto, o setor da cadeia produtiva do agronegócio mais diretamente afetado é o de peças para máquinas agrícolas, pois a China é o principal fornecedor e como estava enfrentando o covid-19 desde dezembro de 2019 teve uma diminuição da importação de peças. Ele ainda falou que “em toda crise nós temos os grandes vencedores e os grandes perdedores”. Advinha de que lado ele está?

Isso nos leva a uma consideração muito importante: a necessidade que tem o agronegócio em relação às instituições políticas para sua sobrevivência. A relação orgânica desse setor com o estado, na perspectiva de estado ampliado no sentido gramsciano, vai além de um projeto político ideológico, mas também suas necessidades econômicas corporativas. Isso quer dizer que o projeto neoliberal possui em si uma contradição manifesta no interior das ações e projetos do do agronegócio uma vez que existe uma seletividade na defesa de um “Estado mínimo”, pois seria prejudicial a sua configuração tal como está estruturada atualmente no Brasil. Não se pode perder do horizonte que esse setor precisa do protecionismo para garantir o mercado interno ao mesmo tempo que precisam de crédito a juros negativos (chamado de subsídio) para concorrer no mercado internacional. E o mais importante: precisam do acesso à terra indiscriminadamente, pois é nela que extraem o seu poder. Nesse sentido, eles não abrem mão nem um milímetro do “direito sagrado à propriedade” e das políticas públicas de crédito e de terras, mas não veem com bons olhos a autorregulação do mercado e o estado míni-



mo na concepção neoliberal. A política de amizade pornográfica do governo Bolsonaro com os EUA não é apoiada por setores do agro-negócio, pois os norte-americanos são os principais competidores no mercado externo de grãos do Brasil, principalmente de algodão e soja e sempre demandaram uma política de subsídios milenar com sua agricultura e, portanto, o preço de determinadas commodities é artificialmente reduzido.

Por outro lado, o modelo de governo da China é constantemente colocado como “indiferente” e, em diversas análises, o que mais se exalta são os números, ou seja, o cálculo de exportação e importação da agropecuária brasileira que demonstra uma dependência do Brasil com a China, sobretudo na importação. Assim, o equilíbrio do agro-negócio é instável, mas factível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma conclusão final seria equivocada, pois o motor da história ainda está girando e os acontecimentos são recentes demais para conclusões peremptórias. Portanto, algumas considerações aqui empreendidas são mais ilações do afirmações fechadas. Nosso objetivo foi demonstrar o comportamento do agronegócio diante da ascensão da nova direita, em especial no governo Bolsonaro. Acredito que categorizar o agronegócio como um dos setores da nova direita é um pouco precipitado, mas certamente há diálogos importantes entre eles.

Em primeiro lugar, podemos dizer que existe uma continuidade no processo de construção e consolidação da hegemonia das classes dominantes rurais e suas frações que atualmente aglutina-se na figura do agronegócio. Todavia, esse setor está longe de ser um blo-

co homogêneo, ele possui diversas “camadas” sobrepostas com interesses econômicos corporativos distintos que disputam entre si. Assim, para uma melhor compreensão da correlação de forças dessa temática faz-se ser importante nomear esse setor no plural, isto é, agronegócios.

Em segundo lugar, é importante reforçar que o equilíbrio dos interesses comuns dos agronegócios centra-se em uma pauta conservadora, direito de propriedade e políticas públicas de desenvolvimento da produtividade que descarta qualquer consideração com povos tradicionais e populações quilombolas, ou ainda assentamentos rurais. Nesse sentido, a convergência com a nova direita é flagrante e pode ser verificada na questão da MP da grilagem e no comportamento das entidades dos agronegócios em defender o ministro do Meio Ambiente e ainda em outros temas aqui não explorados, como o ataque aos marcos legais e instituições de combate ao crime ambiental e ao trabalho escravo.

Todavia, a hegemonia, ou o equilíbrio do consenso, entre as frações do empresariado rural encontra-se em um momento de instabilidade. O imperativo de expandir a fronteira agrícola, promover o desmatamento, utilização de agrotóxicos encontra-se em rota de colisão com a construção de uma imagem de responsabilidade social ou sustentabilidade exigida pelo mercado internacional. A competitividade e liderança do agronegócio brasileiro prescinde de uma imagem responsável com o meio ambiente que possui na figura das certificações ambientais um bom exemplo. Evitar boicotes como os ocorridos em 2019 na questão das queimadas da Amazônia é muito importante. Isso talvez nos ajude a entender algumas críticas e posturas da ABAG. A hipocrisia é uma ferramenta fundamental para

manter colado o selo verde da testa dos empresários rurais brasileiros. A questão ideológica de ataques à China também é um ponto preocupante e central nos conflitos com o governo Bolsonaro que geram atritos nesse “casamento”, mas que não vislumbram nenhum tipo de divórcio aparente.

Uma avaliação preliminar, portanto, é que os agronegócios estão em convergência com a ascensão da nova direita, mesmo que durante o processo existam algumas divergências. Assim, a classe dominante rural e suas frações insistem em continuar sendo o principal aproveitador de todos os governos possíveis; é mais fácil o governo cair do que sua hegemonia perecer nesse momento, ou em linguagem popular, vão se os anéis, ficam-se os dedos.

## REFERÊNCIAS

- BRUNO, Regina. Elites agrária, patronato rural e bancada ruralista. Rio de Janeiro: Projeto de Cooperação Técnica UTF/BRA/083/BRA, texto de conjuntura nº9, nov. 2015.
- CASTRO, Luís Felipe Perdigão; HERSHAW, Eva; SAUER, Sérgio. “Estrangeirização e internacionalização de terras no Brasil: oportunidades para quem?”. In: Revista *Estudos internacionais*. Belo Horizonte: v. 5, nº 2, 2017.
- COELHO, Eurelino. *Uma esquerda para o capital: transformismo dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. São Paulo: Xamã, Feira de Santana, UFES editora, 2012.
- FPA. Frente Parlamentar da Agropecuária. Pauta Positiva. Disponível em: <[https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/blog/pdfs/pauta\\_bancada\\_ruralista.pdf](https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/blog/pdfs/pauta_bancada_ruralista.pdf)>. Acesso em 07 de abril 2020
- LAMOSA, Rodrigo de Azevero Cruz. *Educação e agronegócio: a nova ofensiva do capital nas escolas públicas*. Curitiba: Appris, 2016.
- LIGUORI, Guigo e VOZA, Pasquale (orgs). *Dicionário gramsciano: (1926-1937)*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- LIMA, Mayrá. “A atuação do ruralismo como elite política no Brasil: mobilização de viés mediante desigualdades sociais e de representação política”. In: Revista *Agenda política*. Ed. 4, nº 3, set./dez., 2016.
- MEDEIROS, Leonilde Servolo de. *História dos movimentos sociais no campo*. Rio de Janeiro, Fase, 1989.

MENDONÇA, Sonia Regina de. “Ampliando e privatizando o Estado: o binômico Embrapa-Abag”. In: Revista *História e Luta de classes*. Edição 26, set. 2018

\_\_\_\_\_. “O Estado ampliado como ferramenta metodológica”. In: Revista *Marx e o Marxismo*, v.2 n. 2, 2014.

\_\_\_\_\_. *O ruralismo brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_ e Oliveira, Pedro Cassiano Farias de. ABAG: origens históricas e consolidação hegemônica”. In: *Cadernos NAEA*, v.18, n. 2, 2015.

NASCIMENTO, Rodrigo Cavalcanti do. *Capital financeiro e uso agrícola do território: a financeirização da terra nos cerrados brasileiros*. (tese de doutorado). Rio Claro, UNESP, 2019.

SORJ, Bernardo. *Estado e Classes Sociais na Agricultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

REYNOLDS, Bastiaan Philip e FERNANDES, Vitor Bukvar. “Financerização, preço de terras e land grab: um estudo baseado na realidade brasileira”. In: *Revista Economia e Sociedade*, Campinas, v. 26, 2018.

## PARTE 3



La Diaria (Uruguai)

## CAPÍTULO 13

# SOLIDARIEDADE ANTIFASCISTA TRANSNACIONAL: O CASO DO SOCORRO VERMELHO INTERNACIONAL (MOPR)

Gabriel Simon Machado (UFSC)

Giovanny Simon Machado (UFSC)

### INTRODUÇÃO

Em 1946, o filósofo marxista húngaro György Lukács, discutindo o problema do fascismo em sua conferência intitulada *A Concepção Aristocrática e a Concepção Democrática do mundo*, fazia um diagnóstico que, embora otimista, negava o fato de que a derrota do fascismo estava dada. Ele argumentou que “[...] o poderio militar do fascismo foi aniquilado na guerra. No entanto, o desenvolvimento posterior ao fim da guerra mostra que a destruição política, organizativa e, sobretudo, ideológica do fascismo é bem mais lenta e difícil do que muitos pensavam.”<sup>1</sup> Para ele, o fascismo diante da derrota militar,

1.LUKÁCS, György. *A Concepção Aristocrática e a Concepção Democrática Do Mundo*, In: **O Jovem Marx e Outros Escritos de Filosofia**, ed. José Paulo Netto and Carlos

havia recuado, mas não sido extinto nos planos político e ideológicos. Isso porque o fascismo é, segundo Lukács,<sup>2</sup>

[...] o apogeu qualitativo de teorias irracionais no domínio da epistemologia e aristocráticas no plano social e moral - teorias que, na ciência oficial e não oficial, bem como na divulgação científica e pseudocientífica e no jornalismo, desempenham um papel importante há décadas.

No decorrer de sua conferência, Lukács desenvolveu uma discussão que serve de base para os argumentos de Domenico Losurdo<sup>3</sup> quanto este associou o nazismo a uma ideologia extremada, e que foi atualizada pela facção hitlerista, tendo sido baseada em elementos então já existentes no darwinismo social, na forte segregação racial, nutridos pela tradição colonial europeia. O que ambos argumentam é a persistência política e ideológica do fascismo em razão de certas bases sociais e ideológicas, exigindo, portanto, transformações societárias complexas para pôr fim a esse fenômeno. Argumentamos, assim, que além das transformações materiais indispensáveis, a superação do fascismo exige a assunção de visões de mundo diversas e práticas correspondentes. Até que ponto os comunistas empenharam-se nessa tarefa, para além do esforço propagandístico?

O momento histórico atual tem sido frequentemente comparado com o período histórico dos anos entreguerras, marcado pelo surgimento do fascismo e suas afluentes nacionais, pela crise geral do capitalismo e pela grande polarização social. Se vale a pena investigar esse período histórico para compreender os usos políticos do passa-

---

Nelson Coutinho, 2nd ed, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009, p. 25.

2.Ibidem.

3.LOSURDO, Domenico. **Guerra e revolução**: o mundo um século após outubro de 1917. Boitempo Editorial, 2017, p 120.

do no presente, talvez seja também relevante investigar e iluminar as formas históricas de solidariedade e resistência ao fascismo.

Neste capítulo, realizamos uma revisão bibliográfica e um debate teórico-político a respeito do Socorro Vermelho Internacional (MOPR, em russo, *Mezhdunarodnaya Organizatsiya Pomoshchi Bortsam Revoliutsii*). O objetivo desse trabalho é revisitar uma experiência histórica de organização de solidariedade internacional para a resistência ao fascismo. A partir de um levantamento bibliográfico realizado em três idiomas – português, espanhol e inglês –, identificamos a ausência de trabalhos recentes que tenham produzido um estudo sistemático e abrangente do MOPR em sua dimensão global. A maioria dos artigos, capítulos e livros publicados sobre o assunto é resultado de estudos de caso locais e nacionais sobre seções específicas do MOPR em cada país ou sua relação com algum outro tópico relacionado. Em vez de discutir cada trabalho separadamente, propomos a organização de elementos encontrados em vários trabalhos em diferentes temas, a fim de mostrar semelhanças e contrastes entre eles, elaborando um mosaico de configurações adotado pelo MOPR em cada contexto.

A primeira subseção é dedicada a discussão acerca da estrutura política e estatutária do MOPR, seu funcionamento e instâncias dirigentes. O segundo discorre sobre as distintas formas de solidariedade utilizadas pelas seções locais do MOPR em diferentes países. Em seguida, o terceiro tópico aborda o problema da autonomia do MOPR, das suas seções locais em relação ao Comitê Executivo. E, por último, uma seção dedicada a discutir a feminização do trabalho de solidariedade, traço recorrente em vários casos observados.



O Socorro Vermelho foi uma organização internacional constituída em forma de rede, com seções locais e nacionais. Foi criado e dirigido pela Comintern em 1922, em nível local e também estava sob a liderança dos respectivos Partidos Comunistas. Em termos gerais, as atividades do MOPR eram de natureza jurídica e política e de ajuda humanitária, atuando como um órgão auxiliar limitado aos diferentes aspectos da luta de classes em cada país. Reconhecida como uma instituição reticular de solidariedade, apoio e proteção para trabalhadores e presos políticos, o MOPR também figurou como veículo de agitação e propaganda política alinhada às diretrizes do marxismo soviético.

Com o objetivo de auxiliar as vítimas do fascismo e da “justiça burguesa”, militantes de diferentes países participaram de atividades de arrecadação de fundos para suprir os acometidos por guerra, prisão ou perseguição. Um dos casos mais famosos da Europa foi o papel do MOPR durante a Guerra Civil Espanhola, que ajudou a criar hospitais de campanha, transporte e alimentação de refugiados. No Brasil, a rede internacional ajudou na campanha pela libertação de Olga Benário, uma agente alemã da *Comintern*, e Luiz Carlos Prestes, seu marido e o mais importante líder comunista do país, presos por Getúlio Vargas.

É precisamente nas singularidades das múltiplas seções locais e em sua diversidade de práticas desenvolvidas, isto é, no exercício de uma autonomia relativa dos núcleos locais em relação às diretrizes do *Comintern*, que identificamos a importância de ensinar e contribuir para novas pesquisas sobre o tema.

O que propomos aqui é de ordem metodológica. Em oposição a uma perspectiva restrita e centrada no contexto europeu da rede, sugerimos a verificação da sincronicidade dos processos históricos de todos os núcleos.<sup>4</sup> Acreditamos que a constituição da rede internacional extrapola o planejamento e as diretrizes dos dirigentes da instituição, de forma que a tecedura da rede somente foi possível a partir da articulação de espaços pré-estabelecidos de sociabilidade. Dessa forma, compreendemos como imprescindível verificar, em termos de relação, as particularidades dos grupos e de suas lideranças, sobretudo nas possibilidades e restrições referentes à disparidade de poder entre as posições ocupadas por cada núcleo no contexto global.

O Socorro Vermelho Internacional representa um dos maiores mecanismos de integração comunista transnacional da época e, acima de tudo, integração na resistência ao fascismo, apresentando-se como um caso interessante de entrelaçamento entre histórias locais e globais. Simultaneamente, o período entre guerras foi um período de transformações rápidas e complexas em todo o mundo.

## O SOCORRO VERMELHO INTERNACIONAL

Para que se possa compreender a história do Socorro Vermelho Internacional é imprescindível trata-lo como uma instituição reticular, uma rede constituída por diversas linhas interdependentes e interrelacionadas. Todavia, a sua fundação e as discussões acerca de seu significado e de suas funções, apesar de não explicar satisfatoriamente todas as múltiplas facetas de sua trajetória, trazem à tona evidências importantes a respeito dos tipos e da qualidade das relações que as partes mantinham entre si. Os grupos e organizações

4.CONRAD, Sebastian. **What is global history?**. Princeton University Press, 2016, p. 66.

de solidariedade já existiam desde o século XIX<sup>5</sup>, mas a iniciativa centralizadora da Internacional Comunista em busca de uma rede internacional dava novas dimensões e possibilidades de ação. Assim, as diretrizes da Comintern e seus conflitos internos certamente exerciam determinada influência no funcionamento da instituição.

Fundado em setembro de 1922, o primeiro grupo de dirigentes do MOPR continha somente quatro membros, estes incumbidos com a tarefa de planejar o vindouro desenvolvimento da instituição. Nos meses seguintes, o então chamado “Bureau Central”, dobrou seu número de integrantes e foi renomeado como “Comitê Central”<sup>6</sup>. Segundo James Martin Ryle, essa composição do Comitê era “quase idêntica” ao corpo dirigente da seção soviética do MOPR<sup>7</sup>.

Com o intuito de criar um mecanismo de organização de “massas” e grupos externos ao Partido, a Comintern estendeu sua estratégia de “Frente Única” ao MOPR. Entre 1922 e 1923, o objetivo central era criar uma instituição que providenciasse o fortalecimento e a proteção de seus militantes e ativistas espalhados pelo globo<sup>8</sup>. A propaganda política, ainda incipiente, visava obter a simpatia de grupos e indivíduos não engajados politicamente em favor dos revolucionários presos, buscando aumentar a arrecadação de recursos da instituição<sup>9</sup>.

---

5.LIMA, Aruã Silva de. **Comunismo contra o racismo: autodeterminação e vieses de integração de classe no Brasil e nos Estados Unidos (1919-1939)**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, p. 148.

6.RYLE, J.M. **International Red Aid and Comintern Strategy, 1922–1926**. *International Review of social history*, v. 15, n. 1, 1970, p. 44.

7.Ibidem.

8.Ibidem, 48

9.Ibidem, 51.

Uma mudança substancial na distribuição do poder da instituição ocorreria somente a partir da Primeira Conferência do Socorro Vermelho Internacional, realizada em Moscou, em 1924. Além da mudança de nome para “Comitê Executivo”, o número de integrantes aumentou em 350% e acrescentou diversos líderes não soviéticos<sup>10</sup>. Não obstante, coubera ao Comitê o exercício do poder administrativo, podendo decidir sobre as atividades da instituição e a filiação de novas seções, monitorando as atividades dos funcionários e regulando as finanças das seções nacionais<sup>11</sup>.

Contudo, a consolidação de linhas nítidas no estatuto do MOPR não se deu de forma imediata, tampouco ocorreu sem conflitos e tensões. No decorrer de diversos Congressos da Comintern, as discussões expressavam diferentes concepções sobre a função e o significado do Socorro Vermelho<sup>12</sup>. Em termos gerais, os conflitos podem ser simplificados entre aqueles que defendiam “uma visão mais restritiva”<sup>13</sup> do MOPR, reduzindo-o a uma organização comunista, e, do outro lado, os que defendiam uma interpretação de caráter globalista, voltada também para ativistas não comunistas. A resolução final dos conflitos foi definida no V Congresso da Comintern, em 1924, com vitória da segunda sobre a primeira.

Em decorrência de tal resolução, as práticas do MOPR são circunscritas em organizações internacionais de frente ampla, aumentando humildemente a margem de autonomia dos núcleos locais e

---

10.Ibidem, 45

11.Ibidem, 46

12.BRANCIFORTE, Laura. **El Socorro Rojo Internacional (1923-1939)**: Relatos de La Solidaridad Antifascista. Madrid: Biblioteca Nueva, 2011., p. 34.

13.

intensificando a função propagandística da instituição. Entretanto, a estrutura centralizada do Comitê do MOPR foi replicada nos núcleos de cada nação. De acordo com Laura Branciforte, “as sessões eram de caráter nacional, com um comitê central ao qual os comitês regionais e locais deveriam responder. Estes últimos tinham uma base territorial e estavam sediados na cidade, vila, [ou] distrito”<sup>14</sup>. Havia, portanto, uma hierarquia estabelecida que submetia os núcleos locais à direção do Comitê Executivo de Moscou. Este, por sua vez, poderia decidir com relativa arbitrariedade a respeito das nomeações propostas para comitês centrais e até mesmo eleger candidatos diretamente por meio de congressos<sup>15</sup>.

## 1- Sobre as formas de solidariedade empregadas pelo MOPR no mundo

Como dito, a história do MOPR precisa ser analisada do ponto de vista global em sua interrelação com as seções nacionais e locais. É na diversidade de práticas e experiências que definiram e contrastaram cada uma delas em funções de circunstâncias particulares e de tradições de solidariedade distintas em cada contexto. Essa seção do presente capítulo pretende reunir elementos apresentados na bibliografia analisada que indiquem as diversas formas de solidariedade empregadas pelo MOPR em todo o globo.

Uma das atividades desempenhadas pelo MOPR em nível internacional era a assistência jurídica por aqueles perseguidos pelo fascismo ou mesmo como o próprio MOPR definia a “justiça burguesa de classe”. De acordo com o trabalho de Laura Branciforte, a partir

14.Ibid., p. 36. Tradução nossa.

15.Ibid.

de 1932 a assistência jurídica se tornou uma das principais formas de atuação do MOPR em nível internacional, com um significativo grau de especialização.<sup>16</sup> Desde 1927 o MOPR vinha organizando conferências internacionais jurídicas, criou o Bureau Jurídico Internacional e nos anos 1930 trabalhou ativamente para a criação de seções nacionais da Associação Jurídica Internacional, também impulsionada por sua iniciativa.<sup>17</sup>

A importância dada à dimensão jurídica da solidariedade, porém, não foi uma escolha casual dos comunistas. Em verdade, vários dos casos de vítimas de perseguição (fascistas ou não) envolveram o problema da legalidade no seu perfil. Tomemos, por exemplo, o caso próximo de Olga Benário Prestes, ilegalmente deportada grávida para a Alemanha hitlerista em 1936, com anuência do Supremo Tribunal Federal brasileiro.<sup>18</sup> Tal processo desrespeitou não apenas as leis brasileiras, mas inclusive o direito marítimo internacional que impedia uma mulher grávida de 7 meses de embarcar em um navio. Ou o caso do comunista búlgaro Georgi Dimitrov que foi um dos presos e acusados na farsa armada pelo partido nazista no incêndio do *Reichstag* em 1933.<sup>19</sup>

A questão da assistência legal é mencionada nos artigos de Kurt Schilde, sobre o *Rote Hilfe Deutschland* na Alemanha, no artigo de Antonio Sonnessa sobre o *Soccorso Rosso* em Turim, na Itália, e no trabalho biográfico de Elena Resch sobre o papel de Helena Stasova na

---

16.Ibid.

17.Ibid., p. 47.

18.MORAIS, Fernando. **Olga**. Grove Press, 2004, p. 203–204.

19.BRANCIFORTE, 2011; SCHILDE, Kurt. **First-Aid Squad in the Class Struggle**. In: *History of Social Work in Europe (1900–1960)*. VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2003. p. 146.

condução do MOPR.<sup>20</sup> Na Alemanha o MOPR tinha seus próprios advogados que inclusive escreviam artigos instruindo os trabalhadores sobre como lidar com a repressão policial.<sup>21</sup> Todavia, foi no contexto de um Estado racial vigente nos EUA que a dimensão jurídica nas formas de solidariedade exercidas pelo MOPR mais se destacou. Talvez porque o contraste entre democracia formal e substancial fosse mais agudo naquelas circunstâncias.

O artigo de Charles Martin discutiu extensivamente o papel da *International Labor Defense* (ILD) na prestação de assistência jurídica a negros injustamente acusados ou condenados no sistema jurídico dos EUA.<sup>22</sup> Charles Martin argumenta que o ILD desenvolveu sua tática de “protesto de massa” e que entendia que o processo penal era sempre politicamente motivado pelo terrorismo da classe dominante e, por isso, precisava ser combatido politicamente e complementado com a melhor defesa jurídica disponível.<sup>23</sup> Para o ILD, segundo Martin, era necessário escancarar o caráter de classe dos tribunais.<sup>24</sup> Na década de 1930, com o Estado racial vigente nos EUA, os comunistas engajaram-se na luta dos negros, apoiaram política e juridicamente os acusados e ganharam significativo prestígio com isso:

Os ativistas do ILD e membros do Partido Comunista, através de seus vigorosos esforços para salvar esses réus negros e expor a corrupção

---

20.SCHILDE, 2003, p. 141; SONNESSA, Antonio. **Factory Cells and the Red Aid Movement:** Factory and Neighborhood Forms of Organization and Resistance to Fascism in Turin, 1922–1926. *Science & Society*, v. 70, n. 4, 2006, p.498; RESCH, Elena. **Jelena Stassowa—an Upper-Class Intellectual becoming an Activist of Red Aid.** In: *History of Social Work in Europe (1900–1960)*. VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2003, p. 84.

21.SCHILDE, 2003, p.145.

22.MARTIN, Charles H.. **The International Labor Defense and Black America.** *Labor History* 26, no. 2, jul. de 1985, p. 167–68.

23.Ibid, p. 167.

24.Ibid..

da justiça sulista e americana em geral, acabaram sendo vistos como defensores sinceros e intransigentes dos afro-americanos contra a opressão e como aliados confiáveis da comunidade negra.<sup>25</sup>

A atuação do ILD aumentou não apenas o seu renome, mas a procura pelo seu apoio em um grande número de casos, forçando-os a ter que selecionar apenas os casos que tivessem ligações claras com “a luta de classes e a luta antimperialista”.<sup>26</sup> Exceções foram feitas para casos de alto valor político, como os *Scottsboro Boys*. Nove adolescentes negros que viajavam em um trem no Alabama em 1931 foram acusados de estuprar mulheres brancas e por isso foram, em sua maioria, condenados a morte. Graças a atuação do ILD e do Partido Comunista dos EUA (CPUS), depois de muitos julgamentos e recursos, mesmo com provas da falsidade das acusações pelo testemunho das próprias vítimas, as acusações de quatro dos novem réus foram finalmente retiradas, mas alguns ainda foram condenados a longas penas, e um deles à pena capital. Caso significativamente emblemático, os *Scottsboro Boys* são mencionados em vários outros trabalhos que cobrem esse tema. Branciforte menciona-o como um dos importantes casos em que o MOPR se engajou na defesa de condenados à morte.<sup>27</sup> Aruã da Silva Lima incluiu o caso como um dos exemplos de intercâmbio do movimento negro entre Brasil e Estados Unidos, quando relatou que um manifesto de solidariedade redigido por presos políticos no Rio de Janeiro foi publicado nas primeiras páginas do *Daily Worker* em Nova Iorque.<sup>28</sup>

---

25.Ibid., p. 170.

26.Ibid., p. 174.

27.BRANCIFORTE, 2011, p. 51.

28.LIMA, 2015, p 150.



Naturalmente, a prática de organizar apoio material às vítimas da repressão, aos prisioneiros e suas famílias era uma das premissas do MOPR. Nesse sentido, essa forma de solidariedade aparece em praticamente toda a bibliografia acessada. Vale destacar alguns pontos que merecem maior atenção. Por exemplo, o caráter transnacional da solidariedade com Olga Benário Prestes, cuja campanha liderada por Leocádia e Lygia Prestes, sua sogra e cunhada, estava assentada em Paris. Prestes era prisioneiro de Vargas no Brasil, enquanto Olga era prisioneira de Hitler na Alemanha. Em seu livro, Anita Prestes afirma que <sup>29</sup>

A cada duas semanas, d. Leocádia e Lygia que remetiam, via correio postal, um pacote de 20 kg de alimentos e outros artigos de que necessitava. Apesar das dificuldades financeiras enfrentadas devido a sabotagem de elementos do MOPR, a campanha Prestes prosseguiu e assegurou a sobrevivência da criança, assim como, finalmente, a sua libertação

O cárcere, em muitos casos, poderia significar não apenas o sofrimento e o afastamento das atividades políticos dos presos, mas a própria morte. O papel cumprido pelo MOPR e a solidariedade política em geral era literalmente vital. Ainda que Anita denuncie os “elementos sabotadores” de dentro do MOPR, a função cumprida era a mesma.

Todavia, a solidariedade com as vítimas de perseguição política não foi uma invenção dos comunistas e tampouco surgiu com o MOPR. Segundo Antonio Sonnessa, em Turim o *Soccorso Rosso* teve grande ressonância por conta de tradições de solidariedade pré-exis-

---

29.PRESTES, Anita. **A Campanha Prestes Pela Libertação Dos Presos Políticos No Brasil (1936-1945):** Uma Emocionante História de Solidariedade Internacional. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 36.

tentes no movimento operário<sup>30</sup>. Na divergência política entre as diferentes gerações de comunistas do PCI em Turim sobre foco nas comunidades ou nas fábricas, foi o movimento de solidariedade que conseguiu unir ambas as esferas em razão dessas condições coletivistas pré-existentes quanto ao valor da segurança. Segundo Sonnessa:

Uma das dinâmicas importantes do movimento *Soccorso Rosso* foi sua capacidade de coalescência e, às vezes, de transcender as esferas comunitária e fabril. Toda a classe trabalhadora, preocupada com a proteção cotidiana de suas famílias e lares, permaneceu receptiva às campanhas de apoio aos presos políticos e às vítimas de classe. Estas respostas ressoaram com as tradições do coletivismo de bairro<sup>31</sup>.

Em verdade, a classe trabalhadora em diversos países já tinha a prática de exercer solidariedade com seus pares e já enfrentava distintas formas de repressão pretéritas ao fascismo. O próprio MOPR surgiu da necessidade de articulação desses diferentes grupos e associações de solidariedade que haviam surgido em vários países por motivos distintos, na França como apoio a refugiados, na Hungria como suporte às vítimas da “ditadura capitalista”, na URSS em defesa das vítimas do “terror branco”<sup>32</sup>.

Uma última forma de solidariedade que vale a pena ser comentada era aquela do apoio moral e emocional, aos prisioneiros e às suas famílias. O ILD, nos EUA, impressionava parentes de prisioneiros com a sua dedicação.<sup>33</sup> Eles chegaram a criar um departamento específico para esse fim em 1925, que era responsável por mandar mensagens aos prisioneiros e famílias no Primeiro de Maio, Natal, aniversários e outros feriados, pois “fez todos os tra-

30.SONESSA, 2006, p. 495.

31.Ibidem, p. 494.

32.BRANCIFORTE, 2011, p. 31.

33.MARTIN, 1985, p. 177. Tradução nossa.

balhadores presos na América... sentirem o elo vivo entre eles, em suas celas prisionais, e o movimento operário do lado de fora que foram forçados a deixar”<sup>34</sup>.

Sonnessa também relata o suporte emocional às famílias como uma das tarefas do *Soccorso Rosso* na Itália.<sup>35</sup> Na Suécia, o foco do MOPR estava principalmente no apoio aos refugiados políticos que fugiram da perseguição na Alemanha Nazista, providenciando apoio moral e material. Famílias suecas se voluntariavam para abrigar crianças filhas de prisioneiros políticos.<sup>36</sup> De acordo com Kurt Schilde, o trabalho de apoio moral com os prisioneiros inspirava uma atitude militante que motivava os presos a se mobilizarem para voltarem à luta quando fossem libertados.<sup>37</sup>

## 2- Sobre a questão da autonomia

Dentre os trabalhos aqui selecionados, o mais antigo é da autoria de James Martin Ryle<sup>38</sup>. Seu artigo “*International Red Aid and Comintern Strategy, 1922–1926*”, é datado de 1970, mas foi publicado

---

34.Ibid., p. 177–78.

35.SONESSA, 2006, p. 501.

36.SCHILDE, 2004, p.147–48.

37.Ibid., p. 145.

38.James Martin Ryle foi professor emérito na Universidade de Richmond, nos Estados Unidos da América. Com escassas produções acadêmicas disponíveis virtualmente, seu trabalho aparenta ser restrito à investigação da história do Socorro Vermelho Internacional, com destaque ao período compreendido entre 1922 e 1928. Os títulos que encontramos são, em ordem cronológica: 1) RYLE, James Martin. **International Red Aid: A Case Study of a Communist Front Organization**. Tese de Doutorado. Emory University, 1962; 2) RYLE, James Martin. **International Red Aid, 1922-1928: The Founding of a Comintern Front Organization**. Tese de Doutorado. Emory University, 1967; 3) RYLE, James Martin. **International Red Aid, 1922-1928**. 1969.

na revista virtual *International Review of Social History*, em 2008, pela Universidade de Cambridge.

Em seu argumento, Ryle caracteriza o Socorro Vermelho como um instrumento de agitação e propaganda do Comintern, preocupando-se, sobretudo, em descrever a estrutura e o estabelecimento da instituição a partir de seus debates internos sobre a definição das atividades e propósitos do MOPR. Para o autor, o Socorro Vermelho não somente se destaca entre as inúmeras organizações vinculadas à Internacional Comunista por sua proeminente notoriedade, mas também por seu elevado número de agentes integrados à uma extensa rede de apoio mútuo:

No auge (1932-1933), essa frente alcançou um número de membros superior a catorze milhões, espalhados por setenta e três seções nacionais. Alegou ter prestado socorro e ajuda a milhares de revolucionários comunistas e apertados que foram submetidos às perseguições da “justiça de classe burguesa” e do “terror branco”. De sua imprensa, era derramado um fluxo constante de propaganda em uma dúzia de idiomas - folhetos, opúsculos, panfletos, livros e periódicos. A liderança do Socorro Vermelho iniciou e conduziu manifestações e campanhas de protesto em nome das causas mais célebres das décadas de 1920 e 1930: Sacco e Vanzetti, Scottsboro Boys, Tom Mooney, o julgamento do incêndio do Reichstag, Ernst Thalmann, Antonio Gramsci e a Guerra Civil Espanhola<sup>39</sup>.

Analisando a influência das divergências que eclodiram no Partido Comunista da União Soviética (PCUS) após a morte de Lenin, Ryle define o Socorro Vermelho como uma organização de independência ostensiva. A aparente autonomia expressava-se na condição do MOPR como uma organização de massa e de solidariedade, sem necessariamente reduzir-se a uma organização comunista. Em outras palavras, a contradição se expressava na dualidade de uma organização de classe independente que era apoiada apenas incidentalmente

39.RYLE,1970, p. 43. Tradução nossa.

por comunistas, enquanto que as políticas e decisões da instituição eram restritas ao aparato central do Socorro Vermelho<sup>40</sup>. Nesse sentido, a tentativa do autor de delinear o desenvolvimento do MOPR sob uma perspectiva endógena e restrita à União Soviética revela, com sucesso, as inúmeras tensões e disputas internas que perfizeram a história da instituição. Por outro lado, tal abordagem demonstrava-se ineficaz e insuficiente para compreender, em termos de relação, o nível de autonomia que cada núcleo local pôde exercer perante as diretrizes do *Comintern*.

À condição do MOPR como rede internacional estão subjacentes as conexões de relativa complexidade para além das fronteiras da União Soviética. A tecedura da rede pressupõe a articulação de espaços pré-estabelecidos de sociabilidade, conectando grupos, vizinhanças, sindicatos e clubes. Sobre isso, o caso do *Soccorso Rosso*, na Itália, figura um exemplo interessante. Na cidade de Turin, os distritos da classe trabalhadora promoviam inúmeras formas de sociabilidade, como os clubes de trabalhadores que ensejavam aulas, reuniões e debates políticos<sup>41</sup>. As tensões e rivalidades constituintes da vida social também se faziam presentes em tais espaços, sendo expressadas em termos de origem, classe, gênero, ideologia e, naturalmente, nas inimizades e querelas individuais. Nas palavras de Antonio Sonessa, coubera, então, ao Partido Comunista Italiano (PCI) adotar “uma abordagem combinada e flexível da organização da fábrica e da vizinhança, variando sua ênfase na primazia de um ou outro local, dependendo das mudanças nas circunstâncias”<sup>42</sup>,

---

40.Ibidem.

41.SONNESSA, 2006.

42.Ibidem, p.484.

com o intuito de sobrepujar as tensões e produzir coesão a partir de um objetivo comum.

De acordo com Kurt Schilde<sup>43</sup>, em países como Alemanha, Áustria, Bulgária, Polônia e Itália existiam diversas organizações anti-imperialistas e antifascistas autônomas estabelecidas, desde 1919. Após a articulação das organizações e dos grupos, os núcleos funcionavam como seções locais, às vezes com nomes alternativos, como *Soccorso Rosso* na Itália; *Ajuda Vermelha Internacional*, em Portugal; Socorro Vermelho Internacional, no Brasil, e *International Labor Defense* (ILD) nos EUA. Pesquisas mais recentes como a de Laura Branciforte<sup>44</sup>, reforçam essa mesma perspectiva. Em seu vasto trabalho de pesquisa, a autora identifica, desde 1920, a atuação de grupos dispersos e desorganizados que forneciam suporte para presos políticos<sup>45</sup>.

Em relação ao Brasil, Lima verifica um descompasso entre aquilo que era almejado pelo núcleo e o que realmente poderia ser executado sob as circunstâncias do momento. Analisando os diversos documentos do Partido Comunista do Brasil (PCB), o autor assinala que o contingente de recursos humanos era insuficiente e, portanto, “guardava possibilidades pequenas de delimitar seus trabalhos de acordo com os ditames da IC”<sup>46</sup>. As denúncias de Anita Prestes de que “elementos” do MOPR e do *Comintern* sabotaram a campanha de libertação de Olga Benário e Luiz Carlos Prestes corroboram com a ideia de autonomia local relativa, matizando-a em tons de conflito e tensão<sup>47</sup>. Em geral, a

---

43.SCHILDE, 2004.

44.BRANCIFORTE, 2012.

45.Ibidem, p. 31.

46.LIMA, 2015, p. 147.

47.PRESTES, 2013, p.14.

influência de cima veio de maneira a mudar as táticas gerais, mas não as práticas cotidianas, como foi o caso em Turim e nos EUA, onde a tática da frente popular reduziu o sectarismo das seções locais<sup>48</sup>.

Entendemos que para investigar a “margem de autonomia”<sup>49</sup> dos núcleos locais, é necessário o exercício de variação nas escalas de análise, buscando compreender e identificar as relações entre os núcleos e as maiores instâncias de decisão e deliberação do MOPR. Para tanto, é imprescindível superar a suposta dicotomia entre uma abordagem local e global. Verificar as transformações de organizações locais simultaneamente com eventos e conexões de caráter global, sem conceber uma ou outra. outra escala como “privilegiada” na análise, além de revelar sua interdependência, nos permite uma interpretação de maior profundidade das relações sociais em uma perspectiva ampla e, ao mesmo tempo, situada<sup>50</sup>.

### 3- Sobre a questão de gênero

O problema da feminização do trabalho de solidariedade foi abordado principalmente em três trabalhos. Antonio Sonnessa menciona o trabalho protagonista das mulheres em Turim:

Desde o início, as mulheres desempenharam um papel fundamental no fornecimento de apoio material e emocional a familiares, amigos, camaradas políticos e vizinhos presos ou desempregados. [...] O *Soccorso Rosso* entrou nas atividades comunitárias tradicionais das mulheres da classe trabalhadora. As trocas recíprocas de cuidados infantis, tarefas domésticos e cuidados em tempos de doença e velhice foram acentuadas pelas exigências impostas às famílias com membros na prisão, no

48.MARTIN,1985, p. 179; SONESSA, 2006, p. 496.

49.BRANCIFORTE, 2011, p. 31

50.REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

hospital ou no cemitério. O apoio emocional e a assistência material tendiam a estar ao alcance da atividade feminina no bairro<sup>51</sup>.

Sonnessa, porém, limita-se a identificar o problema apenas como resultado da coincidência entre as práticas do MOPR e as práticas que tradicionalmente eram desempenhadas pelas mulheres da classe trabalhadora, a quem pesava a atribuição do trabalho doméstico e dos cuidados físicos e emocionais em momentos de complicações da vida em família ou na comunidade. Noutra perspectiva, o trabalho biográfico de Elena Resch sobre a dirigente do MOPR, Helena Stasova, tinha como próprio objetivo dar maior relevo ao protagonismo feminino na história do Serviço Social: “Na história do serviço social russo, um grande número de mulheres se destacaram na luta contra a pobreza e a exploração.”<sup>52</sup> Todavia, ambos os trabalhos carecem de uma discussão respeito da feminização do trabalho político do MOPR, parcialmente causada pela linha política soviética e cominterniana.

Essa política foi abordada de forma mais crítica por Laura Branciforte. Apesar de também reconhecer o entrelaçamento entre as práticas do MOPR e as funções historicamente atribuídas ao gênero feminino, a autora vai mais adiante em sua avaliação.<sup>53</sup> Ela relaciona as causas dessa feminização do trabalho socorrista também à ambiguidade da política soviética que, ao mesmo tempo que tinha uma genuína intenção de impulsionar a emancipação feminina, procurava moldar e definir quais os espaços prioritários de atuação das mulheres.<sup>54</sup> Além disso, ela argumenta que o discurso de predefinição,

51.SONESSA, 2006, p. 501. Tradução nossa

52.RESCH, 2003, p. 79.

53.BRANCIFORTE, 2003, p. 55.

54.Ibid., p. 57.



ou do “dom” do gênero feminino como aquele que sabe “agradar”, surgia frequentemente com uma noção utilitarista, ou seja, de que as mulheres poderiam ser melhor utilizadas nas tarefas socorristas.<sup>55</sup> Por essas razões, ela argumenta que o MOPR e outras organizações de solidariedade, se tornaram redutos de trabalho feminino.<sup>56</sup> Porém, como noutras situações históricas, projeções e resultados nem sempre se conjugam. Laura ressalta o dado de que as mulheres dirigentes do MOPR se tornaram efetivamente organizadoras políticas e as responsáveis por organizar grandes manifestações, assembleias e movimentos de solidariedade.<sup>57</sup> Nesse sentido, essas mulheres tomaram o papel atribuído a elas e o transformaram quebrando a separação entre política e assistência.<sup>58</sup>

## CONCLUSÃO

Como pode se perceber no decorrer dessa coletânea de textos, o uso político do passado tem sido uma constante da contemporaneidade. Não apenas de maneira alegórica, mas em certos casos até o emprego de velhas doutrinas que voltam a ser funcionais para certos grupos políticos. Esse é o caso da chamada “lawfare”, expressão que designa o uso de mecanismos judiciais e penais para perseguição de adversários políticos. No Brasil, sentenças judiciais recentes empregaram abertamente a doutrina do Estado de Exceção de Carl Schmitt, célebre jurista do nazismo. Antigas ideologias têm voltado à moda, às vezes tentam se apresentar no seu estado “puro”, por ou-

---

55.Ibid., p. 59.

56.Ibid., p. 54.

57.Ibid., p. 59.

58.Ibid., p. 60.

tras, se proclamam atualizações e reciclagens, apenas precedidas do sufixo “neo” em suas denominações. A instrumentalização do passado no presente, portanto, faz-nos sentir num longo e penoso *deja vu*.

Todavia, essa sensação é ardilosa e precisa ser digerida com desconfiança. Poucos que ainda estão entre nós são testemunhas ou foram partícipes dos conturbados anos entreguerras. Em sua maioria, conhecemos esse período histórico por meios de segunda ordem, mediado por terceiros. Portanto, é arriscado fazer comparações apressadas e o estudo de fenômeno contemporâneos deve usar tendências políticas e sociais do passado de forma cuidadosa.

O esforço contido nesse capítulo foi o de iluminar a história de uma organização cujas práticas tinham como objetivo combater ou mitigar os efeitos do fascismo do período entreguerras. Escrito a quatro mãos, este trabalho ainda representa um esforço germinal no empreendimento de conhecer melhor o MOPR, porquanto se trata apenas de uma revisão bibliográfica, sem pesquisa com fontes primárias.

Nossa pesquisa, porém, revelou aspectos de grande relevância. Primeiro, em várias das abordagens supracitadas, ainda que o MOPR fosse uma organização centralizada e dirigida política e ideologicamente pela Comintern, muitos dos autores identificaram que as suas seções locais e nacionais gozavam de significativa autonomia no seu fazer cotidiano. Além disso, tais práticas, embora direcionadas pelo alto, eram amalgamadas com tradições locais e particularidades históricas, produzindo resultados diversos. Talvez não seja arriscado dizer que as necessidades concretas dos militantes e do movimento operário de cada país tinham mais peso na elaboração das políticas

do alto escalão do MOPR do que o contrário, já que a própria existência da organização e algumas das suas viradas táticas mais importantes foram fortemente influenciados por esses elementos.

A abordagem metodológica desse trabalho, inspirada na História Global e na alternância de escalas mostrou-se compatível e necessária para esse objeto de debate. Isso se evidencia de forma expressiva ao identificarmos os limites de várias das peças de literatura analisadas. Quando nestas predominaram a escala local ou a escala internacional, uma em detrimento da outra, verificamos a existência de conclusões precipitadas ou apreciações significativamente parciais dos problemas em pauta.

Muito mais pode ser encontrado na medida em que novas pesquisas sejam empreendidas sobre esse objeto. Em geral, a história até então conhecida do MOPR nos mostra que as frequentes demonstrações de sectarismo por parte de movimentos de esquerda não tinham muito espaço quando a pauta era a solidariedade. A exemplo do movimento operário turinês, quando se tratava da segurança de seus líderes, suas famílias e dos seus lares diante da ameaça fascista, as divergências partidárias eram secundárias. Quiçá essa seja uma prática tão possível quanto necessária de ser revisitada por aqueles que se opõe às asquerosas tentativas de parodiar fúnebres canções do passado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCIFORTE, Laura. **El Socorro Rojo internacional en España (1923-1939):** relatos de la solidaridad antifascista. Biblioteca Nueva, 2012.

CONRAD, Sebastian. **What is global history?.** Princeton University Press, 2016.

LIMA, Aruã Silva de. **Comunismo contra o racismo:** autodeterminação e vieses de integração de classe no Brasil e nos Estados Unidos (1919-1939). Tese de Doutorado.

Universidade de São Paulo, 2015.

LOSURDO, Domenico. **Guerra e revolução: o mundo um século após outubro de 1917.** Boitempo Editorial, 2017.

LUKÁCS, György. **A Concepção Aristocrática e a Concepção Democrática Do Mundo**, In: O Jovem Marx e Outros Escritos de Filosofia, ed. José Paulo Netto and Carlos Nelson Coutinho, 2nd ed, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

MARTIN, Charles H. **The International Labor Defense and Black America.** Labor History 26, nº 2, jul. de 1985, p. 164-194.

MORAIS, Fernando. **Olga.** Grove Press, 2004.

PRESTES, Anita. **A Campanha Prestes Pela Libertação Dos Presos Políticos No Brasil (1936-1945): Uma Emocionante História de Solidariedade Internacional.** São Paulo: Expressão Popular, 2013.

RESCH, Elena. Jelena Stassowa—an Upper-Class Intellectual becoming an Activist of Red Aid. In: **History of Social Work in Europe (1900–1960).** VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2003.

SCHILDE, Kurt. **First-Aid Squad in the Class Struggle.** In: History of Social Work in Europe (1900–1960). VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2003.

SONNESSA, Antonio. **Factory Cells and the Red Aid Movement: Factory and Neighborhood Forms of Organization and Resistance to Fascism in Turin, 1922–1926.** Science & Society, v. 70, n. 4, p. 480-508, 2006.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RYLE, James Martin. **International Red Aid: A Case Study of a Communist Front Organization.** Tese de Doutorado. Emory University, 1962.

RYLE, James Martin. **International Red Aid, 1922-1928: The Founding of a Comintern Front Organization.** Tese de Doutorado. Emory University, 1967.

RYLE, James Martin. **International Red Aid, 1922-1928.** 1969.

RYLE, J.M. **International Red Aid and Comintern Strategy, 1922–1926.** International Review of social history, v. 15, n. 1, 1970.

## CAPÍTULO 14

# UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE O FOLHA DE SÃO PAULO E SUAS AÇÕES NO INSTAGRAM PERANTE OS ANSEIOS AUTORITÁRIOS DE JAIR BOLSONARO (2020)

Guilherme Henrique Piaz Paslauski (UNIOESTE)

Ao receber o convite de meus colegas para escrever este capítulo de livro e ao reconhecer o tema que envolveria o todo da obra, logo me motivei a refletir sobre como o jornal folha de São Paulo construía uma imagem do atual presidente Jair Bolsonaro, pois o jornal já fazia parte como fonte e objeto de pesquisa de minha dissertação de mestrado. Contudo, optei por dessa vez sair do jornal impresso, busquei outras formas de atuação do jornal e cheguei evidentemente às redes sociais, meio bastante difundido na sociedade atual. Na página do Instagram da Folha de São Paulo encontrei um grupo de postagens intitulados “O que a Folha pensa” e, após ler algumas postagens, decidi investiga-los, as postagens no Instagram servem como chamadas para as matérias completas publicadas no periódico impresso, mas contém, mesmo que brevemente, uma par-

te do pensamento que a Folha se diz ser seu- perceba aqui que não é a opinião de um sujeito jornalista, mas se coloca como opinião da Folha de São Paulo. O que o jornal transmite para seus seguidores como ideias suas sobre o presidente Jair Bolsonaro no primeiro semestre de 2020, e como a atuação e discurso da Folha de São Paulo, pode ser ou não, uma repetição do que já realizou no passado, quando segundo Arbex Jr (2001), adotou uma estratégia de “defesa da democracia-para-o-mercado”, movimento essencial para o jornal nos anos 1970 e 1980.

Vale ressaltar que perfil do jornal na plataforma possui mais de 2,3 milhões de seguidores, número muito maior do que os 268.557 assinantes digitais<sup>1</sup> do jornal, que possuem acesso a versão digitalizada do impresso. Possui quase 30 mil postagens no perfil e mantém publicações diárias, nos meses finais de 2019, começou a publicar o quadro intitulado de “O que a Folha Pensa”, onde reproduz uma parcela seus pensamentos. A publicação do quadro segue uma estrutura definida, a postagem tem dois aspectos principais, o texto e a fotografia. O texto é sempre colocado à esquerda, com o título do quadro e logo abaixo o pensamento da Folha, escritos em fonte branca sobre um fundo azul, à direita a fotografia que acompanha o texto. Essa ordem seguida pela publicação, destoa das demais presentes no perfil, geralmente apenas fotografias e textos na descrição, essas publicações que seguem o padrão com o fundo azul, chamam maior atenção entre as outras publicações presentes no perfil da *folhadespaulo*<sup>2</sup>.

1.Dados referentes ao mês de maio de 2020, e disponíveis para acesso no link: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/maior-jornal-do-brasil-folha-consolidacao-crescimento-digital.shtml> >.

2.Link para acesso: < <https://www.instagram.com/folhadespaulo/> >.

Assim, a seleção das publicações seguiu um padrão, sempre que mencionado o nome do presidente Jair Bolsonaro, ou fazia menção ao seu governo, a postagem era salva, a definição temporal escolhida foi o primeiro semestre de 2020, após 1 ano de gestão Bolsonaro e por ser palco de diversos ataques antidemocráticos. Ao todo, foram obtidas 77 publicações do Instagram da Folha de São Paulo com o tema desejado, todas as publicações foram printadas e salvas. Entre as publicações, encontramos temas diversos, desde as políticas governamentais de Jair Bolsonaro, como economia, educação, energia e agricultura, sobre as incapacidades de seus ministros, as tentativas de interferência na Polícia Federal (PF), em sua busca por blindar os familiares e amigos de investigações em andamento e suas atividades antidemocráticas. Essas atividades se somadas, contabilizam 17 publicações entre janeiro e junho de 2020, todas com referência aos movimentos e atos antidemocráticos praticados por Jair Bolsonaro. Juntas, as publicações tem um total de 228.008 curtidas, com uma média de 13.412 curtidas por publicação.

As falas que fazem apologia ao autoritarismo não são novidades nas retóricas de Jair Bolsonaro, atual presidente da república. Já é figura recorrente no cenário político nacional, estando a mais de 30 anos na política, passou muito desse tempo, como um mero coadjuvante no debate político. Ganhava protagonismo muito mais por polêmicas do que por questões políticas, como constata o artigo *“Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”*: 30 anos (1987-2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais brasileiros, ao ressaltar que:

As matérias sobre insultos e/ou agressões sempre acarretaram uma maior frequência de notícias nos jornais além de, conseqüentemente, uma maior visibilidade de Jair Bolsonaro em relação aos leitores. Ao

longo dos 30 anos de matérias, as agressões verbais compõem uma parte considerável da imagem pública do deputado.”<sup>3</sup>

Como não se recordar da infame justificativa de seu voto favorável ao golpe de 2016, quando exaltou Carlos Alberto Brilhante Ustra, dentro da câmara dos deputados, um conhecido torturador do período Ditatorial do Brasil, que inclusive havia torturado a presidenta Dilma Rousseff, vítima do então golpe em andamento.

Além das polêmicas e discussões provocados enquanto era deputado, carregou consigo um considerável número de pautas incabíveis em um Estado democrático, como por exemplo, a presença em seus discursos de “pautas políticas contra os direitos humanos, a apologia à ditadura e ao golpe militar, a defesa dos direitos dos militares e a apologia à tortura e à violência”<sup>4</sup>. Entre as quatro pautas defendidas pelo político, apenas a defesa dos direitos dos militares é aceitável no debate político democrático, mas justamente é aquela que menos se destaca na sua carreira político, servindo apenas como palanque eleitoral:

Entretanto, podemos notar que a frequência dela é bem maior no início da carreira do que nos anos seguintes. Por outro lado, a defesa dos direitos dos militares é numericamente inferior às outras três pautas. Podemos interpretar, segundo as matérias analisadas, que os direitos dos militares foram apenas secundariamente um componente da imagem pública do deputado nas páginas dos jornais.<sup>5</sup>

As pautas incabíveis que mantinha em sua retórica política permaneceram presentes até mesmo na corrida presidência de 2018, quando concorreu ao cargo pelo PSL (Partido Social Liberal) e sen-

---

3.Nascimento, L., Alecrim, M., Oliveira, J., Oliveira, M., & Costa, S. (2018). “Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”. *Plural*, 25(1), 135-171. < <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2018.149019> >.

4.Ibid., p. 150.

5.Ibid., p. 152.



do eleito em segundo turno com 46,03% (49.276.990)<sup>6</sup> dos votos. Sem mencionar a gigantesca onda de Fake News usadas pelo candidato no período eleitoral, fortalecendo seu discurso. As falas e atos antidemocráticos do presidente não chegam a surpreender, sua imagem pública foi construída em volta disso, o fato surpreendente é sua permanência no exercício político por mais de 30 anos, envolvido por mais de uma vez em episódios de ataque contra figuras políticas e antidemocráticos.

Sua ascensão política ocorreu no decorrer dos anos 2010, ao se apropriar de movimentos políticos e usá-los como tribuna. O fenômeno Jair Bolsonaro, ou como seus seguidores o chamam, “mito” pode ter diferentes origens para diferentes pessoas, para alguns foi a partir de 2013, com as manifestações de junho, para outros as manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff em 2015, ou a Operação Lava Jato e a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Fatos utilizados convenientemente pelo deputado para melhorar sua imagem com parcelas da opinião pública.

Já a pesquisadora Isabela Kalil, nós remete aos anos de 2009 e 2010, quando entra em pauta a aprovação da terceira versão do Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH3), que ampliava as suas ações no país, propondo a “criação da Comissão Nacional da Verdade, a descriminalização do aborto, o reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo, maior regulação da mídia e impõe limites para a presença religiosa no Estado.” Pautas que automaticamente colidem frente a frente com os discursos do então deputado federal pelo PP-RJ. O que gerou um tom mais agressivo por parte do deputado sobre o debate dos direitos humanos, o que se confirma na

6.Dados disponíveis em: < <https://placar.eleicoes.uol.com.br/2018/1turno/> >.

análise das pautas políticas de Jair Bolsonaro em jornais como Folha de São Paulo e O Estado de S. Paulo, que constata uma maior ocorrência do tema Direitos Humanos nas falas de Bolsonaro a partir de 2011: “De todas as pautas políticas analisadas, a que mais parece constituir a imagem pública do deputado Jair Bolsonaro é aquela contrária aos direitos humanos. A presença desta pauta é bastante tímida nos primeiros anos das matérias analisadas e teve uma maior ocorrência a partir de 2011.”<sup>7</sup>

Vale ressaltar que, mesmo “as reações contrárias ao PNDH-3 não tenham ganhado as ruas, os desdobramentos das manifestações que se seguem ao longo da década de 2010 fazem referência a seus temas”<sup>8</sup>. Uma vez que, diferentes pautas contrárias ao PNDH surgiram no mesmo contexto, como o exemplo, dos movimentos contrários ao debate de gênero e orientação sexual. Pautas das quais o deputado nunca se preocupou em mascarar seu apoio, tumultuando por mais de uma vez as tentativas de movimentos sociais realizarem debates abertos e amplos com a sociedade brasileira. Foi em 2010 também, que teve o “início da ruptura da base religiosa com os governos do Partido dos Trabalhadores. E é nessa época e nesse contexto que Jair Bolsonaro ganha visibilidade, em especial depois de se referir a materiais de um programa do governo federal como “kit gay”. A acusação foi um dos motes de sua campanha eleitoral de 2018.”<sup>9</sup>

Nas publicações selecionadas para análise, não encontramos menções sobre ataques de Jair Bolsonaro aos Direitos Humanos ou a

7.Nascimento, L., Alecrim, M., Oliveira, J., Oliveira, M., & Costa, S, 2018, p.156.

8.KALIL, Isabella. As origens do bolsonarismo. Época, 2019. Disponível em: < <https://epoca.globo.com/isabela-kalil/as-origens-do-bolsonarismo-1-24134678> >. Acesso em: 03 ago. 2020.

9.Id., 2019.

outros movimentos sociais não aceitos pelo político, não que tais temas tenha saído de suas pautas, o que percebemos é que não estão em alta nesse momento. Agora que já ocupa o cargo de mandatário, a preocupação de Jair Bolsonaro está voltada para sua permanência no poder, o que traz à tona as pautas autoritárias do presidente, essas que nunca deixou de carregar consigo.

O tema do autoritarismo é encontrado em pelo menos duas publicações por mês, destinadas a noticiar as perigosas proximidades de Jair Bolsonaro com discursos e movimentos antidemocráticos, exemplo é a publicação do dia 1 de janeiro de 2020, expressando os pensamentos da Folha de São Paulo sobre o ano de 2019, que de acordo com o jornal: “Tem sido **notável a resistência** da arquitetura constitucional aos **múltiplos choques**, o que foi realçado em 2019. Pela primeira vez ela teve testada a sua integridade diante de um **presidente hostil** aos valores democráticos do pacto de 1988 - **e saiu-se bem.**”<sup>10</sup> Saiu-se, “bem” disse à Folha, perante um “presidente hostil” e, pela primeira vez desde 1988, a constituição demonstrou sua notável resistência contra alguns choques. Os múltiplos choques não são tratados abertamente como ataques, o que por lei e pela própria constituição é cabível de impeachment.

O que conseguimos perceber também nas primeiras publicações sobre as proximidades de Jair Bolsonaro com tendências autoritárias, é a abordagem adotada pela Folha de São Paulo, agora com novo slogan “Um jornal a serviço da democracia”, passa a exaltar os trabalhos das instituições capazes de travar os desejos obscuros do presidente, sendo principalmente o Supremo Tribunal Federal

---

10.Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/B6xhP15C8JJ/> >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfases da Folha.

(STF), que não aparece em apenas 1 publicação como um dos responsáveis pela resistência da constituição de 1988. Na ideia do jornal, o STF desempenhou papel fundamental no primeiro ano de governo de Jair Bolsonaro: “Encerrado o primeiro ano do mandato de Jair Bolsonaro, **é reconfortante verificar que o STF funcionou como anteparo** diante de algumas das iniciativas mais abusadas do presidente”.<sup>11</sup> Fazendo alusão ao decreto do presidente que visava extinguir os conselhos que garantiam a participação da sociedade nas decisões do governo. A estratégia de exaltar as funções de órgãos democráticos como o STF, ocorre por mais de 1 vez no discurso da Folha de São Paulo.

Em fevereiro, em um novo ato político inaceitável, Jair Bolsonaro acena favoravelmente para movimentos políticos da extrema direita, esses que pretendiam no dia 15 de março, manifestar-se, nas suas pautas, um dos pedidos era a volta da ditadura militar. Um ataque direto do presidente as normas constitucionais do país, não o primeiro, nem o último, para um político que já comemorou o dia 31 de março abertamente. Nesse contexto, podemos perceber que a Folha de São Paulo tomou para si, uma postura mais dura sobre a atitude do presidente, para o jornal: “Diante das demonstrações reiteradas de desprezo pela institucionalidade e de violações dos requisitos legais de honra, decoro e dignidade para o exercício da Presidência, talvez apenas o **medo do impeachment possa deter a perigosa aventura Bolsonaro.**”<sup>12</sup> Entre todas as postagens analisadas, a única

11.Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/B7QZhwpinYM/> >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfases da Folha.

12.Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/B9DHF6qnCgq/> >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfases da Folha.

menção ao impeachment de Jair Bolsonaro pela Folha, se dá nesta do dia 26 de fevereiro.

Curioso o fato de em seis meses e com “múltiplos choques” contra a democracia, o jornal trás o tema impeachment para seus seguidores em apenas 1 publicação, ainda de maneira a se colocar em uma posição indefinida sobre o tema. A Folha expõe que as capacidades políticas de Bolsonaro não condizem com as necessárias para ocupar o cargo da presidência, mas mesmo assim, o jornal não toma posição pela saída de Jair Bolsonaro do cargo que ocupa, defende uma estratégia de intimidação, talvez o presidente com medo de sofrer impeachment, possa parar com sua “perigosa aventura”. Embora o atual presidente já tenha cometido diferentes crimes cabíveis de impeachment, a Folha não toma posição clara sobre o caso. Uma postura cordial que o jornal não deu para a ex-presidenta Dilma Rousseff, onde mesmo com o reconhecimento do caráter ilegal do processo de impeachment em andamento contra ela, o jornal não fica em cima do muro, e afirmar sua posição contra o governo, e por ser um jornal pluralistas, defende também a saída de Michel Temer, “a Folha de S.Paulo defende a renúncia tanto da presidenta como de seu vice, Michel Temer (PMDB).”<sup>13</sup>

É perceptível que o medo do impeachment não aflige Bolsonaro, seus anseios autoritários gritam mais alto, e usa sua posição como presidente para inflar movimentos da extrema direita com os mesmos desejos, segundo a jornal, fica fácil perceber no discurso de Bolsonaro sua intenção de criar outra crise democrática no país:

---

13.CORNILS, Patrícia. Apresentação à Segunda Edição. In: ABRAMO, Perseu. Padrões de Manipulação na Grande Imprensa. Com colaborações de Laura Caprigliole. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação, 2016.

“É fácil perceber que Bolsonaro **fabricou mais uma crise** com o único objetivo de **intimidar o Legislativo**, parte de um esforço permanente para submeter instituições democráticas a **desgaste contínuo**.”<sup>14</sup> Na qual se refere ao pronunciamento do presidente no dia 12 de março, em que finalmente utilizando máscara, falou sobre o COVID-19, mesmo que sem apresentar nenhuma medida concreta. E aproveitou-se do pronunciamento para como a Folha disse, *fabricar mais uma crise*, ao pedir que os manifestantes apoiados por ele, ficassem em casa no próximo dia 15. Orientação dada pelo presidente aos organizadores e participantes da manifestação que tinha como alvo o Congresso e, na matéria completa da Folha de São Paulo no impresso, o texto *Crise Mascarada*, abre os editoras do jornal no dia 14 de março, que descreve com mais informações a crise criada pelo presidente, que enaltece-se manifestação golpista e ataca novamente as diretrizes democráticas, ao proclamar: “foi dado um tremendo recado ao Parlamento”<sup>15</sup>.

Os manifestantes ouviram o pedido do presidente e adiaram o ato organizado por eles. A nova data para o movimento foi dia 19 de abril, período em que o contágio e mortes por COVID-19 no Brasil estava crescendo, não apenas desrespeitaram as orientações de isolamento social, em meio a uma pandemia mundial, como não respeitaram as leis da Constituição. Com o agravante ainda maior, de contar com a participação e declarações do presidente Jair Bolsonaro. Na concepção democrática da Folha: “Jair **Bolsonaro agrediu a Constituição quando discursou** no domingo (19) **em favor à manifes-**

14. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/B9tqqs3H8Cy/> >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfases da Folha.

15. JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. 14/03/2020 p.02.

**tação que defendia a volta da ditadura.** Não foi a primeira vez em que o presidente se reuniu com o “gabinete do ódio” para escancarar na sequência suas aptidões ditatoriais.”<sup>16</sup> Clara ao enunciar que Jair Bolsonaro “agrediu a constituição”, mas fraca em tomar posições perante a mais um ataque do presidente contra a democracia, atitude presente na maioria das publicações analisadas.

O que surpreender, é constatar que poucos dias depois, em uma nova publicação e com um discurso negacionista, minimiza o episódio: “O ato, que contava com a participação de não mais que algumas **centenas de energúmenos**, ganhou repercussão porque **Bolsonaro** aproveitou a ocasião para, em frente ao **quartel-general do Exército**, fazer um discurso de **sotaque golpista** com insinuações **contra o Congresso**.”<sup>17</sup> O fato de os manifestantes não passarem de apenas algumas centenas parece não preocupar os pensamentos da Folha, a importância do fato, está na participação do presidente no movimento, que “aproveitou” para falar aos seus seguidores, palavras golpistas contra o Congresso, utilizando como fundo de cenário o quartel-general do Exército, já que os manifestante pediam a volta deles para o governo. É realmente importante ressaltar o fato de nosso presidente estar participando de atos golpistas, talvez, mais importante ainda, seria o jornal sempre disse estar “serviço do Brasil”, tomasse partido claro e favorável ao impeachment, para o jornal que agora se proclama como “o jornal a serviço da democracia”, pelo que vem apresentando até o momento, não está fazendo um bom serviço.

16.Disponível em: < [https://www.instagram.com/p/B\\_N\\_rSZHZYR/](https://www.instagram.com/p/B_N_rSZHZYR/) >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfases da Folha.

17.Disponível em: < [https://www.instagram.com/p/B\\_R-TuBnbV6/](https://www.instagram.com/p/B_R-TuBnbV6/) >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfases da Folha.

Em meio os ataques. Outro momento decisivo de atuação do STF, ocorre quando a instituição por meio do ministro Alexandre de Moraes, impede Jair Bolsonaro de interferir na nomeação do Diretor da Polícia Federal, medida que o presidente busca realizar desde o início das investigações contra membros da sua família e amigos próximos. Enfatizado pela Folha, que: “Desde a redemocratização do país, **nenhum presidente desafiou os limites impostos pela Constituição como Bolsonaro**, que submete as instituições democráticas e estresse permanente como o claro objetivo de enfraquecê-las. Em casos assim, cabe responder com firmeza aos que abusam de seu poder.”<sup>18</sup>

Não bastasse sua participação do ato em abril, o qual a Folha chama os manifestantes de energúmenos, Jair Bolsonaro volta a prestigiar movimentos antidemocráticos com sua presença, movimentos esses que gritavam pautas como o fechamento do Congresso, do Supremo Tribunal Federal e a intervenção militar. À essa altura a Folha de São Paulo, que passou a ser alvo do presidente e de seus seguidores, apresenta um discurso mais aceitável, ao indagar que: “Mais uma vez, o **presidente Jair Bolsonaro** achou por bem juntar-se aos manifestantes e gritar **palavras de ordem que os legitimam**. Ele sabe que as **bandeiras afrontam a Constituição**, mas não se importa. É o **agitador de sempre**, o antiestadista, o eterno **deputado medíocre do baixo clero**.”<sup>19</sup> Com um tom mais concludente a Folha relembra em poucas palavras a carreira de Jair Bolsonaro, o agitador de sempre e o eterno deputado medíocre, que sempre atrapalhou

18.Disponível em: < [https://www.instagram.com/p/B\\_IYpvjnINn/](https://www.instagram.com/p/B_IYpvjnINn/) >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfases da Folha.

19.Disponível em: < [https://www.instagram.com/p/B\\_w2L5pHpqg/](https://www.instagram.com/p/B_w2L5pHpqg/) >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfases da Folha.



o debate político, sem apresentar pautas ou projetos que realmente trariam algum benefício para o país, agora vem ao poucos minando o sistema democrático, já bem fragilizado com o golpe de 2016, que o ajudou a chegar ao cargo de presidente.

E mesmo que a Folha tenha alterado o tom de seu discurso ao atacar diretamente o presidente, como um político movido pelos próprios interesses ao chama-lo de político de baixo clero, erra ao meu ver, em novamente tentar preservar seu jornalismo apartidário, ao abrandar novamente o seu discurso, ao publicar que é necessário: “**Reafirmar** constantemente **as balizas** estabelecidas pela Constituição, como Toffoli e Azevedo fizeram nesta semana, **é necessário** para conter **os instintos autoritários** de **Bolsonaro**, que não cansa de desafiar esses limites.”<sup>20</sup> A publicação da Folha faz referência a falas de ministros que reiteraram que o STF irá permanecer vir e forte contra as investidas golpistas de Bolsonaro, além de exigiram respeito as instituições democráticas, aqui lanço um crítica tanto para o posicionamento desses ministros como da própria Folha, em acreditarem que apenas falas irão conter os ânimos dos golpistas que veem em Bolsonaro a saída para todas as crises do país, muitas iniciadas com o golpe de 2016, mas severamente pioradas em apenas 1 ano da gestão Bolsonaro.

Em maio, com as investigações sobre Jair Bolsonaro e seus filhos em andamento, a Folha credita a esses encaixos na vida do presidente como uma justificada para “A recente **radicalização** retórica de **Bolsonaro**, com **ataques** mais frequentes e descabelados ao **Legislativo**, ao **Supremo Tribunal Federal** e à **imprensa**, pode ser com-

---

20.Disponível em: < [https://www.instagram.com/p/B\\_9wf9kA25I/](https://www.instagram.com/p/B_9wf9kA25I/) >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfases da Folha.

preendida como tentativa de mobilizar o **eleitor** que já vê motivos para **decepcionar-se** com o “mito”.<sup>21</sup> Atribuindo que o político venha perdendo seguidores ao longo do caminho, algo que já era de se esperar, sobre um governo caótico e crítico ao sistema democrático em funcionamento no país. No mesmo mês, mais um assombroso episódio da gestão Bolsonaro cai sobre o povo brasileiro, a reunião ministerial de 22 de abril: “No vídeo da infame **reunião ministerial** de 22 de abril, **Bolsonaro** defendeu mais uma vez a necessidade de **“armar a população”** como **antídoto à ascensão de ditadores**. O pensamento está em linha com o que pregava **Benito Mussolini** nos anos 1930 e 40. **O populismo tosco e perigoso** de Bolsonaro **flerta com o fascismo italiano** também no **ódio à imprensa independente**.”<sup>22</sup> O espanto causado pelo vídeo, se apresenta também sobre o discursos de alguns dos ministros do presidente que parecem hipnotizados pela ideologia golpista de Jair Bolsonaro.

Em junho, a Folha dedicou apenas três publicações para expor seus pensamentos sobre Jair Bolsonaro, o perfil publicou no dia 11 de junho: “Diante de um presidente que busca a todo tempo **minar a confiança nas instituições** construídas após a redemocratização do país, **é preciso que os limites estabelecidos pela Carta sejam reafirmados** com persistência.”<sup>23</sup> Notável como o pensamento do jornal, mesmo após ataques diretos do presidente, insiste em se manter em uma posição que não o coloque como favorável

---

21.Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CAATKK2Afy0/> >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfases da Folha.

22.Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CAtJGZWH2nu/> >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfase da Folha.

23.Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CBTrcCfH196/> >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfases da Folha.

ao impeachment, na busca por manter sua posição, emprega as instituições públicas essa responsabilidade. Bolsonaro infligiu em seis meses mais de uma lei cabível de impeachment, e encontramos apenas uma publicação que faça menção a isso. Para a Folha, Jair Bolsonaro pode tentar o quanto quiser, mas não encontra saída contra a democracia, que não seja o respeito a constituição: “Bolsonaro pode espernear o quanto quiser - é do jogo democrático. Mas ele e seus asseclas sabem que não há saída fora da Constituição. **Não há golpe, não há artigo 142, não há bravatas da minoria não democrática dos militares.**”<sup>24</sup>

As publicações selecionadas no primeiro semestre termina justamente com a publicação da Folha sobre o maravilhoso fato do presidente Jair Bolsonaro ter ficado 10 dias sem apreciar atos contra a democracia ou criar qualquer tipo de desconforto no ambiente político da nação, “À luz do retrospecto de **Jair Bolsonaro**, em especial durante a pandemia, é digna de nota a **marca de dez dias**, sem prestigiar atos golpistas, incitar o descumprimento de quarentenas ou atacar instituições, imprensa e desafetos políticos.”<sup>25</sup>

Já é sabido que os temas abordados pela Folha de São Paulo no “O que a Folha pensa”, são trechos do que é expressado pelo jornal no seu impresso, assim o seu perfil na rede social, está na disputa pela opinião pública nas redes, ao mesmo tempo em que faz referência e publicidade do jornal diariamente vendido nas bancas. As publicações da Folha de São Paulo no seu Instagram, não demonstram seguir nenhuma lógica contrária ao que se apresenta no jor-

24.Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CBk3pkXH2P8/> >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfases da Folha.

25.Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CCDpW-nH6Kv/> >. Acesso em: 03 ago. 2020. Ênfases da Folha.

nal, mantendo a postura redacional jornal, defensor da democracia, mesmo que de maneira genérica, pois não toma posições claras em relação ao impeachment ou renúncia do presidente. A estratégia não é novidade dentro do jornal, já que não é a primeira vez que a Folha de São Paulo a utiliza. O uso da democracia como estratégia de mercado foi muito bem utilizado pelo jornal nos anos 1970 e 1980, o que proporcionou um considerável ganho de prestígio para sua imagem, prestígio que o possibilitou participar de debates políticos com grande poder de influência sobre seu público e o levou ao topo do jornalismo brasileiro na década de 1980.

Nesse período a Folha de São Paulo vinha passando por uma série de mudanças empresariais e redacionais, o que levou o jornal a adotar um discurso da democracia-para-o-mercado, tendo em vista que era o mesmo período em que os desejos democráticos estavam crescendo entre a população, o que possibilitou o jornal a se “diferenciar, nos anos 70, de seu principal concorrente, o jornal O Estado de S. Paulo, propriedade da família Mesquita, conhecida por suas posições ideológicas conservadoras e por seus vínculos com as oligarquias mais atrasadas do país”<sup>26</sup> e fez o mesmo nos anos 1980, quando apoiou decididamente as manifestações pelas Diretas Já.

No atual momento não podemos afirmar com total certeza se a Folha de São Paulo, novamente adotou a defesa da democracia como um discurso para o mercado, ou que tomou posição contra o governo. Mas o que podemos afirmar é que novamente o debate sobre os direitos democráticos estão presentes nas páginas e redes sociais do jornal, que como referido, no ano de 2020 mudou seu slogan após

---

26.ARBEX JÚNIOR, José. Showrnalismo: A notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

quase 60 anos do “Um jornal a serviço do Brasil”, também não podemos deixar de enfatizar que sua atuação jornalística sobre as ações autoritárias de Jair Bolsonaro, vem deixando a desejar, para quem se diz em defesa da democracia. Veja, mesmo que condene e denuncie para seu leitor os perigos que os discursos e movimentos do presidente trazem ao sistema político brasileiro, não é capaz de se colocar de maneira clara e efetiva sobre o impeachment de Jair Bolsonaro.

O que é claro nos discursos da Folha de São Paulo em suas publicações, é sua posição em defesa da democracia, o ponto é que demonstra que o seu discurso é uma defesa da democracia-para-o-mercado, pois mantém uma postura onde não se posiciona abertamente contra o governo, não utiliza seu poder de disseminação de informação para formar uma opinião maior e mais bem formada sobre o tema, sua estratégia parece ineficaz, quando sua preocupação é manter leitores para o jornal, algo que pode vir a perder, caso se coloque em posições políticas definidas, embora, já tenha se posicionado politicamente em um passado recente.

## REFERÊNCIAS

ARBEX JÚNIOR, José. *Showrnlismo: A notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

CORNILS, Patrícia. Apresentação à Segunda Edição. In: ABRAMO, Perseu. *Padrões de Manipulação na Grande Imprensa*. Com colaborações de Laura Caprigliole. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação, 2016.

KALIL, Isabella. *As origens do bolsonarismo*. Época, 2019. Disponível em: < <https://epoca.globo.com/isabela-kalil/as-origens-do-bolsonarismo-1-24134678> >. Acesso em: 03 ago. 2020.

Nascimento, L., Alecrim, M., Oliveira, J., Oliveira, M., & Costa, S. (2018). “Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”. *Plural*, 25(1), 135-171. < <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2018.149019> >.

## CAPÍTULO 15

# FASCISMO CON LO STILE BRASILIANO

Matheus Barrientos Ferreira

O integralismo brasileiro movimento político que surge no início da década de 1930, através dos planos de Plínio Salgado, quando em 7 de Outubro de 1932, dentro do Teatro Municipal de São Paulo, expõe e cria a Ação Integralista Brasileira (AIB), que buscava além das ações políticas, também a fomentação da chamada “família tradicional”, modulando-se nos pilares da fé cristã.

Considerado por grande parte dos historiadores um movimento de extrema direita, buscando a inserção, absorção e multiplicação de sua ideologia nacionalista, antiliberal e anticomunista, dentro da sociedade brasileira, se aproximando assim fortemente dos conceitos utilizado pelo fascismo de Mussolini na Itália. Gabriela Lima Grecco, assim explica a fundação do Ação Integralista Brasileira (AIB):

El 7 de octubre de 1932, a través del Manifiesto de Octubre presentado en el Teatro Municipal de São Paulo, la AIB fue fundada por Plínio Salgado, intelectual influido por las ideas [...], sobre todo, Benito Mussolini. El Duce brasileño, tras su viaje a Europa en 1930, regresó

a Brasil extasiado con la Italia fascista y afirmó que “el concepto de fascismo será la luz de la nueva era”.<sup>1</sup>

Entretanto o integralismo tem suas raízes nos problemas sociais que enfrentava o país, com o traslado do século XIX para o XX, a industrialização que resultou em um grande e expresso êxodo rural, mudou os cenários das principais capitais do país, principalmente São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

A mudança no cenário urbano trouxe contigo, graves problemas sociais, desde moradias e alimentícios, até problemas de higiene pública, um acúmulo de problemas que abriram as portas para a inserção do integralismo na sociedade brasileira, como exalta Renata Duarte Simões, “Nas cidades em desenvolvimento, onde a preocupação com o reordenamento voltava-se fundamentalmente para a solução dos problemas da moradia, do saneamento básico, das epidemias e das doenças”<sup>2</sup>.

A introdução do fascismo no Brasil, se assemelha muito ao cenário imposto a sociedade italiana pelo governo, crises e mais crises, descontentamento social perante os políticos e, principalmente, o abandono de grande parcela da sociedade por parte do governo. Em um cenário totalmente contrário à democracia, o fascismo se anexa ao desejo de modernidade e um novo módulo de governar uma nação, com princípios nacionalistas e jovens. Assim cita, Odilon Caldeira Neto:

---

1.GRECCO, Gabriela de Lima. **De la pluma como oficio a la pluma oficial: estado y literatura durante los nuevos Estados de Getúlio Vargas y Francisco Franco (1936-1945)**. Madrid, 2017. p. 164. Tese (Doutorado em História) - Universidad Autónoma de Madrid, 2017.

2.SIMÕES, Renata Duarte. Mulher e assistência social na Ação Integralista Brasileira: “Pelo bem do Brasil!”. **35º Reunião Anual da ANPED**, São Paulo, 2012. p. 1.

Com o fim da chamada República Velha, a prática político-partidária daquele período assumiu (à revelia, certamente) o caráter arcaico relacionado constantemente com os moldes oligárquicos de dominação. Contraponto a tal proposta, as ideologias de esquerda, embora tivessem certo apoio de uma significativa parcela do operariado urbano do período (sobretudo nos anos 1920), eram extremamente malvistas por grande parte da população brasileira, tomados como contrários à ordem e destruidores da moral cristã.

Desta maneira, o fascismo de uma forma geral adquiriu um caráter extremamente atraente aos grupos citados anteriormente, considerado “modernizador” e jovem, mas não contrário às tradições. Isto explica, em parte, tanto a guinada de alguns grupos conservadores da Igreja Católica para movimentos fascistas, quanto a grande adesão de jovens e intelectuais a estas experiências.<sup>3</sup>

O integralismo, acima de tudo, proporcionou à sociedade brasileira da época a ideologia de união através do governo e da fé, conceitos exportados do fascismo italiano. Estamos trabalhando com uma sociedade desgastada desde a época do Império, em sua grande parte vivendo na extrema pobreza e sem condições mínimas. Essa reformulação passa sobre três conceitos, “Deus, Pátria e Família”, como explica Gildete Pereira Tavares de Melo:

[...] o movimento integralista, sob a liderança de Plínio Salgado, que se pautava em três conceitos: “Deus, Pátria e Família”. A proposta deste movimento consistia em uma sociedade baseada no Estado integral. O grupo tinha como objeto norteador a concepção de que o Estado não deve ser somente o Governo, a Administração de um país, mas, antes de tudo, um povo unido pela língua e religião, logo, a nação e o Estado devem se integrar para um mesmo fim, caracterizando um movimento nacionalista, típico da primeira metade do século XX.<sup>4</sup>

Em meio a todas essas reformulações propostas por Plínio Salgado, o próprio governo acaba por sofrer a Revolução de 1930, pro-

---

3.NETO, Odilon Caldeira. **Miguel Reale e o integralismo: entre a memória militante e as disputas políticas.** Revista espaço acadêmico, v. 11, n. 126, p. 179, 2011.

4.MELO, Gildete Pereira Tavares de. **Papel das mulheres na ação integralista (1932–1937).** Recife, 2018. p. 10. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal Rural de Pernambuco Departamento de História, 2018.



movida por parte dos militares em estados como Rio Grande do Sul, Minas Gerais, entre outros, resultando na ascensão de Getúlio Vargas ao poder, com um governo de traços ultranacionalistas e amigável tanto ao fascismo, como ao capitalismo norte-americano.

Percebemos então, dois pontos ao olhar para a sociedade brasileira da época, primeiro uma grave crise política, que envolvia o descontentamento com a República do Café com Leite, além da grande crise na estrutura social, principalmente o que se engloba com saneamento básico, fome, educação, entre outros.

Outra importante reformulação social brasileira é em relação ao papel da mulher dentro desta sociedade. Não posso negar aqui o papel importante que o Integralismo promoveu as mulheres da primeira metade do século XX. Entretanto, a manipulação e mascaramento dessa “liberdade” concedida as mulheres, é muito próxima ao desejo do Duce de que a mulher antes mesmo deve ser mãe, como explica Renata Duarte Simões:

Apesar da ampliação dos papéis atribuídos pela sociedade à mulher, a AIB compreendia que a emancipação feminina precisava ser tomada com cautela, uma vez que deveriam ser estabelecidos certos limites para as aspirações femininas. Vários empecilhos foram impostos ao acesso a determinadas profissões, pois, ainda assim, esperava-se que as mulheres, antes de se dedicarem ao trabalho remunerado, fossem boas donas de casa, boas mães e esposas.<sup>5</sup>

Podemos perceber então o cenário conturbado que promoveu a ascensão social do Integralismo na sociedade brasileira, e isso não foi e não será exclusivo apenas da sociedade da década de 1930. Ao paramos para refletir, vemos grandes traços próximos da sociedade

---

5.SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. **XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH**, São Paulo, 2011. p. 11.

atual com essa sociedade presa no passado. Pontos estes como machismo, desigualdade entre gêneros, fome, miséria e crise política, que se fazem presentes atualmente na sociedade brasileira da segunda década do século XXI.

Quando olhamos para aquele que ocupava a cadeira de Presidente da República do Brasil, temos um gaúcho, ultranacionalista, que acaba por trazer ao Estado brasileiro certos traços fascistas, além de uma relação muito próxima com o Duce. Isso resultará em uma política que pode ser vista dentro do governo brasileiro até o presente momento em que aqui escrevo.

O que podemos perceber de grande semelhança entre Benito Mussolini, Plínio Salgado e Getúlio Vargas? O ódio e o apontamento da culpa por tudo de ruim que acontecia, ou, estava acontecendo com a sociedade, no comunismo. Para todos estes a revolução marxista deveria ser extinta. Como ressalva Gabriela de Lima Grecco, ao explicar a opinião do governo Vargas sobre tal assunto, “Es importante dejar claro que el gobierno de Vargas consideraba el comunismo un gran mal que debía ser extirpado y como el principal responsable de la desestabilización de la sociedad.”<sup>6</sup>

Comunismo no significado literal: Substantivo masculino.  
Economia. Política:

Doutrina econômica, política e social baseada no sistema de propriedade coletiva e na distribuição de renda conforme as necessidades individuais. Sistema de organização econômica e social idealizado por Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895) que preconiza uma sociedade ideal, sem estratificação social ou propriedade privada, na qual os bens, pertencentes

---

6.GRECCO, Gabriela de Lima. **De la pluma como oficio a la pluma oficial:** estado y literatura durante los nuevos Estados de Getúlio Vargas y Francisco Franco (1936-1945). Madrid, 2017. p. 95. Tese (Doutorado em História) - Universidad Autónoma de Madrid, 2017.

à coletividade, são distribuídos conforme a capacidade produtiva e as necessidades de cada indivíduo.<sup>7</sup>

Comunismo ao olhar pejorativo: Substantivo masculino. Política. Pejorativo; “Sistema totalitário no qual o Estado detém o parque industrial, o comércio, os bancos, todos os demais meios de produção, os meios de comunicação e a vida cultural da população. Atividade ou tendência de esquerda que subverte a ordem estabelecida.”<sup>8</sup>

Fascismo no significado literal: Substantivo masculino. Filosofia. Política:

Sistema ou regime político e filosófico, antiliberal, imperialista e antidemocrático, centrado em um governo de caráter autoritário, representado pela existência de um partido único e pela figura de um ditador, fundado na ideologia de exaltação dos valores da raça e da nação em detrimento do individualismo, como o estabelecido na Itália por Benito Mussolini (1883-1945), em 1922, cujo emblema era, simbolicamente, o fascio, isto é, o feixe de varas dos lictores romanos.<sup>9</sup>

Quero aqui promover uma breve reflexão ao leitor, olhando os dois significados que aqui propus: qual é a verdadeira ameaça?

Vargas deixou seguidores, ideais políticos e sociais que perpetuaram pela política brasileira até o golpe militar, e posteriormente chegando em 2020 com o atual governo brasileiro de Jair Bolsonaro. Pontos específicos como culto à bandeira, ultranacionalismo, discriminação por gênero, políticas com traços fascistas, além da perseguição aos contrários ao seu governo, por vias diretas ou indiretas.

---

7.Dicionário Michaelis. Michaelis **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos. São Paulo, 2015.

8.Dicionário Michaelis. Michaelis **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos. São Paulo, 2015.

9.Dicionário Michaelis. Michaelis **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos. São Paulo, 2015.

Viajando um pouco pela história política brasileira, desembarco neste momento na virada do século XX para o XXI, onde começavam os 15 anos de governo do Partido dos Trabalhadores à frente da presidência do Brasil, sendo divididos em 8 anos de governo de Luiz Inácio Lula da Silva, e 7 anos de Dilma Rousseff.

Os anos de glória do começo do século XX para a sociedade brasileira, desaguaram em uma profunda crise econômica mundial, que acabou por atingir e desgastar o governo da primeira mulher à frente da presidência brasileira, assim abrindo caminho tanto para o fortalecimento da extrema esquerda, como para o impeachment que a tirou da presidência.

Cenário esse de crise muito semelhante ao que se obteve tanto na Itália fascista de Benito Mussolini, na formação do Integralismo por Plínio Salgado, na ascensão a presidência do Brasil por Getúlio Vargas, e, na atual conjuntura, a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil. Como ressalva CABRAL; CABRAL; SOUSA; FERREIRA, ao explicar o cenário atual da política/sociedade do Brasil:

Os fracassos do legislativo e executivo dentro desse modelo foram utilizados como material para a formulação da constante sensação de crise experimentada atualmente. Essa crise democrática, entretanto, não é sentida conforme os fatos ou igualmente distribuída entre os responsáveis, mas direcionada a entidades específicas, com intenções também pré-determinadas.

O descrédito institucional tem sido usado, em especial após as grandes manifestações de 2013, como um canalizador de discursos extremistas e de cunho fascista (ou bonapartista) em um alinhamento à direita e, mais recentemente, à uma extrema direita ultraconservadora. O surgimento do Antipetismo deu-se dentro de um contexto em que a satisfação dos interesses das frações de classes dominantes exigia um retrocesso do estado de bem-estar social criado. Portanto, apesar da colaboração petista com os interesses das classes dominantes, a crise mundial de

2008 aliada ao fim do ciclo virtuoso da economia brasileira transformou o partido em um alvo, [...] <sup>10</sup>

Esse “novo grupo” que agora se diz representante do conservadorismo brasileiro, de novo não tem nada, diversos estudos apontam que a direita ou extrema-direita brasileira, nunca deixou de existir, ela apenas se recolheu para os redutos partidários, e esperou a hora certa para entrar novamente no cenário político/social do Brasil. Assim mais uma vez, como em todas as outras vezes, se denominando a salvação, a cura para a crise e a “luz no fim do túnel” <sup>11</sup>. Como cita Odilon Caldeira Neto:

Talvez seja escusado falar em ressurgimento da direita, afinal de contas essa força política nunca esteve ausente. Ainda que tenha permanecido “envergonhada” durante a transição pós autoritária e os primeiros momentos do atual período democrático, as suas dinâmicas persistiriam, inclusive fortalecendo as ambivalências do cenário político nacional. Em contra partida, essa permanência não implicou em imobilismo, de modo que é possível concordar com os estudos sobre a “nova direita” no Brasil, em especial nas suas estratégias nas redes sociais virtuais, os referenciais do liberalismo econômico, as novas faces e práticas conservadoras, [...]. <sup>12</sup>

O que fica presente em grupos conservadores de direita como esses é o fanatismo, o que é comum ser visto nestes movimentos, começando pelos trajes a serem utilizados. Remetendo ao fascismo italiano, os uniformes militares, isso era visto em grande parcela da sociedade, além dessa sentir-se orgulhosa por utilizar as cores e

---

10.CABRAL, E.; CABRAL, D.; SOUSA, R.; FERREIRA, D. Crise democrática e a relativização da verdade no bolsonarismo. **XXI Semana de Iniciação Científica da URCA**, Cariri, 2018. p. 1-2.

11.Expressão popular para exemplificar o encontro da solução, quando já não havia mais esperança.

12.NETO, Odilon Caldeira. **Frente nacionalista, neofascismo e “novas direitas” no Brasil**. Revista discente do programa de pós-graduação de história - UFJF, v. 2, n. 4, p. 21, 2016.

vestimentas fascistas. Certo ponto de identificação social entre os membros do grupo.

Observando os integralistas brasileiros notamos a obrigatoriedade e orgulho, dos membros em vestir os uniformes verdes do AIB (Ação Integralista Brasileira), o reconhecimento entre esses, ao mesmo tempo trazia consigo a significância de distinção do resto da sociedade, restringindo assim a convivência tanto social, como política aos próprios membros.

Chegamos então no atual governo de direita de Jair Bolsonaro, onde seus seguidores, “nova direita”<sup>13</sup>, não utilizam uniformes militares ou sociais, mas sim certa vestimenta com as cores da bandeira brasileira ou ligadas a seleção brasileira de futebol, com a intenção de demonstrar patriotismo. No atual Brasil em que aqui escrevo, utilizar o verde-amarelo virou significado de ser a favor de um governo de direita.

Um dos pilares do governo de Jair Bolsonaro está dentro de seu lema: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, mostrando claramente o desejo nacionalista de soberania da pátria e a transformação do Estado laico em um Estado religioso, traços fortíssimos de ligação com os pilares fascistas.

Quando olhamos para o fascismo de Mussolini, seu lema “Deus, Pátria e Família”, três pontos, fé, política e sociedade, aqui está o grande ponto a ser pensado: o desejo de Jair Bolsonaro pela supremacia do Brasil e o aprofundamento do Estado nos dilemas e conceitos religiosos se difere em que ponto do Estado fascista de Mussolini?

---

13. Terminologia utilizado pelo mundo para se referenciar ao novo grupo político de direita.

O fascismo busca interlocutores que façam com que a suas ordens, opiniões e ideologias cheguem até os extremos da sociedade, e assim consiga, por um todo, convencê-la de que tudo é com objetivo de salvaguardar a família, a pátria, e acima de tudo respeitando as leis divinas. Como explica Cris Guimarães Cirino da Silva:

O efeito de frases como essas autoriza e potencializa ainda mais a disseminação do preconceito e discussões sobre os direitos e reconhecimento social da pauta sobre a diversidade sexual, supostamente em defesa da família e dos fundamentos da fé, dos bons costumes e da moral.<sup>14</sup>

A mulher da classe média da década de 1930, acaba por se envolver em ações assistencialistas com o intuito de ajudar tais famílias que passavam por necessidades, e também sofriam com o próprio progresso. Assim ganhando espaço e visão em uma sociedade totalmente machista que tem seus cargos e funções em sua grande parte ocupado por homens, tal espaço ganhado pelas mulheres proporcionaram assim um papel importante de conciliação social, que foi visto pela Ação Integralista como a oportunidade de ligar diretamente a sua ideologia com a sociedade de baixa renda, ou seja, a base da sociedade brasileira, como explica Renata Duarte Simões:

[...] a mulher da chamada classe média ocupou destacado papel de intervenção assistencialista junto às famílias carentes, auxiliando na formação de uma consciência sanitária. Tal aspecto trouxe novas oportunidades para as mulheres na esfera pública e possibilitou uma maior visibilidade feminina em espaços antes de exclusividade masculina, mesmo que enfrentando críticas e reações frente às tradições e ao conservadorismo predominante.<sup>15</sup>

---

14.GUIMARÃES, Cris Cirino da Silva. **O bolsonarismo da esfera pública**. Uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro. Manaus, 2020, p. 79. Universidade Federal do Amazonas - Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, 2020.

15.SIMÕES, Renata Duarte. Mulher e assistência social na Ação Integralista Brasileira: “Pelo bem do Brasil!”. **35º Reunião Anual da ANPED**, São Paulo, 2012. p. 1.

A Ação Integralista Brasileira, utilizou para propagar seus ideais os meios de comunicação, uma peça importante nessa fortificação ideológica, está a revista *Anauê!*, essa que surge no Rio de Janeiro no ano de 1935, e tem seu fim no ano de 1937, como explica Isa Maria Moreira Liz, sobre o que buscava a revista, “[...] buscava abarcar as especificidades e regionalismo de cada estado brasileiro, [...] Diversos números da revista publicavam fotos exaltando as atividades dos integralistas pelas regiões do país [...]”<sup>16</sup>. Renata Duarte Simões assim explica as proporções que tomaram o breve partido dentro da sociedade brasileira:

O discurso integralista se propagou de modo surpreendente e angariou adeptos em diferentes classes sociais, o que possibilitou que a AIB criasse escolas; fundasse ambulatórios e lactários; elegesse vereadores, prefeitos e deputados integralistas, atuando nos meios políticos como partido; que elaborasse, através de seus militantes, inúmeras obras doutrinárias; que criasse cursos de enfermagem, puericultura, educação física, entre outros; que promovesse inúmeras reuniões doutrinárias, passeatas, congressos, seminários e eventos que tornaram públicos sua popularidade e alcance doutrinário.<sup>17</sup>

A revista *Anauê!*, traça o perfil de seus componentes, distinguindo os gêneros, proporcionando matérias ligadas diretamente ao sexo masculino por exemplo, ao combate e até mesmo utensílios que os homens faziam proveitos. Neste exato ponto do texto que entraremos no Mundo feminino dentro da revista, perceberemos que a mulher é direcionada e remanejada ao lar, a constituição desta mulher está ligada a dona de casa, que deve esperar seu marido voltar após um longo dia de trabalho, e ao mesmo tempo educar seus filhos,

---

16.LIZ, Isa Maria Moreira. Retratos da mulher integralista nas páginas da revista *Anauê!* (1935-1937). **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 21-31, 2019.

17.SIMÕES, Renata Duarte. **Mulher e assistência social na Ação Integralista Brasileira**. Op. Cit. p. 2.



como explica Isa Maria Moreira Liz, “É com base nessa ideia que será pensado, dentro da Anauê!, como era constituído o perfil feminino, com que frequência dirigiam as matérias da revista às mulheres e de que forma isso se dava.”<sup>18</sup>

Outro importante meio de comunicação utilizado pela Ação Integralista em disseminar sua ideologia, foi o jornal impresso chamado *A Offensiva*, fundado na cidade do Rio de Janeiro em de maio de 1934 e teve seu fim em março de 1938, o periódico foi utilizado para ter um alcance ainda maior aos lares brasileiros, demonstrando em suas páginas principalmente as ações femininas dentro do partido. Com a tentativa/intenção de fazer com que despertasse nos corações das mulheres que ainda estavam fora do movimento, adentrasse juntamente com sua família na luta pela causa, como exalta Renata Duarte Simões:

O impresso constituía-se como um importante espaço de circulação de ideias e de militância para a mulher integralista. Por meio do jornal, divulgavam-se as atividades realizadas pelas militantes na AIB, fazendo chegar aos núcleos e lares integralistas mais distantes informações sobre a atuação feminina nas fileiras do movimento. A imagem da mulher – mãe, esposa e professora – veiculada nas páginas de *A Offensiva*, muito se aproximava das prescritas pelos dirigentes da AIB.<sup>19</sup>

O chefe do partido integralista Plínio Salgado, em seu discurso deixa bem claro quais eram os pensamentos dentro partido sobre a ocupação dos cargos pelas mulheres, e principalmente a posição social dela, proporcionando clara distinção entre os gêneros, e promovendo o retrógado pensamento machista que se alastrava na socieda-

18.LIZ, Isa Maria Moreira. Retratos da mulher integralista nas páginas da revista *Anauê!* (1935-1937). **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 21-31, 2019.

19.SIMÕES, Renata Duarte. O jornal “a offensiva” e a mulher integralista. **XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Saberes e Práticas Científicas**, Rio de Janeiro, 2014. p. 2.

de brasileira do início do século XX, como exalta uma passagem de seu discurso citado por Tavares (apud SALGADO, 1946, p.42):

[...] uma das mais lamentáveis, consequências do facto de não estabelecer distinção entre o homem e a mulher, nos atos, nas maneiras, costumes, está em que a identidade de funções na vida social, transfere-se ao ambiente doméstico e traz ao homem a convicção de que não precisa da mulher no lar.<sup>20</sup>

Para a mulher integralista foi pensado e repassado o papel de educadora e cuidadora social, papéis esses já impostos pela sociedade retrógada, pois pensava e via a mulher como mãe, aquela que ensina e cuida, como explica Renata Duarte Simões, “[...] as mulheres têm, por natureza, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas são as primeiras e naturais educadoras, sendo o magistério o prolongamento da atividade exercida no lar.”<sup>21</sup>. Em um cenário de modernidade, o integralismo preferiu preservar certos pensamentos sociais, para que não houvesse rebeldias contra sua própria ideologia dentro da sociedade brasileira, o conservadorismo falou mais alto, e o desejo pelo poder deixou os conceitos de modernidade e liberdade feminina, principalmente de igualdade dos sexos foram jogados fora, como explica Lilian Tavares de Bairros:

Esse conservadorismo fica evidente no discurso sexista integralista. A mulher integralista tinha grande contribuição a dar na tarefa de educação da consciência nacional, isso era vinculado às senhoras e moças integralistas, encaminhando-se principalmente aos setores educacionais e assistenciais [...], ou seja, um modo para as manterem longe dos ares da modernidade e liberdade da época.<sup>22</sup>

---

20.TAVARES, Lilian de Bairros. O integralismo de saia: militância feminina nas fileiras integralistas em santos. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos**, Florianópolis, 2013. p. 2.

21.SIMÕES, Renata Duarte. Ação integralista brasileira: educando mulheres para as funções de professora e mãe de família. **IV Congresso Brasileiro de História da Educação: A Educação e seus Sujeitos na História**, São Paulo, 2006. p. 4.

22.TAVARES, Lilian de Bairros. **O integralismo de saia**. Op. Cit. p. 2-3.

Toda essa transformação feminina, foi vista pela sociedade brasileira como uma ameaça/afrentamento aos costumes tradicionais já existentes, de que a mulher seria criada para ficar dentro de casa cuidando de seus filhos e marido, a industrialização e o avanço político passou a colocar a mulher dentro tanto do convívio social, quanto político, e isso será de grande parte questionado, como exalta Laís Mônica Reis Ferreira:

Portanto, é neste contexto de industrialização, crescente urbanização e consequente expansão do mercado de trabalho que a mulher passa gradualmente a transitar entre os espaços público e privado. Aos olhos dos setores conservadores, as mudanças no campo político, econômico e social que repercutiram sobre o comportamento feminino se constituíam numa ameaça aos valores tradicionais da sociedade [...].<sup>23</sup>

O movimento político integralista dentro de seu partido, acaba por dar funções diferentes para homens e mulheres, as funções que se dedicavam delicadeza e ligação direta com outros seres humanos, foram atribuídos as mulheres, pela justificativa de que a mulher nasceu com esse dom, porém as funções atribuídas a força e razão foram atribuídas aos homens, com a justificativa de que o mesmo por natureza já era um ser frio. Entretanto em nenhum momento de sua história a Ação Integralista Brasileira assumiu o fardo da separação de ambos os gêneros, ou melhor dizendo a sua contribuição para tamanho equívoco social, com a justificativa que tal ação era necessária para o equilíbrio do Mundo, assim explica Renata Duarte Simões:

A autora argumenta, todavia, que o integralismo não hierarquiza homens e mulheres, pelo contrário, que o movimento considera a mulher simplesmente diferente, nem superior, nem inferior ao homem. Segundo ela, essa diferença é posta, pelo movimento, como necessária para o equilíbrio do mundo, para a estabilidade da vida humana.<sup>24</sup>

23.FERREIRA, Laís Mônica Reis. **Integralismo na Bahia: Gênero, Educação e Assistência Social em O Imparcial 1933-1937**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 75.

24.SIMÕES, Renata Duarte. *Ação integralista brasileira: educando mulheres para as funções*

O Estado Novo Vargasista, proporcionou a mulher seu “recolhimento” para dentro dos lares, buscando preservar a sociedade patriarcal existente, como exalta Gabriela de Lima Grecco “[...] el Estado Novo fue el momento en el que con más insistencia se señaló a la mujer como ama de casa, en una estrategia de retirada de las mujeres del espacio público y de retorno al espacio privado [...]”<sup>25</sup>.

Podemos perceber que a Ação Integralista Brasileira, fruto da modernidade e do direito de poder expressar diversas opiniões, que até o fim do século XIX, era retraído pela Monarquia brasileira, na verdade era mais retrógada que o próprio poder monárquico, quando o chefe do partido integralista, Plínio Salgado exalta, assim citado pela Lilian Tavares de Bairros, “[...] pode-se entender melhor quando Plínio Salgado em seu livro, *A Mulher do século XX*, lamenta que nessa modernidade não houvesse mais distinção entre os sexos.”<sup>26</sup>.

Estamos falando de uma mulher moderna, que consegue ver através das brechas da sociedade a oportunidade de se fazer, e principalmente constituir o poder feminino, através das lutas sociais femininas. As “Blusas-Verdes”, como eram conhecidas as mulheres que compunham a Ação Integralista, esse nome devia-se a cor verde dos uniformes utilizados tanto pelas mulheres, quanto pelos homens do partido político, que como explica Renata Duarte Simões, “Essa

---

de professora e mãe de família. **IV Congresso Brasileiro de História da Educação: A Educação e seus Sujeitos na História**, São Paulo, 2006. p. 5.

25.GRECCO, Gabriela de Lima. **De la pluma como oficio a la pluma oficial: estado y literatura durante los nuevos Estados de Getúlio Vargas y Francisco Franco (1936-1945)**. Madrid, 2017. p. 247-248. Dissertação (Doutorado em História) - Universidad Autónoma de Madrid, 2017.

26.TAVARES, Lilian de Bairros. O integralismo de saia: militância feminina nas fileiras integralistas em santos. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos**, Florianópolis, 2013. p. 2.

vestimenta deveria ser utilizada pela militante em aparições públicas, desfiles, reuniões, batizados, casamentos e outros eventos integralistas ou não integralistas, sendo seu uso obrigatório em solenidades do movimento.”<sup>27</sup>.

Percebe-se que as lutas sociais se dariam através não do confronto, mas sim da construção de seu poderio, pelos ensinamentos e fortalecimento do ideal de mulher moderna, livre, e dona de si própria, como exalta Renata Duarte Simões:

Em meio a essa fase de mudanças contínuas, as mulheres das classes urbanas média e alta aproveitavam as novas oportunidades para ampliar a participação social. À medida que inventavam um novo discurso de direitos individuais e se afirmavam como agentes de seus próprios destinos, questões a respeito da moralidade sexual e das relações entre os gêneros se tornavam temas políticos explícitos resultando em reuniões, conferências, seminários etc.

O discurso da “emancipação das mulheres” no seio da elite urbana e das classes médias ascendentes era motivo de alarma para os homens de convicções quer conservadoras, quer reformistas, os quais concordavam quanto à necessidade de fortalecer o modelo de família burguesa.<sup>28</sup>

A resposta da Ação Integralista a esse processo de emancipação feminina, foi direcionar sua ideologia ao reposicionamento da mulher na sociedade, através das páginas do jornal *A Offensiva*, modulando o jeito e modo de ser da mulher deste início do século XX. Mas as intenções reais de mudança por parte dos integralistas não estavam em destruir essa mulher pública, pois isso seria muito trabalhoso, a esperança estava em modular as gerações mais jovens, como exata Renata Duarte Simões, “[...] doutrinação de jovens e crian-

27.SIMÕES, Renata Duarte. Mulher e assistência social na Ação Integralista Brasileira: “Pelo bem do Brasil!”. **35º Reunião Anual da ANPED**, São Paulo, 2012. p. 3.

28.SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. **XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH**, São Paulo, 2011. p. 3.

ças, [...]”<sup>29</sup>, trazendo tais para dentro do partido e inserindo-os nos moldes desejados tanto pela sociedade, quanto pelos integrantes, que baseava-se na preservação da família tradicional, e a sociedade patriarcal. Isso pode ser visto quando o próprio partido muda a seção feminina dentro do periódico, como exalta Renata Duarte Simões:

A “Página da Blusa-Verde” aparece na segunda fase e constitui-se como uma seção voltada para a mulher militante integralista. Essa seção, junto à seção “Para o lar e para a mulher”, veio a substituir a seção “Moda Feminina”, presente na primeira fase. Tanto a seção “Para o lar e para a mulher” quanto a “Página da Blusa-Verde” foram publicadas somente aos domingos, em tempos de jornal diário.<sup>30</sup>

Essa modulação como citado no parágrafo anterior, se passava pelas mãos das próprias integralistas, que compunham o quadro nacional do partido, a formação dessa nova sociedade (integralista), baseava-se em exemplos e propagandas, expostos pela própria mulher integralista, através primeiramente de seus exemplos referenciados nos meios de comunicação, aqui já citados, e principalmente no “boca-boca”<sup>31</sup>.

Mesmo com toda importância que foi dada a essa “nova” mulher integralista, a hierarquia do AIB (Ação Integralista Brasileira) que era composta somente por homens retrógrados, ainda se preocupavam com dominação e, alienação dessas donas de casa, que acabará de receber funções do partido, como explica Laís Mônica Reis Ferreira, “Mais ainda, procuravam converter a militância feminina em uma

29.SIMÕES, Renata Duarte. O jornal “a ofensiva” e a mulher integralista. **XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Saberes e Práticas Científicas**, Rio de Janeiro, 2014. p. 3.

30.SIMÕES, Renata Duarte. O jornal “a ofensiva” e a mulher integralista. **XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Saberes e Práticas Científicas**, Rio de Janeiro, 2014. p. 3.

31.Figura de linguagem, manifestação popular de se passar informação de pessoa para pessoa pessoalmente.

escola de educação política e cultural, pautada nos princípios do nacionalismo, da obediência à hierarquia e dos valores patriarcais.”<sup>32</sup>. Sendo essas mulheres integralista, responsáveis por mostrar para as outras mulheres que ainda não tinham se mobilizado pela causa, que o movimento estava preocupado com a saúde e bem-estar de sua família, isso será de grande forma exposto pelo jornal carioca (integralista), *A Offensiva*, como cita Renata Duarte Simões:

Com intuito de convocar as integralistas cariocas para que, “com sua boa vontade”, auxiliassem as mulheres, sobretudo as moradoras do bairro de Copacabana e Botafogo, fazendo assim a “obra de misericórdia e de patriotismo”, aconselhando e educando suas “irmãs”, *A Offensiva* do dia 6 de julho de 1935, p. 4, publicou uma nota redigida por Marietta Kendall. Na nota, a autora solicitava às mulheres da Província da Guanabara que trabalhassem na caridade, que se juntassem nas atividades nos lactários, ambulatórios, que promovessem o recolhimento de roupas e brinquedos a serem distribuídos aos mais carentes, como o fizeram as “blusas-verdes” do núcleo da Tijuca.<sup>33</sup>

Mas quem é essa mulher? Quem é essa esposa? Recatada do lar ou prisioneira de uma sociedade? Questões que procuraremos entender neste exato ponto do texto. Percebemos então a ambiguidade vivida pela mulher deste início do século XX, de um lado a busca pelo Sol, a busca pela liberdade, a vontade de viver e de poder expressar sua opinião, para mudar este país que também era dela, por um outro lado, a dureza de se rebaixar, ser humilhada, tratada como uma indigente, um objeto, tendo seus direitos caçados pela sociedade machista retrógada da época. Estamos falando de uma mulher que teve que se sacrificar para poder dar as futuras gerações a dignidade de poder serem livres, como exalta Laís Mônica Reis Ferreira,

---

32.FERREIRA, Laís Mônica Reis. **Integralismo na Bahia: Gênero, Educação e Assistência Social em O Imparcial 1933-1937**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 13.

33.SIMÕES, Renata Duarte. Mulher e assistência social na Ação Integralista Brasileira: “Pelo bem do Brasil!”. **35º Reunião Anual da ANPED**, São Paulo, 2012. p. 9.

“[...], procurava contemplar sua sede de participação político-social e exercício da cidadania; por outro, subordinava nitidamente tal participação à aceitação, [...] dos elementos [...] em uma sociedade machista patriarcal.”<sup>34</sup>.

Essa mulher é vista pela sociedade com seu papel principal, o de mãe, nada mais, o invólucro criado ao redor dela, eleva-a ao pedestal de único papel na sociedade, não sendo vista como um ser humano, igual aos outros, mas sim aquela que cuida e educa apenas, como exalta Renata Duarte Simões, “com destaque para as atividades de mãe, esposa e professora.”<sup>35</sup>.

O integralismo passou a utilizar a religião como argumento para essa doutrinação e “castração”<sup>36</sup> social da mulher, utilizando tal meio tão respeitado e admirado pelos fiéis, que no caso eram os mesmo que compunham o quadro do partido e da Ação Integralista, deixando no consciente dos fiéis que até mesmo Deus através da Igreja, concorda em que a mulher deve se cuidar e, cuidar do lar, esquecer a vida de luxo social que era oferecida, como retrata SIMÕES (apud SALGADO, 1955, v. XX, p. 291) assim cita, “[...] boneca de cabecinha vazia só preocupada com o luxo, com a exibição e com as futilidades de uma vida ociosa”<sup>37</sup>.

---

34.FERREIRA, Laís Mônica Reis. **Integralismo na Bahia: Gênero, Educação e Assistência Social em O Imparcial 1933-1937**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 13.

35.SIMÕES, Renata Duarte. O jornal “a offensiva” e a mulher integralista. **XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Saberes e Práticas Científicas**, Rio de Janeiro, 2014. p. 3.

36.Linguagem figurada, com referência ao castramento feito em animais, além do principal objetivo que é impedir a procriação, faz com que o animal fique mais obediente.

37.SIMÕES, Renata Duarte. Ação integralista brasileira: educando mulheres para as funções de professora e mãe de família. **IV Congresso Brasileiro de História da Educação: A Educação e seus Sujeitos na História**, São Paulo, 2006. p. 6.



Sendo retratado tal atitude como pecado da carne, e assim a ameaça sob a mulher deixa de ser social, passa a ser celestial, como explica Renata Duarte Simões, “Assim, é da Igreja o dever de inculcar entre os fiéis o conhecimento exato da poderosa repercussão do lar no progresso e moralização da humanidade.”<sup>38</sup>.

Grabriela de Lima Grecco, ainda exemplifica que tanto a Igreja Católica brasileira, quanto a espanhola tiveram o mesmo papel neste período, assim cita, “La Iglesia brasileña y española, [...], colaboraron con el Estado mediante el control, en el ámbito privado, de la vida de las personas por medio de la moral católica.”<sup>39</sup>

Exemplifico aqui duas situações:

Getúlio Vargas - Durante os seus primeiros anos de governo, buscando alianças que fizessem com que sua ideologia e seu aceite se expandisse pela sociedade, e uma dessas alianças buscadas foi com a Igreja Católica, responsável por uma grande parcela da sociedade brasileira. Estamos falando de números superiores aos 50% da sociedade em um total, daqueles que eram católicos, uma importante aliança chegando até mesmo ao ensino religioso ser imposto no currículo escolar.

Benito Mussolini – Buscando a consolidação da unificação do território nacional italiano, o Duce busca aliança com a Santa Fé por dois reais motivos: Primeiro a solução das divergências com tal instituição pela parte central da Itália, onde localizava-se no passa-

---

38.SIMÕES, Renata Duarte. **Ação integralista brasileira**. Op. Cit. p. 7.

39.GRECCO, Gabriela de Lima. **De la pluma como oficio a la pluma oficial: estado y literatura durante los nuevos Estados de Getúlio Vargas y Francisco Franco (1936-1945)**. Madrid, 2017. p. 266. Dissertação (Doutorado em História) - Universidad Autónoma de Madrid, 2017.

do os territórios papais; Segundo, e mais importante, o adentro do fascismo nas missas e celebrações católicas, assim disseminando a ideologia fascista através da fé.

Dito essas duas comparações, que acabam por demonstrar que o fascismo busca de todos os meios possíveis para se disseminar, e ganhar respaldo popular, trago uma breve reflexão baseada em ações do atual governo do Brasil, exemplificando três pontos:

1º - O lema: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, mostrando que acima de todos que compõem a nação, sendo ou não cristãos, está o Deus cristão em que o atual presidente da república acredita.

2º - As constantes participações desse que nos governa em eventos religiosos, destinados à uma classe social religiosa apenas.

3º - A tentativa de apoio da grande massa populacional cristã e de seus chefes, salvaguardando consigo a família tradicional, baseada nos princípios clericais.

Nota-se em grandes evidências históricas e de ações atuais a semelhança do atual governo que rege a sociedade brasileira, com os governos fascistas, e governos simpatizantes do fascismo no passado, criando o ar de incertezas e desconfianças dentro da sociedade brasileira, como explica Cris Guimarães Cirino da Silva:

O termo pós-verdade se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos e objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais e surge com o colapso do anti-identitarismo, ou seja, existe uma falta de confiança em instituições que antes acreditava-se ser comprometida com a verdade incontestável, como por exemplo, a religião, a mídia e a ciência. Esse processo se potencializa com a disseminação das fake news que funcionam como

um tipo de matéria prima fértil para a produção de pós-verdade baseada em emoções e não em dados factuais.<sup>40</sup>

“Pontes”<sup>41</sup>, acordos, aproximações, que demonstram que ainda no ano de 2020, estamos vivenciando um governo com traços fascistas fortíssimos. Tais sistemas, até aqui citados, demonstram em diversas áreas dentro de si, e ações proporcionadas por tais, que a ruptura social, a construção do preconceito em suas diversas ramificações, a não aceitação pela diferença se traduzem através do incentivo e, posicionamento deste que tem o poder de fala perante a sociedade. Como explica Cris Guimarães Cirino da Silva:

Ancorado no monoteísmo, o Fundamentalismo religioso no Brasil não é só uma fonte de conflitos, mas um tipo de proselitismo que aproxima religião e política produzindo diversos significados que segregam, que causam rupturas sociais. O Fundamentalismo religioso opera mudanças na estrutura social por impor que a religião do outro não é a mais adequada, é como se o outro não possuísse divindades e sim ídolos.<sup>42</sup>

Essa guinada religiosa prende-se ao caráter de tentativa da preservação dos valores “morais”<sup>43</sup> da sociedade sacralizada, entre tantos pontos que poderíamos passar páginas e mais páginas expondo, pergunto aqui ao leitor, o que são “Valores Morais”? Odilon Caldeira Neto, assim cita:

Contraponto a tal proposta, as ideologias de esquerda, embora tivessem certo apoio de uma significativa parcela do operariado urbano do

---

40.GUIMARÃES, Cris Cirino da Silva. **O bolsonarismo da esfera pública.** Uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro. Manaus, 2020, p. 54-55. Universidade Federal do Amazonas - Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, 2020.

41.Aquele que liga um ponto ao outro.

42.GUIMARÃES, Cris Cirino da Silva. **O bolsonarismo da esfera pública.** Uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro. Manaus, 2020, p. 68. Universidade Federal do Amazonas - Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, 2020.

43.Regras e condutas impostas por um grupo.

período (sobretudo nos anos 1920), eram extremamente malvistas por grande parte da população brasileira, tomados como contrários à ordem e destruidores da moral cristã. Desta maneira, o fascismo de uma forma geral adquiriu um caráter extremamente atraente aos grupos citados anteriormente, considerado “modernizador” e jovem, mas não contrário às tradições. Isto explica, em parte, tanto a guinada de alguns grupos conservadores da Igreja Católica para movimentos fascistas, quanto a grande adesão de jovens e intelectuais a estas experiências.<sup>44</sup>

Em uma sociedade constituída atualmente sob valores racistas, me questiono sobre o princípio da fé cristã, a religião ao qual o atual presidente do Brasil remete o seu governo, valores esses: amor, união, fraternidade e tolerância. Então reflito que aqueles os quais se denominam defensores da utilização da fé, na constituição dos valores morais da sociedade, por que não aceitam a homossexualidade? O preto tornando-se seu chefe? A mulher desbancando o pensamento machista?

O Mito, o Duce e o Führer, três denominações que retém o mesmo sentido: glorificar, enaltecer, fanatismo e visar tal como salvador. Olhando para o significado literal histórico de cada denominação encontramos, Duce (Líder), Führer (Líder) e Mito (Não há significado), o exacerbadoríssimo ideológico e, político, feito pela sociedade radicalizada e alienada com a extrema direita, transformou o então breve Deputado Federal no Mito, que, na gíria da língua portuguesa, se remete aquele que tem uma certa superioridade.

Denominações essas que foram reverenciadas, para designar tais líderes históricos, como aqueles que trariam a sociedade de volta ao eixo da glória, reformulariam o sistema econômico, político e social, além de dar fim aos antigos regimes que estavam por anos governan-

---

44.NETO, Odilon Caldeira. **Miguel Reale e o integralismo:** entre a memória militante e as disputas políticas. Revista espaço acadêmico, v. 11, n. 126, p. 179, 2011.

do. Dito isso atribuo ao leitor uma breve reflexão sobre o cenário social, político e econômico, do Brasil de 2018:

- Economia abalada;
- Sociedade sem uma base consolidada dê segurança para que haja o olhar sobre um futuro próspero;
- Política abalada e destruída pelos escândalos reivindicados pela operação Lava Jato.
- Aproximadamente 15 anos de governo do Partido dos Trabalhadores.

Ou seja, vivíamos em uma sociedade que deu engajamento e, suporte, para essa reivindicação da extrema direita, assim se construiu um cenário ao qual essa ideologia política conseguiu se proliferar, até mesmo adentro dos lares da classe trabalhadora, no qual por muitas vezes tal ideologia nem mesmo remete-se ao empoderamento operariado, e, a preservação dos direitos trabalhistas. Cris Guimarães Cirino da Silva, assim cita:

Há um repúdio notório de elites políticas às conquistas sociais das minorias nas últimas décadas resultando em discursos de ódio e intolerância social.

O modelo de autoritarismo que tem se apresentado no Brasil nos relembra a mesma raiz autoritária de outros governos brasileiros, eleitos inclusive de forma democrática, cujo mecanismo é a produção intensa de medidas de exceção no interior da democracia, mesmo que, em alguns momentos tenham medidas autoritárias no seu cotidiano. Contudo, passam a ser disfunções quando as medidas autoritárias são com uma intensidade muito maior do que seria admissível ou imaginável levando a uma lógica perversa de camuflar o seu elemento autoritário para que permaneça o máximo de tempo no poder, frequentemente, sobreposto a um discurso conservador.<sup>45</sup>

---

45.GUIMARÃES, Cris Cirino da Silva. **O bolsonarismo da esfera pública.** Uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro. Manaus, 2020, p. 63. Universidade Federal do Amazonas - Dissertação

A transfiguração do fascismo que assombra a sociedade mundial, desde o início do século XX, dentro do Brasil, mostrou rachaduras e graves problemas sociais, que sempre vigoraram dentro da sociedade brasileira, mas que com a ascensão de governos pró-fascista, fez com que as máscaras de muitas pessoas preconceituosas que buscam o ódio e, acima de tudo, refletem a sociedade sendo fruto de uma única crença, caíssem.

Três pontos me levam a crer nessa questão, a LGBTfobia, o racismo e o olhar sobre o pensamento de que arma se resolve com arma. São nesses três apontamentos que desenvolvo a reflexão que tudo se deságua no Holocausto. Vivenciamos um holocausto social dentro da sociedade brasileira. O preconceito em todas as suas esferas, a recusa em aceitar a diversidade religiosa e, um grupo social reivindicando a superioridade, transfiguram a imagem do cenário construído pela Alemanha Nazista. Daniel Cunha, assim cita:

Bolsonaro mobiliza os chavões típicos de populistas de extrema-direita em tempos de crise econômica: racismo, militarismo, misoginia, xenofobia, homofobia, anti-comunismo, anti-intelectualismo (incluindo o pretendido “banimento” do marxismo e das ideias de Paulo Freire das escolas e universidades) são padrões em líderes fascistas.<sup>46</sup>

Quando temos um aumento considerável das inscrições de armas de fogo, dentro dos órgãos do exército brasileiro, constatamos a insegurança social e o pensamento transmitido por aquele que nos governa, de que “bandido bom, é bandido morto”. Para Benito Mussolini, utilizando da linguagem do atual presidente do Brasil, na Itália fascista “comunista bom, era comunista morto”. Assim cita Daniel Cunha:

O bolsonarismo tem elementos em comum com o fascismo histórico, mas não coincide com ele. A transição do “trabalho liberta” (mote

---

(Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, 2020.

46.CUNHA, Daniel. **Bolsonarismo e “capitalismo de fronteira”**. Revista sinal de menos, v. 10, n. 13, p. 188, 2019.

nazista) para o “bandido bom é bandido morto” e o “tudo aquilo que não presta” é o espelho ideológico da transição da ascensão para o declínio da economia-mundo capitalista. A sua força como ideologia parece residir no fato de que ela conjuga as necessidades do capitalismo de crise contemporâneo, tanto no que se refere à acumulação em si quanto aos processos ideológicos, com elementos profundos e constitutivos da sociabilidade e da constituição do sujeito no “capitalismo de fronteira” brasileiro, elementos nunca completamente superados em nossa modernização truncada.<sup>47</sup>

Uma cadeia linear, e aqui peço licença ao leitor para expor um pensamento particular, em que tudo começa dentro da educação, onde ali é implantado o pensamento tanto social, como educacional, transfigurando essa educação em preconceito, principalmente dentro das camadas mais ricas da sociedade e desaguando no pensamento social de que, “quem é bandido são os pretos das favelas, e que o branco quer arma de fogo para se defender”<sup>48</sup>, ou seja, em pleno século XXI, a escravidão não acabou, hoje vivemos uma escravidão social, que mata no tiro, ou na fome.

Deixo aqui então, uma frase a ser refletida: até quando iremos viver sobre armas e ódios?

---

47.CUNHA, Daniel. **Bolsonarismo e “capitalismo de fronteira”**. Op. Cit. p. 190.

48.Um breve pensamento social, diagnosticado pelo autor que aqui escreve.

## “SOBRE OS AUTORES”

*Elaine de Almeida Bortone (UNIRIO)*

Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018), mestre em Administração pela Universidade Federal Fluminense (2013), Pós graduação lato sensu em História do Brasil pós-30 pela Universidade Federal Fluminense (2007). Graduação em História (2006) e em Psicologia (1986), pela Universidade Gama Filho. Atualmente é professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

*Flávio Henrique Calheiros Casimiro (IFSULMINAS)*

Doutor em História Contemporânea pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Graduou-se em História pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP (2007) e fez mestrado em História, na linha de Poder e Relações Sociais pela Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ (2011). Docente Efetivo do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, campus Poços de Caldas.

*Gabriel de Abreu Gonçalves de Paiva (Unioeste/FAG/Seed)*

Professor de História do Quadro Próprio do Magistério da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR). Professor do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAG, campus Toledo. Possui graduação em Licenciatura e Bacharelado de História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2007). Atualmente é doutorando em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.



Kiane Follmann da Silva (UFFS)

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Erechim. Possui graduação em Curso de Direito e Especialização em Direito Civil e Processual Civil (2018) ambos pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (2015).

Lucas Patschiki  
In memoriam

Graduação em Bacharelado em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2008). Mestrado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2012). Doutorado pela Universidade Federal de Goiás.

Pedro Cassiano (IFPB)

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), possui mestrado em História Social na mesma instituição (2013), bacharelado e licenciatura em História pela UFF (2010), bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010). Atualmente é professor de Sociologia do IFPB – Instituto Federal da Paraíba.

Gabriel Simon Machado (UFSC)

Possui graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2019). Foi bolsista de Iniciação Científica no Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH).

Giovanny Simon Machado (UFSC)

Possui graduação e mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (concluídos respectivamente em 2014 e 2017). Atualmente é estudante do doutorado em Serviço Social pela mesma instituição.

Guilherme Henrique Piaz Paslauski (UNIOESTE)

Possui graduação de Licenciatura em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS - Campus Chapecó (2016). Atualmente é mestrando no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Atuando na linha de pesquisa Estado e Poder.

Eduardo Pereira (UFBA)

Possui graduação em História/ Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal da Bahia (2016). Atualmente é mestrando do Programa de Pós Graduação em História pela Universidade Federal da Bahia

Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos (UNIOESTE)

Possuí graduação em História pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). Atualmente é mestranda em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

João Elter Borges Miranda (UNIOESTE)

Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Atualmente é mestrando em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Karine Rodrigues Firmino (UFSCAR)

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro- UFTM (2019). Atualmente é mestranda em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos.

Matheus Barrientos Ferreira

Possui graduação em História pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE).

Lidiane Elizabete Friderichs (UFPel)

Possui Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2010), Mestrado em História pela Universidade Federal de Pelotas (2013) e Doutorado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2019). Atualmente é professora substituta nos cursos de História (Licenciatura e Bacharelado) da Universidade Federal de Pelotas.

Isabel Grassioli (UNIOESTE)

Graduada em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE (2009), Mestrado em História Poder e Práticas Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

(2012). Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História na UNIOESTE com realização parcial de doutorado na Faculdade de Letras (FLUP) na Universidade do Porto, Portugal. Atualmente atua como Professora na GERAR, instituição educacional voltada para qualificação profissional de jovens no mercado de trabalho, através do Programa governamental Aprediz Legal.

Thiago Granja Belieiro (UNOESTE)

Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina (2003), mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007) e doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2018). Atualmente é professor de ensino superior da Universidade do Oeste Paulista, nível graduação e pós-graduação lato sensu.

Felipe Demier (UERJ)

Desde 2015, é professor do Departamento de Política Social (DPS) da Faculdade de Serviço Social (FSS) da UERJ. Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004) e mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). No ano de 2013, realizou um pós-doutorado (supervisionado por Jose Paulo Netto) na Escola de Serviço Social da UFRJ, e, em 2014, realizou outro pós-doutorado (supervisionado por Maria Inês Bravo) na Faculdade de Serviço Social da UERJ.

Pedro Jorge Chaves Mourão (UECE)

Graduado em ciências sociais pela Universidade Estadual do Ceará (2005-2009), mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2010-2012) e doutorando em sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (2017-). É pesquisador dos seguintes grupos: Laboratório Grupos de Estudos da Conjuntura e das Ideias Políticas (GECIP-UECE), Laboratório de Estudos sobre Política, Eleições e Mídia (LEPEM-UFC) e do Grupo de Estudos sobre Democracia e Globalização (Democracia & Globalização-UECE).

Pablo Ornelas Rosa (UVV)

Doutor em ciências sociais (PUC/SP) e professor nos programas de pós-graduação em sociologia política e em segurança pública na Universidade Vila Velha - UVV. Mestre em sociologia política (2008) e bacharel em ciências sociais (2005) pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Vitor Amorim de Ângelo (UVV)

Doutor em ciências sociais (UFSCar) e professor permanente nos programas de pós-graduação em sociologia política e em segurança pública na Universidade Vila Velha - UVV.

Carolina Ferreira (UVV)

Bacharel em relações internacionais pela Universidade Vila Velha.

Lucas Patschiki

In memoriam

Lucas Patschiki foi um professor de história marxista, formado em história na Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre na mesma área pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, aonde defendeu a sua dissertação em 2012, orientada por Gilberto Calil. Em 2014 iniciou o doutoramento na Universidade Federal de Goiás, aonde era orientado por David Maciel, e desenvolvia uma tese a respeito do Instituto Millenium. Camarada e pensador incansável, foi professor da UNIOESTE, membro atuante do Conselho Editorial da Revista História e Luta de Classes, ativo membro do Grupo de Trabalho História e Marxismo na ANPUH. Foi um crítico e leitor atento, alguém que nós, organizadores deste ebook, admiramos – e que segue conosco em nossa memória e contribuindo com a luta e com o pensamento marxista com os seus trabalhos (Nota dos organizadores).

# Fórum da Liberdade: o grande palco das direitas e do movimento reacionário no Brasil

Flávio Henrique Calheiros Casimiro

## ANEXO: DIREITO DE RESPOSTA DA BRASIL PARALELO

O Sr. Flávio Henrique Calheiros Casimiro publicou artigo cujo título é "Fórum da Liberdade: o grande palco das direitas e do movimento reacionário no Brasil", no qual são feitas menções ofensivas à empresa Brasil Paralelo. Referido texto faz parte da obra "Nova direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil contemporâneo", livro eletrônico editado em 2020 e disponibilizado permanentemente de maneira gratuita pela editora Texto e Contexto através do link <<https://www.textoecontextoeditora.com.br/produto/detalhe/nova-direita-bolsonarismo-e-fascismo-reflexoes-sobre-o-brasil-contemporaneo-/45>>.

Tratando-se de publicação que atribui graves acusações à produtora, com cunho flagrantemente difamatório, a Brasil Paralelo reserva-se o direito de que sejam publicados os esclarecimentos a seguir como Direito de Resposta, nos termos da Lei nº 13.188/2015 e do art. 5º, V, da Constituição da República Federativa do Brasil.

A Brasil Paralelo é uma empresa de comunicação que tem como foco de atuação a produção de conteúdo informativo relacionado ao contexto social, político e econômico brasileiro. Trata-se de uma sociedade empresária independente, apartidária e imparcial, que se financia unicamente a partir de recursos próprios, cujo objetivo principal é oferecer ao público produções embasadas em grande acervo documental analisado por dezenas de especialistas.

Na publicação acima referida, o autor reproduziu opiniões difamatórias sobre a Brasil Paralelo, com termos conotativos e opiniões parciais. Como visto, o artigo acusa a produtora de revisionismo histórico, manipulação do passado, reacionarismo e de ser um "aparelho de ação doutrinária" para "difusão ideológica da extrema direita", além de estabelecer uma conexão entre a empresa e figuras como Olavo de Carvalho e o Presidente Jair Bolsonaro. Ou seja, deturpam a imagem da Brasil Paralelo, levando leitores desinformados a pensar que tais afirmações são verdadeiras, quando, em verdade, são absolutamente inverídicas.

Diferentemente do que afirmado no texto escrito por Flávio Henrique Calheiros Casimiro, porém, a Brasil Paralelo nunca fez qualquer tentativa de revisionismo histórico, e muito menos buscou legitimar quaisquer interesses de grupo em razão de um posicionamento político. Em verdade, a produtora preza, profundamente, por sua imparcialidade e por sua liberdade para criação de conteúdo.

Todas as suas obras são pautadas pela lisura na busca de dados e informações, imparcialidade na descrição de todos os posicionamentos políticos e ideológicos que servem de plano de fundo aos acontecimentos históricos, bem como procura sempre dar voz a todos os lados da discussão.

Ressalte-se que a Brasil Paralelo pretende apenas revisitar a história brasileira, não para alterá-la à sua própria vontade, mas para derrubar o muro simbólico que permanece erguido nas narrativas que foram legadas à nossa população e que ainda dividem o Brasil. A informação apresenta-se como pilar primordial para a evolução de nossa sociedade, e por esta razão a Brasil Paralelo quer resgatar aquilo que a população brasileira não pôde herdar, mas que tem a profunda certeza de que merece saber: a verdade.

Ademais, de forma leviana e infundada os ofensores estabelecem uma falsa ligação entre a Brasil Paralelo e o assim chamado “escritor reacionário Olavo de Carvalho”, suposto “guru intelectual” do Presidente Jair Bolsonaro, bem como “de outras figuras representantes das direitas”. Entretanto, de forma totalmente diversa, a produtora não possui quaisquer ligações editoriais, econômicas, políticas ou ideológicas com tais figuras e/ou seus grupos de apoio. Importa deixar muito claro que a Brasil Paralelo não possui qualquer vínculo com representantes políticos ou mesmo partidos políticos, pautando a sua atuação na completa independência e imparcialidade do conteúdo produzido, em virtude de seu compromisso com um jornalismo sério.

A geração de conteúdo independente e imparcial é a tônica da Brasil Paralelo. A análise de qualquer das suas obras evidencia a exposição de um conjunto narrativo de cunho exclusivamente informativo, embasado em farta documentação



histórica e relatos, sem qualquer referência positiva ou de apoio a partidos ou ideologias políticas. Trata-se de análise e exposição de fatos e documentos, e não de emissão de opiniões.

De fato, a associação da Brasil Paralelo a determinadas personalidades ou grupos de interesse é extremamente prejudicial para a imagem da empresa frente ao seu público, porque macula uma das principais - senão a maior - característica da produtora, que é a independência do seu negócio, elemento basilar que permite à produtora se manter totalmente imparcial e com o único compromisso de repassar à sua audiência tão somente a verdade dos fatos.

Nesses termos, mais do que mentirosa, a publicação acima mencionada é ofensiva e não reflete ao que se propõe a Brasil Paralelo, a qual possui conduta técnica, imparcial, independente e apolítica, livre de qualquer viés ideológico. Em verdade, a produtora se pauta pela observância da imparcialidade, independência e neutralidade, visando sempre à maximização do teor informativo do conteúdo apresentado ao público, sendo inaceitável qualquer ligação com figuras e personalidades públicas ou políticas, como fizeram os ofensores.

Assim, considerando a tentativa de descreditar a Brasil Paralelo, bem como em face das afirmações difamatórias feitas, há que se concluir, inexoravelmente, que a barreira da liberdade de imprensa foi ultrapassada. Nesse sentido, uma vez que Flávio Henrique Calheiros Casimiro e Texto e Contexto Editora causaram danos à Brasil Paralelo, estes têm a obrigações de repará-los, seja na seara cível ou criminal.

## Brasil Paralelo: um empreendimento de disputa política e simbólica da (s) direita (s) recente (s)

Karine Rodrigues Firmino

### ANEXO: DIREITO DE RESPOSTA DA BRASIL PARALELO

A Sra. Karine Rodrigues Firmino publicou artigo cujo título é "Brasil Paralelo: um empreendimento de disputa política simbólica da (s) direita (s) recente (s)", no qual são feitas menções ofensivas à empresa Brasil Paralelo. Referido texto faz parte da obra "Nova direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil contemporâneo", livro eletrônico editado em 2020 e disponibilizado permanentemente de maneira gratuita pela editora Texto e Contexto através do link <<https://www.textoecontextoeditora.com.br/produto/detalhe/nova-direita-bolsonarismo-e-fascismo-reflexoes-sobre-o-brasil-contemporaneo-/45>>.

Tratando-se de publicação que atribui graves acusações à produtora, com cunho flagrantemente difamatório, a Brasil Paralelo reserva-se o direito de que sejam publicados os esclarecimentos a seguir como Direito de Resposta, nos termos da Lei nº 13.188/2015 e do art. 5º, V, da Constituição da República Federativa do Brasil.

A Brasil Paralelo é uma empresa de comunicação que tem como foco de atuação a produção de conteúdo informativo relacionado ao contexto social, político e econômico brasileiro. Trata-se de uma sociedade empresária independente, apartidária e imparcial, que se financia unicamente a partir de recursos próprios, cujo objetivo principal é oferecer ao público produções embasadas em grande acervo documental analisado por dezenas de especialistas.

Na publicação acima mencionada, a autora reproduziu opiniões difamatórias sobre a Brasil Paralelo, com termos conotativos e opiniões parciais. O artigo estabelece uma falsa conexão entre a produtora e determinados grupos ou correntes políticas e ideológicas, tais como a "direita", "bolsonarismo", "autoritarismo", "conservadorismo" e assim por diante. Ou seja, deturpa a imagem da Brasil Paralelo, levando leitores desinformados a pensar que tais afirmações são verdadeiras, quando, em verdade, são absolutamente inverídicas.

Diferentemente do texto escrito por Karine Rodrigues Firmino, a Brasil Paralelo jamais buscou legitimar através de suas produções quaisquer interesses de grupo em razão de um posicionamento político. Em verdade, a empresa preza, profundamente, por sua imparcialidade e por sua liberdade para criação de conteúdo. Todas as suas obras são pautadas pela lisura na busca de dados e informações, imparcialidade na descrição de todos os posicionamentos políticos e ideológicos que servem de plano de fundo aos acontecimentos históricos, bem como procura sempre dar voz a todos os lados da discussão.

De forma leviana e infundada, a publicação estabelece uma falsa ligação entre a Brasil Paralelo e algumas correntes ideológicas, mas, pelo contrário, a produtora não possui quaisquer ligações editoriais, econômicas, políticas ou ideológicas com tais movimentos. Importa deixar muito claro que a Brasil Paralelo também não possui qualquer vínculo com representantes políticos ou mesmo partidos políticos, pautando a sua atuação na completa independência e imparcialidade do conteúdo produzido, em virtude de seu compromisso com um jornalismo sério.

A geração de conteúdo independente e imparcial é a tônica da Brasil Paralelo. A análise de qualquer das suas obras, inclusive aquelas citadas no artigo, evidenciam a exposição de um conjunto narrativo de cunho exclusivamente informativo, embasado em farta documentação histórica e relatos, sem qualquer referência positiva ou de apoio a qualquer corrente ou ideologia política. Trata-se de análise e exposição de fatos e documentos, e não de emissão de opiniões.

De fato, a associação da Brasil Paralelo a determinados grupos é extremamente prejudicial para a imagem da empresa frente ao seu público, porque macula uma das principais - senão a maior - característica da produtora, que é a independência do seu negócio, elemento basilar que a permite se manter totalmente imparcial e com o único compromisso de repassar à sua audiência tão somente a verdade dos fatos.

Ainda, os ofensores acusam a Brasil Paralelo de se articular em torno de um conservadorismo "moralista", "cristão" e "monarquista", além de supostamente tomar "posições anti modernas e anti republicanas". Observe-se, porém, que a produtora não coaduna com tais injúrias, bem como preza pelo máximo respeito aos direitos assegurados pela ordem constitucional vigente. Em verdade, a Brasil Paralelo traz uma visão imparcial e independente sobre fatos históricos, buscando promover o desenvolvimento econômico e social do Brasil, sem qualquer emissão de opinião política ou comentários sobre assuntos religiosos. Frise-se, o Estado Democrático de Direito serve a todos, não apenas aqueles que querem se servir do Estado.

Nesses termos, mais do que mentirosa, a publicação acima mencionada é ofensiva e não reflete ao que se propõe a Brasil Paralelo, a qual possui conduta técnica, imparcial, independente e apolítica, livre de qualquer viés ideológico. Em verdade, a produtora se pauta pela observância da imparcialidade, independência e neutralidade, visando sempre à maximização do teor informativo do conteúdo apresentado ao público, sendo inaceitável qualquer ligação com grupos e correntes ideológicas.

Veja-se que a Brasil Paralelo possui uma linha editorial totalmente contrário ao pensamento que os ofensores tentam incutir nos leitores. Em verdade, não apenas a Brasil Paralelo se apresenta como um veículo informativo independente, imparcial e apolítico, como também busca combater exatamente a "ideologização" dos acontecimentos históricos de nossa história. Portanto, veja-se que os ofensores acabam por praticar exatamente aquilo que falsamente acusam a Brasil Paralelo, qual seja, a politização da história e a manipulação pública acerca de fatos concretos.

Assim, considerando a tentativa de desacreditar a Brasil Paralelo, bem como em face das afirmações difamatórias feitas, há que se concluir, inexoravelmente, que a barreira da liberdade de imprensa foi ultrapassada. Nesse sentido, uma vez que Karline Rodrigues Firmino e Texto e Contexto Editora causaram danos à Brasil Paralelo, estes têm a obrigações de repará-los, seja na seara cível ou criminal.

## Brasil Paralelo: atuação, dinâmica e operação: a serviço da extrema-direita (2016-2020)

Mayara Balestro

Eduardo Pereira

### ANEXO: DIREITO DE RESPOSTA DA BRASIL PARALELO

Os Srs. Eduardo Pereira e Mayara Balestro publicaram artigo cujo título é "Brasil Paralelo: atuação, dinâmica e operação: a serviço da extrema-direita (2016-2020)", no qual são feitas menções ofensivas à empresa Brasil Paralelo. Referido texto faz parte da obra "Nova direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil contemporâneo", livro eletrônico editado e disponibilizado de maneira gratuita pela editora Texto e Contexto através do link <<https://www.textoecontextoeditora.com.br/produto/detalhe/nova-direita-bolsonarismo-e-fascismo-reflexoes-sobre-o-brasil-contemporaneo-/45>>.

Tratando-se de publicação que atribui graves acusações à produtora, com cunho flagrantemente difamatório, a Brasil Paralelo reserva-se o direito de que sejam publicados os esclarecimentos a seguir como Direito de Resposta, nos termos da Lei nº 13.188/2015 e do art. 5º, V, da Constituição da República Federativa do Brasil.

A Brasil Paralelo é uma empresa de comunicação que tem como foco de atuação a produção de conteúdo informativo relacionado ao contexto social, político e econômico brasileiro. Trata-se de uma sociedade empresária independente, apartidária e imparcial, que se financia unicamente a partir de recursos próprios, cujo objetivo principal é oferecer ao público produções embasadas em grande acervo documental analisado por dezenas de especialistas.

Na publicação acima mencionada, os autores reproduziram opiniões difamatórias sobre a Brasil Paralelo, com termos conotativos e opiniões parciais. Como visto, o artigo acusa a produtora de revisionismo histórico e de ter "como principal escopo de atuação a ressignificação dos processos históricos brasileiros como forma de legitimação de um projeto de hegemonia a serviço da extrema-direita, no presente.", além de estabelecer uma conexão entre a empresa e figuras como Olavo de Carvalho e o Presidente Jair Bolsonaro. Ou seja, deturpam a imagem da Brasil Paralelo, levando leitores desinformados a pensar que tais afirmações são verdadeiras, quando, em verdade, são absolutamente inverídicas.

Diferentemente do texto escrito por Eduardo Pereira e Mayara Balestro, a Brasil Paralelo nunca fez qualquer revisionismo histórico, e muito menos buscou legitimar quaisquer interesses de grupo em razão de um posicionamento político. Em verdade, a produtora preza, profundamente, por sua imparcialidade e por sua liberdade para criação de conteúdo.

Todas as suas obras são pautadas pela lisura na busca de dados e informações, imparcialidade na descrição de todos os posicionamentos políticos e ideológicos que servem de plano de fundo aos acontecimentos históricos, bem como procura sempre dar voz a todos os lados da discussão.

Ressalte-se que a Brasil Paralelo pretende apenas revisitar a história brasileira, não para alterá-la à sua própria vontade, mas para derrubar o muro simbólico que permanece erguido nas narrativas que foram legadas à nossa população e que ainda dividem o Brasil. A informação apresenta-se como pilar primordial para a evolução de nossa sociedade, e por esta razão a Brasil Paralelo quer resgatar aquilo que a população brasileira não pôde herdar, mas que tem a profunda certeza de que merece saber: a verdade.

Ademais, de forma leviana e infundada os autores estabelecem uma falsa ligação entre a Brasil Paralelo e figuras da assim chamada "extrema-direita", como Olavo de Carvalho e o Presidente Jair Bolsonaro. Entretanto, de forma totalmente diversa, a produtora não possui quaisquer ligações editoriais, econômicas, políticas ou ideológicas com tais figuras e movimentos. Importa deixar muito claro que a Brasil Paralelo não possui qualquer vínculo com representantes políticos ou mesmo partidos políticos, pautando a sua atuação na completa independência e imparcialidade do conteúdo produzido, em virtude de seu compromisso com um jornalismo sério.

As produções audiovisuais da Brasil Paralelo contam com respeitável sucesso e apreço perante o público geral, superando, inclusive, a marca de 1 milhão de inscritos em seu canal no YouTube. Diversas das suas produções já foram reproduzidas

em eventos Brasil afora e divulgadas por grandes expoentes do cenário político nacional, seja de forma positiva, como foi o caso dos políticos mencionados, seja de forma negativa. É, portanto, absolutamente descabida e difamatória a suposição de que a produtora esteja de alguma forma vinculada a personalidades ou grupos políticos específicos.

A geração de conteúdo independente e imparcial é a tônica da Brasil Paralelo. A análise de qualquer das suas obras, inclusive aquelas citadas no artigo, evidenciam a exposição de um conjunto narrativo de cunho exclusivamente informativo, embasado em farta documentação histórica e relatos, sem qualquer referência positiva ou de apoio a qualquer partido ou ideologia política. Trata-se de análise e exposição de fatos e documentos, e não de emissão de opiniões.

De fato, a associação da Brasil Paralelo a determinadas personalidades ou grupos de interesse é extremamente prejudicial para a imagem da empresa frente ao seu público, porque macula uma das principais - senão a maior - característica da produtora, que é a independência do seu negócio, elemento basilar que a permite se manter totalmente imparcial e com o único compromisso de repassar à sua audiência tão somente a verdade dos fatos.

Nesses termos, mais do que mentirosa, o artigo de autoria de Eduardo Pereira e Mayara Balestro é ofensivo e não reflete ao que se propõe a Brasil Paralelo, a qual possui conduta técnica, imparcial, independente e apolítica, livre de qualquer viés ideológico. Em verdade, a produtora se pauta pela observância da imparcialidade, independência e neutralidade, visando sempre à maximização do teor informativo do conteúdo apresentado ao público, sendo inaceitável qualquer ligação com figuras e personalidades públicas ou políticas.

Assim, considerando a tentativa de desacreditar a Brasil Paralelo, bem como em face das afirmações difamatórias feitas, há que se concluir, inexoravelmente, que a barreira da liberdade de imprensa foi ultrapassada. Nesse sentido, uma vez que

Eduardo Pereira, Mayara Balestro e Texto e Contexto Editora causaram danos à Brasil Paralelo, estes têm a obrigações de repará-los, seja na seara cível ou criminal.



*Texto e Contexto*

EDITORA E LIVRARIA

Rua Eduardo Bonjean, 375 - Uvaranas  
CEP 84032030 - Ponta Grossa - Paraná  
(42) 32269464 | (42) 988834226  
textoecontexto.editora@gmail.com